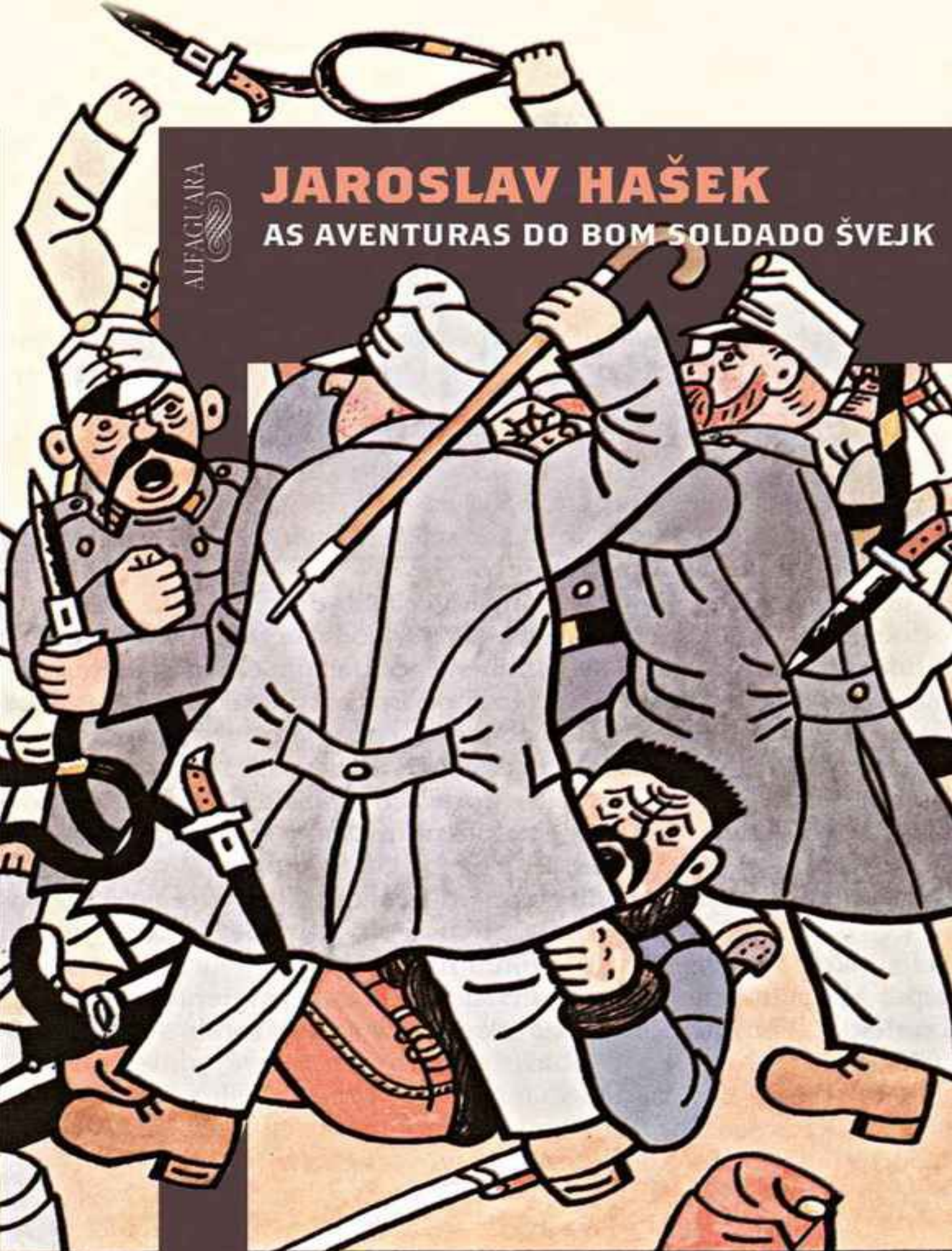
ALFAGUARA

JAROSLAV HAŠEK

AS AVENTURAS DO BOM SOLDADO ŠVEJK



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ALFAGUARA

Jaroslav Hašek

As aventuras do bom soldado Švejk

Tradução do tcheco
Luís Carlos Cabral

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Osudy dobrého vojáka Švejka za světové války

Capa
Mariana Newlands

Imagem de capa
© Josef Lada

Revisão
Raquel Correa
Rodrigo Rosa
Beatriz Sarlo

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H275lm

Hašek, Jaroslav

As aventuras do bom soldado Švejk [recurso eletrônico] / Jaroslav Hašek ; tradução Luís Carlos Cabral. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

recurso digital

Tradução de: *Osudy dobrého vojáka Švejka za světové války*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

619 p. ISBN 978-85-7962-310-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção tcheca. 2. Livros eletrônicos. I. Cabral, Luís Carlos. II. Título.

14-11010 CDD: 891.863
CDU: 821.162.3-3

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Sumário
Nota do tradutor
Prefácio
Primeira Parte – Na retaguarda
- 1 - O bom soldado Švejk intervém na Grande Guerra
- 2 - O bom soldado Švejk na chefatura de polícia
- 3 - Švejk diante dos médicos forenses
- 4 - Švejk é expulso do manicômio
- 5 - Švejk na delegacia de polícia da rua Salmova
- 6 - Švejk quebra o círculo vicioso e volta para casa
- 7 - Švejk vai à guerra
- 8 - Švejk farsante
- 9 - Švejk na prisão militar
- 10 - Švejk como ordenança do capelão militar
- 11 - Švejk celebra uma missa campal com o capelão
- 12 - Uma discussão religiosa
- 13 - Švejk ministra a extrema-unção
- 14 - Švejk como ordenança do tenente Lukáš
- 15 - Catástrofe
- Epílogo da primeira parte - Na retaguarda

Segunda Parte – No front
- 1 - As desventuras de Švejk no trem
- 2 - A anábase de Švejk a caminho de Budějovice
- 3 - As aventuras de Švejk em Királyhida
- 4 - Novos sofrimentos
- 5 - De Most nad Litava a Sokal

Terceira Parte – A surra gloriosa
- 1 - Através da Hungria
- 2 - Em Budapeste
- 3 - De Hatvan à fronteira da Galícia
- 4 - Avante, marche!

Quarta Parte – Continuação da surra gloriosa
- 1 - Švejk como prisioneiro russo
- 2 - A extrema-unção
- 3 - Švejk volta a sua companhia de infantaria

Nota do tradutor

Jaroslav Hašek, nascido em Praga, viveu pouco, de 1883 a 1923, e fez muito. Trabalhou em farmácia, banco, foi comerciante de cães, fundou um partido político — o Partido do Progresso Moderado Dentro dos Limites da Lei —, passou períodos na prisão por suas atividades anarquistas, perambulou pelo país sem um tostão no bolso, foi internado em um hospício depois de tentar o suicídio pulando no rio Moldava, participou da Primeira Guerra Mundial ao lado das forças austro-húngaras, foi preso pelos russos, aderiu aos bolcheviques, foi bígamo, atuou como ator, produziu cerca de doze mil contos, artigos e reportagens, inventou animais quando trabalhou na revista *Mundo Animal* e faleceu na miséria em um hospital do interior da Boêmia, de complicações cardíacas. E bebeu, bebeu, bebeu, seguindo os passos de seu pai, um mestre-escola que morreu de alcoolismo quando Hašek tinha apenas treze anos.

Foi eternizado, no entanto, por este *As aventuras do bom soldado Švejk*, que, baseado em parte em histórias de sua própria vida, é apontado como a obra escrita em tcheco mais traduzida, para cinquenta e cinco línguas, além de ter sido transportada inúmeras vezes para o cinema e teatro, uma delas servindo de inspiração a Bertolt Brecht. Quem primeiro chamou a atenção para o seu potencial literário foi Max Brod, responsável pela edição da obra de Franz Kafka, que, como fizeram mais tarde alguns críticos, o comparou a François Rabelais e Miguel de Cervantes.

Não foi fácil a vida do bom soldado em livro. Considerado "sujo e vulgar" para os padrões morais da época, as editoras não quiseram publicá-lo, obrigando Hašek a imprimi-lo por conta própria, em 1921, com a ajuda de amigos, e a vendê-lo, em capítulos, pelos botequins dos bairros populares de Praga, aqueles que não eram frequentados pela elite, nem a literária. Só em 1926, quando, já morto o autor, foi traduzido integralmente para o alemão e levado às telas, começou a merecer mais atenção. Uma atenção que, após a ocupação da Tchecoslováquia pelos exércitos nazistas, em 1938, levou o romance à fogueira, ao lado de textos de autores conceituados, como Thomas Mann e Stefan Zweig. A chegada ao poder dos comunistas, que consideraram *As aventuras do bom soldado Švejk* um livro popular e anti-imperialista, o reabilitou. Como escreveu Dias Gomes, nos anos sessenta, "Švejk é o homem em toda a sua pungente e primitiva humanidade, frente ao anti-humano das criaturas descarnadas e desossificadas pelo militarismo e a guerra".

Em 2009, em uma dissertação de mestrado em Estudos Comparativos para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Kateřina Štěpanková lembra que o crítico Jindřich Chalupecky se refere, ao analisar a obra, à "dualidade estilística da linguagem hašekiana", onde, "tal como na estética do cabaré, o vulgar e o refinado se misturam, e o ritmo do texto, baseado na parataxe, associado à utilização de uma sintaxe simples e de uma linguagem praguense comum (...) aproxima o texto do estilo do contador de histórias popular. A linguagem praguense de Švejk é um tcheco influenciado pelo *Handwerker Deutsch*", literalmente alemão artesanal, "salpicado de expressões e frases inteiras em alemão, mas sendo uma linguagem comum, falada entre tchecos ou em frequente contato com os alemães, que na época representavam uma parte importante da população".

Não é ocioso lembrar que durante anos e anos os autores tchecos, inclusive aquele que alcançou maior notoriedade internacional, Franz Kafka, escreveram em alemão. Escrever na língua materna era quase uma ousadia política.

Ao traduzir *As aventuras do bom soldado Švejk* procurei ser o mais fiel possível ao autor, mas tendo sempre a preocupação de não tornar o texto ilegível para o leitor, deixá-lo fluente. Os leitores tchecos do início do século XX entendiam perfeitamente o alemão, inclusive o "artesanal", e por isso Hašek recorre com certa frequência a este idioma, sem traduzi-lo. Na maioria das vezes, optei por trazer o alemão para o português, e só o mantive, com uma tradução em nota, quando me pareceu essencial à preservação do traço mais marcante do livro: o humor. Agi da mesma maneira em relação às frases, mais raras, em húngaro e sérvio.

Optei por preservar os nomes próprios e os gentílicos na grafia original, a não ser quando se tratava de cidades de todos conhecidas, como Moscou e Veneza. Não vi muito sentido em traduzir o nome do imperador austríaco Franz Joseph para Francisco José, o do alemão Wilhelm para Guilherme nem os de estabelecimentos comerciais, como não traduziria Copacabana Palace para Palácio Copacabana.

O tcheco é rico em sinais diacríticos. Também preferi mantê-los. A título de informação: ě é "ie", como em iemanjá; š tem o som de "ch", como em chave; č é como "tch", em tcheco; ž é como "j", em jato; ň tem o mesmo som do "nh", em manhã; ů é como "ú" em fútil; o ch é gutural, como "kh" em Khruschev. Chegamos, então, ao mais difícil para os estrangeiros, tão impronunciável como o til de mamãe: o ř, que é, como querem alguns, uma mistura, em um mesmo som, de r e j (rj) ou, outros, de r e z (rz), como no sobrenome do compositor tcheco Antonín Dvořák — Dvo-rjach ou Dvo-rzach. Impossível para muitos.

Embora tenha vivido parte da infância e da adolescência em Praga e feito o então ginásio em escolas tchecas, comparei este trabalho com a tradução de Cecil Parrott para o inglês (*The Good Soldier Švejk*, Alfred A. Knopf, Nova York) e de Monica Zgustova para o espanhol (*Las aventuras del buen soldado Švejk,* Galáxia Gutenberg, Barcelona), que me foram úteis na elucidação de inúmeros problemas que, como era inevitável, se apresentaram, e facilitaram minhas pesquisas para as necessárias notas de pé de página. Evitei, ainda, me estender explicando as várias e complexas regras dos diversos jogos de baralho que aparecem ao longo do texto.

Ao longo dos anos, foram muitas, centenas, as edições de *Osudy dobrého vojáka Švejka* em tcheco, literalmente "*Destinos do bom soldado Švejk*", algumas vezes com o complemento "*na Guerra Mundial*". Esta tradução foi feita a partir da edição de 2000 da editora tcheca Ottovo Nakladatelství. Preferi o título *As aventuras do bom soldado Švejk*.

Por fim, gostaria de agradecer à colaboração de minha irmã, Maria Luísa Cabral, que também viveu seis anos na então capital da República Socialista da Tchecoslováquia, e à de Kateřina Kotiková, gentil tcheca radicada no Brasil.

Voltando a Kateřina Štěpanková: em sua dissertação, ela cita o filósofo tcheco Karel Kosík, que disse, certa vez, que "as pessoas leem Kafka para interpretá-lo, e Hašek, para rir". Espero que se divirtam, sem deixar de pensar, parafraseando Giuseppe Lampedusa, que é surpreendente ver como tanta coisa mudou no último século para que tanta coisa ficasse parecida.

Luís Carlos Cabral
Rio de Janeiro, março de 2012

Prefácio

Grandes épocas requerem grandes homens. Existem heróis desconhecidos e modestos, que não têm a fama e a história de um Napoleão. No entanto, uma análise de seu caráter ofuscaria até mesmo as façanhas de Alexandre Magno.

Hoje mesmo seria possível encontrar nas ruas de Praga um homem modesto, sem consciência da sua importância para a história dos grandes tempos modernos. Segue seu caminho com humildade, não incomoda ninguém nem é assediado por jornalistas ávidos por uma entrevista. Se lhe perguntassem como se chama, responderia com simplicidade e sobriedade: "Eu sou Švejk."

E este homem silencioso, discreto, vestido com displicência, é, na verdade, aquele velho bom soldado Švejk, generoso e heroico, cujo nome, na época do império austríaco, era mencionado por todos os cidadãos do reino tcheco. Nem a República fará sua glória empalidecer.

Gosto muito do bom soldado Švejk. E estou convencido de que, quando narrar as aventuras que viveu ao longo da Guerra Mundial, todos os leitores sentirão a mesma simpatia por este herói humilde e desconhecido. Não, ele não incendiou o templo da deusa em Éfeso como fez o idiota do Eróstrato só para ter seu nome publicado nos jornais e ser citado nos livros de história.

E isso é o que basta.

O Autor

Primeira Parte – Na retaguarda

1

O bom soldado Švejk intervém na Grande Guerra

— Então eles mataram o nosso Ferdinand[1] — disse a empregada ao senhor Švejk, que abandonara havia alguns anos o serviço militar por ter sido declarado definitivamente idiota por uma junta médica do exército e vivia da venda de cães, monstruosos vira-latas para os quais inventava falsas genealogias.

Afora esta ocupação, sofria de reumatismo e, naquele exato momento, estava massageando os joelhos com uma pomada de cânfora.

— De qual Ferdinand está falando, senhora Müllerová? — perguntou Švejk, sem parar de massagear os joelhos. — Eu conheço dois Ferdinands. Um é o criado do farmacêutico Průša, aquele que bebeu certa vez, por engano, um frasco de brilhantina, e também conheço um tal de Ferdinand Kokoška, que recolhe cocô de cachorro. Não temos motivos para se lamentar por nenhum dos dois.

— Meu caro senhor, estou me referindo ao arquiduque Ferdinand, o de Konopiště, aquele homem gordo e piedoso.

— Virgem santa! — exclamou Švejk. — Que história! E onde o arquiduque foi morto?

— Levou um tiro de revólver em Sarajevo quando passeava de automóvel com a arquiduquesa, senhor.

— Então vejamos, senhora Müllerová... No automóvel... Bem, um senhor como ele pode se permitir tal luxo, mas não seria capaz de imaginar que um passeio desses acabaria mal. E ainda por cima em Sarajevo, que fica na Bósnia, senhora Müllerová! Deve ter sido coisa dos turcos. Não deveríamos ter lhes tomado, em hipótese alguma, a Bósnia-Herzegóvina. Ora, ora. Quer dizer, então, que o senhor arquiduque está repousando na paz do Senhor. Foi longo seu sofrimento?

— Bateu as botas no ato, senhor. Sabemos que revólver é uma coisa séria. Não faz muito tempo, lá em Nusle, onde moro, um senhor que estava brincando com um revólver matou toda a família e também o porteiro do prédio, que fora ver quem estava atirando no terceiro andar.

— Alguns revólveres não disparam mesmo que a pessoa tenha enlouquecido, senhora Müllerová. Há uma infinidade de sistemas de segurança, travas, coisas assim. Mas, para assassinar o arquiduque, devem ter comprado o que havia de melhor. Aposto o que a senhora quiser que o sujeito que fez isso estava impecavelmente vestido. Não há quem não saiba que atirar em um arquiduque é uma tarefa muito difícil. Não é como quando um caçador clandestino atira em um guarda-florestal. A questão é como chegar perto da vítima, coisa que não é possível quando se está vestindo roupas andrajosas. Precisa usar um chapéu tipo cartola se não quiser que a polícia o apanhe antes.

— Estão dizendo que foi mais de um, senhor.

— Isto é facilmente explicável — disse Švejk, acabando de massagear os joelhos. — Se a senhora quisesse matar um arquiduque ou um imperador, com certeza consultaria alguém. Muitas cabeças pensam melhor do que uma. Um sujeito sugere isso, outro, aquilo, e assim se chega a um bom resultado, como diz aquele nosso hino. O mais importante é aproveitar o momento em que a pessoa em questão está perto de você. A senhora se lembra do senhor Lucheni, aquele que perfurou a nossa falecida Elizabeth[2] com uma lima? Veja, estava passeando com ela. Não se pode confiar mais em ninguém!

Desde aquele dia nenhuma imperatriz se permite passear. E muitas pessoas terão a mesma sorte. A senhora verá que daqui a pouco chegará a vez do czar e da czarina e, que Deus não o permita, a do nosso imperador, pois se começaram com seu tio...3 O pobre ancião tem uma porção de inimigos. Ainda mais que Ferdinand. Como ainda há pouco dizia um homem na taverna, chegará o dia em que os imperadores serão escorraçados um atrás do outro de tal maneira que nem o poder do Estado poderá fazer nada por eles. Bem, esse homem não tinha dinheiro para pagar a conta e o taverneiro teve de mandar prendê-lo. E o sujeito deu um tapa e depois dois socos no policial. E aí o levaram no camburão para que recuperasse a consciência. Ora, senhora Müllerová, hoje em dia acontece cada coisa! Bem, é mais uma perda para a Áustria. Quando eu estava servindo no exército, um soldado de infantaria matou um capitão a tiros. Carregou sua espingarda e foi direto ao escritório, onde lhe disseram que não tinha nada a fazer ali, mas o homem insistiu que precisava falar com o capitão. O oficial apareceu e mandou-o, sem pestanejar, para o xilindró. O soldado pegou a espingarda e lhe deu um tiro no coração. A bala saiu pelas costas do capitão e ainda causou estragos na sala. Quebrou um vidro de tinta e sujou uma pilha de documentos oficiais.

— E o que aconteceu com o soldado? — perguntou a senhora Müllerová quando Švejk estava se vestindo.

— Enforcou-se com os suspensórios — disse Švejk, escovando o chapéu. — E os suspensórios nem eram dele. Pedira-os emprestados ao carcereiro, dizendo que suas calças estavam caindo. O carcereiro foi rebaixado e condenado a seis meses, mas não cumpriu a pena. Fugiu para a Suíça e agora está pregando em uma igreja qualquer. Hoje em dia são raras as pessoas honradas, senhora Müllerová. Imagino que o arquiduque Ferdinand também se equivocou a respeito da pessoa que atirou nele em Sarajevo. Certamente viu um senhor e pensou: se está gritando viva, só pode ser um homem honesto. E, em troca, o sujeito lhe deu um tiro. Atirou uma ou várias vezes?

— Segundo os jornais, senhor, o arquiduque parecia uma peneira. Esvaziaram um pente inteiro em seu corpo.

— Essas coisas acontecem muito depressa, senhora Müllerová, terrivelmente depressa. Se eu tivesse que fazer uma coisa dessas, compraria uma Browning. Parece um brinquedo, mas em dois minutos você pode fuzilar vinte arquiduques, gordos ou magros. Embora, aqui entre nós, senhora Müllerová, deva dizer que é mais fácil acertar um gordo do que um magro. Lembro que uma vez em Portugal fuzilaram um rei. Também era gordo. A senhora sabe que um rei nunca é magro. Agora vou à taverna U Kalicha. Se alguém vier buscar o pinscher, aquele pelo qual já recebi um adiantamento, diga que está no meu canil, fora da cidade, porque não faz muito tosei suas orelhas e só pode ser transportado depois de se cicatrizar, para não pegar um resfriado. Deixe a chave com o porteiro.

Na taverna U Kalicha só havia um cliente. Era Bretschneider, o policial do serviço de segurança do Estado. Palivec, o taverneiro, estava lavando copos e Bretschneider tentava em vão entabular uma conversa séria com ele.

Palivec era famoso por sua boca suja: de cada duas palavras que dizia, uma era “caralho” ou “merda”. No entanto, era um homem culto e recomendava a todo

mundo que lesse o que Victor Hugo escrevera a respeito da última resposta da velha guarda napoleônica aos ingleses na batalha de Waterloo.[4]

— O verão está maravilhoso — continuou Bretschneider sua conversa séria.

— Tudo está uma merda — respondeu Palivec, arrumando os copos na cristaleira.

— Você viu o que aprontaram em Sarajevo? — perguntou Bretschneider, sem muitas esperanças.

— Em qual Sarajevo? — perguntou Palivec. — Aquela taverna de Nusle? Lá brigam dia sim, dia também. Você sabe, naquele bairro...

— Sarajevo da Bósnia, senhor taverneiro. Fuzilaram o arquiduque Ferdinand. O que o senhor tem a dizer a respeito?

— Eu não me envolvo nesse tipo de história. Por mim, todos podem ir à merda — respondeu Palivec educadamente, acendendo o cachimbo. — Hoje em dia, quem se mete nesse tipo de coisa pode se dar muito mal. Eu sou comerciante e, quando alguém aparece e me pede uma cerveja, eu a sirvo. Mas o tal do Sarajevo, a política ou o falecido arquiduque não significam nada para mim. A única coisa que se pode ganhar com isso é passar um tempo no presídio de Pankrác.

Bretschneider se calou e ficou olhando, desiludido, a taverna vazia.

— Aqui havia um retrato do imperador — disse depois de um tempo. — Ali mesmo, onde agora está pendurado o espelho.

— Sim, tem razão — respondeu Palivec. — Estava pendurado ali, sim, mas as moscas cagavam em cima dele e então o levei para o sótão. Como o senhor sabe, poderia provocar comentários e eu acabaria tendo problemas. E não preciso disso.

— As coisas devem estar feias em Sarajevo, meu caro taverneiro.

Palivec respondeu ao comentário matreiro com uma prudência incomum:

— Nesta época do ano, faz um calor terrível na Bósnia-Herzegóvina. Foi onde fiz o serviço militar e tínhamos que colocar pedras de gelo na cabeça do nosso tenente.

— Em que regimento o senhor serviu, taverneiro?

— Não me lembro dos detalhes. Nunca me preocupei com semelhantes besteiras e jamais tive curiosidade a respeito — respondeu Palivec. — Não é prudente ser muito curioso.

O agente Bretschneider se calou definitivamente e sua expressão mal-humorada só se suavizou com a chegada de Švejk, que, ao entrar na taverna, pediu uma cerveja preta e fez uma observação:

— Em Viena também estão de luto hoje.

Os olhos de Bretschneider se iluminaram, cheios de esperanças. Disse, brevemente:

— No castelo de Konopiště foram hasteadas dez bandeiras pretas.

— Deveriam ser doze — disse Švejk depois de dar um gole.

— Por que o senhor acha que deveriam ser doze? — perguntou Bretschneider.

— Porque é mais simples contar por dúzias e depois, quando você compra às dúzias, tudo sai mais barato — respondeu Švejk.

Fez-se silêncio, interrompido por um suspiro do próprio Švejk.

— Quer dizer que o arquiduque já está diante da justiça divina. Bem, que Deus lhe dê glória eterna. Nem esperou para virar imperador. Quando eu servia no exército, um general caiu do cavalo e morreu de uma forma muito tranquila. Foram ajudá-lo a subir no cavalo, mas aí se deram conta, com surpresa, de que estava completamente morto. E também estava prestes a ser promovido a marechal de campo. Foi durante um desfile militar. Esse tipo de desfile não leva a boas coisas. Em Sarajevo também havia desfiles. Recordo que uma vez, antes de um deles, estavam faltando vinte botões no meu uniforme e me trancafiaram por duas semanas na solitária. Bem, fiquei dois dias prostrado como se estivesse doente, amarrado na cama. Mas no exército é preciso haver disciplina. Caso contrário, ninguém levaria nada a sério. Nosso tenente Malkovec sempre dizia: "A disciplina é necessária, seus imbecis; se não fosse assim, vocês ainda estariam trepados em árvores, como se fossem macacos. O papel do exército é transformá-los em homens, seus bobalhões idiotas." E não é que é verdade? Imaginem, por exemplo, um parque, digamos a praça Carlos, e, em cada árvore, um soldado indisciplinado. Sempre tive muito medo disso.

— O que aconteceu em Sarajevo — continuou Bretschneider — foi coisa dos sérvios.

— O senhor está enganado — disse Švejk —, foi uma ação dos turcos por causa da Bósnia-Herzegóvina.

E Švejk expôs seu ponto de vista sobre a política externa austríaca nos Bálcãs. Em 1912 os turcos perderam a guerra para a Sérvia, a Bulgária e a Grécia. Queriam que o império austro-húngaro os ajudasse e, como isso não aconteceu, fuzilaram Ferdinand.

— Você gosta dos turcos? — Švejk se dirigiu ao taverneiro Palivec. — Gosta desses cães pagãos? Suponho que não.

— Cliente é cliente — disse Palivec —, mesmo que seja turco. Para nós, comerciantes, a política é uma coisa que não existe. Sente-se na taverna, pague sua cerveja e diga tudo o que quiser. Este é o meu princípio. Para mim tanto faz se quem fuzilou nosso Ferdinand foi um sérvio ou um turco, um católico ou um maometano, um anarquista ou um membro da Juventude Tcheca.[5]

— De acordo, senhor taverneiro — manifestou-se Bretschneider, que voltara a perder as esperanças de fisgar um dos dois —, mas admita que é uma grande perda para a Áustria.

Švejk respondeu pelo taverneiro:

— Não se pode negar que é uma grande perda. Uma perda terrível. Ferdinand não pode ser substituído por qualquer imbecil de meia-tijela. Ele deveria ser pelo menos ainda mais gordo.

— O que você está querendo dizer? — animou-se Bretschneider.

— Como o que estou querendo dizer? — respondeu Švejk com tranquilidade. — Apenas isso: se fosse mais gordo, certamente teria tido um ataque do coração há muito tempo, quando perseguia aquelas velhas que catavam cogumelos e lenha na sua fazenda de Konopiště, e assim não teria morrido de maneira tão vergonhosa. Nem posso imaginar: o tio do senhor imperador morto a tiros como se fosse um cachorro! É uma vergonha, os jornais não falam de outra coisa! Há alguns anos, em Budějovice, em uma discussão banal na feira, apunhalaram um tal de Břestilav Ludvík, comerciante de gado. Ele tinha um filho chamado Bohuslav e, em qualquer lugar onde aparecesse oferecendo seus porcos, ninguém queria comprar nada, pois todos

diziam: “Esse sujeito é filho daquele homem que foi apunhalado. Com certeza também deve ser um mau elemento.” Acabou se atirando da ponte de Krumlov no Moldava; tiveram que puxá-lo, tiveram que ressuscitá-lo, tiveram que bombear a água de seus pulmões e ele suspirou pela última vez nas mãos do médico que acabara de lhe dar uma injeção.

— Você faz comparações muito estranhas — disse Bretschneider, mal-intencionado. — Primeiro falou de Ferdinand e depois de um comerciante de gado...

— Não faço nada disso — defendeu-se Švejk. — Deus me livre de comparar alguém com ninguém. O senhor taverneiro me conhece. Não é verdade que nunca comparei alguém com ninguém? Mas não gostaria de estar na pele da viúva do arquiduque. O que vai fazer agora? As crianças ficaram órfãs e a propriedade de Konopiště sem dono. Vai se casar de novo com algum arquiduque? E o que ganharia com isso? Fará com ele outra viagem a Sarajevo e enviuvará pela segunda vez. Há alguns anos, vivia na aldeia de Zliv, perto de Hluboká, um guarda-florestal que tinha um nome horrível: Pind’our.[6] Os caçadores clandestinos o mataram a tiros e ele deixou viúva e duas crianças. Depois de um ano, a mulher voltou a se casar com outro guarda-florestal, o Pepík Šavlovic, de Mydlovar. E também o liquidaram. Então se casou pela terceira vez, também com um guarda-florestal, pensando: “Agora, no terceiro casamento, tudo terá de correr muito bem. Se desta vez não der certo, não saberei mais o que fazer.” É claro que o novo marido também foi fuzilado. Bem, naquela época ela já tinha um total de seis filhos de três guardas-florestais. Foi se queixar no escritório do príncipe em Hluboká, dizendo que aqueles guardas-florestais só haviam lhe causado sofrimento. Então lhe recomendaram o pescador Jareš, do lago de Ražice. Os senhores não vão acreditar, mas o afogaram quando pescava na lagoa, e também tivera dois filhos com ele. Depois se casou com um capador de Vodňany, que assassinou-a uma noite a machadadas e depois se entregou à polícia. E, quando o tribunal da comarca de Písek mandou enforcá-lo, o capador mordeu o nariz do capelão dizendo que não estava nem um pouco arrependido e ainda disse alguma coisa muito feia sobre nosso imperador.

— E não sabe o que foi que disse? — perguntou Bretschneider com um tom de voz esperançoso.

— Não posso lhe dizer porque jamais ninguém se atreveu a repetir a frase. Mas deve ter sido uma coisa pavorosa porque um dos conselheiros do tribunal que estava presente enlouqueceu. Até hoje é mantido em isolamento para que nada venha à tona. Não se tratava apenas daquelas ofensas triviais que as pessoas dirigem ao senhor imperador quando estão bêbadas.

— Quais são as ofensas que as pessoas dirigem ao senhor imperador quando estão bêbadas? — perguntou Bretschneider.

— Senhores, façam-me o favor de virar a página — manifestou-se Palivec —; sabem muito bem que não gosto disso. Pode escapar alguma sandice da qual mais tarde poderemos nos arrepender.

— Quais são as ofensas que as pessoas dirigem ao senhor imperador quando estão bêbadas? — repetiu Švejk. — De todo tipo. Embebede-se, mande tocar o hino austríaco e logo verá o que vai começar a dizer. Vão lhe ocorrer tantas coisas sobre o senhor imperador que, se a metade fosse verdadeira, bastaria para deixá-lo envergonhado pelo resto da vida. Mas o velho senhor não merece isso, de verdade. Precisamos levar em conta o seguinte: perdeu seu filho Rudolf[7] em tenra idade, em plena

virilidade. Sua esposa Elizabeth foi apunhalada com uma lima. Depois Johann Orth desapareceu. Seu irmão Maximiliano,8 o imperador do México, foi fuzilado em uma fortaleza, encostado em um muro qualquer. E agora que está velho fuzilam seu tio. A pessoa precisa ter nervos de aço. E depois vem um bêbado qualquer e começa a insultá-lo. Se hoje começasse uma guerra, eu me alistaria como voluntário e verteria pelo senhor imperador até a última gota do meu sangue.

Švejk tomou um gole de cerveja e continuou:

— O senhor acha que o imperador deixará as coisas correrem soltas? Então o conhece muito pouco! Precisa declarar guerra aos turcos. Vocês mataram meu tio, então quebrarei sua cara! Não há dúvida de que haverá guerra. Seremos apoiados pela Sérvia e pela Rússia!

Švejk estava entusiasmado com suas profecias; seu rosto ingênuo, sorridente, lembrava a lua cheia. Via tudo com muita clareza.

— É possível que se houver uma guerra contra a Turquia os alemães venham a nos atacar, pois andam de mãos dadas com os turcos — continuou prevendo o futuro da Áustria. — São tão monstruosos que não há no universo nada que possa ser comparado a eles. Mas podemos nos aliar com a França, que desde 1871 odeia a Alemanha. Não será possível evitar: haverá guerra. E não vou dizer mais nada.

Bretschneider se levantou e disse, solenemente:

— Não precisa dizer mais nada. Venha comigo ao corredor. Preciso lhe dizer uma coisa.

Švejk acompanhou o agente ao corredor, onde o esperava uma pequena surpresa: seu companheiro de cerveja lhe exibiu a águia, a insígnia da polícia, e disse que estava preso e que o levaria imediatamente à chefatura de polícia. Švejk tentou argumentar. Afirmou que se tratava de um grande equívoco, que era inocente, que não dissera uma única palavra que pudesse ofender alguém.

Bretschneider, no entanto, replicou acusando-o de ter cometido vários delitos, inclusive o de alta traição.

Então voltaram à taverna e Švejk disse ao senhor Palivec:

— Quero pagar cinco cervejas e um pãozinho com salsicha. E me sirva mais uma dose de slivovitz, sim, a aguardente de ameixa. Estou sendo preso.

Bretschneider mostrou a águia ao senhor Palivec, observou-o por um instante e depois perguntou:

— O senhor é casado?

— Sou.

— E sua esposa dá conta de administrar seu estabelecimento quando o senhor se ausenta?

— Consegue.

— Então está tudo certo, senhor taverneiro — disse Bretschneider com alegria. — Chame sua esposa e lhe passe as tarefas. Viremos buscá-lo à noite.

— Não se atormente com isso — consolou-o Švejk —, eu só estou sendo levado por ter cometido uma alta traição.

— Mas por que eu? — lamentou-se o senhor Palivec. — Logo eu, que sempre fui tão prudente!?

Bretschneider sorriu e disse, com ar vitorioso:

— Porque disse que as moscas estavam cagando no senhor imperador. Na chefatura de polícia vão arrancar o senhor imperador da sua cabeça.

Švejk saiu da taverna U Kalicha em companhia do policial civil e, uma vez na rua, lhe perguntou, com seu rosto sempre iluminado por um sorriso bondoso:

— Devo descer da calçada?

— Como assim?

— Acho que, como estou preso, perdi o direito de caminhar pela calçada.

Quando chegaram ao portão da chefatura de polícia, Švejk disse:

— O tempo passou voando. Que belo passeio! O senhor vai com muita frequência à taverna U Kalicha?

E, enquanto levavam Švejk à sala de recepção, na taverna U Kalicha o senhor Palivec entregava o estabelecimento a sua esposa chorosa e a consolava com suas maneiras curiosas:

— Cale-se, mulher, pare de chorar. O que poderão fazer comigo por causa de um quadro cagado do senhor imperador?

Foi assim que o bom soldado Švejk chegou à guerra mundial com seu jeito doce, encantador. Os historiadores acharão interessante saber que Švejk enxergava longe o futuro. Se mais adiante os acontecimentos se desenvolverem de uma maneira diferente e não coincidirem exatamente com as previsões que fizera na U Kalicha, teremos de levar em conta que Švejk não havia sido educado para ser diplomata.

1 O arquiduque Franz Ferdinand, sobrinho do imperador austríaco Franz Joseph, e sua esposa foram assassinados em 1914, em Sarajevo, pelo nacionalista sérvio Gavrilo Princip. (N. do T.)

2 A imperatriz Elizabeth da Áustria foi esfaqueada por um anarquista em 1898, na Suíça. (N. do T.)

3 Na verdade, Franz Ferdinand era sobrinho do imperador. (N. do T.)

4 O marechal francês Pierre Cambronne teria dito ao comandante das tropas britânicas, que o instava a se render, a seguinte frase: "*Merde*! A guarda morre, mas não se rende jamais." (N. do T.)

5 Assim era chamado o Partido Nacional Democrático da Tchecoslováquia, liderado pelo dr. Karel Kramář, que viria a ser o primeiro chefe de governo do país. (N. do T.)

6 Pau pequeno. (N. do T.)

7 Rudolf, filho do imperador Franz Joseph e herdeiro do trono, morreu misteriosamente quando caçava em Mayerling. (N. do T.)

8 O arquiduque Johann Salvator renunciou ao seu título e se autodenominou Johann Orth. Ferdinand Maximiliano, coroado imperador do México, foi preso e fuzilado em 1867. (N. do T.)

2
O bom soldado Švejk na chefatura de polícia

O atentado de Sarajevo povoou a chefatura de polícia com muitas vítimas. Chegavam uma atrás da outra. O velho funcionário da recepção dizia com voz bondosa:

— Esse Ferdinand vai lhes custar caro!

Švejk foi levado a uma das inúmeras celas do primeiro andar, onde se viu ao lado de seis homens; cinco sentados em volta de uma mesa e, em um canto, como se quisesse ficar afastado do grupo, um homem de meia-idade em cima de um catre.

Švejk começou a perguntar de um em um os motivos de sua prisão. A resposta dos cinco que estavam em volta da mesa foi praticamente a mesma:

— Por causa de Sarajevo.

— Por causa de Ferdinand.

— Por causa do assassinato do senhor arquiduque em Sarajevo.

— Por Ferdinand.

— Porque despacharam o arquiduque em Sarajevo.

O sexto, aquele que se afastara, disse que não queria ter nenhuma relação com os outros para evitar que as autoridades suspeitassem dele; se estava ali, era apenas porque tentara assaltar e assassinar um senhorzinho de Holic.

Švejk se sentou à mesa da comunidade de conspiradores, que estavam contando pela décima vez como haviam se metido naquela confusão.

Todos haviam sido detidos em um bar, em uma cervejaria ou em um café. A única exceção era um senhor muito gordo, de óculos. Seus olhos estavam avermelhados de tanto chorar. Havia sido preso em casa, em seu próprio quarto, porque, dois dias antes do atentado de Sarajevo, pagara, na taverna U Brejska, a conta de dois estudantes sérvios do ensino técnico e depois fora surpreendido pelo detetive Brix em sua companhia, bêbado, na taverna Montmartre da rua Řetězová, onde também se responsabilizara por suas despesas, como registrara o policial em um boletim de ocorrência assinado por ele.

Durante o interrogatório preliminar, respondera a todas as perguntas gemendo de maneira estereotipada:

— Tenho uma papelaria!

E recebera uma resposta também estereotipada:

— Isso não o isenta de culpa.

Um senhor baixinho que fora preso numa taverna era professor de história e quando foi detido estava relatando ao taverneiro as circunstâncias de vários atentados históricos. Prenderam-no no exato momento em que concluía uma análise psicológica de cada um dos atentados com as seguintes palavras:

— A ideia de um atentado é tão simples como a do ovo de Colombo.

— E da mesma maneira simples o senhor será levado a Pankrác — disse o comissário de polícia depois do interrogatório, completando a frase do professor.

O terceiro conspirador presidia a Associação Beneficente Amigos de Hodkovičky. No dia do atentado, a Associação estava promovendo uma festa que incluía um concerto ao ar livre. Um sargento da polícia interrompeu a celebração, ordenando que se dispersassem porque a Áustria estava de luto; então o presidente da entidade lhe pediu, bondosamente:

— Um pouco de paciência, por favor. Permita que a orquestra acabe de tocar *Ei, eslavos!*.

Agora estava sentado com a cabeça baixa e chorava:

— Em agosto teremos novas eleições presidenciais e se até lá eu não voltar para casa é provável que não me reelejam. Estou no meu décimo mandato. Não sobreviverei a tamanha vergonha.

Estranhamente, o falecido Ferdinand também pregara uma peça no quarto detido, um homem de caráter puro e conduta impecável. Evitara ao longo de dois dias qualquer conversa sobre Ferdinand, até que uma noite, quando estava jogando, em um café, uma partida de *mariáš*,9 disse, matando o rei de folhas com um sete de diamantes:

— Sete balas, como em Sarajevo.

O quinto homem, o mesmo que fora detido "por causa do assassinato do senhor arquiduque em Sarajevo", estava com os cabelos e a barba eriçados de medo, de maneira que sua cabeça recordava um pinscher.

Esse homem não dissera nenhuma palavra no restaurante onde fora detido e nem lera as notícias dos jornais sobre o assassinato de Ferdinand. Estava sozinho em uma mesa quando um senhor se aproximou, sentou-se diante dele e disse depressa:

— O senhor já leu?

— Não li.

— Está sabendo?

— Não sei de nada.

— Não sabe do que se trata?

— Não sei, não me preocupo com isso.

— Mas isso deveria interessá-lo.

— Não sei por que deveria me interessar. Eu fumo um charuto, bebo algumas canecas de cerveja, janto e não leio jornais. Os jornais mentem. Por que vou me aborrecer?

— Então não lhe interessa o assassinato de Sarajevo?

— Nenhum assassinato me interessa, quer aconteça em Praga, em Viena, em Sarajevo ou em Londres. Para isso existem as autoridades, os tribunais e a polícia. Se um dia qualquer em algum lugar alguém é morto, bem feito para ele, porque foi burro e imprudente e permitiu que o matassem.

Estas foram suas últimas palavras naquela conversa. A partir de então, limitou-se a repetir a cada cinco minutos:

— Sou inocente, sou inocente!

Gritou estas palavras na porta da chefatura de polícia, repetiu estas palavras ao ser levado ao Tribunal Penal de Praga e com estas palavras entrou na cela do presídio.

Depois de ter ouvido aquelas terríveis histórias de conspirações, Švejk achou oportuno dizer aos presentes que estavam em uma situação absolutamente desesperadora.

— A nossa situação é péssima — começou assim seu discurso tranquilizador. — Não é verdade, como estão dizendo, que não pode acontecer nada com vocês, que não pode acontecer nada com nenhum de nós. Para que serve a polícia, se não for para nos castigar pelo que sai de nossas bocas? Nesses tempos extremamente perigosos, quando até arquiduques são fuzilados, ninguém deveria achar estranho o fato de ser levado à chefatura de polícia. Tudo é feito em nome do espetáculo. Querem divulgar o nome de Ferdinand antes do seu enterro. Quanto mais gente estiver aqui,

melhor para nós, porque nos divertiremos mais. Quando eu estava fazendo o serviço militar, às vezes trancafiavam metade da companhia. E a quantidade de pessoas inocentes que foram condenadas! Não apenas pelo exército, mas também pelos tribunais. Recordo que certa vez condenaram uma mulher por ter estrangulado seus filhos gêmeos recém-nascidos. Embora afirmasse que não poderia ter estrangulado gêmeos, pois só tivera uma menininha e conseguira estrangulá-la sem muitas dores, foi condenada por duplo assassinato. Ou então aquele inocente cigano de Záběhlice que, na noite de Natal, invadiu uma mercearia. Jurou que só queria se aquecer, mas não adiantou. Quando o tribunal entra na história, as coisas ficam mal. Mas o mal precisa existir. Como podemos imaginar, talvez nem todos sejam vilões; mas como é possível, nos dias de hoje, distinguir uma boa pessoa de um meliante, sobretudo agora, nesses momentos graves, em que fuzilaram o tal do Ferdinand? Quando eu estava fazendo o serviço militar em Budějovice, fuzilaram o cachorro de um capitão na floresta, atrás do campo de exercícios. Quando o oficial ficou sabendo, chamou todo mundo, mandou que entrássemos em forma e ordenou que cada décimo homem desse um passo à frente. Obviamente, eu também fui um dos décimos; e aí ficamos ali, em posição de sentido, sem nem piscar. O capitão caminhava ao nosso redor e gritava: "Patifes, sem-vergonhas, escória, hienas imundas, por causa da história do cachorro deveria enfiá-los na solitária, cortá-los em tiras como se fossem espaguetes, fuzilá-los e fritá-los como se fossem carpas azuis! Mas para que saibam que não vou poupá-los, vão ficar duas semanas presos no quartel!" Vocês estão vendo: tratava-se de um cachorro e agora se trata do senhor arquiduque. Por isso tem de reinar o terror: para que o luto seja esplendoroso.

— Sou inocente, sou inocente! — repetiu o homem eriçado.

— Jesus Cristo também era inocente — disse Švejk — e, no entanto, foi crucificado. Ninguém nunca se importou com os inocentes. Cale-se e continue trabalhando, como nos diziam no serviço militar. Isso é o melhor, o mais belo de tudo.

Švejk deitou-se no beliche e adormeceu tranquilamente.

Enquanto isso, trouxeram mais dois. Um deles era bósnio. Caminhava pela cela, rangia os dentes e não parava de dizer:

— *Jeben ti dušu!*[10]

Estava aflito com a possibilidade de a polícia confiscar sua cesta de vendedor ambulante.

O outro novo hóspede era o taverneiro Palivec; assim que viu seu amigo Švejk, acordou-o e exclamou em tom trágico:

— Também estou aqui!

— Fico muito feliz, de verdade. Eu sabia que aquele senhor manteria a palavra quando disse que iriam buscá-lo. Tamanha correção deve ser vista sob uma ótica positiva.

Palivec respondeu que tamanha correção não lhe servia para merda nenhuma, e em seguida perguntou em voz baixa a Švejk se os outros presos eram ladrões, porque se fossem, ele, como comerciante, poderia ser prejudicado.

Švejk lhe explicou que, à exceção de um homem acusado de ter tentado assaltar e roubar um senhorzinho de Holic, todos estavam ali por causa do arquiduque.

Palivec se ofendeu e disse que não estava ali por causa de nenhum estúpido arquiduque e sim por causa do senhor imperador. E como os outros começaram a se interessar, contou a história das moscas que haviam cagado no senhor imperador.

— Aquelas bestas me emporcalharam tudo — terminou de narrar sua aventura — e acabaram me trazendo para a prisão. Jamais perdoarei aquelas moscas! — acrescentou, em tom ameaçador.

Švejk voltou a dormir, mas não por muito tempo, porque pouco depois foram buscá-lo para ser interrogado.

E assim, subindo a escada que conduzia à Terceira Seção, onde seria interrogado, Švejk carregava sua cruz ao alto do Calvário, sem saber nada de seu martírio.

Quando viu um cartaz que dizia que era proibido cuspir no corredor, Švejk pediu ao guarda que lhe permitisse cuspir na escarradeira e, irradiando a simplicidade que lhe era própria, entrou na sala dizendo as seguintes palavras:

— Senhores, desejo uma boa-tarde a todos.

Como resposta, alguém lhe deu um soco embaixo das costelas e o levou até uma mesa onde estava sentado um homem com expressão gélida de funcionário público e traços de uma crueldade tão bestial que parecia ter saído do livro *O homem delinquente*, de Cesare Lombroso.

Ele dirigiu a Švejk um olhar sanguinolento e disse:

— Afaste essa expressão idiota do seu rosto.

— Não posso fazer nada — respondeu Švejk, solenemente. — Fui dispensado do exército por idiotice e declarado oficialmente idiota por uma comissão especial. Sou um idiota oficial.

O cavalheiro com aspecto criminoso rangeu os dentes.

— Aquilo de que foi acusado e tudo o que fez são provas de que está em plena posse de suas faculdades mentais.

E então enumerou o longo rol de crimes de Švejk, começando pelo de alta traição e terminando pelo de ofensa a Sua Majestade e aos membros da família imperial. No meio da lista, destacava-se a comemoração do assassinato do arquiduque Ferdinand e dali partia outro ramo de novos crimes, entre os quais o de perturbação da ordem pública, porque os fatos haviam acontecido em um local público.

— O que você tem a dizer a respeito? — perguntou, triunfalmente, o homem que parecia ser muito cruel.

— Muita coisa — respondeu Švejk, inocentemente.

— Bem, então admite...

— Admito tudo, senhor. A severidade tem de existir; sem ela não iríamos a lugar nenhum. Como quando eu estava fazendo o serviço militar...

— Cale-se — gritou o policial. — E só abra a boca quando o interrogarem! Entendeu?

— Entendi, senhor — acrescentou Švejk. — Digo, educadamente, que entendo e entenderei tudo o que vier a me dizer.

— Com quem o senhor tem contato?

— Com minha criada, excelência.

— E não conhece ninguém dos círculos políticos locais?

— Conheço, excelência; costumo comprar a edição vespertina do *Národni Politika*,[11] popularmente chamada de "A cadela".

— Fora daqui! — interrompeu-o o homem com cara de besta feroz.

Antes que o retirassem da sala, Švejk disse:

— Boa noite, excelência.

Quando voltou à cela, Švejk informou aos presos que o interrogatório era uma brincadeira:

— Gritam um pouco com você e depois o expulsam. Antes era pior — continuou Švejk. — Li uma vez em um livro que obrigavam os acusados a caminhar sobre ferro em brasa e a beber chumbo fundido para provar que eram inocentes. Ou então lhes enfiavam as pernas em botas de tortura que chamavam de botas espanholas e, se teimassem em não confessar, eram estirados em uma escada, ou queimavam seus quadris com um archote de bombeiro, como fizeram com São João Nepomuceno.12 Dizem que gritava como se estivesse sendo apunhalado e não parou até que o atiraram da ponte de Eliščin em um saco impermeável. Houve outros casos como este. Mais tarde, chegaram a esquartejar ou a empalar acusados diante do Museu Nacional. Aqueles que eram atirados no calabouço se sentiam renascer.

"Hoje ir para a prisão é engraçado", continuou Švejk, com alegria. "Nada de esquartejamento, nada de botas espanholas... Temos beliches, temos mesa, temos bancos... Não somos obrigados a nos apertar uns contra os outros, ganharemos sopa, nos darão pão, trarão uma jarra de água, e temos uma privada diante do nariz. O progresso pode ser percebido em todos os lugares. É verdade que a sala dos interrogatórios fica um pouco longe; é preciso atravessar três corredores e subir uma escada, mas, em compensação, tudo é limpo e muito animado. Trazem um para cá, levam outro para lá, há jovens e velhos, pessoas do sexo masculino e feminino. Você fica feliz de pelo menos não estar sozinho. Cada um segue tranquilamente seu caminho e não precisa temer que lhe digam no escritório: 'Decidimos que amanhã você será esquartejado ou queimado, de acordo com sua própria escolha.' Imaginem como seria difícil optar por uma dessas duas penas. Eu diria, senhores, que em um momento desses muitos de nós ficariam bastante desconcertados. Sim, pode-se dizer que as circunstâncias melhoraram muito, e a nosso favor."

Mal terminara seu discurso em defesa do moderno sistema penitenciário, quando o supervisor abriu a porta e exclamou:

— Švejk, vista-se e se apresente ao interrogatório.

— Vou me vestir — disse Švejk —, não tenho nada contra, mas temo que se trate de um engano, pois já fui expulso uma vez do interrogatório. E também temo que os outros senhores que estão aqui fiquem chateados comigo porque estão me levando pela segunda vez enquanto eles ainda não foram interrogados nem uma vez hoje à tarde. Poderiam ficar com inveja...

— Fora! E se cale! — foi a resposta à gentil declaração de Švejk.

Švejk se viu mais uma vez diante do sujeito com aspecto criminoso que, sem nenhum tipo de preâmbulo, lhe perguntou, dura e implacavelmente:

— Confessa tudo?

Švejk dirigiu seus bondosos olhos azuis ao funcionário implacável e disse com suavidade:

— Se sua excelência deseja que eu confesse tudo, então confessarei. E se me disser: "Švejk, não confesse nada", não darei nem um pio.

O homem severo escreveu alguma coisa no expediente; depois entregou a pena a Švejk e mandou que assinasse.

E Švejk assinou a denúncia de Bretschneider, com a seguinte observação:

Todas as acusações levantadas anteriormente contra mim se baseiam na verdade.

Josef Švejk

Depois de assinar, voltou-se para o homem feroz:

— Tenho de assinar alguma outra coisa? Ou prefere que volte de manhã?

— De manhã será levado ao tribunal — foi a resposta.

— A que horas, excelência? Pelo amor de Deus, não quero perder a hora.

— Fora! — vociferou uma voz pela segunda vez no dia, agora do outro lado da mesa diante da qual estava.

No caminho que levava ao seu novo lar gradeado, Švejk disse ao policial que o acompanhava:

— Aqui tudo parece funcionar perfeitamente.

Assim que a porta se fechou atrás dele, os companheiros de cela o encheram de perguntas. Švejk respondeu-as com clareza:

— Acabo de confessar que matei o arquiduque Ferdinand.

Os seis homens, horrorizados, se esconderam embaixo das mantas cheias de piolhos. Só o bósnio disse em sua língua:

— Bem-vindo!

Ajeitando-se no beliche, Švejk exclamou:

— É desagradável não ter um despertador!

Mas na manhã seguinte foi acordado sem precisar de um despertador, e, às seis em ponto, já estava sendo levado em um camburão verde ao Tribunal Penal Regional.

— Deus ajuda quem madruga — disse Švejk aos seus companheiros de viagem quando a camionete atravessou o portão da chefatura de polícia.

9 Uma das variedades do pôquer, muito popular entre os tchecos, jogado com um baralho alemão de 32 cartas, em tcheco chamado de *mariašky*, cujos naipes, ao invés de ouros, copas, paus e espadas, são "cardíaca" (ou vermelho), bolotas, folhas (ou verde) e diamantes. (N. do T.)

10 Uma imprecação obscena comum em sérvio: "Foda-se sua alma." (N. do T.)

11 Famoso jornal conservador de Praga que parou de circular em 1945. (N. do T.)

12 Jan Nepomucký em tcheco. Segundo a lenda, era confessor da rainha da Boêmia, negou-se a revelar o segredo de suas confissões e foi torturado até a morte. Um dos santos mártires. (N. do T.)

3
Švejk diante dos médicos forenses

Švejk teve a melhor das impressões dos quartinhos limpos e acolhedores do Tribunal Penal Regional, assim como das paredes pintadas de branco, das grades envernizadas de preto e do gordo senhor Demartini, chefe da carceragem, com seu quepe oficial bordado de roxo... A cor roxa não era prescrita apenas ali, mas também nas cerimônias religiosas da Quarta-feira de Cinzas e da Sexta-feira Santa.

Repetia-se a gloriosa história do domínio romano sobre Jerusalém. Em 1914, os vitoriosos levavam os prisioneiros ao andar térreo para apresentá-los a Pilatos. E os juízes de instrução, os Pilatos dos tempos modernos, em lugar de lavar honradamente as mãos, mandavam que lhes trouxessem de uma taverna vizinha, a Teissig, gulache e cerveja fabricada em Pilsen e se queixavam sem parar da promotoria.

Na maioria dos casos, tudo era desprovido de lógica e o vitorioso absoluto era o §. O § estrangulava, o § fazia barbaridades, o § cuspia, o § ria, o § ameaçava, o § matava; a única coisa que o § jamais fazia era perdoar. Os juízes de instrução não passavam de trovadores da lei, imoladores das letras mortas do código, devoradores de acusados, tigres da selva austríaca que calculavam seu ataque à vítima de acordo com o número do parágrafo.

Mesmo assim havia algumas exceções (assim como na chefatura de polícia): as das pessoas que não levavam a lei muito a sério. Em qualquer lugar é possível encontrar trigo no meio do joio.

Uma dessas pessoas interrogou Švejk. Era um homem idoso, de aspecto bonachão. Tempos atrás, quando estava investigando o caso do célebre assassino Valeš, jamais se esquecia de lhe dizer:

— Sente-se, por favor, senhor Valeš, temos uma cadeira vazia.

Quando lhe apresentaram Švejk, o juiz de instrução convidou-o, com sua cortesia inata, a se sentar e disse:

— Então o senhor é o tal do Švejk?

— Acho que devo ser — respondeu Švejk. — Meu pai se chamava Švejk e minha mãe era a senhora Švejková. Não posso envergonhar meus pais renegando meu nome.

Um sorriso cordial esvoaçou pelo rosto do juiz de instrução.

— O senhor fez coisas incríveis. Sua consciência deve estar pesada.

— Sempre tenho muita coisa na consciência — disse Švejk com um sorriso ainda mais cordial do que o do juiz de instrução. — Não acharia estranho se tivesse ainda mais coisas na consciência do que o senhor.

— Isso é possível perceber pelo documento que assinou — disse o juiz de instrução, mantendo seu comportamento cortês. — Foi pressionado pela polícia?

— Não, senhor. Eu mesmo lhes perguntei se tinha que assiná-lo e, como me disseram que sim, obedeci. Não iria brigar por minha própria assinatura, não é mesmo? Certamente não teria tirado nenhum proveito disso. A ordem tem de existir.

— O senhor se sente totalmente saudável, Švejk?

— Totalmente, não. Sofro de reumatismo e preciso me massagear com uma pomada.

O ancião voltou a sorrir com amabilidade.

— O que o senhor acharia de ser examinado pelos médicos forenses?

— Eu acho que não estou tão mal a ponto de fazer esses senhores perderem seu tempo. Já fui examinado por um médico da chefatura de polícia para ver se tinha gonorreia.

— Sabe, prezado Švejk, faremos uma experiência com os médicos forenses. Formaremos uma bela junta e colocaremos o senhor em uma cela provisória, onde poderá descansar confortavelmente. Permita-me fazer uma última pergunta, baseada no informe: o senhor proclamava e espalhava aos quatro ventos que logo iria explodir uma guerra em algum lugar?

— Acredito nisso, excelentíssimo. Explodirá daqui a pouco.

— E não tem algum ataque de vez em quando?

— Isso não mesmo. Só uma vez quase fui atropelado por um carro na praça Carlos, mas isso faz muito tempo.

E assim terminou o interrogatório. Švejk apertou a mão do juiz de instrução e, ao voltar à cela, disse aos seus companheiros:

— Os médicos forenses vão me examinar por causa do assassinato do senhor arquiduque Ferdinand.

— Eu também fui examinado uma vez pelos médicos forenses — disse um jovem. — Foi quando compareci diante do júri por causa de um assunto que envolvia tapetes. Fui declarado retardado mental. Agora me apropriei sorrateiramente de uma colheitadeira a vapor e não podem fazer nada comigo. Meu advogado me disse ontem que, como fui declarado retardado mental, posso me aproveitar disso durante toda minha vida.

— Eu não tenho a menor confiança nos médicos forenses — observou um homem com aspecto inteligente. — Na época em que falsificava dinheiro, frequentava, para qualquer eventualidade, as palestras do professor Antonin Heveroch, o famoso psiquiatra. Quando me pegaram, fingi que tinha paralisia cerebral, seguindo os modelos que o professor Heveroch havia descrito: mordi a batata da perna de um dos médicos da junta forense, bebi a tinta do tinteiro e, peço desculpas pelo termo, caguei em um canto da sala diante de todos os médicos. Mas, pelo simples fato de ter mordido a barriga da perna de um deles, fui declarado perfeitamente são. Foi minha perdição.

— Eu não tenho nenhum medo de ser examinado por esses senhores — disse Švejk. — Quando estava no exército, fui examinado por um veterinário e tudo correu muito bem.

— Os médicos forenses são uns filhos da mãe! — exclamou um homenzinho encurvado. — Há pouco tempo, escavando em meu jardim, encontraram o esqueleto de um homem, e os médicos forenses concluíram que fora assassinado há quarenta anos. Eu estou com trinta e oito anos e, embora tenha certidão de nascimento, de batismo e certificado de residência, fui preso.

— Acho que deveríamos olhar tudo de um ponto de vista mais positivo — disse Švejk. — Todo mundo pode se equivocar e, quanto mais a pessoa pensa, mais facilmente se equivoca. Os médicos forenses são seres humanos e os seres humanos erram. Uma noite, em Nusle, quando estava voltando para casa da cervejaria U Banzetů, exatamente na ponte sobre o Botič um senhor se aproximou e bateu com um pedaço de pau na minha cabeça. Quando estava atirado no chão, acendeu um palito de fósforo para ver meu rosto e disse: "Me enganei, não é ele." E ficou tão aborrecido com seu equívoco que me acertou de novo pelas costas. Isso é próprio da natureza humana. Os homens

cometem erros até na hora da morte. Como aquele senhor que uma noite encontrou na rua um cão raivoso meio congelado, levou-o para casa e o enfiou na cama da esposa. Assim que o cão se aqueceu e recuperou a consciência, mordeu toda a família e acabou destripando e devorando o filho do homem, que estava no berço. Posso lhes contar a história de um equívoco cometido pelo torneiro que é meu vizinho. O sujeito abriu com a chave a porta da igrejinha de Podolí, achando que era sua casa. Na sacristia, tirou os sapatos porque achou que estava na cozinha. Depois, deitou-se no altar achando que estava em sua cama, cobriu-se com aquela espécie de toalha com inscrições litúrgicas e colocou sob a cabeça, para ficar mais confortável, o evangelho e outros livros sagrados. De manhã, foi encontrado pelo sacristão e lhe disse, com a melhor das intenções, que se tratava de um equívoco. "Belo equívoco!", disse o sacristão. "Precisaremos benzer de novo a igreja por causa de seu equívoco." Quando, mais tarde, foi levado aos médicos forenses, argumentou que estava de posse de suas faculdades mentais, porque, se estivesse bêbado, não teria acertado a chave na fechadura da porta da igrejinha. Acabou morrendo no presídio de Pankrác. Também posso citar o exemplo de um equívoco cometido por um cão da polícia de Kladno. Estou falando do pastor-alemão do famoso guarda Rotter. O guarda Rotter adestrava cães e fazia experiências com vagabundos até que estes começaram a evitar o distrito de Kladno. Então, o guarda ordenou que lhe trouxessem, de qualquer maneira, uma pessoa suspeita. Por isso lhe levaram um homem bem-vestido que foi encontrado sentado em um tronco na floresta de Lány. Cortaram uma ponta de seu casaco e a deram aos cães policiais para que a cheirassem. Depois o levaram a uma olaria dos arredores da cidade e soltaram os cães adestrados para que seguissem seu rastro. Os cães o encontraram e o obrigaram a voltar imediatamente. Aí o guarda obrigou o desgraçado a subir por uma escada até o sótão, a saltar por cima de um muro e a se atirar em um tanque, sempre com os cães atrás dele. Por fim, descobriu-se que aquele homem era um deputado tcheco do partido radical que, cansado do Parlamento, fora passear na floresta de Lány para se distrair. Por isso repito que todas as pessoas, cultas ou ignorantes, se equivocam, cometem erros. Até os ministros se equivocam.

A comissão de médicos forenses, que devia decidir se o estado mental de Švejk era ou não o de uma pessoa capaz de cometer todos aqueles crimes de que era acusado, era formada por três senhores extremamente sérios, cujas opiniões conflitavam de forma considerável.

Estavam representadas ali três escolas científicas e, portanto, defensores de três teorias psiquiátricas diferentes.

O fato de que no caso de Švejk três escolas científicas conflitantes tivessem chegado a um mesmo veredito só pode ser explicado pela terrível impressão que este causou nos três examinadores; quando entrou no consultório, ao perceber que havia um retrato do monarca austríaco pendurado na parede, exclamou:

— Senhores, longa vida ao nosso imperador Franz Joseph I!

Não havia lugar para dúvidas. A manifestação espontânea de Švejk evitou uma longa lista de perguntas e só foram necessárias algumas, as mais essenciais, para que a opinião inicial sobre a saúde mental do detido fosse confirmada. As questões se

baseavam em três metodologias psiquiátricas: a do doutor Kallerson, a do doutor Heveroch e a do inglês Weinking.

— O rádio é mais pesado do que o chumbo, sim ou não?

— Não saberia dizer, pois nunca pesei nem um nem outro — respondeu Švejk com seu sorriso afável.

— O senhor acredita no fim do mundo?

— Primeiro precisaria ver esse fim do mundo — respondeu Švejk com negligência —, mas certamente não acho que acontecerá amanhã.

— Saberia calcular o diâmetro do globo terrestre?

— Isso não mesmo — respondeu Švejk. — Mas agora, senhores, eu também gostaria de lhes apresentar uma charada: há uma casa de três andares e em cada andar há três janelas. O telhado tem duas claraboias e uma chaminé. Em cada andar há dois inquilinos. E agora me digam, senhores, em que ano morreu a avó do porteiro?

Os doutores forenses trocaram alguns olhares significativos, mas, mesmo assim, um dos médicos quis fazer mais uma pergunta:

— O senhor sabe qual é a profundidade máxima do oceano Pacífico?

— Não sei — foi a resposta —, mas acho que deve ser maior que a do Moldava sob a montanha de Vyšehrad.

O presidente da comissão perguntou, sucintamente: "É suficiente?" No entanto, um dos membros da junta quis fazer uma última pergunta.

— Quanto é 12.897 multiplicado por 13.863?

— 729 — respondeu Švejk sem piscar.

— Acho que já temos o suficiente — declarou o presidente da junta. — Podem devolver o acusado ao lugar em que estava.

Depois que Švejk saiu, a junta concluiu, por unanimidade, que Švejk era bobo e idiota de acordo com todas as descobertas feitas pelos cientistas psiquiátricos.

O informe entregue pelos médicos ao juiz de instrução dizia, entre outras coisas:

> *Os médicos forenses abaixo assinados baseiam o presente diagnóstico, referente à estupidez absoluta e ao cretinismo inato de Josef Švejk, que compareceu diante da junta médica forense, no fato de que o sujeito se expressa com frases como "Longa vida ao nosso imperador Franz Joseph I!", afirmação que, por si só, é suficiente para demonstrar que seu estado mental é o de um idiota absoluto. Devido a isso, a comissão propõe o seguinte*: *1. A suspensão das investigações contra Josef Švejk e 2. Sua transferência para uma clínica psiquiátrica a fim de que seja submetido à observação e se determine até que ponto seu estado mental é perigoso para as pessoas de seu entorno.*

Quando o informe estava sendo redigido, Švejk dizia a seus companheiros de cárcere:

— Não estavam nem um pouco preocupados com Ferdinand, mas não paravam de conversar comigo sobre coisas ainda mais estúpidas. Por fim, disseram que tudo o que havíamos dito já era suficiente e cada um foi para seu lado.

— Eu não acredito em ninguém — observou o homenzinho encurvado em cujo jardim haviam desenterrado um esqueleto. — Trata-se de um bando de escroques.

— Mas até os escroques têm o direito de existir — disse Švejk, ajeitando-se no colchão de palha. — Se todas as pessoas tivessem boas intenções em relação às outras, logo se eliminariam mutuamente.

4
Švejk é expulso do manicômio

Mais tarde, Švejk descreveu a vida no manicômio com entusiasmo inusitado:

— Na verdade, não entendo por que os loucos protestam por estarem trancafiados. No manicômio as pessoas podem se arrastar pelo chão, ficar nuas, uivar como chacais, se enfurecer e até morder. Se se comportassem assim em outro lugar, todo mundo ficaria surpreso, mas no manicômio é a coisa mais natural do mundo. Nem os socialistas sonharam com tanta liberdade como a que se tem ali. Qualquer um pode se fazer passar por Deus ou pela Virgem ou pelo papa ou pelo rei da Inglaterra ou pelo senhor imperador ou por São Venceslau, embora este último, o que dizia que era São Venceslau, vivesse amarrado, nu e isolado do resto.

"Havia um que gritava que era arcebispo, mas não fazia nada além de comer e outra coisa que, peço perdão, rima com tragar, mas lá ninguém se envergonha. Outro simulava ser São Cirilo e São Metódio para ver se lhe davam ração dupla. Um senhor dizia que estava grávido e convidava todos para o batismo do filho.

"Havia jogadores de xadrez, políticos, pescadores e escoteiros, colecionadores de selos e fotógrafos amadores. Um sujeito estava ali por causa de uma espécie de umas canecas velhas que chamava de cinzeiros. Outro estava sempre em uma camisa de força para não poder calcular quando o mundo acabaria. Também encontrei alguns professores. Um deles vivia correndo atrás de mim querendo provar que o berço dos ciganos eram as montanhas de Krkonoše, no norte da Boêmia, e um outro vivia insistindo que dentro do globo terrestre havia um outro, muito maior do que o externo.

"Todo mundo tinha liberdade para dizer o que lhe passava pela cabeça, como se estivesse no Parlamento. Às vezes contavam contos de fada e saíam na porrada quando acontecia uma desgraça com alguma princesa. O mais feroz de todos era um senhor que dizia ser o décimo sexto tomo da enciclopédia Otto da língua tcheca:[13] pedia a todos que o abrissem e procurassem a senha 'costureira de papelão'; se não, estaria perdido. Só se tranquilizava quando o enfiavam na camisa de força. Então, ficava feliz, achando que estava em uma impressora e pedia que lhe fizessem uma lombada bem moderna.

"Em geral vivia-se lá como no paraíso. Você podia gritar, berrar, cantar, chorar, gemer, ulular, pular, rezar, dar cambalhotas, andar de quatro, pular em um pé, dançar, perambular, correr para cima e para baixo, ficar sentado o dia inteiro de cócoras ou subir pelas paredes. Ninguém aparecia para lhe dizer: 'Você não pode fazer isto, não pode; devia ter vergonha. O senhor não é uma pessoa culta?'

"Mas também é verdade que alguns loucos são absolutamente silenciosos, como, por exemplo, um inventor muito educado que vivia futucando o nariz e só uma vez por dia dizia: 'Acabei de inventar a eletricidade!' Como estou dizendo, tudo era perfeito e os dias que passei no manicômio fazem parte dos melhores momentos da minha vida."

De fato, a maneira como Švejk fora recebido no manicômio, aonde foi levado para ser observado por determinação do Tribunal Penal Regional, superou suas expectativas. Primeiro o despiram, depois lhe deram um roupão e o levaram para tomar banho, segurando-o educadamente pelas axilas enquanto um dos enfermeiros o distraía contando piadas de judeus. No banheiro, foi enfiado dentro de uma banheira de água quente, depois o tiraram e colocaram debaixo de um chuveiro frio. Repetiram isso três vezes e depois lhe perguntaram se havia gostado. Švejk respondeu que aquilo era melhor que os balneários da ponte de Carlos e que gostava muito de tomar banho. "Se, além

disso, vocês cortarem minhas unhas e meus cabelos, ficarei completamente satisfeito", acrescentou com um sorriso simpático.

Seu desejo foi atendido. Depois, ainda esfregaram seu corpo cuidadosamente com uma esponja, o enrolaram em um lençol e levaram à primeira enfermaria. Ali, o enfiaram na cama, cobriram com um cobertor e pediram que dormisse.

Ainda hoje Švejk conta, emocionado:

— Imaginem que me levaram, na verdade me carregaram. Naquele momento me senti completamente feliz.

Adormeceu, sentindo-se completamente feliz. Então o acordaram e lhe serviram uma xícara de leite e um pãozinho. O pãozinho já estava cortado em pedacinhos e, enquanto um dos enfermeiros segurava as duas mãos de Švejk, um outro mergulhava os pedacinhos de pão no leite e os colocava em sua boca, como fazem com os gansos. Depois de o alimentarem, pegaram-no pelas axilas e levaram ao banheiro, onde pediram que fizesse as pequenas e as grandes necessidades físicas.

Švejk falava daqueles momentos maravilhosos com ternura e não é necessário repetir suas palavras a respeito do que fizeram com ele depois. Direi apenas que Švejk disse:

— Enquanto isso, um enfermeiro me sustentava nos braços!

Quando o levaram de volta, o enfiaram de novo na cama e voltaram a pedir que dormisse. Quando adormeceu, o acordaram para acompanhá-lo ao consultório, onde Švejk, em pé, totalmente nu diante de dois médicos, se lembrou da gloriosa época de seu recrutamento. Involuntariamente saiu de seus lábios, em alemão:

— *Tauglich* — algo como "apto para o serviço".

— O que você disse? — perguntou um dos médicos. — Dê cinco passos para a frente e cinco para trás.

Švejk deu dez passos.

— Mas eu lhe disse para dar cinco — reiterou o médico.

— Eu não ligo para um par de passos — disse Švejk.

Então lhe pediram que se sentasse em uma cadeira. Um dos médicos deu umas batidinhas em seu joelho e disse ao outro que seus reflexos eram absolutamente normais. Este balançou a cabeça e começou ele mesmo a bater no joelho de Švejk, enquanto o primeiro erguia suas pálpebras para examinar as pupilas.

Depois se afastaram um pouco e trocaram algumas frases em latim.

— Ouça, você sabe cantar? — perguntou um deles a Švejk. — Poderia cantar alguma canção para a gente?

— Sem problemas, senhores — respondeu Švejk. — Não tenho voz nem ouvido musical, mas vou tentar, pois percebo que estão querendo se divertir.

E Švejk começou:

Um jovem monge sentado
Com a mão direita na testa
Verte nas faces pálidas
Lágrimas amargas e cálidas.

— Não sei o resto — disse Švejk. — Mas, se quiserem, posso cantar outra:

Meu coração nostálgico
Comprime meu peito.
Quando fico calado e olho ao longe,
Lá na distância surge o desejo.

— E também não sei o resto — suspirou Švejk. — Sei também a primeira estrofe de *Kde domov můj*[14] e depois "O general Windischgrätz e os senhores militares deflagraram a guerra quando o sol apareceu" e algumas canções folclóricas, como *Protegei-nos, Senhor*, *Quando íamos a Jaroměř* e *Saudamos mil vezes o Senhor*...

Os dois médicos se entreolharam. Um deles perguntou a Švejk:

— Já investigaram seu estado mental?

— No exército, os senhores médicos militares me deram um atestado de idiota notório — respondeu Švejk, solene e orgulhosamente.

— Eu acho que você é um farsante! — gritou o segundo médico.

— Senhores, eu não sou nenhum farsante — se defendeu Švejk. — Sou um verdadeiro idiota. Podem perguntar no escritório do 91º Regimento de Budějovice, ou então aqui em Praga, na Administração Regional do bairro de Karlín.

O médico mais velho fez um gesto desesperado com a mão e, apontando Švejk, disse aos enfermeiros:

— Devolvam a roupa a este homem e o acompanhem ao terceiro ambulatório do primeiro corredor. Depois, quero que um de vocês volte e leve todos os relatórios médicos a seu respeito ao escritório e diga que é preciso despachá-lo sem demora, para não ficarmos muito tempo com ele preso nas nossas gargantas.

Os médicos dirigiram outro olhar fulminante a Švejk, que recuou respeitosamente para a porta, onde fez uma delicada reverência. Quando um dos enfermeiros lhe perguntou por que fazia aquelas besteiras, respondeu:

— Porque não estou vestido. Estou nu, e não quero revelar a estes senhores nada que os leve a pensar que sou descortês e indecente.

No exato momento em que os enfermeiros receberam a ordem de devolver a roupa a Švejk, pararam de se interessar completamente por ele. Ordenaram-lhe que se vestisse e um deles o acompanhou ao terceiro ambulatório, onde, durante alguns dias, até que ficassem prontos os papéis da alta, teve a oportunidade de se dedicar em tempo integral a suas interessantes observações. Os decepcionados médicos deram um parecer dizendo que era "um farsante débil mental". Mas, como lhe deram alta antes do almoço, aconteceu um pequeno incidente.

Švejk afirmou que, quando uma pessoa é expulsa do manicômio, não pode ser despachada antes de almoçar.

Um policial, alertado pelo porteiro, colocou um ponto final naquele escândalo acompanhando Švejk à delegacia de polícia da rua Salmova.

13 O *Ottův slovník naučny* é a enciclopédia mais extensa da língua tcheca, elaborada entre o final do século XIX e o início do século XX. Seus 27 volumes têm quase 186 mil verbetes. Quando foi editada, era a segunda enciclopédia mais extensa do mundo, só menor do que a *Encyclopaedia Britannica*. O autor brinca com uma obra que

representava o orgulho do saber tcheco da época. (N. do T.)
14 “Onde está o meu lar”, hino nacional tcheco.

5
Švejk na delegacia de polícia da rua Salmova

Depois dos belíssimos dias ensolarados que passara no manicômio, Švejk viveu horas marcadas pela perseguição. O inspetor Braun se preparara para receber Švejk com a crueldade dos carrascos romanos da época do bondoso imperador Nero.

Braun exclamou com a mesma firmeza de então, quando diziam "Atire este canalha cristão aos leões":

— Enfiem-no na cela!

Nem uma palavra a mais nem a menos. Os olhos do inspetor Braun brilharam com uma espécie de prazer perverso.

Švejk fez uma reverência e disse com orgulho:

— Estou pronto, senhores. Suponho que *cela* quer dizer *isolamento* e isso não é tão ruim assim.

— Não vão exigir muito de você — disse o policial.

Švejk respondeu:

— Sou muito modesto e ficarei grato por qualquer coisa que for feita por mim.

No beliche da cela estava sentado um homem pensativo. Parecia apático e bastava olhá-lo para entender que, quando a chave rangeu na fechadura, nem passou por sua cabeça que a porta estava sendo aberta para que fosse colocado em liberdade.

— Meus respeitos, senhor — disse Švejk, acomodando-se a seu lado no beliche. — Que horas devem ser?

— Não sou escravo do relógio — respondeu o homem pensativo.

— Aqui não é tão ruim assim — disse Švejk, entabulando conversa. — Este beliche é de madeira polida.

O homem sério não respondeu, levantou-se e começou a caminhar depressa pelo pequeno espaço que havia entre a porta e o beliche, como se estivesse correndo para salvar alguma coisa.

Enquanto isso, Švejk lia com interesse as frases rabiscadas nas paredes. Em uma delas, um prisioneiro desconhecido prometia aos céus travar uma luta de vida e morte contra a polícia. O texto dizia: "Vocês terão de engolir isso!" Outro prisioneiro escrevera: "Vão tomar no rabo, imbecis!" Outro fizera uma simples constatação: "Estive aqui em 5 de junho de 1913 e me trataram bem. Josef Mareček, comerciante de Vršovice." Havia outra espantosamente profunda: "Piedade, Senhor!", e logo embaixo: "Vão tomar no c." Mas a letra "c" estava riscada e ao lado haviam escrito com letras garrafais: "RABO." Debaixo disso uma alma poética escrevera estes versos:

Sentado à beira do triste riacho,
Vejo o sol se esconder atrás das montanhas,
E olho para as colinas iluminadas
Onde vive minha amada.

O homem que corria entre a porta e o beliche como se quisesse vencer uma maratona parou, voltou a se sentar ofegante no velho lugar, apoiou a cabeça na palma das mãos e de repente gritou:

— Deixem-me sair!

"Não, não me deixarão sair" — murmurou para si mesmo. — "Não deixarão, não e não. Estou aqui desde as seis da manhã."

Teve um ataque de comunicabilidade, ergueu-se e perguntou a Švejk:

— Você não tem por acaso um cinto para que eu possa acabar de uma vez com tudo?

— Terei muito prazer de ajudá-lo — respondeu Švejk, desafivelando o cinto. — Mas ainda não vi ninguém se enforcar no cárcere com uma correia.

"É irritante não haver nenhum gancho por aqui — continuou Švejk, olhando em volta. — A maçaneta da janela não aguentará seu peso. Talvez possa se pendurar se ajoelhando no beliche como fez um monge no monastério de Emaús, que se enforcou com o crucifixo por causa de uma garota judia. Eu aprecio muito os suicídios, de maneira que vá em frente!"

O homem melancólico olhou o cinto que Švejk enfiara em suas mãos, atirou-o em um canto e começou a chorar, espalhando as lágrimas com as mãos enegrecidas e se lamentando em voz alta:

— Tenho filhos pequenos. Estou aqui por causa de um porre e comportamento inadequado. Pobre da minha esposa, meu Deus! E o que vão dizer no meu trabalho? Tenho filhos pequenos, estou aqui por causa de um porre e comportamento inadequado...

E assim por diante, infinitas vezes.

Depois ficou um pouco mais tranquilo, foi até a porta e começou a chutá-la e a socá-la. Atrás da porta ouviram-se passos e uma voz:

— O que você quer?

— Me deixem sair! — disse, como se já não tivesse mais nenhum motivo para viver.

— E aonde quer ir? — perguntaram do outro lado.

— Quero voltar para o trabalho — respondeu o infeliz pai, marido, auxiliar de escritório, beberrão e desregrado.

No silêncio do corredor, ouviu-se uma risada horripilante e os passos se afastaram.

— Acho que esse senhor o odeia, para rir de você desta maneira — disse Švejk, enquanto o infeliz voltava a se sentar ao seu lado. — Quando está com raiva, um policial desses é capaz de fazer coisas terríveis, e, quando sua raiva é ainda maior, pode fazer qualquer coisa. Se não quer se enforcar, sente-se tranquilamente e espere a evolução das coisas. Mas como você é auxiliar de escritório, casado e pai de família, devo admitir que sua situação é terrível. Deve estar achando que será demitido, ou estou enganado?

— Não posso lhe dizer — suspirou o outro — porque não consigo me lembrar de todas as coisas que fiz. Só sei que me expulsaram de algum lugar e que queria voltar para lá e acender um charuto. E tudo havia começado tão bem! O chefe do nosso departamento comemorava o dia do seu santo e nos convidou para ir a uma taverna, depois a outra, e mais tarde fomos à terceira, à quarta, à quinta, à sexta, à sétima, à oitava, à nona...

— Quer que o ajude a contar? — perguntou Švejk. — Eu conheço isso muito bem. Em uma única noite estive em vinte e oito cervejarias. Mas em nenhuma delas bebi mais de três cervejas. Palavra de honra.

— Enfim — continuou o pobre subordinado do chefe de departamento que celebrara seu santo de maneira tão esplêndida —, depois de visitar uns doze daqueles picadeiros, percebemos que o diretor havia se perdido, embora o tivéssemos amarrado com uma corda e arrastado por todos os lugares como se fosse um cachorrinho. Voltamos aos mesmos lugares para procurá-lo e acabamos nos perdendo; de repente eu estava em um cabaré do bairro de Vinohrady, um lugar muito decente onde bebi aguardente diretamente da garrafa. Não lembro o que fiz mais tarde. Só sei que, quando cheguei aqui na delegacia, os dois policiais que me acompanhavam declararam que eu estava bêbado, que me comportara inadequadamente, que bati em uma senhora, que destruí com um canivete um chapéu alheio que tirei de um cabide, que expulsei uma orquestra de meninas e acusei diante de todo mundo o garçom de ter roubado uma nota de vinte coroas, quebrei o tampo de mármore da mesa onde estava sentado e cuspi de propósito no café preto de um desconhecido que estava sentado na mesa ao lado. Até onde consigo me lembrar, não fiz nada além disso. E acredite em mim: sou um homem honrado e inteligente, que só pensa em sua família. O que me diz de tudo isto? Eu não sou nenhum arruaceiro!

— Teve muito trabalho para quebrar o tampo de mármore? — perguntou Švejk em vez de responder. — Ou o partiu de uma vez?

— De uma vez — respondeu o homem inteligente.

— Então está perdido — disse Švejk, pensativo. — Vão provar que se preparou fazendo um treinamento rigoroso. E o café preto daquele desconhecido que levou uma cusparada: era sem rum ou com rum?

E sem esperar pela resposta continuou:

— Se era café com rum é mais grave porque é mais caro. No tribunal tudo é calculado e somado quando se quer caracterizar um delito.

— No tribunal... — murmurou covardemente o escrupuloso pai de família e, inclinando a cabeça, se entregou ao desagradável estado mental em que a pessoa se sente roída pelos remorsos.15

— E na sua casa sabem que foi preso ou ficarão sabendo pelos jornais? — perguntou Švejk.

— O senhor acha que isso sairá nos jornais? — interrogou, ingenuamente, a vítima do santo de seu diretor.

— Isso é mais do que certo — foi a resposta direta de Švejk, que não tinha o hábito de esconder nada de ninguém. — Os leitores dos jornais se divertirão bastante. Eu também gosto de ler notícias sobre bêbados e os escândalos que fazem. Não faz muito tempo, na taverna U Kalicha, um cliente não teve ideia melhor do que quebrar a própria cabeça com uma caneca. Atirou-a no ar e ficou embaixo dela. Levaram-no e de manhã lemos a notícia. Uma vez, na taverna U Bendl, dei uma bofetada em um coveiro e ele me deu outra de volta. Para nos reconciliar, tiveram de prender os dois, e saiu imediatamente no vespertino. Ou quando no café U Mrtvoly um conselheiro quebrou dois pratos... O senhor acha que foi perdoado? Na manhã seguinte, saiu no jornal. A única coisa que se pode fazer é enviar da prisão uma carta ao jornal alegando que a notícia que publicaram sobre você não lhe diz respeito, e que você não é parente nem sócio da pessoa que tem aquele nome, e também pode escrever para casa pedindo que recortem e guardem a retificação do jornal para que possa lê-la depois de cumprir a pena.

"Você não está com frio? — perguntou Švejk, preocupado, ao perceber que o senhor inteligente estava tremendo. — Este ano o final de verão está mais para frio."

— Estou perdido — gemeu o companheiro de Švejk. — Já posso ir desistindo da promoção.

— Sem dúvida — concordou Švejk, solícito. — Depois de cumprir a pena, se não o aceitarem de volta no escritório onde trabalhava, não vai conseguir encontrar tão cedo um outro emprego, porque, mesmo que queira trabalhar como carrasco, lhe pedirão um atestado de bons antecedentes. Enfim, um momento de prazer como o que o senhor se permitiu pode custar caro. E sua mulher e seus filhos terão como viver enquanto o senhor estiver no cárcere? Talvez sua mulher precise mendigar e ensinar às crianças todo tipo de truques sujos.

Ouviram-se soluços.

— Pobres crianças! Minha pobre mulher!

O penitente inescrupuloso se levantou e começou a falar de seus cinco filhos. O mais velho tinha doze anos e era escoteiro. Só bebia água e podia servir de exemplo para seu pai que, pela primeira vez na vida, se comportara tão mal.

— Um escoteiro? — exclamou Švejk. — Gosto muito de ouvir falar de escoteiros. Um dia, em Mydlovary, perto de Zliv, no distrito de Hluboká, na região de České Budějovice, exatamente quando nós, do 91º Regimento, estávamos fazendo exercícios, os camponeses dos arredores organizaram na floresta do município uma ação contra os escoteiros que haviam se instalado ali. Conseguiram pegar três. O menor gemia, urrava e gritava tanto quando estava sendo amarrado que nós, soldados valentes, não suportamos ver aquilo e nos afastamos. Durante aquela manobra com as cordas, os três escoteiros morderam oito camponeses. Depois, interrogados pelo prefeito, um austríaco, confessaram, à base de cacetadas, que não havia um único pasto nos arredores que não tivessem esmagado enquanto tomavam sol, e ainda que também haviam incendiado por acaso o campo de centeio de Ražic antes da colheita, quando estavam assando no espeto uma corça que mataram com facões nas matas do município. Em seu esconderijo na floresta, foi encontrada mais de meia tonelada de ossos bem limpos de aves e animais selvagens, uma quantidade enorme de sementes de cerejas, de maçãs verdes e outras delícias.

Mas não havia nada que pudesse consolar o pai do escoteiro.

— O que eu fiz! — gemia. — Minha reputação está perdida.

— Sem dúvida — asseverou Švejk com sua sinceridade inata. — Depois do que aconteceu, sua reputação estará perdida para sempre, porque, quando seus amigos lerem os jornais, adicionarão um pouco mais de tempero, se é que isso é possível. Sempre é assim, não se pode fazer nada. No mundo, para cada pessoa ilibada há dez sujeitos com péssima reputação. Mas isto é um pequeno detalhe sem importância.

No corredor ouviram-se passos firmes, a chave rangeu na fechadura, a porta se abriu e um policial gritou o nome de Švejk.

— Me perdoe — disse Švejk, cavalheirescamente —, mas eu cheguei ao meio-dia e este senhor está esperando aqui desde as seis da madrugada. Eu não tenho tanta pressa.

Como resposta, a pesada mão do inspetor arrastou Švejk para o corredor e levou-o em silêncio pela escada ao primeiro andar. Na segunda sala, sentado atrás da escrivaninha, estava o comissário de polícia, que disse a Švejk:

— Então o senhor é o tal do Švejk? Como veio parar aqui?

— De uma maneira muito simples — respondeu Švejk. — Cheguei em companhia de um guarda, porque não me conformava com o fato de terem me expulsado do manicômio sem me dar o almoço. Fui tratado como se fosse uma vadia que pode ser afastada aos pontapés.

— Quer saber de uma coisa, Švejk? — disse o comissário amavelmente. — Por que nós aqui da delegacia da rua Salmova temos que nos aborrecer com você? Não seria melhor enviá-lo à chefatura de polícia?

— O senhor é, como se diz, o dono da situação — observou Švejk tranquilamente. — Ir até a chefatura agora à tarde seria um pequeno passeio agradável.

— Fico feliz de que tenhamos nos entendido — disse o comissário de polícia com satisfação. — Vale a pena chegarmos a um acordo. Não é verdade, Švejk?

— Eu também prefiro concordar com as pessoas — respondeu Švejk. — Creia, senhor comissário, que nunca vou me esquecer de sua bondade.

Depois de ter feito uma reverência respeitosa, Švejk desceu com o policial ao posto de guarda e, quinze minutos depois, estava na esquina da rua Ječná com a praça Carlos, acompanhado por um agente que levava debaixo do braço um livro enorme com o título em alemão: *Arrestantenbuch*, ou registro de detidos.

Na esquina da rua Spálená, Švejk e seu guia deram de cara com uma multidão que se aglomerava ao redor de um cartaz.

— É o manifesto do senhor imperador sobre a declaração de guerra — disse o policial a Švejk.

— Eu predisse tudo! — disse Švejk. — Mas no manicômio ainda não sabem de nada, embora devessem ser os primeiros a saber.

— O que quer dizer com isso? — perguntou o policial a Švejk.

— Porque entre os presos há muitos oficiais — explicou Švejk. Depois, quando toparam com outra multidão, exclamou:

— Viva o imperador Franz Joseph! Vamos ganhar esta guerra!

Alguém no meio da multidão exaltada lhe enterrou o chapéu até abaixo das orelhas e foi assim que Švejk, cercado por uma multidão, voltou a cruzar o portão da chefatura.

— Vamos ganhar esta guerra com toda certeza, volto a repetir, senhores! — com estas palavras, Švejk se despediu da massa que o seguia.

Em algum lugar na remota lonjura da história, o pressentimento de que o futuro destruiria os planos do presente desabava sobre a Europa.

15 Alguns escritores costumam usar a frase “roído pelos remorsos”. Não a considero suficientemente apropriada, pois até o tigre devora o homem, mas não o rói. (N. do A.)

6
Švejk quebra o círculo vicioso e volta para casa

No edifício da chefatura de polícia pairava o espírito de uma autoridade estrangeira que checava se a população estava suficientemente entusiasmada com a guerra. Salvo raras exceções — pessoas que negavam o fato de ser filhas de uma nação que teria de se esvair em sangue por interesses que lhe eram absolutamente alheios —, a repartição era integrada por um magnífico grupo de feras burocráticas que não se preocupavam com nada que não fosse o cárcere e a forca com o objetivo exclusivo de defender a existência dos tortuosos artigos da lei.

As feras da chefatura tratavam suas vítimas com uma sarcástica amabilidade, sopesando cada palavra.

— Não é possível imaginar como lamento que o senhor tenha voltado a cair em nossas mãos — disse uma das feras com listas negro-amarelas, as cores da bandeira imperial austríaca, quando Švejk lhe foi apresentado. — Acreditamos que ia começar a se comportar melhor, mas, ao que parece, estávamos equivocados.

Švejk assentiu em silêncio; sua expressão era tão inocente que a fera negro-amarela fitou-o inquisitivamente e acabou dizendo com ênfase:

— Pare de fazer essa cara de idiota!

No entanto, em seguida retomou o tom amável e continuou:

— Para nós é muito desagradável que o senhor esteja preso e posso lhe assegurar que, na minha opinião, sua falta não é tão grave, porque, com uma inteligência tão pequena como a sua, não há dúvida de que o enganaram. Diga-me, senhor Švejk, quem o induziu a cometer essas bobagens?

Švejk tossiu e declarou:

— Desculpe, mas não sei nada de nenhuma bobagem.

— E não lhe parece uma bobagem, senhor Švejk — disse o interlocutor em falso tom paternal —, que tenha, segundo o informe do policial que o trouxe, levado as pessoas a correrem até a esquina onde estava exposto o manifesto com a declaração de guerra e inflamado as massas ao gritar "Viva o imperador Franz Joseph! Vamos ganhar essa guerra!"?

— Não consegui ficar parado — declarou Švejk, olhando nos olhos do inquisidor. — Fiquei aflito quando vi que todo mundo lia a declaração de guerra sem manifestar nenhuma alegria. Nenhum grito de glória, nenhum de hurra, nadica de nada, senhor conselheiro. Parecia que era uma coisa que não tinha nada a ver com eles. Eu, como velho soldado do 91º Regimento, não consegui ficar vendo aquilo e então gritei aquelas frases. Creio que se o senhor estivesse no meu lugar teria feito o mesmo. Quando há uma guerra, é preciso vencê-la e proclamar a glória do senhor imperador. Ninguém conseguirá me convencer do contrário.

Conformada e compungida, a fera negro-amarela não resistiu ao olhar de cordeirinho inocente de Švejk, dirigiu a vista aos papéis oficiais e disse:

— Compreendo perfeitamente seu entusiasmo, mas deveria manifestá-lo em outras circunstâncias. Acompanhava-o um policial e por isso uma manifestação tão patriótica de sua parte poderia, e o foi, ser entendida pelas massas mais como uma ironia do que como uma atitude séria.

— O fato de ter de acompanhar um policial é um momento difícil na vida de uma pessoa — respondeu Švejk. — Mas, se até em uma situação tão difícil a pessoa não

se esquece do que deve fazer, então penso que ela não pode ser tão má assim.

A fera negro-amarela resmungou e voltou a encarar os olhos de Švejk.

O bom soldado respondeu com o calor inocente, suave, humilde e terno de seu olhar.

Os dois se encararam durante um tempo.

— Que o diabo o carregue, Švejk — acabou dizendo o funcionário. — Se voltar a vê-lo aqui outra vez, então não lhe perguntarei nada e o enviarei diretamente ao Tribunal Militar do Castelo. Entendido?

Antes que se desse conta, Švejk aproximou-se, beijou sua mão e disse:

— Deus lhe pague por tudo, e, se alguma vez precisar de um cão puro-sangue, não deixe de me procurar. Tenho uma loja de cães.

E assim Švejk se viu em liberdade e a caminho de casa.

Ficou pensando se deveria parar primeiro na taverna U Kalicha, mas resolveu o dilema atravessando a porta pela qual saíra tempos atrás em companhia do agente Bretschneider.

Na taverna reinava um silêncio sepulcral. Havia três ou quatro clientes, entre os quais o sacristão da igreja de São Apolinário. Todos pareciam preocupados. A senhora Palivcová estava sentada atrás do balcão e olhava distraidamente as torneiras da chopeira.

— Bem, estou aqui de novo — disse Švejk, alegremente —, sirva-me uma caneca de cerveja. Onde está o senhor Palivec? Também já voltou para casa?

Em vez de responder, a senhora Palivcová começou a chorar e, sublinhando cada palavra que usava para manifestar sua tristeza, gemeu:

— Há... uma... semana... foi... condenado... a... dez... anos.

— Que coisa! — disse Švejk. — Então já tem sete dias pelas costas.

— Ele era tão cuidadoso... — chorava a senhora Palivcová. — Vivia dizendo isso a seu próprio respeito.

Os clientes da taverna mantinham um silêncio obstinado, como se o espírito de Palivec flutuasse na sala e lhes recomendasse uma prudência ainda maior.

— A prudência é a mãe da sabedoria — disse Švejk sentando-se diante da caneca de cerveja; a espuma tinha pequenos furinhos feitos pelas lágrimas que haviam saltado dos olhos da senhora Palivcová quando a levara à mesa —, e os dias de hoje obrigam as pessoas a serem prudentes.

— Ontem tivemos dois enterros — disse o sacristão da igreja de São Apolinário para mudar o rumo da conversa.

— Deve ser porque alguém morreu — disse um cliente.

Outro acrescentou:

— Havia um catafalco?

— Gostaria de saber como serão os enterros militares agora, durante a guerra — disse Švejk.

Os clientes se levantaram, pagaram suas contas e saíram em silêncio. Švejk ficou sozinho com a senhora Palivcová.

— Nunca poderia imaginar — observou — que fosse possível condenar a dez anos uma pessoa inocente. Já ouvi dizer que condenaram um inocente a cinco anos, mas dez me parece um pouco demais.

— É que meu marido confessou tudo — soluçou a senhora Palivcová. — Repetiu na chefatura e no tribunal o que disse aqui sobre as moscas e o quadro. Eu estive na primeira sessão como testemunha; mas o que poderia dizer se me falaram que tinha relações de parentesco com meu marido e portanto não era obrigada a testemunhar? A história das relações de parentesco me assustou tanto que desisti de testemunhar para evitar alguma desgraça, e o pobre homem me olhou de tal maneira que não esquecerei seus olhos até o dia da minha morte. E mais tarde, depois da leitura da sentença, quando o levavam, estava tão abobalhado que gritou no corredor: "Viva o livre pensamento!"

— Bretschneider não tem aparecido por aqui? — perguntou Švejk.

— Veio várias vezes — respondeu a taberneira. — Tomou uma ou duas cervejas, perguntou quem tem aparecido e ouviu os clientes conversarem sobre futebol. E então começou a ficar inquieto, como se, a qualquer momento, fosse se encolerizar e ter um ataque. Durante todo esse tempo, só conseguiu apanhar um tapeceiro da rua Přičná.

— Tudo é uma questão de prática — observou Švejk. — O tapeceiro era idiota?

— Mais ou menos como meu marido — respondeu ela chorando. — Bretschneider lhe perguntou se atiraria contra os sérvios. Ele respondeu que não sabia atirar, que uma vez havia ido a uma tenda de tiro e perdera uma *coroa*.16 Depois, todos ouvimos Bretschneider dizer, pegando seu caderno de anotações: "Ora, temos aqui outro caso de alta traição!", e levou o tapeceiro, que não voltou nunca mais.

— Muitos não voltarão — disse Švejk. — Sirva-me uma dose de rum.

Exatamente quando Švejk pedia outra dose de rum, o agente da polícia secreta Bretschneider entrou na taverna. Percorreu a sala vazia com um olhar inquisidor, sentou-se ao lado de Švejk, pediu uma cerveja e esperou que este começasse a falar.

Švejk pegou um jornal na estante e, enquanto olhava a página de anúncios, disse:

— Vejam só! Um tal de Čimpera, que mora no número 5 da Straškov, agência de correios de Račiněves, está vendendo uma casa de campo com treze acres de terra, em um lugar que tem estrada de ferro e escola municipal.

Bretschneider tamborilou nervosamente com os dedos e, virando-se para Švejk, disse:

— Me surpreende seu interesse por uma casa de campo, senhor Švejk.

— Ah, é o senhor! — disse Švejk, apertando-lhe a mão. — Perdoe-me não tê-lo reconhecido, tenho uma péssima memória. Se não me engano, na última vez nos despedimos na recepção da chefatura de polícia. O que fez desde então? Tem vindo muito aqui?

— Hoje vim ver o senhor — disse Bretschneider. — Na chefatura me disseram que vende cães. Queria um terrier, um pinscher ou algo parecido.

— Posso conseguir o que quiser — respondeu Švejk. — Prefere um cão de raça ou um vira-lata?

— Acho que vou preferir um de raça — respondeu Bretschneider.

— E não gostaria de um cão policial? — perguntou Švejk. — Um que pudesse encontrar tudo depressa e o ajudasse a descobrir criminosos? Um açougueiro de Vršovice tem um que arrasta seu carrinho. Esse cão, como se diz, errou de profissão.

— Prefiro um pinscher — disse Bretschneider com calma obstinada —, um pinscher que não morda.

— Um cão pinscher desdentado, então? — perguntou Švejk. — Conheço um. Pertence a um taverneiro de Dejvice.

— Talvez seja melhor um terrier — disse, hesitante, Bretschneider, cujos conhecimentos cinológicos eram muito limitados, e que, se não tivesse recebido aquela ordem da chefatura, nunca teria sabido nada a respeito de cães.

Mas a ordem era exata, clara e firme: tinha de conquistar a confiança de Švejk usando como pretexto seu negócio de cães; para levar a termo a tarefa, poderia contratar ajudantes e dispor de verba pública para comprar um cão.

— Existem cães da raça terrier grandes e pequenos — explicou Švejk. — Sei de dois pequenos e três grandes. Os cinco cabem no colo. Eu os recomendo, com toda sinceridade.

— Isso me cairia realmente bem — declarou Bretschneider —, e quanto custa cada um?

— Depende do tamanho. Um terrier não é um bezerro; com os cães terrier acontece exatamente o contrário: quanto menor, mais caro.

— Estou pensando em um grande que possa me servir de guardião — respondeu Bretschneider, temendo onerar muito as finanças do fundo secreto da polícia estatal.

— De acordo — disse Švejk. — Posso lhe vender os grandes por cinquenta coroas e os ainda maiores por quarenta e cinco, mas estamos esquecendo um aspecto. Teria que ser filhote ou adulto? Macho ou fêmea?

— Para mim tanto faz — respondeu Bretschneider, que estava tratando de questões que lhe eram totalmente desconhecidas. — Consiga um e irei buscá-lo amanhã às sete da noite em sua casa. Estará lá?

— Pode vir, estará lá — respondeu Švejk secamente —, mas neste caso me vejo obrigado a lhe pedir um adiantamento de trinta coroas.

— Claro! — disse Bretschneider, entregando-lhe o dinheiro. — E agora o convido a beber uma taça de vinho por minha conta.

Quando terminaram o vinho, Švejk pediu mais duas taças, e depois Bretschneider ofereceu outra rodada, insistindo que não tivesse medo, que naquele dia não estava trabalhando e que podiam falar de política.

Švejk declarou que não falava nunca de política nos bares e que política era coisa de criancinha.

Bretschneider, por sua vez, tinha opiniões mais revolucionárias; dizia que todos os Estados fracos estavam fadados à aniquilação, e perguntou a Švejk sua opinião a respeito.

Švejk declarou que nunca tivera nada a ver com o Estado, mas que uma vez criara um cão são-bernardo débil, que alimentou com biscoitos do exército, embora no final tivesse morrido.

Estavam na quinta taça de vinho quando Bretschneider afirmou que era anarquista e perguntou a Švejk a qual organização devia se filiar.

Švejk disse que certa vez tinha vendido um leonberger a um anarquista por cem coroas e que o homem ainda lhe devia a última prestação.

Quando estavam bebendo a sexta taça, Bretschneider começou a falar da revolução e contra a mobilização geral, mas Švejk se inclinou e lhe disse ao ouvido:

— Acaba de chegar um novo cliente; não permita que o ouça, se não quiser ter problemas... Veja, a taberneira está chorando.

A senhora Palivcová chorava de verdade, sentada em uma cadeira atrás do balcão.

— Por que está chorando, senhora taberneira? — perguntou Bretschneider. — Em três meses venceremos a guerra, haverá anistia, seu marido voltará e encheremos os córneos em sua casa. — E, virando-se para Švejk, disse: — Será que não acredita que vamos ganhar?

— Não tem sentindo ficar insistindo na mesma coisa — disse Švejk. — Temos o dever de vencer e ponto. Mas agora preciso ir para casa.

Švejk pagou a conta e voltou para sua velha criada, a senhora Müllerová, que levou um susto ao ver que o homem que abria com chave a porta do apartamento era Švejk.

— Senhor, imaginei que só voltaria depois de muitos anos — disse com sua habitual franqueza. — Enquanto isso, por compaixão, hospedei o porteiro de um cabaré. É que revistaram a casa três vezes e, como não encontraram nada, disseram que o senhor estava perdido porque era muito esperto.

Švejk logo percebeu que o intruso se instalara com todo conforto. Estava dormindo em sua cama e devia ser um homem generoso, porque se contentou com a metade, deixando a outra a um ser de cabelos longos que dormia agradecido, abraçado ao seu pescoço, enquanto no chão, ao redor da cama, se amontoavam peças de roupa masculina e feminina. Aquele caos evidenciava que o porteiro do cabaré voltara para casa acompanhado por uma dama e de muito bom humor.

— Senhor — disse Švejk sacudindo o intruso —, não quero que perca a hora. Não gostaria que depois saísse dizendo por aí que o expulsei quando em lugar nenhum queriam mais lhe servir alguma coisa para almoçar.

O porteiro noturno dormia profundamente e levou muito tempo para entender que o dono da casa havia voltado e reclamava seus direitos.

Como faziam todos os porteiros de cabarés, este também declarou que daria uma surra em qualquer um que o despertasse e tentou continuar dormindo.

Švejk recolheu todas as peças de roupa, levou-as até a cama e, sacudindo-o energicamente, disse:

— Se não se vestir, serei obrigado a atirá-lo na rua do jeito que está. Será melhor para você sair voando daqui vestido.

— Eu queria dormir até as oito da noite — disse o porteiro, ainda aturdido, vestindo as calças. — Estou pagando duas coroas por dia à senhora pela cama e posso trazer as meninas do cabaré. Levante-se, Mařena!

Ao ajeitar cuidadosamente o colarinho e dar um nó na gravata, o porteiro já se recuperara, a ponto de garantir a Švejk que o cabaré Mimóza era, de fato, uma das mais respeitáveis casas noturnas da cidade, onde só podiam entrar damas que tivessem todos seus papéis em dia, inclusive os registros policiais, e convidou-o, de todo coração, a lhe fazer uma visita.

No entanto, era evidente que sua companheira estava irritada com Švejk, contra o qual desferiu palavrões, dos quais o mais delicado era:

— Filho de um bispo!

Assim que os intrusos foram embora, Švejk quis acertar as contas com a senhora Müllerová, mas não encontrou nem sinal da mulher, apenas um pedaço de papel no qual estavam escritas umas poucas palavras com a letra desordenada da criada. A mulher expressava com simplicidade seus pensamentos a respeito da infeliz aventura com o porteiro noturno ao qual emprestara a cama de Švejk:

Desculpe-me, senhor, não o verei nunca mais. Vou me atirar da janela.

— Está mentindo — disse Švejk e ficou esperando.

Depois de meia hora, a infeliz senhora Müllerová entrou na ponta dos pés na cozinha; em sua expressão perturbada se percebia que esperava de Švejk palavras de consolo.

— Se quer se atirar da janela — disse Švejk —, vá ao quarto, já abri uma. Não aconselho que pule da janela da cozinha porque cairia sobre a roseira, a esmagaria e teria de pagá-la. Da janela do quarto, cairia diretamente na calçada e com um pouco de sorte quebraria o pescoço. No caso de estar com azar, só correria o risco de quebrar as costelas, os braços e as pernas, e teria de pagar o hospital.

A senhora Müllerová começou a chorar, foi em silêncio até o quarto e fechou a janela. Quando voltou, disse:

— A corrente de ar poderia afetar seu reumatismo.

Depois foi fazer a cama; arrumou tudo com um cuidado extraordinário e, quando voltou à cozinha, onde estava Švejk, comentou com expressão chorosa:

— Senhor, os dois filhotes que estavam no pátio morreram. E o são-bernardo fugiu quando vieram revistar a casa.

— Por Jesus Cristo! — exclamou Švejk. — Ele poderá se ver metido em uma bela confusão. Agora certamente a polícia vai procurá-lo.

— Ele mordeu um comissário de polícia que o tirou de baixo da cama durante a revista — continuou a senhora Müllerová. — Um dos policiais disse que havia alguém escondido debaixo da cama, que o são-bernardo devia sair em nome da lei e, como se recusava, o tiraram à força. E ele quis devorá-los; depois fugiu pela porta e não voltou nunca mais. Também fui interrogada: queriam saber quem visita o senhor, se recebe dinheiro do estrangeiro... Depois insinuaram que eu era uma idiota porque lhes disse que quase não chegava dinheiro do estrangeiro. A última vez foi daquele diretor da escola de Brno, que lhe enviou sessenta coroas pelo gato angorá que o senhor havia anunciado no *Národní Politika,* mas, em seu lugar, mandou um pequeno fox-terrier cego em uma caixa de tâmaras. Depois conversaram comigo muito amavelmente e me recomendaram que alugasse sua cama para aquele porteiro do cabaré, o mesmo que acabou de expulsar, para que não tivesse medo de ficar aqui sozinha...

— Sempre tive azar com as autoridades, senhora Müllerová, logo verá quantos deles virão comprar cachorros — suspirou Švejk.

Não sei se os senhores que examinaram os arquivos policiais depois da derrubada do império austro-húngaro foram capazes de decifrar os seguintes códigos dos fundos secretos da polícia estatal: SB... 40 C, F... 50 C, L... 80 C, etc., mas não resta dúvida de que se equivocaram achando que se tratava das iniciais dos nomes de algumas pessoas que por 40, 50 e 80 coroas vendiam a nação tcheca à águia negro-amarela.

SB significa são-bernardo, FT fox-terrier, L leonberger... Bretschneider levou todos esses cães de Švejk à chefatura. Eram monstros asquerosos que não tinham absolutamente nada a ver com nenhum tipo de cão de raça pelo qual Švejk os fazia se passar para Bretschneider.

O são-bernardo era um cruzamento de poodle — que de puro não tinha nada — com vira-lata. O fox-terrier tinha orelhas de perdigueiro, corpo de dinamarquês e patas torcidas, como se tivesse sofrido de raquitismo. A cabeça do leonberger recordava a de um pinscher, tinha o rabo cortado, a altura de um bassê e o traseiro pelado como os famosos cachorros sem pelos americanos.

Depois, o detetive Kalous apareceu para comprar um cachorro e voltou com uma besta monstruosa que recordava uma hiena manchada, com cabeleira de pastor escocês. E no registro dos fundos secretos podia-se ler duas novas iniciais: DA... noventa coroas.

O monstro se fazia passar por um dogue alemão...

Mas nem mesmo Kalous conseguiu arrancar alguma coisa de Švejk; teve a mesma sorte de Bretschneider. Švejk desviava até mesmo as conversas políticas para o assunto do tratamento da cinomose canina e, apesar de recorrer aos mais mirabolantes estratagemas, Bretschneider acabava sempre levando outro monstro, resultado de um inacreditável cruzamento de raças.

E este foi o fim do célebre agente Bretschneider. Quando já tinha em seu apartamento sete daquelas bestas, se trancou com elas no quarto dos fundos e deixou-as sem comer durante tanto tempo que acabou sendo devorado.

Era tão nobre que poupou o tesouro público de ter despesas com o enterro.

Em seus papéis na chefatura, na coluna de promoções, foram escritas as seguintes palavras: “Devorado por seus próprios cães.”

Mais tarde, quando Švejk ficou sabendo daquele trágico acontecimento, disse:

— A única coisa que gostaria de saber é como farão para juntar todas as suas peças no dia do Juízo Final.

16 Trocadilho entre “coroa”, a moeda tcheca, e “Coroa”, o império. (N. do T.)

7
Švejk vai à guerra
Na época em que as florestas à margem do rio Raab na Galícia[17] testemunhavam a fuga do exército austríaco e as belas surras, há muito tempo merecidas, levadas pelas divisões do império na Sérvia, o Ministério da Guerra da Áustria também se lembrou de Švejk e reclamou que fosse ajudar o império a enfrentar seus problemas.

Quando recebeu a notícia de que, em uma semana, teria de se apresentar na ilha Střelecký para ser submetido aos exames médicos, Švejk jazia na cama, atormentado por um novo ataque de reumatismo.

Na cozinha, a senhora Müllerová lhe preparava o café.

— Senhora Müllerová — ouviu-se do quarto a voz débil de Švejk. — Senhora Müllerová, venha cá um momento!

Quando a senhora Müllerová estava ao lado da cama, Švejk repetiu com a mesma voz bem suave:

— Sente-se, senhora Müllerová.

Em seu tom havia algo misteriosamente solene.

Quando a senhora Müllerová se sentou, Švejk anunciou, erguendo-se na cama:

— Vou à guerra!

— Virgem Maria! — exclamou a senhora Müllerová. — E o que vai fazer?

— Vou combater — respondeu Švejk com voz fúnebre. — As coisas estão correndo muito mal para a Áustria. Por cima já penetram na Cracóvia e por baixo avançam pela Hungria. Estamos sendo surrados como centeio em todos os lugares e por isso fui chamado para a guerra. Ontem mesmo li no jornal que nuvens negras ameaçam nossa querida pátria.

— Mas o senhor não consegue nem se mexer!

— Não tem importância, senhora Müllerová, irei à guerra de carrinho. Lembra que o confeiteiro da esquina tem um? Há alguns anos usava-o para levar o avô paralítico a lugares onde pudesse respirar ar fresco. A senhora vai me levar à guerra naquele carrinho.

A senhora Müllerová começou a chorar.

— Eu não deveria ir correndo chamar um médico, senhor Švejk?

— Fique onde está, senhora Müllerová; minhas pernas estão totalmente saudáveis, posso encarar um canhão, e agora que a Áustria está em dificuldades até os mutilados devem saber qual é seu lugar. Continue preparando o café tranquilamente.

E enquanto a senhora Müllerová deixa o pó de café assentar, banhada em lágrimas e assustada, o bom soldado Švejk cantava na cama:

O general Windischgrätz e seus companheiros
Deflagraram a guerra quando o sol apareceu.
Hop, hop, hop!

Começaram a guerrear e também a gritar:
Que Jesus Cristo e a Virgem Maria venham nos ajudar.
Hop, hop, hop!

Sob a pressão daquele terrível canto de guerra, a senhora Müllerová, muito assustada, esqueceu o café. Trêmula e sobressaltada, ouvia o bom soldado Švejk continuar cantando:

Temos a Virgem Maria e as quatro pontes;
Onde estão vocês do Piemonte?
Hop, hop, hop!

A batalha aconteceu em Solferino,
O sangue corria pelos joelhos.
Hop, hop, hop!

O sangue pelos joelhos e a carne às carradas,
Ali batalhava a décima oitava.
Hop, hop, hop!

Rapazes, não fiquem aflitos,
Os carros da grana os acompanham.
Hop, hop, hop!

— Meu senhor, eu lhe imploro em nome de Deus — ouviu-se da cozinha a voz chorosa, mas Švejk concluiu seu canto de guerra:

Os carros da grana, as garotas ao lado,
Que companhia vale mais do que a décima oitava?
Hop, hop, hop!

A senhora Müllerová atravessou a porta e foi correndo chamar um médico. Ao voltar, depois de uma hora, Švejk estava cochilando.

Foi despertado por um sujeito gordinho que colocou a mão em sua testa e disse:

— Não tenha medo, sou o doutor Pávek de Vinohrady... Me mostre a mão... Coloque o termômetro embaixo do braço... Assim... Mostre a língua... Mais... Segure a língua... De que morreram o senhor seu pai e a senhora sua mãe?

E assim, em uma época em que Viena queria que todos os povos do império austro-húngaro dessem os melhores exemplos de fidelidade e lealdade, o doutor Pávek receitou brometo ao valente e bom soldado Švejk para combater seu entusiasmo patriótico e lhe recomendou que não pensasse na guerra.

— Fique na cama e mantenha a calma; voltarei amanhã.

No dia seguinte perguntou à senhora Müllerová, na cozinha, sobre o estado de saúde de seu paciente.

— Piorou, doutor — respondeu com sincera tristeza. — À noite teve um ataque de reumatismo e começou a cantar, me perdoe, o hino austríaco.

O doutor Pávek se viu obrigado a reagir à nova manifestação de lealdade do paciente aumentando a dose de brometo.

No terceiro dia, a senhora Müllerová lhe disse que Švejk estava piorando.

— Ontem à tarde, senhor, pediu que lhe trouxessem um mapa do campo de batalha e à noite delirava dizendo que a Áustria venceria.

— E está tomando os comprimidos de acordo com a receita?

— Ainda não, doutor, ainda não me mandou comprar os remédios.

Depois de ter dirigido a Švejk uma enxurrada de repreensões, o doutor Pávek foi embora afirmando que nunca mais aceitaria tentar curar uma pessoa que recusava ajuda médica, que teimava em não tomar bromato.

Faltavam apenas dois dias para que Švejk comparecesse perante a comissão de recrutamento.

Švejk aproveitou-os para tomar as providências indispensáveis. Antes de mais nada, pediu à senhora Müllerová que fosse comprar um quepe militar. Depois, que pedisse ao confeiteiro da esquina que lhe emprestasse o carrinho no qual carregava, para que tomasse ar fresco, o avô paralítico. Mais tarde lembrou-se de que precisava de muletas. Por sorte, o confeiteiro havia guardado as muletas do avô, como uma lembrança de família.

Só faltava uma coisa: o penacho de recruta, também providenciado pela senhora Müllerová, que emagrecera perceptivelmente durante aqueles dias e, aonde ia, ali também chorava.

E assim, em um dia memorável, as ruas de Praga testemunharam um caso comovente de lealdade. Uma anciã empurrava um carrinho no qual estava sentado um homem que usava um quepe militar com um distintivo metálico brilhante e agitava um par de muletas. Na jaqueta, resplandecia o penacho de recruta.

E aquele homem, agitando e agitando de novo as muletas, exclamava pelas ruas de Praga:

— A Belgrado! A Belgrado!

Seguia-o uma multidão que ia se somando a um grupo insignificante que se reunira diante da casa de onde Švejk saíra para ir à guerra.

Švejk pôde perceber que os guardas municipais, parados nos cruzamentos, o saudavam.

Na praça São Venceslau, a multidão que se agrupava em torno do carrinho que carregava Švejk aumentou em algumas centenas de cabeças e, na esquina da rua Krakovská, espancaram um estudante nacionalista alemão porque havia gritado para Švejk:

— Abaixo os sérvios!

Na esquina da rua Vodičkova a polícia montada interveio e dispersou a multidão.

Quando Švejk provou ao inspetor do distrito que tinha, preto no branco, uma ordem segundo a qual devia se apresentar naquele dia ao comitê de recrutamento, este ficou um pouco decepcionado. Para evitar incidentes, mandou que dois policiais a cavalo acompanhassem o carrinho de Švejk à ilha Střelecký.

O *Diário Oficial de Praga* publicou um artigo sobre o acontecimento:

O PATRIOTA ALEIJADO

Na tarde de ontem, os transeuntes das ruas principais de Praga testemunharam uma cena que demonstra, eloquentemente, que nesta época grande e séria também os filhos da nossa nação são capazes de oferecer os mais gloriosos exemplos de fidelidade e devoção ao trono do velho monarca. Foi como se estivéssemos de volta aos tempos dos antigos gregos e romanos, quando Mucius Scaevola se fez levar ao campo de batalha ignorando sua mão queimada. Um aleijado de muletas, transportado por sua velha mãe em um carrinho para enfermos, exibiu ontem os mais nobres sentimentos e o mais sagrado entusiasmo. Esse filho da nação tcheca, ignorando sua enfermidade, se fez levar à guerra, disposto a sacrificar sua vida e seus bens ao seu imperador. E o fato de seus gritos "A Belgrado!" terem ecoado vivamente nas ruas da nossa cidade é uma prova de que os cidadãos de Praga estão dando um belo exemplo de amor à pátria e à casa real.

O *Prager Tagblatt* se manifestou no mesmo tom, e concluiu o artigo dizendo que uma multidão de alemães acompanhou o voluntário mutilado que precisaram proteger com seus próprios corpos para evitar que fosse linchado pelos agentes tchecos das potências aliadas.

O *Bohemie* publicou a notícia, ao mesmo tempo em que convidava os leitores a recompensarem aquele patriota e anunciava que a administração do diário se encarregaria de receber os donativos dos cidadãos alemães destinados ao desconhecido.

Embora, de acordo com estes três artigos, a terra tcheca jamais tivera um filho mais nobre do que Švejk, os membros da comissão de recrutamento não eram da mesma opinião. Sobretudo Bautze, o médico militar sênior, um homem inabalável que dizia que aquilo tudo não passava de uma tentativa criminosa de se livrar da guerra, do front, das balas e dos estilhaços.

Esta sua frase, dita em alemão, ficou famosa: "Os tchecos não passam de um bando de farsantes."

Ao longo de dez semanas exercendo sua atividade, descobriu 10.999 farsantes entre 11.000 civis, e teria chegado ao undécimo milionésimo se, no momento em que gritara "Meia-volta!", aquele homem afortunado não tivesse morrido de um ataque do coração.

— Levem este farsante! — disse Bautze depois de constatar que o homem estava morto.

Naquele dia inesquecível, Švejk se apresentou diante dele nu, como todos os demais, escondendo pudicamente sua nudez com as muletas em que se apoiava.

— No paraíso não havia folhas de figo como esta — disse Bautze, sempre em alemão.

— Dispensado por imbecilidade — anunciou o sargento-mor, que folheava o expediente.

— E quais são seus outros problemas? — perguntou Bautze.

— Humildemente, sou reumático, mas servirei ao senhor imperador até que não me reste uma única gota de sangue — respondeu Švejk modestamente. — Meus joelhos estão inflamados.

Bautze dirigiu um olhar terrível ao bom soldado Švejk e gritou:

— Trata-se de um farsante! — E, inclinando-se para o sargento-mor, disse com uma calma glacial:

— Leve este malandro ao cárcere!

Dois soldados com baionetas conduziram Švejk ao cárcere da divisão.

Švejk se apoiava nas muletas e de repente se deu conta, horrorizado, de que seu reumatismo começava a desaparecer.

A senhora Müllerová, que o esperava no alto da ponte com o carrinho, ao ver que Švejk estava ameaçado pelas baionetas, começou a chorar e abandonou o veículo para sempre.

O bom soldado Švejk caminhava humildemente, acompanhado pelos armados defensores do Estado.

As baionetas brilhavam ao sol. Quando chegaram ao bairro de Malá Strana, Švejk parou diante do monumento a Radetzky e, dirigindo-se ao gentio que os acompanhava, exclamou:

— A Belgrado! A Belgrado!

Da torre de vigia de seu monumento, o marechal Radetzky acompanhava com os olhos o bom soldado Švejk, que se afastava com um penacho na jaqueta, mancando e apoiando-se nas velhas muletas, enquanto um indivíduo de aspecto grave explicava ao enxame de pessoas ao seu redor que estavam conduzindo um desertor.

17 Não confundir com a comunidade autônoma espanhola do mesmo nome. A Galícia em questão é uma região da Europa Central que fica ao norte dos Montes Cárpatos, ao leste da Polônia e ao norte e noroeste da Transilvânia e da Romênia. (N. do T.)

8
Švejk farsante

Naqueles tempos, os médicos militares faziam um esforço extraordinário para arrancar o diabo da sabotagem da alma dos farsantes e devolvê-los ao seio do exército.

Havia vários graus de tortura destinados aos farsantes e aos suspeitos de sê-lo, como os tísicos, os reumáticos, os doentes de hérnia, de fígado, dos rins, de tifo, os diabéticos, os pneumônicos e pessoas que padeciam de outros males.

A tortura a que os farsantes eram submetidos tinha base teórica, com seus graus correspondentes:

1. Jejum absoluto: uma xícara de chá de manhã e uma à noite durante três dias e ao mesmo tempo uma dose de aspirina para que suassem, sem distinção de enfermidade.

2. Quinina em pó, também chamada de "quinina para chupar", em fortes doses para que os farsantes não achassem que a guerra era moleza.

3. Duas lavagens estomacais por dia com um litro de água quente.

4. Clister com água saponácea e glicerina.

5. Colocar lençóis empapados com água fria em torno do corpo.

Algumas pessoas valentes passaram pelos cinco graus de tortura e acabaram sendo levadas em um féretro ao cemitério militar. Mas também apareceram alguns homens pusilânimes que, quando chegava a vez do clister, afirmavam que já estavam passando bem e ardiam de desejos de ir ao front com o primeiro batalhão.

Švejk foi levado do cárcere do quartel à enfermaria, onde os farsantes eram curados.

— Não aguento mais — disse o homem da cama ao lado, que acabara de chegar da enfermaria, onde fora submetido a uma segunda lavagem estomacal.

Aquele homem fingia que era míope.

— Amanhã parto para o front — resolveu o vizinho da esquerda, que acabara de ser submetido ao clister e fingia ser surdo como uma porta.

Na cama ao lado da porta agonizava um tísico envolto em um lençol empapado de água fria.

— Já é a terceira vez esta semana — observou o vizinho da direita. — E você, qual é seu problema?

— Tenho reumatismo — respondeu Švejk, provocando uma alegre risada geral. Riu até o tísico moribundo que fingia estar tuberculoso.

— Não me venha aqui com reumatismo — disse a Švejk um homem gordo —; aqui o reumatismo é mais ou menos a mesma coisa que uma frieira. Eu sou anêmico, não tenho metade do estômago, me faltam cinco costelas e ninguém acredita. Esteve aqui até um surdo-mudo; bem, durante duas semanas foi coberto a cada meia hora por um lençol molhado com água fria, recebeu clisteres todos os dias e seu estômago foi esvaziado. Todos os doentes achavam que havia vencido a batalha e que iria para casa, até que um dia o médico lhe receitou alguma coisa para vomitar. Como aquilo poderia rasgá-lo, enlouqueceu e deu para trás. "Não posso continuar fingindo que sou surdo-mudo", disse, "minha voz voltou e estou ouvindo tudo". Todos os doentes tentaram convencê-lo a não cavar seu próprio túmulo, mas ele insistia que falava e ouvia como todos os demais. E confessou tudo na visita matinal.

— Resistiu muito tempo — disse um homem que simulava ter uma perna dez centímetros mais curta do que a outra —, mas não como aquele que fingia ter tido um ataque de coração. Foram suficientes três doses de quinina, um clister e um jejum de vinte e quatro horas para acabar com sua resistência. Confessou tudo e antes que lhe fizessem uma lavagem estomacal perdeu qualquer lembrança do ataque cardíaco. O sujeito que resistiu mais tempo foi um que tinha sido mordido por um cão raivoso. Mordia, latia, fazia isso tudo maravilhosamente, mas de maneira nenhuma conseguia verter espuma pela boca. Nós o ajudávamos como podíamos. Às vezes lhe fazíamos cócegas durante uma hora antes da visita médica, até que passava a ter espasmos e adquiria uma tonalidade azul; mas, de espuma na boca, nem sinal. Era uma coisa terrível. Na manhã em que se rendeu, ficamos todos com pena. Ergueu-se como um pau ao lado da cama, bateu continência e disse: "Humildemente, senhor doutor, acho que o cachorro que me mordeu não estava raivoso." O médico o olhou de uma maneira tão feroz que todo o corpo do homem que havia sido mordido começou a tremer e ele continuou: "Humildemente, senhor médico, na verdade não fui mordido por nenhum cachorro; eu mesmo mordi minha mão." Depois dessa confissão, foi processado por ter mordido a própria mão para não ser obrigado a ir ao front.

— Todas as enfermidades que exigem que se verta espuma pela boca — disse o farsante gordo — são difíceis de simular. Como, por exemplo, a epilepsia. Aqui também tivemos um epilético que dizia que ter só um ataque era besteira e fingia quantas vezes fossem necessárias; conseguia simular até mesmo dez ataques por dia. Retorcia-se como se tivesse convulsões, fechava os punhos, arregalava os olhos, se debatia, mostrava a língua. Para resumir, lhe garanto que a epilepsia dele era de primeira, muito sincera. Mas de repente lhe apareceram uns furúnculos, dois no pescoço e dois nas costas, e foi obrigado a colocar um ponto final naquela coisa de se debater e cair no chão, pois não conseguia nem mexer a cabeça, nem se sentar, nem se deitar. Teve febre e confessou tudo durante a visita. E então nos fez sofrer de verdade porque ficou aqui com a gente mais três dias, durante os quais lhe deram uma dieta dupla: pela manhã, café e um pãozinho; no almoço, sopa e knedlík[18] com molho; e no jantar, sopa ou purê. Nós tínhamos que ficar olhando com os estômagos vazios, lavados e em jejum absoluto aquele homem engolir tudo, devorar a comida fazendo a língua estalar, resfolegar e arrotar de tão farto que estava. Aquele espetáculo levou três pacientes que diziam sofrer de insuficiência cardíaca a confessar.

— A coisa mais fácil de fingir é a loucura — interveio um dos farsantes. — Na sala ao lado estão dois professores. Um deles está sempre gritando, dia e noite: "A fogueira de Giordano Bruno ainda fumega, reabram o processo de Galileu!" O outro late, primeiro três vezes lentamente: au, au, au, depois cinco vezes depressa auuuuuuuuuuuuuu, e outra vez lentamente, e assim todos os dias. Eu no começo também queria me fazer de louco, fingir que era um fanático religioso e pregar sobre a infalibilidade do papa. Mas, por fim, um barbeiro da Malá Strana me proporcionou um câncer no estômago por quinze coroas.

— Eu conheço um limpador de chaminés de Břevnov — disse outro paciente — que por dez coroas lhe provoca uma febre que você fica a ponto de pular da janela.

— Isso não é nada — disse outro. — Em Vršovice há uma parteira que, por vinte coroas, desloca sua perna de uma maneira tão perfeita que você fica inválido pelo

resto de seus dias.

— Eu paguei cinco coroas para deslocar minha perna — disse uma voz procedente de uma das camas ao lado da janela. — Bem, cinco coroas e três chopes.

— Eu paguei mais de duzentas coroas pela minha doença — declarou seu vizinho, que parecia um trapo. — Digam o nome de qualquer veneno e não encontrarão um que eu não tenha tomado. Sou um armazém ambulante de venenos. Bebi líquidos corrosivos, respirei vapores de mercúrio, mastiguei arsênico, fumei ópio, bebi tintura de ópio, coloquei morfina no sanduíche, engoli estricnina, ingeri uma mistura sulfurosa de enxofre e ácido sulfúrico. Destruí meu fígado, os pulmões, os rins, a bílis, o cérebro, o coração, os intestinos. Ninguém sabe qual é minha doença.

— O melhor — comentou alguém perto da porta — é tomar uma injeção subcutânea de querosene no antebraço. Meu primo teve tanta sorte que cortaram seu braço abaixo do cotovelo e agora não o molestam mais com essa história de ir para a guerra.

— Vocês estão vendo — disse Švejk — quantas coisas temos de sofrer em nome do senhor imperador. Até lavagens de estômago e clisteres. Há alguns anos, quando estava fazendo o serviço militar, as coisas eram muito piores. Naquela época, amarravam um enfermo com cordas e o jogavam como se fosse um embrulho num buraco para que se curasse. Não havia, como aqui, beliches com colchões ou escarradeiras. Os doentes tinham que se deitar em um pedaço de madeira. Um deles estava com tifo de verdade e o do lado tinha sido atacado pela varíola negra. Os dois estavam amarrados no beliche e o médico militar chutava suas barrigas e gritava que eram farsantes. Mais tarde, quando esses dois soldados morreram, o assunto foi levado ao Parlamento e chegou aos jornais. Fomos proibidos imediatamente de ler jornais; chegaram a revistar nossas malas para ver quem tinha jornal. E, como eu sempre tive azar, não encontraram nenhum jornal em todo o regimento, mas encontraram os meus. Assim, pois, me levaram a juízo e nosso coronel, um safado, que Deus o tenha, começou a gritar para que eu ficasse reto; depois me perguntou quem havia escrito para o jornal e disse que, se não lhe contasse, quebraria minha cara de orelha a orelha e me deixaria apodrecer no cárcere. Apareceu também um médico militar, que plantou um punho diante das minhas narinas e gritou em alemão: "Cachorro maldito, sem-vergonha, desgraçado, canalha socialista!" Eu olhava para todos nos olhos com franqueza, sem piscar, com a mão direita na viseira e a esquerda na costura das calças. Corriam ao meu redor como cachorros, latiam para mim, e eu nada. Mantinha-me calado. Sempre na mesma postura: a mão direita na viseira e a esquerda na costura das calças. Durante longa meia hora ficaram desabafando assim, soltando fogo pelas ventas, e depois o coronel veio correndo e gritou: "Você é um imbecil ou não é um imbecil?" "Humildemente, senhor coronel, sou um imbecil." "Vinte e quatro dias de cárcere rigoroso por imbecilidade, dois jejuns semanais, um mês preso no quartel, quarenta e oito horas com algemas, imediatamente, sem comida e amarrado, para que veja que o erário não precisa de imbecis. Arrancaremos logo os jornais de sua cabeça à base de porrada, pilantra!", decidiu o senhor coronel depois de um longo sermão. Durante minha prisão, aconteceram coisas incríveis no quartel. O coronel proibiu os soldados de lerem qualquer coisa, nem mesmo o *Diário Oficial de Praga*, e na cantina foi proibido embrulhar qualquer coisa com jornais, nem mesmo salsichas e queijo. A partir de então, os soldados começaram a ler e nosso regimento se tornou o mais culto do exército.

Líamos todos os jornais e todos os companheiros escreviam canções contra o senhor coronel. E, quando acontecia alguma coisa no regimento, sempre havia na tropa um bom coração disposto a fornecer informações aos jornais sob o título "Soldados tiranizados". Mas isso não foi suficiente. Escreviam a Viena, aos deputados, para que investigassem a história, e estes apresentavam uma interpelação atrás de outra dizendo que nosso coronel era um animal e coisas parecidas. Um ministro enviou uma comissão para investigar o assunto e um tal de Franta Henčl de Hluboká foi condenado a dois anos porque se dirigira aos deputados de Viena por causa de um tabefe que o coronel lhe dera quando fazia exercícios. Mais tarde, depois que a comissão foi embora, o coronel enfileirou todo mundo. Disse que um soldado é um soldado, que deve calar a boca e obedecer mesmo que não goste de alguma coisa; caso contrário, estará cometendo um ato de insubordinação. "Vocês, canalhas, achavam que a comissão parlamentar iria ajudá-los. Mas ela cagou para vocês!", disse o coronel. "E, agora, quero que todas as companhias desfilem ao meu redor e repitam em voz alta o que eu disser." Bem, obedecemos e começamos a marchar, uma companhia atrás da outra, com a mão na correia do fuzil e gritando: "Nós, canalhas, achávamos que a comissão parlamentar nos ajudaria, mas ela cagou para a gente!" O senhor coronel ria segurando a barriga até que chegou a vez da 11ª Companhia desfilar. Marchou com passo firme, mas quando se aproximou do coronel não se ouviu nada, nem uma voz. O senhor coronel ficou vermelho como um galo e mandou que a 11ª Companhia desfilasse outra vez. Uma fila voltou a desfilar atrás da outra em silêncio, olhando o coronel nos olhos. "Descansar!", ordenou o coronel, e começou a andar pelo pátio de cima a baixo, dando chicotadas em suas botas e cuspindo; depois, de repente, parou e gritou: "Dispersar!", subiu no cavalo e saiu galopando. Esperamos, cheios de expectativas, para saber o que iria acontecer com a 11ª Companhia, e nadica de nada. Esperamos um dia, dois dias, uma semana e nada. O coronel nunca mais apareceu e até os oficiais ficaram muito contentes. Depois, ganhamos outro coronel; do anterior se dizia que fora internado em um sanatório porque havia escrito com sua própria mão uma carta ao senhor imperador denunciando que a 11ª Companhia havia se sublevado.

Chegou a hora da visita da tarde. O médico militar Grünstein ia de uma cama a outra; era seguido por um suboficial com um livro de registro.

— Macuna?

— Presente!

— Clister e aspirina! Pokorný?

— Presente!

— Clister e aspirina! Kot'átko?

— Presente!

— Lavagem estomacal e quinina!

E as coisas correram assim. Um atrás do outro foi sendo chamado, sem piedade, de forma mecânica, bruscamente.

— Švejk?

— Presente!

O doutor Grünstein olhou para a nova aquisição.

— O que o incomoda?

— Humildemente, tenho reumatismo.

Durante seus anos de prática, o doutor Grünstein se habituara a ser levemente irônico, coisa que tinha muito mais efeito do que gritar.

— Ah, reumatismo! — disse a Švejk. — Uma doença muito grave. É uma verdadeira casualidade ter um ataque de reumatismo quando está começando uma guerra mundial e precisa ir ao front. Eu acho que você deve estar muito triste.

— Humildemente, senhor doutor, estou muito triste.

— Ora, você está triste. É muito amável de sua parte que seu reumatismo tenha se lembrado da gente exatamente agora. Em tempos de paz um pobrezinho como você corre feito uma cabra, mas quando a guerra é deflagrada tem um ataque de reumatismo e os joelhos não o obedecem. Os seus joelhos não estão doendo?

— Humildemente, senhor, estão doendo.

— E não consegue dormir a noite inteira, não é verdade? O reumatismo é uma doença muito perigosa, dolorosa e grave. Aqui tivemos várias experiências com reumáticos. O jejum absoluto e outras terapias tiveram ótimos resultados. Aqui você ficará curado mais depressa do que se fosse tratado nas famosas termas eslovacas de Piešťany e quando marchar deixará a poeira para trás.

E, dirigindo-se ao suboficial do serviço de saúde, disse:

— Escreva: Švejk, dieta total, lavagem estomacal duas vezes ao dia, um clister diário e depois veremos o que acontece. Leve-o agora à enfermaria, lhe faça uma lavagem estomacal e, quando voltar a si, aplique-lhe um clister, mas daqueles, até que implore a todos os santos e o reumatismo se assuste e fuja.

E, dirigindo-se às outras camas, fez um discurso cheio de frases belas e sábias:

— Não acreditem que diante de vocês está um burro qualquer que pode ser enrolado a qualquer hora. Vocês não conseguirão me tirar do sério. Eu sei que são todos uns farsantes, que estão loucos para escapar do exército. E é por isso que estou falando com vocês. Eu sobrevivi a centenas de soldados iguais a vocês. Aqui, nessas camas, dormiram muitas pessoas às quais só faltava uma coisa: o espírito militar. Enquanto seus companheiros combatiam no front, achavam que iam ficar deitados na cama, comendo a comida do hospital e esperando a guerra terminar. Mas os malditos se enganaram, e vocês, malditos, também estão enganados. Dentro de vinte anos ainda gritarão quando estiverem dormindo e se lembrarem de que tentaram me enganar.

— Humildemente, senhor doutor — ouviu-se uma voz abafada que vinha de uma cama ao lado da janela —, eu já estou curado. À noite, percebi que não sou mais asmático.

— Seu nome?

— Kovařík, humildemente, senhor doutor. Deviam me aplicar um clister.

— Bem, ainda lhe aplicarão um para a viagem — resolveu o doutor Grünstein —, para que depois não vá se queixar de que não lhe demos remédios. Bem, agora todos os doentes que mencionei devem acompanhar o suboficial para receber o que cabe a cada um.

E cada um recebeu o remédio que lhe fora prescrito. Alguns tentaram convencer os enfermeiros com súplicas ou ameaçando-os com o argumento de que também entrariam para o serviço médico e que eles, então, cairiam em suas mãos, mas Švejk se comportou com valentia.

— Não me poupe — disse ao esbirro que lhe aplicava o clister —, lembre-se do seu juramento. Mesmo que aqui estiver deitado seu pai ou seu próprio irmão, aplique-lhe o clister sem pestanejar. Pense que a Áustria depende dos clisteres e a vitória será nossa.

Na manhã seguinte, durante a visita, o doutor Grünstein perguntou a Švejk se gostava do hospital militar.

Švejk respondeu que era uma instituição correta, de propósitos elevados. Como recompensa, recebeu o mesmo tratamento do dia anterior e, além disso, uma aspirina e três doses de quinina em pó que foi dissolvida em um copo de água para que a tomasse imediatamente.

Nem Sócrates bebeu seu veneno com tanta tranquilidade como Švejk, em quem o doutor Grünstein experimentava todo tipo de tortura.

Quando o enrolaram em um lençol empapado na presença do médico, Švejk respondeu à pergunta sobre o que achava daquele método:

— Humildemente, senhor. É como se estivesse em uma piscina ou em um balneário à beira-mar.

— Você ainda tem reumatismo?

— Humildemente, senhor. Ainda não me recuperei.

Švejk foi submetido a uma nova tortura.

Naquela época, a viúva de um oficial de infantaria, a baronesa Von Botzenheim, estava muito preocupada. Queria encontrar aquele soldado a respeito do qual o *Bohemie* publicara um artigo que dizia que ele, um mutilado, fora levado ao posto de recrutamento em um carrinho para inválidos no qual ia gritando: "A Belgrado!", manifestação de patriotismo que deu à redação do jornal a ideia de convidar os leitores a fazerem uma coleta em benefício do leal herói mutilado.

Mais tarde, ao perguntar na chefatura, soube que se tratava de Švejk e então tudo ficou muito fácil. A baronesa Von Botzenheim foi à prisão do Castelo com sua dama de companhia e um criado carregando uma cesta.

A pobre baronesa não podia nem imaginar o que significava alguém estar internado na prisão do hospital militar. Seu cartão de visita abriu as portas da prisão; no escritório, foi recebida com todo respeito, e depois de cinco minutos já sabia que *der brave Soldat Svejk*, por quem perguntava, estava internado no terceiro barracão, cama número 17. O perplexo doutor Grünstein acompanhou-a pessoalmente.

Švejk, sentado na cama depois de ter sido submetido à tortura diária prescrita pelo doutor Grünstein, estava cercado por um grupo de farsantes extenuados e famintos que ainda não haviam se rendido e travavam sua luta contra o doutor Grünstein no front de uma dieta total.

Se alguém os tivesse ouvido, teria achado que estava assistindo a uma reunião de uma confraria gastronômica em uma escola superior de culinária ou a uma aula de degustação.

— Pode-se comer até os gordurosos torresmos de boi, mas precisam estar quentes — dizia um sujeito que padecia de "gastrite crônica". — Quando a gordura ferve, basta apertá-los até que fiquem secos e depois salgá-los e apimentá-los. Posso lhes garantir que são melhores do que os torresmos de ganso.

— Ora — disse um homem com "câncer de estômago" —, não há nada melhor do que torresmo de ganso. Nem os de porco. Naturalmente, é preciso fritá-los

até que fiquem douradinhos, como fazem os judeus. Pegam um ganso bem gorduroso, tiram a gordura com a pele e a cozinham.

— Você sabe que está cometendo um grave erro com essa história de torresmos de porco? — observou o vizinho de Švejk. — Claro que estou falando dos torresmos de gordura caseira, daí que os chamem de torresmos caseiros. Não devem ficar nem marrons nem amarelos, mas sim em um estágio intermediário. Um torresmo não deve ficar nem muito mole nem muito duro. Não tem que ficar crocante, porque quando isso acontece é sinal de que passou do ponto. Deve se dissolver na língua, mas não pode dar a impressão de que a gordura está escorrendo pelo seu queixo.

— Quem de vocês já comeu torresmo de gordura de cavalo? — ouviu-se uma voz, mas ninguém respondeu, porque naquele momento estava entrando, correndo, o suboficial do serviço sanitário.

— Todo mundo na cama, que está vindo uma tal de arquiduquesa! Que ninguém tire seus pés sujos de debaixo da manta!

Nem uma arquiduquesa teria conseguido entrar em cena com solenidade semelhante à da baronesa Von Botzenheim. Acompanhava-a toda sua escolta, na qual não faltava nem o sargento-mor do hospital, que via naquela visita a mão secreta da inspeção que queria arrancá-lo do país incrível onde vivia para lançá-lo nos alambrados, ao alcance dos projéteis da primeira linha inimiga.

Estava pálido, mas o doutor Grünstein estava ainda mais. Diante de seus olhos, dançava o pequeno cartão de visita da baronesa com o título "Viúva de general" e tudo aquilo que poderia estar relacionado com ele: as influências, as conexões, as queixas, a transferência para o front e outras coisas terríveis.

— Aqui está o nosso Švejk — disse, mantendo uma calma artificial enquanto acompanhava a baronesa à cama do mencionado. — Comporta-se com extrema paciência.

A baronesa Von Botzenheim se sentou em uma cadeira que haviam colocado para ela ao lado da cama de Švejk e disse:

— Foldado tcheco, granve foldado, foldado ferido fer foldado falente, eu querer muito austríacos tchecos.

Enquanto isso, acariciava o queixo barbado de Švejk. E continuou:

— Eu lerrr todo na jornal, eu trrrazer nham, nham, fumar, beber, chupar, tcheco foldado grrrande foldado. Johann, venha cá! — acrescentou em alemão.

O criado, que, com sua barba eriçada, recordava o ladrão e assassino Babinsky, arrastou a cesta até a cama enquanto a dama de companhia da velha baronesa, uma senhora alta com o rosto choroso, se sentou na cama de Švejk e ajeitou o travesseiro de palha sob suas costas com a ideia fixa de que era isso o que se devia fazer com os heróis enfermos.

A baronesa começou a tirar os presentes da cesta. Uma dúzia de frangos assados embrulhados em fino papel cor-de-rosa e cada um amarrado com uma fita negro-amarela e duas garrafas de uma aguardente bélica com uma etiqueta que dizia "Deus castigue a Inglaterra!"; no verso, apareciam Franz Joseph e Wilhelm trocando um aperto de mãos como se estivessem batendo palmas ao ritmo de "Coelhinho sentado sozinho na sua toca, pobrezinho, o que há com você que não consegue pular...?", a canção infantil tcheca.

Depois tirou da cesta três garrafas de vinho para convalescentes e dois pacotes de cigarro. Espalhou tudo com elegância na parte vazia da cama, ao lado de Švejk, e pegou também um livro bem encadernado, intitulado *Histórias da vida do nosso monarca*, obra do benemérito redator-chefe da nossa oficial república da Tchecoslováquia, que adorava o velho Franz. Então apareceram na cama dois pacotes de chocolate com a mesma inscrição: "*Deus castigue a Inglaterra!*" e também com um retrato dos dois monarcas, o da Áustria e o da Alemanha. Mas nos chocolates não trocavam um aperto de mãos: haviam se tornado independentes e se davam as costas. Um presente muito bonito era uma escova de dentes com duas fileiras de cerdas e a inscrição "*Viribus unitis*"19 para que todo aquele que escovasse os dentes se lembrasse da Áustria. Havia também um estojo com apetrechos de manicure, um presente elegante e muito adequado para se ir à guerra e às trincheiras. Sobre a tampa estava gravado o desenho de um projétil explodindo e de um homem com um capacete que avançava de baioneta em riste e, embaixo, a inscrição em alemão: "Por Deus, o imperador e a pátria!" No pacote de biscoitos não havia nenhum desenho, mas sim alguns versos:

Österreich, du edles Haus,
steck deine Fahne aus,
lass sie im Winde weh'n,
Österreich muss ewig steh'n!

com a tradução tcheca no outro lado:

Áustria, pátria nobre,
Abra sua bandeira,
Para que tremule com alegria.
Viva para sempre, Áustria!

O último presente era um vaso com um jacinto branco.

Quando todos os presentes estavam espalhados na cama, a baronesa Von Botzenheim não conseguiu reprimir as lágrimas. Alguns dos farsantes estavam com água na boca. A dama de companhia da baronesa apoiava Švejk, também com os olhos cheios de lágrimas. Reinava um silêncio sepulcral que o bom soldado interrompeu bruscamente juntando as mãos e dizendo:

— Pai-nosso que estás no céu, santificado seja vosso nome, venha a nós o vosso reino... Perdão, senhora, não é exatamente isso, queria dizer outra coisa: Pai-nosso, pai dos céus, bendiga estes alimentos que usufruiremos graças à vossa generosidade. Amém!

Depois de ter pronunciado essas palavras, pegou um dos frangos que estavam em cima da cama e começou a devorá-lo diante do olhar estupefato do doutor Grünstein.

— Oh, como o soldadinho saboreia — disse em alemão a baronesa com entusiasmo no ouvido do doutor Grünstein. — Agora já deve estar são e pode ir ao front. Não sabe como me alegra que meu presente tenha sido tão oportuno!

Depois caminhou de uma cama a outra, distribuindo cigarros e bombons. Quando terminou a ronda, voltou a Švejk e acariciou seus cabelos, enquanto lhe dizia em alemão: "Deus o proteja!", e foi embora com todo seu séquito.

Antes que o doutor Grünstein, que saíra para acompanhar a baronesa, voltasse, Švejk distribuiu os frangos. Os pacientes os devoraram com tanta velocidade que, ao voltar, o doutor Grünstein só encontrou uma montanha de ossos limpos como uma pátena. A impressão que se tinha era que os frangos tinham caído vivos em um ninho de abutres e, depois de roídos, seus ossos tivessem ficado alguns meses expostos ao sol.

Até a aguardente bélica e as três garrafas de vinho haviam desaparecido. Os pacotes de chocolate e biscoitos também haviam se perdido nas barrigas dos pacientes. Alguém bebera até o frasco de esmalte para unhas que estava no estojo de manicure e mastigara a pasta de dentes que acompanhava a escova.

O doutor Grünstein ficou em posição de sentido e fez um longo discurso. Agora que a baronesa fora embora, uma pedra caíra de seu coração. A pilha de ossos roídos confirmou sua ideia de que todos os pacientes eram incorrigíveis.

— Soldados! — começou. — Se vocês fossem um pouco mais sensatos não teriam tocado em nada e teriam pensado: "Se comermos tudo, o doutor não acreditará que estamos gravemente enfermos." Com seu procedimento, demonstraram que não apreciam minha bondade. Eu lhes faço lavagens estomacais, aplico-lhes clisteres, me preocupo em mantê-los em jejum absoluto e vocês se saciam de novo. Querem ter uma indigestão? Pois se equivocam, porque, antes que seus estômagos comecem a digerir, eu os submeterei a uma lavagem tão rigorosa que se lembrarão dela até a morte e ainda contarão a seus filhos que haviam se fartado de frangos e de outras delícias, mas que nada permaneceu em seus estômagos nem um quarto de hora, porque foram bem lavados enquanto a comida ainda estava quente. De maneira que me sigam um atrás do outro e não se esqueçam de que não estão lidando com um idiota, mas com uma pessoa bastante mais esperta que todos vocês juntos. Além disso, lhes comunico que amanhã enviarei uma comissão de inspeção, porque faz muito tempo que se retorcem por aqui e nenhum de vocês pode estar tão doente assim se foram capazes, em cinco minutos, de se fartar como acabaram de fazer. Assim, pois, em marcha!

Quando chegou a vez de Švejk, o doutor Grünstein ficou observando-o e, recordando a misteriosa visitante, perguntou:

— Você conhece a baronesa?

— É minha madrasta — respondeu Švejk, calmamente. — Me abandonou quando era muito pequeno e agora acaba de me reencontrar...

O doutor Grünstein interrompeu-o secamente:

— Depois, também apliquem um clister em Švejk.

Naquela noite, a tristeza reinou em todos os beliches. Poucas horas atrás todos haviam enchido o bucho com comidas boas e saborosas e agora não tinham nada além de um chá ralo e uma fatia de pão para comer.

De uma cama que ficava ao lado da janela se ouviu a voz do número 21:

— Vocês acreditam, meus amigos, que eu gosto mais de frango frito do que de assado?

Alguém resmungou:

— Deem-lhe um cobertor!

Mas, depois daquele infeliz banquete, todos estavam tão debilitados que ninguém se mexeu.

O doutor Grünstein cumpriu sua ameaça. Na manhã seguinte se apresentou a célebre junta formada por vários médicos militares.

Iam, com expressão grave, de uma cama a outra e não se ouvia nada além de: "Mostre a língua!"

Švejk estirou a língua tão longe que em sua cara se desenhou uma máscara grotesca e seus olhos se fecharam.

— Humildemente, senhor doutor, mas minha língua não vai mais longe.

Depois destas palavras, Švejk e a junta mantiveram uma conversa interessante. Švejk afirmou que fizera aquela observação temendo que achassem que queria esconder a língua.

Depois desta explicação, as opiniões dos membros da junta sobre Švejk divergiram.

Uma metade assegurava em alemão que Švejk era "um sujeito estúpido", enquanto a outra afirmava que era um espertalhão que pretendia zombar dos militares.

— Só um trovão nos impedirá de pegá-lo! — gritou o chefe da junta, dirigindo-se a Švejk.

Švejk olhava a junta com a santa ingenuidade de uma criança inocente.

O médico militar sênior se aproximou muito de Švejk.

— Eu gostaria de saber em que você está pensando agora, idiota.

— Humildemente, senhor, eu nunca penso.

— Raios e trovões! — vociferou um dos membros da junta, fazendo o sabre tilintar. — Então você não pensa! E por que não pensa, seu elefante siamês?

— Humildemente, eu não penso porque os soldados foram proibidos de pensar. Quando estava fazendo o serviço militar, há alguns anos, no 91º Regimento, nosso capitão sempre dizia: "Um soldado não deve pensar sozinho. Seu superior pensa por ele. Quando um soldado começa a pensar, deixa de ser um soldado e vira um civil vulgar. Pensar não leva a..."

— Cale a boca — interrompeu-o furiosamente o chefe da junta. — Já tivemos notícias a seu respeito. O malandro quer nos fazer crer que é um idiota de verdade. Não, você não é nenhum idiota, Švejk; você é esperto, astuto, você é um pilantra, um impostor, um sem-vergonha, entendeu?

— Entendi, humildemente.

— Eu já lhe disse para calar a boca, não me ouviu?

— Humildemente, ouvi sim que devo calar a boca.

— Deus do céu, cale a boca então, pois eu lhe ordenei. Você sabe muito bem que não é permitido falar pelos cotovelos.

— Humildemente, sei que não é permitido falar pelos cotovelos.

Os médicos militares trocaram olhares e gritaram para o sargento-mor:

— Leve este homem à secretaria! — disse o chefe da junta médica, apontando Švejk. — Esperem ali o nosso informe. Na prisão militar esta conversa fiada vai passar. O sujeito está saudável como um peixe, apenas finge e ainda fala pelos cotovelos e zomba de seus superiores. Acha que estamos aqui para distraí-lo e que a guerra é uma brincadeira. No cárcere militar logo lhe ensinarão, Švejk, que a guerra não é uma festa.

Švejk foi para o escritório com o sargento-mor e, pelo caminho, começou a cantarolar:

Eu sempre achei
que a guerra era um brinquedinho,
que logo voltaria para casa,
que duraria bem pouquinho.

E, enquanto na secretaria os oficiais de serviço diziam aos gritos a Švejk que homens como ele deveriam ser fuzilados, no quarto do hospital a junta ia se livrando dos impostores. De setenta pacientes, só dois se salvaram: um que tivera uma perna arrancada por uma granada e outro com um câncer verdadeiro.

Aqueles dois foram os únicos que não ouviram a palavra "Apto!". Todos os outros, inclusive os três tísicos moribundos, foram considerados capacitados para ir ao front. O médico-chefe não deixou escapar a oportunidade de pronunciar um discurso a respeito disso.

Sua alocução era entremeada por insultos variados e seu conteúdo, bastante pobre. Todos eram uns néscios e uns porcos e só se lutassem com bravura pelo senhor imperador poderiam se reintegrar à sociedade humana, e só assim, finda a guerra, poderia lhes ser perdoado o fato de terem tentado fugir do exército simulando doenças. Também deixou bem claro que ele pessoalmente não tinha nenhuma esperança e acreditava que todos acabariam na forca.

Um jovem médico militar, de alma pura e ainda imaculada, pediu permissão a seu superior para que o deixasse falar. Seu discurso se diferenciava do anterior pelo otimismo e pela ingenuidade.

Ficou falando durante um bom tempo em alemão, e salientou que todos aqueles que abandonavam o hospital para incorporar-se ao exército tinham a obrigação de ser cavaleiros vitoriosos. Ele, pessoalmente, estava convencido de que todos se comportariam com destreza no campo de batalha e com honradez tanto em relação aos assuntos bélicos como aos pessoais, que seriam guerreiros imbatíveis, que recordariam a glória de Radetzky e do príncipe Eugène de Savoy. Que adubariam, com seu sangue, os vastos campos em honra da monarquia e que levariam a termo a tarefa que a história lhes reservara. Com audácia ardente e menosprezando sua própria vida, sob as bandeiras de seu regimento esburacadas pelos tiros, avançariam em direção a novas glórias e a novos triunfos.

Mais tarde, enquanto caminhava pelo corredor, o médico sênior disse ao jovem ingênuo:

— Estimado colega, posso lhe assegurar que tudo isso é inútil. Nem Radetzky nem o príncipe de Savoy conseguiriam transformar canalhas como esses em soldados. Tratá-los como anjos ou demônios dá no mesmo. Formam uma quadrilha.

18 Prato nacional tcheco. Massa de farinha que é cozida em água e servida com todo tipo de molho. Também pode envolver frutas, como pêssego e ameixa. (N. do T.)
19 "Forças unidas", lema do imperador Franz Joseph. (N. do T.)

9
Švejk na prisão militar

O último recurso daqueles que não queriam ir à guerra era a prisão militar. Conheci um professor que não queria atirar porque era matemático, de maneira que roubou o relógio de um tenente para que o trancafiassem na prisão militar. Fez isso depois de ter pensado muito. A guerra não o atraía nem entusiasmava. Disparar contra o inimigo e matar outros professores de matemática tão infelizes como ele parecia uma estupidez.

"Não quero ser malvisto por cometer atos brutais", pensou, e, com toda a tranquilidade do mundo, roubou o relógio. Primeiro, examinaram seu estado mental, mas quando declarou que queria ficar rico foi mandado para a prisão militar. Havia muita gente presa por roubo ou estelionato. Idealistas e não idealistas, pessoas que viam a guerra como uma fonte de receitas, assim como vários auxiliares de contabilidade que, tanto na retaguarda como no front, haviam cometido todo tipo de fraude com as provisões e os pagamentos; também havia pequenos ladrões, mil vezes mais honrados do que aqueles que os haviam mandado para aquele lugar. Havia também soldados acusados de delitos puramente militares: insubordinação, tentativa de rebelião, deserção etc. Os políticos detidos formavam um grupo à parte: oitenta por cento eram absolutamente inocentes, mas, apesar disso, desta porcentagem costumavam condenar noventa por cento.

O aparato de auditores era magnífico. Um aparato como aquele só podia existir em um Estado em decadência generalizada: política, econômica e moral. Os tribunais, a polícia e a escória dos dedos-duros eram mantidos pelo esplendor do antigo poder e da antiga glória.

Em cada corpo militar, a Áustria tinha seus espiões que denunciavam seus companheiros, os mesmos com quem dormiam nos beliches e com quem compartilhavam o pão durante as marchas.

A Segurança do Estado também fornecia material à prisão militar: exemplo disso eram os senhores Klíma, Slavíček & Cia. A censura militar contribuía com os autores da correspondência que aqueles que estavam no front mantinham com quem ficara em casa, desesperado. Os gendarmes encarceravam até os velhos aposentados que enviavam cartas ao front; por qualquer palavra de consolo ou queixa da penúria que estavam passando em casa, o tribunal militar os condenava a doze anos de prisão.

Da prisão militar do Castelo saía uma estrada que, atravessando Břevnov, levava ao campo de treinamento de Motol, onde eram realizados os fuzilamentos. O cortejo consistia em um homem com as mãos acorrentadas, acompanhado de alguns soldados, seguido por um carro com um caixão. Depois, no campo de treinamento de Motol, se ouvia uma breve ordem em alemão: "Fogo!" E depois, em todos os regimentos e batalhões, eram lidas ordens do dia segundo as quais tinham acabado de fuzilar mais um homem acusado de rebelião, que um capitão havia dado um golpe de sabre na mulher de um condenado porque ela não conseguira se afastar do marido e coisas assim.

Na prisão militar havia uma trindade formada pelo carcereiro Slavík, o capitão Linhart e o sargento-mor Řepa, apelidado de O Verdugo, que cumpriam sua missão com todo o entusiasmo. Quantos haviam matado a pancadas! É possível que o capitão Linhart ainda seja capitão nos dias de hoje, na República. Espero que os anos que passou no presídio militar sejam levados em conta quando for se aposentar, como aconteceu com Slaviček e Klíma, que eram membros da Segurança do Estado. Řepa

abandonou o exército e trabalha como mestre de obras. É possível que seja membro de alguma associação patriótica tcheca.

O carcereiro-chefe Slavík foi preso já na República como ladrão e atualmente está na prisão. O coitado não teve a mesma sorte de outros senhores militares.

É completamente compreensível que, ao receber Švejk, o carcereiro-chefe Slavík tenha lhe dirigido um olhar cheio de reprovações tácitas:

— Você deve ter uma reputação péssima para ter decaído tanto, a ponto de chegar aqui! Logo adoçaremos sua estada, amigo, como a de todos que caíram em nossas garras, e lhe garanto que as nossas não são, em absoluto, as mãos finas de uma senhorita!

E depois, para dar mais intensidade ao seu olhar, plantou seu punho musculoso e gordo diante das narinas de Švejk e disse:

— Cheire, patife!

Švejk cheirou e observou:

— Não gostaria que isso atingisse meu nariz. Tem cheiro de cemitério.

As palavras serenas e judiciosas de Švejk agradaram o carcereiro.

— Eh! — disse enquanto dava um soco na barriga de Švejk. — Sentido! O que tem nos bolsos? Se são cigarros, pode guardá-los, mas me dê o dinheiro que tiver para que não o roubem. Não tem mais? É verdade? Não minta, as mentiras são castigadas!

— Onde devemos colocá-lo? — perguntou o sargento-mor Řepa.

— Vamos levá-lo para a 16 — decidiu o carcereiro —, ficará com aquele pessoal que está de cuecas. Você não leu o que diz o informe do capitão Linhart: "Vigiar rigorosamente!" Sim, sim — continuou se dirigindo a Švejk —, os infelizes devem ser tratados como infelizes. Quando alguém protesta, não o levamos à cela; quebramos suas costelas e o deixamos estirado em algum lugar até que bata as botas. Temos pleno direito a isso. Řepa, você se lembra do que fizemos com aquele açougueiro?

— Que trabalho aquele homem nos deu! — respondeu Řepa com ar sonhador. — Que corpo! Tive de chutá-lo durante cinco minutos para que suas costelas começassem a se quebrar e cuspisse sangue pela boca. E viveu ainda mais dez dias. Um sujeito muito difícil.

— Você viu, pilantra, como as coisas funcionam aqui quando alguém protesta ou tenta fugir? — disse o carcereiro Slavík, concluindo seu discurso pedagógico. — Trata-se de um suicídio, que aqui também é castigado. Deus o livre de se queixar de alguma coisa quando vier a inspeção, infeliz! Quando se apresentarem e perguntarem: "Tem alguma queixa?", então você, canalha, ficará em posição de sentido, baterá continência e responderá: "Humildemente, não tenho, estou absolutamente tranquilo." O que você dirá, seu porco? Repita!

— Humildemente, não tenho, estou absolutamente tranquilo — repetiu Švejk com uma expressão tão amável que o carcereiro a considerou uma mostra de boas intenções e honradez.

— Bem, tire a roupa, fique de cueca e vá para a 16 — disse com calma sem acrescentar canalha, infeliz e fedorento, como sempre fazia.

Na cela 16, Švejk encontrou dezenove homens sem calças. Eram aqueles em cujo expediente constava a observação: "Vigiar rigorosamente!" e eram objeto de uma vigilância estrita para que nenhum deles tentasse fugir.

Se as cuecas estivessem limpas e não houvesse grades nas janelas, à primeira vista a cela pareceria o vestiário de uma casa de banhos.

O sargento-mor Řepa entregou Švejk ao xerife da cela, um homem barbudo com a camisa desabotoada. Anotou o nome de Švejk num pedaço de papel pregado na parede e disse:

— Amanhã teremos teatro. De manhã, seremos levados à capela para assistir ao sermão. Estaremos todos de cueca e ficaremos em pé diante do púlpito. Você vai se divertir.

Como em todos os cárceres e penitenciárias, a capela da prisão militar também era muito popular. Não é que os presos tivessem se aproximado de Deus graças a uma das visitas obrigatórias à capela da prisão, ou que ali se ministrassem aulas de moral aos detidos. Não se pode nem imaginar semelhante besteira.

A missa e o sermão eram as melhores maneiras de se distrair do tédio da cela. Não se tratava de se aproximar de Deus, mas da esperança de encontrar no caminho a guimba de um cigarro ou de um charuto. Sem dúvida nenhuma, Deus era suplantado por uma pequena guimba de cigarro atirada em uma escarradeira ou em um canto empoeirado. Aquele pequeno objeto fedorento era mais importante do que Deus e a salvação da alma.

E depois aquele sermão, aquela animação, aquela diversão! O capelão militar Otto Katz era um sujeito muito divertido. Seus sermões eram engraçados, cômicos, uma oportunidade de se entreter no meio do tédio da prisão militar. Sabia explorar tão bem a infinita graça divina, edificar espiritualmente os detidos selvagens e os homens sem honra! Era um mestre consumado em blasfemar, estivesse no púlpito ou no altar. E como sabia vociferar bem seu "*Ite, missa est*!". Conduzia o serviço de uma maneira muito original, alterando a ordem habitual da missa e, quando estava muito bêbado, inventava novas orações e uma nova liturgia, um ritual próprio, como não havia em lugar nenhum.

E depois aquela diversão, quando escorregava e caía com o cálice, com o santo sacramento e com o missal, e trovejava com sua voz estentórea acusando o coroinha — um dos presos — de ter lhe dado uma rasteira; em seguida o algemava e mandava para a solitária. A vítima se alegrava porque isso fazia parte da festa da capela da prisão; ele tinha um papel importante na comédia e o interpretava com dignidade.

O capelão militar Otto Katz, o mais perfeito dos sacerdotes militares, era judeu. Isso também não era de se estranhar. O arcebispo de Olomouc, Theodor Kohn, também era judeu e, ainda por cima, era amigo de Josef Machar, o escritor e poeta tcheco famoso por suas posições anticlericais.

O capelão militar Otto Katz tinha um passado ainda mais pitoresco que o do famoso arcebispo Kohn.

Havia estudado na Escola de Comércio e serviu durante um ano como voluntário. Destacara-se tanto como especialista em direito comercial e letras de câmbio que, em um ano, conseguira levar a empresa Katz & Cia. a uma falência tão magnífica e tão vantajosa que o velho senhor Katz, seu pai, depois de ter feito um acordo com seus credores sem que estes nem seu sócio — que emigrara para a Argentina — ficassem sabendo, foi obrigado a fugir para a América do Norte.

Dessa maneira, o jovem Otto Katz, depois de ter obsequiado desinteressadamente as Américas do Norte e do Sul com a empresa Katz & Cia., se viu na situação de um homem que não tinha nada a herdar, que não tinha onde encostar a cabeça e que precisava se alistar no exército.

Mas, antes, o voluntário Otto Katz teve uma ideia magnífica: se fez batizar. Voltou-se para Cristo, a fim de que o ajudasse a fazer carreira. Dirigiu-se a Ele acreditando piamente que se tratava de uma transação comercial entre ele e o Filho de Deus.

Foi batizado solenemente no mosteiro Emaús de Praga. O padre Alban20 em pessoa o banhou na pia batismal. Foi um espetáculo maravilhoso, assistido por um piedoso capitão do regimento onde Otto Katz servira, uma velha senhora de uma escola para senhoritas nobres do castelo de Hradčany e um representante bochechudo do consistório no papel de padrinho.

O teste para oficial a que foi submetido correu bem e o novo cristão Otto Katz ficou no exército. No começo, tinha a impressão de que tudo daria certo e até pensou em estudar e seguir a carreira militar.

Mas um dia se embebedou e foi parar no claustro, trocando o sabre pelo hábito. O arcebispo do castelo de Hradčany o admitiu e Katz ingressou no seminário. Na vigília de sua ordenação, tomou um porre extraordinário em uma casa elegante com serviços femininos da rua Vejvodova e depois da festa e do turbilhão de prazeres foi receber diretamente as ordens sagradas. Depois de se consagrar, se dirigiu a seu regimento à procura de recomendações; uma vez nomeado capelão militar, comprou um cavalo e começou a cavalgar pelas ruas de Praga e a participar alegremente de todas as bebedeiras dos oficiais de seu regimento.

No corredor da casa onde vivia, frequentemente se ouviam maldições de credores insatisfeitos, que também visitavam a guarnição. Vira e mexe, levava para lá garotas de rua ou mandava seu ordenança ir buscá-las. Adorava jogar cartas e corriam rumores de que trapaceava, embora ninguém fosse capaz de descobrir quando tinha escondido um ás nas largas mangas da sotaina militar. Nos círculos oficiais era chamado de santo padre.

À diferença de seu antecessor no presídio militar, nunca preparava os sermões. Seu predecessor estava convencido de que, à força de predicar, era possível corrigir as almas dos detidos. Aquele honorável capelão revirava os olhos piedosamente e explicava aos prisioneiros que era necessário levar a cabo uma reforma da assistência às prostitutas e às mães solteiras; também se espraiava sobre a educação de filhos ilegítimos. Seus sermões eram abstratos e, como não tinham nenhuma relação com a situação vigente, eram aborrecidos.

No entanto, todos esperavam com muitas expectativas os sermões do capelão Otto Katz.

O momento em que os ocupantes da cela número 16 chegavam à capela, todos de cueca, era marcado por uma grande solenidade. Se tivessem mandado que se vestissem, teriam corrido o risco de que algum conseguisse escapar. As vinte cuecas se postavam diante do anjo, embaixo do púlpito. A alguns a sorte sorria e escondiam na boca as guimbas que haviam encontrado pelo caminho porque, logicamente, não tinham bolsos onde pudessem escondê-las.

Eram cercados pelo resto dos presos, que se divertiam com o espetáculo das vinte cuecas sob o púlpito, ao qual subia o capelão militar, fazendo tilintar as esporas.

— Atenção! — exclamava —, rezem todos, repitam o que eu disser. E você aí atrás, não faça barulho com as mãos, animal! Está no templo de Deus, mandarei prendê-lo! Será que vocês, seus bastardos, esqueceram o Pai-Nosso? Vamos experimentar... Claro, eu imaginava que não ia funcionar. A única coisa que querem é engolir a dupla ração de carne com vagem, saciar-se, desabar de barriga no beliche, futucar o nariz e não pensar em Deus, não estou dizendo a verdade?

Observava do púlpito os vinte anjos brancos de cuecas, que se divertiam tanto ou mais do que ele. No fundo da sala, alguns presos brincavam de sardinha! Sim, sim, aquela brincadeira infantil cruel que consiste em bater com força com dois dedos esticados no braço ou nas nádegas do outro.

— Isto é muito bom — disse Švejk ao ouvido do vizinho, suspeito de ter, por três coroas, cortado três dedos da mão de um companheiro para que pudesse abandonar o serviço militar.

— O melhor virá agora — foi a resposta —, hoje está bêbado como um gambá; certamente fará um discurso sobre o espinhoso caminho do pecado.

De fato, naquele dia o capelão estava com um humor magnífico. Ele mesmo não sabia por que o fazia, mas se inclinava constantemente para a frente; em mais de uma ocasião esteve a ponto de perder o equilíbrio e cair.

— Cantem alguma coisa, rapazes! — disse, olhando para baixo. — Ou querem que lhes ensine uma nova canção? Cantem comigo, então:

Entre todas as mulheres,
A mais amada é a minha namorada.
Amantes tem milhares,
Com todos é complacente.
Quem é a minha namorada?
A Virgem Maria, é evidente.

— Corja de burros! Vocês jamais aprenderão! — continuou o capelão militar. — Na minha opinião, todos deveriam ser fuzilados! Estão entendendo bem? Eu afirmo isso deste lugar sagrado, seus porcos, porque Deus não tem medo de vocês, pelo contrário, Deus os conduzirá pelo caminho da amargura até que fiquem tontos, porque ao invés de se dirigir a Cristo preferem o caminho espinhoso do pecado.

— Está inteiramente bêbado; agora é que vão ser elas — disse alguém ao ouvido de Švejk.

— O caminho espinhoso do pecado, seus meninos idiotas, é o caminho da luta contra os vícios. Vocês são filhos pródigos que preferem se revirar na solitária a se dirigir ao Santo Pai. Dirijam o olhar à altura dos céus e vencerão, a paz se estabelecerá em suas almas, seus malandros. Pare de assoar o nariz, sim, estou falando com você, que está ali atrás; você não é um cavalo e não está em um estábulo, está no templo de Deus. Entendido? Eu estou avisando, meus queridinhos. Vamos ver, onde parei? Ah, sim, na paz da alma, muito bem... Lembrem-se, seus porcos, que vocês são pessoas e que devem olhar através das trevas para se dar conta de que aqui tudo é temporal enquanto Deus é

eterno. Está bem, não é mesmo, senhores? Eu teria de rezar por vocês dia e noite, bando de idiotas, para que o Deus misericordioso vertesse Sua alma em seus corações, patifes, para que fossem seus até a eternidade e para que os amasse. Mas estão enganados. Eu não os levarei ao paraíso. — O capelão arrotou. — Não os levarei ao paraíso — repetiu teimosamente —, não farei nada por vocês porque são todos uns safados incorrigíveis. A bondade de Deus não lhes mostrará o caminho, a luz divina não os iluminará, porque não passaria pela cabeça do bom Deus se ocupar de uns sem-vergonha como vocês. Você, que está aí embaixo de cueca, ouviu?

Vinte cuecas levantaram os olhos e disseram em uníssono:

— Humildemente, ouvimos.

— Não basta apenas ouvir as trevas da vida — continuou o capelão com seu sermão. — O sorriso de Deus não os libertará da dor, seus idiotas, porque a bondade divina também tem seus limites. E você aí atrás, seu burro, pare de tossir ou farei com que o deixem trancafiado até o dia do juízo final. E vocês aqui embaixo, não pensem que estamos num botequim. Deus é infinitamente misericordioso, mas só com as pessoas decentes e não com os dejetos da sociedade humana que não se regem por suas leis nem tampouco pelo regulamento militar. É isto que eu queria lhes dizer. Vocês não sabem rezar e acham que vir à capela é uma farra, acham que isso aqui é um teatro ou um cinema. Mas eu vou arrancar isso de suas cabeças, para que não pensem que estou aqui para diverti-los e dar-lhes a alegria da vida. Mandarei trancá-los na solitária, eu lhes prometo, canalhas! Estou perdendo meu tempo com vocês e vejo que tudo é inútil. Nem mesmo se estivesse aqui o marechal de campo em pessoa ou o arcebispo vocês melhorariam, se dirigiriam a Deus. Mas um dia se lembrarão de mim, se darão conta de que eu tinha as melhores intenções com vocês.

No meio das vinte cuecas foram ouvidos soluços: Švejk estava chorando.

O capelão olhou para baixo. Švejk, cercado por um grupo de alegres companheiros, enxugava as lágrimas com os punhos.

O capelão continuou, apontando Švejk:

— Todos deviam seguir o exemplo desse homem. O que está fazendo? Chorando. Não chore, estou lhe dizendo, não chore! Quer se redimir? Não será fácil, meu filho. Agora está chorando, mas depois que voltar para a cela vai continuar tão sem-vergonha como antes. Ainda terá que refletir muito sobre a infinita misericórdia e a graça divina, que se preocupar infinitamente para que sua alma pecadora encontre nesse mundo o caminho apropriado, aquele que deverá trilhar. Hoje vimos um homem chorando porque quer mudar, e o que os outros fizeram? Absolutamente nada. Aquele ali masca alguma coisa como se seus pais fossem ruminantes, e os que estão ao seu lado procuram no templo de Deus piolhos na camisa. Não podem se coçar em casa? Têm de se coçar precisamente aqui, durante a missa? Carcereiro, você também não liga para nada. Ora, todos vocês são soldados e não civis vulgares! Devem se comportar direito, como cabe aos soldados. Estão em uma igreja! Comecem, pelo santo crucifixo, a procurar Deus, e catem os piolhos em casa! Com isso termino, infelizes, e lhes peço que durante a missa se comportem como pessoas educadas e que não aconteça como na última vez, quando os que estavam lá atrás trocaram a roupa fornecida pelo governo por um pedaço de pão e o comeram durante a elevação.

O capelão desceu do púlpito e se dirigiu à sacristia, seguido pelo carcereiro. Depois de um tempo, o carcereiro se aproximou de Švejk, afastou-o do grupo das vinte

cuecas e levou-o à sacristia.

O capelão estava sentado comodamente em cima da mesa e enrolava um cigarro.

Quando Švejk entrou, lhe disse:

— Então você está aqui. Eu já refleti sobre isso tudo e percebi direitinho aonde você quer chegar. É a primeira vez que alguém chora aqui na minha igreja.

Pulou da mesa e, sacudindo Švejk pelos ombros, gritou embaixo de um grande quadro melancólico de São Francisco de Sales:

— Confesse, seu podre, que só chorou para se divertir!

São Francisco de Sales dirigiu um olhar de interrogação a Švejk. De outro quadro, um mártir com o olhar extraviado seguia Švejk; em suas nádegas repousavam os dentes de um serrote. O rosto do mártir não exibia nem a dor da tortura nem a extática beatitude dos mártires, mas apenas o desconcerto de alguém que não sabe o que estão fazendo com ele nem por quê.

— Humildemente, senhor capelão — disse Švejk deliberadamente, apostando tudo em uma única carta —, confesso diante de Deus Todo-Poderoso e diante do senhor, reverendíssimo padre, Seu substituto, que na verdade fingi. Percebi que em seu sermão faltava um pecador arrependido e que o senhor o procurava em vão. Por isso achei oportuno lhe dar o prazer de ver que ainda existe gente honrada e conceder a mim mesmo a felicidade de fazer uma brincadeira para que me sentisse mais leve.

O capelão observou com atenção o rosto simples de Švejk. Raios de sol brincavam no quadro melancólico de São Francisco de Sales e aqueciam o aturdido mártir da parede da frente.

— Estou começando a gostar de você — disse o capelão, voltando a se sentar em cima da mesa. — Qual é seu regimento? — disse, começando a ter um ataque de soluço.

— Humildemente, senhor capelão, pertenço e não pertenço ao 91º Regimento. Não tenho a menor ideia do que está acontecendo comigo.

— E por que foi preso? — perguntou o capelão sem parar de soluçar.

Da capela chegavam os sons do harmônio que substituíra o órgão. O músico, um maestro que fora preso por deserção, tocava os mais tristes cantos litúrgicos. Suas notas, alternadas com os soluços do capelão, se fundiam e formavam uma escala dórica bastante original.

— Humildemente, senhor, não sei mesmo por que estou preso aqui e por que não reclamo de estar preso aqui. Tenho azar. Eu só tenho bons pensamentos, mas tudo acaba se virando contra mim, como aconteceu com o mártir daquele quadro.

O capelão militar olhou o quadro e sorriu ao dizer:

— Gosto de você, de verdade; pedirei ao juiz militar que me dê informações a seu respeito. Por ora é suficiente. Quero tirar essa maldita missa do meu pescoço! Caia fora!

Švejk voltou ao grupo das cuecas, que continuava embaixo do púlpito, e respondeu laconicamente às perguntas sobre o que o capelão queria.

— Está de porre.

O novo espetáculo do capelão, a Santa Missa, era acompanhado por todos com muita atenção e indisfarçável simpatia. Um dos homens que estavam embaixo do

púlpito chegou a apostar toda sua ração de pão contra um par de bofetadas que o cibório cairia de suas mãos. E ganhou a aposta.

Não era o misticismo dos crentes nem a piedade dos verdadeiros católicos o que inspirava as almas de todos; era aquela sensação que experimentamos no teatro quando não conhecemos o argumento da obra, a trama se enreda e esperamos com impaciência para ver o que acontecerá com tudo aquilo. Os prisioneiros submergiram no espetáculo que, com grande abnegação, o capelão lhes oferecia no altar.

Entregaram-se ao prazer estético da contemplação da casula que o capelão vestira pelo avesso e observavam tudo que acontecia no altar com profunda compreensão e fervor.

Um coroinha ruivo que desertara dos círculos eclesiásticos, especializado em cometer pequenos furtos no 28º Regimento, tentava se lembrar de toda a liturgia, da técnica e do texto da Santa Missa. Era ao mesmo tempo coroinha e ponto do capelão, que confundia frases inteiras com uma indiferença absoluta. Chegou a ler no missal, ao invés da Missa comum, a Missa do Advento, e para a alegria de todos começou a cantar.

Não tinha nem voz nem ouvido musical e sob a abóbada da capela se ouviram uivos e gritos que recordavam uma pocilga.

— Hoje está inteiramente de porre — comentavam diante do altar com plena satisfação. — Inteiramente. Deve ter se embebedado em algum lugar com as garotas.

Pela terceira vez se ouviu do altar o canto do capelão militar, "*Ite, missa est!*". Parecia um grito de guerra de índios. Até as janelas tremeram.

Depois, o capelão militar olhou de novo para o cálice querendo confirmar se por algum milagre havia restado uma gota de vinho, fez um gesto mal-humorado e se dirigiu aos ouvintes:

— Patifes, já podem ir para casa, terminamos. Notei que vocês não manifestaram a verdadeira piedade que teriam de sentir por estarem na igreja na presença do Santíssimo Sacramento, seus vagabundos. Vocês não têm vergonha de rir alto, fazer ruídos com os pés, tossir e escarrar diante de mim, que estou aqui representando a Virgem Maria, Jesus Cristo e Deus Pai, seus imbecis? Se isto se repetir na próxima vez, tratá-los-ei como merecem para que saibam que não há apenas um inferno, aquele do qual lhes falei na penúltima vez, mas que também há um inferno na terra, e, mesmo que quisessem escapar do primeiro, deste segundo não conseguirão fugir! Caiam fora!

Depois de ter exercido tão maravilhosamente a antiquíssima missão de visitar prisioneiros, foi para a sacristia, se trocou, pediu que lhe servissem um pouco do vinho de missa da garrafa, bebeu-o com a ajuda do coroinha e subiu no cavalo, amarrado no pátio. De repente se lembrou de Švejk, apeou e se encaminhou à sala do auditor Bernis.

O auditor Bernis gostava da vida social, era um bom dançarino e uma pessoa depravada. Morria de tédio e se distraía escrevendo, em seu diário, versos românticos em alemão para ter um estoque ao qual pudesse recorrer em caso de necessidade. Era o elemento mais importante de todo o aparelho da justiça militar; como tinha uma pilha enorme de processos inacabados e documentos confusos, era respeitado por todos os membros do tribunal militar do castelo de Hradčany. Costumava perder os documentos da acusação e era obrigado a inventar outros. Confundia os nomes, perdia o fio das acusações e seguia um novo de acordo com o que passava por sua cabeça naquele momento. Condenava os desertores por roubo e os ladrões por deserção. Confundia até os processos políticos, que criava a seu bel-prazer. Fazia os mais inverossímeis

malabarismos para convencer os acusados de que haviam cometido delitos dos quais não tinham nem a mais remota ideia. Inventava ofensas a Sua Majestade e condenava aqueles cuja acusação se perdera no impenetrável caos de expedientes e documentos por crimes que ele mesmo inventava.

— Olá — disse o capelão, dando-lhe a mão. — Como vai?

— Vou levando — respondeu Bernis. — Alguém mexeu nos meus papéis e nem o diabo saberia por onde começar. Ontem enviei uma ata perfeitamente redigida sobre um rapaz acusado de insubordinação e devolveram-na alegando que não se tratava de insubordinação e sim do roubo de uma lata de conserva. E eu, por prudência, havia lhe dado outro número; só Deus sabe como chegaram a essa conclusão.

O juiz cuspiu.

— O senhor ainda joga cartas? — perguntou o capelão.

— Perdi tudo no baralho; a última vez que joguei uma partida de mau-mau com aquele coronel careca ele devorou tudo. Mas conheço um belo pássaro jovem. E você o que faz, santo padre?

— Estou precisando de um ordenança — respondeu o capelão. — Recentemente tive um velho contador sem formação acadêmica, mas era um idiota de primeira. Só choramingava e rezava pedindo a Deus que o protegesse e por isso o enviei ao front com o batalhão de infantaria. Dizem que foram todos transformados em picadinho. Depois me mandaram um rapaz que não fazia nada além de passar os dias na taverna e encher a cara por minha conta. Até era uma pessoa educada, mas suava nos pés. Então também o mandei para o front com o batalhão de infantaria. Hoje encontrei durante o sermão um sujeito que começou a chorar para brincar comigo. Estou precisando de alguém assim. Chama-se Švejk e está preso na 16. Gostaria de saber por que está em cana e se haveria alguma maneira de tirá-lo de lá.

O auditor procurou o expediente de Švejk nas gavetas, mas, como sempre, não encontrou nada.

— Deve estar com o capitão Linhart — disse, depois de uma longa procura. — Só o diabo sabe onde os meus expedientes vão parar. Certamente o enviei a Linhart. Vou ligar para ele agora mesmo... Alô! Aqui fala o primeiro-tenente auditor Bernis. Por favor, o senhor está com o expediente de um tal de Švejk? Diz que deve estar comigo? Acho muito estranho... Eu o peguei com o senhor...? Isto sim é surpreendente... Está preso na 16. Eu já sei, capitão, que os papéis da 16 estão comigo. Mas pensei que talvez o expediente do tal Švejk estivesse perdido em sua sala... Que lhe faça o favor de não falar com o senhor desta maneira? Que na sua sala não há nada perdido? Alô, alô...

O auditor sentou-se à escrivaninha e, com evidente irritação, começou a criticar a desordem com a qual as investigações eram levadas a cabo. Há muito tempo se forjara entre ele e o capitão Linhart uma inimizade, e os dois eram bastante coerentes. Se uma carta que pertencia a Linhart fosse parar nas mãos de Bernis, este a arquivava tão bem que nunca mais ninguém era capaz de encontrá-la. Linhart fazia a mesma coisa com os papéis de Bernis. Um perdia os documentos do outro.[21]

(O expediente de Švejk só foi encontrado nos arquivos militares depois da guerra, com a seguinte anotação: "Queria tirar a máscara hipócrita e declarar-se publicamente contra a pessoa de nosso soberano e contra nosso Estado." O expediente estava entre os documentos referentes a um tal de Josef Koudela. No envelope havia uma cruz e, embaixo dela, a palavra "Resolvido" e uma data.)

— Então perdi o Švejk — disse o auditor Bernis. — Vou chamá-lo e, se não confessar nada, o soltarei e o enviarei ao senhor, que depois terá de se acertar com o regimento.

Depois que o capelão saiu, o auditor pediu que lhes trouxessem Švejk; ordenou-lhe que ficasse na porta porque acabara de receber uma mensagem telefônica da chefatura de polícia dizendo que o material de acusação número 7.267, relativo ao soldado de infantaria Maixner, fora entregue no escritório número 1 sob a assinatura do capitão Linhart.

Enquanto isso, Švejk ficou inspecionando a sala do auditor.

Não se pode dizer que estivesse bem impressionado, sobretudo ao ver as fotografias expostas na parede. Exibiam algumas execuções levadas a cabo pelo exército na Galícia e na Sérvia. Eram fotografias artísticas de casas de campo queimadas e de árvores cujos galhos se inclinavam sob o peso dos enforcados. Uma fotografia especialmente bela era a de uma família enforcada. Um menino, o pai e a mãe. Dois soldados com baionetas vigiavam a árvore com os enforcados e um oficial aparecia em primeiro plano fazendo uma pose de vencedor com um cigarro na mão. No outro lado, ao fundo, se via a cozinha de campanha em plena atividade.

— Bem, o que está acontecendo com você, Švejk? — perguntou o auditor depois de ter arquivado a mensagem. — O que você aprontou? Quer confessar ou vai esperar até que seja apresentada uma acusação formal contra você? Não podemos continuar assim. Não pense que está diante de um tribunal em que será julgado por uns civis estúpidos. Estamos em um tribunal militar, um *Militärgericht*. A única maneira de se salvar de uma condenação estrita e justa é confessar.

Bernis adotava um método especial quando perdia o material que incriminava o acusado. Como estão vendo, em seu método não havia absolutamente nada de especial e por isso também não devem se espantar com o fato de que os resultados dessa espécie de investigação e interrogatórios fossem sempre nulos.

O juiz Bernis se achava tão perspicaz que, sem dispor de nenhum material que se referisse ao acusado, sem saber por que estava encarcerado em um presídio militar, simplesmente observando o comportamento e a fisionomia do interrogado, deduzia o motivo pelo qual o haviam detido.

Sua sagacidade e conhecimento dos homens eram tão imensos que condenou por crime político um cigano que estava encerrado na prisão militar sob a acusação de ter roubado algumas dúzias de peças de roupa íntima (ele estava ajudando um lojista em uma loja). Culpou-o de ter cometido um delito político e de ter conversado em uma taverna com um soldado sobre a criação de um estado nacional independente que seria formado pelos países da coroa da Boêmia e pela nação eslovaca e encabeçado por um rei eslavo.

— Temos documentos que provam isso — disse ao infeliz cigano —, você não tem outro remédio a não ser confessar em que taverna cometeu o delito, de que regimento eram os soldados que o escutavam e quando isso aconteceu.

O infeliz cigano inventou a data, a taverna, o número do regimento ao qual pertenciam seus supostos interlocutores e, quando o interrogatório terminou, simplesmente fugiu da prisão.

— Você não quer confessar nada — disse o auditor Bernis ao ver que Švejk continuava calado como um túmulo. — Não quer dizer por que está aqui, por que o

trancafiaram? Pelo menos para mim você poderia dizer antes que eu mesmo lhe diga. Vou avisá-lo mais uma vez que isso seria melhor para você, pois dessa maneira facilitaria a investigação e abrandaria sua pena. Neste aspecto, aqui acontece a mesma coisa que no tribunal civil.

— Humildemente — disse Švejk com sua voz bondosa —, estou aqui, na prisão militar, na condição de enjeitado.

— O que quer dizer com isso?

— Humildemente, posso explicar tudo de uma maneira muito simples. Em nossa rua vive um carvoeiro que tinha um filho de dois anos, completamente inocente, e este menino um dia foi a pé de Vinohrady até a outra ponta de Praga, a Libeň, onde foi encontrado, sentado na calçada, por um guarda, que o levou à delegacia e prendeu aquela criatura de dois anos. Era um menino inocente e, apesar disso, o prendeu. E se soubesse falar, e se alguém tivesse lhe perguntado por que estava ali, também não teria sido capaz de responder. Comigo acontece uma coisa parecida. Eu também sou um enjeitado.

O olhar penetrante do auditor percorreu Švejk dos pés à cabeça, mas não conseguiu perceber nada claramente. O sujeito que estava diante dele irradiava tanta indiferença e inocência que Bernis, indignado, começou a caminhar pela sala de cima a baixo e, se não tivesse prometido ao capelão militar que lhe enviaria Švejk, nem o diabo sabe o que teria feito com ele.

Por fim, o auditor se deteve diante de sua mesa.

— Ouça — dirigiu-se a Švejk, que olhava para a frente com indiferença —, se voltar a encontrá-lo, você nunca mais se esquecerá de mim. Levem-no!

Enquanto levavam Švejk à cela 16, o auditor Bernis mandou chamar o carcereiro Slavík.

— Até segunda ordem — disse secamente — deixaremos Švejk à disposição do capelão Katz. Preparem os papéis da soltura e mandem dois homens conduzirem Švejk ao capelão.

— Quer que o acorrentem, senhor tenente?

O auditor deu um soco na escrivaninha.

— Você é um pedaço de burro! Eu lhe disse claramente que prepare os papéis de soltura!

E tudo o que se amontoara na alma do juiz durante o dia, ou seja, a história do capitão Linhart e a de Švejk, saiu como uma torrente e desabou sobre o carcereiro, a quem despachou com estas palavras:

— Você é o rei dos cretinos!

Uma coisa dessas só pode ser dita a reis e imperadores, e o simplório carcereiro, cabeça não coroada, não se sentiu à vontade com aquilo. Ao sair da sala do auditor, deu alguns pontapés em um prisioneiro que estava varrendo o corredor.

No que diz respeito a Švejk, o carcereiro decidiu que teria de passar mais uma noite, mesmo que fosse uma só, no presídio militar, "para que pudesse se divertir mais um pouco".

Švejk tem recordações agradáveis da noite que passou no cárcere militar.

Ao lado da cela número 16 havia uma solitária, um lugar macabro do qual naquela noite, como de resto em todas, chegavam os gritos de um soldado aprisionado cujas costelas o sargento-mor Řepa se esforçava em quebrar por algum ato de indisciplina, cumprindo ordens do carcereiro-chefe Slavík.

Quando os gritos cessaram, na cela 16 podia-se ouvir o ranger dos piolhos que os presos esmagavam.

Em um buraco na parede, em cima da porta, uma lâmpada a querosene provida de arames protetores fumegava e espargia uma luz tênue. A emanação do querosene se misturava com as exalações naturais dos corpos humanos não lavados e com a pestilência de um balde de lixo, cuja superfície se movia cada vez que era usado, lançando na cela uma nova baforada pestilenta.

A alimentação precária prejudicava o processo digestivo dos réus e a maioria soltava gases na noite tranquila; comunicavam-se por estes sinais e faziam piadas.

Nos corredores se ouviam os passos ritmados dos guardas. De vez em quando, o vigilante abria a janelinha da porta e olhava para dentro.

No beliche do meio se ouvia uma voz que soava em um tom muito baixo:

— Antes de tentar fugir e de ser encarcerado aqui com vocês, fiquei na cela 12. Ali estão os casos menos graves. Um dia levaram para lá um sujeito de algum lugar do interior. Aquele homem amável pegou duas semanas porque deixava soldados pernoitarem em sua casa. A princípio, se pensou que se tratava de uma conspiração, mas finalmente descobriram que fazia aquilo por dinheiro. Tinham que trancafiá-lo com os menos graves de todos; no entanto, como todas as celas dos casos leves estavam ocupadas, lhe destinaram à nossa. A quantidade de coisas que trouxe de casa e que iam lhe enviando depois, porque tinha permissão de se alimentar por seus próprios meios! Tinha até autorização para fumar. Trouxe dois presuntos, dois pães enormes, ovos, manteiga, cigarros, tabaco, enfim, tinha nas suas mochilas tudo o que se pudesse imaginar. E o sujeito achava que tinha que comer tudo sozinho. Pedíamos-lhe comida, embora nem tivesse passado por sua cabeça compartilhá-la, como faziam os demais quando recebiam alguma coisa; ele, um tacanho de merda, se recusava, dizendo que como só passaria duas semanas no cárcere não queria arruinar seu estômago com o repolho e as batatas podres que nos davam para comer. Ofereceu-se a nos dar toda sua comida do cárcere e o pão velho, que não valia a pena, e disse que poderíamos reparti-lo ou ir nos revezando. Eu lhes digo que era uma pessoa tão fina que não queria se sentar no balde e esperava até o dia seguinte, quando poderia fazer suas necessidades na hora do pátio, na latrina. Estava tão bem acostumado que inclusive havia trazido um rolo de papel higiênico. Nós lhe dissemos que nos importava uma merda sua ração, e sofremos um dia, dois, três, vendo aquele sujeito se entupir de presunto, passar manteiga no pão, descascar os ovos cozidos, enfim, viver. Fumava cigarros e nunca dava uma guimba a ninguém. Dizia que não podíamos fumar e que se o guarda nos visse seríamos arrastados e ele seria preso. Como estou dizendo, sofremos três dias. Na noite do quarto dia, tomamos uma decisão. O sujeito acordou de manhã... Ah, esqueci de contar uma coisa: sempre rezava antes de começar a devorar a comida; de manhã, na hora do almoço e do jantar, rezava durante um bom tempo. Bem, pois aquele homem acorda e procura suas mochilas embaixo do beliche. Sim, as mochilas estavam ali, mas dissecadas, murchas como ameixas secas. Começou a gritar que tinha sido roubado, que a única coisa que haviam lhe deixado era o rolo de papel higiênico. Depois acreditou, durante uns cinco

minutos, que tínhamos lhe pregado uma peça, que havíamos escondido tudo em algum lugar. Disse alegremente: "Já sei que vocês são brincalhões, não me venham com artimanhas; a brincadeira funcionou." Havia ali entre nós um sujeito de Libeň que disse: "Quer saber de uma coisa? Cubra-se com a manta e conte até dez. E depois olhe dentro das mochilas." Ele aceitou a sugestão como uma criança obediente e contou: "Um... dois... três..." Quando chegou a dez, saiu de debaixo da manta e olhou as mochilas. "Meu Deus, rapazes!", gritou, "estão vazias como antes!". Nós olhávamos sua cara de idiota e nos mijávamos de rir. E o cara de Libeň disse: "Tente outra vez!" Vocês podem acreditar que era tão bobo que tentou de novo? E quando viu que não havia nada além do papel higiênico, começou a socar a porta e a gritar: "Me roubaram, me roubaram! Socorro! Abram, pelo amor de Deus, abram!" De maneira que vieram correndo, chamaram o carcereiro-chefe e o sargento-mor Řepa. Todos nós, sem exceção, dissemos que havia ficado louco, que passara a noite anterior comendo durante muitas horas e que certamente devia ter comido tudo. E aquele homem não parava de chorar e de dizer: "Tem que haver migalhas em algum lugar!" E assim procuraram migalhas, mas não encontraram nenhuma, porque nós também éramos bastante espertos: aquilo que não conseguimos acabar enviamos por correio, usando uma corda, ao segundo andar. Não conseguiram provar nada, embora aquele néscio continuasse com a cantilena: "Tem que haver migalhas!" Durante todo o dia não provou bocado e só ficava atento se alguém comia ou fumava. No dia seguinte tampouco tocou sua ração de comida, mas na hora do jantar engoliu todo o repolho e as batatas podres; a única coisa que pulou foram as rezas; já não rezava como no passado antes de devorar o presunto e os ovos. Um dia, um de nós recebeu de fora um pacote de tabaco e só então começou a nos dirigir a palavra para pedir que lhe déssemos uma tragada. Não lhe demos nada.

— Eu temia que tivessem lhe dado uma tragada — observou Švejk. — Assim toda a história teria se estragado. Este tipo de comportamento nobre pode ser encontrado nos romances, mas passá-lo a uma prisão militar seria uma burrada.

— E vocês não lhe deram um cobertor? — perguntou alguém.

— Simplesmente esquecemos.

Então foi entabulada uma silenciosa discussão em torno de se deveriam ter lhe dado um cobertor ou não. A maioria se inclinou pelo sim.

A conversa estava se apagando. Os presos adormeceram coçando os sovacos, o peito e a barriga, os pontos preferidos dos piolhos que vivem na roupa de baixo. Dormiam cobrindo a cabeça com as mantas infestadas de piolhos para que não fossem incomodados pela lâmpada de querosene.

Às oito da manhã chamaram Švejk para que fosse ao escritório.

— À esquerda, ao lado da porta da sala, há uma escarradeira onde atiram as guimbas — contou a Švejk um dos presos. — Depois, no primeiro andar, você passará ao lado de outra sala. Nunca limpam os corredores antes das nove e por isso você terá tempo suficiente para encontrar alguma coisa.

No entanto, as esperanças de Švejk foram frustradas. Nunca mais voltou à cela número 16. Dezenove cuecas ficaram fazendo toda sorte de cabalas e levantando suposições.

Um soldado sardento da Defesa Territorial, que tinha uma imaginação transbordante, declarou que Švejk atirara em seu capitão e que fora levado ao campo de

exercícios de Motol, onde seria executado.

20 Alban Schachleitner, monge beneditino, teria mais tarde emigrado para a Alemanha e aderido ao nazismo. (N. do T.)
21 Durante a guerra, cerca de trinta por cento dos detidos nas prisões militares não foram submetidos a nenhum tipo de interrogatório. (N. do A.)

10
Švejk como ordenança do capelão militar

1

Švejk começou sua odisseia na honorável companhia de dois soldados com baionetas que tinham que levá-lo ao capelão. Eram homens que se completavam mutuamente. Um deles era esguio e o outro, pequeno, atarracado. O magro mancava da perna direita; o gordo, da esquerda. Os dois faziam serviço de retaguarda porque, antes da guerra, haviam sido dispensados do serviço militar.

Caminhavam gravemente ao lado da calçada e, de vez em quando, olhavam de viés para Švejk, que ia no meio e cumprimentava todo mundo. Sua roupa civil se perdera no armazém do presídio militar junto com o quepe que estava usando no dia em que se apresentara ao exército. Antes de soltá-lo, haviam lhe dado um velho uniforme cujo dono devia ter sido um barrigudo um palmo mais alto do que ele.

Nas calças em que estava metido poderiam caber não um, mas três Švejks. As infinitas dobras que se formavam nos pés e iam até acima do peito, que era o lugar ao qual chegavam as calças, despertaram a involuntária admiração dos transeuntes. A enorme camisa com remendos nos cotovelos, cheia de manchas de gordura, dançava no corpo de Švejk como um casaco em cima de um espantalho. As desastradas calças pareciam uma roupa de palhaço de circo. O quepe militar, que também havia sido trocado na prisão, caía por cima de suas orelhas.

Švejk respondia ao riso dos pedestres com um sorriso terno e a calidez de seus olhos bondosos.

E assim se encaminharam a Karlín, onde vivia o capelão.

O gordo foi o primeiro a dirigir a palavra a Švejk. Naquele momento estavam sob os alpendres da praça da Malá Strana.

— De onde você é? — perguntou o gordo.

— De Praga.

— E não vai fugir?

O magro interveio na conversa. Por um fenômeno digno de ser estudado, os gordos costumam ser otimistas bondosos; por sua vez, os magros, em geral, são normalmente céticos.

Por isso o magro disse ao gordo:

— Se pudesse fugiria.

— E por que teria de fugir — respondeu o gordo — se está em liberdade? Foi solto da prisão militar, está escrito aqui, no pacote que estamos levando ao capelão.

— E o que há no pacote que estamos levando ao capelão? — perguntou o esguio.

— Não sei.

— Pois então está vendo, você não sabe de nada e fala por falar.

Atravessaram a ponte de Carlos em silêncio absoluto. Na rua Karlova o gordo voltou a se dirigir a Švejk:

— Você não sabe por que o estamos levando para ver o capelão?

— Querem que me confesse — disse Švejk com indiferença. — Amanhã vão me enforcar. Sempre se faz assim; chamam isso de extrema-unção.

— E por que vão fazer... isso? — perguntou o esguio com prudência enquanto o gordo observava Švejk com compaixão.

Ambos eram artesãos de aldeia, pais de família.

— Não sei — respondeu Švejk com seu sorriso bondoso —, não sei nadica de nada. Deve ser o destino.

— Você deve ter nascido em um planeta infeliz — observou o gordo com ar de expert e com atitude compassiva. — Na minha aldeia, em Jasenná, também enforcaram um sujeito durante a guerra com a Prússia. Foram buscá-lo, não lhe disseram nada e o penduraram ali perto, em Josefov.

— Me parece que não penduram um homem assim sem mais nem menos — disse o magro, ceticamente —, sempre deve haver algum motivo que justifique tal ato.

— Em tempos de paz — observou Švejk —, as coisas têm de ser justificadas, mas durante a guerra uma pessoa não merece nenhuma consideração. Deve morrer no front ou ser enforcada em casa. Tanto faz.

— Ouça, você é um preso político? — perguntou o magro. Estava evidente em seu tom de voz que começava a ter simpatia por Švejk.

— Oh, claro que sim! — sorriu Švejk.

— Você é nacional-socialista?[22]

O gordo parecia meio desconfiado. Intrometeu-se no assunto.

— O que isso nos importa? — disse. — Em todos os lugares há muita gente e estamos sendo observados. Pelo menos, se pudéssemos tirar as baionetas em algum lugar para não chamar atenção... Você não vai fugir? Isto poderia nos trazer muitos problemas, não é mesmo, Toník? — inclinou-se para o esguio, que disse em voz baixa:

— Você tem razão, poderíamos tirar as baionetas. Ele é um dos nossos.

Ao mitigar seu ceticismo, sua compaixão por Švejk inundou sua alma. Quando encontraram uma passagem adequada, tiraram as baionetas e o gordo permitiu que Švejk caminhasse ao seu lado.

— Você gostaria de fumar, não é mesmo? — disse. — Vamos ver se...

Queria dizer: "Vamos ver se o deixam fumar antes que o enforquem", mas não terminou a frase porque lhe pareceu falta de educação.

Cada um acendeu um cigarro e os guardiães começaram a encher a cabeça de Švejk com histórias sobre suas famílias na região de Hradec Kralové; falavam de suas mulheres, de seus filhos, do pedaço de terra, da única vaca.

— Estou com sede — disse Švejk.

O gordo e o esguio se entreolharam.

— Nós também tomaríamos uma — disse o gordo, procurando a cumplicidade do magro —, mas em algum lugar onde não chamássemos muito a atenção.

— Vamos ao Kuklík — sugeriu Švejk. — Vocês podem deixar as baionetas na cozinha, o taverneiro Serabona é membro do Sokol,[23] não temos nada a temer. Ali se toca violino e acordeão — continuou Švejk —, e é frequentado por garotas de rua e

muitas outras pessoas distintas que têm a entrada vetada em um restaurante ou em um bar de categoria.

O esguio e o gordo se entreolharam de novo e o primeiro disse:

— Bem, então vamos lá, Karlín ainda está muito longe.

Pelo caminho, Švejk foi contando piadas, de maneira que quando os três entraram no Kuklík estavam de bom humor e os guardiães fizeram o que Švejk lhes aconselhara: esconderam as baionetas na cozinha e foram para o salão. Um violino e um acordeão ocupavam o espaço com a melodia de uma canção que estava na moda: "Em Pankrác, lá no alto, há árvores muito belas..."

Uma garota que estava sentada nos joelhos de um jovem com ar pervertido e os cabelos reluzentes de brilhantina cantava com voz rouca: "Havia conquistado uma garota, agora outro a corteja."

Em uma mesa dormia um vendedor de sardinhas bêbado que de vez em quando acordava, dava um soco na mesa e exclamava: "Assim não dá!", e voltava a dormir. Atrás da mesa de bilhar, embaixo de um espelho, estavam sentadas três garotas que gritaram para um motorneiro: "Ofereça-nos um vermute, jovem senhor!" Ao lado dos músicos, dois homens discutiam sobre se a patrulha havia levado uma tal de Mari. Um garantia ter visto a cena com seus próprios olhos, enquanto o outro afirmava que a mulher havia se deitado com um soldado em um hotel de má reputação de Valš.

Ao lado da porta, um soldado contava a alguns civis como fora ferido na Sérvia. Tinha o braço enfaixado e os bolsos transbordantes dos cigarros que as pessoas iam lhe dando. Dizia que não conseguia beber mais, mas um do grupo, um velho careca, o incitava a continuar bebendo:

— Beba, soldadinho, quem sabe se voltaremos a nos ver? Quer que peça que toquem algo em particular? Gosta de *O pequeno órfão*?

Aquela era a canção predileta do velho careca e, efetivamente, depois de um tempo, os violinos e o acordeão começaram a tocá-la de maneira lânguida; os olhos do velho ficaram cheios de lágrimas quando cantou com voz trêmula:

Quando a criatura aprendeu a falar,
Pela mãe começou a perguntar...

Da mesa ao lado levantaram-se vozes de protesto:

— Pare com isso já! Vá tocar uma punheta! Basta! Fora o pequeno órfão!

E, à maneira de vingança, a mesa inimiga começou a cantar:

O adeus, essa grande inquietação,
Fará com que se parta meu coração...

— Franta! — gritou a mesa inimiga, dirigindo-se ao soldado ferido quando este terminou a canção que havia silenciado "O pequeno órfão". — Deixe-os pra lá e mande os cigarros pra cá! Mande essa gente à merda! Por que vamos perder tempo com imbecis?

Švejk e seus acompanhantes observavam toda a cena com grande interesse.

Švejk mergulhou nas recordações. Quantas vezes estivera naquele antro antes da guerra! O comissário Drašner costumava dar batidas ali. As prostitutas o temiam, mas se divertiam compondo paródias musicais sobre ele. Uma vez cantaram em coro:

Com o senhor Drašner na porta
Houve uma bela bronca.
Mari, bêbada, quase morta
Dizia: *"Nada me importa!"*

Naquele momento Drašner estava entrando, terrível e implacável, com seu pessoal. Parecia que haviam disparado uma bandada de codornas no local. Os policiais encurralaram todos os presentes. Ele, Švejk, também era um dos encurralados, porque, com seu azar habitual, desafiou o comissário Drašner depois que este lhe pedira o cartão de identificação:

— Tem autorização da chefatura?

Švejk também pensava naquele poeta que costumava se sentar ali, debaixo do espelho, e, no meio de todo aquele barulho da cervejaria, acompanhado pelo canto e pelos sons do acordeão, escrevia poemas que declamava para as prostitutas.

Os dois acompanhantes de Švejk, por sua vez, não tinham nenhum tipo de recordações semelhantes. Estavam passando por uma nova experiência. Começavam a gostar daquilo. O primeiro a encontrar ali a paz absoluta foi o gordo, porque os gordos, além do otimismo, têm uma forte tendência ao epicurismo. O esguio lutou consigo mesmo durante um tempo. E, à medida que seu ceticismo ia cedendo, foi perdendo a moderação e a prudência que lhe restavam.

— Vou dançar — disse depois da quinta caneca de cerveja, ao ver que alguns casais dançavam.

O gordo se entregou completamente ao prazer. Ao seu lado estava sentada uma garota que dizia coisas obscenas e o gordo ficou encantado por ela.

Švejk, diante de uma caneca de cerveja, estava mais feliz do que um cachorro diante de um osso. O esguio acabou de dançar e voltou à mesa com sua dançarina. Depois cantaram, dançaram, beberam sem parar e beliscaram suas companheiras. Naquela atmosfera do amor colocado à venda, de nicotina e álcool, flutuava a velha epígrafe: "Depois de nós, o dilúvio!"

À tarde, um soldado lhes fez uma oferta muito curiosa: por dez coroas provocaria um fleimão e uma intoxicação sanguínea em quem quisesse. Tinha uma seringa e injetaria parafina na perna ou no braço do candidato.[24] Explicou que, desta maneira, a pessoa teria que ficar de cama pelo menos por dois meses; se alimentasse a ferida com saliva, possivelmente até meio ano e, se estivesse no front, teriam que mandá-la para casa.

O esguio, que já perdera definitivamente o juízo, aceitou a oferta do soldado que, em seguida, no lavabo, lhe deu uma injeção de parafina na perna.

Quando começou a anoitecer, Švejk sugeriu que retomassem o caminho para a casa do capelão. O gordo atarracado, que já começava a divagar, tentava convencer Švejk de que deviam ficar um pouco mais. O esguio também achava que o capelão podia

esperar. Mas Švejk não estava mais gostando da taverna e por isso ameaçou seus acompanhantes de ir embora sozinho.

De maneira que saíram dali, embora Švejk tivesse que lhes prometer que ainda parariam em algum lugar.

Em Florenc entraram em um pequeno café onde o gordo vendeu seu relógio de prata para poder continuar farreando.

A partir dali, Švejk teve de arrastá-los, sustentando-os pelas axilas. Foi muito difícil: as pernas se atrapalhavam e queriam ir a outro lugar. O gordo por pouco não perde o pacote destinado ao capelão, de modo que Švejk se viu obrigado a carregá-lo.

Švejk tinha que ficar chamando sua atenção sempre que algum oficial se aproximava. Depois de um esforço sobre-humano, conseguiu arrastá-los até a casa da avenida Kralovská, onde vivia o capelão.

Ele mesmo enfiou as baionetas nos rifles e obrigou-os a segurá-los abaixo das costelas para que ele os conduzisse e não eles a ele.

No primeiro andar, onde havia um cartão de visita na porta do apartamento de "Otto Katz, capelão militar", abriu um soldado. Ouviam-se, procedentes da sala, murmúrios de vozes e o tilintar de garrafas e taças.

— Estamos... nos... apresentando... ao senhor... capelão... — disse o esguio fazendo um grande esforço e batendo continência —, trazemos um pacote... e um homem.

— Entrem, suas bestas — disse o soldado. — Onde vocês tomaram este pileque? O senhor capelão também está...

O soldado desapareceu com o pacote. Esperaram um bom tempo no vestíbulo até que se abriu a porta, pela qual entrou o capelão militar, que mais parecia voar do que caminhar. Estava só de colete e tinha um charuto na mão.

— Já chegou? — disse a Švejk. — Então o trouxeram. Você tem fósforos?

— Humildemente, senhor, não tenho.

— E por que não? Um soldado deve ter fósforos para poder acender. Um soldado que não tem fósforos é... é o quê?

— Humildemente, senhor, é um soldado sem fósforos — respondeu Švejk.

— Muito bem, você é um soldado sem fósforos e não pode dar fogo a ninguém. Bem, isso por um lado. E agora outra coisa. Você tem chulé, Švejk?

— Humildemente, senhor, não tenho chulé.

— Bem, então esta era a segunda coisa. E agora a terceira. Você bebe aguardente?

— Não, senhor, não gosto de aguardente. Só gosto de rum.

— Entendido. Veja este soldado. O tenente Feldhuber emprestou-o para mim por hoje, é ordenança. E não bebe nadica de nada, é a-abs-têmio e portanto irá para o front. Por... porque uma pessoa dessas não me serve. Não é um abstêmio, é uma vaca. Uma besta que só bebe água e muge como um boi.

— Você não tem vergonha de ser abstêmio, sua besta? — dirigiu-se ao soldado. — Merece uma surra das boas.

O capelão dirigiu sua atenção para os homens que haviam trazido Švejk e se balançavam fazendo um grande esforço para se manter em pé, apoiando-se inutilmente nos fuzis.

— Vocês se... embe... be... daram — disse o capelão. — Vocês se embebedaram como uns carroceiros durante o serviço e eu farei com que os enfiem todos no cár... ce... re. Švejk, tome suas armas e leve-as à cozinha. E vigie-os até que a patrulha chegue para levá-los. Vou te... tele... fonar agora mesmo para o quartel.

E assim as palavras de Napoleão, que disse certa vez que "na guerra a situação muda a cada momento", foram confirmadas mais uma vez.

De manhã, aqueles dois homens haviam escoltado Švejk a ponta de baioneta temendo que fugisse, e mais tarde havia sido Švejk quem os detivera e ao final tivera que vigiá-los.

A princípio, aqueles dois não tinham muita consciência da reviravolta; só quando estavam na cozinha e viram Švejk na porta com fuzil e baioneta começaram a ver tudo claro.

— Eu beberia alguma coisa — suspirou o baixinho otimista.

O esguio, por sua vez, foi acometido de um de seus ataques de ceticismo e disse que se tratava de uma maldita traição. Quase gritando, culpava Švejk de tê-los levado àquela situação e de tê-los enganado ao lhes prometer que no dia seguinte seria enforcado; agora via claro que era um gaiato e um enganador, tanto com sua confissão como com a forca.

Švejk ficou calado, passeando diante da porta.

— Como fomos burros! — exclamou o esguio.

Por fim, depois de deixar que desabafassem, Švejk declarou:

— Agora pelo menos vocês se dão conta de que na guerra nem tudo é mel. Eu cumpro minha obrigação. Me meti nesta confusão da mesma maneira que vocês, mas, como se diz, a sorte sorriu para mim.

— Eu beberia alguma coisa — repetiu, desesperadamente, o otimista.

O esguio se levantou e, com passos trôpegos, foi até a porta.

— Deixe a gente ir para casa — disse a Švejk —, vamos, companheiro, não faça besteiras.

— Não se aproxime de mim — respondeu o bom soldado. — Tenho que vigiá-los. Agora não nos conhecemos mais.

O capelão apareceu na porta.

— Não me... respondem no quartel; podem ir para casa, mas re... recordem-se de que não se pode beber quando se está de serviço. Marchem!

Seja dito a favor do capelão que não havia ligado para o quartel porque não tinha telefone; limitara-se a falar em um abajur de pé.

2

Fazia três dias que Švejk dava assistência ao capelão Otto Katz e durante todo esse tempo só o vira uma vez. No terceiro dia, o ordenança do tenente Helmich se apresentou com uma tarefa para Švejk: devia ir buscar o capelão.

No caminho, explicou a Švejk que o religioso havia brigado com o tenente, que quebrara o piano, que estava bêbado e que não queria voltar para casa. Afora isso, o

tenente Helmich também estava ébrio, atirara o capelão para fora, pela escada, e este adormecera, sentado ali.

Švejk chegou ao seu destino, sacudiu o capelão e, quando este grunhiu e abriu os olhos, bateu continência ao mesmo tempo em que dizia:

— Humildemente, senhor capelão, estou aqui.

— E o que quer aqui?

— Humildemente, me ordenaram que viesse buscá-lo.

— De maneira que você tinha que vir me buscar... e aonde vamos?

— Para seu apartamento, senhor capelão.

— Por que para meu apartamento? Não estou no meu apartamento?

— Humildemente, o senhor está no corredor da residência de outra pessoa.

— E... como... vim... parar aqui?

— Humildemente, senhor, fez uma visita.

— Não... fiz... nenhuma... visita. Você está enganado.

Švejk levantou o capelão e o empurrou contra a parede. O capelão balançava de um lado a outro, se inclinava sobre Švejk e dizia:

— Ai, vou cair.

Depois, rindo feito um bobo, repetiu:

— Ai, vou cair!

Por fim, Švejk conseguiu apoiá-lo contra a parede. Nesta nova posição, o capelão adormeceu imediatamente.

Švejk acordou-o.

— O que deseja? — disse o capelão fazendo um esforço inútil para escorregar pela parede e se sentar no chão. — Quem é você?

— Humildemente, sou seu ordenança, senhor capelão — respondeu Švejk, segurando o religioso contra a parede.

— Eu não tenho ordenança — disse o capelão não sem esforço e tentando desabar novamente sobre Švejk. — Eu não sou nenhum capelão. Sou um porco — acrescentou com a sinceridade própria dos bêbados. — Deixe-me ir embora, senhor, não o conheço.

Aquela pequena batalha foi vencida por Švejk, que aproveitou a vitória para arrastar o sacerdote escada abaixo, até a porta de entrada. Uma vez ali, o capelão resistiu muito para não ser atirado na rua.

— Não o conheço, senhor — voltou a insistir, lutando com Švejk. — O senhor conhece Otto Katz? Sou eu mesmo. Fui ver o arcebispo — vociferou, agarrando o portão da passagem. — O Vaticano se interessa por mim, está entendendo?

Švejk abandonou o tradicional "humildemente" e começou a tratá-lo sem nenhuma formalidade.

— Solte-me, homem! — disse —, ou corto suas patas. Vamos para casa, e basta. Nada de conversa.

O capelão largou o portão e por pouco não cai em cima de Švejk.

— Vamos então a algum lugar, mas ao Šuha25 eu não vou, pois estou devendo dinheiro ao proprietário.

Švejk empurrou-o para fora da passagem e foi arrastando-o pela calçada em direção a sua casa.

— Quem é esse sujeito? — perguntaram várias das pessoas que observavam a cena na rua.

— Meu irmão — respondeu Švejk. — Deram-lhe licença para vir me ver. Estava tão feliz que se embebedou, pois achava que eu estava morto.

O capelão, que assoviava a melodia de uma opereta que ninguém teria conseguido identificar, ao ouvir as últimas palavras se ergueu e disse aos transeuntes:

— Aquele de vocês que tenha morrido, que se apresente ao Estado-Maior do Exército dentro de três dias para que possam abençoar seu cadáver.

Depois emudeceu e esteve prestes a dar com o nariz na calçada. Švejk ia arrastando-o para casa.

Com a cabeça inclinada para a frente e arrastando os pés como um gato com a coluna vertebral quebrada, o capelão cantarolou:

— *Dominus vobiscum et cum spirito tuo. Dominus vobiscum*.

Quando chegou ao ponto dos coches, Švejk sentou o capelão, encostou-o na parede e foi combinar com os cocheiros o trajeto que fariam de volta para casa.

Um deles disse que conhecia perfeitamente aquele homem, que o levara uma vez e que não o levaria nunca mais.

— Deixou tudo vomitado — contou sem rodeios —, e, na hora de pagar, nadica de nada. Carreguei-o pra cima e pra baixo durante mais de duas horas até que achou o prédio onde morava. Só depois de uma semana, quando fui vê-lo pela terceira vez, me deu por isso tudo cinco coroas.

Depois de uma longa negociação, um deles aceitou levá-los.

Švejk foi buscar o capelão e o encontrou adormecido. Alguém lhe arrancara o chapéu preto duro (o capelão costumava andar à paisana) e o havia levado.

Švejk despertou-o e, com a ajuda do cocheiro, o levou à carruagem. Uma vez ali, o sacerdote caiu em um estado de atordoamento absoluto e confundiu Švejk com o coronel Just do 75º Regimento de Infantaria. Ia repetindo:

— Não se aborreça comigo, amigo, se o trato de você. Sou um porco.

Durante um momento deu a impressão de que, graças às sacudidas do coche, havia recuperado o juízo; levantou-se e cantou um fragmento de uma canção desconhecida, provavelmente fruto de sua imaginação:

Penso nos tempos dourados
quando me balançava no colo
vivíamos naquela época
ao lado do Domažlice em Merklín.

Não obstante, mergulhou por um tempo em um estado de apatia total e, dirigindo-se a Švejk, perguntou, fechando um olho:

— Como está passando hoje, distinta senhora...? Está indo veranear em algum lugar? — Fez uma breve pausa. E, como via tudo em dobro, perguntou, apontando Švejk com um dedo:

— Você já tem um filho adulto?

— Sente-se! — gritou Švejk quando o capelão tentou se levantar no assento. — Não pense que não o ensinarei a se comportar!

O capelão acabou perdendo o pouco juízo que lhe restava e, dirigindo-se a Švejk, disse languidamente:

— Senhora, me dê uma passagem de primeira classe.

Tentou se livrar das calças.

— Abotoe-se, porco! — gritou Švejk. — Todos os taxistas já o conhecem, vomitou uma vez e agora só me faltava que voltasse a vomitar. E não pense que vai ficar devendo alguma coisa, como na última vez!

O padre apoiou a cabeça nas mãos e começou a cantar: "Ninguém me ama..." Mas em seguida interrompeu seu canto para dizer em alemão:

— Me perdoe, caro colega, mas você é um imbecil; eu posso cantar o que tiver vontade, você é um idiota.

Depois deu a impressão de que queria assoviar alguma melodia, mas no lugar disso saiu de seus lábios um prrr tão forte que o coche se deteve.

A pedido de Švejk continuaram a viagem e o capelão tentou acender a piteira ao invés do cigarro. — Não há maneira de acendê-lo — gritou desesperadamente depois de ter liquidado toda a caixa de fósforos. — Você está soprando!

Mas imediatamente voltou a discursar e começou a rir:

— É tudo muito engraçado! Estamos sozinhos no bonde, não é verdade, senhor colega? — Começou a revistar os bolsos.

— Perdi o bilhete! — gritou. — Parem, preciso encontrar o bilhete!

Balançou a mão com resignação.

— Prossigam...

Depois balbuciou:

— Na maioria dos casos... Sim, de acordo... Em todos os casos... Se equivoca... O segundo andar...? É uma desculpa... Não se trata de mim, mas de você, distinta senhora... Pagar... Tomei um café preto...

Meio adormecido, começou a lutar com um inimigo imaginário que lhe negava o direito de se sentar no restaurante ao lado da janela. Depois confundiu um coche com um trem e, enfiando a cabeça para fora, gritou em tcheco e depois em alemão:

— Nymburk, baldeação!

Švejk puxou-o e o capelão esqueceu o trem e começou a imitar vozes de diversos animais. Entreteve-se sobretudo com a do galo e seu quiquiriqui saía, triunfante, do coche.

Durante um bom tempo, pareceu tão animado e inquieto que quase caiu do coche; insultava as pessoas que passavam na rua, gritava que não eram mais do que uns infelizes. Depois, atirou um lenço do coche vociferando que parassem porque havia perdido as malas. Então começou a explicar:

— Em Budějovice havia uma vez um baterista. Casou-se. Depois de um ano morreu. — Deu uma risada e disse: — Não é uma boa piada?

Durante o trajeto, Švejk tratou o padre com uma severidade desprovida de qualquer tipo de consideração. Cada vez que o capelão tentava fazer uma brincadeira como cair do coche ou quebrar o assento, Švejk lhe dava um soco atrás do outro nas costelas, coisa que o capelão aceitava com tranquilidade incomum.

Apenas uma vez fez uma tentativa de se rebelar e pular do coche, dizendo que não ia continuar, que sabia que se dirigiam a Podmoklí e não a Budějovice. Švejk

liquidou a insubordinação imediatamente e obrigou-o a ficar em seu lugar, vigiando-o para que não adormecesse. A frase mais educada que disse foi:

— Não durma, seu vagabundo.

De repente, o capelão foi acometido de um ataque de melancolia e, depois de perguntar a Švejk se tivera mãe, começou a verter lágrimas.

— Amigos, estou totalmente sozinho neste mundo — gritou do coche. — Cuidem de mim!

— Não me faça passar vergonha — admoestou-o Švejk. — Pare, se não todos vão achar que está bêbado.

— Eu não bebi nada, amigo — respondeu o capelão —, estou absolutamente lúcido.

Mas levantou-se subitamente, bateu continência e disse em alemão:

— Humildemente, senhor coronel! Estou bêbado. Sou um porco! — E repetiu isso dez vezes com um desespero tão terrível como sincero.

E, dirigindo-se a Švejk, pediu e suplicou sem parar:

— Me atire deste automóvel. Por que está me levando com você?

Sentou-se e resmungou:

— Ao redor da Lua formam-se círculos. Capitão, o senhor acredita na imortalidade da alma? Pode um cavalo ir para o céu?

Começou a rir alto, mas depois de um instante se entristeceu. Olhou para Švejk e disse:

— Perdoe-me, senhor. Tenho a impressão de que já o vi em algum lugar. Não esteve em Viena? Recordo-o do seminário.

Durante um tempo se divertiu recitando versos em latim:

— *Aurea prima sata est aetas, quae vindice nullo*... Só sei isso — disse —, expulsem-me. Por que não querem me expulsar? Não vou me ferir. Quero cair em cima do nariz — declarou com voz decidida. — Senhor — continuou em tom suplicante —, estimado amigo, me dê uma bofetada.

— Uma ou mais de uma? — perguntou Švejk.

— Duas.

— Aqui estão...

O capelão contou em voz alta as bofetadas que recebeu, fazendo cara de felicidade.

— Isto me faz muito bem — disse. — É saudável para o estômago, ajuda a digerir. E agora me dê um soco na cara! Agradeço-lhe de todo o coração! — exclamou quando Švejk atendeu seu desejo —, estou totalmente satisfeito. Rasgue o meu colete, por favor.

Manifestava os desejos mais variados. Suplicava que Švejk deslocasse sua perna, que tentasse estrangulá-lo, que cortasse suas unhas, que lhe arrancasse os dentes da frente. Expressava desejos próprios de um mártir pedindo que lhe cortasse a cabeça e a atirasse em um saco no rio Moldava.

— As estrelinhas em volta da cabeça me fariam bem — disse com entusiasmo. — Precisaria de umas dez.

Depois começou a falar sobre corridas de cavalo e depressa passou para o balé, tema ao qual também não dedicou muito tempo.

— Sabe dançar czardas? — perguntou a Švejk. — Conhece a dança do urso? É assim...

Quis dar um pulo, mas caiu em cima de Švejk, que lhe deu alguns socos e jogou-o no assento.

— Quero alguma coisa — gritou o capelão —, mas não sei o quê. Não sabe o que quero?

Abaixou a cabeça com toda resignação.

— O que me importa o que quero! — disse seriamente —, e ao senhor também não importa. Não o conheço. Como se atreve a me olhar tão fixamente? Sabe esgrimir?

Durante um momento ficou agressivo e tentou arrancar Švejk do assento.

Depois, quando o bom soldado o tranquilizou deixando bem às claras sua superioridade física, o capelão perguntou:

— Que dia é hoje, segunda ou sexta-feira?

Também tinha curiosidade de saber se era dezembro ou junho e demonstrou uma grande capacidade de formular todo tipo de perguntas:

— É casado? Gosta de gorgonzola? Na sua casa havia insetos? Está se sentindo bem? Seu cachorro ficou doente?

Ficou comunicativo. Disse que devia dinheiro pelas botas de montar, pelo chicote e pela sela, que há alguns anos tivera gonorreia e se curara com permanganato.

— Não tive tempo nem possibilidade de me curar de outro modo — disse soluçando —, embora este tratamento possa lhe parecer um pouco amargo. Mas me diga, que outra coisa poderia ter feito? Terá que me perdoar.

"Térmicos — continuou, esquecendo o que dissera pouco antes. — Assim se chamam os recipientes que conservam as bebidas e as comidas na temperatura original. Qual é o jogo que o senhor acha mais justo, estimado amigo, o *ferbl*[26] ou o vinte e um? Sim, é claro que o vi em algum lugar — exclamou, tentando abraçar Švejk e beijá-lo com os lábios cheios de saliva —, fomos companheiros de colégio! Meu querido amigo... — disse com ternura, acariciando a própria perna —, como você cresceu desde a última vez que nos vimos! A alegria de voltar a vê-lo compensa todos os meus sofrimentos."

Quando terminou, foi assaltado pela veia poética e começou a falar do retorno aos raios solares dos rostos felizes e dos corações ardentes.

Então se ajoelhou para recitar uma ave-maria, se dobrando de rir.

Quando pararam diante de sua casa, foi muito difícil tirá-lo do coche.

— Ainda não chegamos — gritava —, socorro! Estão me levando! Quero seguir em frente!

Extirparam-no literalmente da carruagem, como se fosse um caracol fervido na carapaça. Em um dado momento, parecia que iam quebrá-lo porque havia se agarrado aos pés do assento. Ria estrepitosamente por tê-los enganado.

— Vão me quebrar, senhores!

Depois o arrastaram pelo vestíbulo e pela escada e chegaram ao apartamento, onde o atiraram em cima do sofá como se fosse um saco. Afirmou que não pagaria pelo automóvel que não havia pedido, e demoraram mais de um quarto de hora para fazer com que entendesse que não se tratava de nenhum automóvel, mas de um coche de aluguel.

Mesmo assim não concordou, objetando que só andava de táxi.

— Vocês estão querendo me enganar — disse piscando o olho para Švejk e o cocheiro. — Viemos a pé.

E de repente, em um ataque de generosidade, jogou a carteira para o cocheiro:

— Fique com tudo. Não me importam os cêntimos.

Deveria ter dito que não se importava com trinta e seis cêntimos a mais ou a menos, porque este era todo o conteúdo da carteira. Mas o cocheiro não se conformou com aquilo; submeteu-o a uma rigorosa revista, ameaçando esbofeteá-lo.

— Bata, então! — respondeu o capelão. — Você acha que não conseguirei aguentar? Aguentarei tudo, mesmo que me dê cinco bofetadas.

O cocheiro encontrou uma nota de dez coroas no bolso do colete do capelão. Foi embora maldizendo o destino e o padre por o terem feito perder tempo e prejudicado seu negócio.

Finalmente o capelão se deixou vencer pelo sono, mesmo assim não parou de fazer projetos. Queria levar a cabo muitas coisas: tocar piano, ter aulas de dança e fritar peixes.

Depois prometeu a Švejk uma irmã que não tinha. Também quis que o enfiassem na cama. Por fim, dormiu exigindo que o considerassem um homem, esgrimindo a ideia de que um homem vale tanto como um porco.

3

Na manhã seguinte, quando entrou no quarto do capelão, Švejk encontrou-o deitado no sofá, profundamente absorto em suas reflexões. Perguntava-se como era possível que alguém tivesse vertido em cima dele um líquido tão estranho que colara suas calças no couro do sofá.

— Humildemente, senhor capelão — disse Švejk —, ontem à noite...

Em poucas palavras lhe disse que estava terrivelmente enganado se achava que estava molhado. A cabeça do capelão estava especialmente pesada e tinha uma expressão de tédio.

— Não consigo me lembrar de como saí da cama e vim parar no sofá.

— O senhor não esteve na cama. Quando chegamos, o colocamos no sofá, não havia outra coisa a fazer.

— E o que eu fiz? Fiz alguma coisa? Não estava bêbado, não é mesmo?

— Estava abaixo da crítica — respondeu Švejk. — Delirava. Talvez quando tomar um banho e trocar de roupa se sinta melhor.

— Me sinto como se alguém tivesse me dado uma surra — queixou-se o capelão — e estou com muita sede. Briguei com alguém ontem?

— Não foi tão grave assim, senhor capelão. A sede de hoje é consequência da sede de ontem. Não é tão fácil saciá-la. Eu conheci um carpinteiro que tomou seu primeiro porre na noite de fim de ano de 1910 e no dia 1º de janeiro tinha tanta sede que comprou um arenque e voltou a beber. E faz isso todos os dias há quatro anos e

ninguém consegue ajudá-lo porque todos os sábados compra arenque para toda a semana. É um círculo vicioso, como dizia um sargento do 91º Regimento.

O capelão estava com uma ressaca terrível e caíra em depressão. Se alguém tivesse ouvido as coisas que dizia naquele momento ficaria convencido de que frequentava as conferências do doutor Alexandr Batěk intituladas "Declaremos guerra mortal ao demônio do álcool, que mata nossos melhores homens" e que havia lido seu panfleto "Cem aforismos éticos".

Embora, em nome da verdade, o capelão tivesse feito algumas alterações.

— Se pelo menos tivesse tomado bebidas alcoólicas nobres como marasquino, áraque ou conhaque, mas o que engoli foi a nossa borovička.27 Me pergunto como é possível beber aquela porcaria. Tem um gosto asqueroso! Ou se pelo menos tivesse tomado kirsch. Mas nem isso. A gente inventa porcarias de todo tipo e as bebe como se fossem água. Uma aguardente como a que bebi não tem sabor nem cor agradáveis, a única coisa que faz é queimar a garganta. Se pelo menos tivesse sido uma das autênticas, um destilado de zimbro, como aquela que em uma ocasião bebi na Morávia. Mas a aguardente de ontem deve ter sido feita a partir de álcool e óleos perfumados. Veja como estou arrotando — acrescentou. — A aguardente é um veneno — decidiu. — Tem de ser garantida, original, e não fabricada de qualquer jeito em uma fábrica afastada pertencente a judeus. A mesma coisa acontece com o rum. Um bom rum é uma raridade. Um bom licor de nozes — suspirou —, isso sim colocaria meu estômago no lugar. Um licor de nozes como o que o capitão Šnábl tem em Brusce.

Futucou os bolsos e examinou a carteira.

— Só me restam trinta e seis cêntimos. E se vendesse o sofá? — pensou em voz alta. — O que você acha? Acha que alguém compraria um sofá? Posso dizer ao senhorio que o emprestei para alguém ou que foi roubado. Não, vou ficar com o sofá. Vá ver o capitão Šnábl e lhe peça que me empreste cem coroas. Anteontem ganhou nas cartas. Se não conseguir nada, procure o tenente Mahler no quartel de Vršovice. Se também não tiver sorte com ele, vá ao castelo e procure o capitão Fišer. Diga-lhe que preciso pagar a forragem do cavalo, pois usei o dinheiro para encher a cara. E se tampouco conseguir tirar alguma coisa dele, empenharemos o piano, aconteça o que acontecer. Vou escrever algumas linhas. Evite que o expulsem a pontapés. Diga-lhes que estou necessitado, que não tenho um tostão. Invente o que quiser, mas não volte aqui com as mãos vazias se não quiser que o envie ao front. Pergunte ao capitão Šnábl onde compra o licor de nozes e compre duas garrafas.

Švejk desempenhou bem seu papel. Sua ingenuidade e seu aspecto honrado despertavam uma confiança absoluta: ninguém duvidava da veracidade de tudo o que dizia.

Diante do capitão Šnábl, do capitão Fišer e do tenente Mahler, Švejk achou oportuno não mencionar a forragem do cavalo, mas sim justificar seu pedido alegando que o capelão precisava pagar pensão alimentícia a uma mulher que havia seduzido. Desta maneira conseguiu dinheiro em todas as partes.

Ao voltar vitorioso de sua expedição, mostrou trezentas coroas ao capelão, que nesse meio-tempo havia se asseado e trocado e ficou extremamente surpreso.

— Fiz tudo de uma vez — disse Švejk —, para que amanhã ou depois de amanhã não tenhamos que nos preocupar de novo com dinheiro. Foi fácil, só tive de me

ajoelhar uma vez, diante do capitão Šnábl. Deve ser um sem-vergonha. Mas quando lhe disse que o senhor tinha de pagar pensão alimentícia...

— Pensão alimentícia? — repetiu o capelão, espantado.

— Claro, senhor capelão, a indenização da garota. O senhor me disse que inventasse uma história e não pensei em nada melhor. Um sapateiro do meu bairro tinha de pagar pensão alimentícia a cinco garotas ao mesmo tempo, estava desesperado e também havia mendigado para poder enfrentar as despesas, e todos acreditavam de bom grado que estava em uma situação desesperadora. Me perguntaram de que garota se tratava e eu lhes contei que é muito bonita, que ainda não completou quinze anos. Então me pediram o endereço da menina.

— Você fez tudo direitinho, Švejk — suspirou o capelão e começou a andar pela sala. — Mais um maldito escândalo! — levou as mãos à cabeça. — Estou com uma enxaqueca terrível.

— Eu lhes dei o endereço de uma velha surda que vive na minha rua — disse Švejk. — Queria lhe trazer dinheiro de qualquer jeito porque uma ordem é uma ordem. Não deixei me vencer, de maneira que fui obrigado a inventar alguma coisa. Além disso, estão esperando pelo piano no vestíbulo. Pedi que o levassem à casa de penhora, senhor capelão. Não será ruim se livrar do piano. Teremos mais espaço e mais dinheiro. E ainda por cima teremos alguns dias de tranquilidade. E se o senhorio perguntar o que fizemos com o piano, direi que as cordas quebraram e que o enviamos à fábrica para ser consertado. Já disse à zeladora para não estranhar quando perceber que o estão levando e colocando no carro. Além disso, tenho um comprador para o sofá. É um velho conhecido, um comerciante de móveis usados: vai fechar o negócio hoje à tarde. Hoje em dia paga-se muito bem pelos sofás de couro.

— Você não cometeu mais nenhuma desgraça, Švejk? — perguntou o capelão ainda com a cabeça na palma das mãos e uma expressão desesperada.

— Humildemente, senhor capelão. Em lugar de duas garrafas de licor de nozes trouxe cinco, daquelas que o capitão Šnábl compra. É melhor ter algumas de reserva para termos o que beber. Podem levar o piano antes que a casa de penhora feche?

O capelão fez um gesto desesperado com a mão e depois de um tempo o piano foi colocado em um carrinho.

Quando Švejk voltou da casa de penhora, encontrou o capelão sentado diante de uma garrafa de licor de nozes aberta, praguejando contra o escalope malpassado que haviam lhe servido.

E recomeçou. O capelão dizia que a partir do dia seguinte levaria uma nova vida, que beber álcool era materialismo vulgar e que era preciso ter uma vida espiritual.

Continuou filosofando durante meia hora. Quando abriu a terceira garrafa, apareceu o comerciante de móveis velhos. O capelão lhe vendeu o sofá por uma bagatela, convidou-o para conversar e lamentou que o comerciante tivesse de ir embora, com a desculpa de que ainda tinha que comprar uma mesinha de cabeceira.

— Pena que eu não tenha nenhuma — disse o capelão como se estivesse reprovando a si mesmo —, não se pode pensar em tudo.

Quando o comerciante de móveis foi embora, o capelão entabulou uma conversa amigável com Švejk e beberam juntos outra garrafa. Dedicaram uma parte da conversa a repassar as relações íntimas do capelão com as mulheres e com as cartas.

Ficaram ali sentados por muito tempo. Quando anoiteceu, Švejk e o capelão ainda estavam submersos em um colóquio amistoso.

As coisas mudaram durante a noite. O capelão voltou ao estado em que se encontrava no dia anterior e, confundindo Švejk com outra pessoa, lhe disse:

— Não, não vá embora; você se lembra daquele cadete ruivo da cavalaria?

Aquele idílio durou até que Švejk disse ao capelão:

— Eu estou por aqui com essa história. Agora você vai se enfiar na cama e ficar roncando, entendido?

— Eu vou, amor, agora mesmo — divagou o capelão. — Você se lembra de que fomos colegas de classe no quinto ano e que eu fazia seus deveres de grego? Você tem uma casa em Zbraslav e pode ir no navio a vapor pelo Moldava. Você sabe o que é o Moldava?

Švejk obrigou-o a tirar a roupa e os sapatos. O capelão obedeceu-o ao mesmo tempo em que se queixava a pessoas desconhecidas.

— Senhores — disse, dirigindo-se ao armário e ao fícus —, viram como meus parentes me tratam? Não conheço meus parentes — decidiu de repente, enfiando-se na cama —, e mesmo que o céu e a terra confabulem contra mim, não os conhe...

E os roncos do capelão militar retumbaram no quarto.

4

Em um daqueles dias, Švejk foi visitar, em sua própria casa, a senhora Müllerová, mas só encontrou uma prima da antiga empregada, que lhe disse, entre lágrimas, que no mesmo dia em que haviam levado Švejk à guerra detiveram a senhora Müllerová. A adorável velhinha foi julgada pelo conselho de guerra e, sem que fosse possível provar nada contra ela, haviam-na levado para o campo de concentração de Steinhof, de onde a mulher lhe escrevera uma carta.

Švejk pegou a preciosa relíquia doméstica e leu:

Querida Aninka!

Estamos muito bem aqui, todos muito saudáveis. A senhora da cama ao lado foi afetada por manchas de XXXXXX e também há casos de XXXXX negra. Afora isso, tudo está correndo bem.

Temos comida suficiente e catamos XXXXX de batatas para fazer sopa. Ouvi dizer que o senhor Švejk já XXXXX. Investigue, pois, onde o enterraram para que depois da guerra possamos levar flores ao seu túmulo. Esqueci de lhe dizer que no desvão, à direita, em um canto, há um filhote de pinscher. Mas já faz algumas semanas que ninguém lhe dá de comer, desde o dia em que me vieram XXXXX. De modo que já é muito tarde e o cachorro já deve estar também descansando na XXXX do Senhor.

Na carta estava colado um selo cor-de-rosa que dizia em alemão: "Censurado. Imperial e Real Campo de Concentração, Steinhof."

— E tinha razão, o cachorro estava morto — disse a prima da senhora Müllerová entre soluços. — E o senhor nem vai reconhecer seu quarto. Aluguei-o para algumas costureiras que o transformaram em um salão de senhoras. Há fotos de modelos cobrindo todas as paredes e flores nas janelas.

A prima da senhora Müllerová estava desconsolada.

Entre gemidos e soluços, finalmente manifestou a suspeita de que Švejk havia desertado e que esta poderia ser a causa de sua desgraça. Acabou chamando-o de aventureiro degenerado.

— Isso é muito engraçado — disse Švejk. — Pois sim, senhora Kejrová, se quer saber, tem toda razão. Estou em liberdade, mas antes tive que matar quinze guardas e sargentos. Por favor, não conte nada a ninguém...

E Švejk abandonou sua casa, agora tão pouco acolhedora, com as seguintes palavras:

— Senhora Kejrová, tenho alguns colarinhos e peitilhos na lavanderia. Faça-me o favor de recolhê-los para que, quando voltar da guerra, tenha alguma roupa civil para usar. Também vigie para que as traças não comam as roupas que estão no armário. E diga às senhoritas que estão dormindo na minha cama que mandei lembranças.

Quando terminou, Švejk foi ver se havia alguma novidade na taverna U Kalicha. Quando o viu, a senhora Palivcová se apressou a declarar que não lhe serviria nada porque era um desertor.

— Meu pobre marido — voltou a remexer na velha história — era tão prudente e agora está na prisão sem nenhum motivo. E pessoas como você andam pelo mundo, fogem do exército. Vieram procurá-lo aqui na semana passada. Nós, que somos muito mais prudentes do que o senhor, caímos em desgraça. Nem todo mundo tem a sua sorte — concluiu seu discurso.

Um homem de meia-idade, um chaveiro de Smíchov, que testemunhou o monólogo, se aproximou de Švejk:

— Senhor, por favor, me espere lá fora. Preciso lhe dizer uma coisa.

Na rua, quis chegar a um acordo com Švejk, pois as palavras da taberneira Palivcová o haviam convencido de que era, de fato, um desertor.

Confessou-lhe que tinha um filho que também desertara do front e agora estava na casa da avó, em Jasenná, uma aldeia próxima de Josefov.

Sem levar em consideração os protestos de Švejk, que se justificava em vão dizendo que não era um desertor, colocou uma nota de dez coroas em sua mão.

— Isto é para as primeiras necessidades — disse, arrastando-o até a taverna da esquina. — Eu o entendo perfeitamente, não precisa ter medo de mim.

Švejk voltou para a casa do capelão tarde da noite, mas seu amo ainda não havia regressado.

Chegou de madrugada e despertou Švejk, dizendo:

— Amanhã celebraremos juntos uma missa campal. Prepare um café preto com rum. Ou, melhor, ferva um grogue.

22 Partido político tcheco da época do império austro-húngaro, mais tarde liderado por Edvard Beneš, segundo presidente da Tchecoslováquia. (N. do T.)

23 Associação esportiva e cultural tcheca de caráter nacionalista. (N. do T.)
24 Meio eficaz para se internar em um hospital. Mas o cheiro de parafina do inchaço pode denunciar o artifício. O querosene funciona melhor porque se evapora antes. Mais tarde, se injetava éter com querosene e o método foi se aperfeiçoando cada vez mais. (N. do A.)
25 Famoso bordel de Praga. (N. do T.)
26 Jogo de cartas parecido com o pôquer. (N. do T.)
27 Aguardente feita de zimbro. (N. do T.)

11
Švejk celebra uma missa campal com o capelão

1

Os preparativos para a matança de gente simples sempre foram levados a cabo em nome de Deus ou de algum outro hipotético ser supremo que a humanidade tivesse engendrado em sua imaginação.

Antes de cortar o pescoço de um prisioneiro de guerra, os antigos fenícios celebravam um solene rito sagrado da mesma maneira que, alguns milênios mais tarde, fariam as novas gerações antes de ir à guerra e matar seus inimigos a ferro e fogo.

Os antropófagos das ilhas de Guiné e da Polinésia, antes de devorar cerimoniosamente seus prisioneiros ou seres inúteis, como missionários, exploradores, caixeiros-viajantes ou simples curiosos, ofereciam-nos aos deuses enquanto executavam os mais variados rituais litúrgicos. Como ainda não lhes chegara a cultura da casula, adornavam as nádegas com coroas feitas de vistosas plumas de aves florestais.

Antes de queimar suas vítimas, a Santa Inquisição celebrava a mais solene das cerimônias religiosas, uma grande missa cantada.

À execução de um delinquente comparece sempre um sacerdote que o importuna com sua presença. Na Prússia, é um pastor quem acompanha o desgraçado até o machado, na Áustria um sacerdote católico o conduz à forca, na França à guilhotina, na Espanha ao garrote, na América um pastor o leva à cadeira elétrica e na Rússia é um pope barbudo quem acompanha os revolucionários e assim por diante.

Em todos os países, os sacerdotes usam um crucifixo como se quisessem dizer: "Cortarão sua cabeça, será enforcado, será estrangulado, descarregarão em seu corpo quinze mil volts, mas nunca irá sofrer tanto como este aqui."

O grande matadouro que foi a Guerra Mundial também não podia prescindir da bênção eclesiástica. Os capelães de todos os exércitos rezavam e celebravam missas de campanha pela vitória do país que lhes fornecia o pão.

Nada mudara desde a época em que o bandoleiro Vojtěch,28 que mais tarde foi canonizado, contribuíra para o extermínio dos eslavos bálticos com a espada em uma mão e a cruz na outra.

Em toda a Europa os homens iam ao matadouro como animais, acompanhados pelos imperadores-carniceiros, pelos reis e outros potentados e generais, e pelos sacerdotes de todas as confissões, que os benziam e faziam jurar em falso que na terra, no mar e no ar etc.

A missa campal era oficiada geralmente em duas ocasiões. Uma, quando a divisão marchava ao front, e a outra, no front, antes de um massacre sanguinário ou de uma carnificina. Recordo que uma vez, durante uma dessas missas, um avião inimigo deixou cair uma bomba precisamente sobre o altar de campanha, e restaram do capelão apenas uns farrapos sanguinolentos. Os jornais disseram então que era um mártir, enquanto nossos aviões faziam a mesma coisa com os capelães adversários.

Esta aventura nos divertiu muitíssimo e, na cruz improvisada, sob a qual foram enterrados os restos do capelão, apareceu o seguinte epitáfio funerário no curso da noite:

Você, e não nós, foi atingido.
Você, que sempre nos prometeu o reino dos céus.
Você foi atingido dos céus na Santa Missa,
E agora de você só restaram trapos.

2

Švejk preparou um magnífico grogue, muito melhor do que o dos velhos lobos do mar. Se os piratas do século XVIII tivessem bebido um grogue como aquele, teriam ficado em paz.

O capelão ficou entusiasmado.

— Quando você aprendeu a fazer esta delícia? — perguntou.

— Há muitos anos, quando vagabundava por aí — respondeu Švejk. — Aprendi em Bremen com um velho marinheiro debochado que dizia que o grogue deve ser muito forte para que, no caso de cair no mar, você possa atravessar a nado todo o canal da Mancha. Por outro lado, quando o grogue é fraco, você se afoga como se fosse um cachorrinho.

— Depois de beber este grogue, Švejk, gostarei muito de celebrar a missa campal — disse o capelão. — Creio que antes de começar deveria pronunciar algumas palavras de despedida. Uma missa campal não é uma bobagem, como celebrar uma missa na prisão ou fazer um sermão para esses patifes. Em um caso como esse é preciso estar muito atento. Temos o altar campal desmontável, um exemplar de bolso. — De repente o capelão fez um gesto de desespero. — Escudeiro Švejk! Como somos idiotas! Você sabe onde estava guardado o altar desmontável? Dentro do sofá que vendemos.

— Meu Deus, que desgraça, senhor capelão — disse Švejk. — Eu conheço o vendedor de móveis antigos, mas ontem encontrei sua mulher e ela me disse que ele foi preso por ter roubado um armário, e nosso sofá está agora com um professor de Vršovice. Esse altar vai nos dar muita dor de cabeça. Será melhor tomar um grogue e ir procurá-lo, porque acho que não poderemos celebrar a missa sem o altar.

— A única coisa que está nos faltando é exatamente o altar — disse, desconsolado, o capelão. — O resto já está pronto no campo de treinamento. Os carpinteiros fizeram o pedestal. Os irmãos de Břevnov nos emprestarão a custódia. Quanto ao cálice, deveria ter o meu, mas não sei onde está...

Pensou um pouco e disse:

— Vamos admitir que o perdi. Mas o tenente Wittinger, do 75º Regimento, vai nos emprestar o troféu que ganhou há alguns anos em uma corrida que disputou pela "Sport-Favorit". Era um excelente atleta. Costuma se jactar de que fez os quarenta quilômetros do trajeto Viena-Mödling em 1 hora e 48 minutos. Mas ontem mesmo

chegamos a um acordo. Sou um imbecil por deixar tudo sempre para o último momento. Por que eu, idiota, não olhei dentro do sofá?

Sob a influência do grogue preparado de acordo com a receita do marinheiro debochado, o capelão começou a se xingar e a se atribuir, com razão, os títulos mais ofensivos do mundo.

— Bem, vamos buscar o altar — sugeriu Švejk. — O dia já nasceu.

— Vestirei o uniforme e tomarei mais um grogue.

Finalmente saíram. Quando se dirigiam à casa da esposa do comerciante de móveis usados, o capelão contou a Švejk que no dia anterior ganhara muito dinheiro jogando baralho e que, se tudo corresse bem, recuperaria o piano que fora penhorado.

Era uma coisa semelhante a um pagão prometer fazer algum sacrifício.

Por intermédio da mulher do comerciante de móveis usados, ainda meio adormecida, ficaram sabendo do endereço do professor de Vršovice, o novo proprietário do sofá. O capelão foi excepcionalmente generoso: beliscou sua bochecha e fez cócegas em seu queixo.

Foram caminhando até Vršovice, porque o capelão sentiu necessidade de dar um passeio ao ar livre para pensar em outra coisa.

Em Vršovice, na casa do professor, um velho muito religioso, os esperava uma surpresa desagradável: como havia encontrado o altar dentro do sofá, achou que se tratava de alguma providência divina e o dera de presente à sacristia da igreja da paróquia, depois de mandar gravar na parte traseira do altar a seguinte frase: "Doação do senhor Kolařík, professor, para a honra e glória de Deus, ano do Senhor de 1914." Estava muito inquieto porque ainda vestia a roupa de baixo.

Depois de uma breve troca de palavras, ficou claro que o velho professor considerava aquela descoberta um verdadeiro milagre e um aviso divino. Contou que, quando comprou o sofá, uma voz interior lhe disse: "Olhe o que há na gaveta do sofá!" Obedeceu.

No entanto, ao descobrir o minúsculo altar de três peças com um nicho por tabernáculo, havia se ajoelhado diante do sofá e rezado durante muito tempo com grande devoção, louvando a Deus, considerando aquilo como um sinal do céu para que adornasse a igreja de Vršovice.

— Não interessa — disse o capelão. — Se o objeto não lhe pertencia, deveria tê-lo encaminhado à polícia e não a alguma maldita sacristia.

— Por culpa do seu milagre — disse Švejk — vai se ver envolvido em uma grande confusão. Comprou um sofá e não um altar que pertence ao erário do exército. Este sinal de Deus pode lhe custar caro. Não tinha que dar nada para os anjos. Uma vez um homem de Zhoř encontrou, quando lavrava o campo, um cálice que procedia de um roubo sacrílego e que haviam escondido ali, esperando por melhores dias, enfim, que o assunto fosse esquecido. Ele também considerou aquele achado como um sinal divino e, em vez de fundi-lo, levou-o ao capelão para doá-lo à igreja. Mas o capelão suspeitou que ele estava com a consciência pesada, denunciou-o ao prefeito e, embora fosse inocente, foi condenado por roubo sacrílego, embora não parasse de dizer que acontecera um milagre. Ele quis se salvar e começou a contar histórias de anjos e até enfiou nelas a Virgem Maria. O resultado foi que o condenaram a dez anos. Seria melhor para o senhor que nos acompanhasse para ver o capelão da paróquia e pedir que nos devolva o

que pertence, de fato, ao exército. Um altar de campanha não é um gato ou uma meia que se dá de presente a quem quiser.

As mãos do velho professor tremiam e, ao se vestir, seus dentes rangiam:

— Eu juro que não pensei nem pretendi fazer qualquer coisa errada. Achava que, graças a esta determinação da providência, poderia contribuir para enfeitar a nossa pobre igreja do Senhor de Vršovice.

— Às custas do exército, claro — disse Švejk com dureza. — Deus nos guarde de uma determinação divina semelhante! Um tal de Pivoňka de Chotěboř também havia acreditado que era determinação divina que caísse em suas mãos um cabresto de uma vaca alheia.

Este discurso deixou o pobre velho tão perturbado que desistiu completamente de se defender: se apressou em se vestir e acabar com aquela história de uma vez por todas.

O pároco de Vršovice ainda estava dormindo. Quando o barulho o despertou, começou a resmungar porque, ainda sonolento, pensou que devia ir ministrar a alguém os últimos sacramentos.

— Quando me deixarão em paz com a tal da extrema-unção! — queixava-se mal-humorado enquanto se vestia. — As pessoas insistem em morrer exatamente quando você está no melhor dos sonos e, depois, ainda tem de brigar para receber algum dinheiro.

Ele, representante de Deus perante os católicos civis de Vršovice, e o outro, representante de Deus na terra perante o exército, se encontraram no vestíbulo.

No entanto, tratava-se de uma querela entre um civil e um militar.

O pároco afirmava que o altar de campanha não fazia parte do sofá e o capelão argumentava que tinha ainda menos sentido que estivesse na sacristia de uma igreja que só era frequentada por civis.

Švejk interveio na disputa fazendo algumas observações terríveis, sustentando que era muito fácil uma igreja miserável enriquecer às custas da administração militar. Pronunciou a palavra "miserável" entre aspas.

Finalmente foram à sacristia da igreja e o pároco entregou o altar de campanha em troca do seguinte recibo:

Declaro que recebi um altar de campanha que foi parar por acaso na igreja de Vršovice.

Otto Katz, capelão militar

O glorioso altar militar procedia da empresa judia Moritz Mahler, de Viena, que fabricava todo tipo de objetos para missa e outros artigos religiosos, como rosários e figurinhas de santos.

O altar era composto de três partes belamente adornadas com falsos dourados, à semelhança de toda a pompa da Santa Igreja.

Sem uma boa dose de imaginação seria impossível descobrir o que representavam as imagens pintadas naquelas três partes. Na verdade, aquele altar poderia ser usado tanto pelos pagãos da Zâmbia como pelos chefetes das tribos dos burjati e dos mongóis.

Por suas cores escandalosas, parecia, a distância, uma placa destinada a trabalhadores daltônicos das estradas de ferro.

Só uma figura se destacava: um homem nu com um halo e o corpo esverdeado como o do cóccix de um ganso em estado de decomposição que já começou a feder. Ninguém incomodava aquele santo, pelo contrário: era ladeado por dois seres alados que deviam representar anjos. Mas o espectador tinha a impressão de que aquele santo homem nu gritava, horrorizado, por estar em uma companhia como aquela. De fato, os anjos tinham um aspecto semelhante ao dos ogros das histórias ou, dizendo melhor, algo a meio caminho entre um gato selvagem alado e um monstro apocalíptico.

O contraponto desse santo era uma pintura que devia representar a Santíssima Trindade. No que se refere ao pombo, o pintor pouco pôde fazer para estropiá-lo; pintou um pássaro indefinido que tanto podia ser um pombo como uma galinha branca da raça norte-americana wyandotte.

Por sua vez, o Deus Pai parecia um bandido do oeste selvagem, apresentado ao público por um filme sanguinário e eletrizante.

O Filho de Deus, pelo contrário, era um jovem alegre, com uma bela barriga redonda coberta com uma peça semelhante a uma sunga de banho. Parecia um esportista. Na mão tinha uma cruz, que segurava com muita elegância, como se fosse uma raquete de tênis.

À distância, no entanto, todo o efeito ficava diluído e parecia um trem entrando na estação.

Era absolutamente impossível adivinhar o significado do terceiro quadro. Os soldados se perdiam em um mar de discussões e se desvelavam para resolver aquela charada. Alguns achavam que era uma paisagem lírica da região do rio Sázava, na Boêmia. A questão era que embaixo se lia a seguinte frase: "*Sancta Maria, Mater Dei, miserere nobis.*"

Švejk, irradiando felicidade, levou o altar ao coche e se sentou na boleia ao lado do cocheiro. O capelão apoiou os pés confortavelmente na Santíssima Trindade.

Švejk ficou conversando com o cocheiro sobre a guerra.

O cocheiro era um rebelde e ia fazendo observações sobre a vitória austríaca, como: "Vocês aprontaram uma boa na Sérvia! Eles receberam o que mereciam", e coisas do estilo. Quando chegaram ao lugar onde estavam os fiscais municipais, um funcionário lhes perguntou o que levavam:

Švejk respondeu:

— A Santíssima Trindade, a Virgem Maria e o capelão.

Enquanto isso, no campo de exercícios estavam sendo aguardados com impaciência pelas companhias que deviam ir ao front. E tiveram de esperar muito. O capelão e seu ordenança precisavam ir em primeiro lugar buscar o troféu esportivo do tenente Wittinger e depois passar pelo convento de Břevnov para pegar a custódia, o cálice e outros elementos da missa, inclusive uma garrafa de vinho. Isso é uma prova de que oficiar uma missa campal não é tão simples assim.

— Nós vivemos nos atrapalhando — disse Švejk ao cocheiro.

E tinha razão. Quando chegaram ao campo de exercícios e subiram em um pódio com divisórias de madeira e uma mesa em cima da qual devia ser colocado o altar de campanha, perceberam que o capelão havia se esquecido do coroinha.

Costumava ajudá-lo a dizer a missa um soldado da infantaria, mas este preferira ir ao front como operador de rádio.

— Não importa, padre — disse Švejk —, posso fazer isso.

— Mas você sabe ajudar a dizer a missa?

— Nunca fiz isso — respondeu Švejk —, mas na vida é preciso experimentar de tudo. Estamos em guerra e na guerra as pessoas fazem coisas que antes não teriam nem lhes passado pela cabeça. Serei sempre capaz de responder o bendito *et cum spiritu tuo* a seu *Dominus vobiscum*. É uma bobagem. E, além do mais, acho que não é nem um pouco difícil ficar andando em volta do senhor como um gato perambulando ao redor de um pratinho de mingau quente, lavar suas mãos e verter vinho da jarra.

— Bem — disse o capelão —, mas não me sirva água. É melhor também me servir o vinho da segunda jarra. E quanto ao resto, eu lhe indicarei se deve ir para a esquerda ou para a direita. Não é necessário carregar o missal durante muito tempo. Tudo é muito divertido. Você não tem fobia de palco?

— Não tenho medo de nada, padre, nem de ajudar a missa.

O capelão tinha razão quando disse que tudo era muito divertido.

As coisas correram muito bem.

O sermão do capelão foi muito breve.

— Soldados! Estamos reunidos aqui para elevar nossos corações a Deus antes de marchar ao campo de batalha, para que nos conceda a vitória e nos mantenha sãos. Não vou ocupá-los por muito tempo. Desejo que tudo corra bem.

— Descansar! — gritou um velho coronel na ala esquerda.

A missa campal é chamada assim porque está submetida às mesmas leis das táticas militares no campo de batalha. Durante as longas manobras bélicas da Guerra dos Trinta Anos, as missas campais também costumavam ser surpreendentemente longas.

Com a tática moderna, na qual os movimentos dos exércitos são rápidos e ágeis, a missas campais também devem ser rápidas e ágeis.

Aquela durou exatamente dez minutos. Os soldados que estavam perto do altar ficaram bastante surpresos ao perceber que o capelão assoviava durante a missa.

Švejk seguia rapidamente os sinais. Movimentava-se ora à direita, ora à esquerda do altar, e não dizia nada além de *et cum spiritu tuo*.

Parecia uma dança indígena ao redor da pedra de sacrifício; no entanto, dava uma boa impressão porque dissipava o tédio do triste e empoeirado campo de exercícios, com a avenida de ameixeiras ao fundo e as latrinas, cujo odor substituía o místico aroma de incenso das catedrais góticas.

Todos se divertiam como possessos. Os oficiais que cercavam o coronel contavam piadas e tudo transcorreu na mais completa ordem. Aqui e ali se ouvia no meio da tropa: "Dê-me uma tragada!"

E, como a fumaça do fogo sagrado, nuvens azuis de cigarros saíam da tropa em direção ao céu. Ao ver que o coronel também acendera um cigarro, todos os oficiais começaram a fumar.

Quando se ouviu a ordem: "Ajoelhar!", levantou-se uma poeirada e todos os uniformizados fincaram os joelhos na terra diante da taça que o tenente Wittinger havia ganhado na corrida de Viena a Modling que disputara pela "Sport-Favorit".

O cálice estava cheio, e a opinião geral a respeito da performance do capelão foi expressa na frase que percorreu todas as filas:

— Bebeu tudo!

A performance foi repetida duas vezes. Depois, durante a oração, o capelão proclamou de novo: "Ajoelhar", enquanto soava *Deus proteja a pátria*, e vieram a formação e a marcha.

— Recolha todos os trastes — disse o capelão a Švejk, apontando o altar de campanha —, para que possamos levá-los aos seus devidos lugares.

Assim, pois, foram outra vez com o cocheiro e honradamente devolveram tudo, salvo a garrafa de vinho de missa.

E quando chegaram em casa, depois de enviar o infeliz cocheiro ao Estado-Maior para que lhe pagassem pela longa viagem, Švejk disse ao capelão:

— Humildemente, senhor capelão, gostaria de saber se o coroinha tem de ser da mesma confissão daquele que diz a missa.

— Claro — assentiu o capelão. — Senão a missa não seria válida.

— Então foi cometido um grande erro, senhor capelão — disse Švejk. — Eu não sou de nenhuma confissão. Como sou azarado!

O capelão olhou para Švejk e, depois de ficar em silêncio, bateu nos seus ombros e disse:

— Pode tomar o vinho de missa que restou na garrafa e imaginar que voltou a fazer parte da Igreja.

28 Santo Adalberto, padroeiro tcheco. (N. do T.)

12
Uma discussão religiosa

Às vezes, Švejk passava dias inteiros sem ver o pastor das almas militares. O capelão dividia seu tempo entre seu ofício e as farras e por isso só voltava para casa muito de vez em quando, sem ter tomado banho e desalinhado, como um gato volta miando depois de suas excursões pelos telhados.

Se quando voltava ainda era capaz de se expressar, antes de adormecer conversava com Švejk sobre os objetivos mais elevados, o nobre entusiasmo e a alegria de pensar.

Algumas vezes até tentava falar em versos e citava Heine.

Švejk teve a oportunidade de participar de outra missa campal com o capelão, desta vez destinada aos sapadores. Por engano, também haviam convidado outro capelão militar, um ex-catequista, um homem extraordinariamente piedoso que olhou para seu colega com evidente estranheza quando este lhe ofereceu um gole de conhaque do cantil que Švejk sempre levava a esse tipo de cerimônias religiosas.

— É de boa marca — disse o capelão Otto Katz. — Beba um bom gole e vá para casa. Vou fazer tudo sozinho. Preciso ficar ao ar livre. Estou com dor de cabeça.

O capelão piedoso foi embora balançando a cabeça e, como sempre, Katz cumpriu perfeitamente sua missão.

Desta vez o que se transformou no sangue do Senhor foi vinho misturado com água gasosa e o sermão foi mais longo do que das outras vezes. A cada frase, o capelão repetia "e assim por diante, certamente".

— Soldados, hoje vocês partirão para o front, e assim por diante, certamente. Dirijam-se agora a Deus e assim por diante, certamente. Não sabem o que vai acontecer com vocês, e assim por diante, certamente.

E continuou trovejando do altar etceteras, certamente misturados com Deus e todos os santos.

Cheio de calor e entusiasmo oratório, o capelão disse, inclusive, que o príncipe Eugène de Savoy era o santo que os protegeria quando estivessem construindo pontes sobre os rios.

De qualquer forma, a missa campal acabou sem nenhum tipo de escândalo, de uma maneira agradável e feliz. Os sapadores se divertiram muito.

No caminho de volta, não queriam deixar que Švejk e o capelão entrassem no bonde com o altar desmontável.

— Vou bater na sua cabeça com esse santo — disse Švejk ao motorneiro.

Quando, finalmente, chegaram em casa, se deram conta de que haviam perdido o tabernáculo.

— Não importa — disse Švejk. — Os primeiros cristãos também diziam a missa sem tabernáculo. Se anunciássemos isso em algum lugar, o honesto descobridor iria querer uma recompensa. Se se tratasse de dinheiro, provavelmente nenhum descobridor honesto o acharia, embora ainda haja gente desse tipo. Em meu regimento de Budějovice havia um soldado, um grande estúpido, que uma vez encontrou seiscentas coroas na rua e entregou-as à polícia. Os jornais escreveram sobre ele dizendo que era um homem honesto e ele ficou envergonhado. Ninguém queria conversar com ele; todos lhe diziam: "Imbecil, que besteira a sua! Se ainda lhe resta um mínimo de honra no corpo, vai se arrepender pelo resto da vida." Tinha uma namorada, que parou de falar

com ele. Quando foi para casa em um dia de folga, os amigos o expulsaram da taverna durante o baile por causa daquilo. Começou a murchar, a ficar obcecado, e acabou se atirando debaixo de um trem. Uma vez um alfaiate da minha rua encontrou um anel de ouro. As pessoas lhe diziam que não devia entregá-lo à polícia, mas ele não se deixou convencer. A polícia recebeu-o muito amavelmente dizendo que já havia sido notificada a perda de um anel de ouro com um diamante, mas então olharam para a pedra e lhe disseram: "Homem, isto é vidro, não é diamante. Quanto lhe pagaram pelo diamante? Nós conhecemos gente honesta deste tipo." Finalmente ficou esclarecido que outra pessoa havia perdido um anel de ouro com um falso diamante, uma espécie de recordação familiar; de qualquer maneira, o alfaiate passou três dias no xadrez, porque ficou tão indignado que insultou os guardas. Deram-lhes os dez por cento da gratificação legal, ou seja, uma coroa e vinte cêntimos, porque aquela porcaria valia doze coroas; ele jogou a gratificação legal na cara do dono, este o denunciou por injúrias e o alfaiate teve de pagar vinte coroas de multa. Depois dizia em todos os lugares que toda pessoa honesta que encontrasse um objeto perdido e o devolvesse merecia receber vinte e cinco porradas e apanhar até que ficasse azul, publicamente, para que as pessoas se lembrassem daquilo e aprendessem a se comportar depois daquele exemplo. Acho que ninguém nos devolverá nosso tabernáculo, mesmo tendo atrás o selo do regimento, porque ninguém quer ter nada a ver com o exército. Provavelmente o jogarão no rio, para evitar qualquer confusão. Ontem na taverna U Zlatého věnce conversei com um camponês que já está com cinquenta e seis anos; esse homem me contou que havia ido à prefeitura do distrito de Nová Paka para perguntar por que haviam confiscado sua carroça. Depois de o terem expulsado da prefeitura, no caminho de volta passou um tempo observando um destacamento que acabara de chegar e que havia parado na praça. Um jovem lhe perguntou se podia olhar seus cavalos enquanto levava conservas para o exército e não voltou nunca mais. Quando o destacamento retomou a marcha, o homem se viu obrigado a ir com ele e assim chegou com os cavalos à Hungria. Uma vez ali, ele também pediu a uma pessoa que olhasse os cavalos e só assim se salvou; se não, o teriam arrastado até a Sérvia. Voltou completamente atônito e nunca mais quis ter nada a ver com assuntos militares.

À noite, receberam a visita do piedoso capelão que de manhã quisera celebrar a missa para os sapadores. Era um fanático que tentava aproximar Deus de todo mundo. Como catequizador, pretendia desenvolver o sentimento religioso das crianças a bofetadas. Naqueles dias, haviam sido publicados artigos sobre ele em diversas revistas com títulos como "Um catequizador selvagem", "Um catequizador que distribui bofetadas" etc. O catequizador estava convencido de que o melhor método para ensinar religião a uma criança era surrá-la regularmente.

Mancava de um pé, em consequência da visita do pai de um aluno que levara uma boa sova do catequizador porque manifestara dúvidas sobre a existência da Santíssima Trindade. Recebeu três socos. Um pelo Pai, outro pelo Filho e o terceiro pelo Espírito Santo. Hoje ia ver seu colega Otto Katz para levá-lo ao bom caminho e conversar com sua alma. Tentou se aproximar de seu objetivo com a seguinte observação:

— Acho estranho que em sua casa não haja nenhuma cruz dependurada. Onde o senhor reza o breviário? Suas paredes não estão decoradas com nenhuma estampa. O que é isto que está em cima da cama?

Katz sorriu:

— *Susana no banho*, e aquela mulher nua ali embaixo é uma velha conhecida. À direita há um quadro japonês que representa o ato sexual de uma gueixa e um velho samurai. É muito original, não acha? Meu breviário está na cozinha. Švejk, traga-o e o abra na página três.

Švejk saiu e ao cabo de um tempo se ouviu alguém desarolhar três garrafas de vinho.

O capelão piedoso ficou horrorizado quando as três garrafas foram colocadas na mesa.

— É um vinho de missa muito suave, senhor colega — disse Katz —, de primeira qualidade, Riesling. Quanto ao sabor, parece um Mosela.

— Não vou beber — disse o capelão piedoso com obstinação. — Vim apelar a sua consciência.

— Mas então ficará com a garganta seca — disse Katz. — Beba e eu o ouvirei. Sou uma pessoa muito tolerante e inclusive estou aberto a outras opiniões.

O capelão bebeu um golinho e arregalou os olhos.

— Pelos diabos, este vinho é ótimo, não é mesmo?

O fanático repreendeu-o com dureza:

— Noto que está blasfemando.

— É o hábito — devolveu Katz. — Às vezes até blasfemo. Švejk, sirva mais vinho ao senhor capelão. Posso lhe assegurar que até digo "cago em Deus". Quando o senhor tiver passado entre militares tantos anos como eu tampouco poderá prescindir disso. Não é nada difícil nem complicado e, sobretudo, é uma coisa muito próxima de nós, religiosos. Céus! Por Deus! Cruzes! Pelos sacramentos! Isto tudo não é muito bonito e profissional? Beba, caro colega!

O velho catequizador bebeu mecanicamente. Era evidente que queria dizer alguma coisa, mas não conseguia. Organizava os pensamentos.

— Levante a cabeça, caro colega — continuou Katz —, não fique aí sentado tristemente como se fossem enforcá-lo daqui a cinco minutos. Ouvi dizer a seu respeito que numa sexta-feira, por equívoco, comeu uma costela de porco em um restaurante porque estava convencido de que era quinta-feira e que, quando percebeu seu erro, foi ao lavabo e enfiou os dedos na boca para vomitar a carne, convencido de que, se não o fizesse, Deus o aniquilaria. Eu não tenho medo de comer carne nem mesmo nos dias de jejum e não tenho medo nem do inferno. Perdão, beba. Está se sentindo melhor? O senhor tem opiniões progressistas a respeito do inferno e segue o espírito da época e os reformistas? Em outras palavras, acredita que em lugar das caldeiras normais com enxofre os pobres pecadores são fritos na margarina, fervem em panelas de pressão, são refogados em manteiga, ficam girando em espetos elétricos, durante milhões de anos são esmagados por niveladoras de estradas, os rangidos de seus dentes são gravados e os discos enviados lá para cima, ao céu, para distrair os justos? No céu funcionam pulverizadores de água-de-colônia e a filarmônica interpreta Brahms e a pessoa fica tão farta que acaba preferindo o inferno e o purgatório. Os anjinhos têm hélices de aviões no rabo para não ter de fazer tanto esforço com as asas. Beba, querido amigo! Švejk, sirva um pouco de conhaque ao nosso visitante, estou achando que não está passando bem.

Quando o piedoso capelão voltou a si, disse em voz baixa:

— A religião é um conceito racional. Quem não crê no conceito da Santa Trindade...

— Švejk — interrompeu-o Katz —, sirva outro conhaque ao senhor capelão para que se recupere. Diga-lhe alguma coisa, Švejk.

— Humildemente, senhor capelão — começou Švejk. — Em Vlašim havia um deão que tinha uma diarista porque sua velha governanta fugira com o coroinha e o dinheiro. Já velho, o homem começou a estudar Santo Agostinho, que, segundo dizem, é um dos santos padres, e leu em suas obras que aquele que acredita em antípodas está condenado. Então gritou para a diarista: "Ouça, você me disse que seu filho é mecânico e foi para a Austrália. E, conforme Santo Agostinho, quem acredita em antípodas deve ser amaldiçoado." "Sua eminência", respondeu-lhe a diarista, "meu filho me manda cartas e dinheiro da Austrália!". "Isso não passa de um artifício do diabo", replicou o deão. "Segundo Santo Agostinho, não existe nenhuma Austrália e tudo isso não passa de tentações do anticristo." No domingo condenou-a publicamente gritando que a Austrália não existia. De maneira que o levaram diretamente da igreja para o manicômio. Seria necessário levar para lá muito mais gente. As ursulinas têm no convento uma garrafa de leite da Virgem Maria com o qual alimentam o menino Jesus. Uma vez levaram ao orfanato de Benešov a água de Lourdes e os órfãos tiveram uma caganeira como o mundo jamais viu.

O capelão piedoso achou que estava tendo visões e teve que beber outro cálice de conhaque para se recuperar um pouco, mas, de repente, a bebida subiu a sua cabeça. Piscando, perguntou a Katz:

— O senhor acredita na imaculada concepção de Nossa Senhora? Não acredita que o polegar de São João Batista que está preservado no monastério dos Piaristas é verdadeiro? Enfim, acredita pelo menos em Deus? E, se não acredita Nele, por que é capelão?

— Querido colega — respondeu Katz, acariciando-lhe levemente as costas —, enquanto o Estado não se der conta de que os soldados não precisam da bênção de Deus antes de ir à guerra, ser capelão militar será uma profissão bem remunerada que não obriga ninguém a se matar de trabalhar. Pessoalmente, prefiro isso a fazer exercícios ou a participar de manobras, como já fiz. Naquela época, recebia ordens dos meus superiores e hoje faço o que me dá na telha. Represento alguém que não existe e até exerço o papel de Deus. Quando não sinto uma verdadeira vontade de perdoar os pecados de alguém, não os perdoo mesmo que me implore de joelhos. De qualquer maneira, estes são uma minoria.

— Eu amo Deus — exclamou o capelão piedoso, começando a soluçar. — Amo-o muito. Sirva-me um pouco mais de vinho. Aprecio Deus — continuou —, aprecio e venero. Não aprecio ninguém tanto como a Ele.

Deu um soco na mesa com tanta força que as garrafas balançaram.

— Deus é uma substância sublime, sobrenatural. É honrado em suas relações. É uma aparição radiante, e isso é inegável. Também aprecio São José, de fato aprecio todos os santos, salvo São Serapião. Seu nome é muito feio.

— Teria que pedir permissão para mudá-lo — observou Švejk.

— Amo Santa Ludmila e São Bernardo — continuou o velho catequizador. — Este salvou muitos peregrinos no maciço de São Gotardo. Carrega no pescoço uma garrafa de conhaque e procura as pessoas que desaparecem debaixo da neve.

De repente, a conversa adquiriu outro tom. O capelão começou a misturar tudo:

— Aprecio os Santos Inocentes, cujo dia é 28 de dezembro, mas odeio Herodes. Quando as galinhas dormem, não podem botar ovos frescos.

Começou a rir e a cantar *Deus meu, santo, forte*.

Então se interrompeu e se dirigiu a Katz com severidade:

— O senhor não acredita que o dia 15 de agosto é o da festa da assunção da Virgem Maria?

A brincadeira havia chegado ao seu ponto máximo. Apareciam mais e mais garrafas e de vez em quando a voz de Katz se alçava:

— Diga que não acredita em Deus ou não lhe sirvo mais vinho.

Parecia ter voltado à época da perseguição aos primeiros cristãos. O velho catequizador cantou uma canção dos mártires da arena romana e depois vociferou:

— Creio em Deus, nunca o renegarei! Não quero seu vinho. Posso mandar trazerem o meu.

Por fim, o enfiaram na cama. Antes de adormecer, e levantando a mão direita como se fosse prestar juramento, declarou:

— Creio em Deus, no Filho e no Espírito Santo. Tragam-me o breviário.

Švejk colocou em suas mãos um livro que estava na mesa de cabeceira. E assim o piedoso capelão adormeceu com o *Decameron* de Boccaccio em cima do peito.

13
Švejk ministra a extrema-unção
O capelão militar Katz estava lendo, absorto, uma circular que acabara de chegar ao quartel. Era um comunicado oficial do Ministério da Guerra:

O Ministério da Guerra suspende, enquanto durar o conflito, todas as disposições relativas à concessão da extrema-unção aos membros do exército e estabelece as seguintes normas para os capelães:
§ 1. Fica suspensa a extrema-unção no front.
§ 2. Não é permitido que os doentes graves e os feridos se afastem da primeira linha para receber a extrema-unção. Os capelães são obrigados a denunciar imediatamente tais casos aos tribunais militares para que os infratores sejam submetidos aos procedimentos penais correspondentes.
§ 3. Nos hospitais militares da retaguarda é permitido ministrar a extrema-unção coletivamente de acordo com o ditame dos médicos militares, sempre que isso não representar obstáculo para a manutenção da disciplina.
§ 4. Excepcionalmente, a direção dos hospitais militares da retaguarda poderá permitir que se ministre a extrema-unção individual em alguns casos específicos.
§ 5. Os capelães militares são obrigados a ministrar a extrema-unção nos casos individuais indicados pela direção dos hospitais militares.

Em seguida, o capelão releu o documento no qual lhe comunicavam que no dia seguinte deveria ir ministrar a extrema-unção a feridos graves internados no hospital militar da praça Carlos.

— Escute, Švejk — exclamou o capelão —, que porcaria! Como se eu fosse o único capelão militar de toda Praga. Por que não mandam aquele padre piedoso que outro dia dormiu aqui? Estão nos mandando dar a extrema-unção na praça Carlos. Eu já me esqueci de como se faz.

— Bem, compraremos um catecismo, padre, ali encontraremos as indicações — respondeu Švejk. — É uma espécie de guia turístico para pastores espirituais. No monastério de Emaús trabalhava um ajudante de jardineiro, e, quando quis entrar na comunidade dos leigos e usar uma túnica para não gastar sua roupa de paisano, viu-se obrigado a comprar um catecismo para aprender a se benzer, para saber quem era a única pessoa que fora preservada do pecado original, o que significava ter a consciência limpa e outras bobagens do tipo. Depois vendeu por baixo do pano a metade dos pepinos da horta do monastério e foi expulso escandalosamente. Quando nos encontramos, me disse: "Bem que consegui vender os pepinos sem ter de recorrer ao catecismo."

Quando Švejk voltou com o catecismo que acabara de comprar, o capelão folheou o livrinho e disse:

— Caramba! Só um capelão pode ministrar a extrema-unção, e exclusivamente com óleo abençoado pelo bispo. Você, Švejk, por exemplo, não pode ministrá-la. Leia como devo proceder.

Švejk leu:

— Para ministrar a extrema-unção, o capelão unta cada um dos sentidos do enfermo rezando da seguinte maneira: "Através desta santa unção e de sua generosa

misericórdia, que Deus perdoe todos os pecados que cometeu com a vista, o ouvido, o olfato, o paladar, a língua, o tato e a locomoção."

— Eu gostaria de saber, Švejk — observou o capelão —, como é possível pecar com o tato. Você pode me explicar?

— De muitas maneiras, padre. Por exemplo, a mão pode escorregar em um bolso alheio, ou podem acontecer "coisas" em um salão de festas... Entende, não é mesmo, que "coisas" são feitas ali?

— E com a locomoção?

— Fingindo que manca para que as pessoas tenham pena de você.

— E com o olfato?

— Quando não gosta de algum cheiro.

— E com o paladar?

— Quando tem muito apetite por alguém.

— E com a língua?

— A língua e o ouvido andam juntos, padre. Quando alguém fala pelos cotovelos e alguém o escuta.

Estas reflexões filosóficas fizeram o sacerdote se calar. Depois só conseguiu dizer:

— Švejk, precisamos de óleo benzido pelo bispo. Você tem aqui dez coroas, compre uma garrafinha. Eu acho que na intendência militar não tem esse óleo.

De maneira que Švejk saiu para procurar o óleo benzido pelo bispo. Uma tarefa como esta é mais difícil do que procurar água da vida nas histórias de Božena Němcová.[29]

Foi a algumas mercearias e assim que dizia "Me dê uma garrafa de óleo benzido pelo bispo" as pessoas começavam a rir ou, em alguns casos, até se escondiam debaixo do balcão. Švejk mantinha uma expressão extremamente séria.

Depois, resolveu tentar a sorte nas farmácias. Na primeira, mandaram um balconista expulsá-lo. Na segunda, estiveram prestes a chamar o pronto-socorro, e, na terceira, recomendaram que fosse à firma Polák da rua Dlouhá, especializada em óleos e vernizes, onde, com certeza, tinham o óleo que procurava.

A firma Polák da rua Dlouhá era um estabelecimento de fato competente; nenhum cliente ia embora sem realizar seus desejos. Àquele que pedia um bálsamo de copaíba, davam uma garrafa de terebintina e ele ficava feliz.

Quando Švejk entrou e pediu dez coroas de óleo benzido pelo bispo, o proprietário disse ao balconista:

— Senhor Tauchen, dê-lhe um decilitro de óleo de cânhamo número três.

E o balconista, enquanto embrulhava a garrafinha em papel, disse a Švejk com a cortesia comercial adequada:

— É de primeiríssima qualidade. E, se precisar de algum pincel, verniz ou laca, não hesite em nos procurar. Nós temos tudo para servi-lo.

Enquanto isso, o capelão militar repassava as partes do catecismo que não haviam ficado gravadas em sua memória em seus anos de seminarista. Gostou muito de algumas frases espirituosas, que o fizeram rir: "A extrema-unção deve seu nome ao fato de que costuma ser a última unção sagrada que a Igreja ministra a uma pessoa."

Ou então: "A extrema-unção pode ser recebida por qualquer cristão católico que tenha adoecido gravemente e recuperado a consciência."

"A extrema-unção deve ser ministrada, se for possível, enquanto o enfermo ainda estiver consciente."

Depois o ordenança chegou trazendo um memorando que comunicava ao capelão que a Associação das Damas Nobres, encarregada da educação religiosa dos soldados, presenciaria no dia seguinte o ato de extrema-unção programado para o hospital.

Tal associação era formada, exclusivamente, por velhas histéricas que visitavam os hospitais militares e distribuíam aos soldados figurinhas de santos e livrinhos sobre militares católicos que ofereciam sua vida ao imperador. Em todos aqueles relatos, havia um desenho colorido que representava o campo de batalha. Em todos os lugares, amontoavam-se cadáveres de homens e cavalos, carros de combate tombados e canhões virados para cima. No horizonte uma aldeia ardia em chamas, explodiam projéteis e no primeiro plano jazia um soldado com uma perna arrancada. Um anjo inclinava-se sobre ele e lhe entregava uma coroa de flores com a seguinte mensagem escrita no laço: "Hoje mesmo você me acompanhará ao paraíso." E o moribundo sorria beatificamente, como se tivessem lhe oferecido um sorvete.

Depois de ter lido o memorando, Otto Katz cuspiu e pensou com seus botões:

— Porra, amanhã terei mais um dia daqueles.

Conhecia aquela gentalha, como a chamava, da igreja de Santo Ignacio, desde que, anos atrás, predicara aos soldados. Naquela época ainda se preocupava com os sermões. As mulheres da associação costumavam se sentar atrás do coronel. Uma vez foram vê-lo duas mulheres esquálidas vestidas de preto com um rosário na mão e ao longo de um par de horas falaram sobre a educação religiosa dos soldados, até que o capelão, enfadado, lhes disse: "Desculpem, senhoras, mas o capitão está me esperando para jogar uma partida de *ferbl*."

— Bem, já temos o óleo — anunciou Švejk solenemente quando voltou da firma Polák. — É óleo de cânhamo número três, de primeiríssima qualidade, com o qual podemos untar todo o batalhão. Eu o comprei em uma casa muito séria que também vende pincéis, vernizes e lacas. Mas ainda precisamos de um sino.

— Por que um sino, Švejk?

— Temos que tocá-lo pelo caminho, para que as pessoas tirem o chapéu quando passarmos ao seu lado com Deus e o azeite de cânhamo número três, padre. Sempre se fez assim e muita gente que não tinha nada a ver com a história foi metida no xadrez por não ter tirado o chapéu. Em Žižkov, uma vez um capelão deu uma surra em um cego porque não havia tirado o chapéu; chegaram até a encarcerá-lo porque no tribunal provaram que não era surdo-mudo mas apenas cego e, portanto, ouvira o sino, e por não ter descoberto a cabeça causara um grande escândalo público, apesar de que era noite. É assim que fazem no dia de Corpus Christi. Caso contrário ninguém nos perceberia; no entanto, agora vão tirar o chapéu quando passarmos. De modo que, se não tiver nada a objetar, irei buscar agora mesmo um sino, senhor capelão.

Meia hora depois de ter recebido a permissão, Švejk voltou com o sino.

— Provém do portão da taverna U Křížek — explicou. — Durante cinco minutos senti muito medo e antes de pegá-lo tive de esperar um bom tempo porque não parava de entrar e sair gente.

— Estou indo para o café, Švejk. Se alguém chegar, diga-lhe para esperar.

Uma hora depois apareceu um indivíduo grisalho e entrado em anos, de postura ereta e olhar rígido. Sua aparência era raivosa e tenaz. Olhava como se o destino o tivesse enviado para que exterminasse nosso miserável planeta e apagasse seu rastro do universo.

Falava de uma maneira cortante, seca e implacável:

— Não está em casa? Foi a algum café? Devo esperar? Bem, esperarei até de manhã. Tem dinheiro para ir ao café, mas para pagar suas dívidas nem pensar. Capelão miserável!

Cuspiu no chão da cozinha.

— Senhor, não cuspa aqui! — disse Švejk, observando-o com interesse.

— Vou cuspir de novo! Veja, assim! — replicou o homem com teimosia, cuspindo pela segunda vez no assoalho. — Não tem vergonha, um capelão do exército!

— Se o senhor fosse uma pessoa educada, não cuspiria em uma casa alheia — advertiu-o Švejk. — Ou acha que como estamos envolvidos em uma guerra mundial pode se permitir tudo? Deve se comportar corretamente e não como um patife. Deve ser delicado, falar com educação e não se comportar como um velhaco, seu civil estúpido.

O homem severo levantou-se da cadeira, começou a tremer nervosamente e gritou:

— Você se atreve a dizer que não sou um homem decente? O que sou, então? Continue...

— Um merdinha — respondeu Švejk, olhando-o nos olhos. — Cospe no chão como se estivesse em um bonde, no trem ou em um lugar público. Sempre me perguntei por que em todos os lugares há cartazes que dizem que é proibido cuspir no chão e agora estou vendo que é por sua causa. Devem conhecê-lo muito bem em todos os lugares.

O rosto do homem severo começou a mudar de cor e tentou contestar com uma série de insultos dirigidos a Švejk e ao capelão militar.

— Terminou seu discurso? — perguntou Švejk com calma, quando ouviu o último: "Vocês dois são canalhas; tal amo, tal criado!" — Ou quer dizer mais alguma coisa antes de sair voando escada abaixo?

O senhor severo estava tão esgotado que não lhe ocorreu nenhum outro insulto e limitou-se a ficar calado. Švejk achou que o silêncio era um convite para que concretizasse sua ameaça.

Então abriu a porta, colocou o sujeito no umbral com o rosto voltado para o corredor e deu-lhe um pontapé do qual nem o melhor jogador da melhor equipe internacional de futebol se envergonharia.

A voz de Švejk acompanhou o homem severo pela escada:

— Na próxima vez que visitar pessoas decentes, comporte-se com delicadeza.

O homem severo ficou caminhando durante muito tempo debaixo da janela, esperando o capelão militar. Švejk abriu a janela e ficou observando.

Quando, finalmente, o capelão voltou, fez o homem entrar na sala e sentou-o na frente dele em uma cadeira.

Sem dizer nada, Švejk pegou a escarradeira e colocou-a diante do visitante.

— O que está fazendo, Švejk?

— Humildemente, senhor capelão, já tive aqui um pequeno contratempo com este senhor em torno da questão de cuspir no chão.

— Deixe-nos a sós, Švejk. Precisamos resolver um assunto.

Švejk bateu continência.

— Humildemente, senhor capelão. Vou deixá-los.

Foi para a cozinha. Na sala de jantar foi entabulada uma conversa muito interessante.

— O senhor veio buscar o dinheiro da nota promissória ou estou enganado? — disse o capelão.

— Sim, e espero...

O capelão suspirou.

— O homem se mete amiúde em situações em que não lhe restam mais do que a esperança. Como é bela a palavra "esperança", uma dessa tríade que eleva o homem acima do caos da vida: "Fé, esperança e amor."

— Eu tenho esperança, senhor capelão, de que a quantia...

— Naturalmente, distinto cavalheiro — interrompeu-o o capelão militar. — Posso repetir mais uma vez que a palavra "esperança" fortalece o homem em sua luta com a vida. O senhor tampouco perdeu a confiança. Como é bonito ter um determinado ideal, ser uma criatura inocente e pura que empresta dinheiro contra uma nota promissória e tem a esperança de ser reembolsado dentro dos termos acordados! Ter esperança, ter sempre a esperança de que vou lhe pagar mil e duzentas coroas quando não tenho no bolso nem cem...

— Então o senhor... — balbuciou o visitante.

— Sim, então eu — respondeu o capelão.

O rosto do visitante adquiriu novamente uma expressão obstinada e má.

— Senhor, trata-se de uma fraude.

— Acalme-se, nobre senhor.

— Trata-se de uma fraude — gritou com obstinação o convidado. — O senhor abusou da minha confiança.

— O senhor — disse o capelão — está precisando mudar de ares. Aqui está muito abafado. Švejk! — gritou para a cozinha —, este senhor quer sair para tomar um pouco de ar.

— Humildemente, senhor capelão — se ouviu da cozinha —, já o expulsei uma vez.

— Repita o procedimento — ordenou o capelão, que foi atendido com presteza, agilidade e rigor.

— Foi ótimo ter acabado com isso antes que se armasse um escândalo — disse Švejk ao voltar do corredor. — Em Malešice havia um taverneiro, um escriba, que vivia citando a torto e a direito as sagradas escrituras e quando dava chibatadas em alguém dizia sempre: "Quem economiza a chibata odeia o próprio filho, mas quem o ama vive castigando-o... Vou ensiná-lo a brigar na minha taverna, pilantra!"

— Você está vendo, Švejk, o que acontece com um homem que não respeita o próprio pai — sorriu Katz. — São João Crisóstomo disse: "Quem honra o sacerdote honra Cristo, e quem humilha o sacerdote humilha o Senhor Cristo, representado pelo sacerdote." Devemos nos preparar direito para amanhã. Frite alguns ovos com presunto, faça um pouco de ponche de vinho e depois iremos meditar, porque, conforme diz a oração vespertina, "A graça do Senhor afastou desta casa todas as insídias dos desalmados".

No mundo há uma espécie de seres perseverantes ao qual pertencia o homem que já haviam expulsado duas vezes da casa do capelão militar. No momento exato em que o jantar ficou pronto alguém tocou a campainha. Švejk foi abrir a porta e voltou depois de um tempo, anunciando:

— O sujeito está aqui de novo, padre. Por ora, tranquei-o no banheiro para que possamos jantar tranquilamente.

— Você fez mal, Švejk — disse o capelão —; o provérbio diz que um visitante é sempre um enviado de Deus. Antigamente os monstros distraíam o senhor e seus convidados nos banquetes. Deixe-o entrar para nos divertir.

Depois de um tempo, Švejk voltou com o homem perseverante, que olhava, sombrio, para a frente.

— Sente-se — convidou-o o capelão amavelmente. — Estamos acabando de jantar. Comemos lagosta e salmão e agora, para rematar, ovos fritos com presunto. Sim, passamos bem sempre que as pessoas nos emprestam dinheiro.

— Espero que não pretendam brincar comigo — disse o homem sombrio. — Estou aqui hoje pela terceira vez. Espero que agora tudo fique esclarecido.

— Humildemente, senhor capelão — disse Švejk —, este sujeito é incansável, como um tal de Boušek de Libeň. Expulsaram-no em uma noite dezoito vezes da casa Exner e sempre voltava dizendo que havia esquecido o cachimbo. Entrava pela janela, pela porta, pela cozinha, pelas paredes do estabelecimento, pelo porão do bar, até teria entrado pela chaminé se os bombeiros não o tivessem tirado do telhado. Era tão persistente que poderia ter chegado a ser ministro ou deputado. Fizeram com ele o que podiam.

O homem perseverante não ligava para o que diziam e repetia com obstinação:

— Quero que tudo seja esclarecido e gostaria que me ouvissem.

— Vamos permitir que fale — disse o capelão. — Diga, honorável senhor. Fale pelo tempo que quiser e, enquanto isso, nós daremos continuidade ao nosso banquete. Espero que não se incomode. Švejk, ponha a mesa.

— Como o senhor sabe — disse o ser perseverante —, a guerra explodiu. Eu lhe concedi um empréstimo antes do conflito e se não estivéssemos em guerra não insistiria tanto para receber. Mas tive más experiências.

Tirou uma caderneta do bolso e continuou:

— Tenho tudo anotado. O tenente Janata me devia setecentas coroas e ousou cair no rio Drina. O tenente Prášek caiu prisioneiro no front russo e me deve duas mil coroas. O capitão Wichterle, que me devia a mesma quantia, deixou-se matar por seus próprios soldados em Rava-Ruska. O tenente Machek, que está preso na Sérvia, me deve mil e quinhentas coroas. Há outras pessoas assim. Um tomba nos Cárpatos com uma promissória minha e não paga, o outro cai prisioneiro, o terceiro se afoga na Sérvia, o quarto morre em um hospital da Hungria. Entenda agora meus temores. Esta guerra me arruinará se eu não for enérgico e implacável. Pode objetar que com o senhor não corro nenhum risco direto, mas olhe...

Colocou a caderneta debaixo do nariz do capelão.

— Olhe: o capelão Matyáš, de Brno, morreu em um hospital de isolamento há uma semana. Eu poderia arrancar meus cabelos. Não me pagou mil e oitocentas

coroas e foi à tenda da cólera ministrar a extrema-unção a um homem com quem não tinha nada a ver.

— Era sua obrigação, prezado senhor — disse o capelão. — Eu amanhã também vou dar uma extrema-unção.

— E também pode visitar conosco um asilo de cólera — observou Švejk — para ver o que significa se sacrificar.

— Senhor capelão — disse o homem obstinado —, acredite que estou passando por uma situação desesperadora. Esta guerra tem o objetivo de apagar todos os meus devedores da face da Terra.

— Quando o declararem apto para ir à guerra e partir para o campo de batalha — voltou a se manifestar Švejk —, então o senhor capelão e eu celebraremos uma missa para que, pela graça de Deus, a primeira granada não o transforme em pó.

— Senhor, o assunto é sério — continuou o incansável. — Peço que seu criado não se meta em nossos assuntos para que possamos terminar logo.

— Perdão, padre — disse Švejk —, faça o favor de me ordenar que não me meta em seus assuntos, pois caso contrário continuarei defendendo seus interesses como cabe a um bom soldado. Este senhor tem toda razão; ele quer sair daqui por seus próprios meios. Eu não gosto de escândalos, sou uma pessoa educada.

— Švejk, isso tudo está começando a me aborrecer — disse o capelão, como se ignorasse a presença do visitante. — Achei que este homem nos divertiria, que nos contaria piadas, e em troca pede que lhe ordene que não se meta em nossos assuntos, embora já tenha lhe dado trabalho duas vezes. Uma noite como a de hoje, quando estou diante de um ato religioso de extrema importância e deveria dedicar todos os pensamentos a Deus, este sujeito vem me molestar com sua ladainha estúpida de mil e duzentas miseráveis coroas, e assim me distrai de meu exame de consciência, da meditação sobre coisas divinas, e quer que lhe diga de novo que agora não lhe darei nada. Não quero continuar conversando com ele para não estragar esta noite sagrada. Diga-lhe você, Švejk: o senhor capelão não lhe dará nada!

Švejk cumpriu a ordem, gritando no ouvido do visitante.

O homem teimoso continuou sentado.

— Švejk, pergunte-lhe quanto tempo pensa em ficar aqui bocejando?

— Não sairei daqui enquanto não me pagar — disse o teimoso com obstinação.

O capelão se levantou. Foi até a janela e disse:

— Nesse caso, entrego-o a você, Švejk. Faça com ele o que achar melhor.

— Vamos, senhor — disse Švejk, segurando o visitante indesejável pelos ombros. — A terceira vez é sempre a melhor.

E com rapidez e elegância repetiu o procedimento, enquanto o capelão tamborilava com os dedos uma marcha fúnebre no vidro da janela.

A noite consagrada à meditação passou por diversas fases. O capelão se aproximou de Deus com tanto fervor e devoção que ainda à meia-noite se ouvia de sua casa este canto:

Quando os soldados marchavam
todas as garotas choravam...

E com ele cantava o bom soldado Švejk.

Eram dois os homens que haviam pedido para receber a extrema-unção no hospital militar: um velho major e um gerente de banco, oficial da reserva. Ambos haviam recebido, nos Cárpatos, uma bala no estômago e estavam deitados em camas vizinhas. O oficial da reserva achava que sua obrigação era se deixar untar com os óleos santos, como fizera seu superior. Não pedir que o sacramento lhe fosse ministrado teria lhe parecido um ato de insubordinação. O piedoso major o fazia por astúcia, achando que uma oração cheia de fé poderia curar um moribundo. Mas na noite da véspera da extrema-unção os dois morreram, e quando, na manhã seguinte, o capelão se apresentou acompanhado por Švejk, jaziam sob os lençóis com o rosto enegrecido como o de todos os que morrem por asfixia.

— O que nos custou vir até aqui com toda a pompa, padre, para que estragassem tudo! — disse Švejk aborrecido, quando, no escritório, lhes disseram que os homens já não precisavam de coisa nenhuma.

E é verdade que haviam chegado com toda a pompa. Foram em um coche, Švejk tocando o sino e o capelão sustentando na mão uma garrafa de óleo envolta em um guardanapo, com a qual benzia com ar sério os transeuntes que tiravam o chapéu.

Não eram muitos, embora Švejk se esforçasse para fazer muito barulho com o sino. Atrás do coche corriam alguns meninos inocentes, um dos quais conseguiu se sentar na traseira e por isso o resto da criançada começou a gritar em uníssono:

— Sigam o coche, sigam o coche!

E Švejk tocava e o cocheiro dava chicotadas para trás. Na rua Vodičkova, uma porteira, membro da Congregação de Maria, correu atrás da carruagem tentando tocá-la, foi benzida, se benzeu, e, em seguida, cuspiu:

— Correm com Nosso Senhor como se estivessem sendo empurrados pelo diabo! É para acabar com qualquer tísico!

E voltou sem fôlego ao lugar onde estivera.

Mas quem se inquietava mais com o sino era a égua do cocheiro. O repicar devia lhe recordar alguma experiência desagradável, porque não parava de olhar para trás e de vez em quando tentava dançar no meio da via.

Era esta a grande pompa a que Švejk se referira. O capelão foi à secretaria resolver a parte financeira da extrema-unção: calculou que o exército lhe devia cento e cinquenta coroas pelo óleo bento e a viagem.

Isso provocou uma discussão entre o diretor do hospital e o sacerdote, que deu socos na mesa dizendo:

— Não creia que a extrema-unção é ministrada de graça, capitão. Quando enviam um oficial dos dragões à coudelaria para buscar cavalos, também lhe pagam diárias. Lamento profundamente o fato de esses dois homens não terem podido receber o sacramento: o custo do serviço teria aumentado em cinquenta coroas.

Enquanto isso, Švejk esperava lá embaixo, no posto de guarda, com a garrafa do óleo sagrado, que suscitava o mais vivo interesse dos soldados.

Um deles opinava que poderia ser usado, perfeitamente, para limpar os fuzis e as baionetas.

Um jovem soldado do altiplano boêmio-moravo que ainda acreditava em Deus lhes suplicou que não falassem daquilo e que não envolvessem os sagrados mistérios na discussão.

— Como bons cristãos, precisamos ter esperança.

Um velho reservista olhou para o novato e disse:

— É uma bela atitude ter a esperança de que um projétil lhe arranque a cabeça. Fomos enganados! Uma vez veio nos ver um enviado clerical e nos falou da paz divina que cobre toda a Terra, dizia que Deus não deseja a guerra e que quer que todos vivam em paz e sofram como irmãos. E agora vejam, quando explodiu a guerra o grande espertalhão reza em todas as igrejas pelo triunfo de nossas armas e fala de Deus como de um general do Estado-Maior que dirige a guerra. A quantidade de funerais que vi neste hospital militar, para não falar dos carros cheios até o topo com pernas e braços amputados que saem daqui!

— E os soldados são enterrados nus — disse outro soldado. — Passam seu uniforme para outro, e começa tudo de novo.

— Enquanto não vencermos — disse Švejk.

— Este criado miserável está querendo levar alguma vantagem — disse um sargento que estava em um canto. — Que o levem ao front, às trincheiras, que o façam correr contra as baionetas, contra os alambrados, contra os lança-minas e os lança-chamas. Todo mundo quer ficar chafurdando na retaguarda. Não apetece a ninguém tombar.

— Pois eu acho que deve ser uma grata experiência se deixar atravessar por uma baioneta — disse Švejk. — Também não seria tão mau receber uma bala na barriga. Mas o mais agradável de tudo é quando uma granada destroça o sujeito e ele vê que suas pernas e sua barriga estão longe dele e acha aquilo tão estranho que morre antes que alguém consiga lhe explicar o que aconteceu.

Um jovem soldado suspirou profundamente. Sentia pena de sua juventude, do fato de ter nascido em um século tão estúpido no qual seria morto como se fosse uma vaca destinada ao abate. Por que aquilo tudo acontecia?

Um soldado, professor de profissão, como se lesse seus pensamentos, observou:

— Alguns estudiosos dizem que a guerra é consequência das manchas solares. O surgimento de uma dessas manchas prediz que algo terrível está prestes a acontecer. A conquista de Cartago...

— Vá passear com sua erudição, sabichão — interrompeu-o o sargento —, será mais útil se varrer a sala, hoje é seu dia. O que nos importam suas malditas manchas solares! E mesmo que fossem, por exemplo, vinte, eu não compraria nada com isso.

— As manchas solares são muito importantes, sim, senhor — interveio Švejk. — Uma vez, apareceu uma mancha dessas e naquele mesmo dia me deram uma surra na taverna U Banzetů, em Nusle. A partir de então, cada vez que quero sair procuro no jornal se voltou a aparecer alguma mancha. E se apareceu alguma, não senhor, Deus do céu, Virgem Maria, não saio de casa. Só assim consegui sobreviver. Quando o vulcão Monte Pellé destruiu toda a ilha da Martinica, um professor escreveu no *Národní Politika* que, tempos atrás, advertira os leitores de que havia uma grande mancha solar. Mas o *Národní Politika* não deve ter chegado a tempo àquela ilha, para azar de seus habitantes.

Nesse meio-tempo, o capelão encontrara na secretaria uma senhora da Associação de Damas Nobres, encarregada da educação religiosa dos soldados, uma górgona velha e repugnante que desde a primeira hora do dia perambulava pelo hospital distribuindo santinhos que os soldados doentes e feridos atiravam nas escarradeiras.

Em seu percurso, conseguia irritar todo mundo com as bobagens que dizia, como, por exemplo, que todos teriam de se arrepender profundamente de seus pecados e procurar a perfeição para que depois da morte Deus lhes concedesse a salvação eterna.

Ao encontrar o capitão, a mulher lhe disse, naturalmente em alemão, que a guerra embrutecia os soldados ao invés de enobrecê-los, e empalideceu. Contou a Katz que os soldados haviam lhe mostrado a língua e a chamado de espantalho e de velha safada.

— É de arrepiar, senhor capelão; o povo está corrompido.

E, com um grande arrebatamento, começou a explicar suas ideias a respeito da educação religiosa dos soldados. Só se o soldado acreditasse em Deus e tivesse sentimentos religiosos lutaria com todas as forças por seu imperador, porque não temeria a morte, convencido de que o esperava o paraíso.

A charlatona continuou soltando asneiras desse tipo ao capelão. Como dava a impressão de que estava decidida a retê-lo por um bom tempo, este se viu obrigado a se despedir, correndo o risco de faltar às normas de urbanidade mais elementares.

— Vamos para casa, Švejk! — gritou ao posto de guarda. No caminho de volta, não houve nenhuma comemoração.

— Na próxima vez que mandem outro ministrar a extrema-unção! — disse o capelão. — Ora, brigar por dinheiro por cada alma que você quer salvar! Os canalhas só se interessam por sua contabilidade!

Ao ver a garrafa de óleo "bento" nos dedos de Švejk, franziu o cenho:

— O melhor que podemos fazer com este óleo é untar os sapatos, os meus e os seus.

— Também tentarei untar a fechadura — disse Švejk —; ela range de uma maneira escandalosa cada vez que o senhor volta de madrugada.

E assim acabou a extrema-unção que não chegou a ser ministrada.

29 Božena Němcová, uma das maiores escritoras tchecas, colecionava contos de fada tchecos e eslovacos. (N. do T.)

14
Švejk como ordenança do tenente Lukáš

1

A felicidade de Švejk não durou muito. O destino cruel rompeu suas relações amistosas com o capelão militar. Se até aquele momento o sacerdote havia sido um personagem simpático, o que fez mais tarde lhe arrancou pela raiz a máscara da simpatia.

O capelão vendeu Švejk ao tenente Lukáš ou, melhor dizendo, perdeu-o jogando baralho. Era assim que se vendiam antigamente servos na Rússia. Tudo aconteceu sem aviso prévio.

Na casa do tenente Lukáš, se reuniu um grupinho de pessoas que pertenciam à fina flor do exército para jogar vinte e um. O capelão perdeu tudo e no final disse:

— Quanto você me emprestaria pelo meu ordenança? É um grande imbecil, mas uma figura interessante, um *non plus ultra*. O senhor nunca teve um ordenança semelhante.

— Posso lhe emprestar cem coroas — ofereceu o tenente Lukáš. — Se não devolvê-las até amanhã, o senhor me manda essa raridade. Meu ordenança é uma pessoa repulsiva. Vive suspirando e escrevendo cartas para casa e, ao mesmo tempo, rouba tudo o que vê pela frente. Dou-lhe uns tapas sempre que o encontro, mas não serve para nada. Quebrei-lhe dois dentes da frente, mas não se corrigiu.

— Então está valendo — disse o capelão sem pensar duas vezes —, depois de amanhã cem coroas ou Švejk.

Acabou perdendo até as cem coroas e foi para casa muito triste. Sabia com absoluta certeza que não conseguiria as cem coroas até o dia seguinte e que por isso acabara de vender Švejk de uma maneira vergonhosa e mesquinha.

"Poderia ter pedido duzentas coroas", lamentou-se, mas, ao pegar o bonde elétrico que o deixaria em um instante em casa, foi acometido por um ataque de remorso e sentimentalismo.

"Não foi bonito da minha parte", pensou, quando tocou a campainha de seu apartamento. "Como conseguirei encarar agora seus olhos idiotas e bondosos?"

— Querido Švejk — disse ao entrar em casa —, hoje me aconteceu uma coisa incomum. Tive muito azar com as cartas. Apostei tudo e recebi um ás, depois tirei um dez e o sujeito que estava com a banca tirou um valete e somou vinte e um antes de mim. Tirei várias vezes um ás e um dez, mas sempre empatei com a banca. Perdi todo meu dinheiro.

Fez uma pausa.

— E acabei perdendo você. Pedi cem coroas emprestadas dando você como garantia e se não devolvê-las até depois de amanhã você não pertencerá mais a mim e sim ao tenente Lukáš. Lamento muito, mesmo...

— Ainda tenho cem coroas — disse Švejk. — Posso emprestá-las ao senhor.

— Passe-as para cá — animou-se o capelão —, irei devolvê-las imediatamente ao Lukáš. Não gostaria, acredite, de me despedir de você.

Lukáš ficou bastante surpreso ao ver que o capelão havia voltado.

— Vim lhe pagar a dívida — disse o capelão com ar vitorioso, olhando em volta. — Também quero cartas.

— Ora! — exclamou o capelão quando chegou sua vez. — Por um triz — disse —; passei.

— Ora! — disse depois da segunda rodada. — Ora, ora, nada...

— Quem fez vinte ganha — anunciou o banqueiro.

— Tenho dezenove — disse o capelão em voz baixa, entregando à banca as últimas quarenta coroas das cem que Švejk lhe emprestara para se livrar de sua nova escravidão.

O capelão voltou para casa convencido de que tudo terminara, de que nada poderia salvar Švejk, que estava escrito de antemão que deveria servir ao tenente Lukáš.

E quando Švejk abriu a porta, lhe disse:

— Foi tudo em vão, Švejk. Ninguém pode fugir do destino. Perdi você e as suas cem coroas. Fiz tudo o que estava ao meu alcance, mas o destino foi mais forte do que eu. Atirei-o nas garras do tenente Lukáš e logo teremos que nos despedir.

— Havia muito dinheiro na banca? — perguntou Švejk sem perder a calma. — Teve azar? Quando a carta não vem, é péssimo, mas às vezes é muito pior quando as coisas estão indo bem. Em Zderaz vivia um funileiro, um tal de Vejvoda, que sempre jogava *mariáš* em uma taverna que fica atrás do Café Stoletý. Um belo dia, o diabo soprou em seu ouvido: "O que você acha de jogarmos uma partida de vinte e um a cinco cêntimos?" Então começaram a jogar vinte e um a cinco cêntimos e ele ficou com a banca. Como todos passaram, a banca dobrou a aposta. O velho Vejvoda queria porque queria ajudar os outros, mas vocês não imaginam o tamanho do seu azar. Mesmo quando tirava cartas baixas, nunca eram menores do que as dos outros. A banca foi aumentando sem parar e de repente somava cem coroas. Nenhum dos jogadores tinha dinheiro suficiente para desafiar. Vejvoda suava em bicas. Um depois do outro foram acrescentando dez coroas e todos se deram mal. Um limpador de chaminés se irritou e foi buscar mais dinheiro em casa. Vejvoda queria abandonar o jogo e, como confessou mais tarde, fez de tudo para perder, mas nada. Sempre recebia cartas melhores. Sempre ganhava. Isso não é azar? Já estava completamente pálido. Infeliz. E, embora fosse o mais honesto dos jogadores da face da Terra, todos a seu redor começaram a xingar e a sussurrar que estava trapaceando, que uma vez levara uma surra por ter blefado. Assim, pois, foram depositando coroa após coroa. Já estavam ali quinhentas coroas. O taverneiro não conseguiu aguentar mais. Foi buscar o dinheiro que separara para pagar à companhia de cerveja, se sentou à mesa com o resto e empurrou para a frente duzentas coroas e depois mais duzentas. Então fechou os olhos, girou a cadeira para que lhe trouxesse boa sorte e disse, se balançando, que apostava tudo. "Joguemos com as cartas abertas", sugeriu. O velho Vejvoda teria dado qualquer coisa para perder. Todos estranharam quando, ao virar a carta, surgiu um sete, que ele guardou. O taverneiro ria sob os bigodes, porque tinha vinte e um. O velho Vejvoda tirou outro sete e também o guardou. "Agora virá um ás ou um dez", disse o taverneiro com ironia, "e eu aposto meu pescoço, senhor Vejvoda, que vai perder tudo de uma vez". Fez-se um silêncio sepulcral, Vejvoda virou a carta e apareceu um terceiro sete. Empate, vitória da banca. O taverneiro ficou branco como giz, pois aquele era seu último dinheiro. Levantou-se e foi para a cozinha. Depois de um tempo, apareceu correndo um menino que era seu aprendiz pedindo que fossem cortar a

corda do senhor taverneiro, que se pendurara na janela. De maneira que fomos procurá-lo, fizemos com que voltasse a si e continuamos jogando. Ninguém tinha mais nenhum tostão, todo o dinheiro estava na banca diante de Vejvoda, que só ganhava e juro por Deus que a única coisa que queria era se lascar, mas, como tinha que virar suas cartas e colocá-las na mesa, não podia fazer nenhuma artimanha e perder de propósito. Todos já estavam bobos com sua sorte, e como não lhes restava dinheiro resolveram apostar notas promissórias. Aquilo já durava horas e diante do velho Vejvoda se acumulavam milhares e milhares de coroas. O limpador de chaminé já estava devendo à banca mais de um milhão e meio, um carvoeiro de Zderaz mais ou menos um milhão, o porteiro do Café Stoletý oitocentas mil coroas, um médico mais de dois milhões. O velho Vejvoda tentou perder de todas as maneiras. Ia sem parar ao banheiro e cada vez deixava as cartas com uma pessoa diferente, para que ganhasse em seu lugar, e quando voltava lhe diziam que ganhara, que fizera vinte e um. Mandaram buscar um novo baralho, mas não adiantou. Quando Vejvoda tirava quinze, o outro tinha catorze. Todos olhavam furiosamente para o velho Vejvoda e quem mais protestava era um pedreiro que só perdera oito coroas. Aquele sujeito disse para quem quisesse ouvir que um homem como Vejvoda não deveria andar pelo mundo, que deveria levar uns pontapés, ser atirado na rua e afogado como se fosse um cachorro. Não é possível imaginar o desespero do velho Vejvoda. Finalmente, teve uma ideia. "Vou ao banheiro", disse ao limpador de chaminé, "jogue por mim". E tal como estava, sem chapéu nem nada, saiu do estabelecimento e foi correndo à rua Myslíkova chamar a polícia. Encontrou uma patrulha e denunciou que na taverna estavam jogando jogos de azar. Os guardas lhe pediram que fosse na frente e que depois o seguiriam. Vejvoda voltou e, ao chegar, lhe disseram que naquele meio-tempo o médico havia perdido mais de dois milhões, e o porteiro, mais de três; que tinham acabado de colocar quinhentas mil coroas em promissórias na mesa. Depois de um tempo, chegaram os policiais. O pedreiro gritou: "Salve-se quem puder", mas isso não adiantou de nada. Confiscaram a banca e levaram todos para a delegacia. O carvoeiro de Zderaz resistiu, e por isso o levaram em um carro. Na banca havia mais de meio bilhão em promissórias e mil e quinhentas coroas em dinheiro vivo. "Nunca vi uma coisa dessas", disse o inspetor de polícia ao ver aquela montanha de dinheiro, "isso é pior que Monte Carlo!". Todos, salvo o velho Vejvoda, ficaram ali até a manhã seguinte. No que diz respeito a Vejvoda, o deixaram livre porque denunciara a jogatina e lhe prometeram que, como recompensa, receberia, como era legalmente previsto, um terço do dinheiro confiscado, ou seja, que lhe caberiam mais de cento e sessenta milhões. No entanto, antes do amanhecer acabou perdendo a cabeça e ficou correndo por toda Praga encomendando dúzias de caixas-fortes. É isso que se chama ter sorte nas cartas.

Então Švejk foi preparar um grogue. No entanto, quando, à noite, foi obrigado a fazer um grande esforço para enfiar o capelão na cama, este se desfez em lágrimas e gemeu:

— Eu vendi você, meu companheiro, vendi-o vergonhosamente. Maldiga-me, me bata, eu aguento. Eu lhe dei o tiro de misericórdia. Não posso nem olhá-lo nos olhos. Arranhe-me, morda-me, destrua-me. Não mereço nada melhor. Sabe o que sou?

E o capelão, escondendo o rosto empapado de lágrimas no travesseiro, disse com voz suave, doce, terna:

— Sou um miserável sem caráter.

E adormeceu como uma pedra.

No dia seguinte, o capelão, evitando o olhar de Švejk, saiu de manhã cedo e só voltou tarde da noite, acompanhado por um gordo soldado de infantaria.

— Mostre-lhe onde está cada coisa, Švejk — disse o capelão, sem parar de evitar o olhar de Švejk —, para que possa se orientar. E também lhe ensine a preparar o grogue. Amanhã de manhã apresente-se ao tenente Lukáš.

Švejk e o novo ordenança passaram uma noite agradável preparando grogue. Ao alvorecer, o gordo soldado de infantaria mal se sustentava em pé e não fazia nada além de cantarolar uma estranha confusão de canções populares:

Em volta de Chodov corre um riacho,
Minha amada lá serve cerveja vermelha.
Montanha, montanha, você é alta,
As meninas foram para a estrada,
Na Bílá Hora o camponês lavra.

— Não estou preocupado com você — disse Švejk —, com este talento você ficará com o capelão por muito tempo.

Poucas horas depois, o tenente Lukáš viu pela primeira vez o rosto leal e sincero do bom soldado Švejk, que o saudava.

— Humildemente, senhor tenente. Sou aquele Švejk que o senhor capelão perdeu jogando cartas.

2

A instituição dos escudeiros militares é de origem muito antiga. Ao que parece, Alexandre Magno já tinha um escudeiro. Não há dúvida de que, na época do feudalismo, os escudeiros dos cavaleiros desempenhavam este papel. O que Sancho Pança era para Dom Quixote? Acho estranho que, até agora, ninguém tenha escrito a história dos escudeiros militares. Ficaríamos sabendo que, durante o assédio a Toledo, o duque de Almavira, faminto, comeu seu escudeiro literalmente, sem sal, como ele mesmo descreveu em suas memórias: disse que a carne de seu escudeiro era tenra, macia e suave, com sabor entre o do frango e o do asno.

Encontramos, em um velho livro bávaro sobre a arte militar, instruções para os escudeiros. O escudeiro dos tempos antigos tinha que ser piedoso, virtuoso, honrado, modesto e trabalhador. Em poucas palavras, devia ser um homem exemplar. Os tempos modernos mudaram notavelmente esse protótipo. O escudeiro de nossa época não costuma ser piedoso nem virtuoso nem honrado. Mente, engana seu amo e não poucas vezes transforma sua existência em um verdadeiro inferno. É um escravo muito esperto, que inventa os truques mais infames com o objetivo de levar seu amo ao caminho da amargura.

Na nova geração de escudeiros, é absolutamente impossível encontrar jovens abnegados a ponto de se deixarem devorar sem sal por seus amos, como procedeu o

nobre Fernando, o escudeiro do duque de Almavira. Por outro lado, vemos que os amos de nossa época travam uma batalha de vida e morte com seus escudeiros e recorrem a qualquer meio para fazer prevalecer sua autoridade. Esta costuma consistir de uma espécie de domínio do terror. Em 1912, em Graz, correu um processo em que o protagonista era um capitão que matara seu escudeiro a pontapés; foi absolvido, pois consideraram que se tratava apenas da segunda reincidência. De acordo com o imaginário daqueles senhores, a vida de um escudeiro não tem o menor valor. O escudeiro não passa de um objeto, ou melhor, de um saco de pancadas a serviço de seu senhor, um escravo, um criado que deve estar disposto a fazer qualquer coisa. Assim, pois, não nos surpreende que essa situação exigisse que o escudeiro recorresse à astúcia. Sua posição em nosso planeta só é comparável à dos sofrimentos dos escudeiros dos tempos antigos, adestrados a pancada e tortura.

Há casos, também, em que o escudeiro se torna o favorito e então se transforma no terror da companhia e do batalhão. Todos tentam suborná-lo. É ele quem decide sobre as folgas, é ele quem pode interceder para que reine a harmonia.

Conheci alguns deles no 91º Regimento. Um escudeiro foi condecorado com a grande medalha de prata porque sabia preparar maravilhosamente os gansos que roubava. Outro foi recompensado com a pequena medalha de prata porque lhe enviavam de casa enormes quantidades de pacotes com provisões maravilhosas, e por isso, em uma época de extrema penúria, seu amo se fartava de tal maneira que não conseguia dar um único passo. Então redigiu, mais tarde, uma sugestão para que fosse condecorado no seguinte estilo:

"Por ter dado provas de coragem e audácia pouco comuns nos combates e ter exposto sua vida para resgatar seu oficial sob o poderoso fogo do inimigo que avançava."

Enquanto isso, o indicado para a condecoração saqueava galinheiros sabe-se lá onde. A guerra alterou as relações entre os escudeiros e seus amos e transformou o escudeiro no ser mais odiado da tropa. O escudeiro recebia uma lata de conserva inteira, enquanto os demais tinham que dividi-la por cinco. Seu cantil estava sempre cheio de rum ou de conhaque. O indivíduo em questão passava o dia mastigando chocolate e biscoitos da provisão dos oficiais, fumando cigarros de seu amo, não fazia, durante horas e horas, nada além de cozinhar, e usava uma túnica adicional.

O escudeiro tinha estreitas relações com os ordenanças e lhes dava boa parte dos restos de sua mesa e de todos os privilégios de que desfrutava. Na verdade, tratava-se de um triunvirato do qual fazia parte o sargento intendente. Como este trio vivia em contato direto com o oficial, as operações e os planos de guerra não eram nenhum segredo para seus membros.

O pelotão mais bem informado era sempre aquele cujo cabo era amigo do escudeiro do oficial.

Quando aquele dizia: "Partiremos às 2h35!", então às 2h35 em ponto os soldados austríacos começavam a se distanciar dos inimigos.

O escudeiro tinha relações bastante íntimas com o pessoal da cantina do exército, ficava perambulando muito à vontade em torno dos fogões e pedia pratos com se estivesse em um restaurante e tivesse diante dele um cardápio.

— Eu quero costela — dizia ao cozinheiro —, ontem você me serviu rabo. E coloque um pouco de fígado na sopa, você sabe que não suporto baço.

O escudeiro tinha seus melhores momentos quando o pânico se instalava. Durante os bombardeios, seu coração penetrava em suas calças. Então se escondia atrás de sua bagagem e das malas de seu amo na zona mais protegida e enfiava a cabeça debaixo do cobertor para que as granadas não o atingissem e não desejava nada com tanto fervor como ver seu amo ferido para poder se retirar com ele para as trincheiras, a um lugar bem fundo embaixo da terra.

Cultivava o pânico de maneira sistemática, sempre com um ar misterioso. "Tenho a impressão de que estão desmontando o telefone", dizia confidencialmente aos soldados. E ficava feliz quando podia dizer: "Já foi desmontado."

Ninguém gostava tanto de bater em retirada como ele. Nesses momentos, esquecia-se de que acima de sua cabeça silvavam granadas e estilhaços: ele, com a bagagem nas costas, dirigia-se intrepidamente ao estado-maior, onde os destacamentos estavam posicionados. Ficava feliz quando as tropas do exército austríaco aceitavam levá-lo. No pior dos casos, recorria aos veículos de duas rodas dos serviços sanitários. Quando se via obrigado a ir a pé, parecia o mais infeliz dos homens. Nestes casos, deixava a bagagem de seu amo na trincheira e arrastava apenas os próprios pertences.

No entanto, quando acontecia de o amo escapar antes de ser preso, o escudeiro jamais se esquecia de levar a bagagem de seu superior à prisão, pois mais tarde as malas se transformavam em sua propriedade; agarrava-se a elas com toda sua alma.

Certa vez vi o escudeiro de um oficial que fora capturado; caminhou com os demais de Dubno a Dárnice, atrás de Kiev. Além de sua mochila e da de seu superior, que fugira para não ser preso, carregava cinco malinhas de diferentes tamanhos, dois cobertores e um travesseiro, além de uma trouxa na cabeça. Dizia que os cossacos lhe haviam roubado um par de malas.

Jamais esquecerei aquele homem, que fora capaz de arrastar aquela porção de trastes através de toda a Ucrânia. Parecia um caminhão de mudanças com pernas e até hoje não consigo entender como foi capaz de percorrer tantas centenas de quilômetros com todos aqueles volumes e levá-los mais tarde ao campo de concentração de Tashkent, no Uzbequistão, sempre vigiando as malas com o corpo e a alma, para acabar morrendo no meio da bagagem em consequência de um tifo maculoso.

Hoje em dia, os escudeiros se espalham por toda nossa república, relatando seus feitos heroicos: foram eles que assaltaram Sokal, Dubno, Niš e Piave. Cada um deles é Napoleão: "Fui eu quem disse ao nosso coronel para telefonar ao Estado-Maior e dissesse que já podia atacar."

A maioria dos escudeiros é de reacionários, e os soldados os odiavam. Alguns eram delatores e tinham um prazer especial quando viam alguém amarrado.

Chegaram a formar uma casta própria. Seu egoísmo não conhecia limites.

3

O tenente Lukáš era um exemplo típico de oficial ativo da decadente monarquia austríaca. A escola de cadetes conseguira transformá-lo em uma espécie de anfíbio, um agente duplo. Em sociedade falava em alemão, escrevia em alemão, mas lia livros tchecos, e na

época em que ensinava na escola de voluntários de um ano, todos tchecos, dizia confidencialmente: "Sejamos tchecos, mas ninguém precisa saber disso. Eu também sou tcheco."

Para ele, ser tcheco era como pertencer a uma espécie de organização secreta da qual era melhor manter distância.

Afora isso, era um bom sujeito. Não temia os superiores e, durante as manobras, preocupava-se com seus soldados, como é devido e correto. Sempre encontrava para eles um lugar confortável nos celeiros e, frequentemente, comprava com parte de seu modesto soldo um barril de cerveja para eles.

Durante a marcha, gostava que os soldados cantassem. Também tinham que cantar tanto ao ir como ao voltar dos exercícios. E ele, caminhando ao lado de companhia, cantava com eles:

Quando chegou a meia-noite negra
Do saco pulou toda a aveia.
Tataratá! Bum!

Os soldados gostavam dele; era um dos poucos oficiais justos e não costumava perseguir ninguém.

Os suboficiais tremiam diante dele e em apenas um mês o sargento mais cruel passava a ser o mais manso dos cordeirinhos.

Sabia, é verdade, gritar, mas nunca insultava ninguém. Escolhia as palavras e as frases: "Veja, rapaz", dizia, "não gosto mesmo de castigá-lo, mas não tenho outro remédio porque a capacidade e a bravura do exército dependem da disciplina, e sem disciplina o exército é como uma folha de relva à mercê do vento. Quando seu uniforme não está em ordem, quando os botões não estão bem costurados ou falta algum, é sinal de que você se esqueceu das obrigações que tem perante o exército. É provável que ache incompreensível ter de ir para o calabouço pelo simples fato de que ontem, durante a revista, lhe faltasse um botão da camisa, uma coisa tão fútil, tão insignificante, um detalhe que quando se está à paisana passa absolutamente despercebido. E, no entanto, este desleixo em relação a seu aspecto pode, no exército, significar uma falta séria que requer um castigo. E por quê? Porque não se trata apenas do fato de lhe faltar um botão, mas que aqui você tem de se habituar à ordem. Hoje não prega um botão e começa a ficar preguiçoso. Amanhã pode achar incômodo desmontar um fuzil para limpá-lo, depois de amanhã pode esquecer sua baioneta em uma taverna e, por fim, adormecerá quando estiver de serviço, porque começou, com o infeliz botão, a levar uma vida negligente. Assim é, jovem, e por isso lhe imponho um castigo para evitar outra pena mais grave por coisas que poderia cometer se, pouco a pouco, se acostumasse a se descuidar de suas obrigações. Farei com que o encerrem durante cinco dias e gostaria que nesse tempo, e enquanto estiver a pão e água, reflita e se dê conta de que um castigo não é nenhuma vingança, mas um meio didático cujo objetivo é corrigir e aperfeiçoar o soldado castigado."

Devia ter sido promovido a capitão há muito tempo; sua prudência em relação à questão nacional não lhe serviu de nada; tratava seus superiores sem papas na língua e não era nem um pouco subserviente.

Estes traços de seu caráter recordavam o temperamento dos camponeses do sul da Boêmia; ali Lukáš havia nascido, em uma pequena aldeia no meio de florestas frondosas e de lagos.

No entanto, se era justo com os soldados e não os torturava, seu caráter exibia um traço curioso: odiava seus ordenanças porque sempre tivera a desgraça de ter a seu serviço os mais insuportáveis, os mais pérfidos.

Tinha por hábito esbofeteá-los em uma inútil tentativa de corrigi-los e deixava claro que não os considerava soldados. Passara muitos anos brigando inutilmente com eles, sempre tinha novos ordenanças e invariavelmente acabava suspirando: "Outro estúpido infame!" Considerava seus ordenanças uma espécie de seres inferiores.

No entanto, gostava muito de animais. Tinha um canário de Harz, um gato angorá e um pinscher. Todos os ordenanças de Lukáš, que viviam sendo substituídos, não tratavam aqueles animais de uma maneira pior do que aquela com que eles mesmos eram tratados quando armavam alguma confusão.

Mataram o canário de fome, um escudeiro havia arrancado um olho do gato e todos eles surravam o pinscher sempre que o encontravam. O predecessor imediato de Švejk levou o pobre animal ao bairro de Pankrác, ao peleteiro, e chegou a ponto de pagar dez coroas de seu próprio bolso para que o matassem. Quando tudo terminou, comunicou ao tenente, simplesmente, que o cachorro havia escapado durante o passeio; no dia seguinte, o mentiroso marchou com a tropa para o campo de exercícios.

Quando Švejk foi se apresentar a Lukáš como seu novo ordenança, o tenente o fez entrar na sala e lhe disse:

— O capelão Katz o recomendou e espero que você não o envergonhe. Eu já tive uma dúzia de ordenanças e nenhum durou muito aqui. Advirto-o de que sou uma pessoa severa, que castiga com rigor qualquer farsa ou mentira. Quero que sempre me diga a verdade e que cumpra todas as minhas ordens sem resmungar. Se lhe disser: "Atire-se no fogo!", então se atire no fogo, mesmo que não queira. Para onde está olhando?

Švejk olhava com grande interesse para a parede onde estava pendurada a gaiola do canário. Ao ouvir aquela pergunta, apoiou seus olhos bondosos no tenente e respondeu com seu tom naturalmente amável:

— Humildemente, senhor tenente, ali está um canário de Harz.

Ao interromper dessa forma o discurso caudaloso do tenente, Švejk se manteve em posição de sentido, sem nem piscar, olhando-o diretamente nos olhos.

O tenente queria dizer algo contundente, mas ao ver a expressão inocente do rosto de Švejk limitou-se a comentar:

— O senhor capelão, ao recomendá-lo, disse que era um grande idiota e vejo que não estava equivocado.

— Humildemente, senhor, o nobre capelão certamente não estava equivocado. Fui dispensado do serviço militar como idiota; para ser mais exato, como notório idiota. Expulsaram dois sujeitos do regimento por este mesmo motivo, eu e o capitão Von Kaunitz. Aquele homem, meu tenente, se me permite, quando andava pela rua enfiava o tempo todo um dedo da mão esquerda no buraco esquerdo do nariz e um dedo da mão direita no buraco direito, e, quando nos levava ao campo de exercícios, sempre nos fazia formar como em um desfile e nos dizia: "Soldados, eh... Lembrem-se, eh... Hoje é quarta-feira, eh... e por isso amanhã será quinta-feira."

O tenente Lukáš encolheu os ombros como uma pessoa que não encontra palavras para dizer certas coisas.

Ia da porta até a janela da frente e voltava, passando ao lado de Švejk. Conforme o lugar onde estivesse, Švejk "olhava à direita" ou "olhava à esquerda", com uma expressão de tão absoluta e evidente inocência que o tenente abaixou os olhos para o tapete e disse uma coisa que não tinha nenhuma relação com o comentário de Švejk sobre o capitão idiota:

— Sim, aqui devem imperar a ordem e a limpeza, e ninguém pode mentir. Gosto da honradez. Odeio a mentira e castigo-a sem piedade, você entendeu bem?

— Humildemente, senhor tenente, entendi. Não há nada pior do que quando uma pessoa mente. Quando você começa a se enrolar, está perdido. Em uma aldeia perto de Pelhřimov havia um professor, um tal de Marek, que andava com a filha do guarda-florestal Špera, e este o fez saber que, se voltasse a ir com a garota à floresta, quando o encontrasse dispararia com o fuzil em sua bunda cerdas misturadas com sal. O professor lhe mandou uma mensagem dizendo que aquilo não era verdade, mas, uma vez, quando estava esperando a filha do guarda, este o descobriu e já se dispunha a realizar a operação prometida quando o professor se desculpou dizendo que estava colhendo flores, depois que estava procurando algum tipo de inseto e assim foi se enredando e enredando até que jurou e perjurou, tão assustado estava, que havia ido colocar armadilhas para as lebres. De modo que o bom guarda-florestal o agarrou e levou-o à delegacia, dali foi ao tribunal e quase trancafiaram o professor no cárcere. Se tivesse dito a pura verdade, só teria sido atingido por tiros de cerdas com sal. Na minha opinião, o melhor é dizer sempre a verdade, ser franco, e, quando aprontar alguma coisa, confessá-la sem rodeios: "Humildemente informo que fiz essa e aquela coisa." No que diz respeito à honradez, é sempre uma coisa muito bonita, porque com ela a pessoa vai longe. É como nas corridas de marcha atlética: quando você começa a fazer trapaças e se põe a correr, é desqualificado. Isso aconteceu com meu primo. Uma pessoa honesta é respeitada em todos os lugares, considerada, e pode ficar satisfeita consigo mesma, sentir-se renascida, e, quando se enfia na cama, pensar com alegria: "Hoje fui honesto mais uma vez."

Fazia tempo que o tenente Lukáš estava sentado em uma cadeira, olhando para as botas de Švejk e se dizendo: "Meu Deus, a verdade é que eu também muitas vezes falo pelos cotovelos e digo barbaridades; a única diferença é a forma que uso para me expressar."

No entanto, como não queria perder a autoridade, disse, quando Švejk terminou:

— Na minha casa você deve limpar seus sapatos, manter o uniforme em ordem, ter todos os botões pregados apropriadamente; em síntese, dar a impressão de que é um soldado e não um civil miserável. É curioso que nenhum de vocês saiba se comportar como um militar. De todos os meus ordenanças, só um tinha aspecto guerreiro, mas esse mesmo sujeito acabou me roubando o uniforme de gala e o vendeu no bairro judeu.

Fez uma pausa e retomou seu discurso, continuando a informar a Švejk a respeito de todas as suas obrigações; insistiu, sobretudo, que devia ser fiel e não comentar nunca, em nenhum lugar, nada a respeito do que acontecia em sua casa.

— Recebo mulheres — acrescentou — e, se na manhã seguinte não estiver de serviço, pode acontecer de alguma ficar aqui para dormir. Nestes casos, você, quando ouvir tocar a campainha, nos levará o café na cama. Entendeu?

— Humildemente, senhor, entendi. É claro que se me aproximasse da cama de repente, a dama poderia se sentir um pouco desconfortável. Uma vez uma senhorita me acompanhou à minha casa e minha empregada nos levou o café na cama no exato momento em que estávamos tendo uma ótima conversa. A empregada se assustou, derramou o café nas minhas costas e ainda disse: "Que Deus lhe dê um bom dia!" Sei como devemos nos comportar quando uma senhora passa a noite em nossa casa.

— Ótimo, Švejk. Com as senhoras devemos nos comportar com um tato extraordinário — disse o tenente, que ficara de excelente humor porque estavam tratando de seu tema favorito, o da atividade que preenchia todo o tempo que lhe restava livre depois do quartel, do campo de exercícios e das mesas de carteado.

As mulheres eram a alma de seu apartamento. Haviam-no transformado em um verdadeiro lar. Conhecia dúzias delas, e muitas haviam tentado decorá-lo, durante sua permanência, com pequenos bricabraques.

A mulher do dono de um café, que passara duas semanas inteiras na casa de Lukáš esperando que seu marido fosse buscá-la, bordou uma bela toalha de mesa, colocou monogramas em toda sua roupa de baixo e talvez tivesse bordado um tapete de parede se seu marido não tivesse estragado o idílio.

Uma dama, cujos pais foram buscá-la depois de três semanas, tentou transformar o quarto do tenente em um boudoir, e espalhou por todos os cantos todo tipo de objetos extravagantes, pequenos vasos de flores e coisas parecidas, e em cima da cama pendurou um pequeno quadro que representava o anjo da guarda.

Em todos os cantos do quarto e da sala de jantar se percebia sinais da mão feminina, que chegara até a cozinha, onde se podia apreciar uma coleção inteira de apetrechos e utensílios culinários, presentes magníficos da esposa de um industrial muito apaixonada que, além de sua paixão, lhe dera uma máquina de cortar verduras e repolho, outra de fatiar pão, um moedor de fígado, panelas, assadeiras, frigideiras, colheres de pau e só Deus sabe mais o quê.

No entanto, depois de uma semana aquela senhora abandonou Lukáš porque não podia aceitar a ideia de que tivesse, além dela, cerca de vinte amantes, coisa que deixava algumas marcas no desempenho do nobre macho uniformizado.

O tenente Lukáš também mantinha uma ampla correspondência; tinha um álbum de suas amantes e uma coleção de todo tipo de relíquias, consequência da pronunciada inclinação ao fetichismo que começara a se revelar nos últimos dois anos. Possuía algumas ligas de senhora, quatro preciosas calcinhas bordadas, três camisolas finas, lenços de seda, um corpete e algumas meias.

— Hoje estou de serviço — disse —, só voltarei à noite. Tome conta da casa e deixe tudo organizado. Meu último ordenança partiu para o front com o batalhão hoje mesmo, por culpa de suas vilanias.

Ainda deu algumas instruções a respeito do canário e do gato angorá e partiu, não sem antes dizer, parado na porta, algumas palavras sobre a honestidade e a ordem.

Depois que partiu, Švejk arrumou a casa muito bem, de maneira que, quando o tenente Lukáš voltou já de noite, pôde lhe dizer:

— Humildemente, senhor tenente, está tudo em ordem. A única coisa que aconteceu foi que o gato fez uma travessura: comeu seu canário.

— O quê? — trovejou o tenente.

— Humildemente, senhor tenente, aconteceu da seguinte maneira: eu já sabia que os gatos não gostam de canários e que os maltratam. Então tentei fazer com que o felino e o pássaro se tornassem amigos e, se o gato tentasse fazer alguma sandice, eu lhe daria uma surra para que não esquecesse até a morte que deve respeitar os canários, porque gosto muito de animais. No meu prédio vive um chapeleiro; este senhor adestrou seu gato de tal maneira que, se antes havia comido três canários que lhe pertenciam, agora não come nenhum, mesmo que se sente em cima dele. Assim, eu também quis experimentar e tirei o canário da gaiola para que o gato o cheirasse, mas ele, macacos, mordeu-lhe a cabeça antes que eu pudesse reagir. Francamente, eu não esperava dele uma safadeza desse tipo. Se se tratasse, senhor tenente, de um vulgar pardal, eu nem estaria comentando nada, mas um canário tão bonito, e ainda por cima de Harz! E precisava ter visto como o devorava, com que avidez, com as penas e tudo, e como ronronava de prazer! Dizem que os gatos não têm educação musical e não conseguem suportar o canto dos canários, porque as bestas não entendem essa coisa de cantar. Já dei uma bronca no gato, mas machucá-lo... Não. Deus me livre! Não lhe fiz nada, esperei que o senhor voltasse e decidisse como vai castigar o maldito.

Enquanto contava isso, Švejk olhava os olhos do oficial com tanta inocência que este, depois de ter se aproximado cheio de intenções maléficas, afastou-se, sentou-se em uma cadeira e perguntou:

— Ouça, Švejk, você é mesmo uma besta divina?

— Humildemente, senhor tenente. Sou, sim! — respondeu Švejk, triunfalmente. — Desde pequeno sou muito azarado. Sempre tento me consertar um pouco, fazer tudo de maneira correta, mas a única coisa que consigo é trazer problemas para mim e para todos os que estão à minha volta. Eu queria que esses dois se conhecessem, para que se entendessem, e não é culpa minha que o sacana tivesse engolido o outro e que as apresentações terminassem assim. Em uma casa chamada U Stupartu vive um gato que há alguns anos comeu um papagaio porque estava imitando seus miados. Os gatos têm sete vidas. Se me ordenar, senhor tenente, posso matá-lo, mas teria de fazê-lo esmagando-o na porta; de outra maneira, não terá fim.

E Švejk, com a cara mais inocente e o sorriso mais bondoso e afável do mundo, relatou ao tenente como os gatos eram mortos; sua exposição teria sido capaz de mandar para uma casa de lunáticos todos os membros de qualquer entidade protetora de animais.

Nesse campo, revelou ter conhecimentos tão especializados que o tenente Lukáš, esquecendo sua raiva, perguntou:

— Você sabe cuidar de animais? Tem sentimentos e amor pelos animais?

— Eu prefiro os cachorros — disse Švejk —, porque são um negócio lucrativo para quem sabe vendê-los. Eu não seria capaz de fazer uma coisa dessas, porque sempre fui honesto, mas mesmo assim sempre havia quem viesse atrás de mim me acusando de que eu lhe vendera um vira-lata em lugar de um cão saudável e de raça pura, como se todos os cachorros tivessem de ser saudáveis e de raça pura. E depois, como cada um queria saber a genealogia do cachorro, fui obrigado a mandar imprimir algumas árvores genealógicas e fiz passar mestiços nascidos em uma fábrica de tijolos de

Košíře por nobres aristocratas de sangue puro do canil Armin von Barheim, da Bavária. E, na verdade, as pessoas ficavam felizes pelo fato de tudo ter dado certo e de terem em casa um cachorro puro-sangue. Podia lhes oferecer qualquer coisa. Por exemplo, um pomerano de Vršovice por um dachshund, e as pessoas só estranhavam como era possível que um cachorro tão raro, vindo da Alemanha, fosse tão peludo e não tivesse pernas tortas. Este procedimento é comum em todos os canis. O senhor precisa ver, tenente, as fraudes que são feitas nos grandes canis quando se trata da questão do pedigree. Existem, de fato, poucos cachorros que podem afirmar: "Sou um puro-sangue!" A mãe pode ter sido esquecida ao lado de um monstro, ou então a avó, ou pode ter tido mais de um pai e herdado um pouco de cada um. As orelhas de um, o rabo de outro, os pelos do focinho do terceiro, as patas e coxas do quarto e o tamanho do quinto. E se teve doze pais, então já se pode imaginar, senhor tenente, que aspecto deve ter. Uma vez comprei um cão chamado Balabán que, por ter uma infinidade de pais, era tão feio que todos os cachorros o evitavam. Eu o adquiri por compaixão, tamanha era a pena que sentia por ele. Em casa, costumava se sentar sempre em um cantinho, com o rabo entre as pernas, de modo que tive que vendê-lo como se fosse um pinscher. O que me deu mais trabalho foi tingi-lo, para ficar com cor de sal e pimenta. Então foi levado pelo dono à Morávia, e desde então nunca mais o vi.

O tenente começou a ficar muito interessado pela lição de cinologia e por isso Švejk pôde continuar, sem problemas:

— Os cachorros não são capazes de tingir seus cabelos sozinhos, como fazem as damas; essa é uma coisa que sempre cabe àqueles que os querem vender. Quando o cachorro é tão velho que já está todo grisalho, e mesmo assim você quer vendê-lo como se fosse um filhote de um ano ou se sua intenção é fazer um avô passar por um cachorro de nove meses, então precisa comprar um pouco de nitrato de prata, dissolvê-lo e tingir o pelo de preto até que pareça novo. E, para que fique forte, você precisa alimentá-lo com arsênico, como se fosse um cavalo, e limpar seus dentes com lixa de papel, aquela mesma que é usada para limpar facas enferrujadas. E, antes de levá-lo ao comprador, deve derramar em sua boca um pouco de slivovitz para que fique levemente embriagado. Aí ele fica esperto, alegre, late feliz e faz amizade com todo mundo, como os bêbados. Mas o mais importante é o seguinte, senhor tenente: para convencer o cliente, é preciso falar muito, mas muito, até deixá-lo mareado. Se alguém quer comprar um pinscher e você só dispõe de um cão de caça, precisa saber convencê-lo de tal maneira que leve o cão de caça; e se, por acaso, só dispuser de um pinscher e alguém vier comprar um cão alemão raivoso para que cumpra as funções de vigilância, você tem que deixá-lo tão abobalhado para que leve o pinscher no bolso no lugar do dogue alemão. Em outra época, quando eu fazia negócios com animais, uma vez apareceu uma senhora dizendo que seu papagaio escapara voando pelo jardim, onde uns meninos que brincavam de índio o haviam pegado, arrancado todas as penas de seu rabo e as colocado como enfeites na cabeça como nossos policiais. Como consequência, o papagaio adoecera de vergonha por não ter mais o rabo, e o veterinário lhe deu algumas pílulas e acabou com ele. A senhora quis comprar outro papagaio, mas um que fosse bem-educado, que não blasfemasse nem dissesse palavrões. O que eu podia fazer a respeito? No meu apartamento não havia nenhum papagaio nem sabia onde poderia conseguir um. Em casa havia apenas um buldogue raivoso, absolutamente cego. De maneira que, senhor tenente, tive de marear a senhora; falei das quatro da tarde às sete da noite até que

comprou o buldogue cego no lugar do papagaio. Aquilo foi pior que uma reunião diplomática, e quando a senhora estava indo embora, lhe disse: "Vamos ver se agora esses safados se atrevem a arrancar o rabo do animal!" e não voltei a conversar com aquela senhora nunca mais, porque, por culpa do buldogue, teve que sair de Praga, porque o cachorro havia mordido todos os vizinhos do prédio. O senhor pode acreditar, tenente, que é muito difícil encontrar um bom animal?

— Eu gosto muito de cachorros — disse o tenente. — Alguns dos meus amigos que estão no front têm cachorros com eles e me escreveram dizendo que em companhia de um animal fiel e devotado a guerra fica muito mais suportável. Estou vendo que você conhece bem todas as raças de cães e suponho que, se eu resolvesse ter um, você cuidaria dele, não é mesmo? Qual raça seria a mais adequada, em sua opinião? Penso mais em um cachorro que me fizesse companhia. Uma vez tive um pinscher, mas não sei...

— Eu acho, senhor, que o pinscher é um cachorro muito amável. Nem todo mundo gosta dele, é claro, porque tem pelos e um bigode tão duro que parece o de um preso liberado. É tão feio que chega a ser bonito e ao mesmo tempo é inteligente. Um são-bernardo estúpido não pode ser comparado a ele. É ainda mais inteligente que um fox terrier. Conheci um...

O tenente Lukáš olhou o relógio e interrompeu a dissertação de Švejk.

— É tarde, preciso dormir. Amanhã também estarei de serviço, de maneira que você pode dedicar todo seu dia a procurar um pinscher para mim.

Foi dormir e Švejk se deitou no sofá da cozinha e pegou o jornal que o tenente trouxera do quartel.

"Caramba!", disse para si, lendo com interesse as notícias do dia. "O sultão acaba de condecorar o Kaiser Wilhelm com a medalha de guerra, e eu, no entanto, não tenho nenhuma medalha, nem uma pequena, prateada."

Pensou um pouco e deu um pulo:

"Quase ia me esquecendo..."

Entrou no quarto do tenente, que já dormia pesadamente, e o acordou:

— Humildemente, senhor tenente, não recebi nenhuma ordem no que se refere ao gato.

E o sonolento tenente Lukáš, no meio de um sonho, virou-se para o outro lado e grunhiu:

— Três dias trancafiado no quartel! Retire-se.

E o gato angorá voltou a se encolher embaixo do sofá.

4

Švejk estava prestes a sair para procurar um pinscher quando uma jovem dama tocou a campainha da porta dizendo que queria conversar com o tenente Lukáš. Ao seu lado estavam duas malas pesadas e Švejk ainda avistou na escada o quepe do porteiro descendo os degraus.

— Não está em casa — disse Švejk secamente, mas a jovem dama já entrara no vestíbulo e ordenou a Švejk com determinação:

— Leve as malas para o quarto.

— Sem a autorização do tenente não é possível — disse Švejk. — O senhor tenente me ordenou que nunca faça nada sem consultá-lo.

— Você enlouqueceu! — exclamou a senhora. — Vim visitar o tenente!

— Não sei absolutamente nada a respeito — respondeu Švejk. — O senhor tenente está de serviço, só vai voltar à noite, e recebi ordens de ir procurar um pinscher. Não sei nada de nenhuma mala nem de nenhuma dama. Agora fecharei a porta e por isso lhe peço, amavelmente, para ir embora. Não me disseram nada e não posso deixar entrar nenhuma pessoa estranha, desconhecida. Isto me lembra aquela vez em que deixaram entrar um homem na casa do confeiteiro Bělčický, que morava na minha rua, e ele abriu o guarda-roupa e fugiu. Não tenho, assim, nenhum pensamento negativo a seu respeito — continuou Švejk, quando se deu conta de que a jovem dama começara a chorar e a se desesperar —, mas não pode ficar aqui, de forma nenhuma. Precisa entender que me confiaram todo o apartamento. Sou responsável por cada detalhe. E por isso lhe peço de novo, muito amavelmente, que não fique nervosa. Até que meu tenente me dê uma ordem, não posso reconhecer nem meu próprio irmão. Lamento de verdade ter de falar com a senhora dessa maneira, mas no exército deve haver ordem.

Entretanto, a jovem dama se recuperara um pouco. Tirou da bolsa um cartão de visita, escreveu nele algumas linhas a lápis, enfiou-o em um envelope e disse com inquietação:

— Leve isso ao senhor tenente. Eu ficarei esperando aqui pela resposta. Aqui estão cinco coroas para a viagem.

— Isso tampouco vai ajudá-la — respondeu Švejk, ofendido pela intransigência da inesperada visitante. — Fique com suas cinco coroas, estão aqui na cadeira e, se quiser, venha comigo ao quartel e me espere lá. Eu entregarei seu bilhetinho e trarei uma resposta. Mas não poderá de nenhuma maneira ficar esperando aqui.

Depois dessas palavras, arrastou as malas até o vestíbulo e, fazendo as chaves tilintarem como se fosse o porteiro de um castelo, gritou da porta em um tom significativo:

— Fechando!

A jovem dama foi para o corredor. Estava decepcionada. Švejk fechou a porta e começou a caminhar na frente dela. A visitante o seguiu como um cachorrinho e só o alcançou quando Švejk entrou em uma tabacaria para comprar cigarros.

Depois passou a caminhar ao seu lado tentando entabular uma conversa:

— Vai entregar mesmo o bilhete?

— Vou, como já lhe disse.

— E vai encontrar o senhor tenente?

— Isso eu não sei.

Caminharam um ao lado do outro em silêncio até que muito tempo depois a mulher voltou a falar:

— Então o senhor acha que não vai encontrar o senhor tenente?

— Não acho isso.

— E onde acha que poderia estar?

— Não sei.

E assim a conversa foi interrompida de novo por muito tempo, mas foi retomada graças a uma nova pergunta da jovem dama:

— O senhor não perdeu o bilhete?

— Até agora não o perdi.

— Então vai entregá-lo ao senhor tenente?

— Vou.

— E vai encontrá-lo?

— Já lhe disse que não sei — respondeu Švejk. — Acho impressionante que existam pessoas tão curiosas a ponto de ficarem perguntando sempre a mesma coisa. É como se eu parasse uma pessoa a cada duas no meio da rua e lhe perguntasse que dia é hoje.

Terminaram assim todas suas tentativas de se comunicar com Švejk, e o resto do percurso até o quartel transcorreu no mais completo silêncio. Só quando chegaram ao edifício Švejk instou a jovem dama a esperar e começou a conversar sobre a guerra com os soldados que estavam no portão. Isso não deve ter agradado a jovem dama porque começou a andar nervosamente pela calçada com expressão triste, sobretudo quando viu que Švejk continuava seu discurso com uma expressão estúpida, semelhante a que talvez pudesse ter sido vista na fotografia que fora publicada certa vez em *A Crônica da Guerra Mundial* com o seguinte título: "O sucessor do trono austríaco conversa com dois aviadores abatidos por um aeroplano russo."

Švejk sentou-se em um banco ao lado da porta e começou a contar que no front dos Cárpatos os ataques do exército haviam fracassado, que o comandante de Přemyšl, o general Kusmanek, chegara a Kiev, que as tropas austríacas na Sérvia haviam deixado para trás onze bases de operação e que os sérvios não conseguiriam fugir por muito tempo de nossos soldados.

Depois começou a criticar as batalhas daquele momento e fez uma revelação magnífica, como se tivesse descoberto uma nova aldeia espanhola, ao afirmar que uma divisão assediada por todos os flancos era obrigada a se render.

Quando já havia falado o suficiente, achou melhor ir para fora e dizer à desesperada dama que voltaria em seguida, que não fosse a lugar nenhum, e subiu aos escritórios, onde encontrou o tenente Lukáš, que naquele exato momento estava explicando o diagrama de uma trincheira a um subtenente, reprovando-o por não saber desenhar nem entender nada de geometria.

— Olhe, isto tem que ser desenhado assim. Se devemos traçar uma linha vertical sobre uma linha reta, temos que aproximá-la de tal maneira que forme com ela um ângulo reto. Você entendeu? Desta maneira orientará as trincheiras corretamente e não na direção dos inimigos. Você vai ficar a seiscentos metros de distância deles. Mas, da maneira como desenhou, leva nossa posição diretamente à linha inimiga, está perpendicularmente sobre o inimigo quando, na verdade, precisa de um ângulo aberto. É uma coisa simplíssima, você não acha?

O subtenente da reserva, que, na vida civil, era caixa de banco, olhava com desespero para aqueles desenhos. A verdade é que não entendia nada e soltou um suspiro de alívio quando Švejk se aproximou do tenente:

— Humildemente, senhor. Uma dama lhe enviou esta carta e está esperando uma resposta.

E, ao dizer isto, piscou um olho para o tenente, com uma expressão significativa e confidencial.

O conteúdo do bilhete, escrito em alemão, não causou uma impressão muito boa ao tenente:

Leiber Heinrich!
Mein Mann verfolgt mich.
Ich mußt unbedingt bei Dir ein paar Tage gastieren. Dein Bursch ist ein grosses Misvieh. Ich bin unglückclich.

Deine Katy

Ou, se fôssemos traduzi-lo para o tcheco:

Querido Jindřich,

Meu marido me persegue.
Preciso passar um par de dias em sua casa.
Seu escudeiro é um animal.
Estou muito infeliz.

Sua Katy

O tenente Lukáš suspirou, levou Švejk a uma sala vazia, fechou a porta e começou a caminhar no meio das mesas. Quando, finalmente, parou ao lado de Švejk, disse:

— A dama escreveu que você é um animal. O que você fez com ela?

— Não fiz nada, senhor, humildemente. Comportei-me de uma maneira muito educada, mas ela queria se instalar imediatamente em seu apartamento. E como o senhor não me deu nenhuma ordem nesse sentido, não permiti que ficasse no apartamento. E ainda por cima chegou com duas malas, como se estivesse chegando em casa.

O tenente suspirou alto mais uma vez e Švejk o imitou.

— O quê? — gritou o tenente, ameaçador.

— Humildemente, senhor, mas é uma história muito difícil. É como o que aconteceu há dois anos na rua Vojtěšská: uma senhorita qualquer se mudou para a casa de um carpinteiro e ele não conseguiu tirá-la do apartamento e teve de asfixiá-la, a ela e a si mesmo, com gás, e assim acabou a brincadeira. As mulheres dão dor de cabeça. Eu consigo enxergá-las.

— É uma história muito difícil — o tenente repetiu as palavras de Švejk, e nunca na vida dissera nada mais apropriado.

O querido Jindřich estava, certamente, em uma situação terrível. Uma mulher perseguida pelo marido lhe fazia uma visita de alguns dias exatamente quando estava previsto que viesse vê-lo a senhora Micková, de Třeboň, para repetir, durante três

dias, o que vinha lhe oferecendo regularmente quatro vezes ao ano quando ia fazer compras em Praga. Além disso, dali a dois dias receberia a visita de outra senhorita: depois de ter hesitado durante toda uma semana, ela por fim lhe prometera que se deixaria seduzir, porque dentro de um mês se casaria com um engenheiro.

O tenente estava sentado na mesa com a cabeça baixa, permanecia calado e pensava, embora não lhe ocorresse nada. Finalmente, foi até a escrivaninha, pegou um envelope e escreveu em um formulário oficial:

Querida Katy! De serviço até às nove da noite. Chegarei às dez. Por favor, se sinta em minha casa como se estivesse na sua. No que diz respeito a Švejk, meu ordenança, já lhe dei ordens para que a atenda em tudo.

Seu Jindřich

— Entregue esta carta à gentil senhora — disse o tenente. — Ordeno-lhe que se comporte com ela respeitosamente e com cortesia e que atenda a todos os seus desejos. Deve considerá-los uma ordem. Seja gentil e sirva-a com lealdade. Aqui tem cem coroas das quais me prestará contas, para o caso de mandá-lo buscar alguma coisa. Encomende almoço, jantar e todo o resto. Compre três garrafas de vinho e um maço de cigarros. Bem. Por enquanto, nada além disso. Pode ir, e repito de novo para o seu coração: você deve fazer por ela tudo o que ler em seus olhos.

A jovem dama havia perdido todas as esperanças de voltar a ver Švejk e por isso ficou boquiaberta quando o viu sair do quartel e dirigir-se a ela exibindo uma carta.

Švejk saudou-a e entregou a carta, dizendo:

— De acordo com as ordens do senhor tenente, amável senhora, devo tratá-la com respeito e cortesia, servi-la honradamente e atender a qualquer desejo que avistar em seus olhos. Tenho de alimentá-la e comprar o que desejar. Recebi para isso do senhor tenente cem coroas, embora também deva comprar três garrafas de vinho e uma caixinha de cigarros Memfis.

Quando leu a carta, recuperou as energias, coisa que manifestou mandando Švejk ir buscar um fiacre. Quando este chegou, mandou que Švejk se sentasse na boleia, ao lado do cocheiro.

Foram para o apartamento, onde ela representou magnificamente o papel de dona de casa. Švejk teve de levar as malas ao quarto e sacudir os tapetes no pátio. Ao ver uma pequena teia de aranha atrás do espelho, ficou muito irritada.

Tudo parecia demonstrar que a senhora tinha a intenção de permanecer muito tempo naquela linha de combate a que chegara com extrema dificuldade.

Švejk suava. Quando acabou de bater os tapetes, ela lembrou que era necessário tirar as cortinas e também batê-las. Em seguida, Švejk recebeu a ordem de lavar as janelas do quarto e da cozinha. Então começou a trocar os móveis de lugar, coisa que fazia com muito nervosismo. E quando Švejk arrastou os móveis de um canto a outro, não gostou e voltou a mudar tudo outra vez e a ensaiar novas combinações.

Revirou tudo no apartamento, deixando-o de cabeça para baixo, mas aos poucos sua vontade de reorganizar o ninho foi se esgotando até que, por fim, parou de devastá-lo.

Tirou lençóis limpos do armário e ela mesma colocou as fronhas nos travesseiros e forrou o edredom. Notava-se que fazia aquilo sentindo amor pela cama, pois suas narinas tremiam suavemente.

Depois mandou Švejk buscar comida e vinho. E, antes que tivesse voltado, colocou um vestido transparente que a tornava extraordinariamente atraente e sedutora.

No almoço, bebeu uma garrafa de vinho, fumou muitos Memfis e depois foi se deitar na cama. Enquanto isso, Švejk saboreava na cozinha um pãozinho fornecido pelo exército que molhava em um cálice com alguma bebida doce.

— Švejk! — ouviu-se do dormitório. — Švejk!

Švejk abriu a porta e viu a jovem dama no meio das almofadas em uma pose sedutora.

— Entre!

Švejk aproximou-se da cama e então ela, com um sorriso peculiar, mediu de cima a baixo seu corpo rechonchudo e suas coxas fortes.

Afastando para um lado o tecido fino que a envolvia e escondia tudo, ordenou energicamente:

— Tire as botas e a calças! Mostre-se...

Foi assim que o bom soldado Švejk pôde comunicar o seguinte ao seu tenente, quando este voltou da caserna:

— Humildemente, senhor tenente. Atendi a todos os desejos da senhora e a servi honradamente, de acordo com suas ordens.

— Muito obrigado, Švejk — disse o tenente. — Foram muitos os desejos?

— Talvez uns seis — respondeu Švejk. — Agora está dormindo exausta depois da viagem. Fiz tudo o que vi em seus olhos.

5

Enquanto um sem-fim de soldados instalados nos bosques à beira do Dunajec e do Raab eram cobertos por uma chuva de granadas e a artilharia de grande calibre destroçava e enterrava tropas inteiras nos Cárpatos, enquanto nos horizontes de todos os campos de batalha resplandecia o fulgor das cidades e das aldeias incendiadas, o tenente Lukáš, acompanhado por Švejk, vivia, entediado, seu idílio com a dama que fugira do marido e agora representava o papel de dona de casa.

Quando a dama saiu para passear, o tenente Lukáš promoveu com Švejk um conselho de guerra que tinha o objetivo de resolver como iriam se livrar dela.

— O melhor seria, senhor — disse Švejk —, que o marido do qual fugiu e que a está procurando, segundo o senhor me disse que estava escrito na carta que lhe levei, ficasse sabendo onde está e viesse buscá-la. Poderíamos lhe enviar um telegrama dizendo que está hospedada em sua casa e que pode vir recolhê-la. No ano passado aconteceu uma coisa parecida em Všenory. Mas naquele caso foi a própria mulher quem enviou o telegrama a seu marido; ele foi buscá-la e estapeou os dois. Os dois eram civis; mas, neste caso, um civil não se atreveria a encarar um oficial. Afora isso, o senhor é completamente inocente porque não chamou ninguém, e quando a mulher fugiu do

marido o fez por conta própria. O senhor vai ver que o telegrama fará um bom serviço. E no caso de ser trocado um par de tapas...

— Ele é um homem muito inteligente — interrompeu-o o tenente Lukáš. — Eu o conheço, é atacadista de lúpulo. Preciso conversar com ele. Vou lhe mandar um telegrama.

O telegrama que enviou era áspero, burocrático: "O endereço atual de sua esposa é..." e em seguida o endereço do apartamento do tenente Lukáš.

Foi assim que um belo dia a senhora Katy teve uma surpresa bastante desagradável quando o comerciante de lúpulo atravessou precipitadamente a porta. Deu a impressão de ser uma pessoa inteligente, mas preocupada, quando a senhora Katy, não perdendo o controle naquele momento difícil, apresentou os dois senhores:

— Meu marido. O senhor tenente Lukáš.

Não lhe ocorreu nada além disso.

— Sente-se, por favor, senhor Wendler — disse o tenente Lukáš com amabilidade, ao mesmo tempo em que tirava a cigarreira do bolso. — Posso lhe oferecer um cigarro?

O inteligente comerciante de lúpulo pegou educadamente um cigarro, acendeu-o e, puxando a fumaça pela boca, perguntou de maneira cortês:

— O senhor vai logo ao front, prezado tenente?

— Pedi para ser destinado ao 91º Regimento de Budějovice e certamente irei para lá quando terminar de dar aulas na escola de voluntários de um ano. Precisamos de muitos oficiais e hoje em dia está acontecendo um fenômeno lamentável: os jovens que têm direito de se apresentar como voluntários não o fazem. Preferem ser vulgares soldados de infantaria ao invés de tentar serem cadetes.

— A guerra prejudicou muito o negócio do lúpulo, embora eu creia que não poderá durar muito — observou o comerciante, olhando ora para sua esposa, ora para o tenente.

— Nossa situação é excelente — disse o tenente Lukáš. — Hoje ninguém duvida de que a guerra acabará com a vitória das armas das potências centrais. A França, a Inglaterra e a Rússia são muito débeis se comparadas com o granítico bloco austro-turco-alemão. Bem, é verdade que sofremos pequenas derrotas em algumas frentes de batalha. Mas assim que rompermos o front russo entre os altos Cárpatos e o Dunajec central, não há dúvida de que os dias da guerra estarão contados. De qualquer maneira, os franceses estão ameaçados pela iminente perda de toda a França oriental e a entrada do exército alemão em Paris. É uma coisa inteiramente certa. Afora isso, nossas manobras na Sérvia prosseguem com grande êxito e o recuo de nossas tropas, que na verdade não passa de um movimento, tem sido interpretada de modo muito diferente daquele que exige o sangue-frio próprio de uma época bélica. Veremos o quanto antes que as manobras previstas para os campos de batalha do sul darão seus frutos. Por favor, veja isto...

O tenente Lukáš pegou, delicadamente, o comerciante de lúpulo pelos ombros e o conduziu até o mapa do campo de batalha que estava pendurado na parede; apontando determinados pontos, explicou:

— Os Beskyds orientais são, para os nossos, uma excelente base de operações. Como pode observar, nos setores do front dos Cárpatos temos excelentes

pontos de apoio. Basta um ataque poderoso nesta linha e aí só pararemos quando chegarmos a Moscou. A guerra acabará antes do que imaginávamos.

— E a Turquia? — perguntou o comerciante de lúpulo, enquanto pensava em como poderia abordar o tema que o levara àquele lugar.

— Os turcos se defendem bem — respondeu o tenente enquanto conduzia seu interlocutor à mesa. — O bei Hali, presidente do parlamento turco, acaba de chegar a Viena com o bei Ali. O marechal Liman von Sanders foi nomeado comandante supremo do exército turco em Dardanelos. O paxá Goltz chegou a Berlim vindo de Constantinopla, e o paxá Enver, o vice-almirante paxá Usedon e o general paxá Dzevad foram condecorados por nosso imperador. É um número considerável de condecorações em tão pouco tempo.

Ficaram sentados por algum tempo um diante do outro sem dizer nada, até que o tenente achou apropriado interromper a situação embaraçosa com as seguintes palavras:

— Quando chegou, senhor Wendler?

— Hoje de manhã.

— Fico muito feliz que tenha me encontrado em casa, porque à tarde vou sempre ao quartel e à noite estou de serviço. Como a casa, de fato, está sempre vazia, pude oferecer hospitalidade à sua amável senhora. Durante sua estada em Praga ninguém a molestou. A nossa velha amizade...

O comerciante de lúpulo tossiu:

— Katy é com certeza uma mulher muito curiosa, senhor tenente. Receba meus mais sinceros agradecimentos pelas atenções que lhe foram dispensadas. De repente lhe passou pela cabeça a ideia de vir a Praga, para, como disse, tratar dos nervos. Eu estava viajando, voltei e encontrei a casa vazia. Katy havia partido.

Tentando esboçar uma expressão que fosse a mais amável possível, ameaçou a mulher com um dedo e lhe perguntou com um sorriso forçado:

— Você achou que, como eu estava viajando, você também tinha o direito de viajar? Mas não lhe ocorreu...

Quando o tenente Lukáš viu que a conversa estava tomando um rumo desagradável, voltou a levar o inteligente comerciante de lúpulo ao mapa do campo de batalha e, apontando alguns pontos sublinhados, disse:

— Esqueci-me de alertá-lo sobre uma particularidade muito interessante. Preste atenção neste grande arco voltado para o sudoeste, onde a cadeia de montanhas forma uma grande cabeça de ponte. É para cá que está voltada a ofensiva dos aliados. Através da ocupação desta linha ferroviária que une a cabeça de ponte às linhas defensivas mais importantes do inimigo tem que ser interrompido o contato entre o flanco direito e o exército do norte sobre o Vístula. Ficou claro agora?

O comerciante de lúpulo respondeu que a coisa estava bastante clara e, como era um homem naturalmente cuidadoso, temeu que o que dissera fosse interpretado como uma indireta e por isso voltou ao seu lugar e disse:

— Com a guerra, nosso lúpulo perdeu sua participação no mercado externo. A França, a Inglaterra, a Rússia e os Bálcãs estão perdidos agora para o lúpulo. Ainda enviamos lúpulo para a Itália, mas temo que este país também acabe se envolvendo nessa confusão. No entanto, depois que tivermos vencido, seremos nós que ditaremos os preços das mercadorias.

— A Itália manterá uma neutralidade absoluta — consolou-o o tenente —, ela...

— Então, por que não admite que está amarrada à Áustria, à Hungria e à Alemanha pelo pacto da Tríplice Aliança? — exclamou bruscamente o comerciante de lúpulo, a quem naquele momento tudo subiu à cabeça: o lúpulo, a mulher e a guerra. — E eu que esperava que a Itália atacaria a França e a Sérvia! Deste modo a guerra acabaria. Meu lúpulo está apodrecendo nos armazéns; as vendas internas são desprezíveis, a exportação é nula e a Itália insiste em permanecer neutra. Por que a Itália renovou a Tríplice Aliança conosco em 1912? Onde está o ministro italiano de Assuntos Exteriores, o marquês de San Giuliano? O que faz esse senhor? Está dormindo ou o quê? Quer que lhe diga quais eram as minhas vendas antes da guerra e como estão agora?

"Não creia que não acompanho os acontecimentos" — continuou olhando fixamente e com fúria para o tenente, que, calmamente, desenhava com a boca círculos de fumaça de cigarro que se entrelaçavam no ar antes de se desfazer, coisa que a senhora Katy acompanhava com grande interesse. — Por que os alemães recuaram até a fronteira se já estavam em Paris? Por que foram reiniciadas as batalhas violentas entre o Mosa e o Mosela? Você sabe que em Combres e em Woëvre, perto de Marche, foram queimadas três fábricas de cerveja para onde eu, a cada ano, enviava mais de quinhentas sacas de lúpulo? E que em Vosges foi incendiada a fábrica de cerveja Hartmansweiler e que, em Niederaspach, perto de Mülhausen, arrasaram outra? Para minha empresa, isso significa uma perda anual de mil e duzentas sacas de lúpulo. Os alemães e os belgas se enfrentaram seis vezes para tomar a fábrica de cerveja de Klosterhoek, o que significa a perda de outras trezentas e cinquenta sacas de lúpulo por ano."

A agitação o impediu de continuar falando. Limitou-se a se levantar, se aproximar da esposa e lhe dizer:

— Katy, você irá imediatamente comigo para casa. Vista-se. Todos estes acontecimentos me deixam indignado — disse, por um momento usando um tom de desculpa: — Antes eu era uma pessoa bastante tranquila.

Quando Katy foi se vestir, o comerciante disse ao tenente em voz baixa:

— Não é a primeira vez que age de modo semelhante. No ano passado, fugiu com um professor suplente e os encontrei em Zagreb. Naquela ocasião assinei um contrato de seiscentas sacas de lúpulo com uma cervejaria local. Sim, sim, era nossa mina de ouro. Nosso lúpulo era exportado até para Constantinopla. Agora estou quase arruinado. Se o governo limitasse a produção local de cerveja, o golpe seria mortal.

E, enquanto acendia o cigarro que o tenente havia lhe oferecido, disse com desespero:

— Varsóvia sozinha comprava 2.370 sacas. A maior fábrica de cerveja de lá pertence aos agostinianos. Seu representante vinha me visitar todos os anos. É desesperador. Ainda bem que não tenho filhos.

Esta conclusão lógica sobre a visita anual do representante da cervejaria dos agostinianos de Varsóvia levou o tenente a sorrir levemente; o comerciante de lúpulo percebeu e por isso seguiu em frente:

— As cervejarias húngaras de Sopron e de Gross-Kanisza compravam da minha firma a cada ano aproximadamente mil sacas de lúpulo que depois levavam para Alexandria. Hoje não querem fazer nenhuma encomenda por culpa do bloqueio.

Ofereço-lhes o lúpulo com um desconto de trinta por cento, mas não me pedem uma única saca. Estagnação, decadência, miséria e, ainda por cima, dores de cabeça familiares.

O comerciante de lúpulo fez uma pausa. A senhora Katy quebrou o silêncio, pronta para ir embora:

— O que faremos com minhas malas?

— Virão buscá-las, Katy — disse tranquilamente o comerciante de lúpulo, feliz pelo fato de que o assunto tivesse acabado sem nenhum drama ou uma cena desagradável. — Se você ainda quiser fazer algumas compras, nos resta algum tempo. O trem sai às duas e vinte.

O casal se despediu amistosamente do tenente e o comerciante de lúpulo estava tão feliz por tudo ter terminado de uma maneira pacífica que, no vestíbulo, disse a Lukáš:

— Que Deus o livre, mas, se se ferir na guerra, venha a nossa casa, que nós cuidaremos do senhor da melhor maneira possível.

Quando o tenente entrou no quarto onde a senhora Katy se vestira para a viagem, encontrou na pia quatrocentas coroas e um cartão que dizia o seguinte:

Caro tenente!

O senhor não interveio a meu favor diante do gorila do meu marido, um imbecil de primeira linha. Permitiu que me levasse como se fosse um objeto que havia esquecido. Além disso, se permitiu fazer uma observação ao dizer que havia me oferecido sua hospitalidade. Espero não ter lhe dado despesas maiores que as quatrocentas coroas que lhe deixo e que peço que divida com seu escudeiro.

O tenente Lukáš ficou um tempo em pé com o cartão na mão e depois o rasgou. Sorrindo, olhou para o dinheiro em cima da pia e, ao ver que a senhora, em sua agitação, esquecera um pente quando ajeitava o cabelo diante do espelho, pegou-o e o guardou no meio de suas relíquias fetichistas.

Švejk voltou à tarde. Fora buscar um pinscher para o tenente.

— Švejk — disse o tenente —, você está com sorte. A senhora que estava hospedada aqui em casa acaba de partir. Foi levada pelo marido. E por todos os serviços que você lhe prestou, deixou quatrocentas coroas em cima da pia. Você terá de lhe agradecer, ou melhor, terá de agradecer ao marido, porque o dinheiro que ela havia pegado para a viagem era dele. Vou lhe ditar a carta:

Prezado senhor:
Agradeço sinceramente as quatrocentas coroas que sua esposa me deu de presente pelos serviços que lhe prestei durante sua estada em Praga. Tudo o que fiz por ela foi feito com muito prazer, e por isso não posso aceitar esta quantia e devolvo-a ao senhor...

"Continue escrevendo, Švejk, por que está nervoso? Onde parei?"

— *Devolvo-a ao senhor* — disse Švejk com voz trêmula e patética.

— Então, pois: *"Devolvo-a ao senhor manifestando-lhe minha mais profunda estima. Beijando respeitosamente a mão de sua senhora, Josef Švejk, ordenança do tenente Lukáš."* Pronto?

— Humildemente, senhor, ainda falta a data.

— 20 de dezembro de 1914. E agora escreva o envelope, pegue as quatrocentas coroas, leve-as ao correio e envie tudo a este endereço.

E o tenente Lukáš começou a assoviar alegremente uma ária da opereta *A viúva alegre*.

— Mais uma coisa, Švejk — disse o tenente quando o soldado estava saindo para ir ao correio. — Como está a história do cachorro?

— Tenho um em mente, meu tenente, um animal precioso, mas será difícil consegui-lo. Espero poder trazê-lo amanhã. Morde...

6

O tenente Lukáš não ouviu a última frase, embora fosse a mais importante: "*Morde, a besta morde tudo o que encontra pela frente!"* — Švejk quis repeti-la, mas depois se disse: "E o que isso importa ao tenente? Quer um cachorro? Então o terá."

Claro que não é uma coisa fácil dizer: "Traga-me um cachorro." Os donos costumam vigiar atentamente seus cães, e não precisa ser exatamente um puro-sangue. E mesmo os pobres vira-latas que só servem para aquecer os pés de uma velhinha também são adorados por seus donos, que não permitem que ninguém os machuque.

Um cachorro teme, por instinto, sobretudo quando é de raça, que um belo dia possam afastá-lo de seu dono. Vive com a angústia permanente de que vai ser roubado. Um cachorro, por exemplo, se afasta de seu dono durante um passeio e nos primeiros momentos parece feliz, alegre. Brinca com outros cachorros, trepa de maneira imoral em cima deles e vice-versa, fareja as pedras do meio-fio, levanta a patinha em cada esquina e até para o cesto de batatas da comerciante, enfim, sente tanta alegria de viver e acha o mundo tão belo que até parece um menino que tivesse passado no ginásio.

Mas, de repente, começa a perceber que sua alegria está desaparecendo. Acha que se perdeu. E é neste momento que sente pela primeira vez que está sendo invadido por um verdadeiro terror. Corre assustado pela rua, fareja, uiva, e, tomado por um desespero absoluto, enfia o rabo entre as pernas, joga as orelhas para trás e se lança pela rua de qualquer jeito, rumo ao desconhecido.

Se pudesse falar, gritaria: "Meu Deus do céu, alguém vai me roubar!"

Vocês estiveram alguma vez em um canil e viram aquelas expressões apavoradas dos cachorros? Todos foram roubados. A metrópole produziu uma espécie estranha de ladrões, que vive exclusivamente de roubar cachorros. Há um tipo de cachorrinhos de salão, anões, pinschers, que cabem no bolso de um casaco ou na manga de uma senhora, e assim são levados. Os dogues alemães raivosos que vigiam, enfurecidos, os chalés dos subúrbios são roubados à noite. O cão policial é roubado

debaixo do próprio nariz do detetive. Você caminha com um cachorro amarrado, cortam a corda e começam a correr e você fica como um apalermado olhando a corda vazia. Cinquenta por cento dos cachorros que você encontra nas ruas mudaram de dono várias vezes e, frequentemente, ao cabo de alguns anos, você compra o próprio cachorro que um dia lhe roubaram quando passeava com ele. O maior perigo de serem roubados ameaça os cachorros quando são levados para fazer suas necessidades fisiológicas, pequenas ou grandes. A maioria se perde fazendo estas últimas. É por isso que todos os cachorros, quando estão ocupados, olham cautelosamente em torno deles.

Existem vários métodos de roubar cachorros. Diretamente, ao estilo de um batedor de carteira, ou atraindo a pobre criatura para você. O cachorro é um animal fiel apenas nos livros escolares ou nos compêndios de história natural. Dê ao mais fiel dos cachorros uma linguiça de cavalo frita para farejar e pronto, está perdido: se esquece no mesmo instante do dono ao lado de quem caminha, dá a volta e passa a seguir você. De sua boca escorre saliva e, pressentindo o prazer que terá com o embutido, agita o rabo com animação e suas narinas tremem como as de um cavalo selvagem quando lhe levam uma égua.

No bairro da Malá Strana, perto da longa escadaria que leva ao castelo, há uma pequena cervejaria. Um dia estavam sentados ali, na penumbra, dois homens. Um era soldado, e o outro, civil. Conversavam em voz baixa, em um tom misterioso, inclinados um para o outro. Pareciam dois conspiradores da época da República de Veneza.

— Todos os dias às oito horas — disse o civil ao ouvido do soldado —, a empregada o leva para passear na esquina da praça Havlíček com o parque. Mas o cachorro é uma besta má, morde tudo o que encontra. Não é possível acariciá-lo.

E, inclinando-se ainda mais para o soldado, sussurrou ao seu ouvido:

— Não come nem linguiça.

— Nem mesmo frita?

— Nem frita.

Os dois cuspiram.

— O que a besta come, então?

— Só Deus sabe. Há cachorros que são mimados e paparicados como se fossem um arcebispo.

O soldado e o civil brindaram e o civil continuou cochichando:

— Uma vez, um pomerano preto que eu precisava para um canil de Klamovka também não queria pegar a salsicha que eu lhe oferecia. Persegui-o durante três dias, até que não aguentei mais e perguntei à senhora que o levava para passear o que lhe dava de comer para que ficasse tão bonito. A senhora se sentiu elogiada e me disse que ele preferia costeletas. Então lhe comprei uma costeleta de vitela, pois acho que é a mais saborosa de todas. E sabe o que aconteceu? O cachorro nem a notou, porque a carne era de vitela e ele estava acostumado com a de porco. Então tive de comprar uma costeleta de porco. Deixei que a cheirasse e comecei a correr, e o cachorro atrás de mim. A senhora gritava: "Puntík, Puntík!", mas onde estava o querido Puntík? Correu atrás da costeleta até a esquina, onde coloquei uma coleira em seu pescoço e no dia seguinte já estava no canil de Klamovka. Tinha um tufo de pelos brancos debaixo do pescoço, pintei-

os de preto e ninguém o reconheceu. Mas todos os outros cachorros, e eram muitos, corriam atrás de linguiça de cavalo frita. O melhor que você pode fazer é perguntar para ela o que o cachorro gosta de comer. Você é soldado, tem boa aparência, e é provável que lhe diga. Eu já lhe perguntei, mas olhou para mim como se quisesse me perfurar e disse: "Não é da sua conta." Além disso não é muito bonita, parece um macaco, mas aceitará conversar com um soldado.

— Você me garante que é um pinscher? Meu tenente não quer outro.

— Um pinscher de primeira. Pimenta e sal, verdadeiramente puro-sangue, tão verdadeiro como você se chama Švejk e eu, Blahník. Preciso saber o que come, assim o seduzirei e o trarei para você.

Os dois amigos voltaram a brindar. Antes da guerra, quando Švejk ainda vivia do comércio de cachorros, Blahník era um de seus fornecedores. Era um homem experiente e diziam que comprava nos matadouros, por baixo do pano, cachorros suspeitos e os revendia. Uma vez tivera raiva e no Instituto Pasteur de Viena se sentia como se estivesse em casa. Agora considerava uma obrigação moral ajudar Švejk desinteressadamente. Conhecia todos os cachorros de toda Praga e arredores e por isso falava sussurrando para que o taverneiro não o reconhecesse: seis meses antes, havia levado da cervejaria um pequeno perdigueiro debaixo do casaco, ao qual deu leite de mamadeira para que o estúpido cachorro o tomasse pela mãe e não desse nem um pio dentro do casaco.

Por princípio, só roubava cachorros de raça pura e teria podido ser um perito neste campo. Fornecia tanto a canis como a particulares, conforme calhava. Quando ia pela rua, os cachorros que um dia havia roubado grunhiam para saudá-lo e às vezes, quando se detinha diante de uma vitrina, um cachorro vingativo levantava a patinha e molhava suas calças.

No dia seguinte, às oito da manhã, o bom soldado Švejk foi visto na esquina da praça Havlíček com o parque. Esperava a empregada com o pinscher. Finalmente chegaram: um cachorro com pelo longo ao redor do focinho, peludo e com olhos pretos inteligentes passou correndo ao lado de Švejk. Estava alegre como todos os cachorros quando acabam de fazer suas necessidades e se apressava em se aproximar dos pássaros que faziam sua primeira refeição comendo excrementos de cavalo na rua.

Depois a empregada que cuidava dele passou ao lado de Švejk. Era uma mulher mais velha, com o cabelo trançado no alto da cabeça. Assoviava para o cachorro e agitava com a mão a corrente e uma elegante varinha.

Švejk lhe dirigiu a palavra:

— Perdoe-me, senhorita. Pode me dizer como devo fazer para chegar ao bairro de Žižkov?

A mulher parou e olhou-o como se quisesse perguntar se estava falando sério, mas o rosto bonachão de Švejk convenceu-a de que aquele soldadinho queria mesmo ir a Žižkov. A expressão de seu rosto mudou e ela lhe disse como deveria fazer para chegar a Žižkov.

— Faz pouco tempo que me mudei para Praga — disse Švejk —, não sou daqui, sou do interior. A senhora também não é de Praga?

— Sou de Vodňany.

— Então não estamos longe um do outro — observou Švejk. — Eu sou de Protivín.

Os conhecimentos topográficos do sul da Boêmia, que Švejk adquirira durante as manobras naquela região, inundaram o coração da mulher de simpatia compatriota.

— Então certamente conhece o açougueiro Peichar, o da praça de Protivín.

— E como não iria conhecê-lo? É meu irmão. Lá todo mundo gosta dele — disse Švejk —, porque é uma pessoa muito boa, muito prestativa, tem boa carne e entrega o peso correto.

— Você não é o filho do Jareš? — perguntou a empregada, que começava a sentir que tinha afinidade com o desconhecido.

— Sou.

— E de qual Jareš, o de Krč, perto de Protivín, ou o de Ražice?

— De Ražice.

— Ainda vende cerveja?

— Ainda.

— Mas já deve ter passado bem dos sessenta, não é mesmo?

— Este ano, na primavera, completou sessenta e oito — respondeu Švejk com calma. — Acaba de comprar um cachorro e está muito feliz. Carrega o cachorro no carro. É exatamente como aquele que está perseguindo os pássaros. Um cachorrinho muito bonito, muito simpático.

— É nosso — lhe disse sua nova conhecida. — Eu trabalho aqui, na casa do coronel. Você não conhece nosso coronel?

— Sim, conheço, é muito inteligente. Em Budějovice também tínhamos um coronel assim.

— Meu patrão é muito severo e quando disseram na última vez que fomos surrados na Sérvia chegou furioso em casa, jogou todos os pratos no chão da cozinha e quis me demitir.

— Então o cachorrinho é seu! — interrompeu-a Švejk. — Pena que meu tenente não possa nem ver cachorros. Eu gosto muito de cachorro.

Fez uma pausa e disse de repente:

— Nem todos os cachorros comem de tudo.

— Nosso Fox é muito temperamental. Durante um tempo não queria comer nenhum tipo de carne, mas agora voltou.

— E o que prefere?

— Fígado, fígado cozido.

— De vitela ou de porco?

— Tanto faz — respondeu sua "conterrânea", avaliando se a última pergunta de Švejk era uma tentativa inútil de parecer engraçado.

Caminharam ainda um pouco, e depois se juntou a eles o pinscher; passaram a corrente em seu pescoço. O cachorro parecia confiar em Švejk: tentou destruir suas calças com a focinheira, pulava em cima dele, mas, de repente, como se soubesse o que o Švejk estava planejando, parou de pular e começou a caminhar, triste e desanimado, olhando para Švejk de viés, como se quisesse lhe dizer: "Então é isso o que me espera?"

Depois a empregada ainda lhe contou que todos os dias, às seis da tarde, ia ao parque com o cachorro, que não confiava em nenhum homem de Praga, que uma vez publicara um anúncio no jornal e apareceu um serralheiro se oferecendo para se casar com ela, lhe pediu oitocentas coroas para alguma invenção e desapareceu. Na aldeia as pessoas são muito honestas. Se fosse se casar, se casaria com um homem do interior, mas só depois da guerra. Achava uma burrice se casar durante a guerra, porque, de um modo geral, a mulher ficava viúva.

Švejk encheu-a de esperanças, disse que voltaria às seis, e foi embora para informar ao amigo Blahník que o cachorro gostava de qualquer tipo de fígado.

— Vou lhe oferecer fígado de boi — decidiu Blahník. — Foi assim que peguei o são-bernardo que pertencia ao industrial Vidra. Um animal muito fiel. Amanhã certamente lhe trarei o cachorro.

Blahník honrou sua palavra. De manhã, quando Švejk acabou de arrumar o apartamento, ouviu um cachorro latindo atrás da porta e Blahník entrou arrastando um pinscher ainda mais excitado do que a natureza o excitara. Revirava ferozmente os olhos e olhava com tal selvageria que recordava um tigre faminto em uma jaula que tivesse diante dele um visitante do jardim zoológico bem gordo. Rangia os dentes e grunhia como se quisesse dizer: "Destroçar e devorar!"

Amarraram o cachorro na mesa da cozinha e Blahník começou a contar os detalhes do roubo.

— Passei ao seu lado de propósito com o fígado cozido embrulhado em um pedaço de papel. Começou a cheirá-lo e a pular em cima de mim. Não lhe dei nada e continuei andando. O cachorro veio atrás de mim. No parque, virei na rua Bredovská e então lhe dei o primeiro naco. Comeu-o andando, para não me perder de vista. Dobrei na Jindrišská, onde lhe dei outra porção. Quando tinha devorado tudo, amarrei-o com uma corrente e arrastei-o através da praça Venceslau até Vinohrady e de lá a Vršovice. Pelo caminho fez algumas travessuras incríveis. Quando estávamos atravessando o trilho do bonde se atirou no chão e não queria se mexer. Talvez quisesse ser atropelado. Bem, também lhe trouxe uma árvore genealógica que comprei na papelaria do Fuchs. Você sabe falsificar genealogias, Švejk?

— É melhor que você a escreva com sua própria mão. Escreva que provém do canil Von Bülow de Leipzig. Pai: Arnheim von Kahlsberg. Mãe: Ema von Trautensdorf, filha de Siegfried von Busenthal. O pai ganhou, em 1912, o primeiro prêmio na exposição canina de Berlim. A mãe foi condecorada com a medalha da associação de criadores de cães de raça de Nuremberg. Que idade deve ter?

— Pela dentadura, dois anos.

— Escreva que tem um ano e meio.

— Está mal tosado, Švejk, veja suas orelhas.

— Isso tem remédio. Poderemos apará-las quando se habituar a esta casa. Agora poderia ficar ainda mais bravo.

O prisioneiro grunhiu com raiva, resfolegou e se debateu no chão. Depois, se deitou à espera do que ia acontecer.

Švejk lhe ofereceu o resto do fígado que Blahník trouxera. No entanto, o cachorro não lhe deu atenção e limitou-se a olhar para os dois homens com ressentimento, como se quisesse dizer: "Já caí na armadilha uma vez. Podem comê-lo vocês mesmos."

Ficou ali deitado com aspecto resignado e fingindo que cochilava. De repente, teve uma ideia e se levantou, erguendo-se sobre as patas traseiras e mendigando com as dianteiras. Havia se rendido.

A cena comovedora não produziu nenhum efeito em Švejk.

— Deite-se! — gritou para o infeliz, que voltou a se deitar, ganindo com tristeza.

— Qual nome devo lhe dar na árvore genealógica? — perguntou Blahník. — Se chamava Fox, então que seja um nome parecido para que o entenda logo.

— Poderemos chamá-lo, por exemplo, de Max. Olhe, Blahník, como levanta as orelhas! Levante-se, Max!

O infeliz pinscher, a quem haviam arrebatado tanto o lar como o nome, se levantou e ficou esperando pelas próximas ordens.

— Poderíamos desamarrá-lo para ver o que faz — decidiu Švejk.

Quando o desamarraram, a primeira coisa que fez foi ir até a porta, onde deu três curtos latidos para a maçaneta, esperando certa generosidade daqueles desalmados. No entanto, ao constatar que os malvados não compreendiam que queria sair, o cachorro fez uma pequena poça diante da porta esperando que, desta maneira, o expulsassem, como faziam quando era pequeno e o coronel o educava, com severidade militar, para que não sujasse os aposentos.

Mas Švejk limitou-se a dizer:

— Que cachorro esperto! Parece um jesuíta.

Deu-lhe uma cintada e molhou seu focinho no xixi. O cachorro tentou se lamber.

Ganiu diante de tal humilhação e começou a correr pela cozinha, farejando desesperadamente suas próprias pegadas. Depois, aproximou-se da mesa com tristeza e devorou no chão o resto do fígado que lhe haviam servido, deitou-se ao lado da estufa e, depois daquelas aventuras, adormeceu.

— Quanto lhe devo? — perguntou Švejk, quando estava se despedindo de Blahník.

— Nem me fale disso, Švejk — disse Blahník com ternura. — Faço qualquer coisa por um velho amigo, sobretudo quando está servindo no exército. Até logo, rapaz, e não leve nunca o cachorro à praça Havlíček para que não aconteça alguma infelicidade. Se precisar de outro cachorro, você sabe onde moro.

Švejk deixou Max dormir por muito tempo e, enquanto isso, foi ao açougue comprar duzentos e cinquenta gramas de fígado, cozinhou-o e ficou esperando que o cachorro acordasse, deixando diante de seu focinho um pedaço de fígado quente.

Ainda adormecido, Max começou a se lamber, depois se espreguiçou, cheirou o fígado e devorou-o. Então foi até a porta e repetiu sua tentativa com a maçaneta.

— Max! — gritou Švejk. — Venha cá!

Obedeceu, desconfiado. Švejk pegou-o no colo, o acariciou e, pela primeira vez, o cachorro abanou amistosamente o rabo cortado e tentou delicadamente pegar a mão de Švejk com ar meditabundo, como se quisesse dizer: "Não há nada a fazer, eu sei que perdi."

Švejk continuou acariciando-o e começou a lhe contar com voz doce:

— Era uma vez um cachorrinho chamado Fox que vivia na casa de um coronel. A empregada o levava para passear. Um dia, um senhor roubou Fox. Fox foi servir no exército na casa de um tenente e começaram a chamá-lo de Max. Max, me dê a patinha! Você está vendo, idiota, que, se se comportar bem, seremos amigos. Se não, viveremos em guerra e não sou eu quem vai levar chibatadas.

Max desceu do colo de Švejk e começou a pular alegremente em volta dele. À noite, quando o tenente voltou para casa, os dois já haviam se tornado grandes amigos.

Observando Max, Švejk fez uma reflexão filosófica:

— Se olharmos em volta, perceberemos que cada soldado também foi roubado de sua casa.

O tenente Lukáš teve uma surpresa agradável ao ver Max. O cachorro também demonstrou uma grande alegria ao ver de novo um homem com um sabre.

Quando perguntou por sua origem e quanto havia custado, Švejk lhe disse, tranquilamente, que o cachorro era presente de um amigo que acabara de se alistar.

— Está bem, Švejk — disse o tenente, brincando com Max —, no primeiro dia do próximo mês lhe darei cinquenta coroas pelo cachorro.

— Não poderei aceitá-las, senhor.

— Švejk — disse o tenente com severidade —, quando começou a trabalhar para mim, eu lhe disse que tinha que me obedecer sem chiar. Se lhe digo que receberá cinquenta coroas, então deve aceitá-las e gastá-las em bebida. O que você vai fazer com as cinquenta coroas, Švejk?

— Humildemente, vou gastá-las com bebida, senhor tenente, seguindo suas determinações.

— E se eu me esquecer, Švejk, lhe ordeno que me comunique que tenho que lhe dar cinquenta coroas pelo cachorro. Entendido? O cachorro tem pulgas? É melhor lhe dar um banho e penteá-lo. Amanhã estarei de serviço, mas depois de amanhã o levarei para passear.

Enquanto Švejk banhava Max, a casa do coronel, seu antigo dono, tremia com sua voz retumbante. O homem não parava de blasfemar em alemão, ameaçando arrastar ao tribunal de guerra aquele que tivesse roubado o cachorro e que faria com que fosse enforcado, fuzilado, encarcerado durante vinte anos e esquartejado.

— Que o diabo leve o infeliz! — A casa do coronel ressoava de tal maneira que até as janelas tremiam. — Vou acabar com esse bando de assassinos!

Uma catástrofe pairava sobre Švejk e o tenente Lukáš.

15

Catástrofe

O coronel Bedřich Kraus, que também tinha o apelido de von Zillergut, nome de uma aldeia do distrito de Salzburg que seus antepassados haviam depenado no século dezoito, era um venerável idiota. Quando contava alguma coisa, só dizia platitudes e depois perguntava a todos se entendiam as palavras mais comuns: "Bem, uma janela, senhores, isso mesmo. Sabem o que é uma janela?"

Ou então: "Um caminho que tem dos dois lados e uma vala se chama estrada. Sim, senhores. Sabem o que é uma vala? Uma vala é um canal cavado por mais de uma pessoa. É uma espécie de fosso. Sim, um fosso. Cava-se com uma enxada. Sabem o que é uma enxada?"

Tinha a mania de explicar e se entregava a isso com o entusiasmo de um inventor quando fala de sua obra. "Um livro, senhores, é uma série de folhas de papel que podem ser cortadas de várias formas e depois são impressas, juntadas e amarradas. É isso. Sabem o que é cola, senhores? Cola é um adesivo."

Era tão extraordinariamente estúpido que os oficiais o evitavam sempre que podiam para não se expor a ouvir suas perorações, como que a calçada é uma elevação empedrada, um pouco mais alta do que a estrada, que se estende ao longo das fachadas das casas. E que uma fachada é a parte do edifício que se vê da rua ou da calçada. A parte traseira da casa não se vê da calçada, coisa fácil de comprovar, basta ir à faixa de rodagem.

Estava disposto a demonstrar aquela coisa interessante imediatamente, mas por sorte foi atropelado. Desde então, ficou ainda mais estúpido. Parava os oficiais para entabular conversas intermináveis sobre o sol, omeletes, termômetros, rosquinhas, janelas e selos postais.

Era bastante curioso que aquele imbecil tivesse conseguido avançar na carreira com relativa rapidez e que contasse com o apoio de pessoas muito influentes, como um importante general do alto-comando que o protegia apesar de sua absoluta incapacidade militar.

Durante as manobras, fazia verdadeiros milagres com seu regimento. Nunca chegava a tempo em nenhum lugar, levava seus soldados a enfrentar, dispostos em colunas, metralhadoras, e em uma ocasião, alguns anos atrás, por ocasião das operações do exército imperial no sul da Boêmia, se perdera com todo o regimento; chegou à Morávia e ficou vagando com seus homens ainda vários dias depois de as manobras terem terminado, quando os demais soldados já estavam descansando no quartel. Mesmo assim foi perdoado.

Suas relações amistosas com o general do alto-comando e outros importantes militares não menos estúpidos da velha Áustria lhe proporcionaram várias condecorações e elogios, que o deixavam extremamente orgulhoso e considerando a si mesmo como o melhor soldado sob o sol e o melhor teórico de estratégias e de todas as ciências castrenses.

Quando passava seu regimento em revista, entabulava conversas com os soldados. E sempre lhes perguntava a mesma coisa:

— Por que no exército os fuzis são chamados de "mannlichers"? — referindo-se à espingarda de repetição inventada por Ferdinand Ritter von Mannlicher.

No regimento era chamado de "o lunático de mannlicher". Era terrivelmente vingativo, triturava os oficiais de que não gostava e quando algum deles queria contrair

matrimônio enviava aos superiores um informe extremamente negativo, desaconselhando que seu pedido fosse aceito.

Perdera a metade da orelha esquerda, que fora cortada na juventude por seu adversário em um duelo porque este dissera simplesmente, não faltando à verdade, que Friedrich Kraus von Zillergut era um grandessíssimo imbecil.

Se analisássemos suas faculdades mentais, chegaríamos à conclusão de que não eram muito melhores do que as que tornaram célebre, como notório idiota, aquele Habsburgo repugnante, Franz Joseph.

Tinham a mesma conversa fiada, a mesma ingenuidade. Em um banquete no cassino dos oficiais, o coronel Friedrich Kraus von Zillergut fez a seguinte observação durante uma conversa sobre Schiller:

— Senhores, ontem vi um arado a vapor, e o arrastava uma locomotiva. Imaginem, senhores, uma locomotiva! E não apenas uma, mas duas locomotivas! Vejo fumaça, me aproximo, e ora, era uma locomotiva e, ao lado dela, outra. Me digam, senhores, não é divertido? Duas locomotivas, como se uma única não fosse suficiente.

Fez uma pausa e depois de um momento observou:

— Quando a gasolina acaba, o carro tem de parar. Eu vi isso ontem também. Há quem fale de inércia. Ora bolas, não anda, fica parado, não se move, não tem gasolina. Não é divertido?

Aparte sua obtusidade, era extremamente religioso. Tinha um pequeno altar em seu apartamento. Ia com frequência à igreja de Santo Inácio para se confessar e comungar, e desde a explosão da guerra rezava pela vitória das forças austríacas e alemãs. Misturava o cristianismo com os sonhos da hegemonia germânica. Deus tinha que ajudar na ocupação das propriedades e dos territórios dos vencidos.

Cada vez que lia em um jornal que haviam sido feito prisioneiros, ficava louco de raiva:

— Por que prisioneiros? Deveriam fuzilar todos sem piedade. Dançar no meio dos cadáveres! Queimar até o último civil da Sérvia! Matar as crianças a baionetadas!

Aplaudia e inclusive ia além das teses do poeta alemão Vierordt, que durante a guerra publicou poemas pedindo que a Alemanha odiasse e matasse com alma férrea milhões de diabólicos franceses:

Que os ossos humanos e as carnes fumegantes
se juntem nas nuvens acima das montanhas...

Depois de ter terminado de dar suas aulas na escola de voluntários de um ano, o tenente Lukáš saiu para passear com Max.

— Me permito avisá-lo, senhor tenente — disse Švejk, preocupado —, da necessidade de ficar muito atento para que o cachorro não fuja. Se o deixar solto, sem correia, poderia começar a sentir falta de sua antiga casa e escapar. Tampouco aconselho que o leve para passear na praça Havlíček, porque ali perambula um mastim raivoso que adora morder. Quando pressente que outro cachorro está invadindo seu território, se convence de que o recém-chegado vai roubar sua comida. É como aquele mendigo da igreja de São Haštal que foi preso por estar incomodando outros mendigos.

Max começou a saltitar de alegria, passou no meio das pernas do tenente, enrolou a correia no sabre, enfim, manifestou um grande entusiasmo pelo passeio iminente.

Saíram de casa e o tenente Lukáš se dirigiu à avenida Na Přikopě, onde havia marcado um encontro com uma dama na esquina da rua Panská. Estava totalmente absorto em pensamentos profissionais: "A respeito de que falarei amanhã na aula aos voluntários? Como se indica a altura de uma montanha? Por que se indica sempre a altura a partir do nível do mar? Como calculamos a altura de uma montanha a partir de seu pé? Caramba, por que o Ministério da Guerra insiste em inserir este tipo de coisa no programa escolar? Isto é assunto da artilharia. E, além disso, existem os mapas estratégicos. Quando o inimigo está na cota 312, geralmente não temos tempo de pensar por que a altura da montanha se dá ao rés do nível do mar, nem de fazer novos cálculos. Olhamos o mapa e pronto."

Um estratégico "Alto!" interrompeu seus pensamentos precisamente quando se aproximava da rua Panská.

Ao mesmo tempo em que soou aquele "Alto!", o cachorro fez denodados esforços para se livrar e, dando gritos de alegria, se lançou sobre o homem que pronunciara a enérgica ordem.

Diante do tenente estava o coronel Kraus von Zillergut. O tenente Lukáš bateu continência e pediu desculpas ao coronel alegando que não o havia visto.

O coronel Kraus tinha péssima fama entre os oficiais por sua paixão de dar alto aos militares e censurá-los. Considerava que o êxito na guerra dependia da continência e que nela se baseava toda a força do exército.

"Um soldado deve colocar a alma na continência", costumava dizer.

Aquilo era o mais perfeito exemplo do misticismo corporativo.

Queria que aquele que batesse continência o fizesse de acordo com as regras, exata e dignamente, sem esquecer o detalhe mais insignificante.

O coronel espiava todos que passavam ao seu lado, desde um soldado de infantaria até um tenente-coronel. Levava pessoalmente ao quartel, para que fossem castigados, os soldados de infantaria que saudavam com displicência, como se dissessem "olá", tocando levemente a viseira do quepe.

Para ele, não valia dizer: "Não vi o senhor."

"Um soldado", dizia, "tem que procurar seus superiores no meio do gentio e não pensar em nada além de cumprir as obrigações constantes do regulamento de serviço. Quando tomba no campo de batalha, deve bater continência antes de morrer. Quem não sabe bater continência, quem finge que não viu ou bate com negligência, este, para mim, é um animal".

— Senhor tenente — disse o coronel Kraus com voz aterrorizante —, os oficiais subalternos devem sempre prestar homenagem a seus superiores. E, por outro lado, desde quando os oficiais estão habituados a sair para passear com cachorros roubados? Sim, com cachorros roubados. Um cachorro que pertence a outra pessoa é um cachorro roubado.

— Este cachorro, senhor coronel... — tentou dizer Lukáš.

— Pertence a mim, senhor tenente! — interrompeu-o o coronel com dureza. — É meu Fox.

E Fox, aliás Max, se lembrou de seu antigo dono e expulsou o novo de seu coração: depois de se livrar, começou a pular em cima do coronel com a alegria de um adolescente que se vê correspondido por sua amada.

— Passear com cachorros roubados, senhor tenente, é uma coisa incompatível com a honradez de um oficial. Não sabia? Um oficial não pode comprar um cachorro se não comprovar antes que pode fazê-lo sem que isso tenha consequências — continuou com voz de trovão o coronel Kraus enquanto acariciava Fox/Max, que começou a grunhir de maneira vil e a mostrar os dentes para o tenente como se o coronel o tivesse apontado e ordenado: "Pegue-o!"

— Senhor tenente — continuou o coronel —, o senhor considera correto montar em um cavalo roubado? Por acaso não leu o anúncio do *Bohemie* e do *Prager Tagblatt* que dizia que eu havia perdido um cachorro pinscher? O quê? O senhor não leu o anúncio que seu superior publicou nos jornais?

O coronel levantou as mãos para o céu.

— Realmente, estes jovens oficiais! Onde está a disciplina? O coronel publica um anúncio nos jornais e o tenente não o lê!

"Se pudesse lhe dar um par de bofetadas, velho asqueroso", pensava o tenente Lukáš ao mesmo tempo em que observava as costeletas do coronel, que lhe davam a aparência de um orangotango.

— Acompanhe-me por um momento — ordenou o coronel.

Assim, enquanto caminhavam juntos, tiveram a seguinte conversa, bastante agradável:

— No front, caro tenente, o senhor não terá oportunidade de fazer uma coisa deste tipo. No entanto, passear com um cachorro roubado é mesmo muito agradável, não é verdade? Sim, passear com um cachorro que foi roubado de seu superior! Precisamente em um momento como este, quando a cada dia perdemos centenas de oficiais no campo de batalha. E os anúncios não são lidos! Eu poderia passar cem anos publicando uma nota no jornal anunciando que havia perdido um cachorro. Duzentos anos, trezentos anos!

O coronel assoou o nariz ruidosamente, o que em seu caso era sempre um sintoma de uma grande fúria, e disse:

— Pode continuar passeando.

Deu meia-volta e partiu, irritado, golpeando com o chicote a borda do seu manto de oficial.

O tenente Lukáš atravessou a rua, mas ainda teve tempo de ouvir outro "Alto!". O coronel acabara de parar um pobre soldado de infantaria, um reservista que pensava em sua mãe que estava em casa e não notara sua presença.

O coronel levou-o pessoalmente ao quartel para que recebesse o devido castigo, chamando-o de porco-marinho.

"O que vou fazer com o Švejk?", pensava o tenente. "Vou quebrar sua cara, mas isso não será suficiente. Mesmo arrancar sua pele em tiras é pouco para esse sem-vergonha."

Sem se preocupar com o encontro que marcara com uma dama e enfurecido, resolveu voltar para casa.

"Eu vou matá-lo, seu porco miserável", disse a si mesmo ao se sentar no bonde.

Enquanto isso, o bom soldado Švejk estava imerso em uma conversa com o ordenança da caserna. O soldado havia levado ao tenente documentos que precisavam ser assinados e esperava por ele.

Švejk lhe ofereceu café e, enquanto conversavam, confirmavam mutuamente que a Áustria seria esmagada.

Falavam disso como se fosse a coisa mais certa do mundo. Esta conversa consistia em uma série interminável de frases; cada palavra poderia ser considerada pelo tribunal militar como uma prova de alta traição e os dois seriam enforcados.

— O senhor imperador deve estar absolutamente pasmo diante do que está acontecendo — disse Švejk. — Ele nunca foi esperto, mas esta guerra certamente vai acabar com ele.

— É um idiota! — completou com segurança o soldado da caserna. — Idiota como uma pedra. É provável que nem saiba que estamos em guerra. É possível que tenham tido vergonha de lhe contar. E, no que se refere à presença de sua assinatura no manifesto ao povo do seu império, trata-se de uma farsa. Mandaram imprimi-la sem seu conhecimento. Ele não consegue mais pensar em nada.

— Está acabado — acrescentou Švejk com ar pedante. — Mija nas calças e têm que lhe dar de comer como se fosse uma criancinha. Não faz muito, na taverna, um homem contava que o imperador tem duas amas de leite que lhe dão o peito três vezes ao dia.

— Quem dera que tudo acabasse logo! — suspirou o soldado. — Que nos deem uma surra, mas que a Áustria volte a viver em paz de uma vez por todas.

E os dois continuaram conversando, até que, finalmente, Švejk condenou a Áustria com estas palavras definitivas:

— Uma monarquia tão estúpida como esta nem deveria existir — e o outro acrescentou, talvez para dar um caráter prático àquela sentença:

— Assim que chegar ao front, vou tomar um chá de sumiço.

Continuaram interpretando as opiniões da média do povo tcheco sobre a guerra; o soldado da caserna repetia que naquele dia ouvira dizer em Praga que era possível ouvir os canhões disparando em Náchod e que o czar estava prestes a entrar na Cracóvia.

Depois, comentaram o fato de o nosso trigo estar sendo enviado para a Alemanha e de os soldados alemães receberem cigarros e chocolates.

Então recordaram a época das antigas guerras. Švejk disse, seriamente, que antes, quando lançavam bacias cheias de excrementos sobre o castelo assediado, guerrear no meio de tanto fedor não devia ser nenhum mel. Que havia lido que uma vez um castelo fora assediado durante três anos e que o inimigo não parara de se divertir todos os dias com brincadeiras desse tipo.

Teriam, certamente, relatado outras coisas muito interessantes e instrutivas se a chegada do tenente Lukáš não tivesse interrompido seu colóquio.

Com um olhar fulminante que pretendia aniquilar Švejk, Lukáš assinou os documentos e, depois de despachar o soldado, fez um sinal a Švejk para que o acompanhasse ao quarto.

Os olhos do tenente faiscavam de maneira terrível. Sentou-se em uma cadeira e, sem parar de olhar para Švejk, ficou pensado em quando deveria dar início ao massacre.

"Primeiro lhe darei um par de bofetadas", dizia a si mesmo o tenente, "e então quebrarei seu nariz, arrancarei suas orelhas e depois veremos o que fazer".

Tinha diante dele um par de olhos bondosos e inocentes que o observavam sincera e amavelmente. Švejk ousou interromper o silêncio que precedia a tormenta com estas palavras:

— Humildemente, senhor, comunico que perdeu a gata. Comeu graxa de sapato e se permitiu morrer. Atirei-a no porão, mas no do vizinho. Nunca mais o senhor vai achar uma gata angorá tão boazinha e tão bonita.

"O que faço com ele?", se perguntava o tenente. "Tem uma expressão tão tola, meu Deus!"

Os olhos bondosos e inocentes de Švejk irradiavam mansidão e candura, combinando com um perfeito equilíbrio anímico, como se nada tivesse acontecido, e, se alguma coisa tivesse acontecido, então tudo também estaria em ordem, não teria acontecido absolutamente nada.

O tenente Lukáš deu um pulo, mas não atingiu Švejk como havia pretendido inicialmente. Agitou o punho diante de seu nariz e gritou:

— Švejk, você roubou o cachorro!

— Humildemente, senhor, não sei nada de nenhum caso parecido com este que tenha acontecido nos últimos tempos e me permito fazer uma observação: à tarde o senhor saiu com Max para passear e por isso não pude roubá-lo. Depois percebi que o senhor voltou sem o cachorro e que por isso alguma coisa devia ter acontecido. Chamamos isto de circunstância. Na rua Spálená vive um seleiro de nome Kuneš que não conseguia sair para passear com o cachorro sem perdê-lo. Habitualmente o esquecia em alguma taverna ou então o roubavam ou pediam emprestado e não voltava...

— Švejk, seu bastardo, feche esta boca! Você é um canalha refinado ou um asno, um idiota completo. Não para de me dar exemplos, mas vou avisá-lo: não brinque comigo. De onde você tirou o cachorro? Como o conseguiu? Não sabe que o cachorro pertence ao nosso coronel, que o levou quando me encontrou por acaso com ele na rua? Não se dá conta do tamanho dessa vergonha? Diga-me a verdade, roubou ou não roubou?

— Humildemente, senhor tenente, eu sabia que o cachorro tinha sido roubado.

— Švejk, pelo amor de Deus, *himlhergot*, eu vou fuzilá-lo, seu imbecil, seu porco, seu burro, seu merda. Você é tão idiota assim?

— Sim, humildemente, senhor.

— Por que você me trouxe um cachorro roubado, por que você instalou o animal no meu apartamento?

— Para deixá-lo feliz, senhor tenente.

E os olhos de Švejk fitaram o tenente com ternura e bondade. Lukáš se sentou e choramingou: "Por que Deus me castiga com este imbecil?"

O tenente ficou sentado na cadeira com muda resignação; tinha a impressão de que estava sem ânimo para mexer um músculo, ou para estapear Švejk, mas finalmente enrolou um cigarro e nem ele mesmo entendeu por que mandou Švejk ir comprar o *Bohemie* e o *Tagblatt* para que pudesse ler o anúncio do coronel a respeito do cachorro roubado.

Švejk voltou com os jornais abertos na página dos anúncios. Estava radiante e disse com alegria:

— Aqui está, senhor tenente. O coronel fez uma descrição exata do pinscher roubado. É uma felicidade. E ainda oferece cem coroas a quem devolver o cachorro. É uma ótima recompensa. Geralmente dão cinquenta coroas. Um certo senhor Božetěch de Košiře vivia disso. Roubava um cachorro, lia os anúncios para saber quem o procurava e logo ia até lá. Uma vez roubou um belo pastor-alemão preto e, como o dono não se manifestou através de anúncios, fez uma tentativa e ele próprio colocou anúncios nos jornais. Publicou ao todo cinco. Até que, finalmente, um senhor se manifestou dizendo que o cachorro era dele, que o perdera e que achava que seria inútil procurá-lo. Não acreditava mais na honradez das pessoas. Para sua surpresa, ainda restavam pessoas honestas e por isso se alegrava muito. Acreditava que a honestidade devia ser recompensada e como lembrança lhe deu um livro que havia escrito sobre como cuidar das plantas dentro de casa e no jardim. O querido Božetěch pegou o pastor preto pelas patas traseiras e bateu com ele na cabeça do sujeito, jurando que a partir dali nunca mais publicaria um anúncio. Segundo ele, era preferível vender o cachorro a um canil se ninguém o procurasse através de um anúncio.

— Vá se deitar, Švejk — ordenou o tenente —, você seria capaz de passar a noite inteira dizendo besteiras.

O tenente também se enfiou na cama e sonhou com Švejk; sonhou que Švejk lhe levara um cavalo que roubara do príncipe herdeiro, e que este o reconhecera quando ele, o infeliz tenente Lukáš, montado no cavalo, encabeçava sua companhia.

De madrugada, o tenente estava como se tivesse passado a noite inteira acordado e alguém tivesse lhe dado uma surra. Um pesadelo extremamente opressivo o perseguia. Só adormeceu de manhã, exaurido por aquele sonho arrepiante, até que alguém o acordou batendo na porta. Era Švejk, que, com seu rosto bondoso, perguntou ao tenente quando queria que o despertasse.

O tenente gemeu na cama:

— Fora, animal, estou vivendo no inferno!

Quando acordou, Švejk lhe serviu o café da manhã e o surpreendeu com uma nova pergunta:

— Humildemente, senhor tenente, será que gostaria que lhe providenciasse outro cãozinho?

— Quer saber de uma coisa, Švejk? Estou morrendo de vontade de enviá-lo ao tribunal militar — disse o tenente, suspirando. — O problema é que o absolveriam porque nunca devem ter visto alguém tão colossalmente estúpido. Olhe-se no espelho. Não sente náuseas quando vê sua cara idiota? Você é a maior aberração da natureza que vi em toda minha vida. Bem, diga-me a verdade, Švejk, você gosta de si mesmo?

— Humildemente, senhor tenente, não gosto nem um pouco de mim, porque no espelho pareço um pouco distorcido. Deve ser um espelho mal cortado. Na casa daquele comerciante de quinquilharias Staňek havia um espelho abaulado e quando alguém se via refletido nele tinha vontade de vomitar. A boca assim, a cabeça como um balde de dejetos, a barriga como a de um cônego bêbado, em síntese, uma figura horrível. Uma vez passou por ali o governador, se olhou e logo tiveram que tirar o espelho dali.

O tenente se virou, suspirou e achou mais indicado dar atenção ao café com leite em vez de ficar olhando para Švejk.

Švejk foi para a cozinha e o tenente ouviu-o cantar:

Grenevil está marchando
Na Torre da Pólvora,
Seu sabre brilha,
As garotas choram...

Depois, ainda da cozinha, ouviu-se outra canção:

Nós, soldados, somos mestres,
As garotas nos adoram,
Não nos falta nunca nada,
Vivemos sempre à tripa forra.

"Você com certeza vive à tripa forra, canalha!", disse a si mesmo o tenente, e cuspiu.

A cabeça de Švejk surgiu na porta:

— Humildemente, prezado tenente, há uma visita para o senhor. Vieram buscá-lo do quartel. Deve se apresentar imediatamente ao coronel. O ordenança está aqui.

E acrescentou, em tom confidencial:

— Deve ser por causa do cachorrinho.

— Já ouvi — disse o tenente, com voz angustiada, quando o ordenança que o esperava no vestíbulo tentou se dirigir a ele. Depois partiu, não sem antes dirigir um olhar fulminante a Švejk.

Não se tratava de um comunicado regimental, mas sim de uma coisa pior. Quando entrou em sua sala, o coronel estava sentado em uma poltrona com o rosto sombrio.

— Senhor tenente, há dois anos o senhor me pediu que o transferisse para Budějovice, para o 91º Regimento. Sabe onde fica Budějovice? Sobre o Moldava, exatamente, sobre o Moldava, ali onde aflui o Ohře ou algo assim. É uma cidade muito, digamos, acolhedora, e, se não estou me equivocando, tem um cais. Sabe o que é um cais? É um muro construído em cima da água. Isso mesmo. De qualquer maneira, isto não cabe aqui. Ali fizemos manobras.

O coronel fez uma pausa e, olhando para o tinteiro, mudou rapidamente de assunto:

— Meu cachorro foi estragado em sua casa. Não quer comer nada. Olhe! Há uma mosca dentro do tinteiro. É estranho que no inverno as moscas caiam nos tinteiros. Que desordem!

"Explique-se de uma vez, velho miserável", resmungou para si o tenente.

O coronel se levantou e ficou caminhando pela sala.

— Tenente, depois de ter refletido muito acerca do que fazer com o senhor para que *isso não se repita*, lembrei que queria ser transferido para o 91º Regimento. O alto-comando nos informou recentemente que no 91º Regimento estão faltando oficiais porque os *sérvios mataram todos*. Dou-lhe minha palavra de honra de que dentro de três dias você estará no 91º Regimento de Budějovice, onde são formados os *maršbatalións* que irão ao front. Não precisa me agradecer. O exército precisa de oficiais que...

E como não sabia o que dizer, olhou para o relógio e acrescentou:

— São dez e meia. Está na hora de ir para a reunião do regimento.

E assim terminou a agradável conversa. O tenente se sentiu bastante aliviado quando saiu da sala e se dirigiu à escola dos voluntários, onde anunciou que nos próximos dias partiria para o front e que tinha a intenção de dar uma festa de despedida no Nekázanka.

Quando voltou para casa, olhou para Švejk e disse em um tom significativo:

— Švejk, você sabe o que é um *maršbatalión*?

— Humildemente, senhor tenente, um *maršbatalión* é um *maršbaťak* e uma *maršk*a é uma *maršk*umpačka. Nós sempre encurtamos tudo. Batalhão, infantaria, marcha, tudo.

— Então lhe comunico, Švejk — disse o tenente com voz solene —, que você virá comigo ao *maršbaťak*, já que gosta de usar tais reduções. Mas não acredite que no front cometerá as mesmas besteiras que aqui. Ficou feliz?

— Humildemente, senhor, fiquei muito feliz — respondeu o bom soldado Švejk. — Será uma maravilha se morrermos juntos pelo senhor imperador e sua família...

Epílogo da primeira parte
Na retaguarda

Concluída a primeira parte de As aventuras do bom soldado Švejk (Na retaguarda)*, comunico que logo serão publicados mais dois volumes*: No front *e* A surra gloriosa. *Neles, os soldados e os cidadãos também falarão e se comportarão como o fazem na realidade.*

A vida não é nenhuma escola de bom comportamento. Cada um fala como pode. O chefe do cerimonial, o doutor Guth, fala de uma maneira diferente da do taverneiro Palivec de U Kalicha; além disso, este romance não é um manual de como as pessoas devem se comportar nos salões requintados nem um livro didático de expressões a serem usadas na alta sociedade. É um retrato histórico de determinada época.

Quando é necessário recorrer a uma palavra mais forte, se de fato cabe, não hesito em usá-la, pois foi como aconteceu de verdade. Dizer as coisas de outra maneira ou usar reticências seria, para mim, a mais estúpida das hipocrisias. Essas palavras são usadas até no parlamento.

Alguém disse, muito acertadamente, que uma pessoa bem-educada pode ler qualquer coisa. As únicas pessoas que se espantam diante do que é absolutamente natural são os maiores canalhas e os maiores especialistas em vilanias; em seu desprezível pseudomoralismo ignoram os contextos e atacam com fúria palavras isoladas.

Há alguns anos, li a resenha de um romance na qual o crítico se enojava diante do que o autor havia escrito: "Assoou o nariz e depois o enxugou." Na sua opinião, esta maneira de escrever era antiestética e nada nobre, e atentava contra aquilo que a literatura deveria oferecer à nação.

Este é apenas um pequeno exemplo do tipo de imbecis que nascem sob o sol.

Os homens que se surpreendem diante de uma linguagem pesada não passam de covardes, porque o que os choca é a vida real; é precisamente este tipo de gente fraca que causa maiores danos à cultura e ao caráter. Eles educariam o povo como se fosse um grupo de pessoas hipersensíveis, masturbando uma falsa cultura; é o tipo de gente como São Luís, de quem se diz no livro do monge Eustáquio que, quando ouviu que um homem se livrara de seus gases ruidosamente, explodiu em prantos e não se acalmou até que começou a rezar.

Este tipo de gente se indigna em público, mas habitualmente sente um prazer extraordinário em ler frases grosseiras nas paredes dos mictórios.

Se em meu romance recorri a alguns palavrões, foi para retratar a maneira corrente de falar.

Não podemos pedir ao taverneiro Palivec que fale tão refinadamente como a senhora Laudová, o doutor Guth, a senhora Olga Fastrová[30] e toda uma série de pessoas que, com extremo prazer, transformariam a República da Tchecoslováquia em um grande salão atapetado onde as pessoas se movimentariam vestidas com fraque e luvas, onde todos falariam sofisticadamente e cultivariam a delicadeza dos salões que, no fundo, disfarça os piores vícios e extravagâncias.

Gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer que o taverneiro Palivec ainda vive. Passou a guerra na prisão, sobreviveu a ela, e quando saiu era o mesmo de quando teve aquele affaire *com o quadro do imperador Franz Joseph.*

Ao saber que fora mencionado no romance, veio me visitar e comprou mais de vinte exemplares da primeira edição para dá-los de presente a seus conhecidos, e assim ajudou a popularizar o livro.

O fato de eu ter escrito sobre ele como se fosse um grande indecente alegrou-o sinceramente:

— Ninguém mais conseguirá me mudar — me disse —, durante toda minha vida falei como pensei e vou continuar falando assim. Não vou colocar, por causa de algum idiota, um guardanapo na boca. Agora sou famoso...

De fato, sua autoconfiança havia aumentado. Sua fama atual se baseia em algumas grosserias. Isso lhe basta para viver satisfeito. Se o repreendesse por falar dessa maneira — o que, naturalmente, não tenho a menor intenção de fazer —, com certeza ofenderia o bom homem.

Com suas palavras escolhidas ao azar, pura e simplesmente sintetizou a rejeição dos tchecos aos bizantinismos. Está em nosso sangue a falta de respeito pelo imperador e pelas palavras rebuscadas.

***

Otto Katz também está vivo. É a mais autêntica personificação do capelão militar. Quando a monarquia caiu, jogou tudo para o alto, afastou-se da Igreja e hoje administra uma fábrica de bronze e corantes do norte da Boêmia.

Escreveu-me uma longa carta ameaçando que me faria pagar pelo que lhe fiz. É que uma revista em língua alemã publicou a tradução do capítulo que o descreve. Visitei-o e tudo se acertou. Às duas da madrugada, o antigo sacerdote não conseguia se manter nas pernas; apesar disso, não parava de fazer sermões, e declarou: *"Eu sou Otto Katz, capelão militar, seu cabeça de tolo!"*

Até mesmo agora, quando vivemos em uma república, existem muitas pessoas semelhantes ao falecido detetive Bretschneider, que se interessam imensamente pelas conversas alheias.

Não sei se com este livro consegui chegar aonde queria. No entanto, dia desses ouvi um homem dizer a outro: *"Você é tão cretino como Švejk." Ou seja, se a palavra Švejk se transformar em um novo xingamento dentro do amplo leque de insultos de nossa língua, terei de ficar feliz por ter enriquecido o idioma tcheco.*

JAROSLAV HAŠEK

30 Contemporâneos de Hašek que publicaram livros e artigos sobre moral e bom comportamento. (N. do T.)

Segunda Parte – No front

1

As desventuras de Švejk no trem

Em um compartimento da segunda classe do expresso Praga—České Budějovice estavam três passageiros: o tenente Lukáš, diante do qual estava sentado um homem mais velho completamente careca, e Švejk, que estava em pé ao lado da porta do corredor, esperando com humildade por um novo ataque de fúria do tenente. Este, sem se importar nem um pouco com a presença do civil careca, não havia parado de lançar sobre Švejk durante o trajeto todos os impropérios que conhecia, tratando-o de divino idiota e coisas semelhantes.

O motivo da raiva do tenente não era nada além de um detalhe sem importância: a quantidade de malas que Švejk tinha de vigiar.

— Roubaram uma das nossas malas — cobrava de Švejk —, simplesmente isso, seu patife!

— Humildemente, senhor — disse Švejk com timidez —, não há dúvida de que a roubaram. Pelas estações perambulam muitos ladrões e imagino que um deles deve ter se entusiasmado com nossa mala, de maneira que *aproveitou* a oportunidade que lhe foi apresentada quando me afastei por um momento da bagagem para dizer ao senhor que nossas coisas estavam em ordem. Ele só pôde tê-la roubado nesse momento tão propício. Esses sujeitos vivem esperando por uma coisa assim. Dois anos atrás, na estação Noroeste, roubaram de uma senhora um carrinho com uma menina de fraldas, mas foram tão gentis que levaram a pequena à delegacia da minha rua e disseram que haviam-na encontrado abandonada em uma passagem. E aí os jornais passaram a acusar a pobre mulher de ser uma mãe desnaturada.

E Švejk concluiu, com ênfase:

— Nas estações, sempre roubaram e continuarão roubando. É o que acontece.

— Estou convencido, Švejk — replicou o tenente —, de que um dia ou outro você acabará muito mal. Ainda não sei se se faz passar por idiota ou se nasceu idiota. O que havia na mala?

— Assim, de uma maneira geral, nada de especial, senhor tenente — respondeu Švejk, sem parar de olhar para o crânio careca do civil sentado na frente do tenente que, conforme parecia, não demonstrava nenhum interesse por todo aquele assunto e lia o *Neue Freie Presse*. — Em toda aquela mala só estava o espelho do quarto e o cabide de ferro do vestíbulo, mas, como os dois pertenciam ao dono da casa, podemos considerar que não sofremos nenhuma perda.

Ao ver a expressão terrível do tenente, Švejk continuou, em um tom amável:

— Humildemente, senhor. A respeito da mala, eu não sabia de antemão que seria roubada, e, quanto ao espelho e ao cabide, informei ao senhor proprietário que os devolveremos quando voltarmos para casa depois da guerra. Nos países inimigos há muitos espelhos e cabides, de modo que o senhorio tampouco deverá lamentar perda alguma. Tão logo conquistemos alguma cidade...

— Cale-se, Švejk — interrompeu-o o tenente com um tom de voz aterrorizante. — Um dia o levarei ao tribunal militar. Avalie bem se você não é a pessoa mais estúpida do mundo. Outro sujeito, mesmo que vivesse mil anos, não cometeria tantas idiotices como as que você é capaz de perpetrar em poucas semanas. Será que você já percebeu isso?

— Humildemente, senhor, percebi sim. Tenho, como se diz, um talento nato de observador, mas ele se manifesta quando já é muito tarde, depois que as desventuras acontecem. Tenho um azar semelhante ao de um tal de Nechleba de Nekázanka, que costumava frequentar uma taverna chamada V Čubčím Háji, sim, repito, o paraíso das cadelas. Aquele homem vivia pensando em fazer o bem e começar uma nova vida a partir do próximo sábado, mas no dia seguinte sempre dizia: "De manhã me dei conta de que estava deitado num catre." Isso acontecia sempre que resolvia voltar tranquilamente para casa. Bem, no final acabava se esclarecendo que havia pulado alguma cerca ou desarreado o cavalo de algum cocheiro ou tentado limpar o cachimbo com o penacho do policial de uma patrulha. Aquilo deixava o sujeito totalmente desesperado e o que mais o incomodava era o fato de seu azar ter vitimado gerações e gerações de seus antepassados. Seu avô saiu uma vez para vagabundear e...

— Deixe-me em paz com suas histórias, Švejk.

— Humildemente, senhor, tudo o que estou contando aqui é a mais sacrossanta verdade. O avô do sujeito saiu para vagabundear e...

— Švejk — irritou-se o tenente —, volto a lhe ordenar que não me conte mais nada, não quero ouvir mais nada. E quando chegarmos a Budějovice acertaremos as contas. Você está sabendo, Švejk, que mandarei prendê-lo?

— Humildemente, senhor, não sei — disse Švejk com inocência. — O senhor ainda não havia se manifestado a respeito.

Os dentes do tenente rangeram involuntariamente. Suspirou, tirou o *Bohemie* do bolso do casaco e começou a ler notícias sobre grandes vitórias, sobre as atividades do submarino alemão *E* no Mediterrâneo; quando chegou à reportagem a respeito da nova descoberta alemã que fazia saltar pelos ares cidades com a ajuda de bombas lançadas de aviões que explodiam três vezes consecutivas, foi interrompido pela voz de Švejk, que estava se dirigindo ao senhor careca:

— Desculpe, cavalheiro, o senhor não seria o senhor Purkrábek, o representante do banco Slavia?

Como o senhor careca não respondeu, Švejk disse ao tenente:

— Humildemente, senhor, uma vez li no jornal que uma pessoa normal deve ter na cabeça uma média de sessenta ou setenta mil cabelos e que os cabelos pretos costumam ser mais finos, como se pode ver em muitos exemplos.

E continuou sem piedade:

— Uma vez, no café U Špírků, um estudante de medicina explicou que a queda de cabelos é provocada pela excitação anímica no puerpério.

Então aconteceu uma coisa terrível. O homem careca pulou em cima de Švejk e gritou para ele em alemão:

— *Marsch heraus, Sie Schwinkerl* — algo como "fora, seu porco sem-vergonha!".

E, com uma patada, expulsou Švejk para o corredor. Quando voltou ao compartimento, surpreendeu o levemente impressionado tenente ao se apresentar.

Acontecera um pequeno engano. O indivíduo careca não era o senhor Purkrábek, representante do banco Slavia, mas, simplesmente, o senhor Von Schwarzburg, general de brigada. Estava fazendo uma viagem de inspeção vestido à paisana e queria chegar a Budějovice de surpresa.

Von Schwarzburg era o inspetor mais temido que já havia nascido: quando descobria que alguma coisa não estava em ordem, limitava-se a manter o seguinte diálogo com o comandante da guarnição:

— O senhor tem um revólver?

— Tenho.

— Perfeito. Em seu lugar eu saberia o que fazer com ele, porque o que estou vendo aqui não é uma tropa, mas uma vara de porcos.

E, de fato, depois de sua visita de inspeção sempre alguém se suicidava com um tiro de revólver, fato que o general de brigada Von Schwarzburg comentava com satisfação.

— É assim que deve ser! Este era um soldado!

Parecia que não se dava por satisfeito quando, depois de sua inspeção, alguém ficava vivo. Tinha a mania de transferir os oficiais para os lugares mais desagradáveis. Bastava uma insignificância para obrigar um oficial a se despedir de sua tropa e empreender uma peregrinação até a fronteira de Montenegro ou transferi-lo para alguma guarnição cheia de bêbados desesperados perdida em um sujo rincão da Galícia.

— Senhor tenente — disse —, onde cursou a escola de cadetes?

— Em Praga.

— Então o senhor cursou uma escola de cadetes e não sabe sequer que um oficial é responsável por seus subordinados. Muito bom. Em segundo lugar, o senhor conversa com seu criado como se fosse seu amigo íntimo. E permite que fale mesmo sem ser indagado. Isso é ainda melhor. E, em terceiro lugar, permite que ofenda seus superiores. Isso é o melhor de tudo. Tirarei minhas conclusões de tudo isso. Como se chama, senhor tenente?

— Lukáš.

— E em qual regimento serve?

— Estava no...

— Obrigado, mas não quero saber onde servia; o que quero saber é onde está servindo agora.

— No 91º Regimento de Infantaria, general. Fui transferido...

— Foi transferido? Fizeram muito bem. Não lhe fará nenhum mal ir ver o quanto antes o que acontece em algum campo de batalha com o 91º Regimento de Infantaria.

— Isso já está decidido, senhor general de brigada.

Então o general disparou um discurso dizendo que nos últimos anos observara que os oficiais se dirigiam em um tom demasiadamente familiar a seus subordinados, coisa que considerava uma perigosa difusão dos princípios democráticos. Os soldados devem viver em permanente estado de terror, devem tremer na presença dos superiores, temê-los. Os oficiais têm de manter a tropa a dez passos de distância de seu corpo e não permitir que ninguém pense por conta própria ou que sequer pense: nesse ponto residia o trágico erro dos últimos anos. Antes, a tropa temia os oficiais da mesma maneira que temia o fogo, mas, hoje em dia...

O general de brigada fez um gesto desconsolado com a mão:

— Hoje, a maioria dos oficiais afaga os soldados. É o que eu tinha a dizer.

O general de brigada voltou a pegar o jornal e mergulhou na leitura. O tenente Lukáš, pálido, foi ao corredor acertar as contas com Švejk.

Encontrou-o olhando pela janela com uma expressão beata e satisfeita, típica de um bebê de um mês que bebeu, mamou e adormeceu.

O tenente se deteve e apontou uma cabine vazia, entrou nela depois de Švejk e fechou a porta.

— Švejk — disse, com solenidade —, finalmente chegou o momento de você receber um par de bofetadas como o mundo nunca viu. Por que você abordou o senhor careca? Sabe que é o general de brigada Von Schwarzburg?

— Humildemente, senhor — disse Švejk, com cara de mártir —, nunca em minha vida tive a menor intenção de ofender ninguém e não sei absolutamente nada a respeito de nenhum general de brigada. Ele é mesmo muito parecido com o senhor Purkrábek, representante do banco Slavia, que costumava frequentar nossa taverna. Uma vez adormeceu com a cabeça em cima da mesa e uma pessoa caridosa escreveu com uma caneta em sua careca: "Temos o prazer de lhe oferecer a oportunidade de obter um dote e um enxoval para seus filhos através de uma apólice de seguro, de acordo com o formulário III C que estamos anexando." É claro que todo mundo havia ido embora e eu fiquei ali sozinho com ele, e, como sempre dou azar, quando acordou e se olhou no espelho ficou furioso e achou que fora eu quem fizera aquilo e também quis me dar um par de bofetadas.

A palavrinha "também" saiu dos lábios de Švejk de uma maneira tão terna e comovente e com tal tom de reprovação que a mão do tenente foi descendo lentamente.

Mas Švejk continuou:

— Aquele senhor não precisava ter se aborrecido tanto por uma besteira sem importância. É verdade que deveria ter entre sessenta ou setenta mil cabelos, como dizia aquele artigo a respeito de tudo o que uma pessoa normal deve ter. Nunca na minha vida me ocorreu que pudesse existir algum senhor general de brigada careca. Isto, como costumam dizer, é um erro trágico que pode acontecer com qualquer um quando faz uma observação e o outro a leva a mal. Há alguns anos, Hývl, um alfaiate, me contou que uma vez estava indo do lugar onde trabalhava na província austríaca de Steiermark a Praga, via Leoben, levando um presunto que comprara em Marburg. Achava que era o único tcheco que viajava no trem e quando, em Saint Moritz, começou a cortar rodelas daquele presunto inteiro, o passageiro que estava sentado na frente dele começou a olhar para a carne com olhos apaixonados e a saliva começou a escorrer de sua boca. Quando o alfaiate Hývl viu aquilo, disse para si mesmo em voz alta: "Você o devoraria, seu miserável, não é mesmo?" E aquele senhor lhe respondeu em tcheco: "É claro que eu o devoraria se você me desse um pouco." De maneira que os dois acabaram com todo o presunto antes de chegar a Budějovice. Aquele senhor se chamava Vojtěch Rous.

O tenente Lukáš olhou para Švejk e saiu da cabine. Estava sentado de novo em seu lugar, quando, depois de alguns momentos, surgiu na porta o rosto inocente de Švejk:

— Humildemente, senhor, dentro de cinco minutos estaremos em Tábor. O trem fará uma parada de cinco minutos. Quer que lhe traga alguma coisa para comer? Anos atrás, aqui havia excelentes...

O tenente se levantou, irritado, e disse no corredor a Švejk:

— Estou avisando-o de novo de que quanto menos o vir mais contente ficarei. E ficaria ainda mais feliz se não voltasse a vê-lo nunca mais e pode ter certeza de

que vou cuidar disso. Não apareça diante de meus olhos! Desapareça da minha vista, seu animal, idiota!

— Como quiser, senhor.

Švejk bateu continência, deu meia-volta e, com passo marcial, foi até o final do corredor; sentou-se em um canto, no assento do condutor, e entabulou conversa com o ferroviário.

— Perdão, posso lhe fazer uma pergunta?

O ferroviário que, como era evidente, não estava com a menor vontade de falar, assentiu com um fraco, apático, movimento de cabeça.

— De vez em quando vinha me ver um bom homem, um tal de Hoffman, que sempre afirmava que os sinais de alarme não funcionam, que, simplesmente, não são acionados quando alguém puxa a alavanca. Para ser franco, estas coisas nunca me interessaram, mas agora, como prestei atenção no mecanismo, gostaria de saber o que aconteceria se por acaso algum dia tivesse necessidade de usá-lo.

Švejk se levantou e, em companhia do ferroviário, aproximou-se do alarme, que deveria ser acionado só EM CASO DE PERIGO.

O ferroviário achou que era sua obrigação explicar como funcionava todo o mecanismo do sistema de alarme:

— Ele estava certo quando lhe disse que é necessário puxar esta alavanca, mas mentiu ao lhe dizer que o alarme não funciona. O trem sempre para porque o aparelho se comunica com a locomotiva através de todos os vagões. O freio de alarme tem que funcionar.

Naquele momento, ambos estavam com a mão colocada na alavanca do freio e mesmo assim se espantaram quando a puxaram e o trem parou.

Tampouco entraram em um acordo para decidir quem havia feito aquilo e quem acionara o sinal de alarme.

Švejk afirmava que não podia ter sido ele, que não era nenhum baderneiro.

— Achei estranho que o trem tivesse parado de repente — disse em um tom bondoso ao cobrador. — Estava andando e de repente parou. Isso me aborrece muito mais do que ao senhor.

Um senhor com aspecto sério começou a defender o ferroviário afirmando que o soldado fora o primeiro a fazer comentários a respeito do sinal de alarme.

No entanto, Švejk não parava de proclamar sua inocência acrescentando que não tinha nenhum interesse em que o trem se atrasasse porque estava indo para a guerra.

— O senhor chefe da estação vai lhe explicar tudo — resolveu o condutor —, mas isso lhe custará vinte coroas.

Quando todos os passageiros estavam saindo dos vagões, o chefe do trem tocou o apito, e uma senhora que carregava uma mala começou a correr apavorada pelos trilhos em direção aos campos de trigo.

— Isso vale as vinte coroas — disse Švejk sensatamente, com uma tranquilidade absoluta. — Eu até diria que é muito barato. Uma vez, quando o senhor imperador visitou Žižkov, um tal de Franta Šnor parou sua carruagem e se ajoelhou diante dela no meio dos trilhos. Então, o inspetor local de polícia disse a Šnor, chorando, que não deveria ter feito aquilo em seu distrito, e sim em uma rua mais abaixo que pertencia à zona do policial Kraus: era ali que deveria ter rendido homenagem ao soberano. O senhor Šnor acabou sendo preso.

Švejk olhou em volta e viu que a multidão crescia com a chegada do chefe dos guardas.

— Bem, poderíamos continuar a viagem — disse Švejk. — Estes atrasos não são nada agradáveis. Em tempos de paz isto não teria, pelo amor de Deus, a menor importância, mas em época de guerra todo mundo deveria saber que todos os trens transportam militares, generais de brigada, tenentes, ordenanças. Cada atraso pode ser preocupante. Napoleão chegou com cinco minutos de atraso a Waterloo e toda sua glória foi para o beleléu...

Naquele momento o tenente Lukáš abriu caminho no meio do grupo de curiosos. Estava muito pálido e só conseguiu dizer:

— Švejk!

Švejk bateu continência e se manifestou:

— Humildemente, senhor. Estão me acusando de ter parado o trem. A administração ferroviária deve ter um sistema de proteção dos freios de alarme bastante peculiar. O sujeito não pode nem se aproximar dele. Caso contrário poderá se meter em confusão e correr o risco de lhe cobrarem vinte coroas de multa, como estão querendo fazer comigo agora.

O condutor-chefe já estava do lado de fora. Fez um sinal e o trem voltou a andar.

Os curiosos voltaram aos seus lugares e o tenente Lukáš não disse mais uma única palavra e também ocupou seu assento.

Só ficaram ao lado de Švejk o condutor e o ferroviário. O condutor puxou um caderno e redigiu um informe sobre tudo o que acontecera. O ferroviário dirigiu a Švejk um olhar fulminante. O bom soldado lhe perguntou, tranquilamente:

— O senhor trabalha há muito tempo na ferrovia?

Como o ferroviário não respondeu, o próprio Švejk retomou a palavra dizendo que conhecia um tal de František Mlíček de Uhřiněves, perto de Praga, que também uma vez havia puxado uma corrente de alarme e se assustou tanto que durante duas semanas ficou mudo e não recuperou a fala até que foi vê-lo um tal de Vaněk, jardineiro de Hostivař, com quem brigou e em quem bateu com um chicote que acabou se quebrando.

— Isto aconteceu em maio de 1912 — acrescentou.

O ferroviário abriu a porta do banheiro e se trancou.

O condutor ficou sozinho com Švejk e lhe pediu as vinte coroas da multa, sublinhando que no caso de não querer pagá-la se veria obrigado a levá-lo ao chefe de estação de Tábor.

— De acordo — disse Švejk. — Gosto muito de conversar com gente culta, será um prazer fazer uma visita ao chefe da estação de Tábor.

Švejk puxou o cachimbo do fundo de sua jaqueta, acendeu-o e, exalando a áspera fumaça do tabaco do exército, disse:

— Há alguns anos, havia em Svitavy um chefe de estação chamado Wagner. Era uma peste com seus subordinados e os martirizava como podia, mas, sobretudo, desenvolveu uma aversão absoluta por um sinaleiro, um tal de Jungwirt, até que o pobre não conseguiu suportar mais aquilo e se afogou no rio. No entanto, antes escreveu uma carta ao chefe de estação dizendo que iria assombrá-lo à noite. Não estou mentindo. Aconteceu. Uma noite em que o chefe de estação estava sentado diante do telégrafo, as

campainhas tocaram e recebeu um telegrama: "Como vai, sem-vergonha? Jungwirt." E assim durante toda a semana. O chefe de estação enviou telegramas a todas as estações, respondendo ao fantasma: "Perdoe-me, Jungwirt." E uma noite depois o aparelho lhe deu a seguinte resposta: "Se enforque no semáforo ao lado da ponte. Jungwirt." O chefe de estação obedeceu. Finalmente, prenderam o telegrafista da estação anterior a Svitavy. Você está vendo que há coisas entre o céu e a terra a respeito das quais nós não temos a menor ideia.

O trem entrou na estação de Tábor e Švejk, antes de descer acompanhado pelo condutor, se apresentou, como era devido, ao tenente Lukáš:

— Humildemente, senhor, informo que estão me levando para o chefe de estação.

O tenente Lukáš não respondeu. Apoderou-se dele uma apatia em relação a tudo. Passou por sua cabeça que o melhor que podia fazer era se despreocupar de tudo e não dar importância a nada, nem a Švejk nem ao general de brigada careca que estava diante dele. Queria ficar sentado tranquilamente, descer em Budějovice, apresentar-se ao quartel e ir ao front com o primeiro batalhão que partisse. No campo de batalha, poderia, convenientemente, se deixar matar, e livrar-se assim deste mundo miserável no qual perambulava uma besta como Švejk.

Quando o trem começou a andar, o tenente Lukáš olhou pela janela e avistou Švejk na gare, imerso em uma conversa muito séria com o chefe de estação. O soldado estava cercado por uma multidão de pessoas, entre as quais se destacavam alguns uniformes ferroviários.

O tenente Lukáš suspirou. Não era um suspiro de lástima. Sentiu seu coração leve ao perceber que Švejk havia ficado na plataforma. Até o general de brigada careca já não lhe parecia um monstro tão antipático.

Fazia um tempo que o trem resfolegava em direção a České Budějovice, mas o grupo que estava em volta de Švejk na plataforma não se dispersava. Švejk falava de sua inocência e convenceu os presentes de tal forma que uma mulher se manifestou:

— Estão de novo torturando um soldado!

A multidão assentiu e um senhor se dirigiu ao chefe de estação declarando que pagaria a multa de vinte coroas por Švejk, porque estava convencido da inocência do soldado.

— Olhem para ele — disse, baseando seu julgamento na expressão inocente de Švejk, que se dirigiu à multidão dizendo:

— Sou completamente inocente, minha gente.

Então apareceu um guarda da polícia que afastou um cidadão do grupo, prendeu-o e o levou dizendo:

— Você vai prestar conta disto. Eu vou lhe mostrar o que acontece quando alguém incita as pessoas dizendo que se os soldados são tratados dessa maneira ninguém pode exigir que a Áustria vença a guerra.

O infeliz cidadão só conseguiu afirmar que era um simples mestre açougueiro de Staré Brány e que não tivera más intenções.

Enquanto isso o bom homem que acreditava na inocência de Švejk pagou por ele a multa no escritório e o levou a um bar de terceira classe da estação, onde o convidou para tomar uma cerveja, e quando soube que todos os documentos e a passagem de Švejk estavam no bolso do tenente Lukáš, ofereceu-lhe, generosamente, uma nota de cinco coroas para que pudesse comprar um bilhete e fazer frente a outras despesas.

Ao partir, disse a Švejk em tom confidencial:

— Meu soldado, uma última coisa. Se cair prisioneiro de guerra na Rússia, dê lembranças de minha parte ao cervejeiro Zeman de Zdolbunov. Eu escrevi o meu nome em um papel. Mas, sobretudo, seja esperto e evite ficar muito tempo no front.

— Não se preocupe comigo — disse Švejk —, sempre é interessante conhecer terras estrangeiras, e ainda por cima de graça.

Švejk ficou sozinho na mesa e foi bebendo, lentamente, as cinco coroas de seu generoso benfeitor. Enquanto isso, as pessoas que não haviam testemunhado a conversa entre Švejk e o chefe de estação, e que só tinham visto a multidão, comentavam entre elas que fora detido um espião que fotografara a estação. Não obstante, uma mulher discordava dessa observação, afirmando que ouvira dizer que não se tratava de nenhum espião, mas sim de um soldado que havia batido em um oficial diante do banheiro feminino, porque este perseguiu sua namorada até lá.

A polícia, que chegou para liberar a gare, deu um fim a todas aquelas fantásticas conjecturas, tão próprias do nervosismo típico dos tempos de guerra. E Švejk continuou bebendo enquanto recordava com ternura seu tenente. O que fará quando chegar a Budějovice e descobrir que seu ordenança não está em nenhum lugar do trem?

Antes que o trem de passageiros chegasse, o bar de terceira classe ficou lotado de soldados e civis. Os soldados pertenciam a diferentes regimentos e formações e eram de diversos países. O redemoinho bélico os levara aos hospitais militares de Tábor e agora voltavam ao campo de batalha em busca de novas feridas, mutilações e sofrimentos, ou para ganhar uma simples cruz de madeira em seu túmulo, sobre a qual, ainda depois de muitos anos, na triste planície da Galícia, ondeará sob o vento e a chuva um quepe descolorido de um soldado austro-húngaro com a viseira oxidada; de vez em quando pousará nela um velho corvo que recordará os pantagruélicos banquetes de antanho e a interminável mesa cheia de saborosos cadáveres de homens e cavalos, e pensará que precisamente sob um quepe como aquele costumava encontrar o mais delicioso dos bocados: olhos humanos.

Um daqueles candidatos ao sofrimento, que recebera alta no hospital depois de uma operação e que estava com o uniforme sujo de sangue e lama, sentou-se ao lado de Švejk. Estava contraído, fraco e triste. Deixou um pequeno pacote na mesa e do fundo da jaqueta tirou seu porta-níqueis e começou a contar o dinheiro que lhe restava. Depois fitou Švejk e perguntou em húngaro:

— *Magyarul*? Fala húngaro?

— Sou tcheco, amigo — respondeu Švejk. — Quer beber alguma coisa?

— *Nem tudom, barátom*. Eu não o entendo, meu amigo.

— Não importa, companheiro — incitou-o Švejk, colocando seu copo cheio diante do triste soldado. — Beba quanto quiser.

O soldado o compreendeu perfeitamente, bebeu um pouco e agradeceu.

— *Köszönöm szívesen*. Muito obrigado.

Continuou examinando o conteúdo de seu porta-níqueis e por fim suspirou. Švejk compreendeu que o húngaro gostaria de tomar uma cerveja, mas não tinha dinheiro suficiente. Então pediu outra para ele. O húngaro voltou a lhe agradecer e começou a contar alguma coisa através de gestos enquanto apontava seu braço, perfurado por uma bala; acompanhou os movimentos com o idioma internacional.

— Pim, pam, pum!

Švejk balançou a cabeça, compassivo; então o convalescente contraído disse a Švejk, abaixando a mão esquerda a meio metro do chão e levantando três dedos, que tinha três filhos pequenos.

— *Három gyermek, nincs ham, éljen!* — continuou, querendo indicar que em sua casa não havia nada para comer.

E com a manga suja de seu capote militar, no qual estava desenhado o buraco da bala que lhe atravessara o braço durante o cumprimento de seu dever em defesa do rei húngaro,[31] enxugou os olhos, dos quais espirravam lágrimas.

Não era nada estranho que, assim distraído, restasse a Švejk cada vez menos daquela nota de cinco coroas e que a cada copo de cerveja que pedia para ele ou para o convalescente húngaro fosse se afastando a possibilidade de comprar a passagem de soldado para Budějovice.

Na estação passou outro trem para Budějovice e Švejk continuou sentado à mesa ouvindo o húngaro repetir seu: "*Pim, pam, pum! Három gyermek, nincs ham, éljen*!" Três crianças e nada de comida.

E repetiu a frase quando brindavam.

— Beba, garoto húngaro — lhe respondeu Švejk. — Na sua terra você não nos acolheria assim...

Na mesa vizinha, um soldado disse que, quando o 28º Regimento chegou a Szeged, os húngaros riram dos tchecos dizendo que eram uns covardes, uma mensagem que transmitiam por meio do gesto das mãos ao alto. Era uma sacrossanta verdade, mas, aparentemente, o soldado de uma mesa ao lado se sentira ofendido; acrescentou que, quando os húngaros pararam de gostar de serem mortos pelos interesses de seu rei, seguiram o exemplo dos tchecos e preferiram se render a se deixar matar.

Este soldado foi se sentar à mesa de Švejk e contou como haviam acossado os húngaros em Szeged, como os haviam expulsado das tavernas a porrada. Mas também reconheceu que os húngaros sabiam brigar e que em uma manhã havia levado uma facada nas costas e então tiveram de mandá-lo à retaguarda para se tratar. Disse-lhe também que agora, quando chegasse a seu regimento, o capitão certamente mandaria prendê-lo, porque não tivera tempo de devolver a agressão àquele húngaro e assim salvar a honra de todo o regimento.

— Seus *tokuments.*

Desta maneira amável, o comandante do controle militar, um sargento-mor acompanhado por quatro soldados com baionetas, começou a conversar com Švejk.

— Eu fi focê sentada, non vazer nada, focê só bebe, só bebe, foldado!

— Não tenho documentos, *miláčku*, meu querido — respondeu Švejk —; meu tenente Lukáš, do 91º Regimento, levou-os e eu fiquei aqui na estação.

— *Was ist das Wort milatschku*? — perguntou o sargento-mor a um de seus soldados, um velho guarda da defesa territorial que gostava de ludibriar seu superior e

lhe respondeu com calma:

— *Milaček das ist wie Herr Feldwebel,* significa senhor sargento.

O sargento continuou se dirigindo a Švejk:

— Todas as soltatos com tokuments, sem tokuments *auf Bahnhofsmilitärkommando, den lausigen Bursch, wie einen tollen Hund* — algo como "vamos prendê-lo, seu estúpido, no posto de comando da estação como se fosse um cão raivoso!".

Levaram Švejk ao posto de comando da estação, onde, na sala dos guardas, estavam outros homens que se pareciam com aquele velho guarda territorial que sabia traduzir tão bem as palavras *meu querido* para o alemão de seu inimigo natural.

A sala dos guardas havia sido decorada com as litografias que naquela época o Ministério da Guerra enviava a todos os lugares pelos quais passavam soldados, assim como às escolas e aos quartéis.

O bom soldado Švejk foi recebido por um quadro que, de acordo com o título, representava o tenente František Hammel e os sargentos Paulhart e Bachmeyer do 21º Regimento Imperial e Real de Artilharia, encorajando a tropa a avançar. Em outra parede estava pendurado um quadro com o seguinte título: "O tenente Jan Danko, do 5º Regimento de Hussardos, reconhece a bateria inimiga."

À direita, embaixo, pendia um cartaz com os seguintes dizeres: "Exemplos raros de coragem."

Com este tipo de texto, cujos exemplos haviam nascido da imaginação dos funcionários do Ministério da Guerra e de diversos jornalistas alemães chamados às fileiras, a velha e estúpida Áustria queria infundir entusiasmo nos soldados, que nunca liam esse tipo de coisa. E quando, também para infundir coragem na tropa, enviavam livros com esses exemplos de bravura ao front, os soldados usavam suas páginas para fazer cigarros com tabaco de cachimbo ou usavam os exemplares para fins ainda mais adequados, como cabia à coragem e ao espírito dos excepcionais episódios de bravura que descreviam.

Enquanto o sargento-mor procurava um oficial, Švejk leu o seguinte em um cartaz:

O COCHEIRO JOSEF BONG

Os soldados do corpo sanitário transladavam os feridos graves aos carros que estavam a postos em um desfiladeiro oculto. Assim que ficavam lotados, se dirigiram ao posto de socorro. Quando descobriram os carros, os russos começaram a cobri-los com granadas. Uma granada matou o cavalo do cocheiro Josef Bong, do 3º Esquadrão Imperial e Real de Serviço. Bong lamentou: "Meu branquinho, acabaram com você, pobrezinho!" Nisso Bong foi atingido por um estilhaço de granada. Mesmo assim, desatrelou seu cavalo e levou o carro a um refúgio seguro. Então voltou para pegar os arreios do cavalo morto. Os russos continuavam disparando. "Disparem, feras malditas, não deixarei os arreios aqui!", exclamava enquanto tirava os arreios do cavalo. Quando terminou, arrastou-os até o carro. Ali, devido a sua longa ausência, teve de suportar as maldições dos soldados do corpo sanitário. "Não queria abandonar os arreios, são quase

novos. Pensei que seria uma lástima. Eles não estão sobrando." Assim se desculpou o valente soldado enquanto se dirigia ao posto de socorro, onde comunicou que estava ferido. Mais tarde, seu capitão o condecorou com a medalha de prata por sua coragem.

Como o sargento-mor ainda não voltara, quando Švejk acabou de ler disse aos guardas territoriais:

— Este é um belo exemplo de coragem. Assim nosso exército terá muitos arreios novos. Mas, quando estava em Praga, li no *Diário Oficial* da cidade uma história ainda mais bonita: na Galícia, havia, no 7º Batalhão de Guardas-Florestais, um médico voluntário de nome Josef Vojna. Quando a luta chegou às baionetas, recebeu uma bala na cabeça. Quando o estavam levando ao posto de socorro, gritou que não se deixaria enfaixar por causa de um arranhão tão pequeno. E quis voltar para o pelotão, mas uma granada destroçou seu tornozelo. Quiseram levá-lo de novo, mas voltou mancando para a linha de combate. Apoiando-se em uma bengala, lutou contra o inimigo até que uma granada lhe arrancou a mão com a qual a segurava. Colocou-a na outra mão gritando que iriam lhe pagar caro e não sei o que teria acontecido se um projétil não tivesse acabado definitivamente com ele. Talvez, se não o tivessem matado, também tivesse sido condecorado com uma medalha de prata por sua bravura. Quando o projétil lhe arrancou a cabeça, ela, enquanto rolava, ainda gritava: "Cumpra seu dever com lealdade, mesmo no último suspiro!"

— Escrevem tantas coisas nos jornais... — disse um dos homens —, se esse jornalista tivesse visto uma coisa dessas teria enlouquecido em uma hora.

O guarda territorial cuspiu:

— Na minha aldeia, em Čáslav, havia um jornalista de Viena, um alemão. Tinha o grau de alferes. Negava-se a falar conosco em tcheco, mas quando o destinaram a uma companhia em que todos eram tchecos de repente começou a falar em tcheco.

Na porta apareceu o sargento-mor que, com um olhar raivoso, cuspiu em alemão:

— Quando focê se avasta por ein moment, não se oufe nada, só "tcheco, tcheco".

Ao sair, certamente em direção ao restaurante, disse ao cabo da Defesa Territorial, apontando Švejk, que quando o tenente chegasse entregasse a ele aquele lúmpen piolhento.

— O tenente deve estar se divertindo com a menina dos telégrafos na estação — disse o cabo quando o homem já havia saído. — Já faz mais de duas semanas que corre atrás dela e cada vez que volta à sala dos telégrafos está mais enfurecido e diz, referindo-se à moça: "É uma prostituta, não quer se deitar comigo."

Desta vez também voltou de péssimo humor, porque se ouviu que batia com os livros na mesa.

— Não há nada a fazer, rapaz, você tem que se apresentar ao tenente — disse o cabo a Švejk com simpatia. — Por suas mãos passaram muitas pessoas, soldados jovens e velhos.

E conduziu Švejk à sala onde estava sentado, atrás de uma mesa cheia de papéis desorganizados, um jovem tenente, com uma expressão extremamente furiosa.

Assim que viu Švejk ao lado do cabo, exclamou um "Ah!" que não prenunciava nada de bom. O cabo lhe disse:

— Humildemente, senhor, este homem estava na estação sem nenhum documento.

O tenente fez um gesto com a cabeça como se quisesse dizer que supunha há muitos anos que naquela hora e naquele dia Švejk seria encontrado na estação sem documentos; de fato, se alguém tivesse olhado para Švejk naquele momento, teria tido a impressão de que um homem com uma cara e um aspecto como aqueles não poderia ter nenhum tipo de documento. Naquele momento Švejk parecia ter caído do céu vindo de algum outro planeta: com uma surpresa ingênua fitava um mundo desconhecido onde lhe pediam uma coisa absurda da qual jamais ouvira falar chamada documentos.

Enquanto observava Švejk, o tenente refletiu por um momento sobre o que iria lhe perguntar. Finalmente, resolveu dizer:

— O que estava fazendo na estação?

— Humildemente, senhor, estava esperando o trem que me levaria a Budějovice para poder me reunir com meu regimento, o 91º, onde sou ordenança do tenente Lukáš, a quem fui obrigado a abandonar, já que me levaram ao chefe de estação porque me consideravam suspeito de ter detido o expresso em que viajávamos, de ter provocado sua parada acionando o freio de alarme.

— Você vai me enlouquecer! — gritou o tenente. — Diga-me tudo em poucas palavras e de uma maneira coerente, e pare de expelir besteiras!

— Humildemente, senhor, desde o momento em que eu e meu tenente subimos no expresso que deveria nos levar rapidamente ao nosso 91º Regimento Imperial e Real de Infantaria, tivemos azar. Primeiro perdemos uma mala; depois, para variar, um general de brigada completamente careca...

— Pelo amor de Deus — suspirou o tenente.

— Humildemente, senhor. É que é necessário que lhe explique tudo de uma vez, de uma forma suave, como se fosse um tapete macio, e com todos os detalhes para que tenha uma ideia geral do assunto, como costumava dizer o falecido sapateiro Petrlík quando ordenava a seu menino que tirasse as calças antes de começar a lhe dar uma surra.

E enquanto o tenente resfolegava, Švejk continuou sua narrativa:

— Assim, então, acho que não caí nas graças do general de brigada careca, de modo que o senhor tenente Lukáš, de quem sou ordenança, me mandou para o corredor. Uma vez ali, fui acusado do que acabo de lhe dizer. Antes que o assunto tivesse se resolvido, fiquei sozinho na gare. O trem partiu com meu tenente. As malas e todos os meus documentos foram embora, e eu fiquei aqui abandonado como um órfão e sem papéis.

Švejk dirigiu ao tenente um olhar tão comovedor e terno que este ficou claramente convencido de que tudo o que aquele homem com ar de idiota nato acabara de dizer era a mais pura verdade.

Então o tenente enumerou todos os trens que haviam saído para Budějovice depois do expresso e perguntou a Švejk por que os perdera.

— Humildemente, senhor — respondeu Švejk, sorrindo bondosamente —, enquanto estava esperando o próximo trem tive a desgraçada ideia de me sentar a uma

mesa e, uma vez ali, não consegui parar de beber uma cerveja depois de outra.

"Nunca na minha vida vi um imbecil deste calibre", pensou o tenente. "Confessa tudo. Interroguei muita gente e todo mundo nega as acusações, no entanto este diz tranquilamente: 'Perdi todos os trens porque fiquei bebendo uma cerveja depois de outra.'"

Resumiu todas estas reflexões em uma única frase, dirigida a Švejk:

— Você, rapaz, é um degenerado. Sabe o que significa uma pessoa degenerada?

— Humildemente, meu tenente, também no meu bairro, na esquina da rua Na Bojišti com a Kateřinská, havia um homem degenerado. Seu pai era um conde polonês e sua mãe era parteira. Ele varria as ruas, mas nas tavernas só aceitava ser chamado de senhor conde.

O tenente achou oportuno acabar com aquele assunto, de maneira que disse enfaticamente:

— Vou lhe dizer uma coisa, idiota. Agora mesmo irá à bilheteria, comprará uma passagem e partirá para Budějovice. Se voltar a vê-lo por aqui, será castigado por deserção. Fora!

Como Švejk não saía do lugar e não tirava a mão da viseira, o tenente gritou:

— Já para fora, ouviu? Retire-se! Cabo Palánek, leve este idiota à bilheteria e compre uma passagem para České Budějovice!

Depois de um momento, o cabo Palánek voltou a aparecer na sala. Na porta entreaberta, atrás de Palánek estava o rosto bonachão de Švejk.

— O que está acontecendo agora?

— Humildemente, senhor — disse o cabo Palánek em voz baixa —, o sujeito não tem dinheiro para o trem e eu tampouco. Não querem deixá-lo viajar de graça porque não tem nenhum tipo de documento militar que indique que vai ao front.

O tenente não demorou muito a encontrar uma salomônica solução para semelhante quebra-cabeça.

— Então que vá a pé! — decidiu. — Que o prendam quando chegar ao seu regimento por ter se atrasado. Quem vai ficar se ocupando dele aqui?

— Nada feito, camarada — disse o cabo Palánek a Švejk ao sair da sala. — Você terá de ir a pé a Budějovice. Na sala dos guardas temos uma bisnaga de pão de campanha que poderá levar para a viagem.

Ao cabo de meia hora, depois de ter tomado uma boa xícara de café e de terem lhe dado além do pão um pacotinho de tabaco, Švejk abandonou Tábor na escuridão da noite. Cantava uma velha canção militar:

Quando marchávamos para Jaroměř,
acredite quem quiser...

E só o diabo sabe o que aconteceu para que o bom soldado Švejk, em lugar de se dirigir ao sul, a Budějovice, tivesse se encaminhado diretamente ao oeste.

Caminhava sobre a neve da estrada, o ar estava gélido e ia envolto em seu capote militar, como o último soldado da guarda de Napoleão; a única diferença era que cantava alegremente:

Saí para passear
nos verdes bosques...

E nas florestas nevadas, no silêncio da noite, o eco de seu canto ressoava de tal maneira que os cães das aldeias começaram a latir. Quando se cansou de cantar, Švejk se sentou em um monte de esterco e acendeu o cachimbo. Depois de descansar um pouco, continuou a caminhar em direção a novas aventuras em sua "anábase" a caminho de Budějovice.

31 Franz Joseph também era rei da Hungria. (N. do T.)

2
A anábase de Švejk a caminho de Budějovice

Xenofonte, um guerreiro da Antiguidade, atravessou toda a Ásia Menor e, sem nenhum mapa, chegou a Deus sabe onde. Os antigos godos faziam suas incursões sem que tivessem o menor conhecimento topográfico. Caminhar sempre para a frente, é isso o que significa anábase. Abrir caminho através de paisagens desconhecidas, cercado de inimigos que estão de olho na melhor oportunidade para torcer seu pescoço. Quem tem boa cabeça — como era o caso de Xenofonte ou de todas aquelas tribos de bandoleiros que chegaram à Europa vindo só Deus sabe de que aldeia das costas do mar Cáspio ou do mar de Azov — faz verdadeiros milagres pelo caminho.

As legiões romanas de César chegaram, também sem o auxílio de mapas, às zonas nórdicas do mar da Gália. Um dia resolveram, para variar, voltar a Roma por outro caminho, e chegaram lá. Provavelmente foi a partir de então que começaram a dizer que todos os caminhos levam a Roma.

Todos os caminhos também levam a Budějovice. Pelo menos o bom soldado Švejk estava plenamente convencido disso quando, ao invés dos prados de Budějovice, avistou as aldeias da região de Milevsko. E continuou caminhando para a frente, porque nunca um Milevsko qualquer pode impedir um bom soldado de chegar a Budějovice.

Desta maneira Švejk apareceu em Květov, a oeste de Milevsko. Como havia esgotado pelo caminho todas as canções marciais e as marchas militares que conhecia, diante de Květov viu-se obrigado a voltar à seguinte canção:

Quando nós marchávamos
Todas as garotas choravam...

Uma velhinha que voltava da igreja encontrou Švejk no caminho que leva de Květov a Vráž, ou seja, a oeste, e com a saudação cristã de "Bom dia, soldado, aonde vai?", entabulou conversa com ele.

— A Budějovice, vovó, ao regimento, à guerra — respondeu Švejk.

— Então não está no caminho certo, soldado — disse a velhinha, assustada. — Por aqui não vai chegar. Se continuar caminhando nesta direção, passando por Vráž e indo sempre em frente, chegará a Klatovy.

— Eu acredito que se pode ir a Budějovice passando por Klatovy — disse Švejk, resignado. — Na verdade é um belo passeio, no entanto algo que não convém quando a pessoa está com pressa de chegar ao seu regimento. Não pode enfrentar novos problemas se pretende chegar o quanto antes possível.

— Na minha aldeia também havia um sujeito como você. Tinha que ir a Pilsen, à Defesa Territorial. Toník Mašek era seu nome — suspirou a velhinha. — É parente da minha sobrinha. Partiu, mas dali a uma semana os gendarmes vieram procurá-lo, porque não havia chegado ao seu regimento. E passada outra semana o rapaz apareceu na aldeia vestido de paisano dizendo que o haviam mandado para casa de licença. De maneira que o alcaide foi ver os gendarmes e estes foram buscar o rapaz para checar sua permissão. Já escreveu do front e diz que foi ferido e perdeu uma perna.

E a velhinha fitou Švejk com compaixão.

— Esconda-se na floresta, soldado, posso lhe levar um pouco de sopa de batata para que se aqueça. Daqui é possível ver nossa cabana, fica ali, atrás da floresta, um pouco à direita. Não passe pela aldeia de Vráž, os gendarmes locais parecem gaviões. Quando sair do bosque, dirija-se a Malčín. Uma vez ali, pegue o caminho de Čižová, mas evite passar por ela. Os gendarmes dali parecem verdugos, vivem caçando desertores. Atravesse a floresta e vá diretamente a Sedlec, perto de Horažd'ovice. Ali há bons gendarmes que deixam todo mundo passar pela aldeia. Você tem algum documento de identidade?

— Não tenho, mãezinha.

— Então também não passe por ali, será melhor se dirigir a Radomyšl, mas tente chegar ao anoitecer, quando os gendarmes estão na taverna. Na rua Dolejší, atrás da igreja de São Floriano, verá uma casinha com a base pintada de azul. Pergunte pelo fazendeiro Melichárek. É meu irmão. Dê-lhe lembranças de minha parte e ele lhe dirá como deve fazer para chegar a Budějovice.

Švejk esperou mais de meia hora na floresta e quando se aqueceu com a sopa de batata que a pobre mulher lhe levara em uma panela envolta em uma almofada para que não esfriasse, a velhinha tirou de um lenço uma fatia de pão e um pedaço de toucinho, enfiou tudo no bolso de Švejk, fez o sinal da cruz e disse que dois de seus netos estavam na guerra.

Então repetiu com cuidado os nomes das aldeias pelas quais ele deveria passar ou precisaria evitar. Por fim, tirou uma coroa do bolso e deu-a a Švejk para que comprasse uma aguardente em Malčín e assim pudesse suportar melhor o longo caminho até Radomyšl.

Em Čižová, Švejk pegou o caminho para Radomyšl, na direção leste, seguindo o conselho da velhinha, pensando, provavelmente, que a partir de qualquer lugar do mundo seria possível chegar a Budějovice.

Ao sair de Malčín ia com Švejk um velho acordeonista que havia conhecido na taverna onde comprara a aguardente para o longo trajeto até Radomyšl.

O acordeonista, depois de observar Švejk, entendeu que era um desertor e aconselhou-o a acompanhá-lo a Horažd'ovice, onde vivia sua filha casada, cujo marido também era desertor. Era evidente que o velho acordeonista havia bebido além da conta em Malčín.

— Meu genro está escondido há dois meses no estábulo — tentou convencer Švejk. — Você também pode se esconder e os dois podem ficar ali até o final da guerra. Tendo companhia é menos triste.

Quando Švejk recusou educadamente a proposta, o acordeonista ficou muito irritado e pegou o caminho da esquerda, que atravessava o campo, ameaçando Švejk de denunciá-lo à polícia de Čížová.

Ao anoitecer, ao chegar a Radomyšl, Švejk foi à rua Dolejší procurar o fazendeiro Melichárek. As recomendações de sua irmã de Vráž não o impressionaram nem um pouco. Queria ver os documentos de Švejk. Era um homem desconfiado, insistia em falar dos ladrões, baderneiros e vagabundos que, segundo ele, vagavam pelo distrito.

— Fogem da guerra, recusam-se a lutar e a única coisa que fazem é rondar por aqui e roubar tudo o que podem — disse a Švejk enfaticamente, olhando-o nos olhos. — Todos parecem não saber contar até cinco. Quem diz as verdades perde as

amizades — e acrescentou, quando Švejk se levantou para ir embora: — Se tivesse a consciência limpa, ficaria sentado tranquilamente e me deixaria ver seus documentos. Mas como não os tem...

— Fique com Deus, vovô.

— Adeus e, na próxima vez, procure um que seja mais bobo.

Fazia tempo que Švejk saíra para enfrentar a escuridão e o velho continuava resmungando.

— Disse que saiu de Tábor para ir a Budějovice, a seu regimento. E o patife passa primeiro por Horažd'ovice e depois por Písek. Parece que está dando a volta ao mundo.

Švejk caminhou quase toda a noite, até que perto de Putim encontrou um palheiro. Quando estava improvisando um leito, ouviu uma voz muito perto:

— De que regimento você é? Aonde vai?

— Do 91º, de Budějovice.

— Por que está indo para lá?

— É onde o meu tenente está.

A seu lado, muito perto, ouviu-se uma gargalhada não de uma, mas de três pessoas. Quando as risadas se acalmaram, Švejk perguntou de qual regimento eram. Dois eram do 35º e um da artilharia, também de Budějovice.

Os do 35º haviam desertado um mês atrás, quando a companhia estava se formando para ir ao front, e o artilheiro andava por ali desde os dias da mobilização. Era de Putim e o palheiro era dele. Dormia nele todas as noites. Na noite anterior havia encontrado os outros dois no bosque e os levara ao palheiro.

Todos acreditavam, esperançosos, que a guerra não duraria mais de um mês ou dois. Imaginavam que os russos já deviam ter deixado Budapeste para trás e entrado na Morávia. Era o que todo mundo dizia em Putim. De madrugada, antes do amanhecer, a mulher do artilheiro lhes levaria o dejejum. Depois, os do 35º começariam a caminhar para Strakonice, onde vivia a tia de um deles, que conhecia alguém na montanha, mais além de Sušice, que tinha uma serraria; ali ficariam bem escondidos.

— E você, do 91º, venha conosco se quiser — sugeriram a Švejk. — Mande seu tenente à merda.

— Isso não é tão fácil assim — disse Švejk e se afundou no palheiro.

De manhã, quando acordou, todos haviam partido e alguém, provavelmente o artilheiro, deixara perto de seus pés uma fatia de pão para a viagem.

Švejk atravessou florestas e perto de Stekno encontrou um vagabundo, um velho que lhe deu as boas-vindas com um gole de aguardente como se fosse um amigo da vida inteira.

— Eu, se fosse você, não sairia da floresta vestido assim — aconselhou a Švejk —, o uniforme de soldado poderia lhe custar caro. Por todas as partes perambulam grupos de gendarmes e vestido assim não poderá mendigar. Os gendarmes já não correm atrás da gente tanto como antes, agora se concentram em vocês — repetiu com tanta convicção que Švejk resolveu não lhe dizer nada sobre o 91º Regimento. Estava o tomando por desertor? Não o convenceria de que se equivocava. Que pensasse o que quisesse. Para que decepcionar um velho?

— Aonde está indo? — perguntou o vagabundo depois de um tempo, quando ambos haviam acendido os cachimbos e passavam devagar ao largo de uma aldeia.

— A Budějovice.

— Pelo amor de Deus — assustou-se o vagabundo. — Lá você será preso assim que o virem chegar. Não terá tempo nem de se aquecer. Terá que ir à paisana, com roupa esfarrapada e mancando. Mas fique tranquilo, agora vamos a Strakonice, Volyň e Dub, e seria uma coisa do diabo se não encontrasse uma roupa de paisano. Nos arredores de Strakonice há pessoas tão tolas e honradas que não fecham nunca a porta com chave e de dia a deixam aberta. Agora no inverno costumam ir bater papo na casa de algum vizinho e você poderá conseguir facilmente uma roupa de paisano. Do que precisa? Já tem botas, assim só lhe falta algo para vestir. O sobretudo militar que você carrega é velho?

— Velho.

— Então fique com ele. As pessoas das aldeias usam roupas velhas. Você precisa de calças e de uma túnica, não é mesmo? Quando conseguirmos as roupas de paisano, venderemos as calças e a túnica do exército ao judeu Herrman de Vodňany. Ele compra qualquer coisa que pertença ao governo e depois vende tudo nas aldeias. Hoje iremos a Strakonice — continuou explicando seus planos. — Dali, em quatro horas chegaremos ao velho curral de ovelhas de Schwarzenberg. Ali há um pastor amigo meu, também velho, que nos deixará passar a noite e no dia seguinte, de manhã, iremos a Strakonice para surrupiar roupas civis em algum lugar ali perto.

No curral, Švejk encontrou um velho agradável que o fez lembrar as histórias que seu avô contava das guerras francesas. Devia ser uns vinte anos mais velho que o vagabundo, razão pela qual se dirigia tanto a ele como a Švejk da mesma maneira: rapaz.

— Vejam, rapazes — disse, quando ambos estavam sentados em volta do fogão, no qual cozinhavam batatas com casca —, na sua época, meu avô também desertou como você que chegou agora. Mas o pegaram em Vodňany e lhe deram uma surra até deixá-lo feito picadinho. E ainda posso dizer que teve sorte. Jareš filho, avô do velho Jareš, guarda costeiro em Ražic, perto de Protivín, foi coberto de chumbo e pólvora por ter desertado. E antes de ser fuzilado na fortaleza de Písek, foi obrigado a atravessar um corredor polonês; levou seiscentas cacetadas, de maneira que, para ele, a morte foi uma libertação, uma salvação. E você, quando fugiu? — perguntou a Švejk, com os olhos cheios de lágrimas.

— Depois da mobilização, quando nos levaram ao quartel — respondeu Švejk, sem querer decepcionar o velho pastor.

— Pulando o muro? — perguntou o velho com curiosidade, provavelmente recordando seu avô, que lhe contara que fugira assim.

— Não havia outra maneira, vovô.

— E havia muitos guardas? Dispararam?

— Sim, vovô.

— E aonde pretende ir agora?

— Perdeu a cabeça: quer ir de qualquer jeito para Budějovice — respondeu o vagabundo, antecipando-se a Švejk. — É um homem jovem, mas perdeu o juízo. Está procurando sua própria desgraça. Bem, terei que lhe dar algumas lições. Roubaremos

roupas civis para ele e aí tudo correrá bem. Até a primavera nos viraremos como pudermos e depois procuraremos trabalho no campo. Este ano faltará muita gente, haverá fome. Comenta-se por aí que mandarão todos os vagabundos trabalhar no campo. E como teremos que ir à força, penso que será melhor nos apresentarmos como voluntários. Com tanta gente esmagada, haverá escassez de homens.

— Então você acha que a guerra não terminará este ano? — perguntou o pastor. — Pois tem razão, rapaz! Já tivemos guerras longas. A de Napoleão, e depois, conforme me contaram, as guerras suecas e a dos Sete Anos. Mas as pessoas mereciam essas guerras. É que Deus já não conseguia nem olhá-las de tão soberbas que haviam ficado. Nem a carne de cordeiro era suficientemente boa para elas. Antes apareciam aqui multidões pedindo que lhes vendesse um cordeiro por baixo do pano; no entanto, de uns anos para cá as pessoas só querem coisas finas, carne de porco, aves, e tudo assado na manteiga ou na gordura de porco. De maneira que, por causa de seu orgulho, Deus as castigou, e agora terão de se conformar em comer acelga, como durante as guerras napoleônicas. Nem mesmo nossas autoridades sabem mais o que fazer com esses descarados. O velho príncipe Schwarzenberg costumava viajar de carruagem, no entanto o pirralho do seu filho não faz mais do que empestear tudo com seu automóvel. Mas Deus logo untará seu focinho de gasolina!

Ouvia-se a água borbulhar cozinhando as batatas no fogão e depois de uma breve pausa o velho pastor disse, profeticamente: "Nosso imperador não vai ganhar esta guerra. Como pode haver um entusiasmo bélico se, como diz o mestre-escola de Strakonic, nosso imperador não se deixou coroar?32 É inútil querer agora adoçar nossa boca com mel. Se você prometeu que permitiria que o coroassem, velho lúmpen, então devia ter mantido a palavra.

— Talvez o faça agora — observou o vagabundo.

— Agora ninguém mais liga para ele — disse o pastor, enfadado. — Você precisaria estar presente quando o pessoal se reúne em Skočice. Todo mundo tem um parente no front e ouviria o que dizem; que depois desta guerra haverá liberdade, que não haverá palácios de nobres nem de imperadores e que as propriedades dos príncipes serão confiscadas. Por causa de um discurso desses, outro dia os gendarmes levaram um tal de Kořínek, acusado, como se diz, de incitar as massas. Hoje em dia a lei é a lei dos gendarmes.

— Sempre foi deles — observou o vagabundo. — Recordo que o chefe de polícia de Kladno, um tal de Rotter, começou a adestrar cães policiais, que têm o mesmo caráter de um pastor-alemão e, com um bom treinamento, são capazes de encontrar qualquer coisa. Aquele homem, pois, tinha um grupo de discípulos caninos que viviam como reis em uma casinha. E um belo dia lhe passou pela cabeça fazer experiências com os cachorros usando a gente, pobres vagabundos. Deu uma ordem para que os gendarmes do distrito de Kladno perseguissem os vagabundos ferozmente e os enviassem diretamente a suas mãos. Bem, um dia eu me apressava vindo de Lány, mantendo-me sempre dentro do bosque, mas não houve o que fazer, não consegui chegar à casa do guarda-florestal aonde me dirigia: me agarraram e me levaram ao chefe. Senhores, vocês não podem imaginar o que eu sofri com os cachorros daquele guarda. Antes de qualquer coisa, fez com que os cachorros me farejassem, depois me ordenou que subisse a escada e quando estava lá no alto soltou uma daquelas feras e mandou que fosse atrás de mim. A besta me obrigou a descer e quando cheguei ao chão colocou uma

das patas em cima de mim, rosnando e exibindo os dentes perto do meu rosto. Depois levaram aquele monstro e mandaram que me escondesse, dizendo que poderia ir aonde quisesse. Fui para o bosque, ao vale de Kačák, ao desfiladeiro, e depois de meia hora já estava com dois pastores-alemães em cima de mim; me derrubaram, e enquanto um segurava meu pescoço o outro saiu correndo para Kladno. Depois de uma hora chegou o guarda Rotter em pessoa com outros gendarmes, chamou o cachorro e me deu cinco coroas e uma permissão para mendigar durante dois dias em todo o distrito de Kladno. Mas que nada! Corri, como se tivessem incendiado minha cabeça, até Beroun e nunca mais voltei a aparecer em Kladno. Como consequência das experiências daquele guarda, todos os vagabundos passaram a evitar a região. Nas delegacias de polícia contavam que, quando Rotter saía para fazer inspeções e via um pastor-alemão, não fazia inspeção nenhuma e passava o resto do dia bebendo alegremente com o sargento.

Enquanto o pastor escorria as batatas e vertia leite de ovelha azedo em uma vasilha, o vagabundo continuava narrando suas recordações da justiça dos gendarmes:

— Em Lipnice, havia um sargento que vivia na própria delegacia, embaixo do castelo, e eu, velho ingênuo, até então achava que a polícia devia ficar em um lugar bem visível, como, por exemplo, uma praça ou algo parecido e não em um beco escondido. Bem... Comecei a andar pelos arredores da aldeia sem prestar atenção nas placas das portas. Fui de casa em casa até que cheguei ao primeiro andar de uma casinha, abri a porta e me apresentei: "Peço-lhes, humildemente, um pouco de caridade, sou um pobre vagabundo." Meu Deus do céu, de repente minhas pernas ficaram paralisadas. Estava em uma delegacia de polícia! Escopetas na parede, um crucifixo na escrivaninha, pastas no armário e o nosso imperador me olhando de uma estante. Antes de conseguir articular uma única palavra, o sargento avançou na minha direção e na própria porta me deu uma bofetada; rodei pela escada e só parei quando cheguei a Kejžlice, a aldeia vizinha. Esta é a lei dos gendarmes.

Os três começaram a comer; depois se deitaram nos bancos e, no calor do aposento, logo adormeceram.

À noite, Švejk se vestiu em silêncio e saiu. No leste despontava a lua e o bom soldado se dirigiu ao seu resplendor enquanto pensava: "Não é possível que eu não chegue a Budějovice."

Quando saiu da floresta, viu à direita uma aldeia; dirigiu-se, então, mais para o norte, e em seguida para o sul. Então voltou a ver ao longe outra cidade (era Vodňany). Evitou-a prudentemente, atravessando uns campos. O sol matinal lhe deu boas-vindas nas ladeiras nevadas de Protivín.

"Sempre em frente", disse para si mesmo o bom soldado Švejk. "O dever me chama. Tenho que chegar a Budějovice."

E, por um infeliz acaso, os passos de Švejk, ao invés de se dirigirem de Protivín ao sul, a Budějovice, o levaram ao norte, a Písek.

Por volta do meio-dia, Švejk avistou uma aldeia. Descendo uma pequena colina, pensou: "Isso não pode continuar assim. Terei de perguntar como devo fazer para chegar a Budějovice."

Quando entrou na aldeia, ficou pasmo ao ler o nome do lugar em um poste diante da primeira casa: Putim.

"Jesus Cristo!", suspirou Švejk, "quer dizer que voltei a Putim, onde dormi no palheiro...".

Mas sua surpresa logo se esfumou quando viu, atrás de um pequeno lago, uma casinha pintada de branco, onde estava pendurada uma galinha (assim era chamada popularmente a águia imperial), e sair dela um gendarme como se fosse uma aranha vigiando sua teia.

O gendarme se aproximou de Švejk e lhe disse, laconicamente:

— Aonde vai?

— A Budějovice, encontrar meu regimento.

O gendarme sorriu, sarcástico:

— Mas está vindo de lá, Budějovice está atrás de você!

E levou Švejk à delegacia.

O sargento-mor de Putim era famoso em toda a comarca por seus procedimentos, uma estranha combinação de delicadeza e astúcia. Nunca insultava um detido ou prisioneiro, mas o submetia a tal bateria de perguntas que até os inocentes confessavam.

Dois guardas se aproximaram do chefe e, sorrindo, submeteram Švejk a um interrogatório cruzado.

"A criminalística se baseia na inteligência e na amabilidade", costumava dizer o sargento-mor a seus subordinados. "Gritar com alguém não tem nenhum sentido. É preciso tratar os delinquentes e os suspeitos com delicadeza e ao mesmo tempo asfixiá-los com uma torrente de perguntas."

— Seja bem-vindo, soldado — disse o sargento-mor a Švejk. — Sente-se e sinta-se em casa. Deve estar cansado depois da viagem. Diga-nos para onde está indo.

Švejk repetiu que estava indo para Budějovice, ao seu regimento.

— Então deve ter errado o caminho — disse o sargento-mor, sorrindo —, porque está vindo de Budějovice, coisa que posso lhe demonstrar. Em cima da gente temos pendurado um mapa da Boêmia. Preste bem atenção, soldado. Ao sul está Protivín. Ao sul de Protivín está Hluboká e mais ao sul Budějovice. Então está vendo que não está indo a Budějovice, mas vindo de lá.

O sargento-mor olhava para Švejk com amabilidade e o bom soldado afirmou, tranquila e dignamente:

— E não obstante estou indo para Budějovice!

Esta afirmação foi mais forte do que o "e não obstante se move!" de Galileu porque este, com toda probabilidade, deve ter pronunciado a frase com uma boa dose de raiva.

— Quer saber de uma coisa, soldado? — disse o sargento a Švejk com a mesma amabilidade. — Eu vou convencê-lo do contrário. Você acabará concordando comigo que cada negativa torna a confissão mais difícil.

— O senhor tem toda razão — disse Švejk. — As negativas dificultam a confissão e vice-versa.

— Então você está vendo, soldado, que chegou sozinho à mesma conclusão. Responda-me com toda franqueza: de onde você saiu para ir a sua Budějovice? Estou dizendo a *sua* de propósito porque deve existir *outra* Budějovice ao norte de Putim que ainda não foi incluída no mapa.

— Saí de Tábor.

— E o que fazia em Tábor?

— Estava esperando um trem para Budějovice.

— E por que não foi de trem para Budějovice?

— Porque não tinha passagem.

— E por que a você, um soldado, não deram uma passagem militar de graça?

— Porque não tinha nenhum documento.

— Pronto! — disse, triunfalmente, o sargento-mor para um dos policiais. — O sujeito não é tão tolo como finge ser. Está começando a se enrolar.

O sargento-mor recomeçou como se não tivesse ouvido a última resposta a respeito dos documentos.

— Quer dizer que saiu de Tábor? Então para onde estava indo?

— Para České Budějovice.

A expressão do sargento-mor ficou um pouco mais severa e seu olhar escorregou pelo mapa.

— Poderia nos mostrar no mapa qual foi o caminho que pegou para ir a tal de Budějovice?

— Não recordo todos os lugares. Só sei que já estive uma vez aqui em Putim.

Todos os policiais trocaram um olhar inquisidor. O sargento-mor continuou:

— Quer dizer que esteve na estação de Tábor. Está carregando alguma coisa? Mostre-nos tudo!

Revistaram Švejk cuidadosamente, mas só encontraram um cachimbo e uma caixa de fósforos. Então o sargento-mor perguntou a Švejk:

— Diga-me uma coisa: como é possível que você não tenha nada, nadica de nada?

— É que não preciso de nada.

— Meu Deus! Que tortura ter de interrogar um sujeito como este! — suspirou o sargento-mor. — Acabou de dizer que já esteve uma vez em Putim. O que fez aqui naquela vez?

— Passei em Putim a caminho de Budějovice.

— Está vendo como se enrola? Você mesmo disse que ia para Budějovice e agora mesmo o convencemos de que está vindo de Budějovice.

— Devo ter dado uma volta.

O sargento-mor voltou a trocar um olhar significativo com seu pessoal.

— Uma volta! Me parece que com estas suas voltas o que o senhor está fazendo é perambular pelos arredores. Ficou muito tempo na estação de Tábor?

— Até a saída do último trem para Budějovice.

— E o que fez ali?

— Conversei com alguns soldados.

Outro olhar muito significativo do sargento-mor para os policiais.

— E a respeito de que falaram? Me dê um exemplo. O que lhes perguntava?

— Perguntei sobre o regimento e para onde iam.

— Muito bem. E não lhes perguntou a respeito da localização dos nossos exércitos?

— Não perguntei porque sei isso de memória há muito tempo.

— Então está muito bem informado sobre nosso exército e como ele está distribuído?

— Certamente, senhor!

Quando chegaram a esse ponto, o sargento-mor apostou seu último trunfo olhando triunfalmente para seus guardas.

— Você sabe russo?

— Não sei.

O tenente fez um gesto para os soldados e quando os dois foram para a sala ao lado disse, esfregando as mãos com uma expressão de vitória, cheio de orgulho e de certeza:

— Vocês ouviram? Não sabe russo! Muito esperto este sujeito. Escorregadio como ele só. Confessou tudo, menos o mais importante. Amanhã o enviaremos a Písek, ao chefe do distrito. A ciência criminológica se baseia na astúcia e na amabilidade. Viram como o asfixiei bombardeando-o com perguntas? Quem diria! Parece tão tolo, tão idiota... Mas é precisamente com pessoas assim que temos que usar a inteligência. Tranquem-no em algum lugar e eu farei o boletim de ocorrência.

E naquela mesma tarde, com um sorriso amável nos lábios, o sargento-mor começou a escrever o boletim no qual cada frase continha as palavras *suspeito de espionagem*.

À medida que ia redigindo seu informe em seu singular alemão oficial, o sargento-mor Flanderka via com mais clareza a situação, e quando o terminou com a frase "comunico que estamos enviando ao chefe de polícia do distrito de Písek o oficial inimigo do dia de hoje" sorria amplamente, satisfeito com seu trabalho. Depois chamou o sargento:

— Deram de comer ao oficial inimigo?

— Suas instruções são no sentido de que só devemos dar de comer aos que forem apresentados e interrogados antes das doze.

— Este caso é singular e, portanto, uma exceção — disse o sargento-mor dignamente. — Este homem deve ser um alto oficial do Estado-Maior. Com certeza os russos não enviariam para espionar o primeiro soldado que encontrassem. Ordene que lhe levem comida da taverna Na Kocourku. E se a comida já tiver acabado, que a preparem. E também um chá com rum. E que mandem tudo para cá. Não diga para quem é. Não é necessário dizer a ninguém quem está aqui. Trata-se de um segredo militar. O que o nosso homem está fazendo?

— Pediu um pouco de tabaco. Sentou-se na sala dos guardas e parece tão feliz como se estivesse em casa. "Está muito quentinho aqui", disse, "e a estufa não faz fumaça. Estou muito bem aqui. Caso a estufa solte fumaça, limpem a chaminé, mas só à tarde e nunca quando o sol estiver batendo nela."

— Como é esperto! — exclamou o chefe dos guardas, admirado. — Comporta-se como se não fosse com ele. E sabe que vai ser fuzilado! Embora seja nosso inimigo, um homem desses precisa ser respeitado. Está a caminho de uma morte certa. Não sei se nós seríamos capazes de nos comportar como ele. Talvez hesitássemos, deixássemos escapar alguma coisa. No entanto, ele se senta tranquilamente e diz: "Está muito quentinho aqui, a estufa não faz fumaça." Tremendo caráter! Um homem como esse deve ter nervos de aço; para ser assim é necessário ter abnegação, resistência,

entusiasmo. Se na Áustria houvesse um entusiasmo parecido… Mas deixemos pra lá. Em nosso país também há entusiasmo. Vocês leram o artigo do *Narodní Politika* que falava de um tal de Berger, tenente de artilharia, que subiu em um abeto muito alto e ali montou, sobre um galho, um posto de observação? Bem, quando os nossos recuaram, ele não pôde descer porque o teriam feito prisioneiro de guerra. Assim, pois, esperou que os nossos obrigassem o inimigo a recuar de novo, mas teve de esperar duas semanas. Passou todo aquele tempo lá em cima e, para não morrer de fome, foi roendo o cume da árvore e se alimentou de folhas e galhos. E quando os nossos chegaram, estava tão débil que não conseguiu se aguentar mais em cima da árvore, caiu e morreu. Uma vez morto, o condecoraram com a medalha de ouro à coragem.

E o sargento-mor acrescentou, com gravidade:

— Isso é espírito de sacrifício, sargento, isso é heroísmo! Vamos, já estamos conversando há algum tempo. Vá correndo pedir a comida e nesse meio-tempo me tragam o homem.

O sargento levou Švejk à sala. O sargento-mor convidou-o a se sentar com um gesto amistoso e começou a interrogá-lo de novo. Para começar, lhe perguntou se seus pais estavam vivos:

— Não estão.

O sargento-mor pensou em seguida que era melhor assim; pelo menos ninguém teria de chorar por aquele infeliz. Então olhou para a cara bondosa de Švejk e, em um repentino impulso de cordialidade, lhe deu umas batidinhas nas costas, inclinou-se e perguntou em tom paternal:

— Você gosta da Boêmia?

— Me sinto à vontade em qualquer lugar da Boêmia — respondeu Švejk —; pelo caminho encontrei ótimas pessoas em todos os lugares.

O sargento-mor assentiu com a cabeça:

— Em nosso país as pessoas são boas e cordiais. De vez em quando há algum roubo ou alguma briga, delitos sem importância. Já faz quinze anos que estou aqui e, se fizer um cálculo, chegarei à conclusão de que são cometidos três quartos de assassinato por ano.

— Está se referindo a um assassinato incompleto? — perguntou Švejk.

— Não, não estou querendo dizer isso. O fato é que ao longo de quinze anos só investigamos onze assassinatos. Cinco foram latrocínios e os outros seis, homicídios comuns, daqueles sem muita importância.

O sargento-mor fez uma pausa e depois retomou seu método de interrogatório.

— E o que pretendia fazer em Budějovice?

— Incorporar-me ao 91º Regimento.

O sargento-mor lhe pediu que voltasse à sala dos guardas, porque queria acrescentar o seguinte ao seu informe dirigido ao comandante geral da polícia de Písek: "Com um perfeito domínio da língua tcheca, pretendia tentar se infiltrar no 91º Regimento de Infantaria, em Budějovice."

O sargento-mor esfregou as mãos de alegria, satisfeito com a riqueza do material recolhido e os magníficos resultados proporcionados pelo seu método de investigação. Recordou seu predecessor, o sargento Bürger, que mal falava com os

detidos, não lhes perguntava nada e logo os enviava ao tribunal do distrito com um breve informe: "Segundo as declarações do sargento, foi detido por vagabundear e mendigar." Isso era um interrogatório?

Contemplou as páginas de seu informe e sorriu com satisfação; depois tirou da escrivaninha um documento secreto do comandante da polícia de Praga, assinalado com o habitual "rigorosamente confidencial" e voltou a lê-lo:

> *Recomenda-se a todos os policiais seguir com a máxima atenção os movimentos de pessoas que passem por sua zona de competência. O traslado de nossas tropas à Galícia ocidental teve como consequência o fato de que alguns setores das tropas russas, depois de terem atravessado os Cárpatos, tivessem tomado posições no interior do nosso império, de maneira que a linha do front foi trasladada algo mais ao oeste. Esta nova situação, dada a flexibilidade da linha do front, possibilitou que os espiões russos penetrassem mais profundamente em nosso Estado, especialmente na Silésia e na Morávia, a partir de onde, segundo informes confidenciais, um notável número de espiões russos se dirigiu à Boêmia. Pôde-se confirmar que entre eles há um número elevado de tchecos russos formados nas escolas superiores de estado-maior na Rússia, e que, por seu perfeito conhecimento da língua tcheca, são agentes particularmente perigosos porque podem difundir entre a população autóctone, coisa que farão, propaganda qualificada de alta traição. Portanto, o comandante territorial ordena que sejam detidos todos os elementos suspeitos e, sobretudo, que se aumente a vigilância nas localidades próximas às guarnições, centros militares e estações por onde passam trens militares. Os detidos deverão ser revistados imediatamente e entregues às autoridades superiores.*

Flanderka voltou a sorrir com satisfação e deixou no meio dos outros documentos secretos a pasta com a inscrição "Informação secreta, estritamente confidencial".

Muitas pastas haviam sido elaboradas pelo Ministério do Interior com a colaboração do Ministério da Defesa Nacional, ao qual estava subordinada a polícia. O comando territorial da polícia de Praga não dava conta de copiá-las e distribuí-las.

A pasta continha o seguinte:

Ordens sobre o controle do comportamento da população local.

Instruções para detectar, por meio de conversas com a população local, a influência que as notícias procedentes do campo de batalha exerciam em sua mentalidade.

Um questionário sobre as reações da população local relativas aos empréstimos e às coletas para o financiamento das atividades bélicas.

Um questionário sobre o estado de espírito dos recrutados e dos que seriam recrutados.

Um questionário sobre o estado de espírito dos membros da administração e dos intelectuais locais.

Uma ordem para o fornecimento imediato de informações sobre a afiliação local aos partidos políticos e a força de cada um deles.

Uma ordem para que fossem controladas as atividades dos chefes dos partidos políticos locais e um informe sobre o grau de lealdade ao império dos mencionados partidos.

Um questionário sobre jornais, revistas e opúsculos em circulação pela zona de jurisdição da polícia.

Instruções sobre como obter informações a respeito das atividades das pessoas suspeitas de deslealdade e de como a deslealdade se manifestava.

Instruções relativas aos procedimentos a serem adotados para identificar delatores e informantes a soldo entre a população local.

Instruções a respeito da remuneração de informantes da população local oficialmente registrados na gendarmaria local.

Todos os dias chegavam novas instruções, diretrizes, questionários e ordens. Imerso nesta enorme quantidade de invenções do Ministério do Interior austríaco, o sargento-mor Flanderka tinha um número extraordinário de papéis a despachar e respondia às perguntas de maneira estereotipada, argumentando que em sua zona tudo estava em ordem e que a lealdade da população local era do grau Ia.

O Ministério do Interior austríaco definira os seguintes graus de lealdade e adesão à monarquia: Ia, Ib, Ic; IIa, IIb, IIc; IIIa, IIIb, IIIc; IVa, IVb, IVc. O quatro em algarismos romanos acompanhado por um "a" significava alta traição e, portanto, condenação à forca, por um "b", internação, e por um "c", vigiar e prender.

Na escrivaninha do sargento-mor se amontoavam todo tipo de impressos e memorandos. O governo queria saber o que cada cidadão pensava a seu respeito. Muitas vezes Flanderka retorcia as mãos com desespero ao encarar aqueles impressos que aumentavam impiedosamente a cada dia. Assim que via os envelopes familiares com o carimbo "Postagem gratuita", seu coração disparava e durante a noite, refletindo sobre aquilo, chegava à conclusão de que não chegaria ao fim da guerra, que seus superiores destruiriam seus últimos resquícios de sanidade mental e que não poderia comemorar a vitória austríaca porque então estaria com um parafuso a mais ou a menos. O comando da polícia distrital o bombardeava diariamente com perguntas como: por que não respondera ao questionário número 72345/721 af *d*, como determinara a instrução 88992/822 gfeh *z*, quais eram os resultados práticos das ordens de número 123456/1922 bir *V*, e assim por diante.

A que mais o deixava preocupado era a ordem de encontrar delatores e informantes a soldo na população local. Como achava impossível encontrar alguém apropriado para essa tarefa na região de Blata, onde os habitantes eram famosos por sua teimosia, lhe ocorreu optar por um pastor local que era chamado de "Pepek Pule!". Tratava-se de um cretino que, quando ouvia esse grito, começava a pular; uma daquelas figuras dignas de pena, abandonadas pela natureza e pelos homens, um retardado mental que, por alguns florins e um pouco de comida, pastoreava o gado comunal.

Um dia Flanderka mandou chamá-lo e disse:

— Você sabe quem é o velho Prochâska, Pepek?

— Béééé.

— Pare de balir e recorde o nome pelo qual nosso imperador é popularmente conhecido. Você sabe quem é o nosso imperador?

— Nosso impelador.

— Muito bem, Pepek. Agora preste atenção: se, na hora de comer, quando você estiver indo de casa em casa, ouvir alguém dizer que nosso imperador é um animal ou algo assim, venha logo me dizer. Entendido? Eu lhe darei vinte cêntimos. E quando ouvir alguém dizer que perderemos a guerra, venha e me conte quem foi; logicamente, receberá mais vinte cêntimos. Mas se eu ficar sabendo que você está me escondendo alguma coisa, então verá o que posso fazer com você. Será preso e levado a Písek. E agora pule!

Pepek deu um pulo e o sargento-mor lhe deu mais duas moedas de vinte cêntimos. Depois, bem alegre, escreveu um memorando ao posto de comando da polícia distrital informando que já recrutara um informante.

No dia seguinte recebeu a visita do vigário e este lhe confidenciou que pela manhã havia encontrado o pastor comunal Pepek Pule nos arredores da aldeia e que este lhe dissera: "Reverendíssimo, o sargento-mor me disse ontem que o nosso senhor impelador é um imbecil e que não ganharemos a guerra. Béééé! Upa!"

Depois de longas explicações e de sua conversa com o vigário, Flanderka mandou prender o pastor comunal, que, mais tarde, no castelo de Hradčany, foi condenado a doze anos de prisão, acusado de alta traição, subversão, incitamento, crime de lesa-majestade e outros delitos e ofensas.

No tribunal, Pepek Pule teve o comportamento habitual, como se estivesse nos campos ou conversando com vizinhos. Em lugar de responder às perguntas, balia como uma cabra e, quando o veredito foi anunciado, exclamou "Béééé'! Upa!" e deu um pulo. Por isso, foi condenado, disciplinarmente, a ser confinado no catre duro de uma solitária e a três dias de jejum.

A partir de então o sargento-mor ficou desprovido de um informante e teve que se conformar a inventar um com nome falso, aumentando assim seu soldo mensal em cinquenta coroas por mês, dinheiro que gastava bebendo na taverna Na Kocourku. Após tomar a décima caneca de cerveja era acometido por um ataque de escrúpulos, a bebida amargava sua boca e sempre ouvia os clientes das mesas próximas repetirem a mesma frase: "Hoje o nosso sargento está um pouco triste, parece que perdeu o humor." Então ia para casa e, depois que havia saído, alguém sempre comentava: "Os nossos devem ter recebido de novo uma boa surra na Sérvia para o nosso sargento estar assim tão calado."

Em casa, o sargento preenchia pelo menos mais um dos questionários:

"Estado de espírito da população: Ia", por exemplo.

O sargento-mor costumava ter, frequentemente, longas noites de insônia. Estava sempre esperando alguma inspeção ou investigação. Durante a noite sonhava com a forca, que o levavam ao patíbulo e, quando ia ser pendurado, o próprio ministro da Defesa Nacional lhe perguntava pela última vez, claro que em alemão: "Sargento, qual é a sua resposta para a circular de número 1789678/23792 X.Y.Z?"

Mas agora! Parecia que em todos os cantos da delegacia ecoava a velha exclamação dos caçadores: "Viva a caça!" E o sargento policial Flanderka não tinha nenhuma dúvida de que o comandante do distrito bateria suavemente em seu ombro e lhe diria: "Minhas congratulações, policial."

O sargento-mor também desenhava em sua imaginação outros quadros sedutores que surgiam de algum viés de seu cérebro de burocrata: condecorações, uma

rápida ascensão ao escalão hierárquico superior e o reconhecimento de suas faculdades criminalísticas, fatos que lhe abririam caminho para uma brilhante carreira.

Chamou o sargento e perguntou:

— Você lhe deu o almoço?

— Trouxeram-lhe carne defumada com couve e knedlík. A sopa havia acabado. Bebeu o chá e quer mais um.

— Então que o sirvam! — consentiu o sargento-mor, generosamente. — E, quando terminar o chá, tragam-no aqui.

— E então? O senhor gostou? — perguntou o sargento-mor quando, meia hora depois, o sargento lhe trouxe Švejk, bem alimentado e tranquilo como sempre.

— Passável, eu gostaria de ter tido um pouco mais de couve. Mas o que vai se fazer... Eu sei que não estavam preparados para isso. A carne defumada estava bem defumada, deve ter sido defumada em casa; parecia um leitãozinho caseiro. E o chá com rum também me fez muito bem.

O sargento-mor olhou para Švejk e começou:

— É verdade que na Rússia bebem muito chá? E eles também têm rum?

— Tem rum no mundo inteiro, senhor sargento.

"Não tente me enganar", pensou o sargento-mor, "você devia ter tido cuidado antes com suas palavras".

E lhe perguntou, inclinando, confidencialmente, a cabeça em sua direção:

— Tem garotas bonitas na Rússia?

— Tem garotas bonitas no mundo inteiro, senhor sargento.

"Ora, rapaz", voltou a se repetir o sargento-mor, "você bem que gostaria de se livrar desta".

E então disparou com sua espingarda calibre 42:

— O que o senhor pretendia fazer no 91º Regimento?

— Queria ir com ele ao front.

O chefe dos gendarmes olhou para Švejk com tranquilidade e disse:

— Muito bem. Essa é a melhor maneira de voltar para a Rússia. Muito bem pensado, sim, senhor! — alegrou-se o chefe dos gendarmes, enquanto tentava averiguar o efeito que suas palavras tiveram sobre Švejk.

Mas não conseguiu descobrir nada além de uma tranquilidade absoluta.

"Este homem não mexe nem um músculo", apavorou-se o sargento-mor, "deve ser por causa de sua educação militar. Se eu estivesse em seu lugar e alguém tivesse me dito uma coisa dessas, meus joelhos começariam a tremer…".

— De manhã será levado a Písek — disse, meio sem querer. — Já esteve em Písek?

— Em 1910, durante as manobras imperiais.

Depois desta resposta, o sorriso do sargento-mor ficou ainda mais afável e triunfal. Sentia na alma que com esse método de interrogatório superava a si mesmo.

— Participou de todas as manobras?

— Naturalmente, senhor, como soldado de infantaria.

E, com a calma de sempre, Švejk voltou a olhar para o sargento-mor que, tomado por uma alegria exuberante, não conseguia mais aguentar a vontade de sair correndo para acrescentar tudo aquilo ao seu informe. Chamou o sargento, disse que levasse Švejk e escreveu em seu informe: "O plano dele era o seguinte: infiltrar-se nas

fileiras do 91º Regimento de Infantaria, se apresentar como voluntário para ir imediatamente ao front, e, na primeira oportunidade, chegar à Rússia, pois tinha consciência de que, devido à vigilância de nossos órgãos de segurança, seria impossível voltar por outros meios. É provável que, infiltrado no 91º Regimento, tivesse logrado atingir seu objetivo, porque durante um breve interrogatório cruzado confessou que participara de todas as manobras imperiais de 1910 nos arredores de Písek, na qualidade de soldado de infantaria. Disso se deduz que se trata de um homem extremamente hábil em sua especialidade. Faço constar, além disso, que todas as informações obtidas são resultado de meu método de interrogatório cruzado."

O sargento apareceu na porta.

— Senhor sargento-mor, ele está querendo ir ao banheiro.

— Com a baioneta calada! — decidiu o sargento-mor. — Não, não, traga-o aqui.

— O senhor quer ir ao banheiro? — perguntou amavelmente a Švejk. — Não se trata de outra coisa? — E cravou o olhar no rosto do bom soldado.

— É só mesmo uma questão de necessidade, senhor sargento — respondeu Švejk.

— Espero que não se trate de outra coisa — repetiu o sargento-mor de maneira significativa, pegando o revólver de serviço. — Eu o acompanharei.

— Este revólver é excelente — disse a Švejk no caminho. — Atira sete vezes e com precisão.

Mas, antes de sair ao pátio, o chefe chamou o sargento e lhe disse em voz baixa:

— Pegue a baioneta e assim que nosso homem entrar fique atrás do banheiro para impedir que cave um túnel e fuja.

O banheiro era pequeno, uma casinhola simples de madeira, erguida timidamente no meio do pátio, em cima de uma fossa de dejetos procedentes de uma estrumeira próxima. Era um grande veterano, no qual muitas gerações haviam feito suas necessidades. Agora Švejk estava ali, segurando com uma mão a corda da porta enquanto por trás, através de uma janelinha, o sargento observava seu traseiro, para evitar que fugisse.

O sargento-mor grudou seu olhar de falcão na porta e ficou pensando em que pé deveria atirar se tentasse fugir.

Mas a porta foi aberta lentamente e Švejk saiu, tranquilo e feliz, perguntando ao chefe dos gendarmes:

— Demorei muito? Fiz com que desperdiçasse seu tempo?

— Não, não, de maneira nenhuma — respondeu o chefe dos gendarmes enquanto pensava: "Que homem cortês e educado! Sabe o que o espera, mas consegue ser honrado até o último momento! Será que os nossos compatriotas seriam capazes de uma coisa dessas se estivessem em seu lugar?"

Na delegacia, o sargento-mor se sentou ao lado de Švejk, no beliche vazio do guarda Rampa, que ficaria de serviço até de madrugada e que, em vez de fazer uma ronda pela aldeia, estava naquele momento tranquilamente na taverna U Černého Koně de Protivín, jogando baralho com dois sapateiros e, entre uma mão e outra, manifestava sua convicção de que a Áustria ganharia a guerra.

O sargento-mor acendeu o cachimbo e ordenou que abastecessem o de Švejk. O sargento colocou carvão na estufa e a delegacia se transformou no lugar mais agradável e tranquilo da terra, um ninho quente em um desses entardeceres de inverno nos quais tudo o que se quer é ficar às escuras e deixar o tempo correr conversando amigavelmente.

No entanto, todos estavam calados. O sargento-mor seguia o fio de uma determinada ideia e finalmente disse, dirigindo-se ao sargento:

— Eu acho que não é correto enforcar os espiões. Um homem que se sacrifica pelo seu dever, pela sua, vamos dizer, pátria, deveria ser despachado de uma forma mais honrada, com pólvora e chumbo. O que o senhor acha, sargento?

— Com certeza deveriam ser fuzilados e não enforcados — assentiu o sargento. — Imagine que também nos chamassem e dissessem: "Você tem a missão de descobrir quantas metralhadoras os russos têm em seu paiol, quero dizer, em seu *maschinengewehrabteilungu.*" Tudo o que poderíamos fazer seria trocar de roupa e ir cumprir a ordem. E por isso deveriam me enforcar como se eu fosse um reles latrocida?

A sentinela estava tão indignada que se levantou e declarou:

— Exijo que me fuzilem e me enterrem com todas as honras militares!

— Mas há um pequeno detalhe — interveio Švejk. — Quando a pessoa é esperta, não se pode provar nunca nada contra ela.

— Pode-se provar sim — replicou o sargento-mor, enfaticamente —, se forem bastante inteligentes e tiverem *um método*. Você mesmo se convencerá disso. Se convencerá disso — repetiu em um tom mais plácido, acrescentando um sorriso afável —, aqui ninguém escapa recorrendo a desculpas, não é verdade, senhor sargento?

O sargento assentiu com a cabeça e disse que para muita gente tudo já está perdido desde o começo, que não serve nem uma máscara de perfeita tranquilidade porque, quanto mais tranquila a pessoa parece, mais claramente demonstra sua culpa.

— O senhor é da minha escola, sargento — afirmou o sargento-mor com orgulho. — A tranquilidade é uma bolha de sabão, a tranquilidade artificial é o *corpus delicti*.

E, interrompendo a exposição de sua teoria, dirigiu-se ao sargento:

— O que temos para jantar?

— Senhor sargento-mor, não está pensando em ir hoje à noite à taverna?

A pergunta apresentou ao sargento-mor um novo problema difícil, que precisava ser resolvido imediatamente.

E se o homem aproveitasse sua ausência noturna e fugisse? O cabo era de sua confiança, um sujeito cuidadoso, mas certa vez deixara escapar dois vagabundos. Na realidade, como era inverno, tivera preguiça de se arrastar com eles pela neve até Písek; por isso, quando estavam perto da aldeia de Ražice, permitiu que escapassem e, por pura formalidade, atirou para o ar.

— Mandaremos nossa velha buscar o jantar e ficar andando pra lá e pra cá com uma jarra grande de cerveja; sempre que a esvaziarmos, irá enchê-la de novo. Que a velha corra um pouco — o sargento-mor resolveu assim o difícil problema.

E a velha Pejzlerka, que era diarista, de fato correu um bocado.

Depois do jantar, não parou de fazer o trajeto entre a delegacia e a taverna Na Kocourku. A impressionante quantidade de pegadas que as enormes, pesadas, botas da

velha Pejzlerka deixaram pelo caminho era uma prova de que o chefe dos gendarmes encontrara uma maneira de compensar o fato de não ter ido à taverna.

E quando, finalmente, a velha Pejzlerka apareceu na taverna dizendo que o sargento-mor enviava suas saudações ao dono e pedia que lhe mandasse uma garrafa de *kontušovka*, a vodka polonesa adocicada, a curiosidade do taverneiro explodiu.

— Quem está com eles? — respondeu a velha. — Um suspeito. Agora mesmo, antes de vir para cá, os dois o seguravam pelo pescoço e o senhor sargento-mor acariciava seu cocuruto e dizia: "Meu amigo de ouro eslavo, meu pequeno espião!"

Depois, quando a meia-noite já ficara para trás havia muito tempo, o sargento, ainda com o uniforme completo, adormeceu como uma pedra, roncando em seu beliche.

Diante dele estava sentado o sargento-mor com o resto da garrafa de *kontušovka*, abraçando Švejk; as lágrimas corriam por seu rosto bronzeado, sua barba estava melada de bebida e não parava de balbuciar:

— Me diga que na Rússia eles não têm bebidas tão boas como as nossas, me diga para que possa dormir tranquilo. Confesse-me como um homem.

— Não têm.

O sargento-mor desabou sobre Švejk.

— Você me deixou feliz. Confessou! É assim que deve ser um interrogatório. Se a pessoa é culpada, por que vai negar?

Levantou-se e, cambaleando em direção ao seu quarto com a garrafa vazia, resmungou:

— Se... se você não tivesse se desviado para o mau ca... caminho, tu... tudo teria sido di... diferente.

Antes de cair na cama, com o uniforme no corpo, tirou o informe da escrivaninha e tentou escrever as seguintes observações:

"De acordo com o parágrafo cinquenta e seis... Devo acrescentar que a aguardente russa Kontuszówka..." Fez um borrão, lambeu-o e, sorrindo como um santo, caiu na cama e adormeceu como uma pedra.

De manhã, o sargento, que estava dormindo na cama encostada na parede da frente, começou a roncar e a assoviar pelo nariz de tal maneira que despertou Švejk. O bom soldado se levantou, sacudiu-o e voltou a se deitar. Então os galos começaram a cantar e quando, mais tarde, o sol saiu, a velha Pejzlerka, que também dormira além da conta depois de ter passado a noite correndo, apareceu e acendeu a estufa. Encontrara a porta aberta e todo mundo mergulhado em um sono profundo. O candeeiro da delegacia fumegava. A velha armou um alvoroço e puxou o sargento e Švejk da cama. Disse ao sargento:

— Você não tem vergonha de dormir vestido, como se fosse um animal de Deus?

E censurou Švejk dizendo que pelo menos abotoasse a braguilha na presença de uma mulher.

Finalmente, pediu energicamente ao sargento ainda meio adormecido que fosse despertar o senhor sargento-mor, e acrescentou que dormir até tão tarde não era nem um pouco recomendável.

— Você caiu em boas mãos! — resmungou a velha dirigindo-se a Švejk quando o sargento tentava acordar o sargento-mor. — Um mais bêbado do que o outro.

Seriam capazes até de sorver o nariz no meio dos olhos. Estão me devendo três anos de salário e quando lhes lembro, o sargento-mor me diz: "Cale-se, velha, ou mandarei prendê-la; sabemos que seu filho é caçador clandestino e rouba lenha da fazenda." Há três anos sou martirizada com a mesma história.

A velha deixou escapar um suspiro profundo e continuou resmungando:

— Sobretudo, tenha cuidado com o sargento-mor; parece um cordeirinho, mas no fundo é um patife de primeira. A única coisa que lhe interessa é afundar as pessoas, metê-las na prisão, e quanto mais gente melhor.

Despertar o sargento-mor foi uma tarefa árdua. O sargento teve muita dificuldade para convencê-lo de que já amanhecera. Finalmente abriu os olhos e tentou recordar, obscuramente, a noite anterior. De repente lhe ocorreu uma coisa terrível, que revelou olhando com insegurança para o sargento:

— Ele fugiu?

— Claro que não, é um homem honrado!

O sargento começou a caminhar pela sala, olhou pela janela, depois voltou para a cama, rasgou um pedaço do jornal que estava na mesa e fez com as pontas dos dedos uma bolinha de papel. Era óbvio que queria dizer alguma coisa.

O sargento-mor o observava com desconfiança e, finalmente, querendo confirmar alguma coisa de que suspeitava, disse:

— Vou ajudá-lo, senhor sargento. Será que eu aprontei muito ontem?

O sargento dirigiu ao superior um olhar cheio de reprovação:

— Se soubesse tudo o que disse ontem... A conversa que teve com ele!

Inclinando-se para o sargento-mor, sussurrou em seu ouvido:

— Disse que todos os tchecos e russos são irmãos eslavos, que o grão-duque Nikolaj Nikolajevič, o comandante em chefe das forças armadas russas, chegará a Přerov na próxima semana, que a Áustria não resistirá. Aconselhou o espião a negar tudo durante o interrogatório, que tentasse confundir os juízes, que aguentasse até que os cossacos o libertassem, que o império iria para o espaço, que aconteceria como nas guerras dos hussitas, que os camponeses entrariam em Viena com suas ferramentas, que o imperador é um velho doente e que logo bateria as botas, que o imperador Wilhelm é um animal, que o senhor enviaria dinheiro ao espião na prisão, e muitas outras coisas do tipo...

O sargento se afastou do sargento-mor.

— Me lembro perfeitamente de tudo isso, porque no princípio só estava um pouco bêbado. Mas também acabei ficando de porre e não me lembro de nada do que aconteceu depois.

O sargento-mor olhou para o sargento.

— Eu, no entanto, me lembro de que o senhor disse que, comparados com os russos, nós éramos uns cretinos, e que gritou diante da nossa velhinha: "Viva a Rússia!"

O sargento, inquieto, começou a andar pela sala.

— Gritava como um boi — disse o sargento-mor —, e depois caiu na cama como um morto e começou a roncar.

O sargento parou ao lado da janela e, batendo no vidro, declarou:

— O senhor, prezado sargento-mor, também falava sem rodeios na frente da velha. Recordo que lhe disse: "Não se esqueça, velha, que cada imperador, cada rei, só

pensa em seu bolso e por isso faz a guerra, mesmo que seja um ancião como o velho Procházka,33 a quem não podem mais deixar sair do banheiro se não quiserem que lambuze todo o Schönbrunn, isso mesmo, o palácio imperial."

— Eu disse uma coisa dessas?

— Sim, senhor sargento-mor, disse isso antes de ir vomitar no pátio, e ainda gritou: "Velha, enfie um dedo na minha garganta!"

— Você também disse umas barbaridades incríveis! — interrompeu-o o sargento-mor. — De onde tirou que Nikolaj Nikolajevič será o rei da Boêmia?

— Não me recordo — disse o sargento, timidamente.

— Claro que não se lembra! Você estava bêbado como uma porca, seus olhinhos pareciam os de um porco e, quando quis sair, em lugar de passar pela porta subiu na estufa.

Ambos se calaram. O sargento-mor quebrou o silêncio.

— Eu sempre disse que o álcool é a nossa perdição. Você tem pouca resistência e mesmo assim bebe. E se o espião tivesse escapado? Como iríamos justificar uma coisa dessas? Meu Deus, minha cabeça está doendo muito!

"Prezado sargento, vou lhe dizer uma coisa", continuou o sargento-mor. "É exatamente o fato de não ter escapado que demonstra que se trata de uma pessoa muito perigosa e astuta. Quando o interrogarem dirá que nós deixamos a porta aberta durante toda a noite, que estávamos bêbados e que ele poderia ter fugido mil vezes se fosse culpado. A sorte é que ninguém acredita em um homem como ele. Se nós declararmos, sob juramento, que está inventando tudo e mentindo descaradamente, nem Deus o ajudará e outra culpa desabará em suas costas. Claro que no seu caso isso não tem nenhuma importância. Se minha cabeça não doesse tanto!"

Depois de um momento de silêncio, o sargento-mor gritou:

— Chame a criada!

— Ouça, velha — disse o sargento-mor a Pejzlerka, olhando-a fixa e severamente —, vá buscar um crucifixo de pedestal e traga-o para cá.

Ao ver o olhar inquisitivo de Pejzlerka, o sargento-mor gritou:

— Corra, mulher. Já deveria estar de volta!

O sargento-mor tirou da escrivaninha duas velas com restos de lacre produzidos pelo selo dos documentos oficiais. Quando Pejzlerka chegou finalmente com o crucifixo, o sargento-mor colocou-o entre as duas velas, na borda da mesa, acendeu-as e disse, severamente:

— Sente-se, velha.

Pejzlerka, apavorada, desabou no sofá e olhou atônita para o sargento-mor, as velas e o crucifixo. Sentiu medo e, como suas mãos estavam em cima do avental, notava-se que seus joelhos tremiam.

O sargento-mor caminhou com ar severo em torno dela e, detendo-se pela segunda vez diante da mulher, disse, em tom solene:

— Ontem à noite você foi testemunha de um grande acontecimento, velha. É possível que seu cérebro estúpido não consiga entender. Este soldado é um bisbilhoteiro, um espião, velha.

— Minha mãe de Deus! — exclamou Pejzlerka. — Virgem Santa de Skočice!

— Silêncio, velha! Para poder arrancar alguma coisa dele, fomos obrigados a fazer todo tipo de afirmações. Você ouviu as coisas estranhas que dissemos?

— Sim, senhor, ouvi — disse Pejzlerka com voz trêmula.

— Vovó, dissemos todos aqueles disparates só para que ele admitisse ser o que é, para conquistar sua confiança. E conseguimos. Arrancamos tudo dele. Pegamos o sujeito.

O sargento-mor interrompeu seu discurso por um momento para ajeitar o pavio das velas e depois continuou falando em tom solene, olhando para Pejzlerka com ar severo:

— Você, vovó, estava aqui e ficou sabendo de todo o segredo. É um segredo oficial. Não pode dizer nenhuma palavra a ninguém a respeito disso, nem no leito de morte; senão, não poderiam nem enterrá-la no cemitério.

— Pela Virgem Maria mãe de Deus e por São José! — choramingou Pejzlerka —, por que tive a infelicidade de colocar os pés nesta casa?

— Pare de gritar, velha! Fique em pé, aproxime-se do crucifixo e levante dois dedos da mão direita. Vai fazer um juramento. Repita tudo o que eu disser.

Sem parar de gemer, Pejzlerka foi cambaleando até a mesa, repetindo sem parar: "Virgem Maria de Skočice, por que coloquei os pés nesta casa?"

Da cruz a observava o rosto atormentado de Jesus Cristo, as velas fumegavam e Pejzlerka achava tudo aquilo terrivelmente fantasmagórico. Estava completamente perdida, as mãos agitadas, os joelhos trêmulos.

Levantou os dedos e o sargento-mor disse, enfática e solenemente:

— Juro a Deus Todo-Poderoso e ao senhor, sargento-mor, que jamais direi nem uma palavra a respeito do que ouvi e vi aqui, mesmo que me perguntarem. Que Deus me ajude para que assim seja.

— Agora beije o crucifixo! — ordenou o sargento-mor quando Pejzlerka, entre soluços e gemidos, jurou e fez o sinal da cruz piedosamente. — Bem, agora devolva o crucifixo ao lugar onde você o pegou e diga que eu precisei dele para fazer um interrogatório.

Pejzlerka, sentindo-se esmagada, saiu da sala levando o crucifixo. Pela janela se via como, já na estrada, se virava sem parar e olhava para a delegacia como se quisesse se convencer de que aquilo não fora um sonho, mas que, na verdade, acabara de viver uma experiência aterrorizante que a marcaria para sempre.

O sargento-mor reescreveu seu informe, ao qual na noite anterior acrescentara alguns borrões, que depois lambera junto com o manuscrito, como se o papel estivesse lambuzado de geleia.

Quando terminou sua tarefa, se lembrou de que não perguntara uma coisa. Chamou Švejk:

— Você sabe tirar fotografia?

— Sei.

— E por que não carrega uma máquina?

— Porque não tenho nenhuma — foi a resposta honesta e clara.

— E se tivesse uma, tiraria fotografias? — perguntou o sargento-mor.

— Suponho que sim — respondeu Švejk com simplicidade e encarou tranquilamente o olhar inquisitivo do sargento-mor, cuja cabeça voltou a doer tanto naquele momento que foi incapaz de pensar em nenhuma pergunta além desta:

— É difícil fotografar uma estação de trem?

— É mais fácil do que qualquer outra coisa — respondeu Švejk —, porque a estação não se mexe, está sempre no mesmo lugar e não precisamos lhe pedir para sorrir.

Com esta informação, o sargento-mor completou seu informe assim: "Comunico que, em relação ao informe de número 2172, tenho a honra de..."

E continuou escrevendo: "Entre outras coisas, durante meu interrogatório cruzado o detido reconheceu que sabe tirar fotografia e que prefere fotografar estações de trem. Não encontramos com ele nenhuma máquina, mas suspeitamos de que a escondeu em algum lugar ou que não a carrega para não chamar a atenção, conforme atesta sua própria confissão, segundo a qual, se tivesse uma máquina, tiraria fotografias."

O sargento-mor, com a cabeça pesada devido à noitada, foi se enredando cada vez mais em seu informe sobre a fotografia: "É certo que, de acordo com sua própria confissão, o fato de não dispor de uma máquina fotográfica foi a única coisa que o impediu de fotografar o edifício da estação de trem e outros lugares de importância estratégica, e não resta dúvida de que o teria feito se dispusesse da já mencionada máquina fotográfica, a qual escondeu. Só a circunstância de que não tivesse uma máquina fotográfica à mão nos permite agradecer ao fato de não termos encontrado nenhuma fotografia com ele."

— Isto é suficiente — disse o sargento-mor, e assinou.

Estava muito satisfeito com sua obra e a leu para o sargento, cheio de orgulho.

— Ficou perfeito — lhe disse —, veja como devem ser escritas as denúncias. Têm que ter de tudo. Um interrogatório, meu amigo, não é uma coisa simples, mas a coisa mais importante é escrever um bom informe e deixar os superiores com os olhos arregalados. Que tragam nosso espião, para que terminemos o assunto com ele.

— Agora o senhor sargento vai conduzi-lo a Písek, ao comando da delegacia distrital — disse solenemente a Švejk. — De acordo com a lei, deveria ser algemado. Mas como me parece que o senhor é um homem correto, não vou algemá-lo. Estou convencido de que não tentará fugir nem pelo caminho.

Visivelmente comovido pelo rosto bondoso de Švejk, o sargento-mor acrescentou:

— E não se lembre de mim com raiva. Podem ir. Sargento, aqui está o informe.

— Fique com Deus, senhor sargento-mor — disse Švejk, suavemente. — Eu lhe agradeço por tudo o que fez por mim. Se tiver oportunidade, lhe escreverei uma carta e se passar por aqui alguma vez virei visitá-lo.

Švejk saiu com o sargento, e qualquer pessoa que os tivesse visto caminhando juntos pela estrada, conversando amigavelmente, teria pensado que eram dois velhos conhecidos que tiveram, por acaso, de ir à cidade ou, digamos, à igreja, em um mesmo momento.

— Jamais teria sido capaz de imaginar que uma viagem a Budějovice envolveria tantas dificuldades — disse Švejk. — Isto me leva a pensar na história do açougueiro Chaura, de Kobylisy. Uma noite foi parar em Moráň, ali onde fica o memorial a Palacký, e ficou até de manhã andando em volta, achando que aquela parede não acabava nunca. Estava completamente desesperado e, quando amanheceu, já não aguentando mais, começou a gritar: "Polícia!", e quando os policiais chegaram lhes

perguntou como devia fazer para chegar a Kobylisy, já que fazia cinco horas que estava caminhando ao lado de uma parede que não tinha fim. Então foi levado e quebrou tudo o que encontrou na solitária onde o trancafiaram.

O sargento não disse nenhuma palavra, mas pensou: "Você está querendo me enrolar! Voltou a me contar histórias sobre Budějovice!"

Passaram em volta de um lago e Švejk perguntou com interesse ao sargento se havia muitos pescadores clandestinos no distrito.

— Aqui todo mundo é pescador clandestino — respondeu a sentinela. — Quiseram atirar o antigo sargento-mor na água. Os guardas do lago tentam afastá-los disparando chumbo em seus traseiros, mas não adianta. Eles se protegem colocando um pedaço de latão nas calças.

O sargento começou a falar do progresso, de como as pessoas tinham acesso a tudo mas só se interessavam em enganar o próximo, e desenvolveu uma nova teoria, segundo a qual aquela guerra era uma grande sorte para a humanidade, porque nas batalhas, ao lado das pessoas honradas, também eram liquidados os patifes e os malandros.

— De qualquer maneira, há muita gente no mundo — disse. — Cada um está imprensado em cima do outro, a humanidade multiplicou-se de uma maneira espantosa.

Aproximaram-se de uma taverna de beira de estrada.

— Como está ventando hoje, parece uma maldição! — disse o sargento. — Eu acho que um pequeno trago não nos faria nenhum mal. Não diga a ninguém que estou levando você a Písek. É um segredo de Estado.

Diante dos olhos do sargento dançaram todas as instruções do escritório central a respeito de pessoas suspeitas e das obrigações de cada delegacia de polícia: "Afastar estas pessoas da convivência com a população local e evitar de maneira rigorosa que, durante seu traslado às instâncias superiores, mantenham conversas desnecessárias com os locais."

— Ninguém deve saber do que se trata — voltou a dizer o sargento. — Ninguém tem nada a ver com o que você fez. Não devemos disseminar o pânico. Em tempos de guerra, o pânico é uma coisa péssima. Uma única palavra é suficiente para que se forme uma avalanche, atingindo tudo em volta. Entendido?

— Eu não vou disseminar o pânico — disse Švejk, e cumpriu sua promessa. Quando o taverneiro começou a falar, afirmou, com ar convincente:

— Meu irmão aqui está dizendo que em uma hora chegaremos a Písek.

— Seu irmão está de folga? — perguntou o taverneiro, com curiosidade, ao sargento.

Este respondeu descaradamente, sem pestanejar:

— Hoje é o último dia!

— Conseguimos enganá-lo! — disse a Švejk, sorrindo, quando o taverneiro se afastava. — Sobretudo nada de pânico. Estamos em tempos de guerra.

Quando o sargento dissera, antes de entrar na taverna, que um pequeno trago não lhes faria nenhum mal, pecou por otimismo, porque se esqueceu de prever a quantidade. Quando já haviam tomado uma dúzia, declarou com firmeza que o sargento-mor do distrito almoçava até às três e por isso não valia a pena chegar antes e que, além disso, começara a nevar intensamente. Era suficiente chegar às quatro da tarde em Písek.

Mesmo às seis chegariam a tempo. Além do mais, a julgar pela aparência do céu, caminhariam na escuridão. Dava no mesmo, então, chegar mais cedo ou mais tarde. Písek não iria fugir.

— Ficaremos felizes sentados aqui no quentinho — concluiu. — Com esse tempo, nas trincheiras devem estar sofrendo bem mais do que a gente aqui ao lado da estufa.

Uma imensa estufa antiga, de cerâmica, aquecia bem o ambiente, e o sargento percebeu que, como diziam na Galícia, o calor externo poderia ser misturado agradavelmente ao calor interno com a ajuda de várias bebidas doces e fortes.

Embora aquele lugar fosse isolado, o taverneiro tinha oito tipos de aguardentes. Quando se entediava, bebia acompanhado pelo vento, que silvava em cada canto do edifício.

O sargento não parava de incentivar o proprietário a acompanhar seu ritmo; censurava-o por beber pouco, acusação que era, evidentemente, injusta, pois o taverneiro mal conseguia se manter em pé, insistia que jogassem *ferbl* e afirmava que durante a noite escutara o som da artilharia no leste. Ao ouvir isto, o sargento soluçou:

— Nada de pânico. Está escrito nas instruções.

E começou a explicar que as instruções eram um resumo das disposições imediatas; depois, revelou algumas cláusulas secretas. O taverneiro não entendia mais nada, só conseguia dizer que com instruções não se ganhava uma guerra.

Já estava escuro quando o sargento decidiu que Švejk e ele tinham que retomar a marcha para Písek. A tempestade de neve não permitia ver além de um passo e o sargento não parava de repetir:

— Sempre reto, até Písek!

Quando disse isso pela terceira vez, sua voz não proveio da estrada, mas de um lugar que ficava mais embaixo, aonde havia chegado ao escorregar pela ladeira cheia de neve. Apoiando-se no fuzil e graças a um grande esforço, conseguiu voltar à estrada. Švejk ouviu-o rir com a voz embargada e dizer: "Rinque de patinação!" Depois de um tempo, no entanto, parou de ouvi-lo porque voltara a escorregar ladeira abaixo. Quando chegou lá embaixo, gritou de tal maneira que abafou o vento.

— Estou caindo. Pânico!

O sargento parecia aquela formiga laboriosa que sempre que cai, não se sabe de onde, tenta voltar subindo pelo mesmo caminho.

Repetiu a excursão ladeira abaixo cinco vezes e quando, finalmente, voltou a ficar perto de Švejk, disse, desesperada e impotentemente:

— Eu poderia ter perdido você.

— Não tenha medo, senhor sargento — disse Švejk —; acho que seria melhor se nos amarrássemos. Assim não poderemos perder um ao outro. O senhor trouxe as algemas?

— Todo policial tem que carregar sempre as algemas — disse o sargento, cambaleando ao lado de Švejk —, é o pão nosso de cada dia.

— Então vamos nos amarrar — sugeriu Švejk. — Pelo menos tentemos.

Com um movimento de mestre, o sargento algemou Švejk, prendeu a outra extremidade em seu punho direito e então ficaram unidos como se fossem gêmeos. Caminharam com passos vacilantes pela estrada. Não podiam se afastar. O sargento arrastou Švejk por um caminho cheio de pedras e, cada vez que tropeçava, o arrastava em

sua queda. Quando isto acontecia, as algemas laceravam suas mãos; finalmente, o sargento disse que não podiam continuar assim, que teriam de voltar a tirá-las. Depois de um grande, mas inútil, esforço para se livrar das algemas, o sargento suspirou:

— Estamos unidos para todo o sempre.

— Amém — acrescentou Švejk e continuou andando pelo caminho cheio de obstáculos.

O sargento mergulhou em uma profunda depressão e quando, tarde da noite, depois de um martírio espantoso, chegaram ao posto de comando da polícia de Písek, disse, completamente abatido, a Švejk:

— Agora vai ser terrível. Não conseguiremos nos separar.

Na verdade, o horror se instalou quando um sargento mandou chamar o comandante da delegacia, o capitão Köning.

As primeiras palavras do capitão foram: "Deixem-me sentir seu bafo!"

— Agora estou entendendo — disse o capitão com a segurança proporcionada pelo seu olfato agudo e experiente. — Rum, vodca, conhaque, genebra, licor de amêndoas, de cerejas e de baunilha. Senhor sargento — dirigiu-se ao subordinado —, eis aqui um exemplo do aspecto que um gendarme jamais deve ter. Comportar-se dessa maneira é uma falta grave e quem decidirá o que fazer será o conselho de guerra. Algemar-se a um delinquente! Aparecer aqui de porre, completamente bêbado! Chegar se arrastando como se fosse uma besta! Tirem-lhe as algemas!

Virou-se para o sargento, que batia continência ao revés, com a mão que estava livre.

— O que está acontecendo?

— Humildemente, senhor, estou trazendo um informe.

— Enviaremos um informe a seu respeito ao tribunal — disse, laconicamente, o capitão. — Sargento, conduza os dois ao cárcere e de manhã traga-os para serem interrogados; estude este informe de Putim com cuidado e depois o envie à minha casa.

O capitão de Písek era um funcionário perfeito, extremamente rigoroso quando se tratava de obedecer as normas, excelente para assuntos burocráticos.

Nas delegacias sob suas ordens nunca podiam dizer que a tempestade havia amainado. Pelo contrário, a tormenta voltava a cada texto assinado pelo capitão, que passava o dia enviando reprimendas, admoestações e ameaças a todo o distrito.

Desde o começo da guerra, nuvens negras pairavam sobre as delegacias distritais.

Reinava uma verdadeira atmosfera de terror. Os trovões da burocracia ressoavam e os raios desabavam sobre os chefes dos gendarmes, os sargentos, a tropa e os empregados. Qualquer besteira era motivo suficiente para a abertura de um processo disciplinar.

— Se quisermos ganhar a guerra — dizia durante suas visitas de inspeção às delegacias —, é preciso chamar o *a* de *a* e o *b* de *b* e colocar em todos os lugares os pontos nos *is*.

Sentia-se cercado pela traição e tinha a sensação de que cada um dos gendarmes de seu distrito cometera algum pecado relacionado à guerra; de que, naqueles tempos extremamente difíceis, ninguém deixara de cometer alguma displicência.

Seus superiores o bombardeavam com documentos do Ministério da Defesa Nacional, comunicando-lhe que, de acordo com informes do Ministério da Guerra, os soldados do distrito de Písek estavam desertando para as forças inimigas.

E exigiam que investigasse o grau de lealdade existente na zona de sua jurisdição. Era terrível. As mulheres dos arredores acompanhavam seus maridos quando partiam para a guerra e ele sabia que os homens lhes prometiam que não deixariam se matar pela causa do senhor imperador.

Os horizontes negros e amarelos começaram a ficar sombrios com a chegada das nuvens da revolução. Na Sérvia e nos Cárpatos, batalhões inteiros aderiam ao inimigo: o 28º e o 11º Regimentos. Neste último, havia soldados do distrito e da região de Písek. Naquela sufocante atmosfera pré-revolucionária, chegaram de Vodňany recrutas exibindo cravos de organdi preto. Pela estação ferroviária de Písek passaram soldados procedentes de Praga atirando, dos vagões de gado, de volta os cigarros e os chocolates que as damas da sociedade local lhes davam de presente.

Depois passou um batalhão destinado ao front e alguns judeus de Písek gritaram em alemão: "Viva o imperador! Abaixo os sérvios!", e receberam um tal par de bofetadas que não puderam ir à rua durante uma semana.

E aconteciam histórias semelhantes, que deixavam bem claro que o hino do imperador austríaco, o "Preserve-nos Senhor" tocado pelos órgãos das igrejas, não passava de uma farsa hipócrita generalizada. De todas as delegacias de polícia chegavam respostas aos questionários à la Putim, segundo as quais tudo estava na mais perfeita ordem, não havia nenhuma agitação contra a guerra, a opinião pública estava no nível Ia e o entusiasmo no I a-b.

— Vocês parecem guardas municipais e não gendarmes! — costumava censurá-los o capitão durante as inspeções. — Em lugar de aguçar a atenção em mil por cento, pouco a pouco estão se transformando em animais.

Depois de fazer esta avaliação zoológica, acrescentava:

— Vocês se apoltronam confortavelmente em suas casas e ficam pensando: "Que vão para o caralho, eles e sua guerra."

Então vinha uma enumeração de todas as obrigações dos pobres gendarmes, uma conferência sobre a situação geral e de como era necessário segurar tudo nas mãos para que, realmente, as coisas corressem como manda o figurino. Depois de uma descrição detalhada do perfeito gendarme, que só devia se preocupar com o fortalecimento da monarquia austríaca, vinham ameaças, processos disciplinares, transferências e insultos.

O capitão estava firmemente convencido de que estava na retaguarda defendendo alguma coisa, e de que todos os policiais da delegacia eram um bando de canalhas, egoístas, mentirosos e trapaceiros que só entendiam de aguardente, cerveja e vinho. E como o soldo dos soldados era muito baixo para que pudessem se embebedar, deixavam-se subornar e assim estavam quebrando a Áustria, aos poucos, mas firmemente. A única pessoa em quem o capitão confiava era seu próprio sargento do comando do distrito. Ignorava que seu homem de confiança vivia repetindo na taverna a seguinte frase: "Vocês não sabem o quanto ri hoje às custas do nosso velho zureta..."

O capitão estava estudando o informe sobre Švejk que o sargento-mor da gendarmaria de Putim havia redigido. Matějka, o sargento de sua delegacia, estava em pé diante dele dizendo-se que o capitão podia ir à merda com todos seus informes e deixá-lo ir embora, porque lá embaixo, em Otava, o esperavam para jogar uma partida de *schnapsen*, o jogo de cartas também conhecido como sessenta e seis.

— Matějka, na última vez eu lhe disse que o maior imbecil que jamais conheci foi o sargento-mor de Protivín. Pois bem, com este informe o de Putim o superou. O soldado que o bêbado e sem-vergonha do sargento trouxe até aqui, aquele com quem andava amarrado como se fossem dois cães, não é nenhum espião. É, com certeza, um desertor vulgar. O que o sargento-mor de Putim escreveu aqui não passa de um montão de besteiras de tal calibre que qualquer criança pequena perceberia ao primeiro olhar que o sujeito estava tão bêbado como um prelado papal.

— Traga-me o soldado agora mesmo — ordenou, quando ainda terminava de examinar o informe. — Nunca em minha vida vi um amontoado tão grande de disparates, e ainda por cima nos envia o homem que considera suspeito na companhia da besta de um sargento. Estes caras não me conhecem. Eu também posso ser canalha. Só quando cagarem em suas calças de medo de mim três vezes por dia se convencerão de que não podem colocar qualquer coisa na minha frente.

Então o capitão começou a discorrer sobre a atitude recalcitrante dos sargentos-mores em relação a todas as ordens. Seus informes deixavam bem claro que levavam tudo na brincadeira e que só pretendiam semear confusão.

Bastava que os superiores dissessem que não estava excluída a hipótese de que houvesse espiões rondando pela região para que os sargentos-mores começassem a fabricá-los por atacado. Se a guerra durasse um pouco mais, aquilo tudo acabaria se assemelhando a um verdadeiro manicômio. Depois mandou que enviassem um telegrama a Putim ordenando que no dia seguinte o sargento-mor se apresentasse em Písek. Arrancaria da sua cabeça o "acontecimento extraordinário" que mencionara no início de seu informe.

— O senhor desertou de qual regimento? — com estas palavras o capitão recebeu Švejk.

— De nenhum regimento.

O capitão olhou para Švejk e viu no seu rosto tranquilo tamanha despreocupação que lhe perguntou:

— Como conseguiu o uniforme?

— Ao se alistar, todo soldado recebe um uniforme — respondeu Švejk com um sorriso sereno. — Eu sirvo no 91º Regimento, mas não fugi dele, exatamente o *contrário*.

Acentuou a palavra *contrário* de tal maneira que o capitão fez uma expressão de desconcerto ao lhe perguntar:

— Mas como o *contrário*?

— É uma coisa muito simples — explicou Švejk. — Estou indo para o meu regimento, estou procurando-o e não fugindo dele. Meu maior desejo é encontrá-lo o mais cedo possível. Fico nervoso só de pensar que estou, obviamente, me afastando mais e mais de České Budějovice, onde um regimento está me esperando. O sargento-mor de

Putim me mostrou no mapa que Budějovice fica no sul da Boêmia e, no entanto, me desviou para o norte.

O capitão fez um gesto como se quisesse dizer: "Esse homem faz coisas piores do que desviar gente para o norte."

— Quer dizer que o senhor não está conseguindo encontrar seu regimento... — disse. — Mas já tentou encontrá-lo?

Švejk explicou ao capitão toda a situação. Mencionou Tábor e depois enumerou todas as localidades pelas quais havia passado a caminho de Budějovice: Milevsko, Květov, Vráž, Malčín, Čížová, Sedlec, Horažďovice, Radomyšl, Putim, Štěkno, Strakonice, Volyň, Dub, Vodňany, Protivín e de novo Putim.

Švejk narrou com entusiasmo sua luta contra o destino, falou de suas tentativas de chegar a qualquer preço ao 91º Regimento de Budějovice, de como ignorara todos os obstáculos; mas, concluiu, todas suas tentativas haviam sido inúteis.

Estava excitado. O capitão desenhava mecanicamente com um lápis em um pedaço de papel o círculo vicioso do qual Švejk não conseguira sair procurando seu regimento.

— Foi um trabalho hercúleo — disse, finalmente, e com satisfação, depois de ouvir Švejk explicitar como estava irritado com o fato de não ter conseguido, depois de tanto tempo, chegar ao seu regimento. — Deve ter sido incrível ver o senhor dando voltas e voltas pelos arredores de Putim.

— Tudo já teria sido resolvido se não fosse o sargento-mor daquele ninho infeliz — disse Švejk. — Ele não me perguntou nem como me chamava nem de que regimento era, e insistia que tudo era muito misterioso. Ele devia ter mandado me levarem a Budějovice, e na caserna teriam tirado suas dúvidas sobre se eu era o Švejk que estava procurando seu regimento ou algum indivíduo suspeito. Hoje já poderia estar há dois dias em meu regimento, cumprindo minhas obrigações militares.

— Por que não disse em Putim que se tratava de um equívoco?

— Porque percebi que era inútil conversar com ele. Foi o que disse uma vez o velho taverneiro Rampa, de Vinohrady, quando um sujeito quis continuar lhe devendo: que em certos momentos da vida a pessoa fica surda como uma porta.

O capitão não ficou pensando por muito tempo. A única coisa que lhe ocorreu foi que o fato de uma pessoa ter dado tantas voltas para chegar a um regimento era um sintoma inequívoco da mais profunda degenerescência humana. Então mandou que datilografassem a seguinte carta, evitando as formalidades e os floreios do estilo oficial:

> *Ao alto-comando do Imperial e Real 91º Regimento de Infantaria de České Budějovice*:
>
> *Em anexo estamos enviando Josef Švejk, soldado de infantaria do anteriormente mencionado regimento; detido pela polícia de Putim, distrito de Písek, suspeito de deserção, segundo sua própria declaração. O detido afirma que está tentando se reunir com o anteriormente mencionado regimento. É de estatura atarracada, com traços faciais e nariz regulares, olhos azuis, sem nenhuma característica especial. No anexo BI se envia a conta da manutenção do interessado para que seja encaminhada ao Ministério da*

Defesa, solicitando que se acuse o recebimento do transferido. No anexo CI se inclui um inventário das peças de roupas do Estado que o detido usava no momento de sua detenção.

Para Švejk, a viagem de trem de Písek a Budějovice foi rápida, veloz. Acompanhava-o um gendarme jovem, novato, que não tirava os olhos dele pois morria de medo de que fugisse. Passou toda a viagem tentando resolver um quebra-cabeça complicado: como faria se tivesse que fazer suas necessidades, as grandes ou as pequenas?

Acabou chegando a uma solução: Švejk o acompanharia.

Durante o trajeto da estação de trem ao quartel de Maria de Budějovice manteve o olhar fixo em Švejk de maneira convulsiva, e cada vez que chegavam a uma esquina ou tinham que atravessar uma rua, sem que viesse ao caso lhe explicava quantos projéteis e explosivos carregavam os policiais que trabalhavam como escoltas, e o bom soldado lhe respondia que estava convencido de que, para não provocar uma desgraça, nenhum gendarme atiraria em ninguém, e muito menos na rua.

O gendarme tinha lá seus argumentos, discutia, e assim chegaram ao quartel.

Era o segundo dia de serviço do tenente Lukáš naquele lugar. Estava, sem suspeitar de nada, sentado diante da escrivaninha de sua sala quando lhe trouxeram Švejk e seus papéis.

— Humildemente, senhor, estou aqui de novo — disse Švejk, batendo continência com solenidade.

O sargento-mor Koťátko presenciou toda a cena; mais tarde, contou que, ao ver Švejk, o tenente Lukáš deu um pulo, segurou a cabeça e desmaiou em cima do próprio Koťátko. Quando o ressuscitaram, o tenente viu que Švejk ainda batia continência e repetia: "Humildemente, senhor, estou aqui de novo." Então o tenente Lukáš, completamente pálido, as mãos trêmulas, pegou os papéis relativos a Švejk, assinou-os, pediu a todos que saíssem, disse ao gendarme que tudo estava em ordem e se trancou com o bom soldado na sala.

Assim terminou a anábase de Švejk a caminho de Budějovice. É verdade que, se lhe tivessem dado liberdade de movimentos, teria chegado a Budějovice por conta própria. O fato de as autoridades terem se vangloriado de que foram elas que enviaram Švejk ao lugar onde tinha de prestar serviço não passou de um equívoco. Pela sua energia e incomparável disposição para a briga, neste caso a intervenção das autoridades foi como se tivessem passado uma rasteira em Švejk.

Švejk e o tenente Lukáš se entreolharam.

Os olhos do tenente tinham um brilho terrível, ameaçador, desesperado. Švejk, por sua vez, olhou o tenente com ternura, como um apaixonado que tivesse acabado de reencontrar sua amada.

Na sala reinava um silêncio de igreja. No corredor contíguo se ouvia alguém caminhar para cima e para baixo. Provavelmente um consciencioso voluntário que ficara no quartel por causa de um resfriado, coisa que era fácil de perceber pois repetia com voz fanhosa algumas frases que pretendia memorizar a respeito do protocolo de recepção aos membros da família imperial nas fortalezas. Era possível ouvir com clareza: "Assim que os personagens a serem exaltados se aproximarem da fortaleza, a artilharia de todos os bastiões e de todas as fortificações disparará uma salva e o comandante irá recebê-los montado a cavalo e com a espada desembainhada."

— Cale-se você aí! — gritou o tenente para o corredor —, vá para o inferno! Se está com febre, então fique em casa, dormindo!

Ouviram o aplicado voluntário se afastar, mas ainda chegava um eco ligeiríssimo de suas palavras em alemão, pronunciadas com voz fanhosa: "No momento em que o comandante saudar, deve-se disparar outra salva, e uma terceira quando os personagens a serem exaltados estiverem abandonando a fortaleza."

O tenente e Švejk voltaram a se entreolhar em silêncio, até que Lukáš disparou, com grosseira ironia:

— Bem-vindo a České Budějovice, Švejk. Quem nasceu para ser enforcado jamais morrerá afogado. Sua ordem de prisão já foi emitida e amanhã comparecerá perante o conselho de guerra. Não vou me aborrecer mais com você. Já me preocupei muito, mas minha paciência se esgotou. Quando penso que consegui passar tanto tempo com um imbecil como você...

Começou a caminhar pela sala.

— Não, isso é terrível. Não sei como ainda não lhe dei um tiro. O que me aconteceria? Nada. Me deixariam em liberdade. Você entende?

— Humildemente, senhor, entendo perfeitamente.

— Não me venha de novo com suas besteiras, Švejk, ou alguma coisa vai acontecer. Vou acabar cortando sua carótida. Sua estupidez chegou a um nível tal que tudo terminou de maneira catastrófica.

O tenente Lukáš esfregou as mãos.

— Não quero mais saber de você, Švejk. Amém.

Atravessaram o pátio levando Švejk e o tenente ficou olhando, com evidente alegria, o carcereiro abrir uma porta com a placa *Regimentsarrest*, prisão do regimento, Švejk desaparecer atrás dela e depois de um momento o carcereiro atravessá-la sozinho de volta.

"Graças a Deus", pensou o tenente em voz alta. "Até que enfim está lá."

Um voluntário muito gordo, estatelado em um colchão de palha da masmorra do quartel de Maria, cumprimentou Švejk cordialmente. Era o único prisioneiro que estava ali e há dois dias se entediava sozinho. Quando Švejk lhe perguntou por que estava preso, respondeu que por uma besteira. Tomara um porre e esbofeteara nas arcadas da praça um tenente de artilharia. Na verdade, nem o havia esbofeteado, só tirara o quepe de sua cabeça. O tenente de artilharia estava de costas nas arcadas, esperando uma prostituta, e o voluntário achara que se tratava de um conhecido, outro voluntário, chamado Materna František.

— Um é tão atarracado como o outro — explicou a Švejk. — Então me aproximei pelas costas, derrubei seu quepe e disse: "Olá, Franci!" O imbecil começou a assoviar, chamando a patrulha, e me trouxeram para cá. É possível — admitiu o

voluntário — que no meio daquela confusão tenha lhe dado um par de bofetadas, mas acho que isso não altera nada, porque se tratou, evidentemente, de um equívoco. Ele mesmo admitiu que eu disse "Olá, Franci", embora seu nome de batismo seja Anton. Tudo é muito claro. A única coisa que pode me prejudicar é o fato de que fugi do hospital, e se eles derem uma olhada no livro do hospital... Quando soube que seria convocado — continuou —, aluguei um quarto na cidade e tentei pegar um reumatismo. Tomei três porres sucessivos; depois, num dia chuvoso, me deitei numa vala da periferia e tirei os sapatos. Mas nem assim. Então, no inverno, resolvi tomar banho toda noite, durante uma semana, no rio Malše, mas consegui um efeito oposto. Meu amigo, fiquei tão forte que aguentei ficar deitado uma noite inteira na neve, no quintal da casa onde morava, e de manhã, quando os vizinhos me acordaram, meus pés estavam tão quentes que até parecia que tinha usado pantufas. Se pelo menos tivesse contraído uma angina, mas nem isso, nem mesmo uma vulgar gonorreia. Passei a ir todos os dias a Port Arthur, onde alguns amigos já haviam contraído uma orquite, a inflamação dos testículos; até tiveram que arrancar seus culhões, mas eu nada, continuava intacto. Um azar nada cristão, meu amigo. Até que um dia, na cervejaria U Růže, conheci um inválido de Hluboká. O sujeito me disse que fosse visitá-lo num domingo qualquer e que no dia seguinte minhas pernas pareceriam latas. Tinha em casa uma agulha e uma seringa, e de fato foi muito difícil voltar de Hluboká para casa. Aquela bendita alma não me decepcionou. E assim consegui, finalmente, contrair um reumatismo muscular. Depois fui para a enfermaria e a partir daí tudo correu bem. A sorte me sorriu pela segunda vez. Meu cunhado, o doutor Masák, de Žižkov, foi transferido para Budějovice e graças a ele, e lhe sou grato por isso, fiquei muito tempo na enfermaria. Ele teria conseguido uma dispensa por incapacidade física se eu não tivesse estragado tudo com o maldito livro de enfermos. A ideia era boa, magnífica. Consegui um livro grande e colei nele uma etiqueta na qual escrevi: "Livro da enfermaria do 91º *Reg.*" As rubricas e o resto estavam em ordem. Escrevi no livro nomes inventados, temperaturas, enfermidades, e toda tarde, depois da visita, ia à cidade, descaradamente, com o livro debaixo do braço. Alguns soldados territoriais estavam de guarda na porta, e assim, por esse lado, não tinha nada a temer. Mostrava-lhes o livro e eles ainda batiam continência. Então ia à casa de um funcionário do fisco, trocava de roupa, me vestia à paisana e pouco depois estava na taverna conversando com um grupo de conhecidos sobre assuntos subversivos e de alta traição. Fiquei tão confiante que já nem me dava mais ao trabalho de me vestir à paisana e ia uniformizado de bar em bar pela cidade. Só voltava para minha cama da enfermaria de manhã e, quando a patrulha me parava de noite, mostrava meu livro de enfermos do 91º Regimento e ninguém ousava me perguntar mais nada. Na porta da enfermaria mostrava de novo o livro, sem dizer nada, e conseguia me enfiar na cama de alguma maneira. Fiquei tão audacioso que passei a achar que ninguém poderia fazer nada comigo, até que cometi o equívoco fatal debaixo das arcadas da praça, um equívoco que deixou muito claro que as árvores não podem alcançar o céu, meu amigo. O orgulho antecede a queda. A glória é sempre passageira. As asas de Ícaro se incendiaram. O homem gostaria de ser um gigante, mas é uma merda, meu amigo. Não deveríamos acreditar na casualidade, mas sim flagelar-nos de manhã e à tarde para lembrar que a prudência nunca é demais e que pagamos pelos excessos. Depois dos bacanais e das orgias vem o arrependimento. É a lei da vida, querido amigo. Quando penso que perdi a oportunidade de ter sido dispensado, de ter sido considerado incapaz para o serviço ativo! Uma chance tão boa! Se

não fosse por minha imprudência, que colocou uma corda no meu pescoço, poderia estar rolando agora em um escritório de recrutamento!

O voluntário concluiu sua narrativa de uma maneira solene:

— Cartago também foi destruída, Nínive foi reduzida a cinzas, querido amigo, mas vamos em frente, com a cabeça erguida! Que ninguém pense que, se me enviarem ao front, eu vou disparar um único tiro! Relatório regimental! Expulso da escola! Viva o imperial e real cretinismo! Por que eu deveria me agachar em suas escolas e fazer seus exames? Para ser cadete, alferes, subtenente, tenente? Cago para isso! Para a escola de oficiais! Lidar com alunos que têm de repetir todos os anos a mesma coisa! O fuzil deve ser carregado no ombro esquerdo ou no direito? Quantas estrelinhas tem um cabo? Manter registros dos militares da reserva! Pelo amor de Deus, não temos o que fumar, meu amigo! Quer que lhe ensine a cuspir no teto? Olhe, se faz assim. Faça um desejo e ele será atendido. Gosta de cerveja? Posso lhe recomendar uma água excelente, está ali, naquela jarra. Se tem fome e quer comer manjares, lhe aconselho o Clube Municipal. Está entediado? Recomendo que escreva poemas. Eu já escrevi uma epopeia aqui:

O carcereiro está em casa?
Durma em paz, rapaz, tranquilamente.
O exército é o centro de gravidade.
Quando um novo comandante chegar de Viena
Dizendo que a batalha foi perdida,
Transformará o catre em barricada
Contra o inimigo e sua cavalgada.
E então, trabalhando, vai entoar
Essa canção que não deixará ninguém brincar:
"O império da Áustria jamais perecerá,
Glória à pátria e ao imperador."

— Você está vendo, amigo — continuou o gordo voluntário —, e agora que venham me dizer que o povo está perdendo o respeito pela nossa querida monarquia! Um homem trancafiado atrás das grades que não tem o que fumar e está esperando ser julgado dá o mais belo exemplo de devoção ao trono. Em suas canções presta homenagem à pátria no sentido mais amplo da palavra, à pátria ameaçada por todos os lados. Mesmo privado de liberdade, faz fluir versos cheios de firme devoção. *Morituri te salutant, Casear!* Os mortos o saúdam, imperador! Mas o carcereiro é um sem-vergonha. Boa gentalha esta que está a seu serviço! Anteontem, lhe dei cinco coroas para que me comprasse cigarros e ele, o miserável, me disse hoje de manhã que aqui é proibido, que isso lhe traria problemas e que me devolverá as cinco coroas assim que receber o soldo. Pois é, meu amigo, agora não acredito em mais nada. Os melhores preceitos foram abandonados. Roubar um prisioneiro! E, como se não bastasse, o sujeito fica o dia inteiro cantando: "Ao ouvir cantar, não tema, as pessoas ruins não cantam." Canalha, patife, bandido, traidor!

E o voluntário perguntou a Švejk de que estava sendo acusado.

— Você estava procurando seu regimento? Caramba, que volta! Tábor,

Milevsko, Květov, Vráž, Malčín, Čížová, Sedlec, Horažďovice, Radomyšl, Putim, Štěkno, Strakonice, Volyň, Dub, Vodňany, Protivín, Putim, Písek, Budějovice. Um caminho espinhoso. Você vai amanhã ao conselho de guerra? Então voltaremos a nos encontrar no patíbulo, irmão. Nosso coronel Schröder vai ficar de novo muito feliz. Você nem pode imaginar como o afetam as questões do regimento. Fica correndo pelo pátio como um cachorro raivoso e estica a língua como uma besta de carga. E as coisas que diz, suas admoestações, e como cospe ao seu redor como se fosse um camelo babão! Essa conversa não tem fim e você fica achando que o quartel de Maria vai desabar a qualquer momento. Eu o conheço bem; uma vez estive diante do conselho. Cheguei aqui com botas altas e uma cartola e como o alfaiate não me entregou meu uniforme a tempo fui à escola preparatória dos voluntários com as botas altas e a cartola, entrei na fila e marchei pelo flanco esquerdo. O coronel Schröder avançou sobre mim a cavalo e quase me derrubou no chão. "Maldição!", berrou, de tal maneira que deve ter sido ouvido até na Šumava: "O que está fazendo vestido assim, como civil?" Respondi educadamente que era um voluntário e estava participando dos exercícios. Você precisava ter visto. O coronel falou durante uma hora e só depois percebeu que eu estava batendo continência de cartola. Então só disse que no dia seguinte eu teria de me apresentar ao conselho de guerra e, como estava soltando faíscas, partiu a cavalo, enfurecido, Deus sabe para onde, como um cavaleiro selvagem, e aí voltou, gritou outra vez batendo no próprio peito, ordenou que me expulsassem imediatamente e me levassem ao quartel-general. O conselho de guerra me condenou a duas semanas de prisão. Me deram uma roupa inimaginável do almoxarifado e ameaçaram me tirar o galão de voluntário. "A função de voluntário é nobre", aquele imbecil ficou dizendo besteiras em voz alta. "É o embrião da glória, da dignidade militar, do heroísmo. O voluntário Wohltat, que foi promovido a cabo depois de passar nos exames, se apresentou ao front por vontade própria e prendeu quinze inimigos; quando os entregava, foi destroçado por uma granada. Cinco minutos depois, chegou o comunicado de que Wohltat havia sido promovido a cadete. Certamente o esperava um futuro brilhante de promoções. Seria condecorado e teria seu nome inscrito no livro de ouro do Regimento."

O voluntário cuspiu:

— Você está vendo, meu amigo, que tipo de animais nasce debaixo do sol. Eu estou me lixando para os galões de voluntário de um ano e seus privilégios. "Vocês, voluntários de um ano, são uns animais." Como soa bem este "os senhores são uns animais" em lugar de "você é um animal". E, uma vez morto, receberá o *Signum Laudis* ou a grande medalha de prata: os imperiais e reais fornecedores de cadáveres com ou sem estrelinhas. Um boi é muito mais feliz. É morto no matadouro e não é arrastado antes pelo pátio de armas nem no campo de tiro.

O gordo voluntário de um ano virou-se para o outro colchão de palha e continuou:

— A verdade é que tudo isto explodirá algum dia. As coisas não podem ficar eternamente assim. Infle um porco de glória e ele acabará explodindo. Se eu fosse ao front, escreveria o seguinte no trem de transporte militar:

Com ossos humanos semearemos os campos.
Com oito cavalos ou quarenta e oito homens.

A porta foi aberta e o carcereiro entrou com um quarto de ração de pão de campanha e água fresca para os dois.

Sem se levantar do colchão de palha, o voluntário se dirigiu ao carcereiro, dizendo o seguinte:

— Como é nobre e belo visitar os prisioneiros, Santa Inês do 91º Regimento! Bem-vindo, anjo bondoso, coração compassivo! Vens carregando cestas de comida e bebida para aliviar nosso pesar. Nunca esqueceremos sua caridade, aparição luminosa em meio às trevas de nossa prisão!

— No conselho de guerra você não terá vontade de fazer piadas — resmungou o carcereiro.

— Pare de nos ameaçar, seu hamster — respondeu o voluntário. — Seria melhor se nos dissesse o que faria se fosse obrigado a encarcerar dez voluntários. Não fique me olhando como um apalermado, guardião do quartel de Maria. Prenderia vinte e soltaria dez. Jesus, Maria e José, se eu fosse ministro do Exército, você veria o que é a vida militar! Conhece o axioma segundo o qual o ângulo de incidência equivale ao ângulo de refração? Só lhe peço uma coisa: me dê um ponto fixo no universo e moverei a Terra, com você em cima, seu imbecil!

Os olhos do carcereiro pularam das órbitas; estremeceu e saiu, batendo a porta.

— Deveríamos fundar uma associação de auxílio mútuo para a erradicação dos carcereiros — disse o voluntário, dividindo a ração de pão honestamente. — Conforme o parágrafo dezesseis da lei de execuções penais, deve-se alimentar os detidos no quartel até o dia da sentença; aqui, no entanto, reina a lei da pradaria: qual é o lobo que vai comer primeiro a comida dos prisioneiros.

Sentados no catre, roíam o pão de campanha aos poucos.

— Este carcereiro — continuou a refletir o voluntário — é a melhor prova de que a guerra embrutece o homem. Certamente nosso carcereiro era, antes do serviço militar, um jovem cheio de ideais, um querubim louro, meigo e compassivo com todo mundo, defensor dos infelizes, que, nas festividades de sua aldeia natal, os defendia nas brigas pelas garotas. Não há dúvida de que todo mundo o respeitava, no entanto, agora... Meu Deus, como eu gostaria de esbofeteá-lo, de bater sua cabeça no catre, enfiá-la na latrina! Isso também é uma prova, meu amigo, de que o ofício militar embrutece a mente das pessoas.

Começou a cantar:

Não temia o diabo
Mas encontrou um artilheiro...

— Querido amigo — continuou falando —, se olharmos as coisas pelo ângulo da nossa estimada monarquia, chegaremos, inevitavelmente, à conclusão de que ela é exatamente como o tio de Pushkin, um moribundo desenganado sobre o qual ele escreveu:

Suspirar e em silêncio esperar
Que o diabo venha te buscar.

Ouviu-se de novo a chave ranger na fechadura. No corredor, o carcereiro acendeu o candeeiro.

— Um raio de luz na escuridão! — gritou o voluntário. — A luz penetra no exército! Boa noite, senhor carcereiro, cumprimente os oficiais superiores. Que tenham belos sonhos! Sonhe, por exemplo, que já me devolveu as cinco coroas que lhe dei para comprar cigarros e que você gastou bebendo à minha saúde. Durma docemente, seu monstro!

Ainda conseguiram ouvir o carcereiro resmungar alguma coisa sobre o conselho de guerra do dia seguinte.

— De novo a sós — disse o voluntário. — Antes de dormir, vou dedicar alguns instantes a uma dissertação sobre como, a cada dia, se ampliam os conhecimentos zoológicos dos suboficiais e oficiais. Arregimentar novo material bélico com suficiente consciência militar para alimentar os canhões requer profundos estudos de biologia ou do livro *Fontes do bem-estar econômico*, publicado por Kočí, no qual, em cada página, aparecem palavras como gado, porco, leitão. Não obstante, ultimamente temos visto que nossos círculos militares avançados estão usando uma nova terminologia para se referir aos recrutas. Na 11ª Companhia, o cabo Althof usa a expressão cabra de Engadine; o soldado Müller, um professor de alemão de Kašperské Hory, chama os recrutas de fedorentos; o sargento Sondernummer denomina-os de sapo-boi e javalis de Yorkshire, prometendo aos recrutas que vai dissecá-los. Diz isso com tanto conhecimento da matéria que dá a impressão de provir de uma família de taxidermistas. Todos os oficiais do exército se esforçam para inculcar assim o amor à pátria, usando efeitos especiais como, por exemplo, gritar com os recrutas, dançar ao seu redor, uivar belicamente como selvagens da África quando se preparam para escalpelar um inocente antílope ou assar a perna de um missionário destinada a uma refeição. Naturalmente, isto não se aplica aos alemães. Quando o sargento Sondernummer se refere a "um bando de porcos", acrescenta rapidamente a palavra "tchecos", para que os alemães não se ofendam, achando que o insulto é destinado a eles. Enquanto isso, todos os oficiais da 11ª Companhia reviram os olhos nas órbitas como um pobre cachorro que engoliu uma esponja empapada de azeite e não consegue expeli-la. Uma vez ouvi uma conversa do soldado Müller com o cabo Althof sobre a próxima fase de treinamento dos defensores da pátria. Naquela conversa se destacavam expressões como um par de bofetadas. A princípio pensei que havia acontecido algo entre eles, que estava se fraturando a unidade dos militares alemães, mas me equivoquei. Falavam apenas dos soldados. Quando um destes porcos tchecos não aprende a ficar firme como um pau nem depois de trinta flexões, não basta estapeá-lo. Dê-lhe um soco na barriga com um punho e com a outra mão afunde o quepe em sua cabeça. Entendeu? Meia-volta! Quando se virar, dê-lhe um chute no traseiro; ele sairá correndo e o alferes Dauerling terá um ataque de riso.

"Agora, meu amigo, preciso lhe dizer algumas coisas sobre Dauerling — continuou o voluntário. — Os recrutas da 11ª Companhia falam dele como uma velhinha solitária de uma fazenda perto da fronteira do México imagina um famoso bandoleiro mexicano. Dauerling tem fama de canibal, de antropófago de alguma tribo

australiana que devora os membros de outras tribos quando caem em suas mãos. Sua carreira é brilhante. Pouco depois de nascer, a ama de leite caiu com ele e o pequeno Konrad Dauerling bateu a cabecinha, de maneira que ainda hoje é visível em sua cabeça um achatamento, como se um cometa tivesse se chocado contra o polo norte. Depois daquela comoção cerebral, todos passaram a duvidar de que pudesse vir a ser alguma coisa; apenas seu pai, na época coronel, não perdeu as esperanças e afirmou que aquilo não deveria preocupá-lo, porque era óbvio que, quando crescesse, o jovem Dauerling seguiria a carreira militar. Depois de uma luta terrível travada ao longo dos quatro anos do curso primário com professores particulares (um deles ficou com os cabelos prematuramente grisalhos e acabou apatetado e outro ameaçou se atirar da torre de São Estevão, de Viena, por puro desespero), o jovem Dauerling ingressou na escola de cadetes de Hainburg. Um dos preceitos desta escola é o de nunca levar em conta a educação anterior, pois isso não era considerado útil para os oficiais austríacos da ativa. Os ideais militares se limitavam a brincar de soldado. A educação serve para enobrecer a alma, coisa que não interessa ao exército. Quanto mais grosseiros são os oficiais, melhor. Como aluno da academia militar, Dauerling não se destacou nem mesmo nas matérias que todos os alunos dominavam mais ou menos. Mesmo na escola de cadetes, foram percebidas as consequências da batida que levara na cabeça.

"Suas respostas nos exames eram um testemunho claro daquele acidente e eram consideradas um clássico pelo seu alto nível de estupidez. Os professores só o chamavam de nosso pequeno idiota. Sua estupidez era tão gritante que todos tinham uma grande esperança de que um dia chegasse à Academia Militar Teresiana ou ao Ministério da Guerra. Quando explodiu a guerra e todos os jovens cadetes foram promovidos, Konrad Dauerling também estava na lista da promoção de Hainburg e assim chegou ao 91º Regimento."

O voluntário suspirou e continuou:

— A editora do Ministério do Exército publicou um livro intitulado *Instrução ou educação*, no qual Dauerling leu que os soldados deviam viver sob o terror e que o êxito da instrução era proporcional à intensidade do medo. E deste ponto de vista ele sempre tinha êxito. Para não ouvir seus gritos, os soldados faziam longas filas na enfermaria para comunicar que estavam doentes; mas esta tática não teve resultados. Aqueles que se diziam doentes recebiam três dias de *verschärft*. Você deve saber o que significa *verschärft,* não é mesmo? Enfim, punição. Obrigavam-nos a fazer exercícios durante todo o dia no pátio de armas e à noite eram trancafiados. E assim as enfermidades sumiram da companhia de Dauerling. Os doentes da companhia ficavam sentados em um buraco. No pátio de armas, ele usava sempre um tom desenvolto e todos os seus discursos começavam com a palavra "porco" e acabavam com um enigma zoológico: "cachorro porco". Ao mesmo tempo era muito liberal. Dava liberdade de decisão aos soldados. Dizia, por exemplo: "O que você prefere, infeliz, um par de socos no nariz ou três dias de castigo?" E se o aluno escolhesse o castigo, também recebia dois socos no nariz, coisa que Dauerling acompanhava com a seguinte explicação: "Seu covarde, você teme pelo seu focinho. O que fará, então, quando ouvir a artilharia pesada?"

"Uma vez, ao arrebentar o olho de um recruta, declarou: 'Para que ter respeito por um sem-vergonha se de qualquer maneira vai bater as botas?' O marechal de

campo Konrad von Hötzendorf também dizia: 'Os soldados estão fadados a abotoar o paletó, aconteça o que acontecer.'

"O método preferido e também o mais eficaz de Dauerling é convocar as tropas tchecas para um discurso no qual trata dos deveres militares da Áustria e esclarece os princípios gerais da instrução militar, começando pela prisão e terminando pela forca ou o fuzilamento. Nos primeiros dias de inverno, antes que eu tivesse ingressado na enfermaria, estávamos nos exercitando no pátio de armas, ao lado da 11ª Companhia, e, durante o descanso, Dauerling disse o seguinte aos seus recrutas tchecos, obviamente em alemão:

"'Eu sei', começou, 'que todos vocês são uns sem-vergonhas e que tenho de tirar de suas cabeças, a pancada, todas as suas loucuras. Com o seu tcheco não chegarão nem ao pé da forca! Nosso chefe supremo também é alemão. Estão ouvindo? Deitados!'

"Todos se atiraram no chão e, quando estavam naquela posição, Dauerling caminhou no meio deles falando:

"'Corpo ao chão' sempre será 'corpo ao chão', mesmo que vocês tenham que chafurdar na lama, bando de pilantras! Essa coisa de 'corpo ao chão' já existia na Roma antiga. Naquela época todo mundo servia no exército dos dezessete aos sessenta anos de idade, dos quais trinta no campo, e não ficava rolando como porcos nos quartéis. Então no exército só se falava uma única língua e só havia um comando. O que os oficiais romanos pensariam se os soldados falassem em etrusco? Eu também exijo que me respondam em alemão e não nessa sua algaravia. Estão vendo como vocês ficam bem, deitados na lama? E agora imaginem que um de vocês não queira continuar atirado no barro e então se levanta. O que eu faria? Rasgaria sua boca até as orelhas, porque estaria diante de uma insubordinação, de uma rebelião, de um motim, de uma infração aos deveres do bom soldado, de uma desordem e de uma indisciplina, de um menosprezo pelos regulamentos oficiais... Um sujeito desses estaria sendo esperado pela forca e a 'perda do respeito de seus pares'."

O voluntário ficou em silêncio e, depois de uma pausa que deve ter aproveitado para ordenar mentalmente a descrição das relações na caserna, continuou:

— Veja o que acontecia na época do capitão Adamička, um homem inteiramente apático. Quando estava em sua sala, costumava ficar olhando para o vazio como um louco silencioso e sua expressão parecia dizer: "Me devorem, moscas." Só Deus sabe em que pensava durante os conselhos de guerra. Uma vez se apresentou a ele um soldado da 11ª Companhia queixando-se de que o alferes Dauerling o insultara à tarde, chamando-o de "porco tcheco". O soldado era um encadernador, um operário que tinha o sentimento da sua dignidade nacional. "Pois assim estão as coisas", disse o capitão Adamička em voz baixa, porque esse era seu tom habitual. "Disse-lhe isso na rua, à tarde. Temos que checar se naquele dia tinha permissão para sair. Retire-se!" Depois de um tempo, o capitão Adamička chamou o queixoso e lhe disse em voz baixa: "Foi comprovado que naquele dia você tinha permissão para ficar fora do quartel até as dez da noite e por isso não será castigado. Retire-se!"

"A partir daí, o capitão Adamička adquiriu a fama de ser um homem justo e por isso, meu querido amigo, foi enviado ao front. Foi substituído pelo major Wenzl, que é um filho do diabo no que se refere às rivalidades nacionais e foi ele quem atiçou o alferes Dauerling. O major Wenzl é casado com uma tcheca e seu maior medo são as

disputas em torno das questões da nacionalidade. Quando era capitão e servia em Kutná Hora, anos atrás, uma vez, bêbado, insultou o gerente de um hotel dizendo-lhe que era uma escumalha tcheca. Quero acentuar que tanto em sociedade como em casa o major Wenzl fala exclusivamente tcheco e que seus filhos estudam tcheco. Assim que proferiu aquelas palavras, a história chegou ao jornal local e um deputado apresentou uma queixa ao Parlamento de Viena a respeito do comportamento do major Wenzl no hotel. Este incidente lhe causou muitas dores de cabeça porque tudo aquilo coincidiu com as sessões parlamentares nas quais se discutiam certos regulamentos militares e justo naquele momento o capitão bêbado de Kutná Hora enfiara os pés pelas mãos.

"Mais tarde o major Wenzl soube que o autor de todas aquelas histórias havia sido um tal de Zítko, representante dos cadetes da escola dos voluntários; fora ele quem denunciara o assunto ao jornal, pois entre ele e o major Wenzl havia uma inimizade, surgida no dia em que Zítko começara a discorrer publicamente, na presença do major, sobre a natureza criada por Deus, a lembrar que as nuvens cobriam o horizonte, a falar da altura das montanhas, do grito das cascatas dos bosques e do canto dos pássaros. 'Basta', dizia Zítko, 'refletir a respeito do que é um oficial se comparado à magnitude da natureza. Exatamente um zero à esquerda, assim como qualquer representante de cadetes'.

"Posto que naquele dia todos os oficiais estavam bêbados, o major Wenzl quis dar uma surra no pobre filósofo Zítko. A inimizade entre os dois foi aumentando e o capitão torturava Zítko sempre que podia, porque a máxima daquele virou um provérbio: 'O que é o major Wenzl em comparação com a grandeza da mãe natureza?' Toda a cidade de Kutná Hora conhecia a frase. 'Farei com que esse desgraçado se suicide!', disse para si mesmo o major Wenzl, mas Zítko abandonou o exército para poder continuar a estudar filosofia.

"A raiva do major contra os jovens oficiais vem dessa época. Nem os subtenentes estão imunes aos seus ataques de ira, para não falar dos alferes e dos cadetes. 'Vou esmagá-los como se fossem percevejos', costuma dizer o major, e pobre do alferes que leve alguém ao conselho de guerra por qualquer besteira. Para o major Wenzl, só contam os delitos graves e sérios, como, por exemplo, quando alguém dorme no paiol de armas, ou ainda mais terríveis, como quando um soldado sobe no muro do quartel de Maria à noite e adormece lá em cima, ou quando é pilhado à noite pela Defesa Territorial ou pela patrulha da artilharia, enfim, quando faz alguma coisa tão monstruosa que envergonha todo o regimento. 'Por Jesus Cristo!', ouvi-o gritar uma vez no corredor, 'é a terceira vez que a guarda territorial pega você! Coloquem-no no buraco agora mesmo! Esse sem-vergonha tem de ser expulso do regimento, vamos colocá-lo em um destacamento de transporte de esterco! E ainda nem os enfrentou! Não são soldados, são lixeiros! Fica terminantemente proibido lhe dar de comer até depois de amanhã, tirem-lhe o colchão e o cobertor e coloquem este porco asqueroso na solitária!'.

"Agora imagine, amigo, que assim que o alferes Dauerling chegou aqui levou ao conselho de guerra um homem que, segundo declarou o pedaço de asno, não lhe batera continência de propósito em tarde de domingo quando estava passando pela praça em uma carruagem na companhia de uma senhorita! Os suboficiais contaram que naquele dia foi armado, no conselho de guerra, um verdadeiro juízo final. O próprio sargento do escritório do batalhão fugiu para o corredor com seus documentos quando o major Wenzl começou a dar uma bronca em Dauerling: 'Que não volte a se repetir

uma coisa dessas, eu o proíbo! Sabe o que é um conselho de guerra, senhor alferes? Um conselho de guerra não é uma matança de porco, nem outra festa semelhante. Como poderia vê-lo se estava passando pela praça? Lembre-se de que você mesmo estudou que temos de saudar os oficiais que encontramos, mas isso não significa que um soldado tenha de dar voltas como uma águia à procura de um alferes que está passando pela praça! Faça o favor de se calar! Um conselho de guerra é uma instituição muito séria. Se o próprio soldado afirmou que não o viu porque naquele momento estava na rua principal e batia continência para mim, virado para mim, o major Wenzl, está entendendo? Não podia olhar para trás e ver a carruagem em que você estava. Na próxima vez não me moleste com besteiras deste tipo.' A partir daí Dauerling mudou."

O voluntário bocejou:

— Precisamos dormir, amanhã nos espera o conselho de guerra. Queria apenas lhe explicar, brevemente, como andam as coisas no regimento. O coronel Schröder não consegue suportar o major Wenzl; é uma ave estranha. O capitão Ságner, responsável pela escola de voluntários, considera Schröder um militar exemplar... embora não exista nada que deixe o coronel mais desassossegado do que a ideia de ir ao front. Ságner é um sujeito esquivo, escorregadio, e, como Schröder, também não gosta dos oficiais da reserva. Chama-os de civis pestilentos. Qualifica os voluntários de animais selvagens que é necessário transformar em máquinas militares, costurar estrelinhas em seus uniformes e enviá-los ao front para que sejam mortos no lugar dos nobres oficiais do serviço permanente ativo, que devem ser conservados para que a estirpe possa ser perpetuada.

"Enfim, tudo aqui no exército cheira a podre", continuou o voluntário, se enfiando debaixo de uma manta. "As massas ignaras ainda não se deram conta. Vão para o front obedecendo ordens; são transformadas, com os olhos fora de órbita, em picadinho e só lhes resta ânimo para deixar escapar um último suspiro: 'Mãezinha...!' Não existem heróis e sim gado destinado ao matadouro e carniceiros no estado-maior. Mas, no final, a massa acabará se rebelando e vai haver uma grande confusão. Viva o exército! Boa noite!"

O voluntário concluiu seu discurso, mas ao cabo de um tempo começou a se remexer sob a manta e perguntou:

— Você está dormindo, amigo?

— Não — respondeu Švejk do outro lado do catre. — Estou pensando.

— Em que está pensando, amigo?

— Em uma grande medalha de prata que um carpinteiro da rua Vávrova de Vinohrady, meu bairro de Praga, recebeu por sua coragem. Um tal de Mlíčko. Foi condecorado por ter sido o primeiro de seu regimento a ter uma perna arrancada por uma granada na guerra. Recebeu uma prótese e não parava de se gabar com sua medalha dizendo que era o primeiro, primeiríssimo inválido do regimento. Uma vez foi à taverna Apollo, no mesmo bairro, e brigou com uns açougueiros que acabaram lhe arrancando a prótese e batendo com ela em sua cabeça. O sujeito que a arrancou não sabia que era uma prótese e desmaiou de susto. Voltaram a colocá-la na delegacia, mas a partir daquele dia Mlíčko passou a sentir aversão por sua medalha de prata à coragem e a levou a uma casa de penhora, mas ali o prenderam com medalha e tudo. Uma espécie de tribunal de honra para inválidos de guerra condenou-o a perder a medalha e mais tarde a ficar sem a perna...

— Como?

— Muito simples. Um dia foi visitá-lo uma comissão que lhe comunicou que não era digno de usar a perna artificial; depois a desataram e levaram embora.

"É muito engraçado também", continuou Švejk, "quando os parentes de algum tombado em combate recebem, de repente, uma medalha com um bilhete informando que devem pendurá-la em um lugar destacado. Na rua Božetěchova, no bairro de Vyšehrad, um pai ficou irritado porque achou que as autoridades estavam zombando dele e pendurou a medalha no mictório; mas, como compartilhava o banheiro com um policial, este o denunciou por alta traição e o pobre homem acabou pagando bem caro por sua audácia".

— Daí podemos concluir que toda a glória é uma folha de relva — disse o voluntário. — Em Viena acabam de publicar o *Diário de um voluntário*, onde há um poema magnífico traduzido para o tcheco:

Era uma vez um voluntário valente
Que pela pátria e seu rei tombou
Dando aos companheiros um exemplo
De como por eles se deve lutar.
Ao cemitério levam o corpo inerte,
Colocam em seu peito uma medalha,
Preces silenciosas se levantam aos céus,
Em homenagem ao homem que tombou pela pátria.

— Me parece — continuou o voluntário, depois de uma breve pausa — que nosso espírito militar está em declínio. Amigo, sugiro que, no escuro da noite, no silêncio de nossa prisão, cantemos a canção do canhoneiro Jabůrek. Isso fortalecerá o espírito militar. Mas teremos que gritar para que nos ouçam em todo o quartel de Maria. Sugiro que nos aproximemos da porta.

E pouco depois se ouviu da prisão uma gritaria tão forte que até fez tremer as janelas do corredor:

Ao pé do canhão estava
Carregando sua arma sem parar,
Ao pé do canhão estava
Carregando sua arma sem parar.
Uma bala voou,
Arrancou suas mãos
E ele continuou tranquilo,
Ao pé do canhão,
Carregando sua arma sem parar,
Ao pé do canhão,
Carregando sua arma sem parar.

Ouviram passos e vozes que provinham do pátio.

— É o carcereiro — disse o voluntário. — Está acompanhado pelo tenente Pelikán, que está de serviço hoje. É um oficial da reserva. Eu o conheci no Círculo Tcheco. Na vida civil é matemático de uma companhia de seguros. Ele nos dará cigarros. Continuemos gritando.

E se ouviu de novo: "Ao pé do canhão estava..."

Quando a porta foi aberta, o carcereiro, incomodado pela presença do oficial de dia, gritou energicamente:

— Isto aqui não é um zoológico!

— Perdão — respondeu o voluntário —, isto aqui é uma filial do Rudolfinum, a sala de concertos. Estamos apresentando um concerto em benefício dos prisioneiros. Agora mesmo acabamos de executar a primeira peça do programa: "A sinfonia bélica."

— Parem com isso — disse o tenente Pelikán, severamente. — Creio que deveriam saber que às nove têm que estar deitados, sem fazer barulho. Dá pra ouvir seu concerto da praça.

— Humildemente, senhor — disse o voluntário —, não ensaiamos de maneira adequada e se há alguma dissonância...

— Toda noite faz a mesma coisa — disse o carcereiro, tentando provocar o inimigo —, em geral se comporta de uma maneira muito pouco inteligente.

— Humildemente — disse o voluntário —, eu gostaria de conversar com o senhor em particular. Ordene ao carcereiro que espere atrás da porta.

Quando seu desejo foi atendido, o voluntário disse em um tom familiar.

— Vamos, Franta, pegue os cigarros. Sport? Não tem nada melhor, tenente? Por ora lhe agradeço. E deixe-me os fósforos, por favor.

— Sport — disse o voluntário com desprezo depois que o tenente saiu. — Mesmo na miséria é preciso manter a dignidade. Fume, amigo, para ter uma boa noite. Amanhã nos espera o juízo final.

O voluntário não se esqueceu de cantar uma canção antes de dormir: "As montanhas e os vales são meus camaradas, mas não podem me devolver minha amada."

Ao descrever o coronel Schröder como um monstro, o voluntário se equivocara, porque às vezes o oficial tinha senso de justiça, e ele se manifestava claramente depois que passava uma noite tranquila na companhia de amigos no hotel. Mas o que acontecia quando não havia se divertido?

Enquanto o voluntário criticava duramente o ambiente do quartel, o coronel Schröder estava sentado no hotel em companhia dos oficiais e ouvia o tenente Kretchmann, que voltara da Sérvia com uma perna ferida (levara uma chifrada de uma vaca), relatar um ataque às posições sérvias que presenciara na unidade em que estava lotado:

— Sim, então pularam das trincheiras. Arrastaram-se ao longo da linha de dois quilômetros, atravessaram os alambrados e se lançaram contra o inimigo, com granadas de mão nos cinturões, máscaras e fuzis nos ombros, preparados para disparar, dispostos a atacar. As balas silvavam. Um soldado que havia pulado da trincheira caiu, outro tombou em cima de um aterro e um terceiro depois de alguns passos, mas seus companheiros continuaram avançando com gritos de vitória no meio da fumaça e da poeira. E os inimigos disparavam de todos os lados, das trincheiras, das crateras cheias

de granadas e nos apontavam suas metralhadoras. Outros soldados tombaram. Um grupo tentou se apoderar de uma metralhadora inimiga, desabou, mas seus companheiros conseguiram atingir seu objetivo. Hurra! Um oficial caiu. Não se ouviam mais os fuzis dos soldados da infantaria, uma coisa terrível pairava no ar. Outro pelotão inteiro desaba. Ouvimos as metralhadoras inimigas: ratatatata... Cai... Não, me desculpem, não consigo continuar, estou bêbado...

O oficial da perna ferida emudeceu e permaneceu sentado com ar ausente. O coronel Schröder sorriu com benevolência e ouviu o capitão Špíra, no outro lado, dar socos na mesa como se estivesse brigando e repetir uma coisa que não tinha nenhum sentido; não era possível entender o que significava ou o que ele queria dizer com aquilo.

— Pensem bem. No exército temos os lanceiros territoriais austríacos, a defesa territorial austríaca, os caçadores bósnios, os caçadores austríacos, a infantaria húngara, os artilheiros imperiais tiroleses, a infantaria bósnia, os *hovends* da infantaria húngara, os hussardos húngaros, os hussardos territoriais, os carabineiros montados, os dragões, os lanceiros, os artilheiros, os trens, os sapadores, o corpo de saúde, os marinheiros. Estão entendendo? E a Bélgica? A primeira e a segunda esquadra formam o exército operacional, a terceira fica na retaguarda...

O capitão Špíra deu um soco na mesa:

— As tropas territoriais prestam serviço ao país em tempos de paz.

Ao seu lado, um jovem oficial, tentando, com honestidade, convencer o coronel de sua firmeza militar, dizia ao vizinho, em voz muito alta:

— Os tuberculosos devem ser enviados ao front, isso lhes fará bem, e depois é melhor que tombem os enfermos ao invés dos sãos.

O coronel sorriu, mas, de repente, seu semblante ficou sombrio e, virando-se para o major Wenzl, disse:

— Acho estranho o fato de o tenente Lukáš evitar nossa companhia. Desde que chegou nunca veio ficar entre a gente.

— Está escrevendo poemas — disse o capitão Ságner em tom de brincadeira. — Assim que chegou se apaixonou pela mulher do engenheiro Schreiter, a qual conheceu no teatro.

O coronel olhou para a frente com desaprovação.

— Eu ouvi dizer que sabe cantar canções de cabaré.

— Na escola de cadetes nos divertia muito cantando coplas — respondeu o capitão Ságner —, e sabe ótimas piadas. Não sei por que não vem se encontrar com a gente.

O coronel balançou a cabeça com tristeza:

— Hoje em dia não existe mais a mesma camaradagem de outrora entre nós. Recordo que antes todos os oficiais se esforçavam para dar uma contribuição ao nosso entretenimento no cassino. Estou me lembrando de que certa vez um tenente, Dankl se chamava, tirou a roupa, deitou-se no chão, enfiou um rabo de arenque na bunda e imitou uma sereia. Outro, o tenente Schleisner, sabia mexer as orelhas e relinchar como um garanhão, imitar o miado dos gatos e o zumbido dos abelhões. Também recordo o capitão Skoday; sempre que queríamos, trazia umas garotas para o cassino dos oficiais; eram três irmãs, adestradas como cães. Colocava-as em cima da mesa e elas começavam a se despir na nossa frente seguindo a batuta. Ele tinha uma pequena batuta e, sinceramente, lhes digo que era um ótimo regente. E o que fazia com elas no sofá! Uma

vez mandou colocar uma banheira com água quente no meio da sala; e nós, um atrás do outro, tivemos que tomar banho com as garotas enquanto ele nos fotografava.

Depois dessas lembranças, o coronel sorriu de felicidade.

— E que apostas fazíamos na banheira! — continuou estalando a língua de maneira repugnante e mexendo-se na cadeira. — E hoje? Isto é distração? Nem o tal do cantor de coplas aparece por aqui! Os jovens oficiais de hoje não sabem nem beber. Ainda não é nem meia-noite e na mesa, como estão vendo, já temos cinco bêbados. Na minha época, ficávamos sentados durante dois dias e quanto mais bebíamos mais sóbrios ficávamos, e nos encharcávamos com cerveja, vinho, licores. Hoje em dia não existe mais aquele bom espírito militar. Só o diabo sabe o que aconteceu. Nenhuma piada, sempre aquelas mesmas conversas intermináveis. Ouçam, simplesmente, o que estão dizendo, lá na cabeceira da mesa, sobre a América.

No outro lado da mesa se ouvia uma voz séria afirmando:

— A América não pode entrar na guerra. Os americanos e os ingleses se odeiam mortalmente. A América ainda não está preparada para a guerra.

O coronel Schröder suspirou:

— Esta é a conversa fiada dos oficiais da reserva. O diabo em pessoa os enviou para cá. Ontem mesmo estes sujeitos estavam fazendo contas em algum banco, vendendo temperos e canela em cones, ou engraxando sapatos, ou dizendo às crianças na escola que a fome leva os lobos a saírem das florestas, e hoje querem se comparar aos oficiais do serviço permanente ativo, entender de tudo e enfiar o nariz onde podem. E quando temos entre nós um oficial da ativa, como é o caso do tenente Lukáš, então ele não aparece por aqui.

O coronel Schröder voltou para casa aborrecido e quando acordou de manhã seu humor ficou ainda pior porque, ao folhear o jornal na cama, encontrou no noticiário dos campos de batalha várias vezes uma frase segundo a qual nossas tropas haviam sido conduzidas a posições previamente estabelecidas. Eram dias gloriosos do exército austríaco, só comparáveis, como um ovo a um ovo, aos dias de Šabac, a cidade da Sérvia que fora disputada por austríacos e sérvios em 1914 e 1915.

E, sob aquela impressão, o coronel Schröder se dirigiu, às dez da manhã, àquele ato oficial que o voluntário havia chamado, talvez com razão, de Juízo Final.

Švejk e o voluntário estavam em pé no pátio, esperando o coronel. Também estavam presentes os subtenentes, o oficial de dia, o oficial adjunto do regimento e o sargento-mor do escritório do regimento com o expediente dos dois infratores que eram esperados pelo machado da justiça — o conselho de guerra.

O coronel finalmente apareceu, acompanhado pelo capitão Ságner, da escola de voluntários. Tinha uma expressão soturna. Estava nervoso e chicoteava o cano de seus coturnos.

Depois de ter recebido o informe, ficou andando em silêncio sepulcral em volta de Švejk e do voluntário. Estes "olhavam à direita" e "olhavam à esquerda", acompanhando os movimentos do coronel. E o fizeram tão rigorosamente que quase torceram o pescoço, pois aquilo durou um bom tempo.

Finalmente o coronel se deteve diante do voluntário, que disse:

— Voluntário...

— Eu sei — interrompeu-o o coronel, laconicamente —, o pária dos voluntários. O que você é na vida civil? Estudante de filosofia clássica? Quer dizer, um

intelectual bêbado... Senhor capitão — ele chamou Ságner —, traga para cá todos os alunos da escola de voluntários. Claro — continuou se dirigindo ao voluntário —, o senhor é um estudante de filosofia clássica com os quais os nossos têm que se sujar! Meia-volta! Eu sabia. As pregas do seu sobretudo estão fora do lugar. Como se viesse das putas ou estivesse se chafurdando em um bordel. Eu vou lhe ensinar, rapaz.

Os alunos da escola de voluntários entraram no pátio.

— Formem um quadrado! — ordenou o coronel.

Os acusados e também o coronel foram fechados em um quadrado estreito.

— Vejam este homem! — gritou o coronel, apontando o voluntário de um ano com o chicote. — Bebeu a honra dos voluntários, que devem ser educados para que venham a ser oficiais respeitáveis que conduzirão as tropas à glória nos campos de batalha. E aonde este bêbado levaria a tropa? De taverna em taverna. Beberia todo o rum destinado à tropa. Você pode alegar alguma coisa em sua defesa? Não pode. Olhem para ele. Não tem nada a dizer em sua defesa e, na vida civil, é estudante de filosofia clássica. É mesmo um caso clássico.

O coronel pronunciou as últimas palavras com enfática lentidão e cuspiu:

— Um filósofo clássico que à noite, bêbado, arranca os quepes da cabeça dos oficiais! Meu Deus! Teve a sorte de que fosse apenas um oficial de artilharia!

Nestas últimas palavras estava concentrado todo o rancor que o 91º Regimento tinha da artilharia de Budějovice. Pobre do artilheiro que à noite caísse nas mãos de uma patrulha do regimento ou vice-versa. Um rancor terrível, implacável, uma espécie de vendeta, de vingança de sangue, que ia passando de um ano a outro, acompanhado em ambos os lados de velhas histórias sobre soldados de infantaria que haviam jogado artilheiros no Moldava ou vice-versa, sobre como haviam brigado em Port Arthur, no Růže e em muitos outros locais de entretenimento da metrópole da Boêmia meridional.

— Não obstante — continuou o coronel —, uma coisa dessas deve ser rigorosamente castigada. Este homem deve ser expulso da escola de voluntários, aniquilado moralmente. E basta de intelectuais no exército! Oficial de dia!

O sargento-mor do escritório do regimento se aproximou, gravemente, com os expedientes e um lápis.

O silêncio reinante era semelhante ao dos tribunais onde é julgado um assassino no momento em que o juiz diz: "Ouçam a sentença."

E foi exatamente com esse tom de voz que o coronel anunciou:

— Condeno o voluntário Marek a três semanas de prisão; depois de ter cumprido o castigo será enviado à cozinha, onde ficará descascando batatas.

Em seguida o coronel virou-se para os alunos da escola de voluntários e ordenou que se dispersassem. Ouviu-os se formarem rapidamente em fileiras de quatro e saírem marchando. Então o coronel disse ao capitão Ságner que haviam feito tudo errado e que à tarde repetisse com eles a marcha no pátio.

— O som da marcha deve ser semelhante ao de um trovão, senhor capitão. Mais uma coisa. Quase ia me esquecendo: comunique-lhes que todos os alunos da escola de voluntários ficarão detidos por cinco dias, para que não se esqueçam jamais do ex-companheiro, aquele lúmpen do Marek!

O lúmpen do Marek permanecia em pé ao lado de Švejk, com uma expressão completamente tranquila. Aquilo era a melhor coisa que poderia ter acontecido. Descascar batatas na cozinha, fazer almôndegas e cozinhar ossos era, sem dúvida, muito melhor do que ficar gritando a plenos pulmões debaixo do furacão do fogo inimigo: "Em forma! Baionetas caladas!"

Depois de se afastar do capitão Ságner, o coronel Schröder parou diante de Švejk e olhou para ele atentamente. Naquele momento, o rosto redondo do bom soldado estava sorridente, suas enormes orelhas espreitavam do quepe enterrado em sua cabeça. Dava a impressão de estar absolutamente tranquilo, convencido de que não fizera nada de errado. Seus olhos perguntavam: "Fiz alguma coisa, por favor?" Seus olhos diziam: "Sou culpado de alguma coisa?"

O coronel resumiu suas observações em uma pergunta que dirigiu ao sargento do escritório do regimento:

— É bobo?

Então o coronel viu se abrir diante dele a boca daquele rosto bondoso.

— Humildemente, senhor. Sou bobo — respondeu Švejk no lugar do sargento.

O coronel Schröder fez um sinal para o ajudante e ambos se afastaram. Depois chamaram o sargento e examinaram os informes sobre Švejk.

— Ah! — disse o coronel —, é o ordenança do tenente Lukáš, que, segundo seu próprio informe, o perdeu em Tábor. Acho que os próprios oficiais deveriam educar seus ordenanças. Se o tenente Lukáš escolheu para ordenança um bobo notório, então que arque com as consequências. Tem tempo livre suficiente para fazê-lo, uma vez que não vai a lugar nenhum. Não é verdade que o senhor também nunca o viu nos fazendo companhia? Então tem tempo suficiente para educar seu escudeiro.

O coronel Schröder se aproximou de Švejk e, olhando seu rosto bondoso, disse:

— Seu animal estúpido, vou lhe dar três dias de detenção. Depois se apresente ao tenente Lukáš.

E assim Švejk voltou a se encontrar com o voluntário de um ano no cárcere do regimento. O tenente Lukáš, por sua vez, não sabia que estava prestes a ter uma surpresa quando o coronel Schröder o chamou e lhe disse:

— Tenente, há aproximadamente uma semana, quando chegou ao nosso regimento, o senhor me solicitou que lhe indicasse um novo ordenança, pois o seu se perdera na estação de Tábor. No entanto, como ele voltou...

— Senhor coronel... — começou o tenente Lukáš, em tom de súplica.

— ... decidi que ficará preso por três dias e depois eu o enviarei de volta ao senhor — disse o coronel, enfaticamente, dando o assunto por encerrado.

O tenente Lukáš saiu da sala cambaleando, completamente arrasado.

Ao longo daqueles três dias que passou na companhia do voluntário Marek, Švejk se divertiu muito. Todas as noites, sentados no beliche, organizavam manifestações patrióticas.

À noite, se ouvia da prisão "Deus nos proteja" e a canção popular austríaca *Prinz Eugen, der edle Ritter*. Príncipe Eugênio, o nobre cavaleiro. Cantavam toda uma série de canções militares e quando o carcereiro se aproximava o saudavam assim:

Nosso bom carcereiro
Nunca deverá expirar,
Para isso Satanás
Terá que do inferno chegar.
Virá buscá-lo em um carro
E o jogará no chão.
Então os diabos, com ele,
Uma bela fogueira farão.

E, acima do beliche, o voluntário desenhou o carcereiro e escreveu embaixo a letra de uma velha canção:

Quando fui à Praga comprar provisão
Encontrei no caminho um velho bufão.
Mas não era um bufão, era o carcereiro
Se não tivesse fugido, teria me mordido inteiro.

E enquanto os dois iam provocando o carcereiro, da mesma maneira que em Sevilha os toureiros provocam o touro com uma capa vermelha, o tenente Lukáš esperava, angustiado, o dia em que Švejk apareceria e lhe comunicaria que voltaria a servi-lo.

32 Franz Joseph havia prometido solenemente, em 1871, que se faria coroar rei da Boêmia, mas não manteve sua promessa. (N. do T.)
33 Apelido dado pelos tchecos ao imperador Franz Joseph.

3
As aventuras de Švejk em Királyhida

O 91º Regimento foi transferido para Most nad Litavou — Királyhida.

Quando faltavam exatamente três horas para ser colocado em liberdade depois de ter passado três dias na prisão, Švejk foi levado, junto com o voluntário, à estação com uma escolta de soldados.

— Faz tempo que sabiam que seríamos transferidos para a Hungria — lhe disse o voluntário no caminho. — Ali serão formados os batalhões destinados aos campos de batalha, os soldados treinarão no campo de tiro, brigarão com os húngaros e depois irão, muito felizes, para os Cárpatos. Uma guarnição húngara virá para České Budějovice e haverá uma mistura de raças. Existe uma teoria segundo a qual violentar garotas de outra nacionalidade é o melhor remédio contra a degeneração. Foi o que fizeram os suecos e os espanhóis na Guerra dos Trinta Anos, os franceses na época de Napoleão e agora farão os húngaros na região de České Budějovice, sem ter que recorrer a violações grosseiras. Tudo será feito ao longo do tempo. Será um simples intercâmbio. Um soldado tcheco dormirá com uma garota húngara e uma pobre menina tcheca receberá, em sua casa, um soldado húngaro; depois de alguns séculos, os antropólogos terão uma grande surpresa: por que surgiram às margens do Malše pessoas com faces salientes?

— O acoplamento cruzado — observou Švejk — é uma coisa muito interessante. Em Praga, há um garçom negro, o Kristián. Seu pai foi rei da Abissínia e se exibia em um circo do bairro de Štvanice. Uma professora que escrevia poemas para a revista *Lada* sobre pastores e córregos na floresta apaixonou-se por ele. Foram a um hotel, onde se conheceram do ponto de vista bíblico, e ela ficou surpresa quando deu à luz um menininho completamente branco! Mas duas semanas depois o menininho começou a ficar marrom, cada vez mais marrom, e um mês depois começou a ficar negro. Em seis meses estava preto como seu avô, o rei da Abissínia. A mãe levou-o a uma clínica de doenças da pele para que de alguma maneira o descolorissem, mas ali lhe disseram que a pele da criança era negra de verdade e que não havia nada a fazer. Então enlouqueceu, começou a mandar cartas para as revistas pedindo conselhos, perguntando o que havia contra os negrinhos, e acabaram a internando no manicômio de Kateřinka e levando o negrinho para um orfanato onde se fartaram de rir com ele. Depois foi aprendiz de garçom e costumava ir dançar em casas noturnas. Como consequência de sua ação, hoje existem belos mulatos tchecos que não são tão coloridos como ele. Um estudante de medicina que frequentava a taverna U Kalicha nos disse certa vez que as coisas não são tão simples assim. Os mestiços geram outros mestiços que quase não se diferenciam das pessoas brancas. E, de repente, em uma geração posterior, surge um negro. Imagine o mal-estar! Você se casa com uma moça qualquer. A garota é totalmente branca e de repente lhes nasce um filho negrinho. E se nove meses antes fora assistir sem você, em um teatro de variedades, a uma luta atlética da qual participava algum negro, suponho que não poderá evitar que alguma coisa fique, pelo menos, dando voltas em sua cabeça.

— O caso do seu negro Kristián — disse o voluntário — talvez precise ser examinado também do ponto de vista bélico. Suponhamos que este negro seja convocado. É praguense e, portanto, é destinado ao 28º Regimento. E aí você ouve dizer

que o 28º Regimento se entregou aos russos. Os russos talvez ficassem boquiabertos se capturassem o negro Kristián. Os jornais russos certamente escreveriam que a Áustria estava enviando à guerra seus exércitos coloniais (que não tem), que a Áustria tivera de recorrer a suas reservas negras.

— Dizem que a Áustria tem mesmo uma colônia — disse Švejk — em algum lugar do norte. É chamada de Terra do Imperador Franz Joseph ou algo assim...

— Parem com isso, rapazes — interrompeu-os um soldado da escolta. — Hoje em dia é muito perigoso falar de qualquer terra do imperador Franz Joseph. Será melhor para vocês não mencionarem o nome de ninguém...

— Basta olhar o mapa — interveio na conversa o voluntário — para comprovar que existe mesmo um país do nosso excelentíssimo monarca, o imperador Franz Joseph. Segundo as estatísticas, lá não há nada além do gelo que exportam em navios quebra-gelo pertencentes a uma fábrica de gelo de Praga. Até mesmo os estrangeiros valorizam extremamente esse negócio do gelo, porque é uma atividade lucrativa, embora perigosa. O maior perigo é transportar o gelo do país do imperador Franz Joseph através do círculo polar. Vocês podem imaginar?

O soldado da escolta resmungou alguma coisa e o cabo que acompanhava os homens se aproximou para ouvir a explicação do voluntário, que continuou, seriamente:

— Essa única colônia austríaca pode abastecer de gelo toda a Europa e é um fato econômico de extrema importância. No entanto, a colonização se desenvolve com lentidão, porque são poucas as pessoas dispostas a colaborar e as que se apresentam ficam congeladas. Apesar disso, como consequência da regulação das condições climáticas, na qual os Ministérios do Comércio e dos Assuntos Exteriores têm um grande interesse, há esperança de que as grandes superfícies de gelo sejam aproveitadas ao máximo. A construção de alguns hotéis atrairá muitos turistas. Naturalmente, será necessário traçar trilhas turísticas e caminhos entre os blocos de gelo e pintar sinais indicadores nos icebergs. O único empecilho são os esquimós, que tentam dificultar o trabalho de nossas autoridades locais... Os homens não querem aprender alemão.

O cabo ouvia com interesse. Era um homem ativo que antes de entrar para o exército fora cavalariço; era tolo e grosseiro, engolia tudo o que ouvia sem entender nada e seu verdadeiro ideal era envelhecer a serviço da Áustria.

— Senhor cabo, o Ministério da Educação construiu escolas para eles às custas de um grande investimento e de muitas vítimas. Cinco empreiteiros ficaram congelados...

— Os pedreiros se salvaram — interrompeu-o Švejk —, pois se aqueceram mantendo seus cachimbos acesos.

— Nem todos — disse o voluntário. — Dois tiveram a infelicidade de se esquecer de fumar. Seus cachimbos apagaram e tiveram de enterrá-los no gelo. Mas acabaram conseguindo construir uma escola com tijolos de gelo e concreto armado, que se sustentam muito bem quando são unidos. No entanto, os esquimós fizeram fogueiras ao redor do prédio usando a madeira dos navios mercantes que haviam ficado encalhados nos blocos de gelo e atingiram seu objetivo. O gelo sobre o qual haviam construído a escola derreteu e toda ela, com o professor, o diretor e o representante do governo, que, no dia seguinte, teria que presidir a inauguração solene, afundou no mar. Ouviu-se apenas o representante governamental exclamar em alemão quando a água já estava chegando ao seu pescoço: “Deus castigue a Inglaterra!” Agora é provável que enviem

soldados para lá com o objetivo de acertar as contas com os esquimós. Já se sabe que a batalha com eles será terrível. A maior dificuldade que nosso exército terá de enfrentar serão os ursos polares adestrados.

— Era só o que faltava — observou o cabo com sabedoria —, além disso temos várias invenções militares. Por exemplo, as máscaras de gás para o envenenamento por gás. Você coloca uma na cabeça e aí fica intoxicado, segundo me explicaram na escola de suboficiais.

— Dizem isso só para assustá-los — pronunciou-se Švejk —, nenhum soldado deve ter medo de nada. Mesmo que no meio da luta caísse na latrina, teria que se lamber e voltar ao combate. No quartel todo mundo está habituado aos gases tóxicos, pois comem pão de campanha e ervilhas com cevada. Mas dizem que os russos acabaram de inventar alguma coisa contra os oficiais...

— Devem ser descargas elétricas — completou o voluntário. — Entram em contato com as estrelinhas das golas dos oficiais e elas explodem, porque são de celuloide. Será outra catástrofe.

Embora na vida civil o cabo trabalhasse com gado, parece que acabou se dando conta de que, provavelmente, estavam zombando dele e se dirigiu à vanguarda da patrulha.

Estavam se aproximando da estação, onde os habitantes de Budějovice se despediam de seu regimento. A despedida não tinha cunho oficial, mas mesmo assim a praça da estação estava cheia de gente esperando os soldados.

A atenção de Švejk se concentrou na multidão.

Como sempre costuma acontecer, também desta vez os soldados bons caminhavam atrás e na frente marchavam, no meio de um corredor de baionetas erguidas, os prisioneiros. Depois os soldados bons iriam se apertar nos vagões de gado e Švejk subiria com o voluntário em um vagão especial para detidos, que nos trens militares ficava imediatamente depois do vagão do estado-maior. Nos vagões para presos sempre havia bastante espaço.

Švejk não pôde se abster de gritar para as multidões "*Nazdar!*", a saudação característica dos tchecos, sem agitar o quepe. O gesto teve um efeito tão sugestivo que as pessoas repetiram a saudação, e o "*Nazdar*!" retumbou em toda a praça diante da estação; longe dali as pessoas começaram a dizer:

— Já estão chegando!

O cabo da escolta estava desesperado e gritou para Švejk que se calasse. Mas as exclamações se propagaram como uma avalanche. Os gendarmes obrigaram as fileiras de pessoas a recuarem e abriram caminho para a escolta. O gentio não parava de gritar "*Nazdar!*" agitando quepes e chapéus.

Foi uma bela manifestação. Nas janelas do hotel diante da estação algumas damas agitavam lenços e gritavam: "*Heil!*" Os *heil* se misturaram com os "*nazdar"* e um fanático que aproveitou a ocasião para exclamar em alemão "Fora os sérvios" levou uma rasteira e foi ligeiramente pisoteado em um empurra-empurra que se formou artificialmente.

A frase "Já estão chegando!" se propagou como uma faísca elétrica.

A escolta continuava caminhando. Švejk, no meio das baionetas, agitava amistosamente a mão na direção da multidão e o voluntário batia continência com a maior seriedade.

Foi assim que entraram na estação e se aproximaram do trem militar que lhes fora designado no exato momento em que a orquestra da artilharia, cujo regente estava desorientado devido à inesperada manifestação, começou a tocar o hino austríaco. Por sorte, no último momento apareceu, com sua cartola, o padre Lacina, capelão-mor da 7ª Divisão de Cavalaria, e impôs a ordem.

A história do capelão era simplesinha. Considerado o terror de todas as cozinhas de oficiais, um glutão insaciável, ele havia chegado quase por azar na noite anterior a České Budějovice, justo a tempo de participar de um pequeno banquete organizado em homenagem aos oficiais do regimento que partia. Como era um homem que comia e bebia por dez, depois, já bastante alegre, foi à cozinha atrás dos restos. Devorou tijelas de knedlík com molho, arrancou como um gato selvagem a carne dos ossos que encontrou pela frente e acabou descobrindo uma garrafa de rum, a qual bebeu até arrotar. Voltou, então, para o banquete de despedida, onde se destacou com uma nova bebedeira. Tinha uma longa experiência nesse tipo de coisa e os oficiais da 7ª Divisão de Cavalaria sempre acabavam pagando por ele. De manhã, lhe ocorreu que deveria organizar a partida dos primeiros grupos do regimento, razão pela qual ficou perambulando ao longo das fileiras de soldados. Na estação, assumiu de tal maneira as iniciativas que os oficiais que comandavam o embarque nos vagões foram se trancar no escritório do chefe da estação para evitá-lo.

O capelão apareceu de novo diante da estação no momento exato e tomou a batuta do regente da orquestra dos artilheiros, que ele mesmo queria reger na execução do hino austríaco.

— Parem! — disse. — Ainda não. Esperem meu sinal. Descansem, volto em seguida.

Depois, entrou na estação procurando a escolta e a mandou parar gritando: "Alto!"

— Aonde vão? — perguntou severamente ao cabo, que não sabia o que fazer naquela situação inusitada.

Švejk respondeu bondosamente em seu lugar:

— Estamos sendo levados a Most nad Litavou. Se quiser, pode vir conosco, senhor capelão.

— Então também vou! — afirmou o padre Lacina e, virando-se para a escolta, acrescentou: — Quem disse que não posso ir? Marchem!

Quando o capelão-mor Lacina se viu no vagão dos detidos, estirou-se em um banco, e Švejk, com seu bom coração, despiu o casaco e colocou-o sob a cabeça do padre. O voluntário disse em voz baixa, dirigindo-se ao apavorado cabo:

— Os capelães-mores devem ser bem tratados.

O capelão Lacina, confortavelmente deitado no banco, começou a explicar:

— Quanto mais cogumelos se põe no ragu, mais gostosa fica a vitela, mas é necessário refogá-los em um pouco de cebola e só depois acrescentar o louro e a cebola...

— Mas já colocou a cebola antes — observou o voluntário.

A observação foi seguida de um gesto de desespero do cabo, que via que o capelão Lacina estava bêbado, mas mesmo assim era seu superior.

A situação do cabo era verdadeiramente desesperadora.

— Sim — disse Švejk —, o capelão-mor tem toda razão. Quanto mais cebola, melhor. Em Pakoměřice havia um cervejeiro que colocava cebola até na cerveja, porque, segundo ele, a cebola desperta a sede. A cebola é excelente para tudo. Assada, cura inclusive os furúnculos...

Enquanto isso, o capelão Lacina falava a meia voz, como se estivesse sonhando:

— Tudo depende das especiarias, do tipo e da quantidade de especiarias que são usadas. Não se de...ve co...lo...car mui...ta pi...men...ta pre...ta nem exa...ge...rar na pá...pri...ca...

Falava cada vez mais devagar:

— Nem mui...to... cra...vo..., nem mui...to li...mão, nem mui...to aça...frão, nem mui...ta noz-mos...ca...da...

Antes de terminar adormeceu como uma pedra; nas pausas em que parava de roncar, assoviava pelo nariz.

O cabo olhava para ele fixamente; os homens da escolta riam em silêncio, sentados em seus bancos.

— Este aí não acorda tão cedo — comentou Švejk depois de um tempo. — Está completamente bêbado. Não importa — continuou depois de o angustiado cabo lhe ter feito um sinal para que se calasse. — Não há nada a fazer, está bêbado como um gambá. Tem o grau de capitão. Todos os capelães militares, inferiores ou superiores, têm, pela graça de Deus, a capacidade de tomar um porre descomunal toda vez que surge uma oportunidade. Eu servi a um capelão militar que se chamava Katz; o sujeito era capaz de vender a alma por uma gota de álcool. O que este aqui faz não é nada se comparado aos excessos do outro. Bebemos juntos o ostensório e provavelmente beberíamos até o próprio Deus se alguém nos oferecesse algum dinheiro por ele.

Švejk se aproximou do capelão Lacina, virou-o para a parede e disse com ar de expert: "Este vai roncar até Most nad Litavou." E voltou ao seu assento, seguido pelo olhar angustiado do infeliz cabo, que disse:

— Talvez eu devesse informar a alguém.

— Deixe para lá — disse o voluntário. — O senhor é o comandante da escolta, não deve se afastar da gente e, segundo o regulamento, não pode deixar nenhum dos guardas que nos acompanham sair para fazer a comunicação enquanto não tiver um substituto. Não, o senhor está em um beco sem saída. Tampouco pode dar um tiro de alerta para que alguém apareça. Aqui não aconteceu nada. Por outro lado, o regulamento determina que no vagão dos detidos não pode haver ninguém além dos detidos e da escolta que os acompanha. É proibida a entrada de qualquer pessoa alheia. Tampouco pode apagar as marcas de sua infração deixando o capelão cair do trem em marcha porque há testemunhas que viram que o senhor o deixou embarcar no vagão, onde ele não tinha nada a fazer. Isso, senhor cabo, significa um rebaixamento certo.

Desconcertado, o cabo balbuciou que não havia deixado o capelão embarcar no vagão, mas sim que fora o próprio capelão quem havia se juntado a eles; além do mais, era seu superior.

— Aqui a única autoridade é o senhor — afirmou o voluntário com ênfase.

Švejk completou suas palavras:

— Mesmo que Sua Majestade o Imperador quisesse se juntar a nós, o senhor não poderia permitir. É como se o oficial de inspeção se aproximasse de um

recruta que estivesse de guarda e lhe pedisse para ir lhe comprar cigarro e este ainda perguntasse qual é a marca que quer. Por infrações como estas se vai para a cadeia.

O cabo objetou timidamente que fora Švejk o primeiro a dizer ao capelão que os acompanhasse.

— Eu posso me permitir isso, prezado cabo — respondeu Švejk —, porque sou bobo; no entanto, ninguém poderia esperar uma coisa dessas do senhor!

— Faz muito tempo que o senhor está no serviço ativo? — perguntou o voluntário como quem não quer nada.

— Este é o terceiro ano. Agora serei promovido a sargento.

— Pois já pode ir desistindo — provocou-o o voluntário com cinismo. — Como estava lhe dizendo, isso é motivo de rebaixamento.

— Tanto faz ser rebaixado como oficial ou como um reles soldado; mas é verdade que os rebaixados são colocados na primeira fila — manifestou-se Švejk.

O capelão se mexeu.

— Está roncando — disse Švejk depois de ter se assegurado de que tudo estava na mais perfeita ordem. — Agora deve estar sonhando com alguma comilança. Só temo que se alivie nas calças. Meu capelão Katz, quando se embebedava, não sabia o que estava fazendo enquanto dormia. Imaginem que uma vez...

E Švejk começou a relatar suas experiências com o capelão Otto Katz com tantos detalhes e de uma maneira tão divertida que não perceberam que o trem começara a andar.

Gritos provenientes dos vagões de trás interromperam a narrativa de Švejk. A 12ª Companhia, integrada totalmente por alemães de Krumlov e Kašperské Hory, cantava aos berros:

Quando eu voltar, quando eu voltar,
Passarei para vê-la.

E de outro vagão um desesperado gritava em direção a Budějovice, que se afastava:

Você, minha querida,
Me espere aqui.
Holarió, holarió, hola!

Era uma mistura tão medonha de canto tirolês e gritos que seus companheiros tiveram que afastá-lo da porta aberta do vagão de carga.

— Acho estranho — disse o voluntário, dirigindo-se ao cabo — que a inspeção ainda não tenha aparecido. De acordo com o regulamento, o senhor devia ter anunciado nossa presença ao comandante da tropa ainda na estação em vez de se ocupar do capelão bêbado.

O infeliz cabo ficou calado, de maneira obstinada, e olhava teimosamente para os postes telegráficos que iam ficando para trás.

— Quando penso que ainda não nos reportamos a ninguém — insistia o voluntário — e que na próxima estação o comandante da tropa virá nos ver, sinto meu sangue de soldado protestar. Parece que somos...

— ... ciganos — interrompeu-o Švejk —, ou vagabundos. Sinto como se temêssemos a luz divina e não pudéssemos nos apresentar em nenhum lugar para que não nos prendessem.

— Afora isso — acrescentou o voluntário —, nos termos do decreto de 21 de novembro de 1879, devem ser obedecidas as seguintes normas quando soldados presos são transportados por trem: em primeiro lugar, o vagão dos detidos deve ter grades. Isso é claro como a luz do sol, estamos sendo transportados de acordo com os regulamentos. De fato, estamos atrás de grades perfeitas, então tudo certo. Em segundo lugar: de acordo com o imperial e real decreto complementar de 21 de novembro de 1879, todos os vagões de detidos devem ter um mictório. Caso contrário, o vagão tem de estar provido de um recipiente coberto destinado às necessidades fisiológicas, grandes e pequenas, dos detidos e da escolta que os acompanha. No nosso caso, não podemos dizer, de nenhuma maneira, que estamos em um vagão de detidos com mictório. Estamos em um compartimento reservado, isolados do resto do mundo. E não temos aqui nem um penico...

— Vocês podem fazer pela janela — sugeriu o cabo, tomado pelo desespero.

— O senhor está se esquecendo de que os presos não podem se aproximar da janela — disse Švejk.

— E, em terceiro lugar, tem de haver um recipiente com água potável — continuou o voluntário. — O senhor também não cuidou disso. A propósito! Sabe em que estação o rancho será distribuído? Não sabe? Já imaginava que não tinha se informado...

— O senhor está vendo, cabo — observou Švejk —, que transportar prisioneiros não é nenhuma brincadeira. Tem que se preocupar conosco. Não somos soldados comuns que cuidam de si mesmos. Temos que ser servidos, existem decretos e cláusulas que devem ser obedecidos para que a ordem prevaleça. "Um preso é como uma criança envolta em cobertas", dizia um conhecido vagabundo, "é preciso cuidar dela para que não pegue um resfriado, não se aborreça e fique feliz com sua sorte e, sobretudo, evitar que nada de ruim lhe aconteça". De qualquer modo — disse Švejk, olhando para o cabo amistosamente —, avise-me às onze, por gentileza.

O cabo dirigiu um olhar inquisidor a Švejk.

— Provavelmente está querendo me perguntar por que tem de me avisar às onze — disse Švejk com ênfase e continuou, com voz solene. — Porque a partir das onze horas, senhor cabo, passarei a pertencer ao vagão de carga. O conselho de guerra me condenou a três dias de prisão, que terminarão às onze horas de hoje. Às onze terei que ser libertado, não terei mais nada a fazer aqui. Nenhum soldado dever ficar trancafiado por mais tempo do que lhe cabe, porque no exército devem imperar a disciplina e a ordem, senhor cabo.

Depois de receber este golpe, o cabo levou um bom tempo para se recuperar, até que, finalmente, objetou que não recebera nenhum documento.

— Prezado senhor cabo — manifestou-se o voluntário —, os papéis não vêm sozinhos ao chefe da escolta. Como a montanha não vai a Maomé, o chefe da escolta tem que ir buscá-los pessoalmente. O senhor está agora diante de uma nova situação.

Definitivamente, o senhor não pode reter ninguém que deva ser libertado. Por outro lado, de acordo com as normas vigentes, ninguém pode abandonar o vagão reservado aos militares detidos. Na verdade, não sei como vai sair desta enrascada. As coisas estão ficando cada vez mais complicadas. E já são dez e meia.

O voluntário voltou a guardar o relógio no bolso.

— Estou muito interessado em saber, prezado cabo, o que o senhor fará dentro de meia hora.

— Daqui a meia hora eu estarei no vagão de carga — repetiu Švejk com ar sonhador.

O cabo, absolutamente arrasado e atrapalhado, dirigiu-se a ele:

— Se não tiver nada contra, creio que aqui está mais confortável do que no vagão de carga. Penso que...

Foi interrompido pelo grito do capelão adormecido: "Mais molho!"

— Durma, durma — disse Švejk bondosamente, enquanto lhe colocava sob a cabeça uma ponta do casaco, que estava caindo do banco. — Continue sonhando com comilanças.

E o voluntário começou a cantar:

Durma, menino, durma,
Feche seus olhinhos.
Deus dormirá com você,
Os anjinhos balançam seu bercinho.
Durma, menino, durma.

O cabo, desesperado, não reagia mais a nada. Observava com apatia a paisagem e permitiu que o caos tomasse conta do compartimento dos detidos.

Os soldados da escolta brincavam de sardinha e as lambadas ágeis e pesadas atingiam suas nádegas. Quando o cabo se virou, percebeu que um soldado da infantaria estava olhando para seu traseiro; suspirou e se virou de novo para a janela.

O voluntário ficou pensando em alguma coisa durante algum tempo e depois se dirigiu ao oficial deprimido:

— O senhor conhece a revista *O mundo animal*?

— Quem assinava essa revista — respondeu o cabo com uma expressão de alegria ao ver que a conversa mudava de rumo — era o taverneiro da minha aldeia, porque era apaixonado por cabras angorás e todas que tinha morreram. Por isso pediu conselhos à revista.

— Queridos amigos — disse o voluntário —, a história que vou lhes contar demonstrará, claramente, que ninguém está livre de cometer erros. Estou convencido, senhores, de que até aqueles que estão lá atrás pararão de brincar de sardinha porque o que vou lhes contar agora será muito interessante, até mesmo pelo fato de que não entenderão algumas expressões técnicas. Vou lhes contar uma história sobre *O mundo animal*[34] que fará com que esqueçamos nossas trapalhadas bélicas.

"O fato de ter conseguido ser redator da revista *O mundo animal* foi para mim um grande mistério, até que cheguei à conclusão de que só poderia ter aceitado aquele trabalho em um estado de absoluto desequilíbrio ao qual me levara a afetuosa

amizade que sentia por mim meu velho amigo Hájek. Até então ele dirigira a revista com dedicação, mas se apaixonou pela filha do proprietário, o senhor Fuchs, que o expulsou na hora e além disso o obrigou a indicar um redator que fosse decente. Como estão vendo, naquela época as relações laborais eram bem surpreendentes.

"Depois de Hájek ter me apresentado, o dono da revista me recebeu com extrema amabilidade e perguntou se tinha alguma ideia sobre animais. Ficou muito feliz quando lhe respondi que 'sempre os respeitara muito e que os considerava uma etapa da transição ao homem, que sempre havia respeitado seus desejos e anseios, sobretudo no que se referia a sua proteção. Os animais querem apenas morrer da maneira menos dolorosa possível antes de serem devorados. A carpa, desde que nasce, tem a ideia fixa de que não é bonito que a cozinheira a destripe enquanto ainda se debate. O procedimento de cortar o pescoço dos frangos é aconselhado pela Sociedade Protetora dos Animais, em sua tentativa de evitar que sejam degolados por mãos inexperientes. A posição retorcida de alguns pescados feitos na chapa demonstra que no momento de morrer protestam contra o fato de serem fritos vivos na margarina em Podolí. Encurralar um peru...'

"Então me interrompeu e me perguntou se eu conhecia a fundo a criação de aves, cachorros, coelhos e abelhas, se sabia recortar fotos de revistas estrangeiras para reproduzi-las, traduzir artigos sobre animais, se sabia me orientar no manual de zoologia de Brehm e se saberia redigir, usando-o, artigos de fundo sobre a vida dos animais, levando em conta as festividades católicas; se poderia escrever sobre a mudança das estações, sobre as corridas de cavalos, as caçadas, o adestramento de cães policiais, sobre festas nacionais e eclesiásticas. Em resumo, se tinha uma visão jornalística da situação e se saberia usá-la para redigir um breve editorial, ao mesmo tempo conciso e denso.

"Declarei que havia refletido muito sobre a melhor maneira de dirigir uma revista como *O mundo animal,* que era capaz de assumir todas as suas seções, porque dominava perfeitamente os temas mencionados e que meu maior anseio era levar a revista a tiragens insuspeitas, reorganizá-la quanto à forma e ao conteúdo.

"Que queria criar novas seções, como 'O alegre rincão dos animais' ou então 'Os animais falam sobre animais', levando sempre em consideração a situação política.

"Que tentaria oferecer aos leitores uma surpresa atrás da outra para que permanecessem em constante expectativa. Disse que a coluna 'O dia dos animais' tinha que se alternar com um 'Novo programa para resolver a questão dos animais domésticos' e 'O movimento dos bovinos'.

"Interrompeu-me de novo e me disse que tudo o que acabara de lhe dizer já era suficiente e que se conseguisse cumprir apenas a metade do que estava prometendo me daria de presente um par de galinhas anãs da raça wyandotte, que na última exposição de Berlim haviam obtido o primeiro prêmio e pelas quais seu dono recebera uma medalha de ouro como recompensa pelo ótimo cruzamento obtido.

"Posso dizer que me esforcei muito para levar a cabo meu programa na revista. Até descobri que meus artigos superavam minha capacidade.

"Como queria oferecer ao público algo completamente inaudito, inventava novos animais. Parti do princípio de que o elefante, o tigre, o leão, o macaco, a toupeira, o cavalo, o porco etc., eram conhecidos havia muito tempo pelos leitores. Portanto era necessário surpreendê-los com algo singular, com novas descobertas. Experimentei a baleia de ventre sulfúrico. Esta nova espécie de baleia era do tamanho de um bacalhau e

sua vesícula era cheia de ácido fórmico e tinha uma cloaca especial, de onde saía um ácido venenoso que mais tarde um sábio inglês, não recordo seu nome, chamou de ácido balênico; com esse ácido, a baleia de ventre sulfúrico salpicava os peixes pequenos para depois devorá-los. A gordura da baleia já era conhecida no mundo inteiro, mas o novo ácido balênico chamou a atenção de alguns leitores que se interessaram pelo nome da empresa que o fabricava.

"Posso lhes assegurar que os leitores da *O mundo animal* são muito curiosos.

"Logo depois da baleia de ventre sulfúrico inventei uma série de outros animais. Citarei alguns: o astuto cervo-marinho, um mamífero da família dos cangurus; o touro comestível, um antepassado da vaca; o vibrião sépia, que defini como uma espécie de rato de esgoto.

"Meus novos animais se multiplicavam a cada dia. Eu mesmo estava surpreso com meus êxitos naquela especialidade. Nunca teria imaginado que fosse necessário ampliar tanto o reino animal e que Brehm em seu livro *A vida dos animais* tivesse ignorado tantos. O que Brehm e todos os seus discípulos sabiam do meu morcego da Islândia, 'o morcego distante', sobre meu gato dos cumes do Kilimanjaro, conhecido como 'gato cervino excitável'?

"Os biólogos da época tinham alguma ideia a respeito do 'percevejo do engenheiro Kuhn', que encontrei no âmbar e que era completamente cego porque vivia sobre uma toupeira pré-histórica que também era cega porque sua bisavó havia copulado, segundo escrevi, com um percevejo subterrâneo cego das cavernas da Postumia, que naqueles tempos chegavam até o atual mar Báltico?

"Aquele episódio de pouca importância desatou uma grande polêmica entre os jornais *Čas* e *Čech,*[35] porque este último, em uma nota onde citava meu artigo, declarou: 'O que Deus fez, bem-feito está.' Como era de se esperar, o *Čas,* partindo de premissas puramente realistas, fulminou meu percevejo e o respeitável *Čech* ao mesmo tempo e, a partir desse momento, pareceu que minha boa estrela de inventor e descobridor de novas criaturas me abandonara. Os assinantes de *O mundo animal* começaram a se inquietar.

"O motivo da inquietação foram algumas de minhas breves notícias sobre a apicultura e a avicultura nas quais havia desenvolvido minhas teorias, que provocaram um verdadeiro pânico, porque meus conselhos, bastante simples, tiveram como consequência que o conhecido apicultor Pazourek tivesse um derrame e que fosse extinta a apicultura na Šumava e em Podkrkoniši, no norte da Boêmia. Houve uma epidemia avícola. Em síntese, todos os animais começaram a morrer. Os assinantes começaram a escrever cartas ameaçadoras e a rejeitar a revista.

"Então comecei a me concentrar nos pássaros que vivem em liberdade, e ainda hoje recordo a polêmica que se armou com o deputado clerical Josef M. Kadlčák, redator-chefe da revista *Panorama rural*.

"Recortei da revista inglesa *Country Life* a fotografia de um pássaro pousado sobre uma nogueira e o chamei de ave da nogueira, da mesma maneira que, logicamente, não teria hesitado em chamar de ave do zimbro um pássaro pousado sobre um zimbro, o qual, inclusive, poderia ter chamado de ave fêmea do zimbro.

"E sabem o que aconteceu? O senhor Kadlčák me mandou um bilhete no qual me atacava, dizendo que aquele pássaro não era nenhum tipo de ave da nogueira e

sim um gaio normal e comum, e que o termo 'ave da nogueira' era uma tradução da palavra alemã *Eichelhäher* — gaio.

"Enviei-lhe uma carta expondo toda minha teoria sobre a ave da nogueira, misturando alguns insultos e citações de Brehm que eu mesmo inventei.

"O deputado Kadlčák me respondeu no *Panorama rural* com um editorial.

"Meu chefe, o senhor Fuchs, estava como sempre sentado em um café, mergulhado na leitura dos jornais provinciais, nos quais ultimamente procurava as reações provocadas pelos meus interessantíssimos artigos de *O mundo animal*. Quando cheguei, me apontou o *Panorama rural* deitado na mesa enquanto me olhava com a tristeza que ultimamente não abandonava seus olhos.

"Li em voz alta diante de todos os clientes do café:

> "'Prezado diretor,
>
> "'Devo chamar sua atenção para o fato de que sua revista introduz uma terminologia pouco habitual e injustificada, não dá suficiente atenção à pureza da língua tcheca e inventa animais. Por exemplo: em lugar do antigo nome "Gaio", de uso corrente, seu redator introduz o termo "ave da nogueira", que se baseia na tradução do alemão Eichelhäher, ou seja, gaio.

"'Gaio!' — repetiu o dono da revista, desesperadamente, depois de mim.'

"Continuei lendo tranquilamente:

> "'Recebi então uma carta de seu redator, uma carta grosseira e impertinente, na qual me tratava de burro ignorante, algo que merece um castigo exemplar. Não é assim que pessoas educadas respondem a questões de caráter científico. Gostaria de saber quem de nós é mais burro. Talvez não devesse ter enviado um bilhete e sim uma carta, mas devido ao excesso de trabalho não dei atenção a uma minudência como essa; agora, não obstante, depois do ataque grosseiro de seu redator de O mundo animal, penso em desmascará-lo publicamente.
>
> Seu redator se equivoca de cabo a rabo ao me tratar de animal ignorante que não sabe o nome desse ou daquele pássaro. Faz anos que me ocupo da ornitologia e não me baseio apenas em livros, mas em estudos feitos na natureza e no fato de que tenho mais pássaros na gaiola do que seu redator jamais viu em toda sua vida, e com mais motivo ainda porque deve se tratar de um homem que nunca sai dos botequins de Praga.
>
> Mas isto é de somenos importância, embora não fosse excessivo querer que seu redator se certificasse primeiro da identidade da pessoa que ele qualifica de estúpida antes que esta palavra saísse de sua pena, mesmo que seja dirigida a uma pequena aldeia da Morávia onde sua revista tinha assinantes antes do artigo em questão.
>
> No entanto, não se trata agora de manter uma polêmica com um louco, mas de um assunto concreto, e por isso repito que é inadmissível inventar

nomes traduzidos enquanto existirem termos conhecidos em nossa língua, como gaio.

"'Sim, gaio' — disse meu chefe em um tom de voz ainda mais desesperado do que antes.

"Continuei lendo com toda a calma do mundo, sem deixar que me interrompessem:

'É uma infâmia que pessoas incompetentes e mal-educadas se permitam fazer esse tipo de coisa. Alguém ouviu um gaio ser chamado de ave da nogueira? Na obra *Nossos pássaros,* página 148, está presente a denominação latina *Garrulus glandarius B.* E é como se chama meu pássaro — gaio. O redator de sua revista certamente admitirá que conheço meu pássaro melhor do que alguém que não é especialista. Segundo o doutor Bayer, a ave da nogueira se chama *Mucifraga carycatectes B.*, e este B não é a inicial da palavra *bobão* como escreveu seu redator. Além disso, os ornitólogos tchecos conhecem apenas o gaio e não sua ave da nogueira, que inventou o senhor ao qual, sim, se pode aplicar o significado que em sua teoria tem a inicial B. Seu vil ataque não mudará em nada a realidade das coisas.

O gaio continuará sendo gaio por mais que o redator de sua revista tenha perdido o norte. Isto só demonstra com que atrevimento e quão levianamente escreve e o descaramento com que cita Brehm. O desavergonhado escreve que, segundo Brehm, página 452, onde se trata do picanço comum ou pássaro insetívoro (*Lanius minor L.*), o gaio pertence à família dos crocodilos. Depois, o ignorante, para usar um eufemismo, volta a inventar uma citação de Brehm dizendo que o gaio pertence à décima quinta família dos corvos, enquanto Brehm situa os corvos na décima sétima, à qual também pertencem os corvos, mas do gênero gralha. Seu redator é tão atrevido que me chama de gralha (*Colaeus*), corvo azul, subgrupo dos bobos ineptos, embora nessa página se fale do gaio do bosque e da matraca...

'Gaio do bosque' — suspirou o dono da revista, levando as mãos à cabeça. — 'Me dê isso, que eu termino de ler.'

"Assustei-me porque sua voz soava rouca enquanto lia: 'O colibri e o melro turco continuam sendo o que são, da mesma maneira que um tordo será sempre um tordo.' O tordo deveria ser chamado de ave do zimbro — observei — porque se alimenta de zimbro.

"O senhor Fuchs jogou a revista na mesa e, proferindo com voz rouca as últimas palavras que havia lido, se enfiou debaixo da mesa de bilhar. 'Tordo, colibri. Não existe nenhum gaio!' — berrava de debaixo da mesa de bilhar. — 'Cuidado, senhores, eu mordo!'

"Ao final o tiraram dali e ao cabo de três dias morreu vítima de uma inflamação cerebral, cercado por sua família. Suas últimas palavras em um momento de lucidez foram: 'Não se trata de meu interesse pessoal, mas do bem da comunidade. Desse

ponto de vista, façam o favor de aceitar minha opinião, tão objetivamente como...' — e soluçou."

O voluntário fez uma pausa e depois disse, maliciosamente:

— Com isto só queria dizer que todo mundo pode se ver em uma situação delicada e pode se equivocar.

De tudo aquilo o cabo só entendeu que havia se equivocado e por isso se virou de novo para a janela e começou a olhar, de maneira sombria, a paisagem que deixavam para trás.

Os homens da escolta ficaram se entreolhando de uma maneira estúpida.

A narrativa despertou um grande interesse em Švejk e por isso o bom soldado começou a contar outra história:

— No mundo nada permanece em segredo. Tudo vem à tona, como vocês ouviram. Nem um vulgar gaio se deixa confundir com uma ave da nogueira. É mesmo bem interessante saber que alguém pode se deixar enganar por algo assim. Mas inventar animais é muito mais difícil. Uma vez em Praga, um tal de Mestek descobriu uma sereia e a expôs na rua Havlíček, em Vinohrady, atrás de uma cortina. Havia feito um buraco através do qual todo mundo podia ver um sofá normal, comum, e nele, estirada, uma mulher de Žižkov. Tinha as pernas envoltas em uma gaze verde que representava a cauda, havia tingido os cabelos de verde e usava luvas também verdes nas quais costurara nadadeiras de cartolina verde. Haviam amarrado um leme em suas costas. Os menores de dezesseis anos não tinham acesso. Os maiores de dezesseis que haviam comprado a entrada estavam felizes porque a sereia tinha uma bunda enorme sobre a qual havia a inscrição: "Até a vista!"

"Os seios não eram nada do outro mundo. Pendiam-lhe até o umbigo como os de uma prostituta cansada da vida. Às sete o senhor Mestek fechou o teatro e lhe disse: 'Sereia, já pode ir para casa.' Ela se trocou e às dez foi vista passeando pela rua Tábor, dirigindo-se discretamente a todos os homens que encontrava: 'Olá, meu lindo, não quer se divertir um pouco comigo?' Como não tinha nenhum documento, o senhor Drašner a prendeu em uma blitz junto com outras senhoritas da mesma profissão e Mestek perdeu seu negócio."

Naquele momento, o capelão caiu do banco e continuou dormindo no chão. O cabo ficou por um momento observando-o boquiaberto e depois, no meio de um silêncio sepulcral e sem que os demais o ajudassem, levantou-o e o colocou de novo no banco. Era evidente que havia perdido toda a autoridade, pois quando disse, desesperado, em voz baixa: "Vocês poderiam me ajudar um pouco!", todos os soldados da escolta o olharam fixamente e não moveram nem um músculo.

— Deveria tê-lo deixado roncando onde estava — disse Švejk —, eu com meu capelão nunca fiz diferente. Uma vez deixei-o dormir na latrina, outra ficou dormindo em cima de um armário, também na tina de lavar roupa de outra casa e Deus sabe em mais quantos lugares roncou.

O cabo teve um repentino ataque de determinação. Quis demonstrar que ele era o único que mandava e por isso disse bruscamente:

— Cale-se, pare de dizer besteiras! É típico dos ordenanças falar sem parar. Você é um percevejo!

— Sim, naturalmente, e o senhor é Deus, cabo — respondeu Švejk com a serenidade de um filósofo que luta pela paz sobre a Terra e para consegui-la se envolve

em ardorosas polêmicas. — O senhor é a Nossa Senhora das Sete Dores.

— Meu Deus do céu — exclamou o voluntário juntando as mãos —, encha nosso coração de amor por todos os oficiais para que possamos olhá-los sem aversão. Benza nossa convivência neste calabouço sobre rodas!

O cabo ficou vermelho e deu um pulo:

— Eu o proíbo de fazer qualquer comentário, voluntário.

— Não é culpa sua — continuou o voluntário em um tom tranquilizador. — A natureza negou inteligência aos animais de muitas famílias e espécies. Ouviu falar alguma vez da estupidez humana? Não teria sido melhor se o senhor tivesse nascido como membro de outra espécie de mamíferos e não tivesse que carregar o estúpido nome de homem e de cabo? Se acha que é o ser mais perfeito e evoluído de todos, está redondamente enganado. Se lhe arrancassem os galões, o senhor seria um zero à esquerda, nem um pouco interessante, como os que morrem a tiros em todas as trincheiras de todos os fronts. Se lhe derem outro galão e o transformarem em um animal chamado primeiro-cabo, tampouco ganhará qualquer coisa. Seu horizonte se estreitará ainda mais, e quando deixar seus ossos culturalmente atrofiados repousarem em paz em algum campo de batalha, em toda a Europa não será encontrado ninguém que se disponha a chorar pelo senhor.

— Vou mandar prendê-lo! — gritou, desesperado, o cabo.

O voluntário sorriu:

— Suponho que queira mandar me prender porque acha que o ofendi. Mas aí estaria mentindo, porque seu nível espiritual não é capaz de entender nenhuma ofensa. Além disso, aposto o que quiser que o senhor não se lembra mais de nenhuma palavra de toda nossa conversa. Se lhe disser que é um feto, certamente esquecerá a palavra, não quando chegarmos à próxima estação, mas antes de passarmos ao largo do primeiro poste telegráfico. Seu cérebro está completamente atrofiado. Não posso imaginar de nenhuma maneira que seja capaz de resumir com um mínimo de coerência o que acabou de me ouvir dizer. Afora isso, pode perguntar a quem quiser se em minhas palavras houve a menor alusão ao seu horizonte espiritual e se o ofendi de alguma maneira.

— Com certeza — confirmou Švejk. — Aqui ninguém lhe disse uma única palavra que possa ser mal interpretada. Sentir-se ofendido sempre dá maus resultados. Uma vez fui ao café noturno Tunel e ficamos falando de orangotangos. Também estava lá um marinheiro que dizia que muitas vezes é difícil distinguir um orangotango de um cidadão barbudo, que o queixo dos orangotangos é peludo como... "como, como...", disse, "digamos, o daquele senhor da mesa ao lado". Todos se viraram, mas o senhor do queixo peludo foi até o marinheiro e lhe deu um bom murro e o agredido respondeu quebrando a cabeça do agressor com uma garrafa de cerveja. O senhor queixudo caiu e ficou inconsciente. Tivemos que nos despedir do marinheiro porque, depois de ter visto que por pouco não matara o homem, foi embora. Então ressuscitamos o sujeito, coisa que, definitivamente, não deveríamos ter feito, porque assim que recuperou a consciência chamou a polícia, que levou todo mundo para a delegacia, embora não tivéssemos culpa de nada. Uma vez ali, ficou insistindo que o havíamos tomado por um orangotango, que só falávamos dele. E nós dissemos que não, que não era um orangotango. E ele que sim, que ouvira a gente dizer aquilo. Pedi ao senhor comissário que lhe explicasse, por favor, do que se tratava. Então este começou a explicar com toda sua boa-fé que se tratava de um equívoco, mas o senhor não aceitou sua versão e disse ao comissário que ele não o

entendia e que havia se aliado conosco. De maneira que o comissário ordenou que o prendessem para que se acalmasse. Nós queríamos voltar ao Tunel, mas não pudemos porque também fomos presos. Então você está vendo, senhor cabo, que escândalo pode ser armado a partir de um pequeno e insignificante mal-entendido. Em Okrouhlice havia um homem que se ofendeu quando em Německy Brod lhe disseram que era um píton. Há palavras que não são puníveis. Por exemplo, se lhe disséssemos que é uma ratazana, ficaria zangado com a gente?

O cabo berrou. Não se pode dizer que tivesse gritado. O ódio, a raiva, o desespero, tudo se fundia em uma série de sons estridentes, em um concerto improvisado acompanhado pelos silvos emitidos pelo nariz do capelão adormecido.

Depois do berro, o cabo foi tomado por uma depressão absoluta. Sentou-se no banco com seus olhos aguados e inexpressivos e fixou-os nas florestas e nas montanhas distantes.

— Senhor cabo — disse o voluntário —, agora que está seguindo com os olhos os profusos e aromáticos bosques, me leva a pensar na figura de Dante. O mesmo rosto nobre do poeta e do homem de coração suave e de alma generosa, aberta a qualquer impulso de gentileza. Continue sentado, por favor. Esta pose lhe favorece tanto! Com que espiritualidade, sem rigidez nem disfarce, seus olhos observam a natureza! Certamente está pensando na beleza da primavera, quando no lugar deste cenário desolado estiver se estendendo por todos os lugares um tapete de flores silvestres...

— ... em torno do qual flui um riacho — acrescentou Švejk —, e o cabo, sentado em um tronco, umedece um lápis com a saliva e escreve um poema para a revista *O pequeno leitor*.

O cabo permanecia em um estado de absoluta apatia enquanto o voluntário afirmava que havia visto a escultura de sua cabeça numa exposição.

— Desculpe, cabo, o senhor não foi modelo do escultor Štursa?

O cabo olhou para o voluntário e disse com tristeza:

— Não.

O voluntário se esticou no banco e não disse mais nada.

Os soldados da escolta jogavam cartas com Švejk; o cabo, por puro desespero, xeretava o jogo de tempos em tempos e acabou se permitindo observar que Švejk se equivocara ao comprar o ás de espadas e que isso era um erro. Se não o tivesse feito, teria ficado com um sete na última das mãos.

— Nas tavernas tinham o hábito de pendurar cartazes contra os bisbilhoteiros — disse Švejk. — Recordo um: "Abelhudo, segure a boca se não quiser levar um soco."

O trem entrou na estação, onde a inspeção devia passar pelos vagões. Parou.

— Bem — disse o desapiedado voluntário olhando para o cabo com picardia —, eis a inspeção...

E os inspetores entraram no vagão.

O estado-maior designara um oficial da reserva, o doutor Mráz, para comandar o trem militar.

Os oficiais da reserva eram sempre designados para tarefas insignificantes como esta. O doutor Mráz estava enfurecido. Embora fosse professor de matemática do primeiro grau, não conseguia contar direito quantas pessoas ocupavam um único vagão. Fora isso, na última estação o número de soldados de cada vagão não coincidira com a cifra que fora indicada depois que todos embarcaram nos vagões na estação de Budějovice. Ao examinar os documentos, também achou, por mais que olhasse, que havia duas cozinhas a mais. Sentiu calafrios desagradáveis começarem a percorrer sua espinha ao constatar que os cavalos haviam se multiplicado como por arte de magia. Na lista dos oficiais, figuravam dois cadetes, e não conseguia encontrá-los por mais que os procurasse. No escritório do batalhão, localizado no primeiro vagão, procuraram inutilmente uma máquina de escrever. Esse caos lhe deu dor de cabeça, tomou três aspirinas e agora revistava o trem com uma expressão de dor no rosto.

Ao entrar no compartimento dos detidos acompanhado pelo guia, deu uma olhada nos papéis e ouviu um relatório do cabo, que estava arrasado. Este o informou de que conduzia dois detidos e que tinha tantas e tantas pessoas sob sua responsabilidade. Checou de novo a autenticidade dos documentos e deu uma olhada em volta.

— Quem está levando com você? — perguntou com expressão severa, apontando o capelão, que dormia de bruços e com o traseiro desafiando os inspetores.

— Humildemente, senhor — balbuciou o cabo —, é que nós, esta coisa...

— Como esta coisa? — rosnou o inspetor Mráz. — Fale claramente.

— Humildemente, senhor — disse Švejk no lugar do cabo —, este homem que está dormindo em cima da barriga é um senhor capelão militar bêbado. Juntou-se a nós, entrou no vagão e, como é nosso superior, não pudemos expulsá-lo, pois seríamos acusados de insubordinação. Provavelmente confundiu o vagão do estado-maior com o dos detidos.

O doutor Mráz suspirou, examinou seus papéis e não encontrou nenhuma referência a um capelão-mor militar que deveria ser levado de trem a Most nad Litavou. Piscou com nervosismo. Na última estação haviam se multiplicado, de repente, cavalos, e agora, inesperadamente, brotavam capelães-mores nos compartimentos dos detidos.

Não conseguiu fazer nada além de pedir ao cabo que virasse o dorminhoco de barriga para cima porque na posição em que estava não era possível identificá-lo.

O cabo virou com grande esforço o inerte capelão-mor, que, ao acordar e ver diante dele o oficial, disse em alemão:

— Olá, Fredy! O que há de novo? O jantar já está pronto?

E em seguida fechou os olhos e se virou para a parede.

O doutor Mráz viu logo que se tratava do glutão que participara da farra dos oficiais na noite anterior, comera tudo e mais um pouco, e deixou escapar um leve suspiro.

— Por isto o enviaremos ao conselho de guerra — disse ao cabo.

Quando já ia embora, Švejk o deteve.

— Humildemente, senhor, este não é mais o meu vagão. Tinha que estar encarcerado apenas até as onze, porque exatamente hoje termina a minha pena. Fui preso por três dias e faz muito tempo que passou das onze, por favor, senhor, gostaria de ser deixado na pista ou levado ao vagão de carga, que é o meu lugar, ou perante o tenente Lukáš.

— Como você se chama? — perguntou-lhe o doutor Mráz, voltando a examinar seus papéis.

— Josef Švejk, humildemente, senhor.

— Hum... Então você é o famoso Švejk! — disse o doutor Mráz. — De fato, você deveria ter abandonado o vagão às onze. Mas o tenente Lukáš me pediu que não o deixe sair antes de Most nad Litavou. Acha mais seguro; assim você não fará nenhuma besteira durante a viagem.

Quando a inspeção havia terminado, o cabo não conseguiu evitar uma observação sarcástica:

— Então está vendo, Švejk, não lhe adiantou de merda nenhuma se dirigir à autoridade máxima. Se quisesse, poderia ter afogado os dois.

— Cabo — disse o voluntário —, falar de merda nenhuma significa recorrer a uma forma de argumentação mais ou menos compreensível. No entanto, uma pessoa inteligente não usaria esse tipo de vocabulário, por mais irritada que estivesse ou por mais que quisesse ofender alguém. E depois sua ameaça de que, se quisesse, poderia ter nos afogado... Por que diabo não o fez se teve oportunidade? Isso indica a magnanimidade de sua alma e uma delicadeza incomum.

— Estou farto! — pulou o cabo. — Posso enfiar os dois no cárcere!

— E por que motivo, pombinho? — perguntou ingenuamente o voluntário.

— Isso é um assunto meu — respondeu o cabo, adquirindo coragem.

— Assunto seu! — replicou o voluntário com um sorriso. — Seu e nosso. Como no jogo de cartas: "Uma para mim, outra para você." Diria melhor: que o impressionou o fato de ter de comparecer diante do conselho de guerra, e essa é a razão pela qual começou a gritar com a gente, contrariando os regulamentos, naturalmente.

— Vocês são uns sem-vergonha! — disse o cabo e, recorrendo à coragem que lhe restava, adotou uma expressão ameaçadora.

— Vou lhe dizer uma coisa, senhor cabo — disse Švejk. — Eu já sou um velho soldado, servi antes da guerra, e posso garantir que esses insultos não servem para nada. Recordo que há muitos anos, quando estava fazendo o serviço militar, em nossa companhia havia um vagabundo, um tal de Schreiter. Estava no exército por causa da sopa. Como era cabo, fazia tempo que podia ter ido para casa, mas estava, como se diz, sentimental. Então esse sujeito ficava em cima dos soldados, grudava na gente como a merda na camisa, uma hora dizia que não estava direito, outra hora que era contra o regulamento, nos ameaçava como podia e dizia: "Vocês não são soldados, mas guardas ferroviários." Um dia em que já estava farto, fui me queixar ao capitão da companhia. "O que você quer?", me perguntou. "Humildemente, senhor capitão, venho apresentar uma queixa contra o nosso sargento, o senhor Schreiter. Nós somos soldados imperiais e não guardas ferroviários, como ele diz. Nós servimos ao senhor imperador e não somos meros guardiões de frutas." "Olhe, seu verme", me disse o capitão, "não quero voltar a vê-lo aqui". Mas eu lhe pedi respeitosamente que me levasse ao tenente-coronel. Quando expus ao tenente-coronel que não éramos guardas ferroviários mas soldados imperiais, me impôs dois dias de prisão, mas eu pedi que me levasse ao coronel. Uma vez tendo escutado minha explicação, o coronel gritou que eu era um imbecil e que fosse para o inferno. E eu lhe disse: "Humildemente, senhor coronel, exijo que me levem ao general de brigada." Isso o assustou, de maneira que mandou chamar o vagabundo do Schreiter ao escritório e o obrigou a me pedir desculpas diante de todo mundo por aquele guarda

ferroviário. Então ele me alcançou no pátio e anunciou que a partir daquele dia não me insultaria nunca mais, mas me enviaria diretamente ao cárcere da guarnição.

"A partir de então passei a ser mais cuidadoso, mas não me serviu de nada. Uma vez estava de sentinela no armazém, onde aqueles que haviam me precedido tinham escrito coisas na parede, ou, no mínimo, haviam desenhado uma genitália feminina ou escrito algum verso. Como não me ocorria nada, por puro tédio escrevi 'O vagabundo do Schreiter é um imbecil' e assinei embaixo. E o imbecil me denunciou em seguida, porque me espionava como se fosse um bloodhound. Por um infeliz acaso, justo em cima da minha frase havia outra: 'Nós não iremos à guerra, a mandamos à merda.' Corria o ano de 1912 e tivemos que ir à Sérvia por causa daquele cônsul Procházka.[36] Assim, pois, me enviaram diretamente a Terezín, ao tribunal territorial. Os instrutores do conselho de guerra tiraram não menos de quinze fotografias da parede do armazém com os desenhos, as frases e minha assinatura. Fizeram-me escrever dez vezes para comparar minha letra: 'Nós não iremos à guerra, a mandamos à merda' e quinze vezes 'O vagabundo do Schreiter é um imbecil'. Por fim, um grafólogo me fez escrever: 'Em 29 de julho de 1897, a cidade de Králův Dvůr sobre o Elba conheceu os horrores do impetuoso rio transbordado.' 'Isso não é suficiente', disse o auditor, 'o que importa é a palavra *merda*. Ditem-lhe palavras onde haja muitos emes e muitos dês'. Então me ditaram as palavras *mandar*, *mordida*, *mandrágora*, *mandril*, *medo*. O grafólogo estava soltando fumaça pelas orelhas e não parava de se virar para trás, onde estava parada uma sentinela com uma baioneta. Finalmente declarou que todo o material teria de ir a Viena e me ordenou que escrevesse três vezes: 'O sol começa a esquentar, fará um calor magnífico.' Enviaram tudo a Viena e finalmente chegaram à conclusão de que eu não era o autor das frases; no entanto, a assinatura sim era minha, coisa que reconheci. Por isso me condenaram a seis semanas, alegando que eu escrevera minha assinatura enquanto estava de guarda, e que, evidentemente, havia descumprido meu dever ao assinar na parede."

— Isto demonstra que, apesar de tudo, não ficou sem castigo, pois você é um criminoso — afirmou o cabo com satisfação. — Se eu estivesse no lugar daquele juiz, não lhe teria dado seis semanas, mas seis anos.

— Não seja tão cruel — interveio o voluntário —, e pense melhor no seu próprio fim. Não faz muito tempo que os inspetores lhe comunicaram que terá de se apresentar perante o conselho de guerra. Para uma coisa dessas teria que se preparar seriamente e refletir sobre os últimos momentos de um cabo. Na verdade, o que é o senhor em comparação com o universo? Já pensou que a estrela fixa mais próxima deste trem militar está 275 mil vezes mais distante do que o Sol, de modo que sua paralaxe mede um segundo de círculo? Se o senhor fosse uma estrela fixa no universo, seria muito insignificante para que pudesse avistá-lo até mesmo o mais perfeito dos instrumentos astronômicos. Não há palavras que possam definir sua insignificância dentro do universo. Em meio ano descreveria no firmamento um arco diminuto, em um ano uma pequena elipse, tão pequena que seria impossível expressá-la com cifras. Seria impossível medir sua paralaxe.

— Nesse caso — observou Švejk —, o senhor cabo deveria estar orgulhoso de que ninguém possa medi-lo. Mas, aconteça o que acontecer no conselho de guerra, fique tranquilo e não se aborreça, porque o aborrecimento prejudica a saúde, e em tempos de guerra não se deve adoecer, porque a guerra exige que cada um se cuide e goze

de boa saúde. Se o prenderem, cabo — continuou Švejk com um sorriso plácido —, e se forem de alguma maneira injustos com o senhor, não perca o ânimo. Deixe que as pessoas digam o que quiserem e o senhor, por sua vez, também pense naquilo que tiver vontade. Conheci um carvoeiro que estava trancado comigo no começo da guerra na chefatura de Praga, um tal de František Škvor. Havia sido detido por alta traição e mais tarde provavelmente o penduraram por causa de uma tal de Sanção Pragmática; teve azar. Quando lhe perguntaram durante o interrogatório se tinha objeções a fazer em relação à acusação, disse:

Seja como for e aconteça o que acontecer,
sempre tudo foi indo de alguma maneira,
e ainda não chegou o dia em que não possa ir indo.

"Por isto o levaram a um cubículo escuro e durante dois dias não lhe deram nada para comer nem beber, depois voltaram a interrogá-lo e ele insistiu em sua teoria de que seja como for e aconteça o que acontecer, sempre tudo foi indo de alguma maneira, e ainda não chegou o dia em que não possa ir indo. Suponho que deve ter acabado na forca, porque fiquei sabendo que o enviaram ao tribunal militar."

— Agora estão pendurando e fuzilando um monte de pessoas — disse um dos soldados da escolta. — Não faz muito, no campo de manobras, nos leram um comunicado que dizia que em Motol haviam fuzilado um soldado da reserva, um tal de Kudrna; o que aconteceu foi que um oficial havia ferido com um sabre seu filho, que sua mulher carregava nos ombros quando se despediam na estação de Benešov, e Kudrna se enfureceu. Estão prendendo, sobretudo, pessoas politizadas. Também fuzilaram um jornalista na Morávia. E nosso capitão disse que esse era o destino que esperava muita gente.

— Tudo tem seu limite — disse o voluntário.

— Você tem razão — manifestou-se o cabo —, esses jornalistas, sempre dispostos a amotinar as pessoas, merecem. No ano passado, quando eu era segundo cabo, tinha sob minhas ordens um jornalista que me chamava de ruína do exército e quando o enviava para fazer exercícios até que suasse aos jorros, protestava: "Peço-lhe que respeite o ser humano que há em mim." Ensinei-lhe o que era um ser humano num dia em que tínhamos que fazer exercícios no chão e o pátio estava cheio de poças: levei-o a um charco cheio de barro e água e obriguei o espertalhão a cair nele até que a água o encharcou como se fosse uma piscina. E lhe disse que à tarde seu uniforme tinha de estar como se fosse novo, limpo como vidro. E ele, enquanto se limpava, não parava de grunhir e resmungar para seus botões, razão pela qual no dia seguinte visitou novamente o charco e, sob minhas ordens, teve de se chafurdar como se fosse um porco. Depois fiquei diante dele e lhe disse: "Bem, senhor jornalista, quem pode mais, a ruína do exército ou isso que você diz, o ser humano?" Era um desses intelectuais.

O cabo fitava o voluntário com ar triunfal. Depois retomou seu discurso:

— Foi exatamente por culpa de tanta inteligência que perdeu os galões de voluntário. Publicava artigos nos jornais dizendo que os soldados sofriam maus-tratos. Mas quem, em são juízo, não o maltrataria se, apesar de ser uma pessoa muito culta, não sabia desmontar o ferrolho de um fuzil nem mesmo se tivessem lhe ensinado dez vezes?

Quando lhe dizia "Esquerda, volver!" ele girava a cabeça à direita e até parecia que fazia isso de propósito, como se fosse uma gralha. Durante as manobras, não sabia se tinha que pegar antes a correia ou a cartucheira. Quando lhe ensinava de que maneira tinha que fazer a mão deslizar sobre a correia quando carregasse o fuzil, batia continência como um macaco, e quando se tratava de aprender a marchar e dar voltas, não havia maneira. Tanto lhe fazia sobre que pé dava a volta, ia na dele, dava uns quantos passos, pim pam, pim pam, e só então dava a volta, e que volta! Girava como um galo preso no galinheiro e durante as marchas caminhava como alguém que tem gota ou como quando uma velha rameira dança numa festa.

O cabo cuspiu.

— Pegou de propósito um fuzil bem enferrujado para aprender a limpá-lo, esfregou-o como faria um cachorro com uma cadela, mas nem se tivesse comprado mais dois quilos de estopa teria limpado nada. Quanto mais o esfregava, pior e mais oxidado ficava, e na inspeção o fuzil passou de mão em mão e todo mundo se perguntava, atônito, como era possível que continuasse completamente oxidado. Nosso capitão sempre lhe dizia que nunca seria um soldado, que mais lhe valia se enforcar, que estava comendo o rancho para nada. E ele ali, pestanejando atrás de seus óculos ridículos. Para ele era uma grande festa quando não ficava de castigo ou preso no quartel. Naquela época costumava escrever seus artigos para os jornais sobre o maltrato aos soldados, mas uma vez revistaram seu baú. Senhor, os livros que encontraram! Tudo eram livros sobre o desarmamento, sobre a paz entre as nações. Por causa disso o enviaram ao cárcere da guarnição e aí nos deixou em paz; no entanto, de repente voltou a aparecer no escritório, onde preferia escrever suas coisas, pois ali não tinha que se relacionar com os soldados. Foi um triste fim para um intelectual. Ele poderia ter feito carreira se, por estupidez, não tivesse perdido o direito de ser voluntário. Poderia ter chegado a tenente.

O cabo suspirou.

— Não sabia fazer nem as dobras do capote, mandava trazer de Praga unguentos e diferentes líquidos para limpar os botões, e no entanto seus botões eram mais oxidados do que Esaú. Mas sabia falar e quando estava no escritório sempre filosofava. Já antes tinha predileção por isso. Como já disse, era o próprio "ser humano". Uma vez, quando hesitava em que charco devia se atirar depois de ter ouvido a ordem "para baixo!", eu lhe disse: "Como você vive falando do ser humano, até mesmo quando está no barro, lhe recordo que o ser humano foi criado a partir do barro e por isso não vejo que haja nada de ruim nele."

Ao terminar seu discurso, o cabo parecia satisfeito e esperou para ver qual seria a reação do voluntário. Mas foi Švejk quem tomou a palavra:

— Por esse mesmo tipo de coisa, por uma pressão como essa, há alguns anos um soldado do 35º Regimento, um tal de Koníček, apunhalou um cabo e depois a si mesmo. Saiu no *Kurýr*. O cabo tinha no corpo perto de trinta feridas, das quais mais de uma dúzia eram mortais. E como se fosse pouco, depois daquele ataque de fúria o soldado se sentou no cabo morto e apunhalou a si mesmo. Houve outro caso há muitos anos na Dalmácia, onde um cabo foi degolado e até hoje ninguém sabe quem fez aquilo. É um mistério. Só se sabe que o cabo degolado se chamava Fiala e era de Drábovna, aquela cidade perto de Turnov. Também sei de um cabo do 75º Regimento chamado Rejmánek...

Neste momento, um grande gemido procedente do banco onde o capelão Lacina estava dormindo interrompeu o agradável relato.

O capelão despertou em toda sua magnificência e dignidade. Seu despertar veio acompanhado pelas mesmas manifestações do despertar do jovem gigante Gargântua, segundo a descrição do velho e engraçado Rabelais.

O capelão-mor soltou um peido, arrotou e bocejou ruidosamente abrindo a boca de orelha a orelha. Finalmente se sentou e perguntou surpreso:

— Pelo amor de Deus, onde estou?

O cabo, vendo seu superior militar acordar, respondeu com todo respeito:

— Humildemente, senhor capelão, informo que está no vagão dos detidos.

Um lampejo de espanto atravessou o rosto do capelão, que permaneceu por alguns instantes sentado em silêncio, fazendo um grande esforço para pensar. Em vão. Entre o que vivera durante a noite e a manhã e o despertar no vagão, cujas janelas estavam providas de grades, havia um oceano de incerteza.

Por fim perguntou ao cabo, que continuava em pé diante dele, em atitude de respeito:

— E por ordem de quem eu...

— Humildemente, senhor capelão, sem nenhuma ordem.

O padre se levantou e começou a caminhar entre os bancos, sussurrando que nada estava claro.

Voltou a se sentar e disse:

— Aonde estamos indo, então?

— Humildemente, a Most nad Litavou.

— E por que estamos indo a Most nad Litavou?

— Humildemente, nosso 91º Regimento foi transferido para lá.

O padre começou a pensar de novo com intensidade no que acontecera: como havia chegado ao vagão, por que estava indo para Most nad Litavou precisamente com o 91º Regimento e acompanhado por uma escolta.

Olhou ao redor, já tão recuperado de sua bebedeira que conseguiu reconhecer o voluntário, a quem se dirigiu com uma pergunta:

— Você é uma pessoa inteligente. Pode me explicar sem rodeios e com absoluta sinceridade como cheguei aqui?

— Com imenso prazer — disse em tom amistoso o voluntário. — De manhã, na estação, no momento de embarcar no trem, o senhor se uniu a nós porque estava com a cabeça cheia.

O cabo fitou-o com severidade.

— Entrou em nosso vagão — continuou o voluntário — e a partir daí tudo correu bem. Deitou-se no banco e então Švejk colocou o próprio capote embaixo de sua cabeça. Na última estação, durante a inspeção, seu nome foi incluído na lista dos oficiais presentes. Por assim dizer, foi descoberto oficialmente e por isso nosso cabo será submetido ao conselho de guerra.

— Bem, bem — suspirou o capelão —, na próxima estação terei de passar para o vagão do estado-maior. Sabe se já distribuíram o almoço?

— O almoço só será distribuído quando chegarmos a Viena, senhor capelão — interveio o cabo.

— Então você colocou seu capote embaixo da minha cabeça? — o capelão se dirigiu a Švejk. — Agradeço-lhe de todo coração.

— Não é necessário, absolutamente — respondeu Švejk —, trabalhei como deve trabalhar um soldado quando vê um superior sem nada sob a cabeça, sobretudo quando se trata de um religioso. Todo soldado deve respeitar seu superior, mesmo que este esteja um pouco calibrado. Eu tenho muita experiência com capelães militares, porque fui ordenança do capelão Otto Katz. É uma gente alegre, de bom coração.

O capelão teve um surto democrático por causa da ressaca, puxou um cigarro e o ofereceu a Švejk.

— Fume e sopre!

Depois se virou para o cabo:

— Pelo visto, por minha culpa você terá de ir à corte marcial. Não tema, vou salvá-lo, não acontecerá nada com você.

Dirigiu-se de novo a Švejk:

— E levarei você comigo. Vai viver comigo como se estivesse em uma cama de penas.

Então teve um novo ataque de generosidade e garantiu que recompensaria todo mundo: compraria chocolates para o voluntário, rum para os homens da escolta, transferiria o cabo para a seção de fotografia do Estado-Maior da 7ª Divisão de Cavalaria, daria folga para todos e que ninguém o esqueceria.

Começou a repartir os cigarros de sua cigarreira, não apenas a Švejk, e afirmou que permitiria que todos os detidos fumassem, que faria tudo o que fosse possível para que lhes aliviassem o castigo e pudessem se reincorporar à vida militar normal.

— Não quero que guardem más lembranças de mim — disse. — Conheço muita gente e comigo não estarão perdidos. Tenho a sensação de que são pessoas decentes, amadas por Deus. Se pecaram, estão pagando com seu castigo e vejo que suportam, felizes e subservientes, o que Deus lhes enviou. Em virtude de quê — voltou-se para Švejk — você foi castigado?

— Deus me enviou um castigo, senhor capelão — respondeu bondosamente Švejk —, através da corte marcial do regimento, porque me atrasei, fortuitamente, a me incorporar ao meu regimento.

— Deus é justo e misericordioso — disse com solenidade o capelão-mor. — Ele sabe a quem deve castigar, porque com isso demonstra sua clarividência e sua onipotência. E por que você está servindo aqui, voluntário?

— Porque Deus misericordioso houve por bem enviar-me um reumatismo e eu fiquei muito envaidecido — respondeu o voluntário. — Depois de cumprir o castigo, serei enviado à cozinha.

— O que Deus dispõe, dispõe bem — disse o padre, se entusiasmando ao ouvir falar da cozinha. — Ali um homem honrado também pode fazer carreira. Deveriam enviar à cozinha as pessoas inteligentes, devido à mistura de ingredientes, porque não depende de como se cozinha, mas de com que amor se prepara a comida, os condimentos e o resto. Consideremos, por exemplo, um molho. Uma pessoa inteligente, quando faz um molho de cebola, pega todo tipo de verduras e as refoga na manteiga, depois acrescenta especiarias, pimenta-preta, pimenta-da-jamaica, uma pitada de noz-moscada, gengibre; mas um cozinheiro normal, comum, frita a cebola e acrescenta

farinha tostada em gordura. Preferiria ver você preparando o rancho dos oficiais. Sem inteligência a pessoa pode ter um emprego comum e viver sem problemas, mas é na cozinha que os dons se revelam. Ontem à noite, em Budějovice, no cassino dos oficiais, entre outras coisas nos serviram rins ao vinho Madeira. Quem os fez, que Deus lhe perdoe todos os seus pecados, era um homem culto, e também lá, na cozinha dos oficiais, há um professor de Skuteč. E comi os mesmos rins ao vinho de Madeira em um rancho para oficiais do regimento da Guarda Nacional. Usaram cominho, como quando os fazem à pimenta em qualquer taverna. E quem os fez? A que se dedicava o cozinheiro antes de ser militar? Alimentava gado em um latifúndio.

O capelão militar ficou em silêncio e depois conduziu a conversa a outros caminhos, ao tema dos cozinheiros mencionados no Antigo e no Novo Testamento, pois naqueles tempos se preocupavam muito com o sabor da comida ao prepará-la depois dos ofícios divinos e de outras celebrações eclesiásticas. Então instou todos a cantarem alguma coisa, e Švejk soltou, inoportuno como sempre: "Vai Marina de Hodonín pelo caminho, atrás dela corre o padre com um barril de vinho."

Mas o capelão-mor não se aborreceu.

— Se tivéssemos aqui pelo menos um pouco de rum, não seria necessário nenhum barril de vinho — disse, sorrindo e de bom humor —, e da tal Marina também poderíamos prescindir; de qualquer maneira, trata-se apenas de um convite ao pecado.

O cabo levou com cuidado a mão ao casaco e tirou uma garrafa achatada cheia de rum.

— Humildemente, senhor capelão — disse em voz baixa, permitindo que se notasse até que ponto estava se sacrificando —, se não for uma ofensa...

— Não me ofenderei, rapaz — respondeu o cura, com voz iluminada, alegremente —; beberei pela alegria de nossa viagem.

— Jesus e Maria — suspirou para si mesmo o cabo ao ver que um profundo gole fizera desaparecer meia garrafa.

— E você, rapaz? — disse o capelão, sorrindo e piscando com malícia um olho para o voluntário. — Vive blasfemando. Deus o castigará por isso.

O cura voltou a beber da garrafa achatada; depois, passando-a para Švejk, ordenou imperativamente:

— Liquide-a!

— Guerra é guerra — disse Švejk bondosamente ao cabo lhe devolvendo a garrafa vazia, coisa que aquele constatou com um brilho nos olhos, o brilho que só pode se manifestar nos olhos de um demente.

— E agora vou tirar um cochilo até Viena — disse o capelão-mor —, e, por favor, me acordem assim que chegarmos. E você — disse, dirigindo-se a Švejk —, vá à cozinha dos oficiais, pegue talheres e me traga o almoço. Diga que é para o capelão Lacina. Procure conseguir ração dupla. Se houver knedlík, não pegue os mais duros, que não fazem bem. E me traga da cozinha uma garrafa de vinho e leve também um pote para que o encham de rum.

O capelão Lacina fuçou nos bolsos.

— Ouça — disse ao cabo —, não tenho dinheiro trocado. Me empreste um florim. Pegue, como se chama?

— Švejk.

— Aqui está um florim de gorjeta, Švejk. Cabo, me empreste outro florim. Olhe, Švejk, eu lhe darei o segundo florim quando me trouxer tudo assim como lhe disse. Diga também que lhe deem cigarros e charutos para mim. Se tiverem chocolate, que lhe deem uma ração para duas pessoas, e se houver enlatados, peça língua defumada e patê de fígado. Se tiverem emental, não pegue a parte que fica perto da casca e, se puder conseguir um pouco de salame húngaro, evite a ponta, prefira a carne do meio, que é mais saborosa.

O capelão militar se estirou no banco e adormeceu depois de um momento.

— Acho que o senhor deve estar muito tranquilo com nossa criança abandonada. Parece estar se preparando para encarar o mundo — disse o voluntário ao cabo depois de algum tempo, quando o capelão começou a roncar.

— Está, como se diz, desmamado, senhor cabo — disse Švejk. — Já vai pegar a mamadeira.

Durante um momento o cabo lutou com ele mesmo. De repente perdeu a humildade e disse com dureza:

— Está domesticado.

— Com essa história de que não tem dinheiro trocado me recorda um tal de Mlíčko, um pedreiro de Dejvice — disse Švejk. — Aquele também nunca tinha moedas, até que se endividou até as sobrancelhas e foi preso por calote. Gastava as cédulas em comida e nunca tinha trocado.

— No 75º Regimento, antes da guerra — disse um soldado da escolta —, um capitão dilapidou em bebida todo o dinheiro do regimento, foi obrigado a renunciar mas agora recuperou os galões; um sargento que roubou do exército mais de vinte pacotes de tecido destinado à confecção de galões hoje serve no Estado-Maior. No entanto, há pouco, na Sérvia, fuzilaram um soldado porque havia comido de uma vez uma lata que deveria durar três dias.

— Isso não tem nada a ver com o que estamos dizendo — afirmou o cabo. — Mas é verdade que pedir dois florins emprestados a um pobre cabo para a gorjeta é...

— Pegue o florim — disse Švejk —, não quero enriquecer à sua custa. E se ele me der o outro florim, também o devolverei para que não chore. Devia ficar contente pelo fato de um superior lhe pedir dinheiro. O senhor é muito egoísta. Trata-se apenas de dois miseráveis florins. Eu gostaria de ver o que faria se tivesse que sacrificar a vida por seu superior militar quando estivesse ferido diante das posições inimigas ou se tivesse que salvá-lo carregando-o nos braços com os caras disparando projéteis e muitas outras coisa em cima de vocês.

— Você, sim, se cagaria, imbecil — defendeu-se o cabo.

— Em todas as batalhas, muitos se cagam — interveio de novo o soldado da escolta. — Não faz muito tempo, em Budějovice um companheiro ferido me contou que quando estavam avançando se cagou três vezes: a primeira quando saíram das trincheiras e se arrastaram até os alambrados, a segunda quando começaram a derrubá-los e a terceira quando os russos caíram em cima deles gritando "Hurra!". Então recuaram até as trincheiras e no grupo não restou nenhum que não tivesse se cagado. E um dos mortos, que ficou atirado em cima da trincheira com os pés virados para baixo, teve a cabeça arrancada pela raiz por um projétil, como se a tivessem cortado com um bisturi... Bem, no último momento ele se cagou de tal maneira que a merda misturada com sangue ficou escorrendo calças abaixo, botas abaixo e trincheira abaixo. A metade de seu crânio

com todo o cérebro dentro ficou a seus pés. O sujeito passa por uma coisa dessas e nem sabe como aconteceu.

— Às vezes, em plena batalha, a pessoa pode começar a se sentir mal, alguma coisa pode lhe causar nojo — disse Švejk. — Em Praga, na cervejaria Vyhlídce, de Pohořelec, um convalescente de guerra me contou que em Přemyšl, debaixo da fortaleza, houve um ataque com baionetas e que diante dele apareceu um russo, um homem alto e forte como uma montanha, correndo ao seu encontro com uma baioneta e uma gota imensa pendendo de seu nariz. Quando olhou para aquela gota, aquela meleca, ficou tonto de asco de tal maneira que teve de correr para o posto de socorro, onde foi declarado enfermo de cólera; foi trasladado para o hospital de infecções de Pest, onde finalmente acabou contraindo a cólera.

— Era um soldado raso de infantaria ou um cabo? — perguntou o voluntário.

— Cabo — respondeu Švejk tranquilamente.

— Isso também poderia ter acontecido com qualquer voluntário — disse o cabo enquanto olhava para o voluntário com ar vitorioso, como se quisesse dizer: "Segura essa! Vamos ver como vai devolvê-la!"

Mas o voluntário não disse nada e se deitou em silêncio no banco.

Estavam se aproximando de Viena. Quem não dormia olhava pela janela os alambrados e as fortificações que cercavam a cidade, visão que suscitou em todo o trem uma sensação de angústia.

Se até então se ouvia o grito dos chucrutes de Kašperské Hory, *Aqui estou, aqui estou, aqui estou de volta*, agora, diante da desagradável imagem dos alambrados que cercavam Viena, o canto emudecera.

— Está tudo em ordem — observou Švejk, olhando as trincheiras. — Está tudo na mais perfeita ordem. A única coisa que pode acontecer é os vienenses destroçarem suas calças. Aqui é preciso andar com cuidado. Viena é uma cidade importante — continuou. — Pensem nos animais que vivem no castelo de Schönbrunn. Faz alguns anos, quando passei uma temporada em Viena, o que mais me agradava era ir ver os macacos, mas quando um figurão está saindo do castelo imperial não deixam ninguém entrar. Uma vez estava comigo um alfaiate do 10º Distrito e o enfiaram na prisão porque queria ver os macacos de qualquer maneira.

— Você também foi ao castelo? — perguntou o cabo.

— É muito bonito — respondeu Švejk. — Eu não fui, mas me contou alguém que, sim, esteve lá. O melhor é a guarda palaciana. Todos os soldados têm que medir dois metros de altura, e depois lhes dão uma tabacaria. E há um enxame de princesas.

Passaram por uma estação e às suas costas ouviram o hino austríaco tocado por uma orquestra que devia estar ali por engano, porque só depois de muito tempo o trem parou em outra estação onde foi distribuída comida e teve lugar uma recepção solene.

Mas não era mais como no começo da guerra, quando os soldados que iam ao front comiam até se fartar em cada estação e eram recebidos por jovenzinhas vestidas de branco, um pouco bobas, com rostos simples e ramos de flores estúpidos, e lhes davam as boas-vindas com discursos estúpidos pronunciados por damas cujos maridos faziam se passar por patriotas e republicanos.

No ato oficial e solene de recepção ao trem em Viena intervieram três membros da Cruz Vermelha austríaca, duas sócias de uma associação bélica de senhoras e jovens vienenses, um delegado oficial da magistratura de Viena e um representante das Forças Armadas.

O cansaço era patente em todos os rostos. Os trens do exército passavam noite e dia, os destacamentos sanitários a cada hora, na estação os vagões com os prisioneiros de guerra mudavam continuamente de trilho e os membros das diversas associações eram obrigados a estar presentes em todos os atos. Assim era dia após dia, e o entusiasmo inicial se transformou irremediavelmente em aborrecimento. Iam se alternando no serviço, mas todos os que intervinham naquelas diversas cerimônias nas estações vienenses tinham uma expressão de fadiga semelhante à daqueles que nesse dia esperavam o trem que transportava o regimento de České Budějovice.

Dos vagões de carga surgiam cabeças de soldados com expressão de desespero, como se estivessem sendo levados ao patíbulo.

As senhoras se aproximaram rapidamente e distribuíram doces com frases em alemão: "Vitória e vingança", "Deus castigue a Inglaterra", "Os austríacos têm uma pátria que amam e bons motivos para lutar por ela" e outras do mesmo estilo.

Os montanheses de Kašperské Hory não paravam de abarrotar-se de pães com especiarias, mas aquela expressão desesperada não os abandonava.

Então chegou uma ordem para que todos os soldados se dirigissem por companhias para pegar o rancho nas cozinhas de campo situadas atrás da estação.

Ali também ficava a cozinha dos oficiais. Švejk foi providenciar o que o capelão lhe pedira. O voluntário esperou pela comida no trem porque dois soldados da escolta haviam ido buscar comida para todos os que estavam no vagão dos detidos.

Švejk cumpriu perfeitamente sua missão. Depois, enquanto passava de uma gare a outra, avistou o tenente Lukáš, que caminhava pelos trilhos com a esperança de que na cozinha dos oficiais poderia encontrar alguma coisa para comer.

Sua situação era muito desagradável porque estava compartilhando temporariamente um escudeiro com o tenente Kirschner. O ordenança só se preocupava em satisfazer seu superior de sempre e sabotava o tenente Lukáš.

— Para quem está levando isso? — perguntou o pobre tenente a Švejk quando o bom soldado colocou no chão a enorme quantidade de alimentos que havia conseguido na cozinha e que levava envoltos no capote.

No primeiro momento Švejk ficou surpreso, mas logo recuperou seu ânimo de sempre. Sua expressão estava radiante e tranquila quando respondeu:

— Humildemente, prezado tenente, tudo isso é para o senhor. Mas não sei onde fica seu compartimento e tampouco sei se o comandante do trem fará alguma objeção a que eu o acompanhe. O comandante é meio filho da mãe.

O tenente Lukáš olhou para Švejk inquisitivamente e este continuou falando em um tom confidencial e bondoso:

— Sim, o comandante é mesmo um filho da mãe, senhor. Quando veio fazer a inspeção no trem eu lhe disse logo que já passava muito das onze horas, que eu havia cumprido a pena na íntegra e que a partir daquele momento tinha que ir para o vagão de carga ou ao seu. Mas ele me despachou com maus modos dizendo que ficasse onde estava, para evitar que o envergonhasse.

Švejk fez cara de mártir.

— Como se alguma vez eu o tivesse envergonhado!

O tenente Lukáš suspirou.

— Tenho certeza — insistiu Švejk — de que nunca o envergonhei e se alguma vez aconteceu alguma coisa foi por acaso, por pura determinação divina, como dizia o velho Vaníček de Pelhřimov quando estava cumprindo sua trigésima sexta pena. Eu nunca fiz nada que o prejudicasse, pelo menos conscientemente, meu tenente. Sempre quis fazer tudo para o seu bem e não é minha culpa se nem o senhor nem eu tiramos nunca nenhum proveito de nada, mas só tormento e tortura.

— Não choramingue tanto, Švejk — disse o tenente Lukáš com ternura quando estavam se aproximando do vagão do Estado-Maior —, eu tomarei as devidas providências para que possa voltar a trabalhar comigo.

— Humildemente, senhor, não estou choramingando. É que lamento de fato que ambos sejamos as pessoas mais desgraçadas desta guerra e que nenhum de nós tenha culpa de nada. Que destino mais horrível o nosso, e com mais motivo ainda quando penso que sou sempre solícito!

— Se acalme, Švejk!

— Humildemente, senhor. Se não fosse uma insubordinação, diria que é impossível me tranquilizar; mas como cumpro ordens, sou obrigado a dizer que já estou absolutamente tranquilo.

— Então suba no vagão, Švejk.

— Humildemente, senhor tenente, já estou subindo.

No acampamento militar de Most nad Litavou reinava o silêncio da noite. Nos barracões da tropa os soldados tremiam de frio, enquanto nos alojamentos dos oficiais era necessário abrir as janelas porque os quartos estavam superaquecidos.

De tempos em tempos se ouviam os passos dos patrulheiros que combatiam o sono caminhando para cima e para baixo no meio dos vários objetos que estavam sob sua guarda.

Lá embaixo, em Most nad Litavou, brilhavam as luzes da imperial e real fábrica de conservas de carne, onde se trabalhava noite e dia, aproveitando todo tipo de sobras. O vento que soprava em direção às aleias do acampamento militar arrastava toda a pestilência dos tendões podres, cascos e ossos que eram usados na preparação de sopas em conserva.

De um pavilhão abandonado, onde em tempos de paz algum fotógrafo havia retratado os soldados que passavam sua juventude nos barracões de tiro ao alvo do vale do Litava, era possível ver a luz vermelha do bordel U Kukuřičného Klasu, que o arquiduque Štěpán honrara com sua visita no ano de 1908, durante as grandes manobras de Sopron. Considerado o melhor prostíbulo da região, era lá que os oficiais se reuniam todos os dias. Os soldados rasos e os voluntários, proibidos de frequentá-lo, iam ao Růžového Domu, cujas luzes verdes também eram vistas do estúdio fotográfico abandonado.

Na verdade, ali já se manifestava uma diferenciação de classes semelhante a que haveria depois no front, onde a monarquia não podia oferecer a suas tropas nada

além de bordéis móveis, os denominados "pufes". Havia, pois, um pufe imperial e real para os oficiais e um pufe imperial e real para a tropa.

Most nad Litavou resplandecia tanto como, no outro lado da ponte, Királyhida, Cisleitânia e Transleitânia.37 Nestas duas cidades, na austríaca e na húngara, se apresentavam orquestras de ciganos, as janelas dos cafés e dos restaurantes brilhavam, a gente cantava e bebia. A burguesia local e os funcionários dos escritórios levavam suas mulheres e filhas adultas aos cafés e restaurantes, e Most nad Litavou e Királyhida não eram mais do que um grande bordel.

No campo, em um barracão destinado aos oficiais, Švejk esperava o tenente Lukáš, que à noite fora ao teatro e ainda não voltara. Švejk estava sentado na cama preparada para o tenente e diante dele estava sentado, em cima da mesa, o ordenança do major Wenzl.

O major havia voltado ao seu regimento depois que ficara patente sua absoluta inaptidão nas batalhas do Drina, na Sérvia. Diziam que mandara destruir uma ponte flutuante quando a metade de seu batalhão ainda estava na outra margem. Depois foi designado para comandar o campo de tiro de Királyhida, onde também se encarregava dos assuntos financeiros do acampamento. Entre os oficiais corriam boatos de que agora o major Wenzl se recuperaria. Os quartos de Lukáš e de Wenzl ficavam no mesmo corredor.

Mikulášek, o ordenança do major Wenzl, um homem de baixa estatura com o rosto marcado pela varíola, balançava as pernas e xingava:

— Acho estranho que o bastardo do meu velho ainda não tenha voltado. Gostaria de saber por onde meu velhinho andou a noite inteira. Se pelo menos tivesse me deixado a chave do quarto, me deitaria na cama e fumaria. Tem vinho de sobra.

— Dizem que rouba — disse Švejk, fumando calmamente os cigarros do tenente, porque Lukáš o proibira de fumar cachimbo no quarto. — Você deve saber alguma coisa a respeito de onde consegue vinho.

— Eu vou aonde me manda — disse Mikulášek com voz débil. — Quando me entrega a autorização para pegar o rancho destinado ao hospital, eu vou e levo tudo para sua casa.

— E se lhe ordenasse que roubasse a caixa do regimento, o que você faria? — perguntou Švejk. — Fica se queixando atrás das paredes, mas na frente dele treme como uma folha.

Os olhos pequenos de Mikulášek piscaram.

— Iria pensar.

— Não há nada a pensar, pirralho de merda! — gritou Švejk, mas em seguida se calou porque a porta foi aberta e o tenente Lukáš entrou. Saltava à vista que estava de excelente humor, pois seu quepe estava torto.

Mikulášek ficou tão assustado que se esqueceu de pular da mesa; bateu continência sentado, esquecendo que não estava usando o quepe.

— Humildemente, senhor, posso dizer que está tudo em ordem — disse Švejk, adotando a postura militar determinada pelos regulamentos, mas com o cigarro na boca.

O tenente Lukáš não se deu conta, porque se encaminhou diretamente a Mikulášek. Com os olhos fora de órbita, este seguia cada movimento do tenente, com as mãos nas têmporas e sem descer da mesa.

— Tenente Lukáš — apresentou-se o superior de Švejk, se aproximando de Mikulášek com passo inseguro —, e você, como se chama?

Mikulášek continuava em silêncio. Lukáš colocou uma cadeira diante da mesa em que Mikulášek estava sentado, sentou-se e disse, olhando para cima:

— Švejk, me traga o revólver de serviço que está na maleta.

Enquanto Švejk procurava a maleta, Mikulášek continuava em silêncio e se limitava a olhar, assustado, para o tenente. Se se deu conta naquele momento de que estava sentado na mesa, certamente esta descoberta deve ter lhe causado um espanto ainda maior, levando-se em conta, sobretudo, que seus pés tocavam os joelhos do tenente sentado.

— Porra, como você se chama, homem? — gritou o tenente, olhando para Mikulášek.

Mas este continuou calado. Conforme explicou mais tarde, quando o tenente entrou de repente no quarto, se viu tomado por uma espécie de paralisia. Queria descer da mesa e não conseguia, queria responder e não conseguia, queria bater continência e não conseguia.

— Humildemente, senhor — disse Švejk. — O revólver não está carregado.

— Então carregue-o, Švejk!

— Humildemente, senhor, não temos mais nenhuma bala e além disso terá certo trabalho em matá-lo assim sem mais nem menos, em cima da mesa. Vou me permitir fazer uma observação: é Mikulášek, o ordenança do major Wenzl. Sempre perde a fala quando vê um oficial. Em geral tem vergonha de falar. É um pirralho de merda, sempre lhe disse. O major Wenzl costuma deixá-lo no corredor quando vai à cidade e o pirralho fica passando da barraca de um ordenança à de outro. Se tivesse algum motivo para ficar assustado, bem, mas não fez nada de errado!

Švejk cuspiu e tanto por seu tom de voz como pelo fato de que havia falado de Mikulášek como se fosse um objeto, na terceira pessoa, pôde se perceber que tinha um desprezo absoluto pela covardia do ordenança do major Wenzl e por seu comportamento, indigno de um militar.

— Permita-me que o cheire — acrescentou Švejk.

Švejk arrastou Mikulášek, que não parava de olhar, abobalhado, para o tenente. Colocou-o no chão e cheirou suas calças.

— Ainda não, mas está começando — afirmou. — Expulso-o daqui?

— Expulse-o, Švejk!

Švejk acompanhou o trêmulo Mikulášek ao corredor, fechou a porta atrás dele e lhe disse:

— Eu salvei sua vida, seu panaca. Quando o major Wenzl voltar quero que me traga uma garrafa de vinho. Não estou brincando. Salvei sua vida de verdade. Quando meu tenente está bêbado, fica mau. Então só eu sei lidar com ele e mais ninguém.

— Eu sou...

— Você é um merda — disse Švejk com desprezo. — Sente-se no batente e espere pelo seu major Wenzl.

— Basta de se ausentar — com estas palavras o tenente Lukáš acolheu Švejk. — Quero falar com você. Não fique nesta estúpida posição de sentido. Sente-se, Švejk, e pare de responder sempre "humildemente". Cale-se e ouça bem. Sabe onde fica a Sopronyi utcza em Királyhida? E não quero ouvir "humildemente, senhor, não sei". Se

não sabe, diga que não sabe e basta. Escreva em um papel: Sopronyi utcza, número 16. Nessa casa há uma serralheria. Sabe o que é uma serralheria? Sabe? Muito bem. Pois a serralheria pertence a um húngaro chamado Kákonyi. Sabe o que significa húngaro? Sabe ou não sabe? De acordo, sabe. Na sobreloja há um apartamento e é ali que vive Kákonyi. Você sabia? Não? Pois agora já sabe, pois estou lhe dizendo. É suficiente? Bem. Se não acha suficiente, mandarei trancá-lo no cárcere. Anotou o nome? Chama-se Kákonyi. Bem. Então amanhã, antes das dez, você irá à cidade, procurará a casa, subirá ao primeiro andar e entregará em mãos esta carta à senhora Kákonyi.

O tenente Lukáš abriu a carteira e, bocejando, entregou a Švejk um envelope branco sem endereço.

— É um assunto de extrema importância, Švejk — continuou dizendo. — A prudência nunca é excessiva, por isso não escrevi o endereço. Confio plenamente em você e espero que entregue esta carta sem nenhum problema. Anote que a senhora se chama Etelka; escreva, então: senhora Etelka Kákonyi. Repito-lhe que, aconteça o que acontecer, terá que entregar em mãos a carta à senhora com a máxima discrição e esperar pela resposta. Na carta é dito que você esperará pela resposta. Algo mais?

— Se não me derem a resposta, meu tenente, o que devo fazer?

— Então lhe recordará que tem de responder a qualquer custo — disse o tenente, voltando a bocejar com a boca completamente aberta. — Mas agora vou para a cama, hoje estou de fato cansado. Bebi muito. Suponho que, depois de uma tarde e de uma noite como estas, qualquer pessoa também estaria cansada.

A princípio o tenente Lukáš não tivera a intenção de se demorar em nenhum lugar. Ao entardecer havia saído do acampamento apenas para ir a Királyhida, ao teatro húngaro da cidade, onde estava sendo representada uma opereta húngara protagonizada por atrizes judias gordinhas, cujo maior atrativo era que quando dançavam levantavam as pernas e se via que não usavam nem anáguas nem calcinhas; e além disso, ainda para maior prazer dos oficiais, estavam raspadas como as tártaras. Os do poleiro não tiravam nenhum proveito desta vista; no entanto, os oficiais de artilharia sentados na plateia lambiam os beiços e ainda com mais motivo porque para seu maior deleite observavam o espetáculo com binóculos.

Toda aquela interessante porcaria, no entanto, deixou o tenente Lukáš indiferente, porque o binóculo que havia pedido emprestado não era acromático, de modo que, em lugar das coxas via umas quantas manchas violetas em movimento.

Mais que o espetáculo em si, seu interesse se concentrou em uma mulher que havia visto durante o primeiro entreato. Ela arrastou seu acompanhante, um indivíduo de meia-idade, até a chapelaria enquanto afirmava que iriam imediatamente para casa, que ela se recusava a ficar vendo coisas como aquela. Disse-o em alemão, em voz alta, mas seu acompanhante respondeu em húngaro:

— Sim, meu anjo, vamos embora, concordo que é um espetáculo repugnante.

— Uma porcaria! — exclamou ela em alemão quando o homem a estava ajudando a vestir o casaco que costumava usar para ir ao teatro.

Os olhos da mulher ardiam de desprezo; grandes olhos negros que se harmonizavam com sua bela figura. Enquanto dizia isso olhou para o tenente Lukáš e voltou a exclamar com indignação: “Que nojo!” Isso fora suficiente para dar início a um breve romance.

Depois de perguntar à funcionária da chapelaria, o tenente Lukáš ficou sabendo que se tratava do casal Kákonyi e que o senhor tinha no número 16 da Sopronyi utcza uma loja de ferragem.

— Vive com a senhora Etelka no primeiro andar — acrescentou a funcionária com a exatidão de uma experiente alcaguete. — Ela é austríaca de Šopron e ele é húngaro, aqui tudo se mistura.

O tenente Lukáš pegou seu casaco na chapelaria e se dirigiu à cidade. No grande café U Arcivévody Albrechta encontrou alguns oficiais do 91º Regimento.

Mal conversou, mas bebeu alguns copos enquanto pensava o que escreveria àquela preciosa moralista que, decididamente, o atraía mais do que todas aquelas macacas de palco, como as chamavam os outros oficiais.

Tomado por um humor excelente mudou-se para o pequeno café U Kříže sv. Štěpána, onde se acomodou em uma *chambre separée* de onde expulsou uma romena que se ofereceu para se despir e disse que podia fazer com ela o que quisesse. Pediu uma pena, tinta, papel de carta e uma garrafa de conhaque e, depois de refletir um pouco, escreveu a seguinte missiva que, uma vez terminada, considerou a carta mais graciosa que jamais escrevera:

Prezada senhora!
Ontem, no Teatro Municipal, assisti ao espetáculo que a deixou indignada com razão. Durante todo o primeiro ato, observei a senhora e seu marido. Dei-me conta de que...

"Vamos ao ponto" disse, para si o tenente Lukáš. "Como um homem como esse pode ter o direito de ter uma mulher tão bonita! Parece um babuíno careca!"

Continuou escrevendo:

... seu marido contemplava com grande complacência as obscenidades apresentadas no palco e que tanto repugnaram a senhora. Certamente o que se via naquele teatro não era arte e sim uma asquerosa exploração dos mais íntimos sentimentos humanos.

"Que peitos tem essa mulher!", disse para si mesmo o tenente Lukáš. "Vamos ao ponto!"

Desculpe que me dirija à senhora com tanta sinceridade, mesmo sem conhecê-la. Em minha vida vi muitas mulheres, mas nenhuma delas me causou uma impressão tão profunda como a senhora, porque suas opiniões e sua escala de valores coincidem plenamente com as minhas. Estou convencido de que seu marido é um egoísta que a arrasta...

"Não, isto não funciona", pensou o tenente Lukáš. Riscou a palavra "arrastar" e escreveu:

... a leva, por capricho próprio, para ver espetáculos que atendem exclusivamente ao seu próprio gosto. Sou partidário da franqueza, querida senhora. Com isto não quero interferir em sua vida privada. Só gostaria de poder conversar com a senhora confidencialmente sobre a arte pura...

"Nos hotéis daqui não será possível", pensou o tenente Lukáš. "Terei de levá-la a Viena. Pedirei permissão."

Por isto me permito, distinta senhora, pedir-lhe que me conceda uma entrevista para que possa conhecê-la melhor, sempre com todo o respeito. Tenho certeza de que não negará isso a um homem a quem, em brevíssimo tempo, esperam todas as penosas peripécias bélicas e que, caso a senhora seja tão amável de lhe conceder um encontro, no alvoroço da guerra conservará a belíssima recordação da alma que tão bem o compreendeu. Sua decisão será para mim uma ordem, sua resposta será um elemento crucial em minha vida.

Assinou, terminou o conhaque e pediu outra garrafa. Enquanto ia saboreando uma taça atrás da outra, releu a carta, e quando chegou às últimas linhas, a cada frase lágrimas brotaram de seus olhos.

* * *

Às nove da manhã, Švejk despertou o tenente Lukáš.

— Humildemente, enquanto o senhor dormia passou a hora de se apresentar ao serviço e chegou minha hora de ir levar sua carta a Királyhida. Tentei despertá-lo às sete, depois às sete e meia, e então às oito, quando as tropas marchavam em direção ao campo de manobras, mas o senhor não deu sinais de vida, só se virou para o lado. Senhor tenente... Ei, senhor tenente!

O tenente Lukáš, resmungando, se esforçou para se virar, mas não conseguiu porque Švejk começou a sacudi-lo sem piedade, enquanto gritava:

— Senhor tenente, vou levar a carta a Királyhida!

O tenente bocejou.

— A carta? Ah, sim, minha carta. Seja discreto, de acordo? É um segredo entre nós. Retire-se...

O tenente se enrolou de novo na manta que Švejk acabara de lhe tomar e continuou dormindo. Švejk se dirigiu a Királyhida.

Não teria sido tão difícil achar a Sopronyi utcza número 16 se não tivesse encontrado por acaso o velho sapador Vodička, que estava servindo a um regimento da Estíria, cujo quartel ficava perto do acampamento. Há alguns anos Vodička vivera na rua Na Bojišti, em Praga, de maneira que quando se encontraram em Most nad Litavou foi natural irem tomar uma taça juntos; escolheram a taverna U Černého Beránka, onde trabalhava a famosa garçonete Růženka, uma tcheca com a qual todos os voluntários tchecos do acampamento haviam contraído dívidas.

Nos últimos tempos, o sapador Vodička, um velho espertalhão, passara a cortejá-la. Ele tinha uma lista de todos os batalhões que abandonariam o acampamento em direção ao front e abordava, no momento adequado, os voluntários tchecos para lhes lembrar que não podiam desaparecer na voragem da guerra sem antes liquidarem suas dívidas.

— Aonde mesmo está indo? — perguntou Vodička quando acabaram de tomar o primeiro copo de um bom vinho.

— É segredo — respondeu Švejk —, mas a você, um velho amigo, posso confiá-lo.

E lhe contou tudo detalhadamente. Vodička afirmou que era um velho sapador, que não podia abandonar seu amigo Švejk e que iria levar a carta com ele.

Divertiram-se muito falando dos velhos tempos e quando, depois das oito da noite, saíram de U Černého Beránka, achavam que tudo estava correndo bem.

Além disso, tinham na alma uma firme certeza de que não tinham medo de ninguém. A caminho do número 16 da Sopronyi utcza, Vodička disse que tinha muito ódio dos húngaros. Relatava sem parar, com riqueza de detalhes, as brigas que tivera com eles, quando e onde haviam brigado ou por qual motivo alguma coisa o impedira de se envolver em uma briga com eles.

— Uma vez, em Pausdorf, onde nós sapadores havíamos ido beber vinho, agarramos um desses húngaros pelo pescoço. Eu quis lhe dar um soco na cabeça, no escuro, porque, quando a confusão começou, quebramos a lâmpada, e de repente ele começou a gritar: "Antón, ora, sou eu, Purkrábek, do 16º da Territorial!" Não nos enganamos por um triz! No entanto, há três semanas demos uma bela surra em um desses palhaços húngaros no lago de Neusiedler, quando fomos dar um passeio. Em uma aldeia ali perto está estacionado um destacamento de metralhadoras dos tais dos hussardos. Por azar fomos parar em um desses bares onde dançam czardas feito loucos e estavam cantando: "*Uram, uram, bíró uram*" ou "*Léanok, léanok, léanok a faluba*".[38] Sentamos diante deles e enquanto deixávamos os cinturões na mesa na nossa frente nos dizíamos: "Já vamos lhes mostrar seu *léanok*, malditos!" Um tal de Mejstřík, que tem umas patas imensas, do tamanho da Bílá Hora, sim, a montanha, se ofereceu de repente para ir dançar e tirar da roda a garota de um daqueles canalhas húngaros. As garotas eram bonitas, tinham belas pernas e bundas grandes, coxas fantásticas e olhos maliciosos, e aqueles pulhas se apertavam contra elas, dava pra ver que as meninas tinham peitos fartos duros como bolas de borracha, que estavam se divertindo e sabiam com quem estavam. Então nosso Mejstřík pulou no meio da roda e tentou tomar a garota, a mais bonita, de um dos canalhas húngaros.

"O sujeito começou a protestar em sua língua incompreensível e Mejstřík lhe deu um soco no queixo. O cara caiu e nós pulamos no meio dos húngaros com os cinturões enrolados na mão para que as baionetas não escorregassem. Eu gritei: 'Não

importa se é inocente ou culpado, batam à esquerda e à direita', e o pau comeu. Os jovens começaram a pular pela janela, mas nós os agarrávamos pelos pés e os puxávamos de volta para o salão. Quem não era dos nossos apanhou. O prefeito e um guarda tentaram intervir, mas apanharam pelas costas. O taverneiro também apanhou porque começou a xingar em alemão, gritando que havíamos estragado a festa. Depois ainda demos uma batida na aldeia procurando os que tentavam se esconder; encontramos, por exemplo, em uma granja, na parte mais baixa da aldeia, um sargento enterrado no feno; quem o denunciou para a gente foi a namorada dele, porque havia dançado com outra. A garota ficou louca pelo nosso Mejstřík e foi embora com ele pelo caminho que leva a Királyhida, ao lado da floresta, onde havia belas pilhas de feno. Levou-o a uma delas. Depois lhe pediu cinco coroas e recebeu uma bofetada. Mejstřík nos alcançou quando já estávamos entrando no acampamento e disse que achava que as húngaras eram fogosas, mas que aquela víbora peçonhenta havia se deitado e ficado assim, como um pedaço de pau, e, não satisfeita com isso, ainda por cima falava em húngaro. Enfim, todos os húngaros são gentalha", concluiu Vodička.

Švejk observou:

— Mas os húngaros não têm culpa de serem húngaros.

— Como não! — se irritou Vodička. — Todos têm, não diga besteira. Gostaria que tivessem puxado suas orelhas como fizeram comigo no primeiro dia em que cheguei aqui para fazer os cursinhos. Naquela mesma tarde reuniram todo mundo como se fôssemos um rebanho de gado, nos levaram à escola e um daqueles canalhas começou a desenhar e a nos explicar o que são blindagens, como se colocam alicerces, como se medem. Depois disse que quem não fizesse um desenho igual ao dele, na manhã seguinte seria preso e amarrado. Eu pensei: "Meu Deus do céu, eu me matriculei nesses cursinhos para escapar do front ou para passar a noite desenhando em um caderno com um lápis como se fosse um colegial?" Fiquei com tanta raiva que não conseguia parar sentado, não conseguia nem olhar para aquele imbecil que nos dizia todas aquelas sandices. Queria estar em Királyhida e a saudade estava prestes a me levar a quebrar tudo, tamanha era a raiva que estava sentindo. Só pensava em uma taverna tranquila de aldeia onde pudesse me embebedar e armar confusão, dar uma porrada em alguém e voltar para casa desafogado. O homem faz e Deus desfaz. A certa distância da aldeia, perto do rio, no meio de um jardim, encontrei um bar tão tranquilo que mais parecia uma igreja, como se o tivessem feito sob medida para se armar um escândalo. Havia apenas dois clientes, conversando em húngaro. Me irritei, e por isso bebi mais e fiquei bêbado mais cedo do que havia previsto. Com o porre, não vi que ali ao lado havia outra taverna e não percebi que enquanto eu estava bebendo chegaram uns oito hussardos, que se atiraram em cima de mim quando comecei a dar porrada naqueles primeiros clientes. Os malditos hussardos começaram a me atacar e a me perseguir pelos jardins. Só consegui encontrar o caminho de casa de manhã e depois tive que ir à enfermaria. Como desculpa disse que havia caído em uma olaria. Me deixaram uma semana enrolado em um lençol molhado para que as minhas costas não ficassem inflamadas. Não, meu amigo, não lhe desejo que caia nas mãos desses sem-vergonha! Não são homens, são bestas!

— Quem semeia vento colhe tempestade — disse Švejk. — Você não deve achar estranho que tivessem se aborrecido, pois tiveram que abandonar o vinho na mesa e persegui-lo pelos jardins no escuro. Teria sido melhor se tivessem acertado as contas com você na taverna e depois o tivessem expulsado. Para eles e também para você teria

sido melhor se todos tivessem acabado sentados em torno da mesa. Eu conheci, em Praga, no bairro de Libeň, um vendedor de aguardente, um tal de Paroubek, em cuja taverna um arameiro tomou um porre descomunal de jalovcová[39] e começou a protestar dizendo que a jalovcová era fraca e que mesmo que trabalhasse cem anos e gastasse todo o dinheiro que ganhasse com aquela bebida e a tomasse de um gole permaneceria bem lúcido, capaz de caminhar sobre uma corda frouxa carregando o taverneiro nos braços. Depois ainda disse a Paroubek que era um *huncút*[40] e uma besta de Šaščín,[41] um palhaço e um monstro. Paroubek segurou-o, deu-lhe uma surra com seus arames e suas ratoeiras, expulsou-o e o perseguiu com a bengala que usava para subir e descer as persianas; correram até o hospital dos inválidos do bairro de Karlín, depois para cima, na direção de Žižkov, e, passando pelos crematórios judeus, chegaram a Malešice. Ali, finalmente, quebrou a bengala, quando ainda estava batendo nele, de modo que pôde voltar a Libeň. No entanto, no meio de toda aquela faina se esqueceu de que ainda havia clientes na taverna e imaginou que os sem-vergonha estariam se servindo à vontade. E confirmou que de fato assim havia sido. As persianas estavam semifechadas e diante delas, de guarda, dois policiais bêbados que haviam aparecido para restabelecer a ordem. A clientela bebera quase tudo, na rua havia um barril de rum vazio, e Paroubek encontrou embaixo do balcão dois homens completamente embriagados que os policiais não tinham visto. Quando os puxou dali, não quiseram lhe pagar mais de dois cêntimos cada um, porque, segundo disseram, não tinham consumido mais do que isso. Isso acontece quando o sujeito tem a cabeça oca. É como na guerra: primeiro vencemos o inimigo, depois o perseguimos e ao final não nos restam forças para bater em retirada.

— Me lembro muito bem daqueles homens — replicou Vodička. — Se um daqueles hussardos caísse nas minhas mãos, eu acertaria as contas com ele direitinho. Nós, os sapadores, ficamos irracionais quando nos irritamos. Não somos como aquelas tais moscas de ferro.[42] No front, em Přemyšl, havia um capitão chamado Jetzbacher, um miserável como há poucos debaixo do sol. Esse homem tornou nossa vida impossível, até o ponto que um tal de Bitterlich, um alemão da nossa companhia, mas excelente pessoa, se suicidou com um tiro por culpa do capitão. De maneira que decidimos que, quando começassem a silvar as balas russas, a vida do capitão Jetzbacher também terminaria. Quando os russos começaram a disparar contra a gente, no meio do tiroteio lhe enfiamos cinco balas. O desgraçado continuou vivo, como se fosse um gato, e por isso tivemos que liquidá-lo com mais um par de tiros; só deixou escapar um grunhido engraçado. Foi muito divertido.

Vodička riu.

— No front coisas como essa acontecem todos os dias. Um amigo meu que agora também está com a gente me contou que, quando estava lutando em Belgrado como soldado de infantaria, sua companhia matou seu tenente no meio da batalha. Aquele também era um desgraçado que havia matado a tiros dois soldados durante a marcha porque não conseguiam continuar caminhando. Parece que aquele homem, quando estava prestes a morrer, começou de repente a assoviar o sinal de retirada. Os soldados morreram de rir.

Conversando de maneira tão instrutiva, Švejk e Vodička chegaram a Sopronyi utcza, 16, justo diante da loja de ferragens do senhor Kákonyi.

— Será melhor me esperar aqui — disse Švejk diante da passagem. — Subirei correndo ao primeiro andar para entregar em mãos a carta à senhora e pegar a

resposta. Volto em seguida.

— Como quer que eu o deixe? — disse Vodička surpreso. — Já cansei de lhe dizer que você não conhece os húngaros ou não está me ouvindo? É necessário ter muito cuidado com eles. Eu darei uma boa porrada no seu húngaro.

— Ouça, Vodička — disse Švejk, muito sério. — Não se trata de nenhum húngaro, mas de sua mulher. Eu lhe expliquei tudo na taverna, diante daquela garçonete tcheca, contei que estou levando uma carta do meu tenente e que isso é um grande segredo. Meu tenente insistiu que ninguém deve ficar sabendo, e a própria garçonete também disse que seria melhor ir com cuidado porque o assunto é muito delicado. Ninguém deve saber que meu tenente se corresponde com uma mulher casada. Você mesmo concordou com a cabeça. Eu já lhe disse, cumpro as ordens do tenente ao pé da letra, e de repente você começa a insistir que quer subir comigo!

— Você ainda não me conhece, Švejk — respondeu o velho sapador Vodička também muito seriamente. — Eu disse que não o abandonarei, e minha palavra vale por cem. Quando são dois, é sempre mais seguro.

— Terei que arrancar essa ideia da sua cabeça, Vodička. Você sabe onde fica a rua Neklanova em Višehrad? Ali tinha uma oficina de um tal de Voborník, um chaveiro. Era um homem honrado, mas um dia convidou um amigo com quem havia ido tomar uns tragos para dormir em sua casa. Pois bem, teve que ficar de cama por muitos dias e sua mulher repetia, cada vez que cuidava da ferida que tinha na cabeça: "Você está vendo, meu querido Tonda; se tivesse vindo sozinho, só teria ouvido quatro gritos e nada mais; eu não teria atirado a balança na sua cabeça." E depois, quando ele já conseguia falar, respondeu: "Você tem razão, mamãe, na próxima vez, quando for a algum lugar, não arrastarei ninguém para casa."

— Só faltava que esse húngaro quisesse atirar alguma coisa na nossa cabeça. Se tentar, eu o agarrarei pelo pescoço e o atirarei do primeiro andar escada abaixo de tal maneira que voará como estilhaços. Com os sem-vergonha dos húngaros se deve agir com firmeza, não se pode brincar — irritou-se Vodička.

— Vodička, você não bebeu tanto assim. Eu bebi meio litro de vinho a mais do que você. Não podemos armar nenhum escândalo. Sou responsável por isso. Trata-se de uma mulher.

— Então darei umas porradas na mulher, Švejk, para mim tanto faz, você ainda não conhece o velho Vodička. Uma vez em Záběhlice, no Růžový Ostrov, uma puta se recusou a dançar comigo, dizendo que eu estava com os beiços inchados. É verdade que estavam um pouco inchados, porque eu acabara de sair de um salão de festas de Hostivař, mas imagine como me senti insultado por aquela descarada! "Vou lhe dar então, distinta senhorita, um presentinho", falei. E lhe dei uma bofetada tal que caiu no chão e com ela caíram os copos e a mesa do pátio à qual estavam sentados seus pais e irmãos. Mas ninguém me faz tremer, nem mesmo se todo Růžový Ostrov quisesse me pegar. Havia ali uns quantos amigos meus de Vršovice que me ajudaram. Demos uma surra em cinco famílias, crianças incluídas. A confusão deve ter sido ouvida até em Michle, o bairro vizinho, e depois saiu no jornal toda a história daquela festa que homenageava uma associação beneficente de cidadãos civis de não sei que cidade. E por isso lhe digo que assim como outros amigos me ajudaram, eu sempre ajudo um amigo quando precisa ir atrás de alguma coisa. Juro por Deus que não sairei do seu lado. Você

não conhece os húngaros... Não pode fazer isso comigo, me abandonar depois de tantos anos sem nos ver e ainda mais nestas circunstâncias!

— Bem, então venha comigo — disse Švejk —, mas tenha muito cuidado, para evitar qualquer problema.

— Não se preocupe, companheiro — disse Vodička em voz baixa quando se dirigiam à escada —, vou lhe dar uma... — e acrescentou em voz ainda mais baixa: — Você verá que o húngaro, esse não nos dará muito trabalho!

E, se na passagem estivesse alguém que entendesse tcheco, teria ouvido a frase predileta de Vodička: "Você não conhece os húngaros..."; Vodička havia inventado esta frase em um lugar tranquilo às margens do rio Litava, entre os jardins da famosa Királyhida, rodeada de colinas que os soldados sempre recordarão, maldizendo quando pensarem nas manobras que antes e depois da Guerra Mundial tiveram de enfrentar para se adestrar teoricamente para tantas matanças e carnificinas.

Švejk e Vodička estavam diante da porta do apartamento do senhor Kákonyi. Antes de tocar a campainha, Švejk disse:

— Você ouviu dizer alguma vez que a prudência é a mãe da ciência, Vodička?

— Isso não me interessa — respondeu Vodička. — Não podemos dar a esse homem tempo de abrir a boca...

— Mas eu não tenho que perguntar nada a ninguém, Vodička.

Švejk tocou e Vodička disse em voz alta:

— Um, dois, três e sairá voando pelas escadas.

A porta foi aberta e surgiu uma criada que perguntou em húngaro o que queriam.

— *Nem tudom* — disse Vodička com desprezo. — Não entendo. Aprenda tcheco, garota.

— *Verstehen Sie deutsch*? — perguntou Švejk.

— Sim, entendo um pouco de alemão — respondeu ela.

— Pois diga à senhorra que querrer falar com ela, está aqui a carta de um senhor — continuou Švejk com seu alemão macarrônico.

— Acho estranho que você se dirija a uma porca como essa — disse Vodička, entrando no apartamento.

No vestíbulo, fecharam a porta. Švejk limitou-se a dizer:

— Está tudo bem-arrumado. Dois guarda-chuvas no cabide... Aquele quadro do Senhor Jesus Cristo também não é ruim.

A criada saiu de um aposento onde se ouvia o tilintar de talheres em cima de pratos e disse a Švejk em um lamentável alemão:

— A senhorra disse que non ter tempa e que o senhor dar ou dizer o que tem.

— Pois aqui está uma carta para a senhora — disse Švejk solenemente —, mas não diga nem uma palavra a ninguém.

Pegou a carta do tenente Lukáš.

— Eu — disse apontando o dedo para si mesmo — esperar a resposta aqui.

— Por que não se senta? — perguntou Vodička, que já estava sentado em uma cadeira ao lado da parede. — Ali você tem uma cadeira. Não vai ficar aí em pé, parecendo um mendigo. Não se rebaixe diante desses húngaros. Você vai ver como logo teremos problemas, mas eu lhe darei uma que você vai ver!

Depois de uma pausa, continuou:

— Ouça, onde você aprendeu alemão?

— Por minha conta — respondeu Švejk.

De novo um momento de silêncio. Depois se ouviram ruídos e gritos no aposento para onde a criada levara a carta. Alguém jogou um objeto pesado no chão e ouviu-se claramente que estavam atirando pratos e copos, que tudo se quebrava e alguém gritava a plenos pulmões, em húngaro, uma ladainha de maldições e blasfêmias.

— *Baszom az anyádat, baszom az istenit, baszom a Krisztus Máriát, baszom az atyádat, baszom a világot!*[43]

A porta voou e entrou correndo no vestíbulo um indivíduo na flor da idade com um guardanapo no pescoço agitando a carta que Švejk entregara momentos antes.

O sapador Vodička era quem estava sentado mais perto da porta; o sujeito enfurecido se dirigiu primeiro a ele, em alemão:

— O que isto significa? Quem é o desgraçado que enviou esta carta?

— Devagar — respondeu Vodička se levantando —, não grite tanto se não quiser sair voando. E se quer saber quem trouxe a carta, pergunte ao meu companheiro aqui. Mas fale com ele educadamente ou então vai atravessar a porta num abrir e fechar de olhos.

Dessa vez coube a Švejk se convencer da extrema determinação do senhor enfurecido com um guardanapo no pescoço que gritava besteiras a três por quatro e repetia que estavam jantando.

— Ouvimos que estar jantando — disse Švejk em seu alemão tosco, e acrescentou em tcheco: — Poderia ter nos ocorrido que o molestaríamos inutilmente depois da refeição.

— Não se humilhe — disse Vodička.

O sujeito colérico, cujo guardanapo se aguentava só por uma das pontas depois de veementes demonstrações da arte da gesticulação, continuou dizendo que no começo havia pensado que era uma carta pedindo que hospedassem o exército naquela casa que pertencia a sua senhora.

— Aqui caber muitas soldados — disse Švejk —, mas carta não pedia isso, como o senhor ver.

O homem segurou a cabeça com as mãos e lançou uma série de reprovações e queixas dizendo que ele mesmo também havia sido tenente da reserva, que agora teria muito prazer em servir no exército, mas que não podia, que sofria dos rins. Que em sua época os oficiais não eram tão mal-educados a ponto de perturbar a paz de uma família e que enviaria a carta ao comando do regimento, ao Ministério da Guerra, e que a publicaria nos jornais.

— Senhor, eu mesmo escrever esta carta — disse Švejk com dignidade. — Eu escrever, nenhum tenente. A assinatura nada, é falsa. Gosto sua mulher. Eu apaixonar dela até a medula, como disse o poeta Vrchlický. Mulher estupenda.

O homem colérico quis se atirar sobre Švejk, que continuava em pé diante dele, tranquilo e feliz. Mas o velho sapador Vodička, que acompanhava cada um de seus

movimentos, deu-lhe uma rasteira, arrancou a carta de suas mãos, que não paravam de agitar, e guardou-a no bolso. Quando o senhor Kákonyi voltou a si, Vodička o segurou, levou-o até a porta, abriu-a com uma mão e nesse momento se ouviu que alguma coisa rolava escada abaixo.

Tudo aconteceu em um instante, como quando, nos contos de fada, o diabo carrega um homem consigo.

Do senhor enfurecido só restou o guardanapo. Švejk pegou-o e bateu educadamente na porta do aposento do qual cinco minutos antes saíra o senhor Kákonyi e onde se ouvia o choro de uma mulher.

— Trago-lhe o guardanapo — disse Švejk com suavidade à senhora, que chorava no sofá — para que não pisem nele. Meus respeitos.

Švejk juntou os calcanhares, bateu continência e depois saiu. Na escada não restava nem rastro da briga. Tal como Vodička havia suposto, tudo transcorrera pacificamente. No entanto, no portão de entrada Švejk encontrou um colarinho rasgado. Dava a impressão de que ali acontecera o último ato daquela tragédia, que o senhor Kákonyi se agarrara desesperadamente à porta para que não o arrastassem para fora.

No entanto, a rua estava animada. O senhor Kákonyi fora levado à passagem da frente, onde alguém havia refrescado seu rosto com água. No meio da rua, o velho sapador Vodička lutava como um leão com vários hussardos que defendiam seu compatriota. Vodička agitava magistralmente a baioneta atada à correia como se fosse um cutelo. E não estava sozinho. Ao seu lado lutavam uns quantos soldados tchecos de diferentes regimentos que naquele momento passavam pela rua.

Segundo afirmou mais tarde, Švejk não sabia como havia se metido na briga e, como não tinha nenhuma arma pontiaguda, caiu nas suas mãos uma bengala de um espectador assustado.

A luta se prolongou durante um bom tempo, mas tudo o que é bom acaba. A polícia militar chegou e levou todo mundo.

Švejk caminhava feliz ao lado de Vodička, com a bengala que o comandante do esquadrão de prevenção declarara corpo de delito. Ia feliz, sustentando a bengala no ombro como se fosse um fuzil.

O velho sapador Vodička guardou obstinado silêncio durante todo o caminho. Somente quando chegaram ao posto policial disse, de maneira sombria:

— Eu não lhe disse que você não conhecia os húngaros?

34 De fato, Jaroslav Hašek foi redator da revista *O mundo animal* (em tcheco, *Svět zvířat*). (N. do T.)

35 *Čas* (*Tempo*), editado de 1887 a 1923, foi um jornal que divulgou as ideias de T. G. Masaryk e de seu Partido Realista. *Čech* (*Tcheco*) foi um órgão da ala conservadora do Partido (Clerical) do Povo. Masaryk foi o primeiro presidente da Tchecoslováquia. Assumiu em 1918. (N. do T.)

36 Em 1912, o governo austríaco promoveu, na imprensa, uma campanha contra a Sérvia, denunciando que o cônsul honorário em Prizren, que se chamava Procházka, fora sequestrado. No entanto, não acontecera nada com ele. (N. do T.)

37 A Áustria era chamada de Cisleitânia e a Hungria, de Transleitânia, de acordo com suas posições em relação ao rio Litava. (N. do T.)

38 Canções húngaras: "Senhor, senhor, senhor Justiça" e "Garotas, garotas, garotas da

aldeia". (N. do T.)
39 Aguardente húngara de bagas de zimbro. (N. do T.)
40 "Patife" em húngaro. (N. do T.)
41 Há quem acredite que Švejk se referia à condessa Elisabeth Báthory de Čachtice (1560-1614), que assassinava virgens e se banhava em seu sangue para preservar a beleza. (N. do T.)
42 Os guardas territoriais eram conhecidos como *Moscas de Ferro*. (N. do T.)
43 Blasfêmias em húngaro; em tradução livre: "Foda-se a mãe, foda-se Deus, Cristo, a Virgem Maria, foda-se o pai, foda-se o mundo." (N. do T.)

4

Novos sofrimentos

O coronel Schröder observava com satisfação o rosto pálido do tenente Lukáš, que estava tão perplexo que olhava o oficial de viés e desviava o olhar para o único objeto de decoração da sala: o mapa de distribuição da tropa no acampamento.

Diante do coronel Schröder, em cima da mesa, havia uns quantos jornais com textos marcados com lápis azul; o coronel lhes dirigiu uma rápida olhada. Depois olhou para o tenente Lukáš e disse:

— Então já sabe que seu ordenança Švejk está no cárcere e que muito provavelmente será enviado ao tribunal da divisão?

— Sim, senhor coronel.

— O assunto, nem preciso dizer, não termina aqui — disse o coronel com ênfase, deleitando-se com a palidez do rosto do tenente Lukáš. — É indiscutível que a opinião pública manifestou sua indignação diante da história de seu ordenança e que, inevitavelmente, seu nome será relacionado ao escândalo, senhor tenente. O comando da divisão já nos enviou certo material. Aqui tenho algumas publicações que tratam do assunto. Pode ler as reportagens em voz alta.

Entregou ao tenente Lukáš alguns exemplares com textos marcados. Este começou a lê-los em tom monocórdio como se estivesse lendo em um livro infantil uma frase como: "O mel alimenta muito mais e é mais fácil de digerir do que o açúcar."

ONDE ESTÁ A GARANTIA DO NOSSO FUTURO?

— É o *Pester Lloyd?* — perguntou o coronel.

— Sim, senhor coronel — respondeu o tenente Lukáš e continuou lendo:

A guerra exige a colaboração de todos os estratos sociais da monarquia austro-húngara. Se queremos que o nosso Estado seja seguro, todas as nações têm que se ajudar mutuamente. A garantia do nosso futuro repousa no respeito espontâneo que uma nação sente pela outra. Os grandes sacrifícios de nossos bravos soldados, que em todos os fronts avançam incessantemente, não seriam possíveis se na retaguarda (a artéria política que nutre nosso glorioso exército) não houvesse uma perfeita harmonia, se às costas de nosso exército aparecessem elementos que destruíssem a unidade do Estado e que, com sua propaganda subversiva e sua malícia, enfraquecessem a autoridade da unidade estatal e perturbassem a união dos povos do nosso império. Neste momento histórico, não podemos contemplar tranquilamente, em silêncio, algumas poucas pessoas que por motivos regionalistas tentam perturbar a ação unitária da luta de todas as nações do nosso império, que tentam infligir um castigo justo aos miseráveis que atacaram sem motivo o império austro-húngaro com o objetivo de despossuí-lo de todos os seus bens culturais e civis. Não podemos ignorar essas imundas manifestações de uma alma enferma que não deseja nada além de acabar com a concórdia que reina no coração de nossas nações. Em diversas ocasiões indicamos nas páginas da nossa revista que as autoridades militares se veem

forçadas a intervir com o máximo rigor contra todos aqueles indivíduos dos regimentos tchecos que, sem o menor respeito pela gloriosa tradição militar, com seu comportamento insensato e furioso, semeiam em nossas cidades húngaras o rancor contra toda a nação tcheca, que em seu conjunto não tem nenhuma culpa e que sempre defendeu energicamente os interesses de nosso império, fato testemunhado por vários generais tchecos, entre os quais recordamos especialmente a brilhante figura do marechal de campo Radetzky e outros defensores da monarquia austro-húngara. Na contramão desses exemplos luminosos, há alguns miseráveis, membros da corrompida gentalha tcheca, que aproveitam a guerra para se alistar na condição de voluntários e perturbam a harmonia das nações que integram o reino, permanecendo fiéis a suas origens mesquinhas. Já descobrimos os malfeitos cometidos pelo regimento nº... em Debrecen, cujos excessos estudou e condenou o Parlamento de Budapeste e cuja bandeira, mais tarde, no front foi... (censurado). Quem tem sobre sua suja consciência esse crime horrível? Quem incentivou os tchecos a... (censurado)? O que melhor demonstra as liberdades que os estrangeiros se permitem em nossa pátria húngara é o escândalo de Királyhida, nossa fortaleza sobre o rio Litava. A que nação pertenciam os soldados do acampamento dos arredores de Most nad Litavou que atacaram e maltrataram o senhor Gyula Kákonyi, comerciante local? Evidentemente as autoridades têm a obrigação de investigar esse crime e perguntar ao comando militar, que, com toda certeza se ocupa desse assunto, qual é o papel do tenente Lukasch nessa inaudita perseguição contra os súditos da monarquia húngara. O nome do tenente Lukasch se espalhou por toda a cidade em relação aos acontecimentos dos últimos dias, segundo nos informou nosso correspondente naquela localidade, que já recolheu muito material relacionado com o incidente, que, em uma época tão séria como a que estamos vivendo, clama aos céus. Os leitores do Pester Lloyd *certamente acompanharão com interesse o curso das investigações; nós, de nossa parte, lhes garantimos que não deixaremos de dar notícias a respeito do incidente de primeiríssima relevância. Mas, ao mesmo tempo, esperamos o informe oficial sobre o delito cometido em Királyhida contra a população húngara. É mais que evidente que o Parlamento de Budapeste terá de se ocupar deste assunto, para que fique claro, de uma vez por todas, que os soldados tchecos que cruzam o reino da Hungria para ir ao front não devem considerar o país da coroa de Santo Štěpán como se fosse um território que ocuparam. Se alguns membros desta nação, que representou tão bem em Királyhida a afinidade racial de todas as nações de nossa monarquia, ainda não compreendem a situação, fariam melhor ficando com a boca fechada, porque, em tempos de guerra, um projétil, um nó bem dado, o cárcere ou a baioneta podem ensiná-los a obedecer e a se submeter aos supremos interesses de nossa pátria comum.*

— Quem assina o artigo, tenente?
— Béla Barrabás, redator e deputado, senhor.

— É um notório imbecil. Mas, antes de aparecer no *Pester Lloyd*, esse mesmo artigo foi publicado pelo *Pesti Hírlap*. E agora leia-me a tradução oficial do artigo em húngaro publicado no jornal *Sopronyi Napló*, de Šopron.

O tenente Lukáš leu em voz alta o artigo em que o jornalista insistia de maneira anormal em usar uma mistura de frases como: "o comando da sabedoria estatal", "a lei e a ordem no âmbito do Estado", "a perversidade humana", "a dignidade e os sentimentos do povo pisoteados", "banquete canibal", "a sociedade humana exterminada", "bando de mamelucos", "vocês os reconhecerão nos bastidores". O artigo continuava no mesmo tom, como se os húngaros, em seu próprio território, fossem o elemento mais perseguido de todos. Como se os soldados tchecos tivessem chegado, atirado o jornalista de cara contra o chão, pisoteado seu ventre com suas botas militares enquanto ele gritava de dor e alguém tomava notas taquigráficas de seus lamentos.

"Um silêncio perigoso paira sobre alguns acontecimentos de extrema importância. Nada se escreve a respeito" — lamentava o *Sopronyi Napló*.

> *Todos sabemos perfeitamente como se comporta um soldado tcheco na Hungria e no front, que tipo de atos os tchecos cometem e de quem são a responsabilidade e a culpa. Sem sombra de dúvida, as atenções das autoridades estão concentradas em outros assuntos mais transcendentes, o que, no entanto, não deveria ser óbice para que mantivessem uma estreita relação com a situação geral e evitar assim que aconteçam fatos como os que tiveram lugar nos últimos dias em Királyhida. Nosso artigo de ontem foi censurado em quinze pontos. Por isso não nos resta outro remédio a não ser declarar que inclusive hoje, por motivos de ordem técnica, não podemos nos ocupar amplamente dos acontecimentos de Királyhida. Nosso correspondente confirmou que as autoridades mostram um verdadeiro interesse por esse assunto e levam a cabo as investigações com grande celeridade. A única coisa que chamou nossa atenção foi o fato de alguns participantes daquela carniceria ainda estarem em liberdade; nos referimos, sobretudo, a um indivíduo que, segundo os rumores, ainda está no acampamento sem ter recebido nenhum castigo e que usa, impávido, o distintivo de seu "regimento papagaio",[44] embora seu nome tenha sido mencionado ontem no* Pester Lloyd *e no* Pesti Napló. *Trata-se do conhecido chauvinista tcheco Lükáš, sobre cujas maquinações Géza Savanyu, nosso deputado que representa o distrito de Királyhida, apresentará uma interpelação.*

— Em termos igualmente amáveis se referem ao senhor o semanário de Királyhida e os jornais de Presburg — disse o coronel Schröder. — Mas, enfim, é a mesma ladainha de sempre. Atrás de tudo isso há motivações políticas, já sabemos, porque nós, os austríacos, tanto quanto os alemães ou tchecos, somos bastante anti-húngaros... O senhor me entende, tenente. Há uma certa tendência. Interessar-lhe-á mais o artigo do vespertino de Komárno, que afirma que o senhor tentou violentar a senhora Kákonyi diretamente na sala de jantar enquanto ela estava jantando e na presença de seu marido, a quem ameaçou com o sabre e obrigou a tapar a boca de sua mulher com um

guardanapo para que não gritasse. Esta é a última notícia que temos a seu respeito, senhor tenente.

O coronel sorriu e continuou:

— As autoridades não cumpriram com seu dever. A censura prévia dos jornais daqui também está nas mãos dos húngaros. Eles fazem com a gente o que bem entendem. Os nossos oficiais não têm como se proteger das ofensas dos porcos civis húngaros que trabalham como jornalistas nas redações dos jornais, e, apenas graças a nossa rigorosa intervenção, ou seja, a um telegrama de nosso tribunal da divisão, a Promotoria Pública de Budapeste deu passos pertinentes para que se levem a cabo diversas prisões em todas as redações mencionadas. Quem ganhará o primeiro prêmio das represálias será o editor do vespertino de Komárno, que não se esquecerá de seu jornal pelo resto da vida. O tribunal da divisão me encarregou de, como seu superior, interrogá-lo, e me enviou todos os documentos relativos ao seu caso. Tudo teria corrido bem se esse maldito Švejk não estivesse envolvido. Com ele prenderam um sapador, um tal de Vodička, e, no momento em que os levavam ao quartel-general depois da confusão, encontraram com esse sujeito a carta que o senhor enviara à senhora Kákonyi. Seu ordenança Švejk afirmou durante o interrogatório que a carta não era sua, tenente, e que ele próprio a escrevera, e quando lhe apresentaram a carta e lhe pediram que a copiasse para poder comparar a caligrafia, ele engoliu a folha que o senhor havia escrito. Então o escritório do regimento enviou os informes do senhor ao tribunal para compará-los com a letra de Švejk, e aqui está o resultado.

O coronel folheou os documentos e mostrou ao tenente o seguinte parágrafo: "O acusado Švejk negou-se a escrever as frases que lhe ditaram, afirmando que no transcurso da noite se esquecera de como se escreve."

— Senhor tenente, eu não considero nem um pouco importante o que Švejk e o sapador disseram no tribunal da divisão. Švejk e o sapador garantem que se tratava apenas de uma pequena brincadeira mal interpretada. Sustentam que foram eles as vítimas do ataque de alguns civis e que tiveram de se defender deles em nome da honra militar. Durante a investigação foi possível constatar que seu Švejk é uma bela de uma flor. A título de exemplo, quando lhe perguntaram por que não queria confessar a verdade, de acordo com o que está escrito no protocolo, respondeu: "Estou na mesma situação em que esteve certa vez o criado do pintor acadêmico Panuška por causa de uns quadros da Virgem Maria. Como eram quadros que, segundo a acusação, ele reconhecera ter desviado, não disse nada além do seguinte: 'Tenho que vomitar sangue?'" Naturalmente, em nome do comando do regimento, tomei providências para que seja publicada em todos os jornais, em nome da corte marcial da divisão, uma correção de todos esses infames artigos publicados pelos jornais locais. O comunicado será distribuído hoje. Espero ter feito tudo o que foi possível para consertar o que o comportamento inqualificável desses malditos jornalistas civis húngaros provocou. Creio que o redigi em bom estilo:

> *A corte marcial da divisão número N e o comando do regimento número N declaram que o artigo publicado no jornal local a propósito das supostas desordens provocadas pelos soldados do regimento número N não se baseia na verdade e portanto deve ser considerado uma invenção da primeira à última*

linha; em consequência das investigações que estão sendo levadas a cabo, os culpados serão submetidos à mais severa das punições.

— A corte marcial da divisão — continuou o coronel —, em seu comunicado dirigido ao comando de nosso regimento, sustenta que, na verdade, não se trata de nada além de uma sistemática instigação contra os regimentos militares que estão indo da Cisleitânia à Transleitânia. E veja quantas tropas nós havíamos enviado ao front e quantas eles enviaram. Para dizer a verdade, acho muito mais simpático um soldado tcheco do que toda essa chusma húngara. Recordo que certa vez, perto de Belgrado, os húngaros dispararam contra nosso segundo batalhão de linha, que não sabia que quem estava disparando eram os húngaros e abriram fogo contra os Deutchmeister na ala direita, e os Deutchmeister, levados também pelo seu erro, começaram a disparar contra o regimento bósnio que estava ao seu lado! Que confusão se armou naquele dia! Eu estava almoçando no estado-maior da brigada. No dia anterior tivéramos que nos contentar com presunto e sopa enlatada, e naquele dia nos serviram um bom caldo de galinha, filé com arroz e sonhos com creme. Na noite anterior havíamos enforcado na cidade um taverneiro sérvio e nossos cozinheiros encontraram em sua bodega um vinho de trinta anos. Imagine como fantasiávamos o almoço! Já havíamos acabado a sopa e nos dispúnhamos a atacar a galinha quando, de repente, começou o tiroteio. Nossa artilharia, que não tinha a menor ideia de que eram nossos regimentos que estavam disparando uns nos outros, começou a disparar contra nossa linha e uma granada caiu bem ao lado do estado-maior da brigada. Os sérvios, acreditando que em nosso exército havia se desatado um começo de rebelião, começaram a disparar contra a gente de todos os flancos e atravessaram o rio na nossa direção. Chamaram o general de brigada para que fosse ao telefone, enquanto o general de divisão armava um escândalo gritando que barbaridade estávamos fazendo, que ele acabara de receber da mais alta cúpula do exército a ordem de atacar a ala esquerda das posições sérvias às 2h35 da madrugada, que nós constituíamos a reserva e que era necessário mandar suspender, imediatamente, o fogo. Mas como pretendia deter o fogo em um caos como aquele!? A central telefônica da brigada anunciou que não conseguia entrar em contato com parte alguma, que respondia exclusivamente ao alto-comando do 75º Regimento, que tinha acabado de receber da divisão vizinha a ordem de "resistir", que não era possível falar com nossa divisão, que os sérvios tinham acabado de ocupar as cotas 212, 226 e 327, que se pedia o envio de um batalhão que servisse de contato e que desejava falar conosco. Passamos a linha à divisão, mas as comunicações já haviam sido interrompidas porque, nesse meio-tempo, os sérvios haviam chegado por detrás de nossas alas e haviam reduzido nosso centro a um triângulo em que tudo ficava inserido: o regimento, a artilharia, o destacamento com toda a coluna motorizada, o armazém e a enfermaria ambulante. Passei dois dias montado em cima da sela; nosso general de divisão caiu nas mãos do inimigo junto com o general de brigada. E os responsáveis por todo aquele inferno foram os húngaros, que haviam começado a disparar contra nosso segundo batalhão de linha. Entende-se que depois tenham jogado a culpa em cima da gente.

O coronel cuspiu:

— Agora, tenente, o senhor mesmo deve ter se convencido de que se aproveitaram de sua aventura em Királyhida.

O tenente Lukáš tossiu, perplexo.

— Senhor tenente — disse o coronel em tom confidencial —, com a mão no coração: quantas vezes o senhor se deitou com a senhora Kákonyi?

Naquele dia o coronel Schröder estava muito bem-humorado.

— Não me diga, senhor tenente, que acabou de começar a se corresponder com ela. Quando eu tinha sua idade, passei três semanas em Erlau fazendo um cursinho de agrimensor, e precisava ter me visto naquelas três semanas! Não fiz nada além de namorar com húngaras. Cada dia uma nova. Jovens e solteiras, mais velhas e casadas, conforme a ocasião. Levava tão a sério o trabalho com elas que quando voltava ao quartel mal conseguia caminhar. A que mais me esgotou foi a mulher de um advogado. Esta me ensinou tudo o que as húngaras sabem. Chegou a me morder o nariz, e não me deixou pregar os olhos durante toda a noite. Foi assim que começou a correspondência — continuou o coronel em tom confidencial, dando uma palmada no ombro do tenente —, ora. Não me diga nada, tenho minha própria opinião a respeito. O senhor se meteu com ela, o marido descobriu tudo e no final o idiota do Švejk... Quer saber de uma coisa, tenente? Seja como for, seu Švejk é um homem de caráter, se realmente fez tudo isso com a carta. É um homem como Deus manda, gosto muito do que fez. Por isso a investigação deve ser dada por concluída. O senhor, tenente, foi atacado duramente pelos jornais. Sua presença aqui é absolutamente desnecessária. Esta semana uma companhia partirá para a Rússia. O senhor é o oficial mais antigo da 11ª Companhia. Irá com ela na qualidade de comandante de companhia. Na brigada está tudo preparado. Diga ao intendente que procure outro ordenança para substituir esse Švejk.

O tenente Lukáš dirigiu um olhar cheio de gratidão ao coronel, mas este continuou:

— Designo Švejk para ocupar o posto de ordenança da sua companhia.

O coronel se levantou, apertou a mão de Lukáš, que empalidecera, e lhe disse:

— Tudo está, pois, acertado. Desejo-lhe muita sorte, que triunfe no front oriental. E se voltarmos a nos ver, venha a nossas reuniões, não nos evite como fez em Budějovice...

Ao voltar para casa, durante todo o caminho o tenente Lukáš não parava de repetir:

— Comandante de companhia, ordenança da companhia.

E a figura de Švejk surgiu diante dele com toda clareza.

Quando o intendente Vaněk recebeu a ordem do tenente Lukáš para encontrar um novo ordenança, que substituiria Švejk, esse disse:

— Eu achava que estava feliz com Švejk, tenente.

Mas em seguida, ao saber que o coronel havia nomeado Švejk ordenança da 11ª Companhia, exclamou:

— Que Deus nos proteja!

Seguindo o regulamento, nas dependências da corte marcial da divisão, um barracão provido de grades, todo mundo se levantava às sete da manhã e em seguida ia colocar em

ordem os colchões, que estavam no chão, empoeirados. Não havia catres. Sempre conforme o regulamento, as mantas eram depositadas sobre os colchões ao longo da parede daquele comprido dormitório. Quando terminavam o trabalho, os homens se sentavam nos bancos ao longo da parede e catavam piolhos — os que tinham acabado de voltar da guerra —, ou então se divertiam contando histórias.

Švejk e o velho sapador Vodička estavam sentados em um banco ao lado da porta, perto de alguns soldados de diversos regimentos e formações.

— Rapazes — começou Vodička —, vejam como aquele porco húngaro que está ao lado da janela reza para que tudo corra bem, o desgraçado. Não gostariam de rasgar a cara dele de orelha a orelha?

— Mas é uma boa pessoa — disse Švejk. — Está aqui porque não queria se incorporar às fileiras. É contra a guerra porque pertence a uma espécie de seita e foi preso porque não queria matar ninguém. Segue o mandamento de Deus, mas logo o obrigarão a engolir seu mandamento! Antes da guerra, na Morávia, vivia um senhor que se chamava Nemrava que não queria apoiar o fuzil no ombro, dizia que carregar um fuzil atentava contra seus princípios. Foi colocado atrás das grades e mantiveram-no ali por tanto tempo que ficou com um humor de cão. Depois o chamaram de novo para prestar juramento e ele disse que não, que não jurava, que aquilo ia contra seus princípios. Aguentou tudo aquilo e no final fez o que quis.

— Um estúpido — disse o sapador Vodička. — Poderia ter jurado e depois cagar para tudo, inclusive seu juramento.

— Eu já jurei três vezes — afirmou um soldado de infantaria — e é a terceira vez que estou aqui por deserção; se não tivesse um atestado médico segundo o qual, há quinze anos, em estado de demência, matei minha tia, certamente teriam me fuzilado três vezes. Mas minha defunta tia, pobrezinha, sempre me ajuda na emergência, e assim no final talvez consiga voltar para casa sem nenhum arranhão.

— E por que, meu amigo, você matou sua tia? — perguntou Švejk.

— Por que se matam as pessoas? — respondeu o homem de maneira simpática. — É mais claro do que a água: por dinheiro. A velha tinha cinco cadernetas de poupança e lhe enviaram os juros num dia em que eu estava sem um tostão e fora visitá-la. Afora ela, não tinha ninguém neste mundo. De maneira que lhe pedi que me ajudasse, mas ela, a víbora má, me disse que fosse trabalhar, que era jovem, forte e saudável. Uma coisa leva a outra: dei-lhe apenas dois golpes na cabeça com um atiçador e deixei sua cara de um modo que já não sabia se era a minha tia ou não. E assim fiquei diante dela e não parava de me perguntar: "É a minha tia ou não é a minha tia?" E nesse estado me encontraram os vizinhos, no dia seguinte, ao seu lado. Então fui enviado ao manicômio de Slupi e quando, antes da guerra, nos levaram diante da comissão do manicômio de Bohnice, me declararam curado e em seguida tive de me alistar no exército e cumprir os anos que havia perdido.

Ao seu lado passou um soldado esguio e magro com ar abatido, carregando uma vassoura.

— É um professor do último batalhão de linha — apresentou-o o artilheiro que estava sentado ao lado de Švejk. — Agora começará a varrer seu lugar. É um sujeito muito organizado. Está aqui por culpa de um poema que escreveu.

— Venha cá, professor! — gritou para o homem da vassoura, que se aproximou do banco com expressão muito séria. — Conte-nos aquela história dos

pulgões.

O soldado da vassoura tossiu e começou a declamar:

Todos se coçam sem cordura
sem importar os galões.
Até os de mais envergadura
são devorados pelos pulgões.

No exército uma pulga vive sã
chupando um manjar excelente.
Copula com a pulga prussiana
e o austríaco pulgão decadente.[45]

O soldado professor de ar abatido se sentou no banco ao lado dos demais e suspirou:

— Nada do outro mundo, não é mesmo? Pois por esta besteira o auditor me interrogou quatro vezes.

— Na verdade, não vale a pena nem conversar sobre isso — disse Švejk com grande sabedoria. — Agora depende de como o tribunal vai interpretar essa coisa de "austríaco pulgão decadente". Você tem sorte de ter usado a palavra *copular*; isso os deixará tão desconcertados que ficarão sem saber o que fazer. Bastará lhes dizer que o pulgão é o macho da pulga e que só um pulgão pode copular com uma pulga. De outra maneira, você não conseguirá se livrar do problema. É evidente que não escreveu isso para incomodar ninguém. Diga ao auditor que escreveu para se divertir e explique a ele que esse caso é semelhante ao dos cavalos: assim como o macho da égua se chama cavalo, o macho do piolho se chama pulgão.

O professor suspirou:

— O problema é que o auditor não sabe praticamente nada de tcheco. Já tentei lhe explicar tudo isso de uma maneira parecida, mas ele me interrompeu dizendo que piolho não tem masculino nem feminino. "Não pulgão", disse o auditor. "Pulgão ser outra coisa. *Femininum* piolho fêmea, *masculinum* piolho macho. Já conhecemos essa história."

— Em poucas e boas palavras — concluiu Švejk —, não há dúvida de que para você esse é um assunto espinhoso; mas não perca as esperanças, como disse um cigano de Pilsen, um tal de Janeček, pois tudo pode melhorar. Disse isso quando foi condenado a morrer na forca em 1879 por ter cometido um duplo latrocínio. E tinha razão, porque o deixaram ir embora quando já estava com a corda no pescoço, pois não puderam pendurá-lo porque era o aniversário do imperador. E por isso o enforcaram um dia depois do aniversário e o cigano teve a sorte de ter sido indultado no terceiro dia e foi necessário julgá-lo de novo porque tudo indicava que quem havia cometido o crime não fora ele, mas outro Janeček. E assim tiveram que desenterrá-lo do cemitério de condenados e trasladá-lo ao cemitério católico de Pilsen, mas logo se deram conta de que não era católico, mas evangélico, de modo que o trasladaram ao cemitério evangélico e depois...

— Depois vou lhe dar um par de tapas — interrompeu-o o velho sapador Vodička. — O que esse cara está pensando... Estamos todos preocupados com a corte marcial da divisão e ele não para de falar. Como ontem, quando estávamos sendo levados ao interrogatório e ele ficou me explicando o que é a rosa de Jericó.

— Mas isso quem inventou não fui eu, e sim o Matěj, o criado do pintor Panuška, aquele que explicou a uma velha quando esta lhe perguntou que aspecto tinha a rosa de Jericó. Então lhe disse: "Pegue uma bosta de vaca, coloque-a em um prato, regue-a com água e crescerão folhas verdes: isso é a rosa de Jericó" — defendeu-se Švejk. — Eu não inventei essa besteira, mas tínhamos que conversar sobre alguma coisa quando estávamos indo para o interrogatório. Eu só queria consolá-lo, Vodička...

— Você me consolar... — disse Vodička, cuspindo com desprezo. — Só estou preocupado em como vou fazer para sair do atoladeiro e ficar em liberdade para acertar as contas com os húngaros e ele quer me consolar com uma bosta! Como posso fazer para que esses húngaros nos paguem pelo que fizeram com a gente se estou trancafiado e ainda por cima tenho de fingir e dizer ao auditor que não tenho absolutamente nenhum ressentimento contra eles! Que vida de cão! Mas no dia em que um desses porcos cair em minhas mãos eu o estrangularei como se fosse um cachorro! Vou lhes mostrar o *isten áld meg a magyar*,[46] logo acertaremos as contas, vocês vão ver que ainda ouvirão falar de mim!

— Não precisamos nos preocupar nem um pouco com isso — disse Švejk —, tudo se acertará; o mais importante é sempre dizer mentiras no tribunal. Aquele que se deixa seduzir e confessa a verdade está perdido, será sempre um zero à esquerda. Quando eu trabalhava em Moravská Ostrava, aconteceu o seguinte caso: um mineiro deu um soco no meio dos quatro-olhos de um engenheiro quando estava sozinho com ele e ninguém viu. O advogado que o defendia insistiu que negasse tudo, que não poderiam fazer nada contra ele; no entanto, o presidente do júri tentou convencê-lo de que a confissão era uma circunstância atenuante. Ele continuou insistindo que não tinha nada a confessar, de maneira que quando apresentou o álibi foi absolvido. No mesmo dia, em Brno...

— Meu Deus do céu! — irritou-se Vodička —, não aguento mais! Não entendo por que o idiota não para. Ontem no interrogatório havia alguém assim. Quando o auditor lhe perguntou que ofício tinha na vida civil, ele disse: "Eu sopro para o Křiž." E levou mais de meia hora para explicar claramente que soprava o fole do ferreiro Křiž. E quando lhe perguntaram: "Então na vida civil o senhor é auxiliar de operário?", ele respondeu: "Como assim? O guarda-noturno é o Franta Hybš[47] Cruz."

Ouviram-se passos no corredor e uma exclamação da sentinela:

— Novo lote!

— Está chegando mais gente — disse Švejk alegremente. — Talvez um dos novos tenha conseguido esconder algum tabaco.

A porta foi aberta e empurraram para dentro um voluntário, o mesmo que estivera com Švejk na prisão de Budějovice e fora destinado à cozinha de alguma companhia que estava indo ao front.

— Louvado seja o Senhor Jesus Cristo! — disse assim que entrou, e Švejk respondeu por todos:

— Para sempre seja louvado, amém!

O voluntário olhou para Švejk com tranquilidade. Colocou no chão a manta que trouxera com ele, se sentou no banco com o grupo tcheco, tirou as polainas, pegou os cigarros que tinha escondido em suas dobras e os distribuiu. Depois tirou das botas um pedaço de lixa de uma caixinha de fósforos e alguns palitos com a cabeça cortada pelo meio.

Riscou um fósforo, acendeu com muito cuidado um cigarro, ofereceu fogo para todo mundo e disse, com indiferença:

— Estou sendo acusado de insubordinação.

— Isso não é nada — disse Švejk, querendo consolá-lo —, não passa de uma brincadeira.

— É claro que é — disse o voluntário —, mas eu realmente não entendo se nossa intenção é ganhar a guerra através de todos esses processos. Se querem me julgar de qualquer maneira, que me julguem. No fundo, um processo não muda a situação global.

— E como você se insubordinou? — perguntou o velho sapador Vodička, olhando com simpatia para o voluntário.

— Me recusei a limpar as latrinas do quartel-general — respondeu — e por isso me levaram ao coronel, um porco repugnante. Começou a gritar que eu estava ali para a corte marcial, que não passava de um preso comum, que se espantava de que a Terra ainda me aguentasse sobre ela e que sentia vergonha de que no exército tivesse aparecido um homem que, embora tivesse o direito de ser voluntário, podendo usufruir por um ano das honrarias destinadas aos oficiais, em troca despertava, com seu comportamento, o asco e o desprezo dos superiores. Respondi que a rotação do globo terrestre não pode ser detida pelo simples fato de que tenha aparecido um voluntário como eu, que as leis da natureza são mais poderosas do que os galões dos voluntários e que gostaria de saber o que podia me obrigar a limpar uma latrina que não sujei embora tivesse direito, levando em conta o rancho repugnante do regimento, a couve podre e a carne de carneiro urinada que nos é servida. Disse também ao coronel que sua surpresa diante do fato de a Terra me aguentar era um pouco estranha, pois nenhum terremoto acontece por minha culpa. Durante todo o meu discurso o coronel não parava de bater os dentes de raiva, como uma égua quando sente o frio dos nabos congelados na língua, e depois gritou: "Vai limpar as latrinas ou não?" "Humildemente, não vou limpar." "Pelos diabos, é claro que vai limpar, não uma, mas cem latrinas!" "Humildemente, não vou limpar nem cem nem uma latrina."

"E a mesma cantilena ficou se repetindo: 'Vai limpar.' 'Não vou limpar.' As latrinas iam de um lado a outro como se fossem uma canção de ninar da escritora Pavla Moudrá. O coronel corria pela sala como um possesso; finalmente se sentou e disse: 'Pense bem, eu o enviarei ao tribunal da divisão por insubordinação. Não creia que será o primeiro voluntário a ser fuzilado nesta guerra. Na Sérvia penduramos dois da 10ª Companhia e fuzilamos, como se fosse um cordeiro, um voluntário da 9ª. E quer saber por quê? Porque eram teimosos. Os dois que foram enforcados tinham se negado a apunhalar a mulher e o filho de um guerrilheiro balcânico perto de Šabac e o da 9ª foi fuzilado porque não queria avançar e se desculpava dizendo que tinha pés chatos e que ficavam inchados. E então, vai limpar as latrinas ou não?' 'Humildemente, não', respondi. O coronel me olhou e disse: 'Ouça, você é, por acaso, eslavófilo?'

‘Humildemente, não sou.’ Depois me levaram e me comunicaram que eu estava sendo acusado de insubordinação.

— O melhor que você pode fazer agora — aconselhou-o Švejk — é se fazer passar por idiota. Quando estive preso no quartel, havia entre nós um homem muito inteligente e culto, um professor da escola de comércio. Desertara do front e foi submetido a um daqueles célebres processos que eram instaurados para que servissem de exemplo. Pois ele se livrou da condenação e da forca de uma maneira muito simples. Fingiu que tinha uma tara hereditária e, quando foi examinado pelo médico do alto-comando, disse que não havia desertado, que desde a infância gostava muito de viajar e que de vez em quando sentia um desejo irrefreável de desaparecer, de ir a algum lugar distante. Que uma vez acordara em Hamburgo, outra em Londres, e que não tinha a mais remota ideia de como chegara àqueles lugares. Que seu pai era alcoólatra e havia se suicidado antes de seu nascimento, que sua mãe era prostituta, bebia muito e morrera de *delirium tremens*. Sua irmã menor se afogara e a maior se atirara embaixo de um trem, seu irmão se jogara da ponte da estrada de ferro de Vyšehrad, o avô assassinara sua mulher, se cobrira de gasolina e se incendiara, a outra avó andava com ciganos e se envenenara no cárcere com fósforos, um de seus primos fora condenado várias vezes como incendiário e cortara as veias do pescoço com cacos de vidro na prisão do monastério da ordem dos cartuxos, uma prima por parte de pai se atirara de um sexto andar em Viena, e sua própria formação fora muito precária, não havia aprendido a falar até os dez anos porque, quando tinha seis meses, um dia, quando estavam trocando suas fraldas, colocaram-no em cima de uma mesa e se afastaram por um momento e nesse meio-tempo um gato o derrubou no chão e ele bateu com a cabeça; a partir de então de vez em quando tinha fortes dores de cabeça e nesses momentos não sabia o que fazia; quando partiu do front em direção a Praga estava naquele estado e não voltou a si até que a polícia militar o deteve na cervejaria U Fleků. Meu Deus, você precisava ter visto como ficaram felizes de deixá-lo abandonar o exército. E uns cinco soldados que estavam com ele atrás das grades anotaram, por via das dúvidas, sua história mais ou menos dessa maneira:

“Pai alcoólatra. Mãe prostituta.
I. irmã (afogada).
II. irmã (trem).
Irmão (da ponte).
Avô + mulher, gasolina, queimou.
II. avó (ciganos, fósforos) + etc.

“Quando um deles começou a contar essa história ao médico militar, não conseguiu ir além do primo e, como já era o terceiro caso, o médico o interrompeu dizendo: ‘Sim, homem, e sua prima por parte de pai se atirou do sexto andar em Viena, você recebeu uma formação muito precária, e por isso o reformatório lhe fará muito bem.’ De modo que o levaram para lá, onde o moeram a pauladas e de repente a formação precária e o pai alcoólatra desapareceram e preferiu se alistar no exército como voluntário.”

— Hoje em dia, no exército — disse o voluntário —, ninguém mais acredita em taras hereditárias porque então teriam que trancar em um manicômio todos os oficiais do Estado-Maior.

Ouviu-se alguém girando a chave na fechadura da porta de ferro e em seguida entrou o carcereiro.

— Soldado de infantaria Švejk, sapador Vodička, ao senhor auditor!

Levantaram-se e Vodička disse a Švejk:

— Você viu como são idiotas? Todos os dias nos interrogam e não conseguem esclarecer nada. Seria melhor que nos condenassem da porra de uma vez ao invés de ficar nos levando de um lado a outro! Passamos o dia inteiro de Deus deitados aqui e aqueles bastardos húngaros correndo em volta...

Enquanto se dirigiam ao outro lado do acampamento, à sala do tribunal da divisão onde seriam interrogados, o sapador Vodička e Švejk ficaram se perguntando quando os levariam, finalmente, a um tribunal comum.

— Sempre o mesmo interrogatório! — disse Vodička, indignado. — Se pelo menos esclarecessem alguma coisa! Gastam montanhas de papel, mas nem sinal do julgamento. Desse jeito vamos apodrecer atrás das grades. Me responda com toda sinceridade: é possível comer a sopa que nos servem? E a couve com batatas congeladas? Pelo amor de Deus, nunca vi uma guerra mundial tão estúpida como esta. Eu a imaginei de uma maneira muito diferente.

— Eu, pelo contrário, estou muito tranquilo — disse Švejk. — Há alguns anos, quando estava fazendo o serviço militar, o Solpera, nosso primeiro-cabo, dizia que no exército todo mundo tem que ter consciência de suas obrigações e lhe dava uma bofetada tão forte que você nunca mais a esquecia. Quando o falecido tenente Kvajser vinha examinar os fuzis, sempre dizia que cada soldado tem que demonstrar a máxima firmeza de espírito porque os soldados não passam de animais que o Estado alimenta, que recebem café e tabaco de cachimbo, e por isso se espera deles que trabalhem como burros de carga.

O sapador Vodička ficou pensando e depois disse:

— Quando estiver diante do auditor, Švejk, não se equivoque e repita a mesma coisa que lhes contou no outro dia. Não vá se meter em confusão. Quero dizer que o mais importante é você contar que viu aqueles rapazes húngaros me atacarem. Não se esqueça, fizemos tudo juntos.

— Não tenha medo de nada, Vodička — tranquilizou-o Švejk. — Acalme-se, não fique nervoso. O que há de estranho em ir a um tribunal de divisão? Você precisava ver como, há alguns anos, os tribunais se livravam do trabalho. No serviço militar havia um tal de professor Heral e uma vez, quando mandaram que todos os homens do nosso alojamento ficassem presos no quartel, nos disse, esticado no colchão, que no Museu de Praga havia um livro com anotações de um tribunal militar da época de Maria Tereza. Cada regimento tinha seu carrasco, que executava os soldados do regimento, um depois do outro, ao preço de um táler de Maria Tereza por cada execução. Segundo aquele registro, havia dias em que o verdugo ganhava até cinco táleres. É claro que — acrescentou Švejk judiciosamente — naqueles tempos os regimentos eram fortes e complementados constantemente nas aldeias.

— Quando eu estava na Sérvia — disse Vodička —, aparecia muita gente na brigada se oferecendo para enforcar guerrilheiros balcânicos; como recompensa,

recebiam cigarros. Aquele que pendurava um homem recebia dez Sport; uma mulher e uma criança, cinco. Então a intendência começou a economizar enforcando em massa. Comigo estava um cigano e só soubemos muito tempo depois que se dedicava a essa atividade. A única coisa que achávamos estranha é que à noite era sempre chamado à administração. Naquela época estávamos perto do Drina. E uma noite, quando ele estava fora, alguém resolveu fuçar em suas coisas. Bem, acontece que o espertinho tinha três pacotes de cem cigarros na mochila. Quando voltou, de madrugada, ao celeiro onde dormíamos, o submetemos a um julgamento sumário. Jogamos o sujeito no chão e um tal de Běloun o estrangulou com uma correia. Mas o canalha tinha sete vidas, parecia um gato.

O velho sapador Vodička cuspiu:

— Não conseguiram estrangulá-lo. Cagou em cima da gente, seus olhos saltaram das órbitas e continuou vivo como um galo que não foi inteiramente degolado. De modo que nos vimos obrigados a despedaçá-lo como se fosse um gato. Dois homens seguraram sua cabeça, dois os pés e torceram seu pescoço. Depois colocaram em suas costas a mochila com os cigarros e o jogaram no Drina. Quem conseguiria fumar aqueles cigarros! Na manhã seguinte, ficaram procurando o sujeito em todos os lugares.

— Vocês deveriam ter dito que havia desertado — observou Švejk, sabiamente. — Que estava preparando tudo, que todo dia dizia que ia fugir.

— Mas quem conseguiria pensar numa coisa dessas! — respondeu Vodička. — Nós fizemos nosso trabalho e não nos importamos com os outros. Ali tudo era mais fácil. Todo dia alguém desaparecia e nem os tiravam mais do Drina. Um guerrilheiro balcânico flutuava Drina abaixo em direção ao Danúbio ao lado de um dos nossos da Defesa Territorial. Alguns novatos ficavam um pouco febris quando viam pela primeira vez um espetáculo daqueles.

— Deveriam ter lhes dado quinina — sentenciou Švejk.

Entraram no barracão onde ficavam as salas do tribunal da divisão. A patrulha levou-os à de número 8, na qual, atrás de uma longa mesa coberta com pilhas de papéis, estava sentado o auditor Ruller.

Diante dele, em cima de um dos volumes do código penal, descansava uma xícara de chá meio vazia. No lado direito da mesa havia um crucifixo de falso marfim com um Cristo empoeirado que olhava desesperadamente para a base da cruz, cheia de cinzas e pontas de cigarro.

Naquele momento, o auditor Ruller sacudia a cinza de um cigarro para avivar o sofrimento do Deus crucifixado; com a outra mão puxava a xícara de chá que se grudara no código.

Depois de ter descolado a xícara do código, o auditor continuou folheando um livro que haviam lhe emprestado no cassino dos oficiais.

Tratava-se de um texto de F. S. Kraus em alemão com o promissor título *Pesquisas sobre a história do desenvolvimento da moral sexual*.

Imerso na contemplação de algumas reproduções de ingênuos desenhos de órgãos sexuais masculinos e femininos, que estavam acompanhados de alguns versos que o sábio F. S. Kraus provavelmente encontrara nos mictórios da estação de trem de Berlim Ocidental, o auditor não percebeu a presença dos homens que haviam acabado de entrar na sala.

Só quando Vodička tossiu o auditor parou de contemplar os desenhos.

— O que está acontecendo? — perguntou, sem parar de folhear o livro, procurando novos desenhos ingênuos.

— Humildemente, senhor — respondeu Švejk —, o companheiro Vodička pegou um resfriado e por isso está tossindo.

Então, finalmente, o auditor Ruller olhou para Švejk e Vodička. E aí tentou esboçar em seu rosto uma expressão severa.

— Até que enfim vocês chegaram, rapazes — disse, afastando uma das pilhas de papéis da mesa. — Mandei que estivessem aqui às nove e já são quase onze.

"Que posição é essa, seu idiota?", perguntou a Vodička, que havia tomado a liberdade de adotar a posição de descanso. "Só quando disser *Descansar!* poderá fazer o que quiser com suas patas."

— Humildemente, senhor — disse Švejk —, meu companheiro sofre de reumatismo.

— Você, cale a boca — disse o auditor Ruller. — Responda só quando eu lhe perguntar. Já o submeti três vezes a um interrogatório cruzado e foi como tentar tirar água da pedra. E, então, vou encontrar o expediente ou não? Quanto trabalho vocês estão me dando, seus ordinários! Mas vai lhes custar caro molestar o tribunal inutilmente.

"Vejam isso", disse quando tirou, finalmente, da pilha uma grossa pasta com a inscrição SCHWEJK & WODITSCHKA. "Não pensem que vão ficar usando o tribunal da divisão por causa de uma estúpida briga e que assim conseguirão adiar sua ida ao front por algum tempo. Por culpa de vocês fui obrigado, inclusive, a telefonar ao tribunal do exército, idiotas!"

Suspirou.

— Não faça uma cara tão séria, Švejk — continuou. — No front você vai perder logo a vontade de brigar com soldados húngaros. A investigação contra vocês está suspensa e cada um voltará a seu regimento, onde receberão o castigo que merecem de acordo com as acusações. Depois irão ao front com a primeira companhia de linha. E se voltarem a cair em minhas mãos, eu os farei pagar caro! Aqui está a dispensa e se comportem como é devido. Levem-nos à sala número 2.

— Humildemente, senhor — disse Švejk —, levaremos muito a sério suas palavras e lhe agradecemos de todo o coração sua bondade. Se estivéssemos à paisana lhe diria que o senhor tem um coração de ouro. E aproveitamos a oportunidade para lhe pedir que nos desculpe pelas dores de cabeça que lhe causamos. Não merecemos de modo algum semelhante deferência.

— Vão para o diabo! — exclamou o auditor, dirigindo-se a Švejk. — Se o coronel Schröder não tivesse intervindo a seu favor, não sei o que teria acontecido com vocês.

Vodička não se sentiu de todo como o velho Vodička de sempre até que saiu ao corredor, acompanhado da patrulha que os conduzia à sala número 2. O soldado que os acompanhava estava com medo de se atrasar para o almoço e por isso disse:

— Vamos, rapazes, vamos! Estão andando como lesmas!

Então Vodička replicou que seria melhor que fechasse o bico, que tinha sorte de ser tcheco, porque se fosse húngaro o despedaçaria como se fosse um arenque.

Como os auxiliares de escritório haviam ido buscar o rancho, o soldado que os acompanhava teve de levá-los de novo à cela do tribunal da divisão; enquanto o fazia,

não conseguia deixar de proferir maldições contra a odiosa raça dos auxiliares de escritórios do exército.

— Meus companheiros comerão de novo toda a gordura da sopa — lamentava-se em voz trágica — e no lugar da carne só me deixarão ossos. Ontem também me coube acompanhar dois soldados pelo acampamento e enquanto isso alguém devorou metade da bisnaga que tinham reservado para mim.

— Aqui no tribunal da divisão vocês só pensam em encher a barriga — disse Vodička, que já recuperara o ânimo e voltava a ser ele.

Quando disseram ao voluntário como tudo transcorrera, este exclamou:

— De maneira que lhes caberá a companhia que marchar ao front, amigos! Preciso lhes desejar, como fazem as revistas tchecas de turismo, boa viagem! Os preparativos preliminares para a viagem já foram feitos, a gloriosa administração do exército se encarregou de tudo. Vocês foram convidados a participar da excursão à Galícia, ora. Viajem com alegria e serenidade. Observem com amor todas as regiões pelas quais passarem, tanto por sua beleza como por seus atrativos. Em terras distantes se sentirão como se estivessem em casa, como em um lugar familiar, sim, quase como na amada pátria. Comecem a peregrinação a essas terras com sentimentos elevados. O velho Humboldt disse: "Em todo o mundo nunca vi nada mais grandioso do que aquela estúpida Galícia." As abundantes e preciosas experiências que nosso glorioso exército terá acumulado quando voltar da Galícia servirão de guia magnífico para uma nova campanha. Avante, sempre avante à Rússia, com o objetivo de disparar com alegria todos os cartuchos.

Depois do almoço, antes de Švejk e Vodička irem à administração, aproximou-se deles o pobre professor que escrevera o poema dos pulgões. Puxando-os para um lado, disse, em tom confidencial:

— Quando estiverem no lado russo, não se esqueçam de lhes dizer, em russo: "Olá, irmãos russos, nós somos seus irmãos tchecos, não somos austríacos!"

Ao sair da cela, Vodička, que queria manifestar seu ódio pelos húngaros e deixar claro que a prisão não destruíra nem minara suas convicções, pisou no pé do húngaro que não queria ir à guerra e gritou:

— Calce os sapatos, animal!

— Devia ter me respondido — disse depois o velho sapador com tristeza, dirigindo-se a Švejk. — Se tivesse respondido, teria dado uma porrada em sua cara húngara como jamais se viu. Mas o cabeça oca fica calado e deixa que pisem nos seus pés. Pelo amor de Deus, Švejk, eu estou furioso assim porque não fui condenado! Parece que estavam rindo da gente, que não vale a pena perder tempo com húngaros. E nós lutamos como leões! Você também os deixou estropiados, é culpa sua se não fomos condenados e se nos deram carta branca, como se não soubéssemos brigar. O que estão pensando a nosso respeito, depois de tudo? Foi uma ótima briga!

— Querido amigo — disse Švejk com benevolência —, não entendo por que você não está feliz. O tribunal da divisão reconheceu que somos pessoas honradas contra as quais nada se pode fazer. É verdade que durante o interrogatório inventei algumas coisas a título de desculpa, mas era necessário; diante de um tribunal sua obrigação é mentir, como dizia o advogado Bass a seus clientes. Quando o auditor me perguntou por que irrompemos na casa do senhor Kákonyi, respondi, simplesmente:

"Achei que visitar o senhor Kákonyi seria a melhor maneira de conhecê-lo." O auditor não me perguntou mais nada, já tinha o suficiente.

"Recorde", continuou refletindo Švejk, "que diante dos tribunais militares nunca se deve confessar a verdade. Quando estava diante do tribunal da guarnição, um soldado da cela ao lado confessou o que havia feito. Quando os demais ficaram sabendo, lhe deram uma surra e o obrigaram a desmentir a confissão".

— Se eu tivesse feito alguma coisa desonesta, não teria confessado — disse o sapador Vodička. — Mas como o burro do auditor me perguntou diretamente: "Você brigou?", então respondi: "Sim, briguei!" "Maltratou alguém?" "Claro que sim, senhor auditor!", disse, para que soubesse com quem estava falando. E é exatamente aí que está a vergonha: deixaram que fôssemos embora. É como se não acreditassem que quebrei a chibata de tanto bater nos porcos húngaros, que deixei-os destroçados, cheios de galos e manchas roxas. Você também estava lá e viu que, em certo momento, tive três cães húngaros em cima de mim e que depois de um segundo todos se remexiam no chão enquanto eu os pisoteava. E depois disso tudo, um auditor mequetrefe suspende a ação contra nós! É como se me dissesse: "O que você imaginou? Que eu ia acreditar que um joão-ninguém como você saiu na porrada?" Quando a guerra acabar e eu voltar à vida civil, vou procurá-lo para lhe mostrar se sei brigar ou não! Depois voltarei para cá, para Királyhida, e armarei uma confusão como o mundo nunca viu. As pessoas terão que se esconder nos porões quando souberem que Vodička veio visitar os idiotas de Királyhida, esses sem-vergonha, esses canalhas!

No escritório, as formalidades foram concluídas rapidamente. Um sargento-mor de rosto grave e com os lábios ainda gordurosos do almoço entregou a Švejk e a Vodička seus documentos e não perdeu a oportunidade de fazer um discurso apelando ao seu espírito militar; e como era *Wasserpolak*, fez o sermão em seu dialeto ridículo, uma mistura de polonês e alemão, dizendo coisas como "*marekvium*", "*glupi rolmopsie*", "*krajcová sedmina*", "*sviňa porýpana*" e "*dum vám baně na mjesjnuckov vaši gzichty*.[48]"

Quando chegou o momento de se despedir de Vodička porque cada um devia ir para seu regimento, Švejk disse:

— Venha me visitar depois da guerra. Estarei toda tarde depois das seis na taverna U Kalicha, na rua Na Bojišti.

— Logo nos veremos, então — respondeu Vodička. — E conseguiremos nos divertir na sua taverna?

— Todo dia acontece alguma coisa — prometeu Švejk. — Se o ambiente estiver muito tranquilo, nós mesmos aprontaremos uma bagunça dos mil demônios.

Afastaram-se. Quando já haviam se distanciado alguns passos, o velho sapador gritou para Švejk:

— Que haja confusão quando for vê-lo!

Švejk respondeu:

— Venha sem falta!

Afastaram-se e, depois de um tempo, de uma esquina da segunda linha dos barracões, ouviu-se a voz de Vodička:

— Švejk! Ei, Švejk, que cerveja servem no U Kalicha?

E, como um eco, chegou a resposta de Švejk:

— Velkopopovický!

— Eu achava que era a Smíchovský![49] — gritou Vodička, que já ia longe.

— Também têm garotas! — gritou Švejk.

— Então depois da guerra, às seis da tarde! — gritou Vodička de uma rua mais abaixo.

— Será melhor aparecer às seis e meia, para o caso de me atrasar! — respondeu Švejk.

Então voltou a se ouvir a voz de Vodička, já muito distante:

— Você não pode às seis?

— Tudo bem, estarei lá às seis! — foi o que Vodička ouviu como resposta do companheiro que se distanciava.

Foi assim que o bom soldado Švejk se despediu do velho sapador Vodička. Como reza o ditado alemão: *Wenn die Leute auseinandergehen, da sagen sie auf Wiedersehen*![50]

[44] Referência à cor dos uniformes usados pelo 91º Regimento. (N. do T.)
[45] Referência ao imperador Franz Joseph. (N. do T.)
[46] "Deus abençoe os húngaros", primeiras palavras do hino nacional húngaro. (N. do T.)
[47] Jogo de palavras em tcheco intraduzível. "Kříž" significa "cruz". Ou seja, ele era auxiliar do ferreiro "Cruz". Auxiliar de operário é "pomocný dělník" e na época havia uma profissão, já extinta, chamada de "ponocný", uma espécie de guarda-noturno que andava à noite pelas cidades soprando uma corneta para avisar cada hora cheia, como os sinos das igrejas. (N. do T.)
[48] Wasserpolak (literalmente polo aquático) é como eram chamados, pejorativamente, os habitantes da Silésia do Sul e do Oeste, onde se falava uma língua que era uma mistura de alemão e polonês. (N. do T.)
[49] Duas marcas famosas de cerveja tcheca. (N. do T.)
[50] Quando as pessoas se separam, dizem "até logo". (N. do T.)

5
De Most nad Litava a Sokal

O tenente Lukáš caminhava, furioso, para cima e para baixo no escritório da 11ª Companhia, um cubículo escuro do barracão da companhia, separado do corredor por algumas tábuas. Uma mesa, duas cadeiras, uma lata de benzina e um catre.

Diante dele estava o intendente Vaněk, providenciando o pagamento dos soldos, examinando a contabilidade da cozinha dos soldados... ou seja, era o ministro de finanças da companhia. Passava o dia inteiro no escritório, onde também dormia.

Na frente da porta, um soldado de infantaria, barbudo e corpulento como o gigante Krakonoš.[51] Era Baloun, o novo escudeiro do tenente, um sujeito que, antes de se incorporar às fileiras, trabalhava como moleiro na região de Český Krumlov.

— Naturalmente me enviou o melhor ordenança do mundo! — disse o tenente Lukáš ao intendente. — Agradeço-lhe a surpresa de todo o coração! No primeiro dia mandei que fosse buscar a comida e ele devorou metade da ração.

— Me desculpe, é que entornei um pouco — disse o gigante gordo.

— Entornou, está certo. Mas só é possível entornar uma sopa ou um molho, mas não um assado. Você me trouxe um pedaço tão pequeno que mal dava pra ver! E onde enfiou o apfelstrudel?

O tenente Lukáš pronunciou as últimas palavras com tanta seriedade e com uma voz tão severa que Baloun deu, involuntariamente, dois passos para trás.

— Na cozinha me informaram o que nos serviriam hoje. Tinham sopa com almôndegas de fígado. Onde você enfiou as almôndegas? Comeu-as pelo caminho, não há a menor dúvida. Depois, vitela com pepinos. O que você fez com ela? Devorou-a. Em lugar de duas salsichas de Frankfurt assadas, me trouxe uma! E onde enfiou as duas fatias de apfelstrudel? Onde as enfiou? Me diga! Você se empanturrou como um ladrão, porco miserável, asqueroso! Me diga, onde enfiou o apfelstrudel? Que caiu no barro? Sem-vergonha! Você pode me mostrar onde foi que caiu no barro? Vai dizer que depois apareceu um cachorro e o levou correndo? Virgem Maria, eu vou lhe dar uma surra tal que sua cabeça vai ficar como um bumbo! E continua negando tudo, o grande animal. Você sabe quem o viu? O intendente Vaněk aqui o viu. Veio e me disse: "Humildemente, senhor tenente, o imundo do Baloun está devorando sua comida." Olhei pela janela e o vi se fartando como se não tivesse comido durante uma semana. Ouça, intendente, você não conseguiu mesmo encontrar um animal um pouco menos asqueroso do que este sem-vergonha?

— Humildemente, senhor. Baloun me pareceu o homem mais honrado de toda nossa companhia. É tão estúpido que nem sequer se lembra de como se maneja uma arma. Se lhe entregassem um fuzil, certamente provocaria algum acidente. Nos últimos exercícios de tiro, por pouco não arranca o olho de um sujeito que estava ao seu lado. Achei que pelo menos poderia ocupar esse cargo.

— E devorar sempre o almoço do seu amo, não é mesmo? — disse Lukáš. — Como se uma ração não lhe bastasse. Me diga, você ainda está com fome?

— Humildemente, senhor, eu sempre estou com fome. Quando sobra pão de alguém, eu o recompro em troca de cigarros, mas nunca é suficiente. Minha constituição é assim. Sempre acho que estou farto, mas não. Depois de um tempo, fico me sentindo como me sentia antes de comer: o desgraçado do meu estômago começa a

fazer ruídos, me pedindo comida. Às vezes penso que estou cheio, que já não cabe mais nada, mas não é assim. Quando vejo alguém comer ou sinto cheiro de comida, meu estômago começa a reclamar seus direitos e eu seria capaz de engolir pregos. Humildemente, senhor, já pedi que me deem ração dupla; por isso, em Budějovice, procurei o médico do regimento; ele me mandou ficar três dias na enfermaria e receitou que me dessem a cada dia apenas uma xícara de consomê. "Eu vou lhe ensinar o que é ter fome, sem-vergonha! Se voltar aqui, lhe imporei um regime tão severo que você ficará mais magro do que uma haste de trigo!" Não é necessário que sejam coisas saborosas, senhor, mesmo a comida mais banal desperta meu apetite, fico logo com água na boca. Humildemente, senhor, lhe suplico que me conceda ração dupla. Se não houver mais carne, pelo menos a guarnição: batatas, arroz, um pouco de molho, isso sempre sobra...

— De acordo, Baloun, já ouvi suas insolências — respondeu o tenente Lukáš. — Intendente, você já viu alguma vez tanta desfaçatez como a deste soldado? Devora minha comida e ainda por cima me pede ração dupla. Vou lhe mostrar o que é ter fome, Baloun!

— Intendente — se dirigiu a Vaněk —, leve-o ao cabo Weidenhofer para que o amarre no pátio, ali ao lado da cozinha, durante um par de horas, até que à noite comecem a distribuir o gulache. Que o amarrem de maneira que toque o solo apenas com as pontas dos pés e possa ver como preparam o gulache. E se certifique de que o desgraçado ainda estará amarrado quando distribuírem o gulache na cozinha para que fique com água na boca como se fosse um cão faminto quando sente o cheiro de uma charcutaria. E diga ao cozinheiro que distribua sua ração.

— Humildemente, senhor. Vamos, Baloun!

Quando estavam indo embora, o tenente deteve-os na porta e, olhando o rosto atemorizado de Baloun, exclamou, vitorioso:

— Foi você quem procurou, Baloun. Aproveite! E se voltar a me fazer o que fez hoje, eu o enviarei, sem o menor remorso, à corte marcial.

Quando Vaněk voltou e informou que Baloun estava amarrado, o tenente Lukáš disse:

— Você me conhece, Vaněk. Sabe que não gosto de fazer esse tipo de coisa, mas não tenho outro remédio. Em primeiro lugar, você sabe que os cães grunhem quando lhes tiram o osso. Não quero ter ao meu lado nenhuma pessoa vil. E, em segundo, o fato de Baloun estar amarrado exerce uma grande influência psicológica e moral em toda a tropa. Por último, a partir do momento em que adquirem consciência de que o combate se aproxima e de que amanhã ou depois estarão no campo de batalha, os rapazes passam a fazer o que lhes dá na telha.

O tenente Lukáš, que parecia desconsolado, continuou em voz baixa:

— Como o senhor bem sabe, ontem, durante os exercícios noturnos, tivemos que manobrar contra os alunos da escola de voluntários atrás da usina de açúcar. O primeiro grupo, a vanguarda, marchava tranquilamente pela estrada porque eu o encabeçava, mas o segundo, que tinha que ir à esquerda e enviar patrulhas avançadas à usina, comportou-se como se estivesse voltando de uma excursão. Os rapazes cantavam e marcavam o passo com tal força que deviam estar sendo ouvidos até no acampamento. Depois, na ala direita, o terceiro grupo foi explorar o terreno que fica mais abaixo no bosque e se afastou de nós durante uns bons dez minutos; daquela distância via-se

perfeitamente que estavam fumando: havia uns pontinhos de fogo na escuridão. E o quarto grupo, que tinha que formar a retaguarda, só Deus sabe o que aconteceu com ele, de repente surgiu diante da nossa vanguarda, de maneira que achamos que era o inimigo e eu tive de recuar diante da minha própria retaguarda, que avançava na nossa direção. Esta é a 11ª Companhia, à qual me designaram. O que posso fazer com esses rapazes? Como se comportarão em um combate verdadeiro?

Durante a narrativa, o tenente Lukáš ficou com as mãos juntas, fazendo cara de mártir; a ponta de seu nariz se alongou.

— Não ligue para isso, senhor — disse o intendente Vaněk, tentando apaziguar seu espírito. — Não se preocupe. Eu já estive em três companhias de infantaria; todas foram destroçadas com o batalhão inteiro e voltaram a ficar em forma. Todas eram iguais, nenhuma melhor do que a sua, senhor tenente. A pior foi a 9ª. Todos os seus oficiais caíram prisioneiros, inclusive o comandante. Eu fui o único que se salvou porque havia ido ao trem do regimento buscar rum e vinho para o pessoal, de maneira que tudo foi feito na minha ausência. O senhor sabe que durante os últimos exercícios noturnos que mencionou os alunos da escola de voluntários que tinham que vir ao encontro da nossa companhia foram parar no lago de Neusidler? Continuaram caminhando até a madrugada e o grupo de vanguarda acabou se atolando na lama do pântano. Quem os conduzia era o próprio capitão Ságner. Se não tivesse amanhecido, talvez tivessem chegado a Šopron — continuou em tom enigmático o intendente, que estava a par de todas as fofocas e se deliciava contando-as.

"O senhor sabe", prosseguiu o intendente, piscando um olho, "que o capitão Ságner deve vir a ser o comandante da companhia de infantaria do nosso batalhão? O senhor foi o primeiro em quem pensaram, pois é o oficial que está há mais tempo aqui; foi o que disse Hegner, o sargento-mor do alto-comando. Mas depois a brigada foi informada pela divisão de que haviam nomeado o capitão Ságner..."

O tenente Lukáš mordeu os lábios e acendeu um cigarro. Já sabia daquilo tudo e estava convencido de que sofrera uma injustiça. Era a segunda vez que o capitão Ságner passava na sua frente na lista de promoções, mas limitou-se a dizer, com simplicidade:

— Ora, capitão Ságner...

— Eu não acho isso nem um pouco engraçado — disse o intendente em um tom confidencial. — O sargento-mor do alto-comando Hegner disse que no começo da guerra, na Sérvia, nas montanhas de Montenegro, o capitão Ságner, em um ato de insensatez talvez motivado pela vontade de pendurar uma medalha no peito, enviou várias companhias de seu batalhão ao encontro das metralhadoras das posições sérvias; mas a infantaria não pôde fazer nada, só a artilharia teria conseguido arrancar os sérvios daquelas rochas. Só sobraram oitenta homens de todo o batalhão. O próprio capitão Ságner foi ferido num braço e pegou uma disenteria no hospital. Depois voltou a aparecer no regimento de Budějovice. Comenta-se que ontem à noite, no cassino, dizia que estava com saudades do front, que seria capaz de deixar lá todo o batalhão de infantaria, mas que faria algo sensacional para ganhar a *Signum Laudis.* Bem, disse que aquela história na Sérvia lhe custou uma reprimenda, mas que agora tombaria com todo o batalhão ou seria promovido a tenente-coronel, mas que o batalhão teria que gemer. Creio, meu tenente, que também corremos este risco. Há pouco o sargento-mor do alto-

comando Hegner me disse que o senhor e o capitão Ságner não têm boas relações e que este certamente enviará nossa 11ª Companhia às piores batalhas e aos lugares mais perigosos.

O intendente suspirou e continuou:

— Na minha opinião, quando se trata de uma guerra deste calibre, na qual estão envolvidos tantos exércitos e o front é tão longo, conseguiríamos melhores resultados com manobras bem executadas do que com ataques desesperados. Eu vi isso no desfiladeiro de Dukla, quando estava na 10ª Companhia de Infantaria. Ali tudo correu bem. Recebemos uma ordem para não disparar, de maneira que não atiramos e nos limitamos a esperar que os russos se aproximassem. Teríamos os aprisionado sem fazer um único disparo se as *moscas de ferro* não estivessem na ala esquerda; os idiotas da Defesa Territorial se assustaram ao imaginar que os russos estavam se aproximando e começaram a descer pela encosta nevada como se fosse um escorregador. Então recebemos uma mensagem dizendo que os russos haviam penetrado pelo flanco esquerdo e que tínhamos que tentar alcançar a brigada. Naquele momento, eu estava na brigada, assinando o livro de provimentos da companhia porque não conseguia encontrar o comboio do nosso regimento. Então os primeiros homens da 10ª Companhia de Infantaria começaram a chegar à brigada. Até o entardecer haviam chegado 120; todos os outros escorregaram pela neve, se perderam e foram cair nas posições russas. Foi espantoso, senhor. Nos Cárpatos os russos tinham posições por toda parte, acima e abaixo. E depois, senhor, o capitão Ságner...

— Pelo amor de Deus, me deixe em paz com o capitão Ságner — disse o tenente Lukáš. — Eu também estou a par de tudo isso. E, a propósito, não pense nem por um momento que quando houver um ataque ou uma batalha você irá, por acaso, procurar rum e vinho no trem do regimento. Já me avisaram que você bebe feito uma esponja e, de fato, me bastou ver seu nariz, vermelho como um tomate, para entender quem estava na minha frente.

— Tudo começou nos Cárpatos, meu tenente. Ali éramos forçados a beber; a comida chegava fria à montanha. Nossas trincheiras estavam na neve. Não podíamos acender fogueiras. A única coisa que nos mantinha em pé era o rum. E, se não fosse por mim, teria acontecido o mesmo nas demais companhias, que não tinham rum e as pessoas morriam congeladas. Nossos narizes ficavam vermelhos por causa do rum que bebíamos. Mas tivemos um contratempo: chegou uma ordem do batalhão dizendo que só os homens que tinham nariz vermelho podiam patrulhar.

— Agora o inverno já passou — observou o tenente, maliciosamente.

— Tenente, no front, em qualquer época do ano, o rum é um elemento imprescindível, tanto como o vinho. Eles mantêm a tropa de bom humor, para dizê-lo de alguma maneira. Por meia xícara de rum e um quarto de litro de vinho a gente lutava contra quem fosse... Quem é o animal que está batendo na porta? Não sabe ler o cartaz que diz: "Não bater"? Adiante!

O tenente Lukáš deu meia-volta na cadeira, se virou para a porta e a viu se abrir devagar, sem fazer barulho. O bom soldado Švejk entrou em silêncio, com a mão erguida, pronta para bater continência, posição que, evidentemente, adotara no exato momento em que batia na porta enquanto contemplava o cartaz de "Não bater".

Sua saudação parecia um eloquente acompanhamento para seu rosto satisfeito e despreocupado. Parecia o deus grego dos ladrões disfarçado com o sóbrio uniforme de soldado da infantaria austríaca.

O tenente Lukáš fechou os olhos por um momento para não ver a imagem do bom soldado Švejk, que o abraçava e beijava com o olhar. Certamente o filho pródigo olhara para seu pai com a mesma ternura quando este estava assando um carneiro em sua homenagem.

— Humildemente, senhor, estou de volta — disse Švejk da porta, com tanta ingenuidade e espontaneidade que o tenente logo se recuperou.

Desde o dia em que o coronel Schröder lhe comunicara que voltaria a enfiar Švejk na sua garganta, o tenente Lukáš sonhava em segredo que aquele reencontro tardasse o máximo possível. Toda manhã se dizia: "Hoje não, ainda não, certamente deve ter cometido alguma coisa grave e ainda não o deixarão sair." Mas, com sua entrada simpática e simples, Švejk colocou todas aquelas esperanças em seu devido lugar.

O bom soldado olhou para o intendente Vaněk, dirigiu-se a ele e, com um olhar muito amável, lhe entregou os papéis que tirara do bolso do casaco.

— Humildemente, senhor, estou lhe trazendo estes papéis que me deram no escritório do regimento. É para que possam me pagar e me alimentar.

Švejk se movimentava no escritório da 11ª Companhia de Infantaria com tal desenvoltura que parecia que Vaněk era seu amigo. Este, por sua vez, reagiu com secura e disse:

— Deixe-os na mesa.

— Intendente, eu lhe agradeceria se pudesse nos deixar a sós — disse o tenente Lukáš, suspirando.

Vaněk saiu, mas ficou atrás da porta para ouvir a conversa.

A princípio não ouviu nada, pois tanto Švejk como o tenente Lukáš se limitavam a se contemplar mutuamente, em absoluto silêncio. Lukáš contemplava Švejk como se quisesse hipnotizá-lo, como um galo diante de um pintinho prestes a se atirar sobre sua presa.

Švejk fitava o tenente Lukáš com seu olhar de sempre, cheio de ternura, como se quisesse lhe dizer: "Voltamos a nos encontrar, querido; agora nada mais no mundo poderá nos separar, meu pombinho."

E como o tenente ficou em silêncio por um longo tempo, os olhos de Švejk disseram com triste doçura: "Diga alguma coisa, querido, se pronuncie!"

O tenente Lukáš interrompeu o penoso silêncio pronunciando palavras que se esforçou para temperar com uma boa dose de ironia:

— Bem-vindo, Švejk. Agradeço por ter vindo. Você sabe que, para mim, vê-lo é um motivo de grande alegria. Ora, ora, então temos visita.

Mas não conseguiu se conter e desatou toda a raiva dos últimos dias dando um terrível soco na mesa que fez saltar o tinteiro. A tinta salpicou a lista de pagamentos.

Então o tenente Lukáš deu um pulo, plantou-se, tenso, a pouca distância de Švejk, e gritou:

— Animal!

E começou a caminhar para cima e para baixo pela pequena sala, cuspindo cada vez que passava diante de Švejk.

— Humildemente, senhor — disse Švejk ao ver que o tenente não parava de caminhar e de atirar em um canto, com raiva, bolas de papel amassado que pegava na mesa —, levei a carta como me indicou. Encontrei a senhora Kákonyi e tenho que lhe dizer que é uma mulher muito bonita, embora a tenha visto quando estava chorando.

O tenente Lukáš se sentou no catre do intendente e exclamou, com voz rouca:

— Quando tudo isto vai terminar, Švejk?

Švejk respondeu como se não tivesse ouvido:

— Depois houve aquele pequeno incidente, mas assumi toda a responsabilidade. E como eles não acreditaram que me correspondia com aquela senhora, preferi engolir a carta durante o interrogatório, para não deixar nenhum rastro. Também por pura casualidade, pois não encontro outra maneira de explicar o que aconteceu, me vi envolvido em uma pequena confusão. Mas também saí dessa. O tribunal reconheceu minha inocência, e por isso fui enviado à corte marcial e o tribunal da divisão suspendeu qualquer investigação a respeito do meu caso. Fiquei por um momento no escritório do regimento até que chegou o coronel; me deu um pequeno cartão e em seguida disse que devia me apresentar sem falta ao senhor como ordenança, e me ordenou que lhe comunique que tem de ir vê-lo em seguida para falar da companhia que deve ir ao front. E isso faz mais de meia hora, mas o coronel não sabia que me levariam ao escritório do regimento e que ali me fariam perder um quarto de hora porque durante todo este tempo haviam retido meu soldo e ele tinha de ser pago pelo regimento e não pela companhia, uma vez que vim como prisioneiro do regimento. Tudo isso é tão confuso... É de enlouquecer...

Quando o tenente Lukáš ouviu que fazia meia hora que tinha que ter se apresentado na sala do coronel Schröder se vestiu a toda pressa e disse:

— Você me prestou mais uma vez um belo serviço, Švejk.

Disse-o com uma voz tão sombria, tão cheia de desespero, que Švejk se viu obrigado a consolá-lo com algumas palavras amistosas enquanto o tenente Lukáš avançava em direção à porta:

— O coronel pode esperar; ora, não tem nada para fazer!

Quando o tenente saiu da sala, ao cabo de um momento o intendente Vaněk voltou a entrar.

Švejk estava sentado em uma cadeira e se entretinha atirando pedaços de carvão na estufa metálica através de uma portinha aberta. A estufa soltava fumaça e exalava mau cheiro, mas Švejk continuou se divertindo sem dar atenção a Vaněk, que ficou olhando para ele durante alguns instantes; então deu um pontapé na porta da estufa e gritou que saísse dali.

— Senhor intendente — respondeu Švejk com dignidade —, me permito lhe comunicar que, apesar de ser movido pela melhor das intenções, não posso cumprir suas ordens e sair daqui, nem daqui nem de todo o acampamento, porque estou cumprindo ordens superiores. Estou aqui como ordenança — acrescentou com orgulho. — O coronel Schröder me designou para trabalhar na 11ª Companhia com o tenente Lukáš, de quem fui assistente, mas, graças à minha inteligência natural, me promoveram a ordenança. O senhor tenente e eu somos amigos há muito tempo. O que o senhor fazia na vida civil?

O intendente Vaněk ficou tão surpreso com o tom familiar e amistoso do bom soldado Švejk que, embora gostasse de crescer para cima dos soldados da companhia, lhe respondeu como se fosse seu subordinado:

— Sou o farmacêutico Vaněk de Kralupy.

— Eu também fui aprendiz de farmacêutico — disse Švejk. — De um tal senhor Kokoška, da rua Na Perštýně, em Praga. Era uma pessoa muito estranha e quando uma vez, por engano, toquei fogo em um barril de benzina, o senhor Kokoška me demitiu e a guilda não me aceitou de volta em nenhum lugar, de maneira que, por um miserável barril de benzina, não pude terminar meus estudos. O senhor também prepara raízes para vacas?

Vaněk negou com a cabeça.

— Nós preparávamos raízes para vacas e colocávamos nelas uns selinhos. O fato é que o senhor Kokoška era muito piedoso, e um dia leu em algum lugar que São Pelegrino havia curado algumas cabeças de gado que sofriam de hidropisia. De maneira que encomendou a uma gráfica de Smíchov umas estampas de São Pelegrino e as mandou benzer no Emaús por duzentos florins. Depois as colocávamos sempre nos pacotes de medicamentos para vacas. O remédio era dissolvido em água quente, a vaca o tomava em um tanque e, enquanto isso, era lida uma breve oração a São Peregrino que o senhor Tauchen, nosso balconista, escrevera. É que, quando fossem imprimir as estampas de São Peregrino, deveriam colocar no verso uma breve oração. Um dia, ao entardecer, nosso velho Kokoška chamou o senhor Tauchen e lhe disse que tinha até a manhã do dia seguinte para escrever uma oração que colocariam na estampa que iria com os medicamentos, e que às dez da manhã, quando chegasse à loja, a oração teria que estar pronta para ser enviada à gráfica, que as vacas estavam esperando por ela. Das duas, uma: se escrevesse uma coisa boa, receberia um florim, ou então ao cabo de duas semanas iria para a rua. O senhor Tauchen ficou suando a noite inteira e na manhã seguinte foi abrir a loja sem que tivesse escrito nada. Até tinha esquecido o nome do santo dos medicamentos para as vacas. Foi tirado do apuro pelo nosso criado Ferdinand. Era um sujeito que sabia de tudo. Quando secávamos camomila no sótão, ele vinha, tirava os sapatos e nos ensinava como se deve fazer para que os pés não suem. Caçava pombos no sótão, sabia abrir a gaveta do dinheiro e nos ensinou a fraudar mercadorias. Eu, quando era jovenzinho, tinha em casa uma caixa de primeiros socorros que levara da farmácia; era tão boa que nem o pessoal do hospital dos Misericordiosos, aquele que fica em um monastério de Praga, tinha uma melhor. Pois este rapaz ajudou o senhor Tauchen. Disse apenas: "Bem, vou ajudá-lo, senhor Tauchen", e o senhor Tauchen me mandou levar cerveja para o rapaz. E quando a levei, o criado Ferdinand já o tinha meio que pronto e estava lendo:

Venho das celestes alturas
E trago boas novas às criaturas;
Para as vacas e todos os animais
Trago um remédio que os confortará.
Quem dele precisar, fique certo,
Kokoška o preparará.

"Depois de ter bebido a cerveja, de ter engolido o líquido amargo, em um instante compôs um final muito bonito:

São Pelegrino o inventou,
e por um florim o vendeu.
Pelegrino protege o gado
que nossa poção tomou.
As vacas se curaram,
E os camponeses cantaram.

"Depois, quando o senhor Kokoška chegou, Tauchen foi com ele ao escritório e ao sair nos exibiu dois florins e não apenas um, como lhe prometera, e quis dar a metade a Ferdinand. Mas, quando viu os dois florins, o criado se deixou impressionar pelo dinheiro e quis ficar com tudo. 'Ou tudo ou nada', disse. De maneira que o senhor Tauchen preferiu não lhe dar nada e guardou os dois florins. Depois me levou ao armazém, me deu uma surra e me disse que se ousasse contar em algum lugar que ele não havia escrito nada me daria cem surras como aquela e que se Ferdinand se queixasse ao dono eu teria que contar que Ferdinand era mentiroso. Tive que jurar diante de um recipiente de vinagre com estragão. Nosso criado começou a se vingar usando os medicamentos para as vacas. Fazíamos a mistura no sótão, em grandes caixas. O criado, quando varria as cagadas dos ratos, as levava e misturava-as com os medicamentos para as vacas com a estampa de São Pelegrino. E ainda não achou suficiente. Urinou naquelas caixas e depois misturou tudo, de modo que o conteúdo das caixas parecia mingau de farelo..."

O telefone tocou. O intendente pegou depressa o fone e desligou em seguida com cara de poucos amigos.

— Tenho que ir ao escritório do regimento. Assim, de repente. Não estou gostando nada.

Švejk voltou a ficar sozinho.

Ao cabo de um momento, o telefone tocou de novo.

Švejk começou a conversa:

— Vaněk? Foi ao escritório do regimento. Quem está aqui? Sou o ordenança da 11ª Companhia de Infantaria. E você? O ordenança da 12ª de Infantaria? Olá, compadre. Como me chamo? Švejk. E você? Braun? É parente de um tal de Braun, chapeleiro da avenida Pobřeží, de Karlín? Não? Nem o conhece? Eu tampouco o conheço, só passei uma vez por ali de bonde e prestei atenção no cartaz. O que há? Não sei de nada. Quando partimos? Ninguém ainda me disse nada de quando partimos. Aonde vamos?

— Vamos marchar para o front, animal!

— Ainda não ouvi falar disso.

— Que espécie de ordenança é você! Não sabe se seu subtenente...?

— Meu tenente...

— Dá no mesmo. Seu tenente foi a uma reunião com o coronel?

— Sim, foi chamado.

— Você está vendo, então. Pois o nosso também foi, e o da 13ª Companhia de Infantaria também; acabo de falar com o ordenança de lá. Não consigo gostar de toda essa pressa. Você sabe se o pessoal da banda já fez as malas?

— Eu não sei de nada.

— Idiota, você acha que vou comê-lo? (Ouviu-se a pessoa que estava ao telefone dizer a alguém ao seu lado: "Pegue o outro fone, Franta, para ver como o ordenança da 11ª Companhia de Infantaria é idiota.") Ei, você está dormindo ou o quê? Responda, então, quando um colega lhe faz uma pergunta. Que não sabe ainda de nada? Não minta para mim. Seu intendente ainda não lhe disse que vocês receberão conservas? Não falou sobre isso com ele? Imbecil! Não é assunto seu? (Ouviram-se risadas.) Você é um cabeça oca. Pois quando souber de alguma coisa ligue para a gente, aqui na 12ª, seu palerma. De onde você é?

— De Praga.

— Para ser de Praga devia ser mais esperto... Outra coisa: quando seu intendente foi ao escritório?

— Foi chamado um momento atrás.

— Ora, e por que não me disse antes? O nosso também foi há um momento. Alguma coisa está acontecendo. Você não falou com o destacamento?

— Não.

— Por Jesus Cristo, e diz que é de Praga? Parece que para você nada tem importância. Onde passa seus dias?

— Acabo de chegar há uma hora do tribunal da divisão.

— Isso explica tudo! Se é assim, hoje mesmo irei vê-lo. Tocarei duas vezes.

Švejk ia acender o cachimbo quando o telefone tocou de novo. "Ao diabo com o telefone!", pensou Švejk, "vou me divertir com vocês".

Mas o telefone continuou tocando implacavelmente, de modo que Švejk perdeu a paciência, pegou o fone e gritou:

— Quem é? Sou o ordenança da 11ª Companhia, Švejk.

Ele conhecia a voz que lhe respondeu: era a do tenente Lukáš.

— O que vocês todos estão fazendo aí? Onde está Vaněk? Chame-o, que venha rapidamente ao telefone!

— Humildemente, senhor, não faz muito que o telefone tocou.

— Ouça, Švejk, não tenho tempo para gastar com você. Uma conversa telefônica durante a guerra não é como uma conversa com um amigo que estamos convidando para almoçar. Uma conversa telefônica em tempos de guerra tem que ser clara e breve. No telefone você não deve dizer nem "humildemente, senhor". Eu estou lhe perguntando, Švejk, se Vaněk está ao alcance da mão. Que venha imediatamente.

— Não está ao alcance da mão, humildemente, senhor. Há um momento ligaram para ele do escritório do regimento e teve que sair, talvez há um quarto de hora.

— Quando chegar acertarei as contas com você, Švejk. Não consegue se expressar sucintamente? Concentre-se bem no que vou lhe dizer agora. Está me entendendo? Não quero que depois me venha pedir desculpas dizendo que não me ouviu direito. Quando desligar...

Uma pausa. Outra chamada. Švejk pegou o fone e foi coberto por maldições.

— Ordinário, canalha, sem-vergonha! O que está fazendo? Por que interrompeu a ligação?

— O senhor me disse para desligar.

— Dentro de uma hora estarei em casa, Švejk, e aí veremos... Vá agora mesmo ao barracão, procure algum chefe de seção, Fuchs, por exemplo, e diga-lhe que tem de pegar dez soldados e ir com eles ao armazém para pegar conservas. Repita, o que você tem que fazer?

— Ir com dez soldados buscar conservas para a companhia.

— Finalmente você não disse nenhum disparate. Enquanto isso eu ligarei para Vaněk no escritório do regimento para que também vá ao armazém buscar conservas. Se nesse meio-tempo aparecer no barracão, diga que deixe tudo de lado e vá correndo ao armazém. E agora desligue o fone.

Durante um bom tempo Švejk ficou procurando, inutilmente, não apenas o chefe de seção Fuchs como qualquer oficial. Todos estavam na cozinha, chupando ossos e se divertindo com o espetáculo de Baloun amarrado; haviam se apiedado dele e estava com os pés no chão, mas ainda assim oferecia um espetáculo interessante. Um dos cozinheiros levou-lhe uma costela e enfiou-a em sua boca; o pobre gigante Baloun, como estava amarrado, não podia se ajudar com as mãos, e por isso levou-a de um lado a outro da boca, equilibrou-a com os dentes e as gengivas e então mordeu a carne com a expressão de um selvagem da floresta.

— Quem dos senhores é o chefe de seção Fuchs? — perguntou Švejk quando, finalmente, encontrou o lugar onde estavam reunidos todos os oficiais.

O chefe de seção Fuchs achou que não valia a pena se apresentar a um soldado raso de infantaria.

— Ora — disse Švejk —, quanto tempo terei de ficar repetindo isso? Onde está o chefe de seção Fuchs?

Fuchs deu um passo adiante e, com muita dignidade, começou a blasfemar de todas as maneiras possíveis, dizendo que ele não era um chefe de seção, mas sim um senhor chefe de seção e que não devia se dizer "Onde está o chefe de seção" e sim "Humildemente, onde está o senhor chefe de seção", e se alguém de sua seção deixasse de dizer "Humildemente" lhe daria uma boa porrada em um abrir e fechar de olhos.

— Calma — disse Švejk com sensatez. — Dirija-se já ao barracão, escolha dez soldados e vá correndo com eles ao armazém para buscar conservas.

O chefe de seção Fuchs ficou tão surpreso que só conseguiu dizer:

— Como?

— Nada de como — respondeu Švejk. — Sou o ordenança da 11ª Companhia e acabo de falar por telefone com o tenente Lukáš. E ele disse: "Devem ir correndo ao armazém." Se não quiser ir, senhor chefe de seção, eu voltarei a ligar para o tenente Lukáš. O senhor tenente ordena categoricamente que o senhor vá. É inútil discutir. "Em uma conversa telefônica", disse o senhor tenente Lukáš, "deve-se ser claro e breve. Quando digo que é para o chefe de seção Fuchs ir, ele vai. Uma ordem não é uma conversa com um amigo que estamos convidando para almoçar. No exército, e sobretudo em tempos de guerra, cada atraso é um crime. Se o chefe de seção se recusa a ir que o comunique, volte a me ligar e eu acertarei as contas com ele. Não restará nem rastro do chefe de seção Fuchs". Sim, senhor, foi isso que disse, o senhor ainda não conhece o tenente Lukáš.

Švejk percorreu com um olhar triunfal os oficiais, que ficaram boquiabertos e angustiados diante de seu discurso.

O chefe de seção Fuchs resmungou alguma coisa incompreensível e se afastou com passo rápido. Švejk gritou atrás dele:

— Então, posso ligar para o tenente e lhe dizer que está tudo em ordem?

— Logo estarei indo com dez soldados ao armazém — respondeu o chefe de seção Fuchs do barracão e Švejk se afastou sem dizer mais nada.

Os oficiais ficaram parados como estátuas, da mesma maneira que Fuchs momentos atrás.

— Bem, é isso — disse o pequeno cabo Blažek —, chegou a hora de fazer as malas.

Quando Švejk voltou ao escritório da 11ª Companhia, não teve tempo nem de acender o cachimbo. O telefone voltou a tocar. Era, de novo, o tenente Lukáš.

— Onde você se enfiou, Švejk? É a terceira vez que ligo e ninguém responde.

— Estava cumprindo suas ordens, senhor

— Quer dizer então que foram?

— Ir, sim, foram, o que não sei é se já terão chegado. Quer que confirme?

— Encontrou o chefe de seção Fuchs?

— Sim, senhor tenente. Primeiro disse: "Como?", mas depois, quando lhe disse que as conversas devem ser claras e breves...

— Pare de falar, Švejk... Vaněk ainda não voltou?

— Não, senhor tenente.

— Não precisa gritar tanto ao telefone. Você sabe onde o miserável do Vaněk pode ter se enfiado?

— Não sei, senhor, onde o miserável do Vaněk pode ter se enfiado.

— Esteve no escritório do regimento e saiu para ir a outro lugar. Suponho que deva estar na cantina. Vá até lá, Švejk, e diga-lhe que se dirija ao armazém. E outra coisa. Procure o cabo Blažek e lhe diga que solte logo o Baloun e o envie para mim. E agora desligue.

Švejk começou realmente a se preocupar. Quando encontrou Blažek e lhe disse que o tenente estava mandando que Baloun fosse desamarrado, o cabo resmungou:

— Ficam com medo quando suas botas começam a ficar molhadas.

Švejk ficou olhando desamarrarem Baloun e depois o acompanhou pelo caminho, o mesmo que levava à cantina, onde tentaria encontrar o intendente Vaněk.

Baloun estava convencido de que Švejk o salvara e prometeu que dividiria com ele cada pacote de comida que lhe enviassem de casa.

— Na minha casa vão matar agora um porco — disse Baloun com melancolia. — Você gosta de linguiça com sangue ou sem sangue? Só precisa me dizer, pois hoje à noite vou escrever para casa. Meu porco deve pesar uns 150 quilos. Sua cabeça parece a de um buldogue. Esses porcos são os melhores. Um porco desses não é brincadeira. É de uma raça excelente, muito resistente. Deve ter uns oito dedos de

gordura. Em casa eu mesmo embutia as linguiças e comia tanta carne moída que ficava a ponto de explodir. O porco do ano passado pesava 160 quilos. Um senhor porco, meu amigo! — disse com entusiasmo e ficou apertando a mão de Švejk quando se despediam. — Eu o criei só com batatas e ficava fascinado vendo-o engordar. Deixei os presuntos na salmoura. Um bom pedaço de presunto assado servido com knedlík de batata, repolho e polvilhado de torresmo é um manjar dos deuses. Claro, não pode faltar uma cervejinha. Aí, sim, o sujeito fica tranquilo. A guerra nos tirou tudo isso.

O barbudo Baloun deixou escapar um profundo suspiro e se dirigiu ao escritório do regimento, enquanto Švejk ia à cantina por um velho caminho ladeado por altas tílias.

Enquanto isso o intendente Vaněk estava sentado tranquilamente na cantina e contava a um sargento-mor do alto-comando que era seu amigo quanto conseguia ganhar antes da guerra com tintas esmaltadas e vernizes para cimento.

O sargento-mor do alto-comando estava intratável. De manhã havia recebido a visita de um rico fazendeiro de Pardubice. Um de seus filhos estava no acampamento. O homem o subornou lindamente convidando-o para ir se divertir na cidade e assim passara toda a manhã.

Agora estava desesperado, nada lhe agradava, não sabia mais do que estava falando e nem reagia à conversa sobre os esmaltes. Estava imerso em suas próprias reflexões e balbuciava algo sobre um trem local que ia de Třeboň a Pelhřimov e depois voltava.

Quando Švejk entrou, Vaněk estava tentando explicar de novo ao sargento-mor, com números, o que se lucrava com um quilo de verniz de cimento em uma construção. O sargento do alto-comando respondia, inteiramente fora dos trilhos:

— Morreu na viagem de volta. Só deixou algumas cartas.

Ao ver Švejk, confundiu-o, obviamente, com alguém de quem não gostava e começou a insultá-lo, chamando-o de ventríloquo.

Švejk se aproximou de Vaněk, que também estava um pouco alto, mas, no entanto, se comportava com amabilidade e cortesia.

— Senhor intendente — comunicou-lhe Švejk —, tem que ir ao armazém agora mesmo. O chefe de seção Fuchs o espera com dez soldados; é preciso fazer uma provisão de conservas. Tem que ir a toda pressa. O senhor tenente já telefonou duas vezes.

Vaněk deu uma gargalhada:

— Seria louco se fizesse isso, meu querido. Teria que repreender a mim mesmo, meu anjo. Temos tempo de sobra para tudo, filhinho. Só depois que tiver preparado tantas companhias de infantaria como eu o tenente Lukáš poderá falar e não ficará incomodando ninguém inutilmente, mandando que vá correndo a algum lugar. Já recebi ordens no escritório do regimento para ir pegar as coisas para a viagem, que devemos fazer as malas porque partiremos amanhã. E o que fiz? Vim tomar um quarto de litro de vinho, estou me sentindo bem e não quero me preocupar. As conservas e as rações não sairão do lugar. Conheço o armazém melhor do que o tenente e sei do que se fala nessas reuniões dos oficiais com o coronel. Essa história de que existem conservas no armazém é uma mera fantasia do coronel, fruto de sua imaginação. No armazém do nosso regimento nunca houve uma única conserva; sempre as pedimos à brigada ou a

outros regimentos, conforme as circunstâncias. Só ao regimento de Benešov devemos mais de trezentas conservas. Que digam o que quiserem em suas reuniões, mas nada de pressa. O próprio encarregado do armazém dirá aos nossos, quando aparecerem, que todos ficaram loucos. Nunca nenhuma companhia de infantaria recebeu para a viagem conserva alguma. Não é mesmo, velha batata? — dirigiu-se ao sargento-mor do alto-comando. Mas este continuava cochilando ou delirava porque respondeu:

— Quando caminhava, ela carregava um guarda-chuva acima da cabeça.

— A melhor coisa que se pode fazer — continuou o intendente Vaněk — é não se preocupar com nada. Hoje alguém disse no escritório do regimento que vamos partir amanhã, mas nem uma criança pequena acreditaria nisso. Poderemos partir sem vagões? Eu estava lá quando ligaram para a estação e lhes disseram que não há um único vagão livre. Com a última companhia, passei dois dias esperando na estação que alguém se apiedasse da gente e mandasse um trem nos buscar. E quando subimos no trem, ficamos sem saber para onde estávamos sendo levados. Nem o coronel sabia. Depois de atravessar toda a Hungria, ninguém sabia qual era o nosso destino, se a Sérvia ou a Rússia. Em cada estação, falávamos diretamente com o estado-maior da divisão. A verdade é que nós não passávamos de uma espécie de remendo. Finalmente fomos enviados para perto de Dukla, onde fomos destroçados e tivemos que nos formar de novo. É por isso que eu digo: não devemos nos apressar. Com o tempo tudo será esclarecido. É isso. Estamos aqui de novo?

"Hoje em dia eles têm aqui um vinho extraordinário", continuou Vaněk, sem perceber que o sargento-mor do alto-comando balbuciava, dizendo para seus botões, em alemão: "Acredite em mim, até agora mal consegui experimentar os prazeres da vida. É surpreendente."

— Por que deveria me preocupar à toa com a partida do batalhão? A primeira companhia de que fiz parte ficou pronta em um par de horas. As outras companhias do nosso batalhão precisaram de dois dias para se preparar, mas o comandante da nossa, o subtenente Přenosil, um convencido, nos disse: "Não precisam se apressar, rapazes", e tudo correu muito bem. Começamos a fazer as malas duas horas antes da partida do trem. Você faria melhor se também se sentasse...

— Não posso — disse o bom soldado Švejk, com grande abnegação —, devo ir ao escritório para o caso de alguém telefonar.

— Então vá, meu querido, mas lembre-se por toda a vida que isso não é legal de sua parte. Um bom ordenança nunca deve estar onde precisam dele. Não deve cumprir suas tarefas com muito entusiasmo. Não há nada mais feio do que um ordenança enlouquecido que quer devorar toda a guerra, meu querido.

Mas Švejk já havia atravessado a porta e se dirigia às pressas ao escritório de sua companhia.

Vaněk ficou sozinho, ou melhor, abandonado, porque não se podia dizer de nenhuma maneira que o sargento-mor do alto-comando lhe fizesse companhia.

Este estava completamente abstraído e, acariciando a taça de vinho, balbuciava coisas estranhas, sem pé nem cabeça, misturando o tcheco com o alemão:

— Passei muitas vezes por esta aldeia sem ter a mais remota ideia de que estava no mundo. Dentro de meio ano terei feito as provas e aí serei doutor. Me

transformei em um velho inválido, obrigado, Lucie. Os livros que acabam de ser publicados são primorosos, talvez algum de vocês se lembre.

Para passar o tempo, o intendente começou a batucar uma marcha na mesa, mas não se entediou durante muito tempo. A porta foi aberta e entrou Jurajda, o cozinheiro do refeitório dos oficiais, que se deixou cair em uma cadeira.

— Hoje recebemos uma ordem. Deveríamos buscar conhaque para a viagem — disse. — E, como não tínhamos nenhuma garrafa vazia, tivemos que esvaziar as de rum. Que trabalheira! Os rapazes da cozinha desabaram por completo. Eu me distraí e preparei algumas rações a menos e, como o coronel se atrasou, quando chegou não havia sobrado nada para ele. Por isso agora estão lhe preparando uma fritada. Vocês estão achando engraçado!

— Foi uma boa aventura — observou Vaněk, que gostava de usar palavras solenes sempre que bebia.

O cozinheiro Jurajda começou a filosofar, coisa que combinava com sua antiga profissão. Antes da guerra, Jurajda era diretor de uma revista ocultista e editor da coleção *Mistérios da vida e da morte*.

Durante a guerra, se refugiara na cozinha dos oficiais e amiúde queimava algum assado, sobretudo quando mergulhava na leitura da tradução dos antigos sutras hindus *Pragnâ-Paramitâ* (*A sabedoria revelada*).

O coronel Schröder gostava dele porque o considerava uma raridade; de fato, que cozinha de oficiais podia se jactar de ter um cozinheiro ocultista que, penetrando nos mistérios da vida e da morte, fosse capaz de surpreender os comensais com uma excelente vitela ao molho de creme de leite ou um delicioso refogado? O próprio subtenente Dufek, quando foi ferido mortalmente na batalha de Komarov, não parara de chamar por Jurajda.

— Sim — disse de repente Jurajda, que mal conseguia se sustentar na cadeira e fedia a rum a quilômetros de distância —, hoje não sobrou nada para o coronel. Quando chegou e viu que só restavam batatas cozidas, caiu em estado de Gaki. Sabe o que é Gaki? É o estado das almas famintas. Então eu lhe disse: "Prezado coronel, o senhor tem forças suficientes para suportar a decisão do destino, que resolveu que não sobrariam rins de vitela? No carma está escrito que hoje, no jantar, lhe será servida uma fabulosa fritada e fígado de vitela ensopado."

Depois de um tempo, o cozinheiro, fazendo, involuntariamente, um gesto com a mão e derrubando todos os copos que estavam na mesa diante dele, disse ao intendente:

— Querido amigo, todas as aparências, formas e objetos são imateriais. A forma é imaterialidade e a imaterialidade é forma. A imaterialidade não é diferente da forma, a forma não é diferente da imaterialidade. O que é imaterialidade é forma e o que é forma é imaterialidade.

O cozinheiro ocultista cobriu-se com o véu do silêncio, apoiou a cabeça nas mãos e ficou contemplando a mesa coberta pelos líquidos que derramara.

O sargento-mor do alto-comando continuou balbuciando alguma coisa sem pé nem cabeça:

— O trigo desapareceu dos campos. Desapareceu. Com este estado de espírito recebeu o convite e foi vê-la. As festas de Pentecostes acontecem na primavera.

O intendente Vaněk continuou batucando o ritmo de marchas militares na mesa. Bebia e de vez em quando recordava que dez soldados e o chefe de seção estavam esperando por ele no armazém.

Cada vez que pensava nisso sorria e fazia com a mão um gesto de esquecer.

Quando, mais tarde, voltou ao escritório da 11ª Companhia, encontrou Švejk sentado ao lado do telefone.

— A forma é imaterialidade e a imaterialidade é forma — disse.

Desabou no catre e adormeceu imediatamente.

Švejk continuava sentado ao lado do telefone. Fazia duas horas que o tenente Lukáš ligara e lhe dissera que ainda estava reunido com o coronel. No entanto, o tenente se esquecera de lhe dizer que já podia se afastar do aparelho.

Depois ligara o chefe de seção Fuchs e dissera que durante todo aquele tempo não apenas estava esperando em vão pelo intendente, mas que, além disso, o armazém estava fechado. Finalmente foi embora e os dez homens voltaram aos seus barracões.

De vez em quando Švejk se distraía, pegava o fone e ficava escutando. O telefone dispunha de um novo sistema que acabara de ser introduzido no exército. Tinha a vantagem de permitir que fossem ouvidas, nitidamente, as conversas de toda a linha.

A intendência e o quartel de artilharia se insultavam mutuamente, os sapadores ameaçavam o correio militar, a artilharia do exército protestava contra a seção de metralhadoras.

E Švejk continuava sentado ao lado do telefone...

A reunião com o coronel se prolongou.

O coronel Schröder desenvolveu sua nova teoria de tática militar. Deu especial ênfase à questão dos lançadores de minas e falou de tudo o que era conhecido e por conhecer, de como o front se estendera em dois meses ao leste e ao sul, da importância da perfeita conexão entre as diferentes partes do exército, dos gases tóxicos, do bombardeio dos aviões inimigos, do abastecimento dos soldados no campo de batalha. Depois passou a tratar da situação interna do exército.

Prolongou-se sobre as relações que os oficiais deviam manter com os soldados e vice-versa, a adesão ao inimigo no front, os acontecimentos políticos e o fato de que cinquenta por cento dos soldados tchecos eram "politicamente suspeitos".

— É isso mesmo, senhores, está aí o exemplo de Kramarsch, Schneider e Klofatsch.[52]

Enquanto fazia seu discurso, a maioria dos oficiais se perguntava quando aquele velho pararia de dizer besteiras. Mas o coronel Schröder, impávido, continuou falando dos novos deveres dos batalhões, dos oficiais de regimento tombados, dos zepelins, dos cavaleiros espanhóis, do juramento dos soldados.

Ao ouvir este último item, o tenente Lukáš recordou que o bom soldado Švejk não participara do juramento que todo o batalhão fizera coletivamente porque, naquele momento, estava diante do tribunal da divisão.

E, de repente, não pôde evitar explodir em uma gargalhada. Foi uma espécie de risada histérica com a qual contagiou alguns dos oficiais que estavam sentados ao seu lado. Com isso atraiu a atenção do coronel que, naquele momento, começara a falar das experiências adquiridas durante a retirada das tropas alemãs nas Ardenas. Confundiu tudo e concluiu:

— Senhores, não há motivos para rir.

Então foram todos para o cassino dos oficiais, porque o coronel Schröder fora chamado ao telefone pelo estado-maior da brigada.

Švejk continuava meio adormecido ao lado do telefone quando uma ligação o tirou de seu sonho.

— Ouça — ouviu —, é do escritório do regimento?

— Diga — respondeu. — É do escritório da 11ª Companhia.

— Não perca tempo — disse a voz —, pegue um lápis e tome nota. Chegou um telegrama...

— A 11ª Companhia...

Seguiram-se algumas frases pronunciadas no meio de um caos terrível, porque pela mesma linha, naquele momento, a 12ª Companhia falava com a 13ª. O telegrama se perdeu por completo naquela confusão de vozes. Švejk não entendeu uma única palavra. Por fim, se restabeleceu o silêncio e Švejk distinguiu as seguintes palavras:

— Alô, alô, ouça, leia-o inteiro sem perder tempo.

— O que é que eu tenho que ler?

— O que é que você tem que ler, imbecil? O telegrama!

— Que telegrama?

— Pelo amor de Deus, você é surdo ou o quê? O telegrama que acabei de lhe ditar, estúpido!

— Eu não ouvi nada, alguém estava falando na linha.

— Idiota! Você quer me fazer perder tempo ou o quê? Bem, quer receber o telegrama ou não? Tem papel e lápis? Ou tenho que esperar que vá buscá-los? Que bando de soldados! Agora sim? Está preparado? Até que enfim reagiu! Você foi trocar de roupa para a ocasião, idiota? Bem, ouça? 11ª Companhia de Infantaria. Repita!

— 11ª Companhia de Infantaria...

— Comandante da companhia... Anotou? Repita!

— Comandante da companhia...

— Amanhã, para a reunião das... Anotou? Repita!

— Amanhã, para a reunião das...

— Nove horas, para a assinatura... Você sabe o que significa assinatura, seu abobalhado? Repita!

— Nove horas, para a assinatura... Você... sabe... o que... significa... assinatura... seu... abobalhado... repita...

— Burro, estúpido! Pois bem... a assinatura: Coronel Schröder, imbecil! Entendeu? Repita!

— Coronel Schröder, imbecil!

— Bem, imbecil. Quem recebeu o telegrama?

— Eu.

— Por Deus, quem é esse eu?

— Švejk. Algo mais?

— Mais nada, graças a Deus. Mas você deveria se chamar Imbecil. O que há de novo por aí?

— Nada, tudo está velho.

— Você está bem feliz, não é mesmo? Dizem que amarraram um de vocês hoje.

— Só o ordenança do tenente porque devorou toda a comida dele. Você sabe quando partimos?

— Homem, que pergunta! Nem o velho sabe! Boa noite e que os percevejos o devorem.

Švejk desligou e tentou acordar Vaněk. O intendente resistiu furiosamente e, quando Švejk o sacudiu, deu-lhe um soco no nariz. Depois se esticou de boca para baixo e começou a espernear no catre.

Mas Švejk conseguiu despertá-lo. Vaněk deu meia-volta e, esfregando os olhos, perguntou, assustado, o que estava acontecendo.

— Nada importante, nem de longe — respondeu Švejk —, só gostaria que me desse um conselho. Acabamos de receber um telegrama segundo o qual amanhã, às nove, o tenente Lukáš tem que se reunir com o coronel. E não sei o que fazer. Devo informá-lo agora mesmo ou será melhor esperar até amanhã de manhã? Fiquei por um bom tempo indeciso, pensando se seria necessário acordar o senhor ou não, pois roncava tão à vontade! Mas depois me disse: não importa, é melhor pedir um conselho...

— Pelo amor de Deus! Me deixe dormir, eu lhe suplico! — gemeu Vaněk bocejando com a boca completamente aberta. — Espere até amanhã de manhã e não me acorde!

Deu meia-volta e logo adormeceu.

Švejk voltou ao telefone, se sentou e cochilou com a cabeça apoiada na mesa. Foi despertado por uma nova chamada.

— Alô, 11ª Companhia de Infantaria?

— Sim, 11ª Companhia de Infantaria. Quem está falando?

— 13ª Companhia de Infantaria falando. Alô. Que horas são? Não consigo ligar para a central. Faz muito tempo que não vêm me substituir. Nosso relógio parou.

— Então vocês estão no mesmo barco que a gente. Não sabe quando partimos? Falou com o escritório do regimento?

— Lá não sabem de merda nenhuma.

— Não seja grosseira, senhorita. Vocês receberam conservas? O nosso pessoal foi buscar mas não trouxe nada. O armazém estava fechado.

— Os nossos também voltaram com as mãos vazias.

— Todo esse pânico não tem razão de ser. Aonde você acha que iremos?

— Para a Rússia.

— Eu diria que provavelmente para a Sérvia. Ficaremos sabendo em Pest. Se marcharmos para a direita, então estaremos indo para a Sérvia; à esquerda, para a Rússia. Vocês já receberam os sacos de pão? É verdade que aumentarão nosso salário? Você joga *frische viere*?[53] Sim? Então apareça amanhã. Nós jogamos todas as noites. Quantos vocês são para atender o telefone? Só você? Então esqueça e vá dormir. Como são estranhos os seus regulamentos! Ei, finalmente vieram me substituir! Durma bem!

E, de fato, Švejk adormeceu ao lado do telefone, esquecendo-se de colocar o fone no gancho, de maneira que não foi incomodado por nenhuma outra ligação. Enquanto isso o telefonista do escritório do regimento blasfemava porque não conseguia falar com a 11ª Companhia de Infantaria, para a qual tinha outro telegrama que exigia

que às doze horas do dia seguinte fosse informado o número de soldados que não haviam sido vacinados contra o tifo.

Enquanto isso o tenente Lukáš continuava no cassino dos oficiais em companhia do médico militar Šancler, que, sentado na cadeira com o encosto virado para a frente, a intervalos regulares batia com um taco de bilhar no chão, dizendo as seguintes frases:

"O sultão sarraceno Salah-Edin foi o primeiro a reconhecer a neutralidade do corpo de saúde pública. É necessário cuidar dos feridos de ambos os lados. Deve-se pagar seus remédios e a assistência médica em troca de uma indenização dos gastos por parte dos seus. Deve ser permitido o envio de médicos e auxiliares de enfermagem com o devido salvo-conduto dos generais. Os prisioneiros feridos têm de ser devolvidos com a proteção e a garantia dos generais ou então serem usados como moeda de troca. Depois podem continuar no serviço. Os enfermos de ambos os lados não devem ser capturados nem sacrificados, mas transferidos aos hospitais de uma maneira segura. Deve-se permitir que fiquem sob a guarda de homens que, assim como os enfermos, poderão regressar mediante a apresentação de um salvo-conduto dos generais. Isto é válido também para os capelães, médicos, cirurgiões, farmacêuticos, auxiliares de enfermagem e outras pessoas que prestam serviço aos doentes. Estes não devem ser capturados e, sim, devolvidos."

O doutor Šancler já havia quebrado dois tacos de bilhar e ainda não terminara de explicar aquela estranha maneira de dar assistência aos enfermos e aos feridos de guerra, misturando na conversa, sem parar, frases sobre salvo-condutos de generais.

O tenente Lukáš terminou o café preto e foi para casa, onde encontrou o gigante barbudo Baloun, que estava fritando um salame em um fogareiro a álcool que lhe pertencia.

— Tomei a liberdade — balbuciou Baloun —, me permiti, humildemente...

Lukáš olhou para ele. Nesse momento, Baloun lhe pareceu um menino grande, um ser inocente, e de repente lamentou muito ter mandado amarrá-lo por causa de seu apetite insaciável.

— Continue cozinhando, Baloun — disse, desamarrando o sabre. — Amanhã farei com que lhe deem uma ração dupla de pão.

O tenente Lukáš sentou-se à mesa. Sentia-se tão triste que começou a escrever uma carta para sua tia.

Querida tiazinha,

Acabo de receber a ordem de ficar preparado para ir ao front com minha companhia.

Talvez esta seja a última carta que você receberá porque a batalha é dura e nossas baixas são numerosas. Por isso me é difícil concluir esta carta com as palavras até logo.

Seria mais compatível com a situação lhe enviar um último adeus.

"Escreverei o resto amanhã de manhã", pensou o tenente Lukáš, e foi se deitar.

Ao ver que o tenente dormia profundamente, Baloun começou a farejar e a xeretar como as baratas fazem à noite. Abriu a mala do tenente e deu uma mordida num tablete de chocolate, mas ao perceber que o tenente estava inquieto, assustou-se e voltou a guardar o chocolate mordido na mala. Então conseguiu se acalmar um pouco.

Foi olhar com cuidado, sem fazer ruído, o que o tenente havia escrito. Ao ler aquilo, ficou comovido com a história do último adeus.

Jogou-se em seu colchão de palha ao lado da porta e recordou sua casa e as matanças de porco. Imaginou que estava espetando uma salsicha para liberar o ar e a tripa não arrebentasse ao cozinhar. E, recordando como um dos vizinhos havia arrebentado e passado do ponto, dormiu um sono inquieto.

Sonhou que convidara um açougueiro incompetente que deixava as tripas do embutido arrebentar antes de enchê-las. No sonho seguinte, o açougueiro esquecera de preparar salsichas, no outro havia perdido a carne moída e não tinha tripas suficientes. Mais tarde sonhou que o submetiam a um julgamento sumaríssimo porque o haviam flagrado roubando um pedaço de carne da cozinha de campanha. Por fim viu a si mesmo pendurado em uma tília do caminho do acampamento militar de Most nad Litavou.

Quando Švejk acordou ao amanhecer, penetrava no escritório o cheiro de café enlatado procedente da cozinha de todas as companhias. Colocou, mecanicamente, o fone no gancho, como se tivesse acabado de falar ao telefone. Depois deu um pequeno passeio pela sala, cantando alegremente.

Começou pela metade de uma canção que falava de um soldado que se disfarçara de mulher e fora ver sua amada no moinho, onde o moleiro o colocara para dormir ao lado de sua filha depois de ter chamado a moleira:

Mãe, prepare uma boa comida
e que esta jovem seja servida.

A moleira dá de comer ao sem-vergonha. E a tragédia familiar continua:

Quando os moleiros se levantaram
sobre a porta escrito encontraram:
"Vossa filha, apreciada na comunidade,
hoje perdeu a virgindade."

Švejk cantou o final da canção com voz tão estrondosa que o escritório se animou, quer dizer, o intendente Vaněk acordou e perguntou a hora.

— Acabaram de tocar a alvorada.

— Só levantarei depois do café — decidiu Vaněk, que sempre tinha tempo suficiente para tudo. — De qualquer maneira, nos farão mergulhar até o pescoço como ontem na história das conservas...

Vaněk bocejou e perguntou se, na noite anterior, quando chegou em casa, havia dito muitas coisas...

— Disse apenas algumas que não vinham ao caso — respondeu Švejk. — Não parava de falar de uma espécie de formações, que uma formação não é uma formação e que o que não é uma formação é uma formação e que essa formação não é uma formação. Mas logo foi vencido pelo cansaço e começou a fazer um ruído semelhante ao de um serrote quando corta um tronco.

Švejk fez uma pausa, voltou a caminhar pelo escritório e parou diante do catre do intendente, dizendo:

— No que me diz respeito, senhor intendente, quando ouvi o que dizia sobre as formações, pensei em um tal de Zátka que trabalhava em uma central de gás do bairro de Letná: seu trabalho consistia em acender e apagar as luzes dos postes. Era um homem instruído e, como o intervalo entre o momento de apagar e de acender as luzes era muito longo, se entediava e frequentava todas as tavernas do bairro, e de madrugada costumava dizer coisas, assim como o senhor. "O dado é um ângulo, por isso o dado é anguloso." Eu vi isso com meus próprios olhos num dia em que um policial bêbado me levou, por ter sujado a rua, àquela central de gás ao invés de ter me levado à delegacia. O Zátka acabou muito mal — continuou Švejk em voz baixa. — Entrou para a congregação de Maria e com outros cordeiros celestiais começou a frequentar as prédicas do capelão Jemelka[54] na igreja de Santo Ignacio, na praça Carlos. Depois, uma vez se esqueceu de apagar as luzes de sua zona e por isso elas ficaram acesas durante três dias e três noites. É péssimo quando alguém começa a se enredar com filosofias — continuou Švejk. — Sempre acaba em *delirium tremens*. Muitos anos atrás transferiram para o nosso regimento um tal de capitão Blüher, do 75º. Uma vez por mês, religiosamente, este homem mandava que nos formássemos em quadro e começava a meditar conosco sobre a superioridade militar. A única coisa que bebia era slivovitz. "Soldados!", nos dizia no pátio do quartel, "todo oficial é por natureza o ser mais perfeito e é cem vezes mais inteligente que todos vocês juntos. Não há nada mais perfeito do que um oficial, soldados. Vocês não chegarão a tanta perfeição nem mesmo que passem toda a vida tentando. Cada oficial é um ser necessário, enquanto vocês são seres acidentais. Vocês podem existir, mas não é imprescindível que existam. Se houvesse uma guerra, soldados, e vocês tombassem em nome de Sua Majestade o Imperador, isso não seria nada, com isso nada mudaria, mas se vosso oficial tombasse antes, então veriam até que ponto dependem dele e quão imensa perda isso representaria. O oficial tem de existir e vossa existência se deve unicamente aos senhores oficiais, porque sem eles não conseguiriam sobreviver, sem sua superioridade não conseguiriam nem soltar um peido. Para vocês, soldados, um oficial é uma lei moral, tanto se entendem ou não, e, como cada lei tem seu legislador, para vocês este é o oficial, soldados, diante do qual todos vocês têm que se sentir obrigados a, sem exceção, cumprir suas ordens, gostando ou não".

"Um dia, quando terminou sua reflexão, começou a caminhar ao redor do quadro e perguntou a um depois do outro: 'O que você sente quando se atrasa?'

"Os soldados lhe davam respostas confusas, como, por exemplo, que nunca se atrasavam, ou que toda vez que se atrasavam ficavam com dor de barriga, outros diziam que não gostavam de ficar presos no quartel e assim por diante. O capitão Blüher ia afastando todos para um lado e os condenava a passar a tarde inteira fazendo exercícios no pátio por não terem sabido expressar seus sentimentos. Quando chegou minha vez, me lembrei do tema da última meditação do capitão e assim, quando se plantou diante de mim, lhe disse com a maior tranquilidade do mundo:

"'Humildemente, senhor capitão, quando me atraso sinto uma espécie de angústia, de medo, de arrependimento. No entanto, quando tenho tempo de sobra e chego ao quartel antes da hora, apodera-se de mim uma espécie de alegre tranquilidade e me invade uma sensação interior.'

"Todos os soldados que estavam por perto riram, mas o capitão Blüher gritou comigo:

"'A única coisa que se apodera de você e que o acomete são os percevejos quando está roncando em seu catre, baderneiro! E este sem-vergonha ainda acha graça!'

"E mandou que me colocassem nos ferros, coisa que não foi nem um pouco divertida."

— Isso é muito comum no exército — disse o intendente, se esticando com preguiça no catre —, nem Deus escapa: faça o que fizer, responda o que responder, sempre haverá uma nuvem pairando sobre sua cabeça da qual mais cedo ou mais tarde começarão a desabar raios e trovões. Sem isso a disciplina não é possível.

— Muito bem dito — observou Švejk. — Nunca conseguirei esquecer como prenderam o recruta Pech. O tenente da companhia era um tal de Moc; um dia este homem reuniu todos os soldados e perguntou de onde procediam: "Recrutas pirralhos, malditos", disse, "vocês têm de aprender a dar respostas claras e precisas em um segundo. Comecemos. De onde você é, Pech?". Pech era uma pessoa culta e respondeu: "De Dolní Boušov, Unter Bautzen, 267 casas, 1.936 habitantes tchecos, província de Jičín, distrito de Sobotka, antigo feudo de Kost, igreja paroquial de Santa Catarina do século quatorze, reconstruída pelo conde Václav Vratislav de Netolice, escola, correios, telégrafos, estação da estrada de ferro comercial tcheca, usina de açúcar, serraria, uma fazenda isolada chamada Valcha, seis feiras anuais." Neste momento o tenente Moc se atirou em cima dele, começou a sacudi-lo e gritou: "Aqui estão suas feiras, aqui está a primeira, aqui a segunda, a terceira, a quarta, a quinta, a sexta." E Pech, embora fosse recruta, teve de enfrentar um conselho de guerra. Então nos escritórios havia alguns jovens muito engraçados que escreveram que Pech estava se apresentando ao conselho de guerra por causa das feiras anuais de Dolní Boušov. O comandante do batalhão era um tal de capitão Rohell. "O que está acontecendo?", perguntou a Pech, e este começou: "Humildemente, senhor, em Dolní Boušov há seis feiras anuais." O capitão gritou com ele de uma maneira terrível, chutou-o e o enviou à seção de loucos do hospital militar; desde então Pech se transformou no pior de todos os soldados e só se dedica a colecionar castigos.

— É difícil educar soldados — disse o intendente Vaněk, bocejando. — Um soldado que nunca foi castigado não é um soldado de verdade. Talvez em tempos de paz um soldado que terminava o serviço militar sem ter sido castigado tivesse melhores oportunidades na vida civil. No entanto, hoje em dia os piores soldados, aqueles que vivem encarcerados, são exatamente os melhores. Recordo um soldado da 8ª Companhia

de Infantaria chamado Sylvanus. No começo o castigavam sem parar, e que castigos! Não tinha vergonha nem de roubar o último cêntimo dos companheiros. Quando chegou ao campo de batalha, foi o primeiro a cortar os alambrados, aprisionou três homens e fuzilou um deles no caminho sob o pretexto de que não lhe inspirava confiança. Concederam-lhe uma medalha de prata, costuraram-lhe dois galões, e, se não o tivessem enforcado perto de Dukla, há muito tempo seria chefe de seção. Mas tiveram que pendurá-lo porque em um combate se apresentou para identificar os mortos e uma patrulha de outro regimento o flagrou depenando os cadáveres. Confiscaram-lhe oito relógios e muitos anéis. De maneira que o enforcaram no estado-maior da brigada. Isso demonstra que cada soldado tem que conquistar sua posição por conta própria — disse Švejk, sabiamente.

O telefone tocou. O sargento-mor atendeu e reconheceu a voz do tenente Lukáš, que queria saber o que acontecera com as conservas. Depois foram ouvidas reprovações.

— Não existem mesmo, senhor tenente, é verdade! — gritou Vaněk no telefone. — Não há nada, tudo isso é pura imaginação da intendência. Era absolutamente inútil enviar a gente para lá. Quis telefonar. Eu estava na cantina? Quem disse isso? O cozinheiro ocultista daquela bagunça dos oficiais? Me permiti ficar ali por um momento. Prezado tenente, o senhor sabe como o cozinheiro qualificou esse pânico com as conservas? "Os horrores do nonato." Não, senhor tenente, estou totalmente calmo. O que Švejk está fazendo? Está aqui. Quer que o chame?

— Švejk, ao telefone! — disse o intendente, e acrescentou em voz baixa: — Se lhe perguntar como estava quando voltei para casa, diga que perfeitamente.

Švejk ao telefone:

— Švejk, humildemente, senhor.

— Ouça, Švejk, o que aconteceu com as conservas? Algum problema?

— Senhor, não há o menor rastro das conservas.

— Švejk, eu gostaria que, enquanto estivermos no acampamento, você se apresente a mim toda manhã. Quando partirmos, terá que estar sempre ao meu lado. O que fez durante a noite?

— Fiquei ao lado do telefone.

— Houve alguma novidade?

— Sim, senhor.

— Švejk, não volte a se fazer de burro. Disseram alguma coisa importante?

— Sim, senhor, mas é para as nove. Não queria molestá-lo de nenhuma maneira, é a última coisa que gostaria de fazer.

— Pelo amor de Deus, Švejk, me diga que coisa é essa tão importante marcada para as nove!

— Um telegrama, senhor.

— Não estou entendendo, Švejk.

— Eu anotei tudo, senhor: "Receba um telegrama. Quem está ao telefone? Já anotou? Repita!", ou algo parecido.

— Meu Deus, Švejk, que martírio! Meu Deus, você é uma cruz que tenho de carregar! Diga-me o conteúdo da mensagem ou lhe darei uma surra que jamais esquecerá. De que se trata, então?

— O senhor tem outra reunião, hoje de manhã, às nove, na sala do coronel. Queria acordá-lo ontem à noite, mas depois repensei.

— Sorte sua não ter tentado. Incomodar-me a cada besteira quando há tempo suficiente para fazê-lo de manhã! Outra reunião! Ao diabo com tudo! Pendure o aparelho e chame Vaněk ao telefone!

O intendente ao telefone:

— Intendente Vaněk falando, senhor tenente.

— Vaněk, encontre imediatamente outro ordenança para mim. O sem-vergonha do Baloun devorou meu chocolate à noite. Amarrá-lo? Não, o transferiremos para o serviço sanitário. É robusto como uma montanha, poderá transportar feridos no front. Vou enviá-lo imediatamente. Acerte tudo no escritório do regimento e volte em seguida à companhia. O que você acha, partiremos logo?

— Não há nenhuma pressa, senhor. Quando tínhamos que marchar com a 9ª Companhia, ficaram enchendo o nosso saco durante quatro dias. Com a 8ª aconteceu a mesma coisa. Só com a 10ª as coisas correram melhor. Então eu era ordenança de campanha. Ao meio-dia nos deram uma ordem e saímos à noite, mas depois, como recompensa, nos arrastaram por toda a Hungria sem saber que buraco tapar com a gente em algum campo de batalha.

Desde que assumira o comando da 11ª Companhia de Infantaria, o tenente Lukáš sentia-se em um estado chamado de sincretismo, quer dizer, filosoficamente falando fazia tudo o que era humanamente possível para equilibrar conflitos conceituais, transigindo até conseguir misturar pontos de vista antagônicos.

Por isso respondeu:

— Sim, é possível, já sabemos. De modo que você acha que sairemos hoje? Às nove tenho uma reunião com o coronel. A propósito, sabe o que significa ser chefe de serviço? Só quero... Faça-me... Espere, o que teria que me fazer? Uma relação de oficiais indicando sua antiguidade... E também as provisões da companhia. Nacionalidade? Sim, sim, também... Mas sobretudo me envie outro ordenança... O que o alferes Pleschner tem que fazer com os soldados? Preparativos para a marcha. Contas? Irei assiná-las quando tiver comido. Não deixe ninguém sair da cidade. Na cantina do acampamento? Quando tiver comido, em uma hora... Chame o Švejk. Švejk, não se afaste do telefone.

— Humildemente, senhor, ainda não tomei café.

— Pois vá buscá-lo, leve-o ao escritório e fique ao lado do telefone até segunda ordem. Você sabe o que um ordenança tem que fazer?

— Correr de um lado a outro, meu tenente.

— Pois quando ligar quero que você esteja em seu lugar. Diga de novo a Vaněk que vá me procurar um ordenança. Švejk, ouça! Onde você se meteu?

— Estou aqui, senhor tenente, acabam de me trazer o café.

— Švejk! Ouça!

— Estou ouvindo, senhor tenente. O café está completamente frio.

— Você sabe perfeitamente como deve ser um ordenança, Švejk. Preste bem atenção nele e me diga depois que tipo de pessoa é. Desligue.

Vaněk, que estava bebendo de gole em gole o café preto, ao qual acrescentara um pouco de rum de uma garrafa com a inscrição "tinta", por via das dúvidas, olhou para Švejk e disse:

— Nosso tenente grita muito quando está ao telefone. Eu ouvi cada palavra. Você deve ser um grande amigo dele, não é mesmo, Švejk?

— Somos unha e carne — respondeu Švejk. — Hoje eu por você, amanhã você por mim. Uma mão lava a outra. Percorremos um longo trecho juntos! Tentaram nos separar tantas vezes... E sempre voltamos a nos encontrar. Ele sempre me confia tudo, a ponto de me surpreender. O senhor mesmo ouviu o que acabou de me dizer: tem que procurar um novo ordenança e eu tenho que examiná-lo e aprová-lo. É que o tenente não se satisfaz com um ordenança qualquer.

O coronel Schröder ficava muito feliz quando convocava todos os oficiais do batalhão para uma conferência, porque isso lhe daria a oportunidade de fazer um discurso. Além disso, tinha que tomar uma decisão a respeito do voluntário Marek, que se recusara a limpar as latrinas e fora enviado pelo coronel Schröder ao tribunal da divisão por amotinação.

Precisamente na noite anterior fora levado ao quartel-general da divisão, onde o deixaram sob vigilância. Junto com ele, o escritório do regimento recebeu um texto muito confuso do tribunal da divisão em que se dizia que, ao fim e ao cabo, não se tratava de um caso de amotinação, porque os voluntários não têm a obrigação de limpar as latrinas, mas de insubordinação, delito que podia ser perdoado se demonstrasse coragem e bravura no campo de batalha. Por este motivo, devolvia-se o acusado, o voluntário Marek, a seu regimento e a investigação da infração disciplinar era adiada para depois da guerra; não obstante, o processo do voluntário Marek seria reaberto se cometesse outro delito.

Além disso havia outro caso. Junto com o voluntário Marek levaram ao quartel-general o falso chefe de seção Teveles, que aparecera no regimento recentemente, procedente do hospital de Zagreb. Tinha a grande medalha de prata, galões de voluntário e três estrelinhas. Havia relatado as heroicas ações que levara a cabo na Sérvia com a 6ª Companhia, da qual parecia ser o único sobrevivente. Na investigação se constatou que, de fato, no começo da guerra um tal de Teveles havia ido ao campo de batalha com a 6ª Companhia, mas este não tinha o nível de voluntário. Posteriormente foram pedidas mais informações à brigada que comandava a 6ª Companhia durante a fuga de Belgrado em 2 de dezembro de 1914 e constatou-se que, da lista dos indicados e condecorados com a medalha de prata, não fazia parte nenhum chefe Teveles. Não foi possível verificar se na companhia de Belgrado o soldado Teveles fora promovido a chefe de seção porque toda a 6ª Companhia, oficiais incluídos, se perdera perto do templo de São Sava em Belgrado. Teveles esgrimiu sua defesa diante do tribunal da divisão dizendo que de fato lhe haviam prometido a grande medalha de prata e que por este motivo a comprara de um bósnio no hospital. Em relação aos galões de voluntário, os costurara em estado de embriaguez e os continuava usando porque estava permanentemente bêbado, e seu organismo, debilitado pela disenteria.

No começo da reunião, e deixando a discussão daqueles dois casos para mais tarde, o coronel Schröder declarou que antes da partida, que não demoraria muito, seria necessário que se reunissem mais amiúde. A brigada lhe comunicara que estavam sendo

esperadas ordens da divisão. As tropas deviam estar preparadas e era necessário que os comandantes de companhia ficassem atentos para evitar que alguém faltasse. Repetiu tudo o que expusera no dia anterior, voltou a explicar o panorama dos acontecimentos bélicos e acrescentou que nada devia debilitar o espírito combativo e o ardor guerreiro do exército.

Na mesa, diante dele, estava um mapa do cenário bélico com bandeirinhas espetadas com alfinetes, mas estas estavam muito desordenadas e as linhas do front, espalhadas. Alguns alfinetes com bandeirinhas haviam escorregado para debaixo da mesa.

O agente de tal estrago havia sido um gato que, durante a noite, devastara todos os campos de batalha. O gato pertencia aos auxiliares de escritório do regimento; durante a noite, o felino fizera suas necessidades no cenário bélico austro-húngaro e, querendo enterrar seus excrementos, havia feito saltar todos os alfinetes com bandeirinhas, sujando suas posições, salpicando os fronts e cabeças de ponte e manchando todos os corpos do exército.

O coronel Schröder era inteiramente míope.

Os oficiais do batalhão observavam com extremo interesse o dedo do comandante se aproximando daquela porcaria.

— Daqui, senhores, de Sokal a Bug — disse o coronel com ares de profeta, movendo o indicador em direção aos Cárpatos, obrigando-o a parar em uma daquelas montanhas com as quais o gato procurara dar forma artística ao mapa do cenário bélico. — O que é isto, senhores? — perguntou, surpreso, quando alguma coisa enganchou em seu dedo.

— Parecem excrementos de gato, meu coronel — disse em nome de todos o capitão Ságner, muito educadamente.

O coronel Schröder correu para a sala contígua. Dali se ouviram maldições drásticas e uma terrível ameaça: que seriam obrigados a lamber toda a porcaria do gato.

O interrogatório foi breve. Constatou-se que o auxiliar de escritório mais jovem, Zwiebelfisch, havia levado o gato ao escritório. Depois desta constatação, ele foi obrigado a pegar suas coisas e um auxiliar de escritório mais velho levou-o ao quartel-general, onde permaneceria até nova ordem do coronel.

Com isso a reunião praticamente acabou. Quando o coronel, com a cara púrpura, voltou para se reunir com o corpo de oficiais, se esqueceu de que ainda precisava examinar o caso do voluntário Marek e o do falso chefe de seção Teveles. Limitou-se a dizer:

— Peço aos senhores oficiais que estejam preparados para acatar minhas ordens e instruções.

De maneira que o voluntário e Teveles ficaram no quartel-general sob vigilância e quando, mais tarde, Zwiebelfisch se juntou a eles, puderam jogar *mariáš*; terminada a partida, divertiram-se aborrecendo os carcereiros, pedindo que procurassem pulgas nos colchões de palha.

Depois também enfiaram ali o cabo Peroutka, da 13ª Companhia, que desaparecera no dia anterior quando correra a notícia da iminente partida ao front. Pela manhã a patrulha encontrou-o na taverna Bílé Růži de Most nad Litavou. O soldado se desculpou dizendo que antes de partir pretendera fazer uma última visita à famosa estufa do conde Harrach de Most nad Litavou, e que ao voltar se perdera e de madrugada,

morto de cansaço, havia chegado ao Bílé Růži. (Na realidade, havia dormido com a Růženka do Bílé Růži.)

A situação continuava obscura. Partiriam ou não? Em seu posto ao telefone, Švejk ouvia as opiniões mais diversas, pessimistas e otimistas. A 12ª Companhia ligara dizendo que por intermédio de alguém do escritório haviam ficado sabendo que só partiriam para o front depois dos exercícios de tiro com alvos móveis. A 13ª Companhia não compartilhava esta visão otimista porque ligara para dizer que o cabo Havlík acabara de voltar da cidade e que um ferroviário lhe dissera que os vagões já estavam na estação, prontos para partir.

Vaněk arrancou o fone da mão de Švejk e gritou, alarmado, que os ferroviários não tinham a menor ideia de nada e que ele acabara de voltar do escritório do regimento.

Švejk ficou ao lado do telefone com extrema dedicação e quando lhe perguntavam o que havia de novo respondia que não sabia nada ao certo.

Assim também respondeu à pergunta do tenente Lukáš:

— O que há de novo?

— Ainda não se sabe de nada ao certo, senhor tenente — foi sua resposta estereotipada.

— Desligue, idiota!

Em seguida chegaram alguns telegramas que Švejk foi recebendo depois de um longo mal-entendido. Antes de mais nada lhe ditaram o que não haviam conseguido lhe dizer na noite anterior quando não pendurara o fone porque adormecera; o telegrama se referia aos vacinados e aos não vacinados.

Depois chegou outro telegrama atrasado relativo às conservas, assunto que já fora esclarecido.

Recebeu outro dirigido a todos os batalhões, companhias e pelotões do regimento.

Cópia do telegrama da brigada número 75.692. *Ordem de brigada num.* 172. *Nas listas de consumo das cozinhas de campanha, quando se registrar os produtos utilizados, deve ser seguida a seguinte ordem*:

1. Carne, 2. Conservas, 3. *Verdura fresca, 4. Verdura seca,* 5. *Arroz,* 6. *Massas,* 7. *Cevada e sêmola,* 8. *Batatas, em lugar da ordem anterior*: *4. Verdura seca,* 5. *Verdura fresca.*

Quando Švejk o leu para o intendente Vaněk, este declarou, solenemente, que telegramas como aquele deviam ser atirados diretamente na latrina.

— Esta brilhante ideia deve ter ocorrido a um cretino do estado-maior e a enviam a todas as divisões, brigadas e regimentos.

Depois Švejk recebeu outro telegrama em alemão. Foi ditado tão depressa que mal conseguiu anotar algumas palavras, que pareciam uma mensagem cifrada:

Como consequência mais exatamente se permitiu ou pelo contrário apesar de tudo foi pedido o mesmo.

— Tudo isso são inutilidades — disse Vaněk, enquanto Švejk, surpreso pelo que escrevera, leu, espantado, a mensagem três vezes em voz alta —, são disparates, embora, olhando bem, talvez se trate de uma mensagem cifrada. Também pode jogá-la no lixo.

— Eu também acho — opinou Švejk — que, se disser ao senhor tenente que, como consequência mais exatamente se permitiu ou pelo contrário apesar de tudo foi pedido o mesmo, ele até poderia se irritar.

"Existem pessoas que são extremamente susceptíveis", continuou Švejk, submergindo em suas recordações. "Uma vez fui de bonde de Vysočany ao centro de Praga e em Libeň subiu um tal de senhor Novotný. Quando o reconheci me aproximei da plataforma e comecei uma conversa com a desculpa de que ambos éramos de Dražov. Mas ele começou a gritar comigo dizendo que não o molestasse, que não me conhecia. Eu lhe pedi que se lembrasse, que quando era pequeno ia visitá-lo com minha mãe, que se chamava Antonie e que seu pai se chamava Prokop e era granjeiro. Mas ele continuava insistindo que não nos conhecíamos. Por isso lhe contei mais detalhes: que em Dražov havia dois Novotný, Tonda e Josef, que ele era o Josef e que pessoas de Dražov haviam me informado por carta que ele atirara em sua mulher quando esta criticara seu desmedido amor pelo álcool. Então aquele homem levantou o braço para me bater, eu me afastei e ele quebrou a janela principal da plataforma dianteira, a do motorneiro. De maneira que fomos obrigados a descer e nos levaram à delegacia. Ali se descobriu que o sujeito em questão era tão susceptível porque efetivamente não se chamava Josef Novotný, mas Eduard Doubrava, e não era de Dražov, mas de Montgomery, América do Norte, e que fora a Praga visitar parentes dos quais sua família descendia."

Uma ligação telefônica interrompeu a narrativa e uma voz rouca da seção de metralhadoras perguntou a Švejk quando partiriam e lhe disse que naquela mesma manhã haveria uma reunião na sala do coronel.

Então surgiu na porta o cadete Biegler, muito pálido. Biegler era o maior imbecil da companhia porque, na escola de voluntários, se esforçara para se destacar por seus conhecimentos. O cadete fez um sinal ao intendente para que fosse ao corredor e ali manteve uma longa conversa com ele.

Vaněk voltou sorrindo com desprezo.

— Tem que me perguntar essas besteiras quando sabe que estamos indo ao front? Ele também participou da reunião e quando estavam saindo o tenente Lukáš lhe ordenou que todos os chefes de seção façam uma rigorosa inspeção das armas. E agora veio me perguntar se teria que amarrar Žlábek porque limpou o fuzil com parafina.

Vaněk estava muito irritado.

— Me pergunta uma besteira dessas, agora que sabe que estamos indo ao front! Que ideia aquela do tenente de amarrar ontem seu ordenança! Mas eu já disse ao pirralho que pense duas vezes antes de tratar os soldados como animais.

— Já que está falando de ordenança — disse Švejk —, o senhor pode me dizer se já encontrou algum para o tenente?

— Seja sensato — respondeu Vaněk —, cada coisa a seu tempo. De qualquer maneira, acho que o tenente se habituará a Baloun. De vez em quando lhe roubará alguma comida, mas isso passará logo, assim que chegarmos ao campo de batalha. Por regra geral, em nenhum deles haverá muita comida. E se eu disser que Baloun vai ficar, então não será possível fazer nada a respeito. Esta atribuição é minha e o tenente não tem que meter o nariz. Não devemos nos apressar.

Vaněk voltou para o catre e disse:

— Švejk, me conte alguma piada da vida militar.

— Está bem — respondeu Švejk —, mas tenho medo de que alguém volte a ligar.

— Então desconecte o telefone, Švejk, desenrosque o fio ou o tire do gancho.

— De acordo — disse Švejk, tirando o fone do gancho. — Vou contar uma coisa muito adequada a esta situação. Mas naquela vez, em vez de uma guerra de verdade, se tratava apenas de manobras, e a confusão era semelhante à de hoje porque ninguém sabia quando sairíamos do quartel. No meu regimento havia um tal de Šic, um homem bom, mas muito crente e assustadiço. Imaginava que as manobras eram uma coisa tão espantosa que as pessoas morreriam de sede e que os enfermos seriam recolhidos como fruta podre. Por isso enchia a cara à vontade, quando saímos do quartel e chegamos a Mníšek, disse: "Não aguento mais, rapazes, só Deus pode me salvar." Depois chegamos a Hořovice e ali tivemos dois dias de folga. Fora cometido um erro de cálculo. Avançáramos tão depressa que, junto com os outros regimentos, que estavam divididos em alas, capturamos todo o estado-maior do inimigo, o que foi uma grande vergonha, porque nosso corpo devia perder e o inimigo, em cuja tropa havia um arquiduque de merda, ganhar. E aquele Šic fez o seguinte: quando estávamos acampados, foi fazer compras em uma aldeia mais além de Hořovice e retornou por volta do meio-dia. Fazia calor, ele estava de porre e de repente viu uma coluna com um pequeno armário e, dentro dele, uma pequena estátua de São João Nepomuceno. Šic rezou para São João e lhe disse: "Que calor você deve estar sentindo! Se ao menos pudesse beber um pouco. Está exposto ao sol, deve estar todo suado." Sacudiu o cantil e, depois de ter dado uns goles, lhe disse: "Eu lhe deixei um trago, São João." Mas repensou, bebeu tudo e não sobrou nem uma gota para São João Nepomuceno. "Meu Deus!", disse, "o senhor tem que me perdoar, São João Nepomuceno, eu o recompensarei, o levarei ao acampamento e lhe darei tanta bebida que não aguentará ficar em pé". E o bom do Šic, compadecendo-se de São João Nepomuceno, quebrou o vidro, tirou a estátua do santo, guardou-a sob a jaqueta e a levou ao acampamento. Então São João Nepomuceno passou a dormir com ele na palha e Šic o levava às marchas na mochila. E tinha muita sorte nas cartas. Em cada lugar onde acampávamos, ele sempre ganhava, até que chegamos à região de Práchen, acampamos em Drahenice e ali perdeu tudo, tudo, tudo. No dia seguinte, quando partíamos, vimos São João Nepomuceno pendurado no galho de uma pereira. Bem, acabei de contar a anedota, e agora vou colocar o fone no gancho.

E o telefone voltou a transmitir a agitação daquela vida inquieta que se implantara no acampamento, substituindo a velha harmonia.

Enquanto isso, o tenente Lukáš estudava em seu quarto as mensagens cifradas que haviam acabado de chegar do Estado-Maior, junto com as instruções para

decifrá-las e uma ordem secreta cifrada que indicava a direção que o batalhão devia tomar para se dirigir à fronteira da Galícia (primeira etapa).

7217 — 1238 — 475 — 2121 — 35 = Mošon
8922 — 375 — 7282 = Raab
4432 — 1238 — 7217 — 35 — 8922 — 35 = Komárno
7282 — 9299 — 310 — 375 — 7881 — 298 — 475 — 7979 = Budapeste

Decifrando o código, o tenente Lukáš suspirou em alemão:
— Que o idiota vá para o inferno!

51 Personagem de um conto de fadas tcheco. (N. do T.)
52 Três líderes políticos tchecos que foram presos por traição durante a guerra. (N. do T.)
53 Jogo de cartas alemão. (N. do T.)
54 Famoso pregador jesuíta da época. (N. do T.)

Terceira Parte – A surra gloriosa

1
Através da Hungria
Afinal chegou o momento em que enfiaram todos nos vagões em uma proporção de 42 homens por 8 cavalos. Naturalmente, os cavalos viajavam com muito mais conforto do que os homens, porque podiam dormir em pé. O trem militar levava de volta à Galícia um novo grupo de pessoas destinadas ao matadouro.

No entanto, na realidade essas criaturas se sentiram aliviadas quando o trem começou a andar. Pelo menos agora se tratava de uma coisa definida; até então haviam estado submersos em uma dolorosa incerteza, em uma espécie de pânico gerado pelo fato de desconhecerem se partiriam hoje ou amanhã. Alguns se sentiam como se fossem condenados à morte que esperam aterrorizados o momento em que o carrasco virá buscá-los.

Por isso, um dos soldados começou a gritar freneticamente: "Estamos indo! Estamos indo!"

O intendente Vaněk tinha toda razão quando dizia a Švejk que não havia a menor pressa. Antes de chegar o momento de subir aos vagões, passaram-se vários dias, durante os quais não se fazia nada além de falar das conservas, e o experiente Vaněk não parava de dizer que estavam sonhando acordados, que conservas que nada! E ainda por cima uma missa campal, pois as companhias precedentes também haviam passado por uma. Quando há conservas, não há missa; quando há missa, não há conservas.

De maneira que no lugar das latas de gulache compareceu o capelão-mor Ibl, que matou três coelhos com uma cajadada só: celebrou a missa campal para três batalhões, abençoou dois que estavam indo para a Sérvia e um terceiro que ia para a Rússia.

Na cerimônia, o capelão fez um discurso bastante exaltado; percebia-se que havia se inspirado nos calendários militares. Foi um sermão tão comovente que, quando se dirigiam a Mošon, Švejk, que viajava com Vaněk em um escritório improvisado, se lembrou dele e disse ao intendente:

— Vai ser fantástico, como disse o capelão, quando, ao entardecer, o sol com seus raios de ouro se esconder atrás das montanhas e no campo de batalha for sentido o último suspiro dos moribundos, o estertor dos cavalos tombados, os gemidos dos soldados feridos e os lamentos da população vendo o fogo ardendo acima de suas cabeças em suas próprias casas. Eu adoro quando as pessoas ficam dizendo besteiras ao quadrado.

Vaněk assentia com a cabeça:

— Que história emocionante!

— Fantástica e muito instrutiva — disse Švejk. — Quero gravá-la na memória para poder contá-la na taverna U Kalicha depois da guerra. Durante o sermão, o capelão esticou tanto as pernas que tive medo de que escorregasse, caísse em cima do altar e quebrasse a cachola no cálice sagrado. Que bela anedota aquela que contou sobre a história de nosso exército na época de Radetzky! E, pela maneira como falou da cor avermelhada do crepúsculo se misturando com o fogo dos celeiros no campo de batalha, deu a impressão de que viu tudo aquilo com seus próprios olhos!

Nesse mesmo dia, o capelão Ibl apareceu em Viena contando a outro batalhão a impressionante história que Švejk acabara de mencionar e de que gostara tanto

a ponto de classificá-la de fantástica.

— Queridos soldados — disse o capelão Ibl no início de seu sermão —, imaginem que estamos no ano de 1848 e que terminou a batalha de Custozza;[55] depois de dez horas de luta renhida, o rei Alberto da Itália abandonou o sangrento campo de batalha, deixando-o nas mãos do pai dos nossos guerreiros, o marechal Radetzky, que chegou àquela vitória gloriosa aos oitenta e quatro anos de idade.

"E eis que, queridos soldados, o velho marechal se detém em uma colina diante da Custozza conquistada. Está cercado por seus fiéis generais. A solenidade do momento se apodera de todos os presentes porque, soldados, a pouca distância do marechal, um combatente luta contra a morte. No campo da honra, com os membros destroçados, o alferes ferido sente sobre si o olhar de Radetzky. O valente alferes ferido aperta com ardor convulsivo a medalha de ouro em sua mão direita, já rígida. Ao ver seu nobre marechal, seu coração volta a bater, as últimas forças inflam seu corpo inválido e, com um esforço sobre-humano, o moribundo tenta se arrastar até o marechal de campo.

"'Descanse, valente soldado', grita o marechal, e desce do cavalo para lhe oferecer a mão.

"'Não é possível, senhor marechal', diz o soldado moribundo, 'arrancaram-me os braços, mas só lhe peço uma coisa. Diga-me a verdade e nada mais do que a verdade: vencemos completamente a batalha?'

"'Completamente, filho', assevera o marechal com amabilidade. 'Que pena que suas feridas não lhe permitam sentir plenamente a alegria!'

"'Nobre senhor, estou acabado', diz o soldado com voz apagada, sorrindo afavelmente.

"'Você está com sede, talvez?', pergunta Radetzky.

"'Foi um dia muito quente, meu marechal; estávamos a mais de 30 graus.'

"Então Radetzky pega o cantil de seu ordenança e o entrega ao moribundo, que bebe um bom gole.

"'Deus lhe pague mil vezes!', exclama este, fazendo um esforço para beijar a mão de seu comandante.

"'Quanto tempo faz que você está no exército?', pergunta este.

"'Mais de quarenta anos, senhor marechal! Em Aspern,[56] ganhei a medalha de ouro. Lutei em Leipzig[57] e também tenho a Cruz de Guerra. Fui ferido mortalmente cinco vezes, mas agora sei que o fim chegou. Que felicidade, que bênção ter vivido até o dia de hoje! Pouco me importa a morte se conseguimos uma gloriosa vitória e o imperador reconquistou suas terras!'

"Naquele momento, queridos soldados, no acampamento se ouviu nosso hino: *Deus salve nosso Imperador*. Sons poderosos e solenes tomaram conta do campo de batalha. O soldado que se despedia da vida fez uma última tentativa de se levantar.

"'Viva a Áustria!', exclamou com entusiasmo, 'viva a Áustria! Que continue este canto esplêndido! Viva nosso caudilho! Viva o exército!'.

"O moribundo voltou a se inclinar sobre a mão direita do marechal e, depois de tê-la beijado, desabou: um último suspiro abandonou sua alma nobre. O caudilho descobriu a cabeça diante do cadáver de um de seus soldados mais valentes.

"'Um fim como este é verdadeiramente invejável', disse o marechal de campo, comovido, enquanto cobria o rosto com as mãos.

"Queridos soldados, eu também lhes desejo que encontrem um final tão belo."

Agora que conhecemos o discurso do capelão militar Ibl, sabemos que ao qualificá-lo de besteira ao quadrado Švejk não se equivocara muito.

Depois Švejk começou a falar das famosas ordens do dia que haviam sido lidas no dia em que deviam subir nos trens. Uma era assinada por Franz Joseph; a outra, pelo arquiduque Joseph Ferdinand, comandante supremo do exército e do agrupamento Leste. As duas faziam referência aos acontecimentos de 3 de abril de 1915, no desfiladeiro de Dukla. Naquele dia, dois batalhões do 28º Regimento, com os oficiais de comando incluídos, passaram para o lado dos russos acompanhados pela música da banda do regimento.

Leram-lhes as duas ordens do dia com voz trêmula, traduzida para o tcheco. Diziam o seguinte:

Ordem do dia de 17 de abril de 1915:

Com o coração transbordando de dor determino que o 28º Regimento Imperial e Real de Infantaria seja expulso de meu exército por covardia e alta traição. Sua bandeira será retirada e depositada no Museu Militar. Este dia põe fim à existência deste regimento, que, moralmente envenenado em sua região de origem, se dirigiu ao campo de batalha e cometeu um ato de alta traição.

Franz Joseph I

Ordem do dia do arquiduque Joseph Ferdinand:

Durante a campanha bélica, as tropas tchecas não estiveram à altura do que delas se esperava, em especial nas últimas batalhas. Não corresponderam às expectativas, particularmente na defesa das posições nas trincheiras, e o inimigo se aproveitou disso para estabelecer contato com infames elementos das tropas mencionadas.

O inimigo, com a ajuda desses traidores, dirigia seus ataques às zonas fronteiriças, ocupadas por essas tropas.

O inimigo amiúde chegava a surpreender nossos regimentos e quase sem enfrentar resistência penetrava em nossas posições e capturava um número elevadíssimo de presos. Mil vezes vergonha, ignomínia e menosprezo por aqueles canalhas sem honra e sem consciência que traíram o imperador e o império e atingiram não apenas a honra das gloriosas bandeiras de nosso valente e triunfal exército, mas também a honra da nação a qual pertencem.

Mais cedo ou mais tarde se verão diante da bala ou da corda do verdugo.

A obrigação de todo soldado tcheco que ainda saiba o que significa honra é denunciar ao seu comandante os miseráveis agitadores e traidores que se encontram no corpo.

Quem não o fizer é um canalha e um traidor como eles.

Esta ordem do dia deve ser lida a todos os soldados dos regimentos tchecos.

O 28º Regimento Imperial e Real foi expulso do exército por determinação de nosso monarca, e todos os desertores pagarão com seu sangue pelo grave crime cometido.

Arquiduque Joseph Ferdinand

— Demoraram muito para lê-las — disse Švejk a Vaněk. — Acho muito estranho que não o tivessem feito até agora se o imperador as tornou públicas em 17 de abril. Poderíamos achar que tiveram motivos para não as terem lido antes. Se eu fosse o imperador, não permitiria que me tratassem assim. Se dou uma ordem em 17 de abril tem que ser lida em 17 de abril, mesmo se o céu estiver desabando.

Na extremidade do vagão oposta à de Vaněk, o cozinheiro ocultista da cantina dos oficiais escrevia alguma coisa. Atrás dele estava sentado o ordenança do tenente Lukáš, o gigante barbudo Baloun, e um tal de Chodounský, designado para ser o telefonista da 11ª Companhia. Baloun roía um pedaço de pão e, assustado, explicava a Chodounský que não era culpa sua se, com toda aquela confusão, não conseguira chegar ao vagão do seu tenente.

Chodounský o assustou dizendo que agora a brincadeira acabara e que por um delito como aquele poderiam fuzilá-lo.

— Quem me dera que este martírio acabasse de uma vez! — gemia Baloun. — Certa vez estive prestes a bater as botas; foi durante as manobras perto de Votic. Fomos para lá famintos e sedentos, e quando o ordenança do batalhão se aproximou eu gritei: "Deem-nos pão e água!" Ele veio até a gente com o cavalo e me disse que, se aquilo tivesse acontecido durante a guerra, eu teria sido obrigado a me afastar da fila e teriam me fuzilado, e que por ora só me encarceraria. Mas tive muita sorte: quando foi me denunciar ao estado-maior, o cavalo se descontrolou, ele caiu e, graças a Deus, quebrou o pescoço.

Baloun deixou escapar um profundo suspiro e se engasgou com o pedaço de pão; depois de se recuperar, fitou com olhos ansiosos os sacos do tenente Lukáš cheios de provisões que devia vigiar.

— Os senhores oficiais receberam sua ração — disse, em tom lúgubre. — Latas de patê de fígado e salame húngaro. Eu gostaria tanto de ganhar um pedacinho!

Enquanto falava assim olhava os sacos com ansiedade, como um cachorro abandonado com fome lupina que fareja na porta de uma charcutaria os vapores das salsichas fervidas.

— Não seria nada mau se estivessem nos esperando em algum lugar com uma boa comida — disse Chodounský. — No começo da guerra, quando fomos para a Sérvia, nos convidavam tão amiúde que nos fartávamos de comer em cada estação e jogávamos ludo em cima de tabletes de chocolate. Em Osek, na Croácia, dois veteranos trouxeram ao vagão um caldeirão com coelho assado; não conseguimos nos segurar e mergulhamos de cabeça. Naquela viagem não fizemos nada além de vomitar pelas janelas. Em nosso vagão, o cabo Matějka comeu tanto que tivemos que colocar uma mesa em cima de sua barriga e ficar pulando, como se estivéssemos pisando uvas; isso o aliviou, e começou a expelir tudo por cima e por baixo. Quando estávamos atravessando a Hungria, atiravam galinhas assadas nos vagões. Só não comíamos os miolos. Em Kaposfalva, os húngaros nos atiraram pedaços inteiros de porco assado; uma cabeça de

porco bateu na testa de um companheiro, que se viu obrigado a correr com a correia da baioneta ao longo de três plataformas, perseguindo o doador. No entanto, na Bósnia não nos deram nem água. Mas ali, embora fosse proibido, tínhamos vinho e aguardente aos montes. Recordo que uma vez, em uma estação, algumas senhoras e senhoritas nos obsequiaram com cerveja e nós mijamos em um daqueles baldes; vocês precisavam ver como saíram correndo dali!

"Passamos toda a viagem tão mareados que eu não fui capaz de reconhecer um ás de espadas, e de repente, quando menos esperávamos, veio uma ordem; nem sequer pudemos acabar de jogar as cartas: vamos, todos para fora dos vagões! Um cabo, já não recordo seu nome, pedia ao seu pessoal que cantasse em alemão: Os sérvios precisam ver que os austríacos venceram. Mas alguém lhe deu uma patada por trás e o sujeito desabou nos trilhos. Depois gritou que fizéssemos pirâmides com os fuzis; naquele momento o trem deu meia-volta e voltou vazio; mas, como costuma acontecer nos momentos de pânico, levaram nossas provisões para dois dias. Logo começaram a explodir projéteis a uma distância como daqui àquelas árvores. Do outro extremo veio o comandante do batalhão e convocou todo mundo para falar da situação. Também veio um tal de Macek, um tcheco de pura cepa que só falava em alemão, e disse, pálido como um cadáver, que não era possível continuar, que os trilhos haviam voado, que durante a noite os sérvios haviam atravessado o rio e que já estavam na margem esquerda. No entanto, ainda não haviam se aproximado definitivamente, e quando chegassem os reforços lhes daríamos uma boa surra. Ninguém devia se render porque os sérvios, segundo ele, cortariam o nariz e as orelhas dos prisioneiros e arrebentariam seus olhos. Se, ao nosso lado, explodissem projéteis, não devíamos nos preocupar: era nossa artilharia que estaria se exercitando, disse. De repente, de algum lugar atrás das montanhas, ouviu-se um taratatá. Segundo ele, eram nossas metralhadoras disparando. À esquerda, ouviu-se um disparo de canhão. Era a primeira vez que ouvíamos aquilo e nos atiramos de boca para baixo nos trilhos; várias granadas passaram voando por cima de nossas cabeças e incendiaram a estação; à esquerda começaram a silvar balas, enquanto, a certa distância, se ouviam salvas e ruídos de baionetas. O tenente Macek ordenou que desmontássemos as pirâmides e carregássemos os fuzis. O chefe de serviço se aproximou e lhe disse que isso era absolutamente impossível, porque não tínhamos munição; que se supunha que íamos procurar munição na próxima etapa, antes de chegar ao front, e que o trem com a munição ia na frente da gente e já devia ter caído nas mãos dos sérvios. O tenente Macek ficou por um instante petrificado e depois ordenou, sem saber por que, por puro desespero, para que houvesse alguma reação: 'Calem as baionetas!' Então ficamos durante um bom tempo preparados e depois voltamos a nos atirar nos trilhos porque apareceu um avião e os oficiais gritaram: 'Cubram-se, cubram-se, todo mundo debaixo de uma cobertura!' Mais tarde se descobriu que o avião era nosso, mas que, por engano, nossa artilharia o atingira. Nos levantamos outra vez e não recebemos nem uma ordem, nem um 'Descansar!'. Um soldado da cavalaria veio galopando e de longe gritava: 'Onde está o comando do batalhão?' O comandante do batalhão foi recebê-lo; o outro lhe entregou um papel e partiu em seguida a galope, para a direita. Enquanto se afastava, o comandante do batalhão leu o papel e de repente, como se tivesse ficado louco, desembainhou o sabre e galopou voando em nossa direção: 'Retrocedam, retrocedam todos', gritou para os oficiais. 'Ao vale em fila indiana!' E então começou. Como se estivessem esperando por esse momento em todos os lados, começaram a nos liquidar. À

esquerda havia um campo de milho que era um verdadeiro inferno. Nos arrastamos de quatro em direção ao vale; deixamos as mochilas nos trilhos. O tenente Macek recebeu uma bala na cabeça e nem piou. Antes de conseguirmos nos refugiar no vale, muitos morreram e ficaram feridos; os deixamos ali e continuamos correndo até que caiu a noite, mas não restava um único homem nosso na região. Todos haviam escapado antes da nossa chegada. Só vimos um trem saqueado. Quando, finalmente, chegamos a uma estação, já haviam recebido novas ordens: devíamos sentar no trem e voltar para o comando, mas não pudemos fazê-lo porque no dia anterior todo o comando fora aprisionado, coisa que só soubemos de manhã. De maneira que estávamos como órfãos, ninguém queria saber nada da gente. Depois nos designaram ao 73º Regimento, para recuar com ele; e fizemos isso com o maior prazer, mas antes tivemos que avançar mais ou menos um dia para encontrar o 73º Regimento. Depois..."

Mas então ninguém mais o escutava. Švejk e Vaněk jogavam *mariáš*; o cozinheiro ocultista da cantina dos oficiais escrevia uma longa carta à esposa, que durante sua ausência começara a publicar uma nova revista teosófica; Baloun cochilava em um banco..., de modo que o telefonista Chodounský limitou-se a repetir: "Não, não esquecerei nunca..."

Levantou-se e foi dar palpites nas jogadas dos dois que estavam mergulhados no *mariáš*.

— Pelo menos, já que não consegue parar de olhar e fazer comentários, você poderia acender meu cachimbo? — disse Švejk a Chodounský amistosamente. — O *mariáš* é uma coisa muito mais séria do que a guerra inteira e suas aventuras na fronteira sérvia. Que besteira acabo de fazer, como sou burro; deveria me autoflagelar! Por que não segurei mais um momento aquele rei? Agora mesmo recebi um valete. Sou um idiota!

Nesse meio-tempo o cozinheiro ocultista terminara a carta e a lia com satisfação por tê-la escrito tão bem, não se esquecendo de que seria submetida à censura militar.

Minha querida esposa,

Quando receber estas linhas já estarei há vários dias no trem: estamos indo para o front. Não estou muito feliz porque não faço nada, não sou útil, porque na cozinha dos oficiais não temos trabalho; recebemos a comida a cada etapa, nas estações. Gostaria de ter preparado durante a viagem um gulache de repolho e cogumelos para os oficiais, mas não foi possível. Talvez, quando chegarmos à Galícia, terei a oportunidade de preparar um autêntico scholet, o da Galícia, ganso refogado com cevada ou arroz. Acredite, querida Helena, que me esforço o mais que posso para aliviar as preocupações e as dores dos oficiais e tornar sua vida agradável. Fui transferido do regimento ao batalhão que está indo ao front; era tudo o que desejava, pois assim poderei servir da melhor maneira possível na cozinha dos oficiais no front, embora dispondo de meios bem mais modestos. Você recorda, querida Helena, que, quando me incorporei ao exército, você me desejou que encontrasse bons superiores? Seu desejo se cumpriu. Não tenho do que me queixar, pelo contrário, todos os oficiais são nossos grandes amigos e se

comportam comigo de uma maneira especialmente paternal. Assim que for possível lhe darei o número do nosso correio militar...

A carta era fruto das circunstâncias: o cozinheiro ocultista perdera as graças do coronel Schröder, que até então torcera por ele, depois de ter, por um triste azar, derramado vinagre em seu prato, no caso, uma massa recheada com rins de vitela. No jantar de despedida dos oficiais do batalhão, o coronel ficara sem a sua porção, e por isso enviou o pobre cozinheiro ocultista ao front com a companhia e confiou a cozinha dos oficiais a um pobre professor do colégio para cegos do subúrbio praguense de Klárov.

O cozinheiro ocultista voltou a ler o que acabara de escrever. Achou a carta bastante diplomática, capaz até de mantê-lo pelo menos um pouco afastado do campo de batalha, porque, não importam o que digam, puxar o saco é uma coisa que funciona até na guerra.

Com o campo de batalha tão próximo, se esquecera de que antes da guerra, quando era sócio proprietário de uma revista ocultista que tratava das ciências do além-túmulo, escrevera um longo ensaio no qual afirmava que ninguém deve temer a morte porque a alma transmigra. Mas agora isso estava muito distante.

Jurajda aproximou-se de Švejk e Vaněk e ficou observando o jogo. Naquele momento, os dois estavam nivelados, não levavam em conta a diferença de graduação militar que havia entre eles. Agora, com Chodounský, não eram apenas duas a pessoas que jogavam *mariáš*, mas três.

O ordenança Švejk se dirigia rudemente ao intendente Vaněk:

— Eu fico impressionado como alguém pode jogar de uma maneira tão idiota. Não viu o que este aí tirou? Eu não tenho nenhum verde e você, em vez de descartar o oito, joga como o maior dos idiotas um valete de diamante e a banca ganha.

— Tanto barulho por uma maldita partida perdida! — foi a delicada resposta do intendente. — Você é o primeiro a jogar como um bobalhão! Esperava que eu tirasse um oito verde da manga, seu louco de merda?

— É como aconteceu uma vez na cervejaria U Valšů, lá embaixo, no restaurante — replicou Švejk sorrindo. — Um queria que o parceiro fizesse uma coisa, o outro, outra. E aí começaram a berrar feito doidos. Então um deles gritou que podia jogar como lhe desse na telha e que ficássemos todos calados porque fora educado na universidade e acabaram brigando. Mas a história lhe custou muito caro. O dono era nosso amigo e a garçonete convivia conosco de uma maneira muito familiar, de maneira que quando a patrulha chegou dissemos aos policiais que estava tudo em ordem, que era uma grosseria daquele homem perturbar a paz noturna chamando a polícia quando a única coisa que acontecera era que escorregara no gelo e quebrara o nariz. Dissemos que não havíamos tocado nele nem quando trapaceava e que quando, finalmente, o flagramos, saiu correndo e caiu. O proprietário e a garçonete confirmaram tudo, disseram que até havíamos sido amáveis com ele. O canalha não merecia mesmo nada além disso. Das sete até meia-noite bebera uma única cerveja e uma água com gás; fazia-se de grande senhor e, como era professor universitário, não tinha a menor ideia de como se jogava *mariáš*. Bem, quem dá?

— Vamos jogar *kaufzwick*[58] — sugeriu o cozinheiro ocultista.

— Prefiro que você fale da transmigração das almas — disse Vaněk —, como fez com a garota na cantina quando quebrou o nariz.

— Eu também já ouvi falar da transmigração das almas — disse Švejk. — Há alguns anos resolvi que me dedicaria, com perdão, aos estudos, e para não ficar para trás resolvi ir à sala de leitura da Associação Industrial de Praga. Mas, como estava em farrapos e era possível ver tudo através dos buracos das minhas calças, não pude me transformar em uma pessoa culta. Não me deixaram entrar, me levaram para fora porque acharam que eu queria roubar os casacos. Por isso um dia me arrumei e fui, com um amigo, à biblioteca do Museu, e pedimos um livro sobre a transmigração das almas. Li que um imperador da Índia havia virado porco, e quando mataram o porco, virou macaco e de macaco virou perdigueiro e de perdigueiro virou ministro. Depois, no exército, me convenci de que devia haver um pouco de verdade nessa história, porque todos os que tinham algum galão chamavam os soldados de porcos, e também de muitos outros nomes de animais, e disso podia se deduzir que, milhares de anos atrás, os simples soldados haviam sido célebres caudilhos. No entanto, durante a guerra a transmigração das almas vira uma coisa muito estúpida. Só o diabo sabe por quantas transmigrações uma pessoa tem de passar antes de se transformar, digamos, em telefonista, cozinheiro ou soldado de infantaria. E de repente é destroçada por uma granada e sua alma vai parar num cavalo de artilharia, e, quando toda a bateria está se dirigindo a algum ponto, explode outra granada e a alma do cavalo em que ele se transformara transmigra para alguma vaca do comboio, com a qual fazem um gulache; da vaca, a alma transmigra, por exemplo, para um telefonista, do telefonista...

— Me surpreende que o alvo dessas piadas idiotas tenha que ser exatamente eu — disse o telefonista Chodounský, visivelmente ofendido.

— Aquele Chodounský de Praga que tem uma agência de detetives com um olho que lembra o da Santíssima Trindade na fachada é, por acaso, seu parente? — perguntou inocentemente Švejk. — Eu gosto muito dos detetives particulares. Anos atrás, quando estava fazendo o serviço militar, havia entre a gente um detetive particular, um tal de Stendler. A cabeça daquele homem era cônica e nosso sargento-mor lhe dizia que, durante seus doze anos de exército, havia visto muitos militares com cabeças cônicas, mas que não imaginava nem em sonhos que pudesse existir uma testa que parecesse tanto com um cone como a dele. "Ouça, Stendler", lhe dizia sempre, "se este ano não houvesse manobras, sua moleira não serviria nem para o exército, mas assim pelo menos a artilharia poderá se localizar quando chegarmos a um lugar onde não haja pontos de orientação." Precisavam ver como o sargento-mor zombava dele! Algumas vezes, durante as marchas, o fazia avançar quinhentos passos e depois ordenava: "Direção, cone!" O senhor Stendler tinha azar, inclusive como detetive particular. Às vezes, na cantina, nos contava as humilhações que sofria. Era contratado, por exemplo, para descobrir se a mulher do cliente, que parecia uma alma penada, estava saindo com alguém, e, se estivesse, então com quem, onde estivera e quando. Ou ao contrário. Uma mulher ciumenta queria descobrir com quem seu marido estava envolvido para armar um escândalo em casa. Era um homem culto, falava de adultério de uma maneira educada, usando palavras elegantes, e sempre estava prestes a começar a chorar quando nos contava que todo mundo queria que flagrasse o acusado. Outro em seu lugar se alegraria de encontrar o casalzinho em plena faina e ficaria com os olhos arregalados; no entanto, ele ficava destroçado com aquilo. Dizia de uma maneira muito inteligente que não

aguentava ver aquelas obscenidades lascivas. Às vezes ficávamos com água na boca quando nos contava as diferentes posições em que flagrara os casais. Sempre que ficávamos presos no quartel desenhava os pombinhos para a gente: "Foi assim que vi a senhora tal e tal com o senhor tal e tal..." Nos dava até os endereços. Mas vivia triste. "Recebi tantas bofetadas dos dois lados!", dizia sempre. "Mas o que mais lamento é ter permitido que me subornassem. Não esquecerei jamais de um desses subornos. Ele, pelado; ela, pelada. Estavam em um hotel e não passaram a chave na porta, imbecis! Não cabiam no sofá porque os dois eram gordos e então ficavam pulando no tapete como se fossem gatos. O tapete estava muito gasto, cheio de poeira e pontas de cigarro. Quando entrei, os dois deram um pulo; ele estava diante de mim, cobrindo-se com a mão como se fosse uma folha de parreira. Ela se virou e vi que tinha as costas marcadas pelas listras do tapete e que uma ponta de cigarro se grudara em sua coluna vertebral. "Me perdoem", eu disse. "Senhor Zemek, sou Stendler, detetive particular da agência Chodounský, e minha missão era encontrá-lo com as mãos na massa, devido a uma acusação de sua esposa. Esta senhora com que manteve aqui relações proibidas é a senhora Grotová." Nunca na vida vi uma pessoa tão tranquila. "Permita-me que me vista", disse, como se fosse a coisa mais natural do mundo. "A culpa é exclusivamente de minha esposa. Seus ciúmes infundados me impeliram a manter relações proibidas, e, impulsionada tão somente pela suspeita, com sua vergonhosa desconfiança ofendeu seu marido. Por outro lado, não tenho dúvidas de que o opróbio não poderá ser evitado de maneira nenhuma... Onde estão minhas cuecas?", perguntou com toda a calma do mundo. "Em cima da cama." Enquanto vestia as cuecas, continuou falando: "Se o opróbio não pode mais ser evitado, teremos que pedir o divórcio. Mas mesmo assim a marca da desonra não poderá ser apagada. Divórcio é uma coisa muito arriscada", continuou dizendo, se vestindo. "O melhor seria que minha mulher tivesse paciência e não provocasse discussões em público. Enfim, faça o que achar melhor, eu o deixo aqui sozinho com a senhora." Nesse meio-tempo, a senhora Grotová se enfiara na cama. O senhor Zemek apertou minha mão e foi embora. Não me lembro mais direito de como o senhor Stendler continuou falando nem de tudo o que nos disse depois, porque ficou conversando de uma maneira muito inteligente com a senhora que estava na cama. Disse que o casamento não fora instituído para permitir que cada um encontrasse a felicidade imediatamente e que aqueles que se casam têm a obrigação de reprimir a luxúria e de refinar e espiritualizar o corpo. "Enquanto isso", contava o senhor Stendler, "comecei a tirar a roupa aos poucos e quando fiquei completamente nu, excitado e selvagem como um cervo no cio, entrou no quarto um conhecido meu, o senhor Stach, detetive particular da nossa concorrente, a agência do senhor Stern, que havia sido contratada pelo marido da senhora Grotová para que investigasse as relações de sua mulher, e limitou-se a dizer: "Ah, pegamos o senhor Stendler em flagrante com a senhora Grotová. Minhas congratulações!" Depois fechou a porta e partiu. "A esta altura, não importa mais", disse a senhora Grotová. "Não precisa se vestir tão depressa, aqui ao meu lado há espaço suficiente." "Trata-se exatamente disso, de encontrar meu espaço", contestei, e não recordo o que disse depois, só que comentei que, quando os cônjuges têm problema, são os filhos que sofrem as consequências. E continuou contando como se vestira depressa, correndo, como havia ido embora e resolvido que contaria imediatamente tudo a seu diretor, o senhor Chodounský. No entanto, parou para tomar um trago para ter mais coragem e chegou, por fim, à agência. Mas então o senhor Stach já estava lá, por determinação de seu diretor, o senhor Stern,

para dar um susto no senhor Chodounský e esfregar-lhe no nariz que tipo de empregado tinha, e a este não ocorreu nada melhor do que mandar buscar a mulher do senhor Stendler para que acertasse ela mesma as contas com o marido por ter sido flagrado em delito pela agência concorrente durante uma missão profissional. "A partir de então", costumava dizer o senhor Stendler, "minha cabeça ficou ainda mais parecida com um cone".

O trem parou na estação de Mošon. Já era de noite e não permitiram que ninguém saísse dos vagões.

Quando o comboio se mexeu, de uma das janelas se ouviu uma voz potente que parecia querer abafar o barulho do trem. Na atmosfera noturna, mística e sugestiva, um dos soldados austríacos de Kašpeské Hory emitia gritos arrepiantes em alemão no meio da tranquilidade reinante nas planícies húngaras:

Boa noite! Boa noite!
É hora do merecido descanso.
O dia atarefado termina,
As mãos diligentes repousam.
Repousarão até que chegue a aurora.
Boa noite! Boa noite!

— Cale-se, idiota! — alguém interrompeu o cantor sentimental, que ficou em silêncio.

Afastaram-no da janela.

As mãos diligentes não descansaram até a madrugada. Assim como em todos os lugares do trem à luz de velas e aqui sob um pequeno candeeiro a querosene pendurado na parede, Švejk e seus companheiros continuavam jogando *kaufzwick*. Sempre que alguém falhava ao comprar cartas, o bom soldado afirmava que o *kaufzwick* era o jogo mais justo de todos porque cada um podia trocar quantas cartas quisesse.

— Vamos jogar uma partida de *zdravíčko*[59] — sugeriu Vaněk, e todos concordaram.

— Sete vermelho — anunciou Švejk, cortando o baralho. — Cada um põe uma moeda de cinco centavos e recebe quatro cartas. Não podemos perder tempo se quisermos ter um bom jogo.

Os rostos dos quatro estavam muito tranquilos. Nem parecia que participavam de uma guerra e estavam em um trem que os levaria ao front, a tremendas e sangrentas batalhas e matanças; davam a impressão de que estavam sentados à mesa de jogo de algum café de Praga.

— Eu jamais teria acreditado — afirmou Švejk depois da primeira partida — que, sem nada na mão e trocando as quatro cartas, receberia um ás. O que vocês queriam me apresentando um rei? Ora, posso matar o rei como se mata uma mosca.

E enquanto o rei era morto com o ás, longe deles, no front, outros reis se matavam por meio de seus súditos.

No vagão do grupamento, onde os oficiais estavam sentados, reinava um silêncio um pouco estranho. Quase todos os oficiais estavam submersos na leitura de um pequeno livro encadernado em pano e intitulado *Die Sünden der Väter*,[60] um romance de Ludwig Ganghofer. Todos tinham os olhos fixos na página 161. Ao lado da janela, o capitão Ságner, comandante de batalhão, também segurava o livro entre as mãos, aberto, da mesma forma, na página 161.

Contemplava a paisagem e se perguntava qual seria a maneira mais compreensível de explicar aos oficiais o que deviam fazer com o livro. Tratava-se de um assunto estritamente confidencial.

Enquanto isso, os oficiais diziam para si mesmos que o coronel enlouquecera de uma vez. Sempre lhe faltara um parafuso, mas mesmo assim ninguém acreditava que a loucura se apresentasse desta maneira, tão de súbito. Antes de partir os chamara para participar de uma última reunião, na qual lhes anunciara que, no escritório do batalhão, poderiam encontrar um exemplar do *Die Sünden der Väter* destinado a cada um deles.

— Senhores — disse com voz cheia de mistério —, não se esqueçam jamais da página 161.

Submersos na página 161, os oficiais achavam que aquilo não tinha pé nem cabeça. Naquela página, uma tal de Marta se dirigia à escrivaninha, tirava dela uma obra de teatro e dizia em voz alta que os espectadores deviam sentir compaixão pelo protagonista. Depois, naquela mesma página, surgia um tal de Albert que não parava de fazer piadas, coisa que, quando não se conhecia o contexto, parecia uma estupidez tão grande que o tenente Lukáš não podia evitar morder a ponta do cigarro com raiva.

"O velho enlouqueceu", pensaram todos. "Está acabado. Agora será transferido ao Ministério da Guerra."

Depois de ter refletido a fundo sobre isso, o capitão Ságner se levantou de seu assento ao lado da janela. Não tinha um grande talento pedagógico e por isso demorou para preparar o esboço de seu discurso sobre o significado da página 161.

Antes de começar a falar, se dirigiu aos oficiais com um *meus senhores,* como fazia o coronel, embora, antes de subir no trem, tivesse se dirigido a eles chamando-os de *camaradas*.

— Meus senhores... — e começou sua exposição, afirmando que na noite anterior o coronel havia lhe dado instruções a respeito da página 161 do *Die Sünden der Väter*, de Ludwig Ganghofer. — Bem, meus senhores — continuou em tom solene —, temos informações rigorosamente confidenciais relativas ao novo sistema de mensagens cifradas adotado no campo de batalha.

O cadete Biegler pegou um bloco de anotações e um lápis e disse em um tom extremamente serviçal.

— Estou preparado, senhor capitão.

Todos olharam para aquele imbecil, cuja aplicação na escola dos voluntários raiava a estupidez. Alistara-se no exército voluntariamente e, na primeira oportunidade,

dissera ao comandante da escola, aproveitando que este perguntava aos alunos sobre sua família, que seus antepassados se chamavam Bügler von Leuthold e que ostentavam no brasão uma asa de cegonha com um rabo de peixe.

A partir de então passaram a chamá-lo pelo seu nome de brasão. "Asa de cegonha com rabo de peixe" foi impiedosamente perseguido e tornou-se de repente antipático, porque aquele sobrenome não tinha nenhuma relação com o respeitável negócio de seu pai, comerciante de peles de lebre e de coelho. Não obstante, aquele entusiasta romântico se esforçava para devorar qualquer informação existente sobre as ciências bélicas e se distinguia por sua diligência e pelos conhecimentos que exibia a respeito de tudo o que o mandavam estudar, e também pelo fato de encher a cabeça com estudos de arte marcial e história da estratégia. Sempre entabulava conversas acerca destes temas, até que os outros começavam a gritar e o obrigavam a se calar. Nos círculos de oficiais, considerava a si mesmo à altura de seus superiores.

— Cadete — disse o capitão Ságner —, se não estou lhe pedindo que fale, cale-se. Ninguém lhe perguntou nada. Além disso, você é um soldado muito, muito inteligente; acabei de lhe dar informações estritamente confidenciais e você as anotou no seu caderno. Se perder estas anotações, será levado à corte marcial.

Para o cúmulo, o cadete Biegler tinha o péssimo costume de sempre tentar convencer todo mundo de que era bem-intencionado.

— Humildemente, senhor — respondeu —, se perdesse minhas anotações, ninguém conseguiria decifrá-las, porque escrevo em estenografia e ninguém é capaz de ler minhas abreviaturas. Uso o sistema estenográfico inglês.

Todo mundo o olhou com menosprezo. O capitão Ságner fez um gesto de impaciência com a mão e continuou seu discurso.

— Acabo de mencionar o novo sistema de mensagens cifradas no campo de batalha. É possível que não compreendam por que lhes recomendei precisamente a página 161 do romance de Ludwig Ganghofer, *Die Sünden der Väter*. Nesta página, senhores, está a senha de nosso sistema criptográfico, que entrou em vigor por decreto do estado-maior. Os senhores já sabem que são usados vários sistemas para enviar comunicados importantes, cifrados, no campo de batalha. O método mais moderno, o que nós utilizamos, é o das cifras complementares. Por isso, as cifras e as instruções para decifrá-las que lhes foi fornecida pelo alto-comando na semana passada perderam a validade.

— Sistema do arquiduque Albrecht — murmurou o aplicado cadete Biegler — 8922=R, extraído do método Gronfeld.

— O novo sistema é muito simples — ecoou a voz do capitão no vagão. — Recebi pessoalmente das mãos do coronel o segundo volume e as informações. Quando, por exemplo, devemos enviar a seguinte ordem: "Abrir fogo de metralhadora à esquerda, cota 228", recebemos a seguinte mensagem: "Coisa — com — nós — que — olhamos — em — as — prometemos — que — Marta — você — este — angustiado — depois — nós — melhor — prometemos — efetivamente — creio — ideia — completamente — domina — voz — rua." Os senhores estão vendo que é absolutamente simples e está desprovido de qualquer combinação inútil. Do alto-comando ao batalhão por telefone, e do batalhão à companhia por telefone. Assim, quando o comandante recebe a mensagem, a decifra da seguinte maneira: Pega o livro *Die Sünden der Väter*, abre-o na página 161 e começa a procurar a palavra "coisa" na página anterior. Atenção, senhores. Na página

160, "coisa" é a 25ª palavra, de modo que procura na página 161 a 25ª letra. É um A, prestem atenção. A segunda palavra da mensagem é "com". Na página 160 é a sétima palavra, que corresponde à letra B da página 161. Então vem "nós", que é a 85ª palavra, que... acompanhem-me, por favor, corresponde à 88ª letra da página 161, ou seja, um R. E dessa maneira continua até que decifra a ordem: "Abrir foto de metralhadora à esquerda, cota 228." Muito engenhoso e simples, senhores, e impossível decifrá-lo sem a senha: a página 161 de *Die Sünden der Väter*, de Ludwig Ganghofer.

Todos os presentes examinaram em silêncio as desventuradas páginas; pareciam inquietos. Durante um momento ficaram em silêncio, até que, de repente, o cadete Biegler, preocupado, soltou uma exclamação:

— Humildemente, senhor, as letras não correspondem! Isto aqui não está certo!

De fato, o assunto era enigmático. Por mais que se esforçassem, afora o capitão Ságner nenhum deles encontrava na página 160 as palavras que correspondessem às letras da página 161, onde estava a senha.

— Meus senhores — balbuciou o capitão Ságner depois de se convencer de que a desesperada exclamação do cadete Biegler tinha fundamento —, o que pode ter acontecido? No meu exemplar de *Die Sünden der Väter* aparece tudo isso e no seu não?

— Permita-me observar, senhor — voltou a tomar a palavra o cadete Biegler —, que o romance de Ludwig Ganghofer tem dois volumes. É possível constatar isso na capa, onde está escrito: "Romance em dois volumes." Recebemos o primeiro volume e o senhor, o segundo — continuou o escrupuloso Biegler —; é claríssimo: nossas páginas 160 e 161 não correspondem às suas. São diferentes. A primeira palavra da mensagem cifrada de seu livro é "abrir" e no nosso é "feno".

Naquele momento, todos tiveram a impressão de que talvez Biegler não fosse completamente estúpido.

— O estado-maior da brigada me entregou o segundo volume — disse o capitão Ságner — e deve se tratar de um equívoco. O coronel encomendou a primeira parte para vocês. Certamente os homens do estado-maior se equivocaram — continuou, como se tivesse tudo sob controle e já soubesse de tudo aquilo antes de começar seu discurso sobre o simplíssimo sistema de mensagens cifradas. — Não indicaram ao regimento que se tratava do segundo volume e, em consequência, aconteceu isto.

O cadete Biegler olhou para todo mundo com ar vitorioso e o subtenente Dub disse ao ouvido do tenente Lukáš que "asa de cegonha com rabo de peixe" acabara de irritar o capitão.

— É um caso estranho, senhores — continuou o capitão Ságner, como se precisasse dizer alguma coisa porque o silêncio estava se tornando penoso para ele. — Os caras do estado-maior são uns imbecis.

— Me permito fazer uma observação — voltou a dizer o incansável cadete Biegler, que queria exibir mais uma vez seus conhecimentos. Este tipo de assunto de caráter confidencial, estritamente confidencial, não deveria passar da divisão ao escritório da brigada. Os temas relativos às questões mais confidenciais do exército poderiam ser comunicados mediante uma circular secreta destinada apenas aos comandantes das divisões, das brigadas e dos regimentos. Conheço um sistema de cifras que foi usado nas guerras da Sardenha e de Savoy, na campanha anglo-francesa de Sebastopol, na

insubordinação dos boxers da China e durante a última guerra russo-japonesa. Este sistema foi transmitido...

— Nada disso tem a menor importância, cadete Biegler — disse o capitão Ságner com expressão de menosprezo e desaprovação. — Não há nenhuma dúvida de que o sistema que lhes expliquei não apenas é o melhor, mas que também é, por assim dizer, inviolável. Não há nada que a espionagem inimiga possa fazer contra ele. Nossas mensagens não podem ser lidas, por mais que a pessoa se esforce. É uma coisa inteiramente nova. Estas cifras não têm precedentes.

O diligente cadete Biegler tossiu de maneira significativa.

— Senhor, me permito dirigir sua atenção ao livro de Kerickhoff sobre sistemas de criptografia militar — disse. — Quem quiser pode encomendar este livro aos editores da *Enciclopédia das Ciências Marciais.* Ali poderá encontrar, senhor, descrito com todos os detalhes, o método que acaba de nos explicar. Foi idealizado pelo coronel Kirchner, que serviu no exército da Saxônia na época de Napoleão I. Palavras cifradas de Kirchner, senhor. Todos os termos de um telegrama são interpretados na página oposta à senha. Este método foi aperfeiçoado pelo tenente Fleissner no *Handbuch der militärischen Kryptographie*, que pode ser comprado pelos interessados na editora da Academia Militar, em Wiener Neustadt. Permita-me, senhor. — O cadete Biegler procurou alguma coisa em sua maleta de mão, tirou o livro que acabara de mencionar e continuou: Fleissner usa o mesmo exemplo, como todo mundo poderá comprovar. O mesmo que o senhor acabou de usar: "Mensagem: Abrir fogo de metralhadora à esquerda cota 228. Senha: Ludwig Ganghofer, *Die Sünden der Väter*, segundo volume." E agora, vejam: "Cifra: Coisa — com — nós — que — olhamos — em — as — prometemos — que — Marta" etc. O mesmo que acabamos de ouvir.

Não havia nada a objetar. Aquele imberbe, o "asa de cegonha com rabo de peixe", tinha razão.

Durante todo aquele tempo o tenente Lukáš parecia tomado por uma estranha inquietude. Mordia o lábio inferior, queria dizer alguma coisa, mas acabou falando de um assunto muito diferente daquele que imaginara inicialmente.

— Não é necessário levarmos as coisas de maneira tão trágica — disse estranhamente perplexo. — Durante nossa permanência no acampamento de Most nad Litavou, os sistemas de transmissão de mensagens cifradas foram alterados várias vezes. Antes de chegarmos ao front, certamente terão sido adotados outros; no entanto, me parece que no campo de batalha não teremos tempo de decifrar esse tipo de criptogramas. E mesmo que alguém chegasse a consegui-lo, a companhia, o batalhão ou a brigada já teriam sido destroçados muito tempo antes. Não é nada prático.

O capitão Ságner assentiu com má vontade.

— Na prática — disse —, pelo menos no que diz respeito a minhas experiências no campo de batalha sérvio, ninguém tinha tempo para decifrar mensagens. Não digo que as cifras não tenham importância durante uma permanência mais longa nas trincheiras, quando nos enterramos e não fazemos nada além de esperar. E também é verdade que os sistemas de mensagens cifradas vivem sendo alterados.

O capitão Ságner recuava ao longo de toda a linha:

— Se agora no front as mensagens cifradas são cada vez menos usadas, boa parte da culpa é dos telefones de campo, que não permitem que se ouça com clareza;

sobretudo quando a artilharia está disparando, não se distinguem bem as sílabas. Não se ouve nada e aí se estabelece um caos inútil.

Depois de um breve silêncio, acrescentou, profeticamente:

— O caos é a pior coisa que pode acontecer em um campo de batalha, senhores.

Fez outra pausa.

— Daqui a pouco chegaremos a Raab, senhores — continuou, olhando pela janela. — Cada soldado receberá cento e cinquenta gramas de salame húngaro. Teremos meia hora de descanso.

Examinou o programa:

— Partimos às 4h12. Às 3h58, todos nos vagões. Desceremos por companhias: primeiro a 11ª etc. Em fila até o armazém de número 6. Controle de distribuição: cadete Biegler.

Todos olharam para o cadete Biegler, como se estivessem dizendo: "Você vai ver o que é guerra, imberbe."

Mas o aplicado cadete Biegler já havia tirado da maleta uma folha de papel e uma régua; desenhou linhas a intervalos regulares, dividiu a folha de acordo com as companhias de infantaria e perguntou aos comandantes quantos homens cada uma delas tinha. Nenhum deles sabia nada de cabeça, de maneira que só puderam fornecer a Biegler informações vagas tiradas de seus cadernos.

Entretanto, o capitão Ságner, desesperado, voltara a ler o desventurado livro *Die Sünden der Väter*; quando o trem parou na estação de Raab, fechou-o e observou:

— Este Ludwig Ganghofer não escreve nada mal.

O tenente Lukáš foi o primeiro a correr para a plataforma e se dirigiu ao vagão onde estava Švejk.

Já fazia tempo que Švejk e os demais haviam parado de jogar cartas. Baloun, o ordenança do tenente Lukáš, estava com tanta fome que começou a se rebelar contra a hierarquia militar, dizendo que sabia de fonte segura que os oficiais se davam bem roubando, que aquilo era pior do que na época da escravidão. Antes não aconteciam coisas semelhantes no exército. Seu avô, já aposentado, lhe contara que na guerra de 1866 os oficiais compartilhavam galinhas e pão com os soldados. Baloun continuou se queixando até que Švejk achou necessário elogiar as condições militares da guerra em que estavam envolvidos.

— Ora, seu avô deve ser jovem — disse amavelmente quando o trem estava chegando a Raab. — Só se lembra da guerra de 1866. Eu conheço um tal de Ronovský cujo avô esteve na Itália na época da escravidão; passou ali doze bons anos e voltou para casa com a patente de cabo. Estava desempregado e foi trabalhar com o próprio pai. Um dia, os dois foram buscar uns troncos; um deles, segundo o avô que trabalhava para o próprio pai, era tão grande que nem conseguiram tirá-lo do lugar. E por isso disse: "Bah, dá no mesmo! Não vamos nos matar por um pedaço de madeira!" Ao ouvir aquilo, um guarda-florestal começou a berrar e a brandir a bengala, insistindo que levassem aquele tronco. E o avô de Ronovský limitou-se a dizer: "Cale-se, idiota; eu sou um velho veterano de guerra!" Mas, depois de uma semana, recebeu uma notificação para voltar à

Itália e ingressar de novo no exército; passaram-se mais dez anos e, ao longo desse tempo, escreveu para casa mais de uma vez dizendo que, quando voltasse, daria uma machadada na cabeça daquele guarda-florestal. Por sorte, o guarda-florestal morreu antes de o avô voltar.

Estavam nisso quando o tenente Lukáš surgiu na porta do vagão.

— Švejk, venha cá — disse. — Pare de dizer as sandices de sempre e me explique uma coisa.

— Humildemente, senhor, é pra já.

O tenente Lukáš levou Švejk, olhando-o com ressentimento.

Durante o discurso do capitão Ságner, que acabara de uma maneira absolutamente catastrófica, o tenente Lukáš desenvolvera suas habilidades detetivescas, coisa que não lhe exigiu elucubrações muito complicadas, pois lembrou que, um dia antes de partir, Švejk lhe dissera:

— Senhor, chegaram ao batalhão alguns livros para os senhores oficiais. Levei-os ao escritório do regimento.

Por isso, quando atravessaram o segundo trilho e se refugiaram atrás de uma locomotiva desligada que estava havia uma semana esperando um trem qualquer com munição, o tenente Lukáš disparou sem rodeios:

— Švejk, o que aconteceu no outro dia com os livros?

— Humildemente, é uma história muito comprida e o senhor sempre se irrita comigo quando lhe conto as coisas detalhadamente. Como naquele dia em que quis me dar um cascudo porque, depois de ter rasgado o documento sobre os empréstimos para a guerra, lhe expliquei que havia lido em um livro que nas guerras de antigamente as pessoas tinham que pagar pelas janelas, vinte cêntimos por cada janela, e a mesma quantia pelos seus gansos...

— Assim não acabaremos nunca, Švejk — disse o tenente Lukáš, continuando o interrogatório, mas tendo o cuidado de manter em segredo os fatos mais confidenciais para que o tonto do Švejk não pudesse usá-los de novo de nenhuma maneira.

— Você conhece Ganghofer?

— Quem é? — perguntou Švejk com interesse.

— Um escritor alemão, seu idiota — respondeu o tenente Lukáš.

— Juro pela minha alma, senhor tenente — disse Švejk com expressão de mártir —, que não conheço pessoalmente nenhum escritor alemão. Só um tcheco, um tal de Ladislav Hájek, de Domažlice. Foi redator de *O mundo dos animais* e uma vez lhe vendi um pinscher fazendo-o passar por um lobo puro-sangue. Era um senhor muito alegre e muito legal. Ia sempre a uma taverna onde lia seus contos; eram tão tristes que todos riam, ele chorava e pagava a bebida de todo mundo e nós tínhamos que cantar para ele alguma coisa sobre um pintor que pintara o portão de entrada de uma aldeia com desenhos de garotas e agora, depois da guerra, jaz debaixo da terra...

— Você está gritando como um cantor de ópera. Não estamos em nenhum teatro, Švejk — disse o tenente Lukáš, espantado, quando Švejk entoou a última frase, "jaz debaixo da terra". — Não lhe perguntei nada disso. Quero saber se você viu se os livros dos quais me falou eram de um tal de Ganghofer — e explodiu, com raiva —, porra! O que aconteceu com os livros?

— Com aquele livro que levei do escritório do regimento ao do batalhão? — perguntou Švejk. — Sim, foram escritos por esse mesmo sujeito pelo qual acaba de me perguntar, senhor. Recebi um telegrama diretamente do escritório do regimento. Queriam enviar os livros ao escritório do batalhão, mas ali não havia ninguém, todo mundo estava na cantina porque quem vai ao front nunca sabe se conseguirá beber alguma coisa mais tarde. Bem, como todas as companhias destinadas ao front estavam enchendo a cara, não havia ninguém em lugar nenhum. Por telefone não encontraram ninguém, só a mim, porque o senhor me ordenara que fizesse o papel de telefonista até que nos destinassem um de verdade, como já fizeram, agora Chodounský é o telefonista, e por isso fiquei esperando. Ligaram do escritório do regimento. Estavam umas feras porque não conseguiam encontrar ninguém em lugar nenhum, e me informaram que haviam recebido um telegrama que ordenava que alguém do escritório fosse pegar alguns livros para todos os oficiais do batalhão. Como eu já sei, senhor, que no exército tudo deve ser feito depressa, liguei para o escritório do regimento e lhes disse que eu mesmo iria recolher os livros e que os levaria ao escritório do batalhão. Me deram um pacote tão enorme que tive um terrível trabalho para levá-lo ao escritório da nossa companhia, e ali folheei os livros. Então pensei uma coisa que é melhor não repetir. No escritório do regimento, o intendente me dissera que, de acordo com o telegrama que haviam recebido, o pessoal do batalhão já sabia *qual volume* pegar. É que os livros vinham em *dois volumes*. O primeiro volume à parte e o segundo livro à parte. Nunca na vida ri tanto como nesse dia, porque já li na minha vida muitos livros, mas em nenhuma ocasião comecei lendo o segundo volume. E aquele homem me repetia: "Aqui estão os primeiros volumes, aqui os segundos. Os senhores oficiais já sabem *qual é o volume* que devem ler." De maneira que achei que todo mundo estava bêbado, porque um livro deve ser lido do começo; um romance como *Die Sünden der Väter*, porque eu também sei alemão, deve ser lido começando pelo primeiro volume, porque não somos judeus e não lemos ao contrário. Por isso também lhe perguntei por telefone, senhor, quando voltou do cassino dos oficiais e lhe contei a respeito dos livros, se agora, durante a guerra, os livros estavam sendo lidos ao contrário, se se lia primeiro o *segundo volume* e só depois o *primeiro*. O senhor me chamou de burro e disse que eu só podia estar bêbado se não sabia que o pai-nosso começa com "Pai-nosso" e acaba com "amém".

"O senhor não está se sentindo bem?", perguntou Švejk com interesse quando o tenente Lukáš se apoiou no estribo da caldeira da locomotiva abandonada. Não via em seu rosto nenhum sinal de irritação, apenas de desesperança e desespero.

— Continue, continue, Švejk, agora tanto faz, está tudo bem.

— Como estou lhe dizendo — a voz terna de Švejk soou na via abandonada —, eu também pensei a mesma coisa. Uma vez comprei um romance de terror sobre Sándor Rózsa da floresta de Bakony, mas estava faltando o primeiro volume e por isso tive que adivinhar o começo; ou seja, mesmo em uma história de bandoleiros como aquela você precisa, de fato, da primeira parte. De maneira que vi clarissimamente que não tinha sentido que os senhores oficiais lessem primeiro o segundo volume e depois o primeiro, e, por outro lado, que causaria uma péssima impressão se transmitisse ao batalhão o que me disseram no escritório do regimento, ou seja, que os senhores oficiais já sabem *que volume* têm de ler. Esta coisa dos livros, meu tenente, me parece muito curiosa e muito enigmática. Eu já sabia que os senhores oficiais em geral leem muito pouco, e com esta bagunça da guerra...

— Guarde as besteiras para você, Švejk — gemeu o tenente Lukáš.

— Já lhe perguntei por telefone, senhor tenente, se queria os dois volumes e o senhor me disse exatamente o mesmo que agora, que parasse de dizer sandices, e que não tínhamos por que carregar livros. Então achei que, se o senhor achava isso, o resto dos senhores oficiais certamente também devia achar a mesma coisa. Além disso consultei Vaněk, que é muito hábil para estas coisas; aprendeu tudo no front... Ele me disse que no começo todos os oficiais achavam que a guerra era uma brincadeira e carregavam bibliotecas inteiras como se estivessem indo veranear. As arquiduquesas lhes davam de presente obras completas de diferentes poetas para que as levassem ao campo de batalha, de modo que na hora do transporte todos os ordenanças suavam como negros e maldiziam o dia em que nasceram. Vaněk me disse que livros não servem para nada, nem para fumar, porque o papel é muito grosso, e na privada, me perdoe, com aqueles poemas a bunda ficaria toda arranhada. Não tinham tempo para ler porque não paravam de partir para outro lugar, por isso iam jogando os livros fora. Isso virou um hábito. Quando eram ouvidos os primeiros tiros de canhão, os ordenanças jogavam todos os livros fora. Depois do que o senhor me dissera, quis voltar a ouvir sua opinião e por isso lhe perguntei de novo o que devia fazer com os livros, e o senhor me respondeu que quando eu enfio uma coisa na minha cabeça oca só há uma maneira de tirá-la de lá: com uma surra. De maneira que só levei ao escritório do batalhão os primeiros volumes e deixei os segundos no escritório da nossa companhia. Fiz tudo com a melhor das intenções do mundo, achando que quando os oficiais tivessem lido a primeira parte iriam procurar a segunda como se fosse em uma biblioteca, mas de repente nos disseram que estávamos partindo e que todas as coisas supérfluas tinham que ser deixadas no armazém do regimento. Por isso perguntei ao senhor intendente Vaněk se achava que a segunda parte daquele romance era uma coisa supérflua e ele me disse que desde os tempos das tristes experiências na Sérvia, na Galícia e na Hungria não se levavam livros de entretenimento ao front e que a única coisa que servia eram os jornais velhos que se recolhiam em algumas cidades para os soldados, porque com o papel de jornal se enrola bem o tabaco ou a palha que os soldados fumam nas trincheiras. No batalhão já distribuíram a primeira parte do romance. A segunda está no armazém.

Švejk fez uma pausa e depois acrescentou:

— Há muita coisa no armazém, senhor. Até a cartola do diretor do coro de Budějovice, com a qual se apresentou ao regimento...

— Vou lhe dizer uma coisa, Švejk — disse o tenente Lukáš, suspirando profundamente —, você não tem a menor consciência da gravidade do que fez. Depois de já ter feito isso tantas vezes eu mesmo, me sinto incomodado ao lhe dizer, de novo, que você é um bobo. Não existe um nome para sua estupidez. Quando o chamo de burro, talvez o esteja elogiando. Fez uma coisa tão horrorosa que todos os outros delitos que cometeu durante todo esse tempo que o conheço são, em comparação, música celestial. Se soubesse a confusão que armou! Mas você jamais se dará conta... Se alguém falar desses livros, não se atreva a revelar que eu lhe disse por telefone alguma coisa sobre a segunda parte. Se perguntarem o que aconteceu com a primeira e a segunda parte, não dê atenção. Você não sabe de nada. Se não quiser me meter em uma boa confusão, seu...

A voz do tenente dava a impressão de que estava com febre. Švejk aproveitou a pausa para lhe perguntar, com inocência:

— Desculpe, senhor, mas por que nunca saberei o que fiz de tão terrível? Atrevo-me a perguntar só para poder evitar que uma coisa dessas se repita, porque, como dizem, o ser humano aprende com seus erros. Foi uma coisa que aconteceu com o fundidor Adamec, de Daňkovka, que bebeu ácido clorídrico por engano...

Mal havia começado sua história exemplar quando o tenente Lukáš o interrompeu com as seguintes palavras:

— Seu grandessíssimo estúpido! Não tenho motivos para lhe explicar nada. Volte para seu lugar e diga a Baloun que, quando chegarmos em Budapeste, me leve ao vagão do estado-maior o pãozinho e o pedaço de patê de fígado que estão no fundo da minha mala, embrulhados em papel-alumínio. Depois diga a Vaněk que ele é um grande idiota. Pedi-lhe três vezes que me fizesse um informe sobre o efetivo da companhia. E hoje, quando precisei dele, só encontrei os números da semana passada.

— Humildemente, senhor! — latiu Švejk, e pouco a pouco foi se afastando em direção ao seu vagão.

O tenente Lukáš caminhou pelos trilhos pensando: "Devia ter lhe dado um par de bofetadas em lugar de conversar como se fôssemos amigos."

Švejk subiu no vagão com ar sério. Sentia respeito por si mesmo. Não acontece todos os dias que uma pessoa faça uma coisa tão grave que nem possa chegar a saber qual foi seu delito.

***

— Senhor intendente — disse Švejk quando já estava sentado no seu lugar —, achei que hoje o tenente Lukáš está de excelente humor. Me pediu para lhe dizer que o senhor é um grande idiota porque já lhe pediu três vezes que fizesse um informe sobre o efetivo.

— Porra! — irritou-se Vaněk. — Vou puxar as orelhas dos chefes de seção! É culpa minha que esses destrambelhados fiquem coçando a barriga e não me enviem o efetivo? Tenho que tirá-lo da manga? Que companhia! É digna de se ver! Uma coisa dessas só pode acontecer na 11ª Companhia. Eu já achava isso no começo. Não duvidei nem por um momento que estávamos metidos em confusão. Um dia, na cozinha, faltam quatro rações, outro dia sobram três. Se pelo menos esses estúpidos me informassem se alguém está na enfermaria! No mês passado constava que estava ali um tal de Nikodem e eu não soube disso até a hora de ser informado de que havia morrido em Budějovice de uma tuberculose galopante. E nós recebendo suas rações! Também pegamos um uniforme para ele. Só o diabo sabe aonde foi parar! E depois o tenente me diz que sou um grande idiota quando ele mesmo não sabe pôr ordem em sua companhia.

O intendente Vaněk andava, inquieto, para cima e para baixo.

— Se eu fosse o comandante da companhia! Então as coisas seriam como uma seda. Saberiam onde estão todos, até o último homem. Os suboficiais teriam que apresentar o informe sobre o efetivo duas vezes por dia. Mas os suboficiais não servem para nada! O pior de todos é o chefe de seção Zyka. Muita brincadeira, muita sacanagem, mas quando lhe comunico que Kolařik foi transferido de sua seção ao trem, no dia seguinte volta e me entrega o mesmo efetivo, como se Kolařik ainda estivesse se

contorcendo em sua companhia e em sua seção. Isto acontece todos os dias, e depois o filhinho de papai vem e me diz que sou um grande idiota... Desse modo o tenente não fará muitos amigos. O intendente da companhia não é um pedaço de m... que qualquer um possa ignorar...

Baloun, que ouvia boquiaberto, pronunciou em lugar de Vaněk aquela bela palavra que este não queria dizer. Era sua maneira de participar da conversa.

— Cale-se, porra! — exclamou o intendente, irritado.

— Ouça, Baloun — disse Švejk —, me encarregaram de lhe dizer que quando chegarmos a Budapeste você tem que levar ao senhor tenente o pãozinho e o patê de fígado que estão guardados no fundo da mala dele, embrulhados em papel-alumínio.

O gigante deixou cair seus longos braços de chimpanzé, encurvou as costas e ficou durante um bom tempo nessa postura.

— Não resta nada — disse com voz desesperada, olhando para o chão sujo do vagão. — Não resta nada — repetiu, e começou a falar aos trancos e barrancos —; eu achava... Eu o desembrulhei antes de partir... Cheirei... para ver se estava estragado... Provei! — exclamou com um desespero tão sincero que todos compreenderam o que havia acontecido.

— Devorou até o papel-alumínio — disse o intendente Vaněk.

Parou diante de Baloun, feliz pelo fato de não ser o único grande idiota, segundo dissera o tenente: a incógnita X, aquele efetivo oscilante, tinha raízes mais profundas, fundidas em outros idiotas. Ficou mais feliz do que uma castanhola diante do fato de que o novo acontecimento trágico do dia fosse o esfomeado Baloun. Vaněk teve muita vontade de dizer a Baloun algo desagradável e moralista, mas quem se adiantou foi o cozinheiro ocultista Jurajda, que largou seu livro preferido, a tradução dos antigos sutras indianos *Pragnâ-Paramitâ*, e se dirigiu ao pobre Baloun, que ainda estava encolhido sob o peso de seu destino.

— Você, Baloun, deveria ter cuidado para não perder a consciência de você mesmo e do destino. Não deveria lançar em sua conta o que é mérito de outro. Sempre que enfrentar um problema, como este de ter devorado alguma coisa, pergunte a você mesmo: "Que relação existe entre o patê de fígado e eu?"

Švejk achou oportuno completar esta reflexão com um exemplo prático:

— Baloun, você mesmo me contou, não faz muito tempo, que na sua casa estão prestes a matar um porco e que, quando chegarmos ao nosso destino e souber o número do seu correio militar, sua família lhe enviará um presunto. Pois imagine que enviam este presunto a nossa companhia, que o senhor intendente e eu cortamos um pedacinho cada um, que o achamos saboroso, e aí cortamos mais um pouco, até que acontece com o presunto a mesma coisa que aconteceu com um amigo meu que era carteiro, um tal de Kozel. Este homem tinha câncer ósseo e primeiro lhe cortaram um pedaço da perna, abaixo do tornozelo, depois abaixo do joelho, depois da coxa e, se não tivesse morrido a tempo, teriam continuado cortando tudo como se estivessem apontando um lápis. Imagine então, Baloun, que nos tivéssemos devorado seu presunto da mesma maneira que você comeu o patê de fígado do tenente.

O gigante Baloun olhava para todos com tristeza.

— Só graças a mim — dizia o intendente a Baloun — o fizeram ordenança do tenente. Por pouco o trasladam ao serviço sanitário, onde ficaria transportando

feridos. Em Dukla, nossos enfermeiros saíram três vezes para buscar um alferes ferido que havia levado um tiro no ventre quando estava na beira dos alambrados: todos os enfermeiros tombaram com as cabeças esburacadas. Só a quarta dupla conseguiu levá-lo, mas o alferes morreu antes de chegar ao pronto-socorro.

Neste ponto, Baloun não conseguiu mais resistir e deixou escapar alguns soluços.

— Ora, que vergonha! — disse Švejk com menosprezo. — E você quer ser soldado?

— Eu não fui feito para a guerra — queixava-se Baloun. — É verdade que sou um comilão, um insaciável, mas é porque me arrancaram da vida normal. Nossa família é assim. Meu falecido pai apostou em uma pensão de Protivín que comeria de uma sentada cinquenta salsichas e dois pães grandes, e ganhou. Uma vez, em uma aposta, devorei quatro gansos e duas bacias cheias de knedlík e repolho. Em casa, às vezes quero fazer uma boquinha depois da refeição: vou à despensa, corto um pedaço de carne e mando trazer uma jarra de cerveja; e assim como dois quilos de carne defumada. Em casa, havia um velho criado, Vomel, que sempre me aconselhava a não comer tanto, que não me fartasse como um comilão. Dizia que seu avô lhe falara de uma guerra na qual durante oito anos não cresceu nada e tinham que fazer pão com palha e com restos de linhaça. E quando se podia esmigalhar um pouco de ricota no leite, em lugar do pão, que não havia, era dia de festa. Havia um camponês tão comilão como eu, e quando começou aquela penúria não conseguiu suportar e morreu ao cabo de uma semana porque seu estômago não estava habituado à miséria...

Baloun levantou o rosto, pesaroso.

— Mas eu acredito que mesmo quando Deus castiga as pessoas, não as abandona.

— Deus colocou os comilões no mundo e Deus se encarrega deles — observou Švejk. — Já o amarraram uma vez e agora você está querendo que o mandem para a primeira linha. Quando eu era ordenança do meu tenente, ele podia confiar plenamente em mim e nunca teria passado por sua cabeça que eu fosse comer alguma coisa. Quando havia uma comida especial, sempre me dizia: "Fique com isto, Švejk", ou "Homem, a mim isto não convence; me dê um pedacinho e faça o que quiser com o resto". E, quando estávamos em Praga, algumas vezes me mandava buscar comida em um restaurante; se a porção não era farta, para que não achasse que estava lhe levando uma pequena e havia comido a metade no caminho, comprava outra com meu próprio dinheiro para que meu tenente comesse bem e não pensasse nada de ruim a meu respeito. Até que um dia descobriu. Sempre tinha que lhe levar o cardápio do restaurante e ele escolhia. Um dia escolheu um pombo recheado. Levei-lhe um prato tão magnífico que até o compartilhou com o tenente Šeba, que estava procurando um lugar onde pudesse comer de graça e havia aparecido na casa do meu tenente um pouco antes da hora do almoço. Mas depois de ter comido tudo disse: "Não me diga que esta é uma única porção. Em nenhum lugar do mundo conseguirá encontrar um pombo inteiro no cardápio. Se hoje conseguir algum dinheiro, farei com que me enviem este prato desse seu restaurante. Diga logo que são duas porções." O senhor tenente me pediu que confirmasse que só havia me dado dinheiro para uma porção simples, porque não sabia que teria uma visita. "Você está vendo", disse meu tenente, "mas isto não é nada. Outro dia Švejk me trouxe duas coxas de ganso. Imagine: sopa de cabelo-de-anjo, vitela com

molho de anchovas, duas coxas de ganso, massa e repolho até o teto e crepes doces de sobremesa!".

— Mmmmmm! Caramba! — disse Baloun com inveja, estalando a língua.

Švejk continuou:

— Mas foi esse o problema. No dia seguinte, o tenente Šeba mandou seu ordenança buscar comida em nosso restaurante e ele lhe levou uma porção de frango com arroz tão pequena que parecia o cocô de um bebê de seis semanas, em outras palavras, duas colheradas. O tenente Šeba começou a gritar e acusou o ordenança de ter comido a metade. E o rapaz insistia que não, que era inocente. O tenente Šeba lhe deu um soco na boca e me usou como exemplo: dizia que eu levava porções fantásticas ao tenente Lukáš. Assim, no dia seguinte, quando foi buscar a comida, o soldado que havia apanhado informou-se naquele restaurante; contou tudo ao dono e este contou tudo ao meu tenente. À noite, quando eu estava sentado tranquilamente lendo no jornal os comunicados dos altos-comandos inimigos sobre a situação no campo de batalha, eis que se apresenta meu tenente, todo pálido, e me pede diretamente que lhe diga quantas porções duplas eu pagara do meu bolso no restaurante, que havia descoberto tudo, que não valia a pena negar, que já fazia tempo que sabia que eu era um imbecil, mas que nunca passara por sua cabeça que também tivesse enlouquecido. Insistia que eu havia causado tal escândalo que tinha vontade de me matar com um tiro, primeiro a mim e depois a si mesmo. "Senhor tenente", eu lhe disse, "no primeiro dia que me levou para servi-lo, me disse que todos os ordenanças eram ladrões e esbanjadores. E como, no restaurante, servem porções mínimas, fiquei com medo de que o senhor achasse que eu também era um desses irresponsáveis e comia sua comida...".

"Depois o tenente Lukáš começou a revistar seus bolsos", continuou Švejk, "mas nada de nada. E então tirou do paletó um relógio de prata e me entregou. Estava comovido. 'Quando recebermos o soldo, Švejk', disse, 'escreva quanto lhe devo... Este relógio é um presente. E na próxima vez não faça besteiras.' Depois passamos tanta miséria que tive de levar o relógio à casa de penhora."

— O que você está fazendo aí atrás, Baloun? — perguntou de repente o intendente Vaněk.

Em vez de responder, o pobre Baloun se engasgou e tossiu. Havia aberto a mala do tenente Lukáš e devorava o último pãozinho...

Outro trem militar passou pela estação sem parar, cheio de homens do regimento Deutschmeister que estavam sendo enviados ao front sérvio. Ainda conservavam o entusiasmo com o qual haviam se despedido de Viena, e desde a capital gritavam sem parar:

O príncipe Eugenius, nobre cavaleiro,
Quis reconquistar para o imperador
A cidade e a fortaleza de Belgrado.
Mandou construir uma ponte

Para entrar com o exército
Na cidade de Belgrado.

Um cabo com o bigode agressivamente pontiagudo se inclinava para fora; recostado com os cotovelos sobre os soldados que balançavam os pés fora do vagão, marcava o ritmo e vociferava a plenos pulmões:

Concluída a ponte,
Atravessaram livremente o Danúbio,
Acamparam em Semlin
E foram caçar os sérvios.

Mas de repente perdeu o equilíbrio, caiu do vagão e cravou no ventre a agulha de desvio, na qual ficou pendurado. O trem seguiu seu caminho e nos últimos vagões entoaram outra canção:

O conde Radetzky, nobre herói,
Jurou que na falsa Lombardia
Os inimigos do imperador eliminaria.
Em Verona, esperançado,
Porque outras tropas haviam chegado,
O herói se sentiu libertado.

O belicoso cabo, empalado naquela agulha inoportuna, havia morrido. Pouco tempo depois, um jovem soldado do comando da estação que levava suas tarefas muito a sério foi fazer a guarda. Com a baioneta na mão, plantou-se ao lado da agulha com muita determinação, como se a empalação do cabo na agulha fosse obra sua.

Ele era húngaro e, quando os homens do trem do batalhão de infantaria do 91º Regimento foram ver o que havia acontecido, começou a gritar em sua língua por toda a plataforma:

— *Nem szabat!*[61] *Nem szabat! Komision militär!*[62] *Nem szabat!*

— Ele teve a sua guerra — disse Švejk, que também fazia parte do grupo de curiosos — e tem a vantagem de ter um pouco de ferro na barriga, assim pelo menos todo mundo sabe onde está enterrado. É justamente na linha ferroviária e não é necessário procurar sua sepultura em todos os campos de batalha. Ele se enterrou nitidamente — afirmou o bom soldado, andando em volta do cabo e observando-o com um olhar profissional. — Suas entranhas estão em suas calças.

— *Nem szabat! Nem szabat! Komision militär! Nem szabat!*

Atrás de Švejk se ouviu uma voz severa:

— O que estão fazendo aqui?

Diante dele estava o cadete Biegler. Švejk bateu continência.

— Humildemente, senhor, estamos olhando o defunto.

— E que agitação é essa que está promovendo aqui? O que você tem para fazer aqui?

— Humildemente, senhor — respondeu Švejk com uma calma cheia de dignidade —, não estou promovendo nenhuma agitação.

Lá atrás, alguns soldados começaram a rir e o intendente Vaněk se aproximou do cadete.

— Senhor — disse —, o tenente enviou o ordenança Švejk até aqui para lhe informar o que havia acontecido. Acabo de chegar do vagão do alto-comando e o ordenança do batalhão Matušič está procurando o senhor por ordem do comandante do batalhão. Deve se apresentar imediatamente ao capitão Ságner.

Ao cabo de um instante, ouviu-se um sinal determinando que todos subissem aos vagões. O grupo se dissolveu.

Vaněk, que acompanhava Švejk, disse:

— É melhor ficar calado sempre que houver mais gente, Švejk. Poderia lhe custar caro. Uma vez que o cabo pertencia aos Deutschmeister, poderiam achar que você está achando graça do que aconteceu. Este Biegler é um matador de tchecos daqueles.

— Mas eu não disse nada — respondeu Švejk em um tom que não deixava lugar a dúvidas —, apenas que o cabo ficou tão bem empalado que suas tripas foram parar nas calças... Podia ter...

— Está bem, Švejk, vamos parar de falar disso.

O intendente Vaněk cuspiu.

— Dá no mesmo — voltou a observar Švejk —, se, em nome do imperador, as tripas devem sair por aqui ou por ali. De qualquer maneira, cumpriu com seu dever... Podia ter...

— Olhe, Švejk — interrompeu-o Vaněk —, com que determinação o ordenança do batalhão Matušič caminha ao vagão do estado-maior. Acho estranho que ainda não tenha tropeçado nos trilhos e caído.

Naquele momento tinha lugar uma dura conversa entre o capitão Ságner e o cadete Biegler.

— Me surpreende, cadete Biegler — começou o capitão Ságner —, que não tenha vindo logo me comunicar que os soldados não receberam os cento e cinquenta gramas de salame húngaro. Me vi obrigado a ir verificar pessoalmente por que os soldados estavam voltando em desordem do armazém, com as mãos vazias. E os oficiais também, como se as ordens não fossem ordens. Eu disse: "Em fila, uma companhia atrás da outra." O que significa que, embora não tenhamos recebido nada no armazém, também temos que voltar aos vagões em fila. Eu determinei a você, cadete Biegler, que mantivesse a ordem, e você os deixou fazer o que queriam. Alegrou-se de não ter de contar as rações de salame, e, conforme vi pela janela, preferiu ir ver o cabo dos Deutschmeister que ficou empalado. E depois, quando mandei chamá-lo, não soube fazer nada além de ficar dizendo disparates surgidos de sua imaginação de cadete, dizendo que tinha que ir ver se, ao redor do cabo empalado, alguém estava fomentando alguma coisa.

— Humildemente, senhor. O ordenança Švejk, da 11ª Companhia...

— Me deixe em paz com essas histórias do Švejk! — exclamou o capitão Ságner. — Não acredite, cadete Biegler, que conseguirá fazer intrigas contra o tenente

Lukáš. No que diz respeito a Švejk, nós mesmos o enviamos para lá. Agora está me olhando como se quisesse me dizer que não gosto de você. Sim, não gosto, cadete Biegler. Se não sabe respeitar seu superior e tenta desacreditá-lo, eu o deixarei em tal situação, Biegler, que se lembrará pelo resto de sua vida da estação de Raab! Vangloriar-se de seus conhecimentos teóricos! Você vai ver quando estivermos no front, quando lhe ordenar que vá com a patrulha de oficiais à beira dos alambrados! Seu informe? Nem sequer me apresentou o informe quando chegou! Nem sequer em teoria, cadete Biegler!

— Humildemente, senhor,[63] em vez de cento e cinquenta gramas de salame húngaro, os soldados receberam dois cartões-postais. Por favor, senhor...

O cadete Biegler deu ao comandante do batalhão dois dos postais impressos pela direção do arquivo militar bélico de Viena, cujo comandante era o general Wojnowich. Em um dos cartões havia uma caricatura de um soldado russo, de um mujique russo barbudo, abraçado por um esqueleto. Sob a caricatura lia-se o seguinte texto em alemão:

O dia em que a pérfida Rússia for arrebentada será o dia da salvação da nossa monarquia.

O outro postal provinha do Reich alemão: era um presente dos alemães aos soldados austro-húngaros.

Na parte de cima estava escrito: *Viribus unitis*, e embaixo havia um desenho que representava sir Edward Grey pendurado na forca; embaixo dele, um soldado alemão e outro austríaco batiam continência, felicíssimos.

Um pequeno poema, tirado do livro *O punho de aço* de Greinz, acompanhava o desenho. Os versos de Greinz eram piadas dirigidas aos nossos inimigos, "chibatadas de um humor desenfreado e de um engenho inigualável", conforme diziam os jornais alemães. Esta é a tradução do texto que estava sob o desenho:

GREY

Na forca está pendurado
sir Edward Grey, bem apertado.
Chegou a hora da execução,
mas antes prestem atenção:
nenhuma árvore alemã forneceu a madeira
para esta pena justa e merecida.
A forca no ar estendida
provém da república francesa.

O capitão Ságner ainda não terminara de ler estes versos de "um humor desenfreado e de um engenho inigualável" quando o ordenança do batalhão Matušič

irrompeu no vagão.

O capitão Ságner o enviara à central telefônica do comando da estação para perguntar se haviam chegado novas determinações e o ordenança estava voltando com um telegrama da brigada. Mas não era necessário procurar nenhuma senha para decodificá-lo. O telegrama não estava cifrado e dizia simplesmente: "Cozinhar rapidamente e ato contínuo marchar para Sokal." O capitão Ságner balançou a cabeça, com ar perplexo.

— Humildemente — disse Matušič —, o comandante da estação quer falar com o senhor. Há outro telegrama.

Então teve lugar uma conversa estritamente confidencial entre o comandante da estação e o capitão Ságner.

O primeiro telegrama teria que ser transmitido quando o batalhão estivesse na estação de Raab. Seu conteúdo era surpreendente: "Cozinhar rapidamente e ato contínuo marchar para Sokal." Era dirigido ao batalhão do 91º Regimento com cópia para o 75º Batalhão, que ficara ainda mais para trás. A assinatura era autêntica: comandante de brigada Ritter von Herbert.

— Tudo é estritamente confidencial, capitão — disse o comandante da estação, misteriosamente. — Temos aqui um telegrama secreto de sua divisão. O comandante de sua brigada enlouqueceu. Foi levado a Viena depois de ter enviado a todos os lugares algumas dúzias de telegramas parecidos. Em Budapeste, certamente o senhor encontrará outro telegrama como esse. Naturalmente, todos esses telegramas devem ser desconsiderados, mas ainda não recebemos nenhuma orientação neste sentido. Eu tenho, como lhe disse, apenas uma ordem da divisão que diz que não se deve levar em conta nenhum telegrama que não esteja cifrado. Eu tenho que encaminhá-los porque até agora não recebi orientação contrária de *meus* superiores. Pedi, através de *meus* superiores, informações ao comando do exército e, como resultado, os procedimentos estão se virando contra mim... Sou oficial da ativa, um velho servidor da Engenharia — acrescentou. — Participei da construção da nossa ferrovia estratégica na Galícia...

"Senhor capitão", continuou, depois de uma pausa, "a única coisa que fazem conosco, os velhos que conhecemos o trabalho de cor e salteado, é nos enviar ao front! Hoje em dia, no Ministério da Guerra, há uma quantidade impressionante de engenheiros ferroviários inexperientes trabalhando como voluntários! De qualquer maneira, o senhor partirá dentro de um quarto de hora... Só recordo que uma vez, na escola de cadetes de Praga, eu, que era da turma dos mais velhos, o ajudei nas barras horizontais. Naquele dia estávamos todos detidos. O senhor havia brigado com os alemães da classe.[64] Lukáš também estava presente. Na época os senhores eram grandes amigos. Ao receber o telegrama com a lista dos oficiais que passam pela estação com o batalhão que vai ao front, recordei tudo isso muito claramente... Isso foi há muitos anos... Naquela época o senhor achava o cadete Lukáš muito simpático...

O capitão Ságner teve uma péssima impressão daquela conversa. Reconhecera perfeitamente o interlocutor: na escola de cadetes, ele liderara a oposição ao "espírito austríaco", da qual depois se afastara porque queria fazer carreira. O mais desagradável foi a observação sobre o tenente Lukáš, que, por todo tipo de motivos, sempre se considerara desfavorecido quando se comparava com ele, Ságner.

— O tenente Lukáš é um excelente oficial — disse, enfaticamente. — Quando sai o trem?

O comandante da estação olhou o relógio:

— Dentro de seis minutos.

— Estou indo — disse Ságner.

— Achava que me diria alguma coisa, Ságner.

— Então *nazdar*![65] — disse Ságner em tcheco, e saiu do edifício do comando da estação.

Quando o capitão Ságner voltou ao vagão do alto-comando antes da partida do trem encontrou todos os oficiais em seus lugares. Estavam jogando em grupos *frische viere*, o jogo de cartas de alto risco. O cadete Biegler era o único que não jogava.

Folheava uma pilha de manuscritos em que havia começado a descrever cenas bélicas, pois não queria se destacar apenas no campo de batalha, mas também ficar conhecido como um fenômeno literário graças as suas descrições dos acontecimentos marciais. O homem das "asas de cegonha e rabo de peixe" queria vir a ser um excelente escritor bélico. Suas primeiras tentativas tinham títulos promissores nos quais se refletia o espírito militarista da época, mas ainda não terminara o texto, de maneira que anotara, na folha de um caderno, apenas os nomes das obras que um dia criaria:

Retratos dos soldados da Grande Guerra. — Quem começou a guerra? — A política austro-húngara e as origens da Guerra Mundial. — Anotações sobre a guerra. — O império austro-húngaro e a Guerra Mundial. — Lições de guerra. — Considerações políticas sobre o desencadeamento da guerra. — Conferência popular sobre o desencadeamento da guerra. — Considerações políticas da guerra. — Um dia solene para o império austro-húngaro. — O imperialismo eslavo e a Guerra Mundial. — Documentos da guerra. — Documentos da história da Guerra Mundial. — Livro contábil da Guerra Mundial. — Panorama cotidiano da Guerra Mundial. — Nossa dinastia na Guerra Mundial. — Crônicas de campanha. — Como lutam os inimigos do império austro-húngaro. — De quem é a vitória? — Nossos oficiais e nossos soldados. — Ações memoráveis de meus soldados. — Da época da Grande Guerra. — No fogo do combate. — Livro dos heróis austro-húngaros. — A divisão de ferro. — Coletânea de minhas cartas do front. — Os heróis de nosso batalhão. — Manual do soldado na campanha. — Dias de batalha, dias de glória. — Minhas experiências no front. — Nas trincheiras. — Um oficial relata... — Guerra defensiva e ofensiva. — Sangue e ferro. — A vitória ou a morte. — Nossos heróis no cativeiro.

O capitão Ságner se aproximou do cadete Biegler e, depois de ter lido tudo, lhe perguntou por que havia escrito aquilo e o que estava querendo fazer.

O cadete Biegler respondeu com grande entusiasmo que cada título se referia a um livro que escreveria. Tantos títulos, tantos livros.

— Se eu tombar na batalha, gostaria de deixar uma recordação. Meu exemplo é o professor alemão Udo Kraft. Nasceu em 1870, se envolveu voluntariamente na guerra e tombou em Anloy, em 22 de agosto de 1914. Antes de morrer publicou um livro intitulado *Manual autodidata de como morrer pelo imperador*.[66]

O capitão levou Biegler à janela.

— Mostre-me o que tem além disso, cadete Biegler. Estou muito interessado — disse o capitão com ironia. — O que é este caderno que você enfiou debaixo de sua

jaqueta?

— Não é nada, capitão — respondeu o cadete Biegler, ficando vermelho como um tomate. — Veja o senhor com seus próprios olhos.

O caderno tinha o seguinte título:

Esquema das batalhas mais célebres e gloriosas
das tropas do exército austro-húngaro
elaborado segundo os estudos históricos de Adolf Biegler,
oficial do exército imperial e real.
(Notas e comentários de Adolf Biegler,
oficial do exército imperial e real.)

Os esquemas eram extremamente simples.

Da batalha de Nördlingen, de 6 de setembro de 1634, à de Senta, de 11 de setembro de 1697, à de Caldeiro, de 31 de outubro de 1805, à de Aspern, de 22 de maio de 1809, à batalha das nações em Leipzig em 1813, à de Santa Lúcia de maio de 1848, à batalha de Trutnov, de 27 de junho de 1866, à conquista de Sarajevo em 19 de agosto de 1878.

Nada mudava nos diagramas e desenhos dos planos dessas batalhas. O cadete Biegler desenhara em todos os lugares retângulos, em um lado em branco e no outro listrados, representando o inimigo. Nos dois grupos havia uma ala esquerda, um centro e uma ala direita; depois, atrás, reservas e flechas aqui e acolá. Tanto a batalha de Nördlingen como a de Sarajevo levavam a pensar na posição dos jogadores antes de uma partida de futebol, e as flechas pareciam indicar o lugar ao qual uma equipe ou outra tinham que chutar a bola.

— Você joga futebol, cadete Biegler? — perguntou o capitão Ságner, que percebera a semelhança.

Biegler ficou ainda mais vermelho e piscou nervosamente, dando a impressão de que estava prestes a começar a chorar.

O capitão Ságner sorriu e continuou folheando o caderno; se deteve em um comentário que acompanhava o esquema da batalha de Trutnov, da guerra austro-prussiana.

O cadete Biegler escrevera: "A guerra de Trutnov não deveria ter sido travada: a paisagem montanhosa impedia o avanço das divisões do general Mazzucheli, que estavam ameaçadas pelas colunas prussianas; estas estavam situadas nas montanhas que cercavam a ala esquerda de nossa divisão."

— Segundo você, a batalha de Trutnov só deveria ter sido travada se Trutnov estivesse situada em uma planície, não é mesmo, seu Benedek[67] de Budějovice — disse o capitão Ságner com um sorriso astuto, devolvendo o caderno ao cadete. E continuou: — Cadete Biegler, é muito louvável de sua parte que depois de uma passagem tão breve pelas fileiras do exército tenha tentado penetrar nos mistérios da estratégia, mas me leva a recordar os meninos pequenos que brincam de soldado e se intitulam generais. Fico maravilhado com a velocidade com que você se promoveu. Adolf Biegler, oficial imperial e real! Mas, homem, você não é nenhum oficial! É um cadete. Sua categoria está entre a

de alferes e a de suboficial. Está tão longe de ser oficial como aquele cabo que se faz chamar nas tavernas de "senhor sargento do alto-comando". Ouça, Lukáš — inclinou-se para o tenente —, o cadete Biegler pertence a sua companhia, por isso procure adestrar um pouco o rapaz. Inventou uma assinatura de oficial; então que a conquiste, mas em combate! Quando fizermos um ataque a toque de tambor, o bom garoto irá cortar arames farpados no seu pelotão. Antes que me esqueça, Zykán lhe manda lembranças. É o comandante da estação de Raab.

Ao ver que a conversa com ele havia terminado, o cadete Biegler bateu continência e, vermelho como um tomate, caminhou pelo vagão até que chegou ao fundo do corredor lateral.

Como um sonâmbulo, abriu a porta do lavabo e, olhando a inscrição em húngaro e alemão, "A utilização do serviço só é permitida quando o trem está em movimento", entrou; grunhiu, soluçou e começou a chorar em silêncio. Depois tirou as calças, sentou-se e mourejou, enxugando as lágrimas. Depois usou o caderno intitulado *Esquema das batalhas mais célebres e gloriosas das tropas do exército austro-húngaro elaborado segundo os estudos históricos de Adolf Biegler, oficial do exército imperial e real. (Notas e comentários de Adolf Biegler, oficial do exército imperial e real.)* O caderno desapareceu, desonrado, no buraco, em direção aos trilhos, e revolteou sob o trem militar que seguia seu caminho.

No lavabo, o cadete Biegler lavou os olhos avermelhados e saiu ao corredor com o propósito de ser forte, extraordinariamente forte. Desde cedo estava com dor de cabeça e de estômago.

Passou ao lado do compartimento traseiro, onde o ordenança do batalhão Matušič jogava uma partida de *schnapsen* (sessenta e seis) com Batzer, o ordenança do comandante do batalhão.

O cadete olhou pela porta aberta e tossiu. Os dois se viraram e continuaram jogando.

— Não sabem o que se espera de vocês? — perguntou o cadete Biegler.

— Não consegui — respondeu Batzer, o ordenança do capitão Ságner, em seu horrível alemão de Kašperské Hory. — Recebi trunfos. Deveria ter jogado folhas, folhas altas, e em seguida tirar o rei de diamantes... Sim, tinha que ter feito isso...

O cadete Biegler não disse mais nenhuma palavra e foi para seu canto. Quando, mais tarde, o alferes Pleschner foi procurá-lo para lhe oferecer um trago da garrafa de rum que ganhara nas cartas, achou estranho que estivesse tão submerso na leitura do livro de Udo Kraft, *Manual autodidata de como morrer pelo imperador*.

Antes de chegar a Budapeste, o cadete Biegler estava tão bêbado que se debruçou em uma janela e ficou gritando sem parar em uma região deserta: "Ao ataque! Ao ataque em nome de Deus!"

Depois, por ordem do capitão Ságner, o ordenança do batalhão Matušič arrastou-o até um compartimento e com a ajuda de Batzer deitou-o em um banco onde o cadete Biegler teve o seguinte sonho:

O SONHO DO CADETE BIEGLER ANTES DE BUDAPESTE

Fora condecorado com a *Signum Laudis* e a Cruz de Ferro, agora era major e ia inspecionar os destacamentos da brigada que lhe fora designada. Não conseguia entender como, tendo toda a brigada sob seu comando, fosse apenas major. Suspeitava que havia sido nomeado major-general e que, com a confusão do correio, a palavra "general" se perdera.

Riu para si mesmo ao recordar que, quando estavam se dirigindo ao front, o capitão Ságner o ameaçara de mandá-lo cortar os arames farpados que obstruíam o caminho. No entanto, já fazia tempo que, em consequência de uma sugestão que fizera à divisão, o capitão Ságner e o tenente Lukáš haviam sido transferidos para outro regimento, outra unidade do exército.

Além disso, alguém lhe contara que ambos haviam morrido de forma miserável em terras pantanosas quando fugiam.

Quando se dirigia à linha de frente para inspecionar o destacamento, de repente viu tudo claro. Na verdade, fora enviado pelo Estado-Maior do exército.

Viu passarem alguns soldados cantando uma canção que ele havia lido na antologia de canções austríacas *Nosso dever*:

Irmãos, mostrem sua valentia
Mantenham-se unidos, esmaguem o inimigo,
Agitem as bandeiras do imperador…

A paisagem era igual à das fotografias da *Wiener Illustrierte Zeitung*.

À direita, ao lado de um celeiro, se via a artilharia disparando contra as trincheiras inimigas situadas ao lado da estrada pela qual avançava o carro. À esquerda, uma casa da qual alguém disparava enquanto um soldado inimigo se esforçava para derrubar a porta com a culatra de um fuzil. Perto da estrada, um avião inimigo em chamas. No horizonte, a cavalaria e uma aldeia incendiada. Havia também trincheiras do batalhão de infantaria e uma pequena colina de onde as metralhadoras disparavam contra o inimigo. Um pouco mais longe, trincheiras inimigas se estendiam ao longo da estrada. E o chofer dirigia, como se nada estivesse acontecendo, em direção aos inimigos.

Biegler gritou pelo aparelho de comunicação:

— Você não sabe aonde estamos indo? O inimigo está ali.

Mas o chofer respondeu, tranquilamente:

— Senhor general, este é o único caminho possível. A estrada está em bom estado. Nas vias secundárias os pneus não aguentariam.

Quanto mais se aproximavam das posições inimigas, maior era a intensidade dos disparos. As granadas explodiam em ambos os lados da estrada cercada de ameixeiras. Mas o chofer dizia com toda a calma do mundo, usando o megafone:

— Esta estrada é excelente, senhor general, estamos avançando às mil maravilhas. Se fôssemos para o campo, os pneus arrebentariam. Veja, senhor general — gritou o chofer no megafone —, foi tão bem construída que nem os morteiros de trinta metros e meio podem nos fazer nada. É perfeitamente lisa; por sua vez, aqueles caminhos cheios de pedra estragariam nossos pneus. De qualquer maneira, não podemos voltar, meu general!

"Bzzz-dzum!", ouviu Biegler, e o carro deu um pulo incrível.

— Não lhe disse, senhor — o chofer não parava de gritar —, que a estrada foi muito bem construída? Justo diante da gente acaba de explodir um trinta e oito. Mas não deixou nenhum buraco, a estrada ficou como antes. Por isso é preciso abandonar a ideia de ir aos campos. Agora estão disparando contra a gente de uma distância de quatro quilômetros.

— Mas aonde estamos indo?

— Logo veremos — respondeu o chofer. — Enquanto continuarmos nesta estrada eu me responsabilizarei por tudo.

Um pulo terrível e o carro para.

— General, o senhor está com o mapa oficial? — grita o chofer.

O General Biegler aciona uma lanterna elétrica. Dá-se conta de que o mapa oficial estava em seus joelhos, mas era um plano da costa de Heligoland datado de 1864, por ocasião da guerra austro-prussiana contra a Dinamarca pela conquista de Schleswig-Holstein.

— Aqui há uma bifurcação — diz o chofer —, os dois caminhos levam a posições inimigas. Eu prefiro a estrada melhor para que não aconteça nada com os pneus, senhor... O automóvel do estado-maior está sob minha responsabilidade...

Depois uma explosão, uma explosão ensurdecedora e estrelas do tamanho de rodas, uma via láctea tão espessa que parecia creme de leite.

Biegler ficou flutuando no universo do assento ao lado do chofer. O carro fora partido em dois no sentido da largura, pelo meio, como se tivesse sido cortado por tesouras. Restara apenas a belicosa, agressiva dianteira.

— Ainda bem que o senhor estava me mostrando o mapa lá de trás — disse o chofer. — O senhor voou para o assento dianteiro e o resto do carro arrebentou. Foi um quarenta e dois... Eu já imaginava que quando chegássemos a uma bifurcação a estrada estaria nojenta. Depois do trinta e oito, só pode ter sido um quarenta e dois. Até agora não fabricaram nada mais potente, senhor.

— Aonde vai nos levar agora?

— Estamos indo para o céu, senhor, e devemos evitar os cometas. São piores que um quarenta e dois — disse o chofer após uma longa pausa, e depois continuou: — O que está agora debaixo da gente é Marte.

Biegler se acalmara.

— Você sabe a história da Batalha das Nações de Leipzig? — perguntou. — Sabe quando o marechal de campo, príncipe de Schwarzenberg, marchou sobre Liebertkovice em 14 de outubro de 1813 e quando em 16 de outubro foi travada a batalha por Lindenau? Sabe das batalhas do general Merweldt, quando as tropas austríacas estavam em Wachau e quando Leipzig caiu em 19 de outubro?

— Senhor — disse então o chofer em tom sério —, estamos agora diante dos portões do céu. Desça, senhor! Não podemos atravessar os portões do céu. Uma multidão de soldados está aglomerada diante deles.

— Atropele alguém! — Biegler ordenou aos gritos. — Vão nos deixar passar sim. — E, enfiando a cabeça para fora do carro, exclamou: — Cuidado, bando de porcos! Animais! Veem um general e não se viram à direita!

O chofer tranquilizou-o.

— É difícil, meu general; a maioria está com a cabeça decapitada!

Só então o general Biegler se deu conta de que as pessoas que se aglomeravam diante da porta do céu eram inválidos de todo tipo, que, durante a guerra, haviam perdido alguma parte do corpo e agora carregavam a cabeça, os braços ou as pernas em suas mochilas. Um digno artilheiro com um casaco esburacado guardara dentro da mochila todo seu ventre junto com as extremidades inferiores. De outra mochila, pertencente a um soldado da Defesa Territorial, a metade do pescoço que este perdera em Lvov fitava o general Biegler.

— É tudo em nome da ordem — dizia o chofer, passando no meio da multidão. — Certamente deve-se à superinspeção divina.

Para atravessar os portões do céu era preciso apresentar uma contrassenha, que Biegler logo adivinhou: "Por Deus e pelo imperador."

O carro entrou no paraíso.

— O senhor deve se apresentar ao alto-comando — disse um oficial anjo que tinha asas quando passaram ao largo do quartel de anjos recrutas.

Continuaram andando. Atravessaram um campo de exercícios que estava cheio de anjos recrutas que aprendiam a dizer: "Aleluia!"

Passaram ao lado de um grupo no qual um anjo cabo ruivo estava espancando um anjo recruta. Dava-lhe socos na barriga e gritava: "Abra mais sua bocarra, porco de Belém! É assim que se diz 'aleluia'? Você parece estar com um knedlík na boca. Eu gostaria de saber quem foi o imbecil que o deixou entrar no paraíso, animal! Tente outra vez... Hlahlehuhya? Como, sua besta? Pretende falar pelo nariz, aqui, no paraíso? Volte a tentar, cedro do Líbano!

Seguiram em frente e durante um bom tempo ainda ouviram os gritos angustiados do anjo recruta que falava com voz fanhosa: "Hla-hle-hlu-hjá", e as exclamações do anjo cabo: "A-le-lu-ia!, a-le-lu-ia, vaca da Jordânia!"

Depois viram um clarão deslumbrante por cima de um edifício tão grande como o quartel de Maria de České Budějovice; eram dois aviões, um à esquerda e outro à direita, e no meio deles um enorme cartaz que anunciava em letras gigantes:

QUARTEL GERAL IMPERIAL E REAL DE DEUS

Dois anjos com uniformes da polícia militar tiraram o general Biegler do carro, seguraram-no pelo colarinho da jaqueta e o levaram ao primeiro andar do edifício.

— Comporte-se bem diante de Deus — lhe disseram lá no alto, diante de uma porta, e o empurraram para dentro.

No centro da sala, de cujas paredes pendiam fotografias de Franz Joseph e de Wilhelm, do herdeiro do trono austríaco Karl Franz Joseph, do general Victor Dankel, do arquiduque Friedrich e do chefe do Estado-Maior Konrad von Hötzendorf, estava o bom Deus.

— Cadete Biegler — disse Deus enfaticamente —, você não me conhece? Sou seu velho capitão Ságner, da 11ª Companhia de Infantaria.

Biegler ficou petrificado.

— Cadete Biegler, com que direito se apropriou do título de general? Com que direito viajou no carro do estado-maior e passou pela estrada no meio das posições

inimigas, cadete Biegler? — Deus voltou a se manifestar.

— Humildemente…

— Cadete Biegler, cale-se quando Deus está falando!

— Humildemente — voltou a balbuciar Biegler.

— De maneira que não quer se calar? — Deus voltou a lhe dar uma bronca. Abriu a porta e gritou: — Que venham os anjos, imediatamente!

Entraram dois anjos com os fuzis pendurados na asa esquerda. Biegler reconheceu Matušič e Batzer.

E da boca de Deus saiu a ordem:

— Joguem-no na latrina!

O cadete Biegler caiu em um lugar fedorento.

Diante do adormecido cadete Biegler estavam sentados Matušič e Batzer, o ordenança do capitão Ságner, que continuavam jogando sessenta e seis.

— Este homem está cheirando a bacalhau — observou Batzer, que contemplava com interesse o cadete Biegler se agitar no meio do sono —, deve ter cagado nos calções.

— Isto pode acontecer com qualquer um — disse Matušič, filosoficamente. — Deixem-no em paz, não será você quem vai trocá-lo. É melhor dar as cartas.

Já se via o reflexo das luzes que se estendiam sobre Budapeste e um refletor oscilando por cima do Danúbio.

O cadete Biegler teve outro sonho e, enquanto dormia, dizia em alemão:

— Diga a meu valente exército que construí em meu coração um indestrutível monumento de paz e de gratidão.

Enquanto dizia isso, voltou a se virar e Batzer percebeu outra vez uma pestilência tão intensa que cuspiu e disse:

— Fede mais que um asqueroso comerciante de adubo!

O cadete Biegler se remexia cada vez com mais inquietação; seu novo sonho era fantástico. Defendia Linz na guerra de sucessão austríaca. Via, ao redor da cidade, fortificações, tanques e paliçadas. Seu quartel-general se transformara em um imenso hospital. Em todas as partes havia enfermos segurando a barriga. Sob as paliçadas da cidade de Linz passavam os dragões franceses de Napoleão I.

E ele, comandante da cidade, dominava toda aquela multidão e gritava a um parlamentar francês: "Diga a seu imperador que não me dou por vencido!"

Então, achou que sua dor de estômago desaparecia. À frente de seu batalhão, se precipitava através das paliçadas para fora da cidade, a caminho da glória e da vitória, e viu o tenente Lukáš detendo com seu peito o golpe de espada de um dragão que era destinado a ele, Biegler, defensor da assediada Linz. O tenente Lukáš morria a seus pés exclamando: "Meu coronel, um homem como o senhor é mais importante do que um tenente qualquer!" O defensor de Linz, comovido, estava virando a espada para o moribundo quando recebeu um golpe de metralhadora nas nádegas. Mecanicamente, Biegler apalpou a parte de trás das calças e sentiu uma coisa molhada e viscosa se grudando em sua mão. Exclamou: "Ambulância! Ambulância!" e caiu do cavalo...

Batzer e Matušič levantaram o cadete Biegler do chão e voltaram a colocá-lo no banco do qual havia caído.

Depois, Matušič foi ver o capitão Ságner e lhe disse que estavam acontecendo coisas estranhas com o cadete Biegler.

— Não creio que seja por culpa do conhaque — disse. — É possível que seja a cólera. O cadete Biegler bebeu água em todas as estações. Em Mošon vi que...

— A cólera não se desenvolve tão depressa, Matušič. Dirija-se ao compartimento ao lado e diga ao médico que vá vê-lo.

Um médico havia sido designado para o batalhão. Era um estudante de medicina, membro de diversas entidades estudantis alemãs, um tal de Welfer, homem de idade já avançada. Bebia e brigava com frequência, mas a medicina era seu principal interesse. Estudara em faculdades de medicina das mais variadas cidades universitárias austro-húngaras, mas não fizera o doutorado por uma razão muito simples: o testamento de seu tio determinava que seus herdeiros deviam pagar todo ano uma bolsa ao estudante de medicina Bedřich Welfer até o momento em que recebesse o diploma de médico.

A bolsa era mais ou menos quatro vezes superior ao soldo de um auxiliar de enfermagem, e o candidato a médico Bedřich Welfer tentava com todas suas forças adiar o máximo possível sua diplomação como doutor em clínica geral.

Os herdeiros soltavam fogo pelas ventas. Inventavam todo tipo de artimanhas para se desfazer dele: proclamaram-no idiota, tentaram casá-lo com moças ricas. Para seu maior desconforto, o aspirante a médico Bedřich Welfer, membro de cerca de doze entidades estudantis alemãs, publicou uma coletânea de poemas bastante satisfatórios em Viena, Leipzig e Berlim. Colaborava com a revista *Simplissimus* e estudava, como se nada estivesse acontecendo.

Até que veio a guerra e o atingiu vergonhosamente pelas costas.

O estudante de medicina Bedřich Welfer, autor dos livros *Cantos risíveis*, *Canecas de cerveja e ciência* e *Fábulas e parábolas,* foi chamado às fileiras, e um dos herdeiros pressionou o Ministério da Guerra para que obrigasse o genial rapaz a concluir o "doutorado de guerra". Welfer o fez por correspondência: recebeu, para preencher, um longo formulário com perguntas e respondeu a todas de maneira estereotipada: "Vão à merda!" Depois de três dias, o coronel lhe comunicou que obtivera o título de doutor em clínica geral, que já tinha amadurecido há muito tempo para o doutorado, que o médico-chefe do estado-maior supremo o destinara ao hospital agregado, que a velocidade de sua promoção dependia de sua conduta, que as autoridades não ignoravam que se batera em duelo com oficiais em diversas cidades universitárias, mas que, de qualquer forma, como estavam em tempos de guerra, tudo seria ignorado.

O autor do livro de poemas *Canecas de cerveja e ciência* mordeu os lábios e se incorporou ao exército.

Vieram à luz vários casos em que o doutor Welfer fora extremamente indulgente em relação aos soldados enfermos; prolongava o máximo possível sua internação, contrariando o lema "Melhor morrer nas trincheiras do que tombar no hospital". Enviaram-no, então, ao front com o 11º Batalhão de Infantaria.

Os oficiais da ativa do batalhão o consideravam um ser inferior, e os da reserva não lhe davam atenção e não entabulavam amizade com ele para que não se aprofundasse ainda mais o abismo que havia entre eles e os oficiais da ativa.

É necessário dizer que o capitão Ságner se sentia infinitamente superior ao velho aspirante a médico, que, durante seus anos estudantis, atravessara com o sabre o corpo de alguns oficiais. Quando o doutor Welfer, o "doutor de guerra", passou ao seu lado, nem sequer o olhou e continuou conversando com o tenente Lukáš sobre alguma coisa sem importância, como, por exemplo, que perto de Budapeste cultivavam abóboras. O tenente Lukáš respondeu que, quando estava no terceiro ano da escola de cadetes, uma vez fora com alguns amigos, à paisana, à Eslováquia, onde haviam sido convidados para ir à casa de um pastor evangélico eslovaco. Este lhes serviu uma abóbora preparada como se fosse couve para acompanhar um assado de porco e lhes serviu vinho, ao mesmo tempo em que dizia:

Ossobuco de leitãozinho pede um bom vinhozinho.

Lukáš se sentiu extremamente ofendido.[68]

— Não veremos grande coisa de Budapeste. Seremos obrigados a rodear a cidade — disse o capitão Ságner. — De acordo com o programa, deveríamos ficar aqui um par de horas.

— Estou achando que mudaram os vagões de lugar — respondeu o tenente Lukáš. — Seremos levados à estação de transporte militar.

O "doutor de guerra" Welfer passou ao seu lado.

— Isso não é nada — disse, sorrindo. — Os aspirantes a oficiais do exército que se vangloriam no cassino de Most nad Litavou de seus conhecimentos histórico-estratégicos deveriam ser convencidos de que é perigoso comer de uma só vez um pacote inteiro dos docinhos que suas mães lhes enviam. Senhor capitão, o cadete Biegler, que confessou que desde que saímos de Most nad Litavou comeu trinta rolinhos com creme e nas estações não bebeu nada além de água fervida, me faz recordar o verso de Schiller: "Quem disse que..."

— Ouça, doutor — interrompeu-o o capitão Ságner —, não se trata de Schiller. Diga-nos o que o cadete Biegler tem.

O "doutor de guerra" sorriu:

— Seu cadete Biegler, que aspira à patente de oficial, cagou nos calções... Não tem cólera nem tampouco disenteria, simplesmente se cagou. Seu aspirante a oficial bebeu conhaque além da conta e cagou nos calções... Provavelmente teria cagado mesmo que não tivesse bebido conhaque. Comeu uma montanha dos rolinhos cremosos que lhe enviaram de casa… É uma criança… Sei que no cassino nunca bebia mais de um quarto de litro de vinho. É abstêmio.

O doutor Welfer cuspiu.

— Costuma comprar tortas de Linz.

— Então não é nada sério? — perguntou o capitão Ságner. — Mas, de qualquer maneira... se contagiasse...

O tenente Lukáš se levantou e disse a Ságner:

— Muito obrigado por um chefe de seção como este!

— Dei-lhe uma mão com suas pernas — disse Welfer, que jamais deixava de sorrir. — O comandante do batalhão fará o resto... Enviarei o cadete Biegler ao hospital... Providenciarei um atestado de disenteria. Na pior das hipóteses, está com

disenteria... Isolamento... O cadete Biegler irá à barraca de desinfecção. É muito melhor passar por um cadete com disenteria do que por um cadete que se cagou nos calções — acrescentou Welfer, com o mesmo sorriso desagradável.

O capitão Ságner se dirigiu a Lukáš em um tom estritamente oficial:

— Senhor tenente, o cadete Biegler de sua companhia contraiu disenteria e será atendido em Budapeste...

O capitão Ságner achou que Welfer ria de maneira provocativa, mas, quando olhou para o "médico de guerra", percebeu que estava indiferente.

— Bem, tudo em ordem, senhor capitão — disse Welfer tranquilamente. — O aspirante a oficial... — e, encolhendo os ombros, acrescentou: — Quando está com disenteria, qualquer pessoa se caga mesmo.

E foi assim que o valente cadete Biegler foi parar no isolamento do hospital militar de Uj Buda. Suas calças sujas de merda se perderam no fragor da Guerra Mundial.

Os sonhos de grandes vitórias do cadete Biegler ficaram trancados em uma sala do barracão de isolamento.

Quando ficou sabendo que sofria de disenteria, o cadete Biegler ficou muito contente. De fato, era tão importante ser ferido em nome do imperador como adoecer por ele.

Entretanto, teve um pequeno contratempo: como todos os barracões para os doentes de disenteria estavam ocupados, foi enviado ao barracão da cólera.

Depois de banhá-lo, colocaram um termômetro embaixo de seu sovaco e um médico militar húngaro sacudiu a cabeça:

— Trinta e sete graus!

O pior sintoma da cólera é a queda de temperatura: o doente se torna apático.

Na verdade, o cadete Biegler não exibiu nenhum sinal de preocupação. Estava tranquilo e repetia mentalmente que estava sofrendo pelo Imperador.

O médico militar ordenou que enfiassem o termômetro no ânus do cadete Biegler.

"O último estágio da cólera", pensou. "Sintomas de agonia, debilidade extrema, o doente perde os sentidos, não reconhece aquilo que está em volta, sua consciência fica nublada e sorri durante as convulsões que anunciam a morte."

Durante a manobra, o cadete de fato sorria como um mártir e quando enfiaram o termômetro em seu ânus fez-se de herói e nem se mexeu.

"Sintomas da cólera que levam pouco a pouco à morte", pensou o médico, "em estado de passividade".

Perguntou a um suboficial húngaro do serviço sanitário se Biegler vomitara e tivera caganeira quando estava tomando banho. Ao receber uma resposta negativa, contemplou-o atentamente. Durante a cólera, a ausência de vômitos e diarreia é um sinal inequívoco: o paciente está vivendo suas últimas horas.

O cadete Biegler, que haviam tirado do banho quente e permanecia completamente nu, estava deitado na cama; sentia frio, seus dentes rangiam e a pele de todo seu corpo estava eriçada.

— Já se vê — disse o médico militar em húngaro —, os dentes rangem, os membros estão frios. É o fim.

Inclinando-se para Biegler, perguntou em alemão:

— Bem, como está se sentindo?

— M... m... m... m... muito b... bem — disse o cadete Biegler batendo os dentes —, me... me dê... uma m... m... man... t... ta.

— Consciência parcialmente alterada — disse o médico húngaro. — Muito magro, os lábios e as unhas deveriam estar negros. É o terceiro caso de alguém que morre de cólera sem estar com os lábios e as unhas negros.

Voltou a se inclinar sobre o cadete Biegler e continuou em húngaro:

— Eu não ouço o segundo tom cardíaco...

— U... u... u... uma... m... m... man... ta... — repetiu o cadete sem parar de bater os dentes.

— Está pronunciando suas últimas palavras — disse em húngaro o médico militar ao suboficial do serviço sanitário. — Amanhã o enterraremos com o major Koch. Agora perderá a consciência. Seus documentos estão no escritório?

— Provavelmente — disse o suboficial com calma.

— U... u... u... ma... m... man... ta — insistia o cadete Biegler, dirigindo-se aos que se afastavam.

Na sala havia dezesseis camas e cinco pessoas. Uma era um defunto, falecido duas horas antes. Estava coberto com um lençol e tinha o mesmo nome do descobridor do bacilo da cólera. Era o major Koch, que, segundo dissera o médico militar, seria enterrado no dia seguinte com o cadete Biegler.

O cadete se ergueu na cama e, pela primeira vez, viu como as pessoas morriam de cólera pelo imperador, porque, dos quatro presentes, dois eram moribundos. Sufocavam-se e ficavam azuis, e pronunciavam algumas palavras difíceis de distinguir; não se entendia o que diziam nem em que língua. Era um estertor de voz estrangulada.

Os outros dois, com um impetuoso desejo de se curar que se manifestava através de movimentos frenéticos, lembravam as vítimas do delírio tifoide. Gritavam de uma maneira desarticulada e levantavam as pernas raquíticas no ar. Eram vigiados por um soldado barbudo do serviço sanitário que falava em um dialeto da Estíria (como reconheceu o cadete Biegler) e os tranquilizava:

— Eu também padeci de cólera, senhores, e não era capaz de mexer as pernas desta maneira. Agora vocês já estão bem. Vão entrar de licença quando... Não se agite tanto! — gritou a um deles, que havia dado uma patada tão forte que a manta caíra em cima de sua cabeça. — Aqui isso não se faz. Pode ficar feliz por estar com febre; pelo menos não será levado com acompanhamento musical. De fato, os dois já estão salvos.

Olhou ao redor.

— Ali temos mais dois mortos. Era de se esperar — disse bondosamente. — Podem agradecer ao fato de que tudo já tenha acabado. Tenho que ir buscar lençóis.

Voltou depois de um momento. Cobriu os defuntos, que estavam com os lábios completamente enegrecidos, afastou suas mãos de unhas pretas (no último paroxismo da asfixia haviam-nas colocado sobre o sexo ereto), tentou enfiar suas línguas na boca e depois se ajoelhou diante das camas e começou:

— Santa Maria, mãe de Deus...

E, enquanto rezava, o velho soldado do serviço sanitário da Estíria observava os dois pacientes que convalesciam. Deliravam, o que significava que retornavam à vida.

— Santa Maria, mãe de Deus — repetiu quando, de súbito, um homem pelado palmeou suas costas.

Era o cadete Biegler.

— Ouça — disse —, tomei banho... quero dizer... me deram banho... Preciso de uma manta. Estou com frio.

— Que caso estranho! — disse, meia hora mais tarde, o médico militar ao cadete Biegler, que descansava sob uma manta. — Você, cadete, está convalescendo. Amanhã será enviado ao hospital de reserva de Tarnov. É portador do bacilo da cólera (o progresso da medicina é tal que já conhecemos tudo isso), pertence ao 91º Regimento...

— Ao 13º Batalhão — respondeu o suboficial do serviço sanitário no lugar do cadete Biegler —, 11ª Companhia.

— Escreva — ordenou o médico militar: — O cadete Biegler, 13º Batalhão, 11ª Companhia de Infantaria, 91º Regimento, é enviado para observação às barracas de cólera de Tarnov. É portador de bacilos de cólera.

E foi assim que o cadete Biegler, este guerreiro entusiasta, se transformou em portador de bacilos de cólera.

55 Em 1848, os austríacos, comandados pelo marechal Radetzky, derrotaram os exércitos do rei Carlos Alberto da Sardenha, que foi forçado a evacuar a Lombardia. (N. do T.)
56 Napoleão foi repelido pelo exército austríaco em 1809, durante a batalha de Aspern, quando tentava atravessar o Danúbio e marchar em direção a Viena. (N. do T.)
57 Napoleão foi derrotado em 1813, na batalha de Leipzig. (N. do T.)
58 Jogo de azar proibido no império austro-húngaro, em que só se usam as cartas 7, 8, 9, 10, Valete, Dama, Rei e Ás do baralho, geralmente o francês. (N. do T.)
59 Variação mais arriscada do *kaufzwick*. (N. do T.)
60 *Os pecados dos padres*. (N. do T.)
61 Em húngaro, "proibido!" (N. do T.)
62 Em húngaro, "comandante militar".
63 Naturalmente, os oficiais conversavam sempre em alemão. (N. do A.)
64 Em alemão, na conversa entre os dois homens: "Sie haben sich damals auch mit den deutschen Mitschüllern gerauft." (N. do A.)
65 Saudação dos patriotas tchecos. (N. do A.)
66 Udo Kraft, *Selbsterziehung zum Tod für Kaiser*, C. F. Amelang's Verlag, Leipzig. (N. do A.)
67 L. A. Benedek (1804-1881), general austríaco que esmagou insurreições na Galícia, Itália e Hungria. (N. do T.)
68 Ságner e Lukáš conversavam em tcheco. (N. do A.)

2
Em Budapeste

Na estação militar de Budapeste, Matušič se aproximou do capitão Ságner e lhe entregou um telegrama que o comando recebera do infeliz comandante de brigada que fora enviado ao hospital. Seu conteúdo, não cifrado, era idêntico ao do que recebera na última estação: "Cozinhar rapidamente e ato contínuo marchar para Sokal." O autor havia acrescentado: "Integrar o trem do grupo leste. Suprime-se o serviço de espionagem. O 13º Batalhão constrói uma ponte sobre o rio Bug. Mais detalhes nos jornais."

O capitão Ságner se dirigiu imediatamente ao comando da estação. Foi recebido pelo sorriso amistoso de um oficial gordo.

— Nem queira saber o que seu general de brigada armou! — disse, rindo às gargalhadas. — Nos vimos obrigados a lhe trazer essa sandice porque ainda não recebemos nenhuma ordem que diga que os telegramas não devem ser entregues aos destinatários. Ontem passou por aqui o 14º Batalhão do 75º Regimento, e tínhamos um telegrama para o comandante, segundo o qual devia se pagar seis coroas a cada soldado como recompensa especial pelo que aconteceu em Přemyšl, e ao mesmo tempo se ordenava que, destas seis coroas, cada homem depositasse duas aqui no escritório, para o fundo de guerra... Segundo informações de fontes fidedignas, seu general teve um ataque de paralisia.

— Senhor major — o capitão Ságner se dirigiu ao comandante da estação —, segundo a ordem do regimento e conforme o programa, estamos nos dirigindo a Gödölö. Nossos soldados devem receber aqui cento e cinquenta gramas de queijo emental. Na última estação deviam lhes ter dado cento e cinquenta gramas de salame húngaro e ainda não receberam nada.

— Aqui, seguramente, também não receberão nada — disse o comandante, sempre com um sorriso afável —, não sei nada de nenhuma ordem para os regimentos procedentes da Boêmia. De qualquer maneira, esse não é um assunto meu, dirija-se ao comando de abastecimento.

— Quando partimos, senhor major?

— Antes dos senhores, há um trem de artilharia pesada que vai para a Galícia. Faremos com que saia dentro de uma hora. Na via três está um trem hospital que sairá vinte e cinco minutos depois do da artilharia. Na via doze, espera um trem de munição. Sairá dez minutos depois do da saúde, e vinte minutos mais tarde sairá o seu. Ou seja, se não houver nenhuma mudança — acrescentou, sem parar de sorrir de tal maneira que o capitão Ságner começou a achá-lo odioso.

— Permita-me, senhor major; poderia me explicar como é possível que o senhor não saiba nada de uma ordem relativa à distribuição de cento e cinquenta gramas de emental aos *regimentos procedentes da Boêmia*?

— Trata-se de um segredo militar — respondeu o comandante da estação sem parar de sorrir.

"Minha mãe, me meti em uma grande confusão", pensou o capitão Ságner ao sair do edifício da comandância. "Por que, burro que sou, enviei o tenente Lukáš, com os comandantes dos pelotões e seus soldados, ao armazém de provisões para buscar cento e cinquenta gramas de queijo emental por cabeça?"

Antes que, obedecendo às ordens do capitão Ságner, o tenente Lukáš, comandante da 11ª Companhia, determinasse que os soldados marchassem ao armazém onde deveriam receber o queijo, surgiram diante dele Švejk e o infeliz Baloun.

Baloun tremia todo.

— Humildemente, senhor — disse Švejk com sua palavra fácil habitual —, trata-se de uma coisa muito importante. Gostaria de lhe pedir, senhor, que conversássemos sobre este assunto em algum outro lugar, conforme se manifestou meu amigo Špatina de Zhoř num dia em que foi testemunha de um casamento e na igreja teve vontade de...

— Bem, de que se trata, Švejk? — interrompeu-o o tenente Lukáš, que começara a sentir sua falta da mesma maneira que Švejk sentira falta dele. — Afastemo-nos um pouco, se é isso o que você quer.

Baloun acompanhou-os sem parar de tremer. O gigante havia perdido totalmente o equilíbrio e, em seu estado de desespero absoluto, agitava os braços de um lado a outro.

— Bem, o que está acontecendo, Švejk? — perguntou o tenente Lukáš quando se afastaram.

— Humildemente, senhor — disse Švejk —, sempre é melhor confessar as coisas antes que a bomba estoure. O senhor deu uma ordem para que, quando chegarmos a Budapeste, Baloun lhe traga patê de fígado e pãezinhos. Você recebeu esta ordem ou não? — continuou, dirigindo-se a Baloun.

Este começou a agitar os braços mais ainda do que antes, como se estivesse se defendendo de um inimigo.

— Por desgraça, senhor tenente — disse Švejk —, esta ordem não pôde ser levada a termo. É que comi seu patê de fígado... Eu o comi — repetia Švejk, dando cotoveladas no assustado Baloun — porque achei que poderia se estragar. Mais de uma vez li no jornal que famílias inteiras haviam se envenenado com patê de fígado, uma vez em Tábor, uma vez em Mladá Boleslav e uma vez em Přibram. Todos morreram envenenados. Patê de fígado é uma porcaria terrível...

Baloun, tremendo inteiro, se afastou um pouco, enfiou um dedo na boca e começou a vomitar a intervalos.

— O que está acontecendo com você, Baloun?

— Estou vo... vo... vomitando... e... e... se... nhor... te... tenente e... e... — soltava o pobre Baloun durante as pausas — eu o... comi... e... eu só... só... e...

Da boca do desgraçado Baloun saíam até pedaços do papel alumínio em que o patê estivera embrulhado.

— Como está vendo, senhor tenente — disse Švejk, sem perder a serenidade —, no final todas as coisas saem, inclusive o patê que se comeu. Eu queria assumir a responsabilidade e o burro aqui se trai desta maneira. É um bom sujeito, mas devora tudo o que põem na frente dele. Certa vez conheci uma pessoa assim. Trabalhava em um banco. Podiam lhe confiar milhares e milhares de coroas; uma vez lhe deram mil coroas a mais em outro banco e imediatamente as devolveu, mas se o mandassem buscar um cêntimo de presunto defumado devorava a metade pelo caminho. Era tão guloso que, quando os auxiliares de escritório o mandavam buscar salsichas, ele as abria pelo caminho com uma faca e depois tampava os buracos com um esparadrapo; o esparadrapo que tinha que usar em cinco salsichas lhe saía mais caro do que uma salsicha inteira.

O tenente Lukáš suspirou e foi embora.

— Não vai me dar nenhuma ordem, senhor? — gritou Švejk. O infeliz Baloun não parava de enfiar o dedo na boca.

O tenente Lukáš fez um gesto com a mão e se dirigiu ao armazém. Enquanto caminhava, passou por sua cabeça uma ideia estranha: se os soldados estavam comendo o patê de fígado de seus oficiais, a Áustria jamais conseguiria vencer a guerra.

Švejk levou Baloun ao outro lado da estação militar. Para consolá-lo, lhe dizia que iriam juntos à cidade e que comprariam salsichas de Debrecen para o tenente. Švejk sempre associava esta iguaria à capital do reino da Hungria.

— Perderíamos o trem — choramingava Baloun, cuja voracidade andava de mãos dadas com uma grande mesquinhez.

— Quando se vai ao front — explicava Švejk —, nunca se perde nada porque todos os trens pensam duas vezes antes de deixar metade dos soldados na última estação. Mas eu o entendo, Baloun; você é um mão de vaca.

Não foram a lugar nenhum porque tocou o sinal de subir no trem. Os soldados das várias companhias voltavam do armazém aos vagões com as mãos vazias. Em vez de cento e cinquenta gramas de queijo emental, haviam dado a cada um uma caixa de fósforos e um cartão-postal impresso pelo Comitê de Cemitérios Militares da Áustria (Viena XIX/4, Canisiusgasse). Em vez do queijo, cada um levava na mão o cemitério militar de Sedlisk, Galícia ocidental, com o monumento aos pobres soldados da província esculpido pelo sargento-mor Scholz, um voluntário que se livrara da guerra talhando monumentos.

No vagão do alto-comando também reinava uma estranha excitação. Os oficiais do batalhão se reuniram em torno do capitão Ságner. Este, muito desassossegado, lhes contou uma coisa: acabara de voltar do posto de comando da estação com um telegrama rigorosamente confidencial do estado-maior da brigada que continha uma longa lista de instruções e indicações sobre a maneira de agir nessa nova situação em consequência dos acontecimentos de 23 de maio de 1915.

A brigada enviara um telegrama dizendo que a Itália declarara guerra ao império austríaco.

No cassino dos oficiais de Most nad Litavou, a estranha atitude da Itália não parava de ser comentada, mas, de maneira geral, ninguém imaginava que seriam cumpridas as palavras proféticas do cadete Biegler, que uma noite, durante o jantar, afastou um prato de macarrão e disse: "Logo me fartarei de comer às portas de Verona."

Depois de ter estudado as instruções que haviam acabado de chegar da brigada, o capitão Ságner fez soar o alarme.

Quando todos os soldados do batalhão estavam reunidos, formando um quadro, o capitão Ságner, com voz extremamente solene, leu a ordem da brigada que recebera por telegrama:

> *Impelido por um desejo de traição e por uma avidez sem precedentes, o rei da Itália esqueceu os laços fraternais que o uniam à nossa monarquia. Desde o começo da guerra, na qual devia ter se aliado às nossas tropas, o traiçoeiro rei da Itália representou o papel de assassino mascarado. Agiu de maneira suspeita e fez acordos secretos com nossos inimigos. Sua traição atingiu o auge*

na noite de 22 para 23 de maio, quando declarou guerra à nossa monarquia. Nosso comandante supremo está convencido de que nossas tropas, sempre valentes e vitoriosas, responderão a esta ignominiosa traição com um ataque que levará o desleal a reconhecer que sua vergonhosa e traiçoeira intervenção na guerra significou sua destruição. Temos a confiança absoluta de que, com a ajuda de Deus, logo chegará o dia em que as planícies italianas voltarão a ver os vencedores de Santa Lúcia, de Vicenza, Novara e Custozza. Queremos vencer, devemos vencer e venceremos!

Então, como de costume, ouviu-se três vezes o habitual "Viva!" e os soldados voltaram a seus vagões um pouco perplexos. Em lugar de cento e cinquenta gramas de queijo emental, viam-se metidos em uma guerra contra a Itália.

No vagão onde estavam Švejk, o sargento Vaněk, o telefonista Chodounský, Baloun e o cozinheiro Jurajda, entabulou-se uma conversa interessante sobre a entrada da Itália na guerra.

— Na rua Taborská, em Praga, também houve um caso parecido — começou Švejk. — Havia um lojista que se chamava Hořejší. Um pouco mais longe, na calçada da frente, ficava o estabelecimento do lojista Pošmourný e, entre os dois, a loja de um tal de Havlasa. Bem, um dia passou pela cabeça de Hořejší que poderia se aliar com o lojista Havlasa contra o lojista Pošmourný, e começou a negociar com ele como poderiam unir as duas lojas sob o nome Hořejší & Havlasa. No entanto, Havlasa foi imediatamente ver Pošmourný e lhe disse que Hořejší estava lhe oferecendo mil e duzentas coroas por sua loja e queria associar-se a ele, mas que se ele, Pošmourný, lhe oferecesse mil e oitocentas, lhe daria preferência. De modo que fizeram um acordo e Havlasa passou um tempo dando voltas ao redor de Hořejší, a quem havia traído, fazendo ver que era seu melhor amigo, e quando aquele falava do momento de começarem o negócio conjunto, Havlasa lhe dizia: "Logo o faremos. Só estou esperando que voltem os veraneantes." E quando estes chegaram, de fato estava tudo pronto, tal como havia prometido a Hořejší. Este foi abrir a loja uma manhã e viu um grande cartaz luminoso sobre a loja de seu concorrente: "Pošmourný & Havlasa."

— Onde eu vivo também aconteceu uma coisa parecida — disse o tonto do Baloun —, na aldeia ao lado queriam me vender uma vaca, já a haviam me prometido, e o açougueiro de Votice tirou-a de mim debaixo do meu nariz.

— De maneira que temos outra guerra — continuou Švejk. — Se agora há outro inimigo, outro front, teremos que economizar munição. "Quanto mais filhos há em uma família, mais látegos se gastam", costumava dizer o velho Chovanec de Motol, que dava surras nas crianças dos vizinhos por uma quantia fixa que os pais lhe pagavam previamente.

— Eu só temo — disse Baloun — que por culpa desta história com a Itália passemos a receber rações menores.

O intendente Vaněk pensou um pouco e em seguida disse, seriamente:

— Talvez sim, porque nossa vitória demorará um pouco mais.

— Agora sim precisamos de um novo Radetzky — opinou Švejk —; ele conhecia perfeitamente aquelas terras e sabia quais eram os pontos fracos dos italianos, por onde se devia atacar e por que lado fustigá-los. A verdade é que se enfiar em um

lugar não é tão fácil, e ainda pior é sair, isso sim que é uma arte militar. Quando você se mete em algum lugar, tem de saber exatamente o que acontece ali para não se ver de repente metido em uma confusão, para não dizer uma catástrofe. Uma vez, em minha casa, ainda a antiga, pegaram um ladrão no sótão; percebera que havia pedreiros fazendo obras no pátio interno, de maneira que se livrou deles, empurrou a zeladora no chão, se infiltrou pelos andaimes e chegou ao fundo do pátio; mas uma vez ali não havia maneira de sair. Por sua vez, nosso velho Radetzky conhecia todos os caminhos e nunca conseguiram pegá-lo. Tudo isto está muito bem descrito em um livro sobre o general: quando fugiu de Santa Lúcia, os italianos também escaparam dali e só quando se fez dia descobriu que havia vencido, porque olhava pelo binóculo e não via italianos; por isso voltou e ocupou a abandonada Santa Lúcia. Graças a isso foi promovido a marechal.

— É preciso reconhecer que a Itália é um país muito bonito — observou o cozinheiro Jurajda. — Uma vez estive em Veneza e vi que os italianos chamam todo mundo de porco. Quando um italiano se irrita, batiza você de *porco maledetto*. Para eles, até o papa é um *porco*, *Madonna mia è porco* e *papa è porco*.

O intendente Vaněk também manifestou sua simpatia pela Itália. Disse que em Kralupy, em sua drogaria, fazia suco de limão com limões podres, e a Itália era o país que fornecia os limões mais baratos e mais podres. Agora o negócio de limões com a Itália iria pelos ares. Não havia dúvida de que a guerra contra aquele país traria muitas surpresas, porque a Áustria iria querer se vingar.

— É muito fácil dizer "vou me vingar" — sorriu Švejk. — Alguém quer se vingar e no final quem acaba pagando é o sujeito que foi escolhido como instrumento de vingança. Quando eu vivia há alguns anos no bairro de Vinohrady, no térreo do meu prédio morava um porteiro que tinha um inquilino, um humilde bancário, e este sujeito ia sempre à mesma taverna da rua Kramerius. Um dia discutiu com um senhor que tinha um laboratório de análise de urina vá saber em que rua do bairro. Esse senhor não pensava e não falava de outra coisa que não fosse urina. Carregava garrafinhas de urina que plantava diante das narinas de todo mundo e exigia de todos que as enchessem de urina e as mandassem para análise, porque de uma análise daquelas dependia a felicidade de toda a família. Dizia que era baratíssimo, apenas seis coroas. Todos os frequentadores da taverna, e até mesmo os donos, haviam feito análise de urina. A única pessoa que resistia àquilo era o bancário, embora aquele homem o perseguisse quando ia mijar e lhe dissesse com ar preocupado: "Não sei, senhor Skorkovsky, não consigo gostar da sua urina; faça pipi nesta garrafinha antes que seja muito tarde!" Afinal o convenceu e o bancário pagou as seis coroas, como já haviam feito todos da taverna, inclusive o dono, a quem o senhor da urina havia estropiado o negócio: dizia a todo mundo que os seus eram casos muito graves, que só podiam beber água, que não deviam fumar, que não deviam se casar e que a única coisa que lhes convinha era comer verdura. Aquele bancário tinha uma grande aversão a ele, como acontecia com todo mundo, e como instrumento de sua vingança escolheu o zelador porque sabia que era uma verdadeira fera. Assim, um dia disse ao senhor da urina que fazia tempo que o porteiro não estava passando muito bem e que queria que no dia seguinte, por volta das sete da manhã, fosse a sua casa buscar urina para mandá-la analisar. Assim o fez, e o porteiro ainda dormia quando o senhor o despertou dizendo-lhe amistosamente: "Olá, senhor Málek, tenha um bom-dia. Aqui o senhor tem uma garrafinha, faça o favor de enchê-la com sua urina; e me deve seis coroas." Então se armou um pandemônio: o porteiro pulou da cama de cuecas, pegou o

senhor pelo pescoço e o atirou contra o armário de tal maneira que ficou incrustado ali. Depois arrancou-o dali, pegou um chicote e, sempre de cuecas, foi empurrando o homem até embaixo pela rua Čelakovská; o outro gania como um cachorro quando você pisa em seu rabo, e na avenida Havlíček subiu de um pulo em um bonde em movimento; o porteiro foi detido por um cidadão e brigaram. Como o porteiro estava de cuecas e tudo aparecia, enfiaram-no em um carro de polícia e o levaram à delegacia. Não parava de gritar do carro, feito um louco: "Filho da puta, eu vou lhe ensinar logo como se analisa a urina!" Foi condenado a seis meses de prisão por perturbação da ordem pública e ofensas à polícia. Quando leram o veredito, cometeu o delito de insultar a Casa Real, de maneira que até hoje deve estar apodrecendo no cárcere. Por isso digo que muitas vezes você quer se vingar de alguém e quem paga é uma pessoa inocente.

Baloun estava pensando. Por fim, perguntou ao intendente Vaněk, com angústia:

— Diga-me, prezado intendente, o senhor acredita que por culpa da guerra contra a Itália receberemos rações menores?

— Isso é mais claro do que a luz do dia — respondeu Vaněk.

— Pelo amor de Deus! — Baloun exclamou, escondeu a cabeça entre as mãos e ficou sentado em silêncio em um canto.

Assim acabou para sempre o debate sobre a Itália naquele vagão.

Como o célebre teórico militar Biegler não estava mais no vagão do alto-comando, certamente a conversa sobre a nova situação criada pela entrada da Itália na guerra teria sido ainda mais tediosa não fosse pelo subtenente Dub da 3ª Companhia, que, de alguma maneira, substituiu o cadete.

Na vida civil, o subtenente Dub fora professor de tcheco e já então demonstrava uma forte tendência a manifestar sua lealdade ao império cada vez que surgia uma oportunidade. Obrigava seus alunos a escreverem redações sobre a história da casa dos Habsburgo. Nas classes inferiores, os alunos viviam aterrorizados pelo fantasma de Maximiliano, que havia subido em uma rocha e não conseguira descer, de Joseph II, o Lavrador, e de Ferdinand, o Benigno. Nos cursos superiores, os assuntos eram mais complicados, como, por exemplo, o da composição para os alunos do sétimo ano: "O imperador Franz Joseph I, patrono das artes e das ciências." Em consequência desta última redação, um dos alunos foi proibido de frequentar todas as escolas de ensino médio do império austro-húngaro: havia escrito que a mais bela ação deste grande monarca fora a construção da ponte do imperador Franz Joseph I em Praga.

Dub sempre tentava fazer com que no dia do aniversário do imperador e em outras ocasiões solenes da monarquia seus alunos cantassem com entusiasmo o hino nacional austríaco. Na sociedade não era muito popular, porque todos sabiam, sem a menor sombra de dúvida, que denunciava seus colegas. Na cidade onde dava aulas, era um dos membros de um triunvirato de grandes imbecis formado por ele, o prefeito do distrito e o diretor do colégio. Neste círculo estreito aprendeu a falar de política dizendo sempre: "Nós, o império austro-húngaro." Também agora começava a exibir sua sabedoria com a voz e o sotaque de um pedagogo arcaico:

— Levando tudo em consideração, o comportamento da Itália não me surpreendeu nem um pouco. Eu esperava que isso acontecesse havia três meses. É claro que, nos últimos tempos, subiu à cabeça dos italianos a vitória sobre os turcos na guerra por Trípoli. Além disso, confiam muito em sua frota e nos sentimentos da população de nosso litoral e do Tirol do sul. Ainda antes da guerra, eu já dizia ao prefeito de nosso distrito que nosso governo não devia menosprezar o movimento irredentista do sul. Ele me deu razão; qualquer pessoa perspicaz a quem interesse que nosso império se mantenha se deu conta há tempos de que se não prestarmos atenção a semelhantes elementos não saberemos aonde iremos parar. Recordo perfeitamente que há um par de anos, na época da guerra dos Bálcãs e do assunto do nosso cônsul Prochaska, em uma conversa com o prefeito do distrito eu dizia que a Itália estava esperando a primeira oportunidade para nos trair e nos atacar. E assim estamos! — gritava como se todos o contestassem, embora os oficiais presentes dissessem para seus botões que quem dera que aquele civil idiota fosse pentear macacos.

"É verdade", continuou em um tom mais moderado, "que na maioria dos casos, até mesmo nas composições escolares, a nossa antiga relação com a Itália foi esquecida, esquecidos aqueles solenes dias dos gloriosos exércitos, tanto os do ano de 1848 como os de 1866, dos quais se fala até hoje nas ordens do dia das brigadas. Mas eu sempre cumpri meu dever e mesmo antes do final do ano letivo, pouco antes de a guerra explodir, pedi aos meus alunos que escrevessem a seguinte composição: 'Nossos heróis na Itália, de Vicenza a Custozza... ou o sangue e a vida pelos Habsburgo. Por uma Áustria íntegra, unida e grande!'", terminou com voz triunfal em alemão o idiota subtenente Dub.

Fez uma pausa e ficou esperando, aparentemente, que todos os presentes começassem a falar da nova situação, para poder demonstrar que já fazia cinco anos que ele pressagiara a conduta da Itália perante seus aliados. Mas ficou decepcionado porque o capitão Ságner, a quem o ordenança Matušič levara da estação a edição vespertina do *Pester Lloyd*, disse, olhando o jornal:

— Caramba, caramba, essa atriz que vimos em Most nad Litavou, a Weiner, se apresentou ontem à noite aqui, no palco do Pequeno Teatro...

E assim terminou a discussão sobre a Itália no vagão do alto-comando...

Da mesma maneira que aqueles que estavam sentados na parte de trás do trem, Matušič, ordenança do batalhão, e Batzer, ordenança do capitão Ságner, falavam da guerra com a Itália do ponto de vista puramente prático: há alguns anos, quando ambos faziam o serviço militar, haviam participado de algumas manobras no sul do Tirol.

— Teremos dificuldade para escalar aquelas montanhas — disse Batzer. — O capitão Ságner tem uma porção de malas. Eu nasci nas montanhas, mas enfiar uma escopeta debaixo do casaco e ir caçar lebres nas terras do príncipe Schwarzenberg é uma coisa muito diferente do que carregar malas.

— Se é que nos enviarão lá para baixo, à Itália. A mim tampouco conseguiria convencer essa história de ficar correndo como um possesso carregando ordens pelas montanhas e geleiras. E a comida lá embaixo! Só polenta e óleo — disse Matušič com tristeza.

— E por que vão nos enviar novamente às montanhas? — disse Batzer em voz alta, cada vez mais irritado. — Nosso regimento já esteve na Sérvia e nos Cárpatos, já arrastei as malas do capitão por todo tipo de montanhas, me perdi duas vezes, uma na Sérvia e a segunda nos Cárpatos, entre uma batalha e outra, e agora talvez isso aconteça pela terceira vez na fronteira com a Itália. E quanto ao rango lá de baixo...

Cuspiu. Sentou-se mais perto de Matušič e lhe disse em tom confidencial:

— Quer saber de uma coisa? Ali, onde vivo, em Kašperské Hory, fazemos uns pequenos knedlíky de farinha de batata crua. Primeiro são fervidos, depois banhados em ovo e farinha de pão e então fritos no toucinho.

Pronunciou a última palavra com uma voz misteriosamente solene.

— E gosto mais quando são acompanhados de chucrute — acrescentou com voz melancólica. — Em comparação a eles, todos os macarrões do mundo podem ir à merda.

Assim acabou naquele lugar a conversa sobre a Itália.

Como já fazia duas horas que o trem estava na estação, nos outros vagões se comentava que provavelmente desviariam o trem e o enviariam para a Itália.

Aconteciam coisas misteriosas que pareciam confirmar essa tese. Os soldados foram obrigados mais uma vez a saírem dos vagões; uma inspeção sanitária entrou com o serviço de desinfecção e jogou desinfetante em todos os vagões, o que criou um clima de descontentamento, sobretudo entre os que transportavam provisões para o exército.

Mas uma ordem é uma ordem. A comissão sanitária recebera a ordem de desinfetar todos os vagões do trem de número 728 e, portanto, aspergiu desinfetante tranquilamente nas sacas de arroz. Notava-se que uma coisa especial estava acontecendo.

Mandaram todo mundo subir nos vagões e meia hora depois mandaram que descessem de novo porque um velho general queria visitar o trem militar. O general era um sujeito tão decrépito que ocorreu imediatamente a Švejk uma maneira de descrevê-lo. Do lugar onde estava, na segunda fila, ouviu-se sua voz dizendo a Vaněk:

— O velho camarada está com um pé na cova.

O velho general, acompanhado pelo capitão Ságner, passava os soldados em revista. Parou diante de um soldado jovem e, querendo infundir entusiasmo às tropas, começou a lhe perguntar as coisas mais variadas: de onde era, quantos anos tinha e se dispunha de relógio. O soldado tinha um; mas, achando que o general lhe daria outro de presente, disse que não tinha nenhum. Nesse momento, o que tinha um pé na cova, com um sorriso bobo que parecia com o do imperador Franz Joseph quando se dirigia ao alcaide de alguma cidade, disse:

— Muito bem, muito bem...

Então honrou o cabo ao lado lhe perguntando se sua mulher estava bem.

— Humildemente, senhor! — gritou o cabo. — Não sou casado!

O general repetiu seu "muito bem, muito bem" com um sorriso bonachão.

Depois, com a ingenuidade infantil típica dos anciãos, pediu ao capitão Ságner que os soldados lhe provassem que sabiam contar de dois em dois. Um instante mais tarde já se ouvia:

— Um, dois, um, dois, um, dois...

Aquilo encantou o general que tinha um pé na cova. Em casa dispunha de dois ordenanças e costumava colocá-los na sua frente para fazê-los contar: um, dois, um, dois...

Na Áustria havia uma porção de generais daquele tipo.

Uma vez passada, felizmente, a revista, durante a qual o general culminou o capitão Ságner de elogios, chegou a notícia de que só sairiam dentro de três horas. De maneira que os soldados ficaram vagando em volta, farejando, pois a estação estava repleta de gente e aqui e ali alguns soldados conseguiam um cigarro.

Era evidente que o entusiasmo que se manifestara na solene saudação aos trens na estação havia minguado notavelmente e, em seu descenso, chegara à mendicidade.

O capitão Ságner recebeu uma delegação da "Associação de Recepção aos Heróis", que consistia de duas senhoras completamente esgotadas. Elas lhe entregaram um presente para o trem de militar, ou seja, vinte caixinhas de balas perfumadas, brindes de propaganda de uma fábrica de confeitos de Budapeste. As caixinhas de pastilhas perfumadas eram metálicas e na tampa estava pintado um soldado húngaro apertando a mão de um militar austríaco; em cima deles, resplandecia a coroa de São Estêvão. Ao redor, havia uma inscrição em alemão e em húngaro: "Pelo imperador, Deus e a pátria."

A fábrica de doces era tão leal que dera precedência ao imperador e não ao Onipotente.

Cada caixinha continha cerca de oitenta balas, de modo que cada três homens deviam receber aproximadamente cinco pastilhas. Além disso, aquelas senhoras esgotadas haviam se preocupado em levar um grande pacote com duas orações escritas pelo arcebispo de Budapeste, Géza de Szatmár-Budafal. Estavam impressas em alemão e húngaro e continham as mais terríveis maldições contra os inimigos. As orações estavam redigidas com tanta paixão que no final só faltava a blasfema expressão húngara: *Baszom a Krisztusmarját!*[69]

Segundo o respeitável arcebispo, o bom Deus deveria fazer aletria e gulache com pimentão vermelho com todos os russos, ingleses, sérvios, franceses e japoneses. O bondoso Deus devia banhar-se no sangue dos inimigos e matar todos como o cruel Herodes fizera com os Santos Inocentes.

Em suas orações, o honorável arcebispo de Budapeste usava frases agradáveis, do tipo: "Que Deus abençoe suas baionetas para que atravessem as profundezas dos ventres inimigos. Que Deus Todo-Poderoso dirija o fogo dos canhões às cabeças dos altos-comandos inimigos. Que Deus misericordioso faça com que todos os inimigos se afoguem no sangue de suas próprias feridas, feridas que vocês abrirão."

Por isso é preciso repetir que a única coisa que faltava àquelas belas orações era: *Baszom a Krisztusmarját!*

Depois de terem distribuído tudo, as senhoras manifestaram ao capitão Ságner seu desejo de presenciar a entrega dos presentes. Uma delas ousou sugerir que, naquela ocasião, gostaria de dirigir um pequeno discurso aos soldados, que só chamava de "nossos valentes uniformes cinza".

As duas ficaram bastante ofendidas quando o capitão Ságner recusou seu pedido. Nesse meio-tempo, suas oferendas foram enviadas ao vagão de provisões. As respeitáveis senhoras passaram no meio das fileiras de soldados e uma delas não

conseguiu reprimir o desejo de passar a mão nas costas de um militar barbudo. Era um tal de Šimek, de České Budějovice, que não sabia nada da nobre missão das senhoras e, quando elas foram embora, disse a seus amigos:

— Como essas putas são atrevidas! Se pelo menos fossem boas de se ver, mas parecem umas cegonhas, não se vê nada além de pernas mirradas, têm pinta de harpias! E olhem, estas velhas vagabundas ainda querem começar alguma coisa com os soldados!

A estação estava muito animada. Os acontecimentos na Itália haviam provocado certo pânico, porque dois comboios de artilharia haviam sido detidos e enviados à Estíria. Também havia um trem cheio de bósnios que, por motivos desconhecidos, há dois dias esperava em um esquecimento e abandono totais. Durante aqueles dias, os bósnios não haviam recebido nada para comer e se viam obrigados a esmolar pão por toda Nova Pest. Em toda a estação não se ouvia nada além da conversa excitada dos bósnios perdidos que gesticulavam animadamente e não paravam de exclamar: "A puta mãe que os pariu!" Depois voltaram a reunir o 91º Batalhão e todos ocuparam seus lugares nos vagões. Assim mesmo, depois de um tempo o ordenança Matušič regressou da comandância da estação com a notícia de que só sairiam dentro de umas três horas. De modo que voltaram a soltar os soldados na estação. Pouco antes da partida do trem, o subtenente Dub entrou no vagão do alto-comando com um ar muito sossegado e pediu ao comandante Ságner que mandasse prender imediatamente Švejk. O subtenente Dub, um dedo-duro famoso no colégio onde havia trabalhado como professor de ginásio, costumava entabular conversa com os soldados para descobrir suas opiniões e ao mesmo tempo lhes dar lições e explicar por que motivo lutavam.

Em sua ronda, havia visto Švejk ao lado de um holofote, atrás do edifício da estação, contemplando com interesse o cartaz de uma loteria beneficente destinada ao exército. O cartaz representava um soldado austríaco que atravessava com a baioneta um surpreso cossaco barbudo encostado em uma parede.

O subtenente Dub palmeou as costas de Švejk e lhe perguntou se gostava do cartaz.

— Humildemente, senhor — respondeu Švejk —, acho que se trata de uma besteira. Já vi muitos cartazes estúpidos, mas nunca tamanha sandice.

— De que você não gosta exatamente? — perguntou o tenente Dub.

— Senhor, eu não gosto da maneira como este soldado trata as armas que lhe confiaram. A baioneta pode se quebrar contra a parede e, além do mais, não é necessário matar o russo, porque ele está com as mãos levantadas, está se rendendo. É um prisioneiro, e os prisioneiros devem ser tratados corretamente porque são pessoas, o que vamos fazer!

O subtenente Dub continuou investigando as opiniões de Švejk. Perguntou:

— Então você está com pena do russo, não é mesmo?

— Estou com pena dos dois, senhor; do russo, porque foi traspassado, e do soldado, porque será levado à prisão. Certamente quebrou a baioneta, porque a parede parece ser de pedra e o aço é mais frágil. Antes da guerra, quando estava fazendo o serviço militar, tínhamos em nossa companhia um subtenente. Nem um velho soldado saberia expressar-se com tantos insultos como ele. No campo de exercícios nos dizia: "Quando digo 'Sentido!' vocês têm que cravar os olhos como um gato quando está

cagando a comida." Mas, a não ser por isso, o velho ordinário era uma doçura de pessoa. Uma vez, no Natal, ficou louco e comprou um carro cheio de cocos para a companhia, e desde aquele dia sei que as baionetas são muito frágeis. A metade da companhia destruiu as baionetas tentando quebrar os cocos e o subtenente mandou todo mundo para a prisão; ficamos três meses sem poder botar o nariz para fora do quartel. O subtenente também ficou em prisão domiciliar...

O subtenente Dub olhou, com enfado, o rosto tranquilo do bom soldado Švejk e perguntou, com raiva:

— Você me conhece?

— Sim, senhor subtenente, conheço.

Os olhos do subtenente saltaram das órbitas. Gritou:

— Eu lhe digo que ainda não me conhece!

Švejk lhe respondeu com sua costumeira calma impertérrita, como se recitasse um informe:

— Conheço-o, sim, senhor. Humildemente, o senhor faz parte do nosso batalhão.

— Ainda não me conhece! — voltou a gritar o subtenente Dub. — Talvez só conheça meu lado bom, mas verá quando conhecer meu lado mau! Sou cruel, não se iluda, faço todo mundo chorar. Então, me conhece ou não me conhece?

— Conheço, senhor.

— Vou lhe dizer pela última vez que não me conhece, seu burro! Você tem irmãos?

— Humildemente, senhor, tenho um.

Ao ver que o rosto ingênuo de Švejk continuava tranquilo, o subtenente subiu pelas paredes.

— Seu irmão deve ser um bestalhão como você, não tenho a menor dúvida. O que fazia antes da guerra?

— Era professor, senhor. Também esteve no exército e foi aprovado no exame de aspirante a oficial.

O subtenente Dub olhava para Švejk como se quisesse traspassá-lo. Švejk sustentou seu olhar com calma e dignidade e a conversa entre ambos terminou com a palavra "retire-se!".

E cada um seguiu seu caminho pensando em suas coisas.

O subtenente Dub disse a si mesmo que pediria ao capitão que mandasse prender Švejk; este, por sua vez, pensava que já havia visto muitos oficiais estúpidos mas, mesmo assim, o subtenente Dub era um caso especial no regimento.

O subtenente Dub, que justo naquele dia havia se proposto a educar os soldados, encontrou novas vítimas atrás da estação: dois soldados do regimento que pertenciam a outra companhia. Arranhando o alemão, estavam negociando com duas das prostitutas que circulavam às dúzias pelos arredores da estação.

De longe, Švejk distinguiu claramente a voz áspera do subtenente.

— Vocês me conhecem...? Pois eu lhes digo que não me conhecem...! Mas quando me conhecerem...! Talvez só meu lado bom...! Já verão quando conhecerem meu lado mau...! Eu os farei chorar, burros...! Vocês têm irmãos...? Devem ser imbecis como vocês...? O que faziam antes da guerra...? Na intendência? Bem, bem... Lembrem que são

soldados... Vocês são tchecos...? Então sabem que Palacký disse que se a Áustria não tivesse existido teríamos que criá-la... Retirem-se...!

No entanto, a ronda do subtenente Dub não teve resultados positivos. Parou mais três grupos de soldados, mas suas veleidades pedagógicas de "fazer chorar" fracassaram por completo. O material humano que enviavam ao front era de tal qualidade que o subtenente Dub podia ler nos olhos de cada indivíduo todas as coisas desagradáveis que deviam pensar a seu respeito. Estava ferido em seu amor-próprio e o resultado disso foi que, antes de o trem partir, pediu ao capitão Ságner que prendesse Švejk. Para justificar a necessidade de isolar o bom soldado Švejk, evocou seu comportamento desavergonhado e sem mesura e qualificou de "observações sarcásticas" as francas respostas do soldado. Segundo ele, se as coisas continuassem daquela maneira, o corpo de oficiais perderia toda sua dignidade aos olhos da tropa, e nenhum dos presentes podia duvidar disso. Antes da guerra, ele mesmo dissera ao prefeito do distrito que os superiores deviam manter certa autoridade perante seus subalternos. O prefeito do distrito concordara. Especialmente durante a guerra, quanto mais se aproximavam do inimigo, mais necessário era manter os soldados aterrorizados. Por isso reclamava sanções disciplinares contra Švejk.

Na qualidade de oficial da ativa, o capitão Ságner odiava todos aqueles oficiais de reserva que na vida civil haviam desempenhado ofícios diversos. Fez notar ao subtenente Dub, pois, que aquele tipo de denúncias podia ser apresentado unicamente em forma de informe e não de qualquer maneira, como quando um lojista regateia o preço das batatas. No que dizia respeito a Švejk, a primeira instância a que estava submetido era o tenente Lukáš, e um assunto como aquele tramitava unicamente mediante um informe. O trabalho de trasladar o assunto ao batalhão era responsabilidade da companhia, e disso o subtenente estava sem dúvida inteirado. Se Švejk cometera alguma falta, o levaria ao conselho de guerra da companhia e, caso apelasse, ao do batalhão. Mesmo assim, se o tenente Lukáš considerasse a história do subtenente Dub como uma acusação oficial e achasse oportuno convocar e interrogar Švejk, ele, o capitão Ságner, não se oporia.

O tenente Lukáš não fez nenhuma objeção, só observou que ele mesmo sabia que o irmão de Švejk era, efetivamente, professor e oficial da reserva.

O subtenente Dub hesitou ao afirmar que só havia reclamado um castigo disciplinar e admitiu que talvez Švejk não soubesse se expressar muito bem e por isso suas respostas davam a impressão de impertinência, de malícia ou de falta de respeito aos superiores. Ademais, julgando sua aparência geral, era evidente que Švejk era uma pessoa curta das ideias.

E assim a tormenta passou sem que nenhum trovão tivesse caído na cabeça de Švejk.

No vagão reservado ao escritório e ao armazém do batalhão, o intendente Bautanzel ofereceu a cada um dos secretários uma pilha de balas perfumadas das caixinhas destinadas a todo o batalhão. Era um fenômeno habitual: tudo o que era destinado à tropa era manipulado no escritório da mesma maneira que aquelas desventuradas balas.

Durante a guerra, esse procedimento era muito comum. Quando havia uma inspeção e ficava demonstrado que nada fora roubado, todos os intendentes passavam a ser suspeitos de estourar o orçamento e de cometer todo tipo de fraude para deixar as

coisas em ordem. Por isso, enquanto todos se enchiam de balas para poder aproveitar pelo menos aquela porcaria, já que não havia nenhuma outra coisa para roubar da tropa, Bautanzel discursava sobre as penosas condições em que se desenvolvia aquela viagem:

— Eu estive no front com dois batalhões de infantaria, mas nunca fiz uma viagem tão difícil como esta. Meu Deus, quando penso naquelas montanhas de provisões que tínhamos quando chegamos em Prešov! Escondi dez mil cigarros Memfis, duas bolas de queijo emental, trezentas latas de conserva e depois, quando fomos às trincheiras de Bardějov e os russos cortaram a comunicação entre Mušina e Prešov, fiz negócios fabulosos. Entreguei uma décima parte para o batalhão como se tivesse economizado e o resto vendi à intendência. Tínhamos conosco um tal de major Sojka, um gozador como há poucos. Era herói e preferia ficar na intendência conosco porque lá em cima se ouviam balas silvando e projéteis explodindo. Sempre vinha nos ver com o pretexto de que precisava checar se estavam cozinhando direito para os homens do batalhão. Habitualmente descia para nos ver quando chegavam notícias de que os russos estavam preparando alguma coisa: naquelas situações todo seu corpo tremia, tinha que tomar alguns goles de rum na cozinha e só depois inspecionava todas as cozinhas de campanha instaladas ao redor do trem, já que não era possível subir às trincheiras e tinha que se levar a comida à noite. Na situação em que então estávamos, de cozinha de oficiais nem falar. Os alemães do Reich haviam ocupado o único caminho que nos conectava com a retaguarda, ficavam com a melhor comida e a devoraram, de maneira que para a gente não sobrava nada. Durante todo aquele tempo não havia conseguido guardar para a gente, os do escritório, nada além de um pequeno porco que mandamos defumar e, para que o comandante Sojka não ficasse sabendo, o escondemos a uma hora de distância, na artilharia, onde eu tinha um amigo que era técnico em explosivos. O caso é que aquele major, quando vinha nos ver, sempre ficava provando a sopa da cozinha. É que não podíamos cozinhar muita carne, só se conseguíssemos um porco ou uma vaca magra em alguma das aldeias vizinhas. Além do mais, os prussianos concorriam com a gente e pagavam o dobro pelo gado. Durante todo o tempo que ficamos perto de Bardějov, só economizei pouco mais de mil e duzentas coroas comprando gado; na maioria das vezes, em lugar de dinheiro nos davam vales com o selo do batalhão, sobretudo no final, quando se sabia que os russos estavam a leste de Radvan e a oeste de Podolin. O pior de tudo é fazer negócios com um povo que não sabe nem ler nem escrever e, em vez de assinar, desenha três cruzes. Nossa intendência conhecia perfeitamente esse fato, de maneira que, quando lhe pedia dinheiro, depois não podia apresentar recibos forjados para provar que haviam recebido. Isso só se pode fazer com um povo mais instruído, que saiba assinar. Além disso, como já disse, os prussianos pagavam mais do que a gente e à vista, e por isso, em todos os lugares aonde íamos, nos olhavam como se fôssemos ladrões e, como se isso não bastasse, a intendência deu uma ordem para que os recibos com cruzinhas passassem pelo controle dos contadores de campanha. E pessoas como estas havia aos montões. Um dia veio um, comeu e bebeu tudo o que tinha vontade e no dia seguinte foi nos denunciar. O lince do major Sojka, que enfiava o nariz em todas as cozinhas, uma vez, acredite em mim, tirou do cozido toda a carne destinada à 4ª Companhia. Começou pegando uma cabeça de porco e disse que não estava suficientemente cozida, de modo que voltou a colocá-la na panela para que cozinhasse um pouco mais. A verdade é que naquele dia havia pouca carne: haviam recebido, para toda a

companhia, umas doze rações das de antes, mas ele comeu tudo; depois provou a sopa e armou um alvoroço, gritando que parecia água; indignava-o que pudesse existir sopa de carne sem carne, ordenou que acrescentassem farinha tostada com manteiga e puxou os últimos macarrões que eu havia guardado. Mas isso não me deu tanta pena como o fato de ter usado a farinha tostada com dois quilos de manteiga que eu havia guardado quando a cozinha dos oficiais ainda estava funcionando. Estava em uma prateleira em cima do catre. Ele me perguntou aos gritos que porra era aquela. Eu lhe respondi que, segundo o orçamento para a alimentação dos soldados, cabiam quinze gramas de gordura para cada soldado, e, como as provisões de manteiga não eram suficientes, ficavam ali até que fosse possível dar a cada soldado o que lhe correspondia. O major Sojka se irritou de verdade e gritou que eu certamente esperava que os russos chegassem e levassem nossos últimos quilos de manteiga, que não devíamos esperar nada, que a manteiga devia ser colocada na sopa se a sopa fora feita sem carne. Desta maneira perdi todas as provisões e, acredite em mim, sempre que o major vinha, me dava azar. Havia desenvolvido tanto o olfato que imediatamente farejava todas as minhas provisões. Uma vez, eu ficara com um pouco de fígado de vitela que não havia dado à tropa e, quando estava prestes a começar a refogá-lo, o intrometido meteu a mão debaixo do catre e o encontrou. Respondi aos seus gritos que o fígado era destinado a ser enterrado, que pela manhã um ferreiro da artilharia, que fizera um curso para veterinários, constatara que estava em mau estado. O major pegou um rapaz do trem e os dois foram às rochas preparar o fígado em uma panela. Essa foi sua perdição, porque os russos viram a fogueira e lançaram sobre ele e a panela um dezoito milímetros. Então fomos ver o que tinha acontecido e uma vez ali não conseguimos distinguir o que era fígado de vitela e o que era major; estava tudo espalhado pelas rochas.

***

Depois chegou a notícia de que só partiriam em quatro horas porque a rota até Hatvan estava bloqueada pelos trens que transportavam feridos. Além disso, corria pela estação o boato de que em Eger um trem com enfermos havia se chocado com um comboio da artilharia. Diziam que haviam saído de Budapeste três trens de socorro.

A imaginação de todo o batalhão começou a funcionar imediatamente. Falava-se de duzentos mortos e feridos e se dizia que a colisão fora premeditada, com objetivo de ocultar os desvios da comida destinada aos enfermos.

Isso motivou uma dura crítica à precária alimentação dos soldados e aos roubos nos escritórios e armazéns.

A maioria dos soldados dizia que Bautanzel, o intendente do batalhão, dividia tudo meio a meio com os oficiais.

No vagão do alto-comando, o capitão Ságner informou que, de acordo com o programa, já deveriam ter chegado à fronteira da Galícia, que em Eger deveriam receber pão e conservas para três dias, que até lá faltavam ainda dez horas de viagem, mas que havia tantos trens cheios de feridos na ofensiva de Lvov que, segundo o telegrama, não restava nem uma barra de pão e nem uma lata de conserva. Recebera a ordem de dar

a cada homem, em nove dias, no lugar do pão e das conservas, seis coroas e setenta e dois cêntimos a título de soldo, se até lá recebesse dinheiro da brigada. Em caixa só restavam pouco mais de doze mil coroas.

— É uma sacanagem do regimento — dizia o tenente Lukáš — enviar-nos ao mundo em condições tão miseráveis!

O alferes Wolf e o tenente Kolář se disseram alguma coisa no ouvido. Segundo Wolf, ao longo das últimas três semanas o coronel Schröder enviara dezesseis mil coroas à conta que mantinha no Banco de Viena.

Então o tenente Kolář explicou como se economizava. Você rouba seis mil coroas do regimento, enfia-as no próprio bolso e, com uma lógica rigorosa, ordena a todas as cozinhas que reduzam a ração de ervilha em três gramas por cada homem. Em um mês, isso significava noventa gramas por pessoa, e em cada uma das cozinhas da companhia teriam sido economizados, pelo menos, dezesseis quilos de ervilha. O cozinheiro tinha que se virar com o que restava.

O tenente Kolář e Wolf relatavam apenas alguns casos concretos que haviam observado.

Mas exemplos semelhantes abundavam na administração militar. A coisa começava com o sargento-mor intendente de alguma companhia infeliz e terminava com o rato com dragonas de general que armazenava provisões para o inverno do pós-guerra.

A guerra exigia coragem até quando se tratava de roubar.

Os intendentes trocavam olhares afetuosos como se quisessem dizer: "Temos a mesma alma e o mesmo corpo. Roubamos, companheiro, fraudamos, irmãozinho, mas o que podemos fazer? Não se pode nadar contra a corrente. Se você não roubar, outro o fará, e ainda dirão que você não está roubando porque já acumulou o suficiente."

Um senhor com galões vermelhos e dourados entrou no vagão. Era mais um daqueles generais que percorriam todas as rotas ferroviárias fazendo inspeções.

— Sentem-se, senhores — disse, saudando amavelmente, feliz por ter surpreendido mais uma vez um comboio que não esperava encontrar naquele lugar.

Quando o capitão Ságner quis lhe apresentar o informe, o general fez um gesto de menosprezo.

— Seu comboio não está em ordem. Seu comboio não dorme. Está na hora de seu comboio dormir. Quando estão na estação, os comboios devem ir dormir às nove, como nos quartéis.

O general falava laconicamente, em alemão.

— Antes das nove, os soldados têm que ir às latrinas atrás da estação e depois dormir. Caso contrário, sujarão os trilhos. Entendido, capitão? Repita. Ou não, não repita e faça o que lhe digo: tocar o alarme, enviar os soldados às latrinas, tocar o clarim e dormir. E checar se todo mundo está dormindo. E a quem não estiver, castigo! Me explico? O jantar deve ser distribuído às seis.

Falava de algo que ficara no passado, que não existia há muito tempo, que se evaporara atrás de alguma esquina. Estava ali em pé como se fosse um fantasma do reino da quarta dimensão.

— Repartir o jantar às seis — continuava olhando o relógio, que marcava onze e dez da noite. — Às oito e meia, alarme, às latrinas cagar, depois dormir. Para o jantar, às seis, gulache com batatas em lugar de cento e cinquenta gramas de queijo emental.

Depois foi dada a ordem de prontidão. O capitão Ságner acionou de novo o alarme. O general inspetor, olhando o batalhão desanimado, caminhava com os oficiais e não parava de falar, como se estivesse se dirigindo a um grupo de imbecis que não entendiam o que estava dizendo. Então apontou os ponteiros do relógio.

— Muito bem. Agora, ouçam! Cagar às oito e meia, e meia hora depois, dormir. Isso é mais do que suficiente. Em épocas de transição as fezes ficam mais líquidas. Mas dou especial importância ao sono: fortalece os soldados para as marchas; enquanto estiverem no trem, devem descansar. Se não houver espaço suficiente nos vagões, devem dormir por turnos. Um terço se deita confortavelmente e dorme das nove à meia-noite; os outros ficam em pé, observando-os. Depois, os que dormiram dão lugar ao segundo terço, que dorme da meia-noite às três. O último terço dorme das três às seis. Então toca a alvorada e todos vão se lavar. Durante a viagem, é proibido pu-lar-do-trem! Providenciar patrulhas para que os soldados não-pulem-do-trem! Quando o inimigo quebra a perna de um soldado — disse golpeando a própria perna —, é uma coisa louvável; no entanto, machucar-se pulando do vagão em movimento merece castigo. Então é este o seu batalhão? — perguntou ao capitão Ságner, observando as figuras sonolentas dos soldados, muitos dos quais não conseguiam se aguentar e bocejavam no ar fresco da noite. — Senhor capitão, isto é um batalhão de bocejadores. A tropa deve dormir às nove.

O general plantou-se diante da 11ª Companhia; no flanco esquerdo, Švejk bocejava com a boca aberta de par em par, cobrindo-a educadamente com a mão; no entanto, por baixo da mão se ouviu tal mugido que o tenente Lukáš tremeu de medo ao pensar que aquele som chamaria a atenção do general. Disse a si mesmo que Švejk bocejava de propósito.

E, como se conhecesse aquilo, o general se voltou para Švejk e disse, em alemão.

— Tcheco ou alemão?

— Tcheco, humildemente, senhor.

— Bem — disse o general, que era polonês e sabia um pouco de tcheco —, você mugiu como uma vaca. Pare de barulho e cale! Tu ir o latrino?

— Humildemente, não fui, senhor.

— Por que não cagar com outros soldados?

— Humildemente, senhor, não fui com os soldados porque nas manobras perto de Písek o coronel Wachtl nos dizia que os soldados não devem passar o dia pensando em privada, e que um soldado só deve pensar em lutar. Além disso, senhor, o que faríamos na latrina? Não há nada para deixar lá. Segundo o roteiro, já deveriam ter nos entregado o jantar algumas estações atrás, e não recebemos nada. Com o estômago vazio é inútil ir à latrina: de onde não há, nada se tira.

Depois de ter explicado a situação com sete palavras simples, Švejk ficou olhando para o general com tanta confiança que este sentiu vontade de ajudar toda aquela gente. Posto que havia uma ordem de ir às latrinas, era preciso também adicionar a esta ordem uma substância interna.

— Envie todos de novo aos vagões — disse o general ao capitão Ságner. — Como é possível que não tenham recebido nada para jantar? Todos os comboios que passam por aqui têm que jantar. Esta é uma estação de abastecimento. É indispensável. Isto faz parte de um plano.

O general dizia aquilo com férrea determinação; isso significava que, como já eram onze da noite e o jantar devia ter sido servido às seis, não havia outro remédio senão deixar o trem estacionado durante toda a noite e todo o dia, até às seis da tarde, para que os homens recebessem gulache com batatas.

— Não há nada pior do que esquecer a comida dos soldados que estão indo para a guerra — disse, com expressão grave. — Minha obrigação é ver o que acontece no escritório do comando da estação, porque às vezes a culpa é dos próprios comandantes dos comboios, senhores. Ao inspecionar a estação de Subotiště, na linha férrea do sul da Bósnia, descobri que seis comboios não haviam recebido o jantar porque os comandantes se esqueceram de pedi-lo. Naquela estação, cozinharam seis vezes gulache com batatas sem que ninguém tivesse pedido. Jogaram tudo fora. A quantidade era tal que parecia um cemitério de gulache e batatas, senhores. E três estações depois, os soldados que, sem saber, haviam passado ao longo das montanhas de gulache em Subotiště, estavam pedindo um pedaço de pão na gare. Aqui, como estão vendo, não foi culpa da administração militar.

Fez um gesto impaciente com a mão.

— Os comandantes do comboio não cumpriram seu dever. Vamos ao escritório.

Seguiram-no se perguntando por que todos os generais haviam enlouquecido.

No escritório do comando se constatou que ninguém sabia nada do gulache. Era verdade que havia sido dada a ordem de prepará-lo para todos os comboios que passavam por ali, mas depois havia chegado a ordem de descontar da contabilidade interna 72 cêntimos por cabeça, que a intendência lhes entregaria com o próximo pagamento. No que dizia respeito ao pão, cada soldado receberia meia bisnaga na estação de Watian.

O comandante do centro de abastecimento não se intimidou. Disse ao general, sem rodeios, que as ordens mudavam a cada hora, que, habitualmente, preparavam comida para todos os comboios, mas que se chegasse um trem-hospital com ordens superiores não havia nada a fazer: o comboio se via diante do problema dos caldeirões vazios.

O general balançou a cabeça em um gesto de aprovação e observou que, decididamente, as condições estavam melhorando e que no começo da guerra tudo era muito pior. Nada sai de primeira, era preciso acumular experiência, práxis. Na verdade, a teoria freava a prática. Quanto mais durasse a guerra, tanto mais as coisas funcionariam.

— Posso dar um exemplo prático — disse o general, entusiasmado por ter descoberto uma coisa nova. — Há dois dias, os comboios que passaram pela estação de Hatvan não receberam pão; no entanto, vocês receberão sua ração amanhã. E agora vamos ao restaurante da estação.

No restaurante, o general não parou de falar das latrinas, observando que era muito feio ver aquela espécie de chouriços por toda parte nas vias férreas. Enquanto dizia isso, comia um bife, e todos tinham a impressão de que ele estava mastigando um cacto.

O general insistia tanto nas latrinas que parecia que a vitória da monarquia dependia delas.

A respeito das notícias da Itália, declarou que a indiscutível superioridade da campanha italiana repousava precisamente nas latrinas.

A vitória da Áustria estava nas latrinas.

Para o senhor general tudo era simples. O caminho para a glória bélica repousava nesta receita: "Às seis os soldados recebem gulache com batatas, às oito e meia fazem cocô nas latrinas e às nove se retiram para dormir. Diante de um exército como este, o inimigo foge assustado."

De repente, o general se interrompeu, acendeu um cigarro e ficou observando o teto em silêncio, querendo descobrir de que outra maneira poderia orientar os oficiais do comboio.

— Seu batalhão tem um fundo bom — disse de repente, quando todo mundo esperava que continuasse contemplando o teto em silêncio —, está em perfeita ordem. A franqueza e a atitude militar daquele homem com quem falei me deixam com ótimas esperanças em relação a todo o batalhão. Tenho certeza de que seus homens lutarão até derramar a última gota de sangue.

Calou-se e, apoiando-se no respaldo da cadeira, voltou a observar o teto. Depois retomou o discurso sem mudar de postura, enquanto o subtenente Dub, obedecendo aos impulsos de sua alma servil, observava o teto com ele.

— Por outro lado, as ações do seu batalhão não deveriam cair no esquecimento. Os batalhões de sua brigada já têm uma história própria e vocês precisam dar continuidade a isso. O que está faltando aqui é uma pessoa que faça um registro exato, que escreva a história do batalhão. Este homem deve ter acesso a todas as informações a respeito de cada uma das companhias. É necessário que seja uma pessoa inteligente, não um palerma ou um mentecapto. Prezado capitão, o senhor deve nomear um historiador para o seu batalhão.

Em seguida, o general olhou para o relógio de parede, cujos ponteiros recordavam ao grupo sonolento que chegara a hora de ir embora.

O trem de inspeção do general estava nos trilhos, e este pediu ao oficial que o acompanhasse ao vagão-dormitório.

O comandante da estação suspirou. O general não se lembrara de pagar seu bife e a garrafa de vinho que bebera e por isso teria que enfiar a mão de novo no próprio bolso. Todos os dias recebia algumas visitas desse tipo. Elas já haviam lhe custado dois vagões carregados de forragem que deixara em uma via abandonada e depois vendera à casa Löwenstein, que fornecia forragem para o exército como quem vende milho no pé. O exército comprara os dois vagões de volta, mas, por precaução, ele os deixara no mesmo lugar. Talvez fosse obrigado a vendê-los pela segunda vez à casa Löwenstein.

Por isso, todos os inspetores do exército que passavam pela estação central de Pest diziam que o comandante sempre oferecia boa comida e bom vinho.

De manhã, o comboio continuava na estação. Tocou a alvorada. Os soldados se lavaram na bomba, usando latas. O general ainda não havia partido, e por isso aproveitou para examinar pessoalmente os banheiros. Todo o batalhão estava ali, seguindo a ordem do dia do capitão Ságner, *Schwarmuweise unter Kommando der Schwarmcommandanten*,[70] para que o general ficasse feliz. E para que o subtenente

Dub também ficasse feliz, o capitão Ságner lhe comunicou que naquele dia caberia a ele fazer a inspeção.

De maneira que o subtenente Dub supervisionava os banheiros. Nos dois corredores do longo banheiro cabiam dois pelotões de uma companhia.

Os soldados estavam agachados um ao lado do outro, como as andorinhas nos fios telegráficos quando se preparam para voar à África no outono.

Seus joelhos despontavam das calças arriadas e todos tinham colocado o cinto em volta do pescoço, como se estivessem esperando uma ordem para se enforcar. A postura dos soldados era uma demonstração da férrea disciplina militar e da excelente organização do exército.

No lado esquerdo estava Švejk, que fora parar ali por acaso e lia com interesse um pedaço de papel rasgado, arrancado de quem sabe qual romance de Růžena Jesenská:71

...quela pensão desgraçadamente as sen
idade definida, certamente mais av
a maioria se trancou nas h
n as refeições em seus quartos,
a diversas distrações. E se diziam
nava um homem sozinho e só a tristez
melhorava mas não queria tão rapidame
der, tal como teriam gostado se pu
ou não significava nada em absoluto para aquele jovem...

Quando levantou os olhos do papel, olhou automaticamente para a porta de saída do banheiro e ficou surpreso: ali estava o general da véspera, com toda sua pompa, acompanhado pelo seu ordenança e pelo subtenente Dub, que lhe dizia alguma coisa com veemência.

Švejk olhou em volta. Todos continuavam agachados tranquilamente nas privadas; apenas os oficiais pareciam petrificados.

Švejk percebeu a gravidade da situação.

Do jeito que estava, com as calças arriadas e o cinto em volta do pescoço, embora no último momento tenha usado o pedaço de papel, pulou e gritou:

— Em pé! Sentido! Olhar à direita!

E bateu continência.

Dois pelotões com as calças abaixadas e o cinto no pescoço se levantaram da latrina.

O general sorriu amavelmente e disse:

— Descansar! Prosseguir!

O cabo Málek foi o primeiro a dar um exemplo ao seu pelotão voltando à posição original. Švejk foi o único a continuar em pé, batendo continência: por um lado o subtenente Dub se aproximava dele com ar ameaçador e, pelo outro, o general de brigada, com um sorriso.

— Ontem à noite já havia prestado atenção em você — disse o general de brigada diante da postura estranha de Švejk.

Então o subtenente Dub se aproximou, realmente indignado, e disse ao general de brigada, em alemão:

— Humildemente, senhor, este homem é um bobalhão; é um idiota reconhecido, um deficiente mental declarado.

— O que está dizendo, senhor?! — gritou o general para o subtenente Dub, e lhe disse aos gritos que era exatamente o contrário.

Aquele era um homem que sabia o que devia ser feito quando via um superior, enquanto os oficiais fingiam não vê-lo e não lhe davam a menor atenção. A mesma coisa acontecia, segundo ele, no campo de batalha: em tempos de perigo, é um simples soldado quem assume o comando. Era precisamente ele, o subtenente Dub, quem deveria ter dado a ordem que aquele soldado havia dado: "Em pé! Sentido! Olhar à direita!"

— Você limpou a bunda? — perguntou o general de brigada a Švejk.

— Humildemente, senhor, está tudo em ordem.

— Cagou bastante?

— Humildemente, senhor, já acabei.

— Então ajeite as calças e fique em posição de sentido.

Como o general de brigada disse a palavra "sentido" em uma voz um pouco alta, os soldados que estavam sentados por perto começaram a se levantar das latrinas.

Mas o general de brigada lhes dirigiu um gesto amistoso e disse em tom paternal:

— Não, não é necessário; continuem.

Švejk estava plantado com toda a pompa diante do general e este lhe dirigiu um breve discurso em alemão:

— O respeito aos superiores, o conhecimento do regulamento e a presença de espírito são os bens mais preciosos do exército. E se a tudo isto se acrescenta a coragem, não há inimigo a temer.

E depois se dirigiu ao subtenente Dub, enquanto enfiava um dedo na barriga de Švejk.

— Tome nota: quando chegarem ao front, devem dar imediatamente a este homem um cargo superior e, na primeira oportunidade, indicá-lo para receber a medalha de bronze por bom cumprimento de seus deveres e por seus conhecimentos... Você sabe o que estou querendo dizer. Retire-se!

O general se afastou do banheiro enquanto o subtenente dava as seguintes ordens em voz suficientemente alta para que o general o ouvisse:

— Primeiro pelotão, em pé! Em fila dupla! Segundo pelotão...!

Entretanto, Švejk saiu e, quando passou ao lado do subtenente Dub, voltou a bater continência, mas Dub não conseguiu evitar de lhe ordenar:

— De novo!

Švejk se viu obrigado a bater continência de novo, e enquanto o fazia ouvia a voz de Dub:

— Você me conhece? Não me conhece! Você conhece meu lado bom, mas quando conhecer o mau verá como se chora!

Por fim, Švejk se dirigiu ao seu vagão, pensando: "Uma vez, quando ainda estava no quartel de Karlín, havia um subtenente, um tal de Chudavý, que dizia a mesma coisa, só que de uma maneira um pouco diferente: 'Rapazes, quando me virem, recordem

que sou um infeliz e que continuarei sendo infeliz enquanto estiverem na minha companhia!'"

Švejk estava passando ao lado do vagão do alto-comando quando o tenente Lukáš o chamou para lhe dizer que falasse a Baloun de sua parte que se apressasse com o café, e que deixasse a lata de leite condensado bem fechada para que não estragasse.

Baloun estava no vagão do intendente Vaněk e preparava o café do tenente Lukáš. Ao lhe dar o recado, Švejk se deu conta de que durante sua ausência todo o vagão começara a beber café.

As latas de leite e de café estavam meio vazias e Baloun, bebendo aos golinhos, remexia na lata de leite para melhorar o gosto do seu café.

Jurajda, o cozinheiro ocultista, e o intendente Vaněk se asseguravam mutuamente que quando chegassem latas de leite e de café devolveriam ao tenente Lukáš o que haviam pegado.

Também ofereceram a Švejk um xícara de café, mas ele a recusou e disse a Baloun:

— Acaba de chegar uma ordem do estado-maior do exército, segundo a qual um ordenança que rouba de seu oficial uma lata de café ou de leite deve ser enforcado em vinte e quatro horas. O tenente me encarregou de lhe dizer isso e também que lhe leve o café agora mesmo.

Assustado, Baloun arrancou das mãos do telefonista Chodounský o café que acabara de lhe servir, esquentou-o um pouco mais e correu até o vagão onde estava o alto-comando.

Com os olhos arregalados, entregou o café ao tenente Lukáš, e quando o fazia teve a impressão de que o tenente lia em seus olhos o que fizera com as latas.

— Me atrasei — balbuciou —, porque tive dificuldade de abrir as latas.

— Tenho certeza de que você se serviu de uma boa ração de leite condensado, hem? — perguntou o tenente Lukáš, tomando goles de café. — Ou então você o comeu a colheradas como se fosse uma sopa. Sabe o que o espera?

Baloun se lamentou, suspirando:

— Tenho três filhos, senhor, humildemente.

— Tenha cuidado, Baloun, e vou adverti-lo mais uma vez: não seja tão guloso. Švejk não lhe disse nada?

— Poderiam me enforcar no prazo de vinte e quatro horas — respondeu Baloun com tristeza, balançando o corpo nervosamente.

— Não se balance assim, estúpido — disse o tenente sem conseguir reprimir um sorriso —, e tente melhorar. Afaste a gula da cabeça e diga a Švejk que procure alguma coisa boa para eu comer, aqui na estação ou nas proximidades. Entregue-lhe estas dez coroas. Não vou mandar você; só fará este tipo de tarefa quando tiver se fartado até arrebentar. Você não comeu minha lata de sardinhas? Tem certeza? Traga-a e me mostre!

Baloun disse a Švejk que o tenente havia lhe enviado dez coroas com a missão de procurar alguma coisa boa para comer. Com um suspiro, tirou da maleta do tenente a lata de sardinhas e levou-a, angustiado.

O pobre desejara que o tenente tivesse se esquecido da lata, mas suas esperanças haviam sido vãs. Agora, certamente a guardaria em seu vagão e Baloun não a

veria nunca mais. Sentia-se como se lhe tivessem roubado alguma coisa.

— Humildemente, senhor, aqui está a sua lata de sardinhas — disse com amargura, entregando-a a seu proprietário. — Quer que a abra?

— Está bem, Baloun. Não abra nada, devolva-a a seu lugar. Só queria checar se você tinha enfiado o nariz. Quando me trouxe o café, achei que estava com a boca cheia de gordura, sei lá, de azeite. E Švejk, já saiu?

— Humildemente, senhor, assim é — respondeu Baloun mais animado. — Disse que o tenente ficaria satisfeito e que todo mundo o invejaria. Saiu da estação para ir sabe Deus aonde; disse que conhecia toda a região até Rákospalota e que se, por acaso, o trem partisse sem ele, se dirigiria ao pelotão motorizado e nos procuraria na próxima estação. Não precisamos sofrer por ele. Sabe qual é sua obrigação e a cumprirá mesmo que tenha que pegar uma carruagem e seguir nosso comboio até a Galícia. Isso poderá ser descontado do seu soldo. Não deve temer por ele de nenhuma maneira, senhor.

— Fora! — disse o tenente Lukáš com tristeza.

Do escritório do comando chegou a notícia de que sairiam às duas da tarde em direção a Gödölö-Aszód e que, na estação, pegariam dois litros de vinho tinto e uma garrafa de conhaque para cada oficial. Disseram que se tratava de uma remessa da Cruz Vermelha que se extraviara. De qualquer maneira, as bebidas eram como sonho coberto de mel e o vagão do alto-comando se animou. O conhaque era de três estrelas e o vinho, da excelente marca Gumpoldskirchen.

O tenente Lukáš era o único que parecia preocupado. Já se passara uma hora e Švejk ainda não havia voltado. Depois de meia hora se aproximou do vagão do alto-comando uma estranha procissão que saíra do escritório do comandante da estação.

Era encabeçada por Švejk, solene e grave, como os primeiros mártires cristãos quando entravam na arena.

À esquerda e à direita do bom soldado avançavam dois soldados húngaros com baionetas caladas. Mais à esquerda caminhava um sargento da comandância da estação e, atrás deles, uma mulher com uma saia vermelha rodada e um homem com botas altas de camponês húngaro e um chapéu redondo. O olho do homem estava roxo e carregava uma galinha viva que cacarejava, assustada.

Todos subiram no vagão do alto-comando, mas o sargento disse em húngaro ao homem da galinha e à mulher que esperassem na gare.

Švejk olhou para o tenente Lukáš e começou a piscar significativamente.

O sargento pediu para falar com o comandante da 11ª Companhia. O tenente Lukáš recebeu de suas mãos um bilhete da comandância da estação. Leu a mensagem e ficou pálido.

Ao chefe da 11ª Companhia N do 91º Regimento de Infantaria.

Encaminha-se o soldado de infantaria Josef Švejk, que, segundo sua declaração, é ordenança da citada companhia N do 91º Regimento de Infantaria, por ter cometido o delito de saque contra o casal István na aldeia de Isatarcsa, na zona da comandância da estação.

Motivos: *O soldado de infantaria Josef Švejk apoderou-se de uma galinha que corria pela parte traseira da casa dos István em Isatarcsa, na zona de comandância da estação, que pertence ao casal István (no original*

haviam criado um esplêndido neologismo alemão "Istvangatten"), e depois de ter sido impedido pelo proprietário do qual queria tirar a galinha, lhe propinou um golpe com dito animal no olho direito; foi detido pela patrulha e conduzido ao seu regimento, enquanto se devolvia a galinha a seu proprietário.

Assina o oficial de dia

Quando assinou o recibo da chegada de Švejk, os joelhos do tenente Lukáš tremiam.

Švejk estava tão perto que viu que o tenente Lukáš esquecera de escrever a data.

— Humildemente, senhor, hoje é 24 de maio. Ontem foi 23, o dia em que a Itália nos declarou guerra. Agora, enquanto estava fora, vi que não se fala de outra coisa.

Os soldados húngaros e o sargento foram embora e na gare só ficou o casal István, que queria subir no vagão.

— Se o senhor tivesse pelo menos cinco florins, prezado tenente, então poderíamos comprar a galinha. O pilantra está me pedindo quinze florins, dos quais dez por seu olho roxo — disse Švejk com o tom que uma pessoa adota quando conta uma história divertida. — Eu acho que pagar dez é muito por uma bobagem como um olho. Um dia, na taverna U Starý Paní, por vinte florins fizeram saltar a mandíbula inteira do torneiro Matěj com um golpe de bengala e isso que então o dinheiro valia mais do que hoje. O próprio verdugo Wohlschläger não cobra mais do que quatro florins para enforcar uma pessoa.

"Venha cá", continuou Švejk, dirigindo-se com gestos ao homem de olho roxo que segurava a galinha, "você, vovó, fique onde está!"

O homem subiu no vagão.

— Sabe um pouco de alemão — observou Švejk —, entende todos os palavrões e sabe insultar muito bem.

"Quer dizer que são dez florins, não é mesmo?", se dirigiu ao homem. "Cinco florins por esta sem-vergonha, quiquiriqui!, e cinco pela coisa do olho, entendido? Isto aqui é o vagão do alto-comando, ladrãozinho! Me dê a galinha."

Colocou dez florins na mão do homem surpreso, pegou a galinha, torceu seu pescoço e em seguida empurrou o homem para fora, dando-lhe amistosamente a mão e apertando-a com força:

— Adeus, vá embora e leve a bruxa da sua mulher ou lhe darei uma coça tão grande que ficará tonto!

"Bem, senhor, está vendo como tudo se ajeita", disse Švejk ao tenente Lukáš. "Prefiro sempre resolver as coisas sem nenhum escândalo, sem fazer confusão. Agora Baloun e eu prepararemos uma sopa de galinha de chupar os dedos; o cheiro chegará à Transilvânia."

Aquilo foi muito para o tenente Lukáš. De um golpe arrancou a galinha das mãos de Švejk, soltou-a e gritou:

— Você sabe o que merece um soldado que saqueia uma população pacífica em tempos de guerra?

— Uma morte honrada com balas e pólvora — respondeu Švejk, solenemente.

— Você merece uma corda, Švejk, porque foi o primeiro a saquear. Sim, sem-vergonha, não sei mais o que dizer: você esqueceu seu juramento. Me faz perder os nervos.

Švejk dirigiu um olhar interrogativo ao tenente Lukáš e se apressou a dizer:

— Humildemente, não esqueci o juramento que os soldados devem prestar. Juro solenemente fidelidade e obediência a nosso excelentíssimo príncipe e senhor, Franz Joseph I, ser fiel e obedecer aos generais de Sua Majestade e a todos os meus superiores, respeitá-los e protegê-los contra qualquer inimigo. Não deixarei nunca de cumprir suas ordens e determinações, sempre que o peça sua imperial e real majestade, na água, debaixo da água, na terra, no ar, de dia e de noite, nas batalhas, nos ataques, e em todas as ações, em qualquer lugar...

Švejk pegou a galinha no chão e, sem parar de olhar o tenente Lukáš nos olhos, continuou falando em posição de sentido:

— ... em qualquer lugar, em qualquer ocasião. Lutarei valentemente. Não abandonarei jamais meu exército, minha bandeira, meus estandartes e meus canhões. Não terei nunca nem o mais mínimo trato com o inimigo e me comportarei sempre como exigem as leis da guerra e como cabe aos soldados obedientes, com o objetivo de viver e morrer honradamente. Deus me ajude para que assim seja. Amém. E eu não roubei a galinha, não saqueei ninguém, me comportei bem, de acordo com meu juramento.

— Solte a galinha, pedaço de animal! — gritou o tenente Lukáš, e, armado com o dossiê que o sargento acabara de lhe trazer, deu um golpe na mão com que Švejk sustentava a defunta. — Olhe estes papéis! Está vendo? Aqui está escrito em preto no branco: "Encaminha-se o soldado de infantaria Josef Švejk, que, segundo sua declaração, é ordenança da citada companhia do 91º Regimento de Infantaria, por ter cometido o delito de saque..." E agora me explique, mequetrefe, bagunceiro! Eu o transformarei em picadinho, está entendendo? Agora me explique, ladrão podre, como pôde cair tão baixo!

— Humildemente, senhor — disse Švejk, amavelmente —, está mais claro do que água que se trata de um equívoco. Quando recebi a ordem de procurar alguma coisa boa para o senhor comer, comecei a pensar o que poderia ser mais saboroso. Atrás da estação não havia nadica de nada, só embutido de carne de cavalo e carne-seca de asno. Pensei em tudo muito bem, senhor. Antes de ir ao front é necessário comer algo bastante nutritivo para suportar melhor os sofrimentos bélicos, e por isso quis lhe dar uma alegria colossal. Queria lhe preparar uma canja de galinha, senhor tenente.

— Uma canja de galinha! — repetiu este, levando as mãos à cabeça.

— Sim, humildemente, senhor, uma canja de galinha. Comprei cebola e cinquenta gramas de aletria. Tenho tudo aqui. Neste bolso está a cebola e neste, a aletria. Temos sal e pimenta no escritório, de maneira que não faltava nada além de comprar a galinha. Por isso caminhei da estação até Isatarcsa. É uma aldeia, não parece nem um pouco uma cidade, embora nas placas da entrada da aldeia se leia "Isatarcsa város", ou seja, "cidade Isatarcsa". Atravessei uma rua com jardins, primeiro o primeiro, depois o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto, o sétimo, o oitavo, o nono, o décimo, o décimo primeiro, o décimo segundo e, finalmente, no décimo terceiro, no final de tudo, ali onde atrás de uma casa começavam os prados, encontrei várias galinhas passeando. Fui e escolhi a maior, a mais volumosa; faça o favor de olhá-la, meu tenente, e verá como

está bonita. Não é preciso nem tocá-la, imediatamente se vê que lhe davam muito grão para comer. Então peguei-a ali mesmo, diante dos vizinhos. Eles me disseram alguma coisa em húngaro; peguei a galinha e perguntei a várias pessoas em tcheco e depois em alemão a quem pertencia para poder comprá-la, quando, de repente, saíram disparados da casa um homem e uma mulher e começaram a blasfemar em húngaro e depois em alemão, dizendo que eu havia lhes roubado uma galinha em plena luz do dia. Eu lhes disse que não gritassem comigo, que haviam me enviado para comprá-la, e contei como as coisas tinham acontecido. E enquanto eu dava explicações, a galinha começou a agitar as asas, como se quisesse voar, e, como eu a segurava com força, empurrou meu braço e foi se sentar no nariz do dono. Ele imediatamente começou a gritar que eu havia batido em sua cara com o animal. A mulher, por sua vez, não parava de gritar e de chamar a galinha: "Piu, piu, piu, piu." Mas então alguns imbecis que não estavam entendendo nada chamaram a patrulha e eu mesmo lhes pedi que me acompanhassem ao comando da estação para poder provar que era absolutamente inocente. Mas com aquele subtenente que estava de serviço não foi possível conversar; nem sequer quando lhe roguei que consultasse o senhor, pois o senhor lhe diria que, de fato, me mandara procurar alguma coisa boa para o senhor comer. Inclusive me deu quatro gritos dizendo que me calasse, que lia em meus olhos que o que me esperava era um galho forte e uma boa corda. Acho que estava de péssimo humor: me disse que um soldado tão gordo como eu só pode pensar em roubar e saquear. Parece que na estação receberam mais de uma queixa: segundo o sargento, ontem se perdeu aqui perto um peru, e quando lhe disse que então ainda estávamos em Raab, me respondeu que este tipo de desculpas para ele não valia. De modo que me trouxe para cá, mas antes um cabo que eu não havia visto gritou comigo se eu imaginava com quem estava falando. E eu lhe respondi: "Estou vendo um cabo; se fosse dos fuzileiros, seria comandante de patrulha, e, da artilharia, artilheiro sênior."

— Švejk — disse o tenente Lukáš depois de uma pausa —, você já esteve envolvido em tantas casualidades e infelicidades, tantos equívocos e mal-entendidos, como costuma dizer, que provavelmente a única forma de afastá-lo de todos esses contratempos será amarrar com muita força uma corda no seu pescoço, com todas as honras militares e perante uma formação em quadro, me explico?

— Sim, senhor. Um quadro é formado por quatro companhias e, em casos excepcionais, por três ou cinco. Senhor tenente, quer que eu coloque minha aletria na canja de galinha para que fique mais espessa?

— Švejk, eu lhe ordeno que desapareça levando a galinha se não quiser que lhe faça uma nova cara golpeando-o com ela, canalha!

— Humildemente, senhor. Mas não encontrei aipo nem cenoura. Colocarei ba...

Švejk não chegou a dizer "tatas" antes de sair voando com a galinha e cair diante do vagão do alto-comando. O tenente Lukáš engoliu de uma vez um copo cheio de conhaque.

Sob a janela do vagão, Švejk bateu continência e partiu.

Depois de ter apaziguado sua alma, Baloun estava prestes a abrir, apesar dos pesares, a lata de sardinha do tenente quando Švejk apareceu com a galinha. Naturalmente, o

acontecimento gerou certa agitação no vagão. Todos o olhavam como se dissessem: "De quem a terá surrupiado?"

— Eu a comprei para o meu tenente — explicou Švejk tirando a cebola e a aletria do bolso. — Ia fazer uma canja para ele, mas não quer mais e me deu de presente.

— Não estava morta? — perguntou o intendente Vaněk com ar desconfiado.

— Eu mesmo torci seu pescoço — respondeu Švejk, e tirou um canivete do bolso.

Baloun olhou para Švejk com gratidão e respeito e, sem dizer nada, começou a preparar o fogareiro a álcool do tenente. Depois pegou alguns copos e saiu para procurar água.

O telegrafista Chodounský se aproximou de Švejk e se ofereceu para depenar a galinha. Depois lhe perguntou ao ouvido:

— Estava muito longe daqui? Teve que pular algum muro ou elas correm em liberdade?

— Eu a comprei!

— Ora, não me venha com histórias; nós vimos que o trouxeram!

No entanto, ajudava, entusiasmado, a depenar a galinha. O cozinheiro ocultista Jurajda também participava dos preparativos solenes cortando batatas e cebolas.

As penas atiradas para fora do vagão chamaram a atenção do subtenente Dub, que rondava em volta do trem.

Ordenou aos gritos que quem estivesse depenando uma galinha se apresentasse e na porta surgiu o rosto bondoso de Švejk.

— O que é isto? — gritou o subtenente Dub, pegando no chão a cabeça da galinha.

— Humildemente — respondeu Švejk —, isto é a cabeça de uma galinha da raça das italianas pretas. São excelentes poedeiras, senhor tenente. Botam cerca de duzentos e sessenta ovos por ano. Por favor, venha ver como seus ovários eram excelentes.

Švejk colocou embaixo do nariz do subtenente Dub os intestinos e as entranhas da galinha.

O subtenente Dub cuspiu e foi embora, mas voltou depois de um momento.

— Para quem é a galinha?

— Humildemente, senhor, é para a gente. Veja quanta gordura tem.

O tenente se afastou, resmungando baixinho:

— Voltaremos a nos ver na taverna U Filippi.

— O que ele disse? — perguntou Jurajda a Švejk.

— Marcou um encontro comigo na taverna U Filippi. Esses sujeitos estranhos costumam ser veados.

O cozinheiro ocultista declarou que só os estetas eram homossexuais, coisa que emanava da própria essência do esteticismo.

O intendente Vaněk começou a contar como os pedagogos abusavam dos meninos nos monastérios espanhóis.

E, enquanto a água da panela fervia, Švejk contou que haviam confiado a um educador um grupo de meninos abandonados de Viena e que o professor abusara de todos eles.

— É uma tara, o que querem que lhes diga! Mas as mulheres são piores. Há tempos viviam em Praga duas mulheres abandonadas; tinham se divorciado porque eram umas rameiras. Chamavam-se Mourková e Šousková. Uma vez, quando as cerejeiras das estradas da aldeia de Roztoky estavam em flor, agarraram um velho impotente que tocava realejo, arrastaram-no à floresta e o violentaram. As coisas que fizeram com ele! Em Žižkov vive um professor que se chama Axamit; estava escavando ali perto tentando encontrar tumbas pré-históricas; elas arrastaram o tocador de realejo a uma daquelas tumbas abertas e abusaram dele, fizeram de tudo. No dia seguinte, o professor Axamit foi até lá e viu que havia alguma coisa dentro da tumba. Ficou muito feliz, mas logo se deu conta de que era o atormentado e martirizado tocador de realejo que aquelas mulheres haviam deixado atirado ali. Em volta, estavam espalhados os restos de seu instrumento. No quinto dia o tocador de realejo morreu, e imaginem que harpias eram aquelas mulheres: tiveram a desfaçatez de ir ao enterro. Isso sim é que é perversão.

"Você colocou sal?", perguntou Švejk a Baloun, que, aproveitando o interesse geral que a história de Švejk despertara, estava escondendo alguma coisa em sua mochila. "Deixe-me ver o que está fazendo!"

"Baloun", continuou Švejk, muito sério, "o que você quer fazer com a coxa da galinha? Olhem, Baloun roubou uma coxa da nossa galinha para comê-la depois, às escondidas. Você sabe que delito cometeu, Baloun? Sabe como se castiga na guerra quem rouba um companheiro? Amarram-no em um canhão e o fazem voar com o primeiro cartucho. Já é tarde para suspirar. Quando encontrarmos a artilharia no front, se apresente ao primeiro artilheiro. Mas, enquanto isso, como castigo terá de fazer alguns exercícios. Vamos!"

O desgraçado do Baloun desceu do vagão e Švejk, sentado à porta, ficou lhe dando ordens:

— Sentido! Descansar! Sentido! Descansar! Olhar à direita! Olhar para a frente! Descansar!

"Agora fará movimentos com o corpo no mesmo lugar. Meia-volta à direita! Vamos, rapaz, como você é fraco! É uma vaca e não um homem! Seus chifres devem estar ali onde antes estava seu ombro direito. Outra vez! Meia-volta à direita! Meia-volta à esquerda! Girar à direita! Girar à esquerda! Assim não, seu burro! Está vendo o que consegue fazer, seu palerma! Meia-volta à esquerda! Esquerda, de frente! De frente, burro! Não sabe o que é de frente? De frente! Meia-volta! Joelhos na terra! Corpo na terra! Sentado! Corpo na terra! Descansar! Vamos, Baloun, assim sim você fará bem a digestão!"

Ao redor deles começou a se reunir uma multidão que dava mostras de grande alegria.

— Façam o favor de se afastar! — gritou Švejk. — Bem, agora marchar. Baloun, vá com cuidado para que não tenha que obrigá-lo a repetir. Não gosto de martirizar inutilmente os soldados. Bem, então. Direção: estação! Olhe para onde aponto! Alto, estúpido! Finalmente parou. Passo curto! Não sabe o que é passo curto! Eu lhe ensinarei até que sue sangue! Passo redobrado! Passo lento! Marcar o passo! Cabeça oca, quando lhe digo para marcar o passo, só tem que mexer as pernas sem sair do lugar!

Em torno deles havia pelo menos duas companhias.

Baloun suava e já nem sabia o que estava acontecendo. Švejk continuava ordenando:

— Passo uniforme! Adiante! Alto! Passo ligeiro! Em marcha! Passo ligeiro! Alto! Descansar! Sentido! Direção: estação! Passo ligeiro! Alto! Meia-volta! Direção: vagão! Passo ligeiro! Passo curto! Descansar! Agora descansará um pouco e depois começaremos de novo. Com boa vontade se consegue tudo.

— O que está acontecendo aqui? — gritou a voz do subtenente Dub, que vinha a toda pressa.

— Humildemente, senhor — disse Švejk —, estamos fazendo exercícios para não esquecê-los e não desperdiçar inutilmente um tempo precioso.

— Desça do vagão — ordenou o subtenente Dub —, já estou farto. Terá de se apresentar ao comandante do batalhão.

Quando Švejk estava entrando no vagão do estado-maior, o tenente Lukáš saiu por outra porta e desceu à plataforma.

O capitão Ságner, que fora informado pelo subtenente Dub das diabruras de Švejk, estava de ótimo humor, segundo ele mesmo disse. O vinho de Gumpoldskirchen era excelente.

— Entendo, você não quer perder inutilmente um tempo precioso. — Sorriu significativamente. — Matušič, venha cá!

O ordenança do batalhão recebeu a ordem de ir buscar o sargento-mor Nasáklo, da 12ª Companhia, famoso por suas tiranias, e encontrar imediatamente um fuzil para Švejk.

— Este homem — disse o capitão ao sargento-mor Nasáklo — não quer desperdiçar inutilmente seu tempo precioso. Leve-o para trás do trem e passe uma hora com ele fazendo manobras. Sem nenhum tipo de pena, sem descanso. Depressa, uma ordem após a outra: apresentar armas! Arma no ombro! Apresentar armas! Arma no ombro! Você não se entediará, Švejk — acrescentou quando estavam indo embora.

Depois de um tempo se ouviu detrás do trem uma severa ordem que ressoou solenemente no meio dos trilhos. O sargento-mor Nasáklo, que no momento em que o haviam chamado estava jogando vinte e um e tinha a banca, preenchia o espaço com seus latidos:

— Descansar armas! Arma no ombro!

Depois se fez um estranho silêncio, que foi interrompido pela voz serena e tranquila de Švejk:

— Aprendi tudo isso em alemão alguns anos atrás quando fazia o serviço militar. Quando dizem "*Beim Fuss!*", o fuzil deve ser apoiado na cadeira direita, a ponta da culatra alinhada com as pontas dos pés. Naturalmente, a mão direita deve estar estendida e sustentar o fuzil de modo que o polegar envolva o cano, e os outros dedos, a parte dianteira da culatra. E quando dizem *Schultert!*, o fuzil deve ser apoiado no ombro com a boca do cano para cima e o cano para trás...

— Chega de conversa fiada! — E voltaram a ouvir as ordens do sargento-mor Nasáklo. — Sentido! Olhar à direita! Meus Deus, o que você está fazendo...

— Estava em *Schulert*; se quero olhar à direita, deslizo a mão pela correia para baixo, seguro o pescoço da culatra e giro a cabeça para a direita. Na posição de sentido volto a pegar a correia com a mão direita e minha cabeça olha para a frente, para o senhor.

Ouviu-se de novo a voz do sargento:

— Descansar armas! Arma ao ombro! Calar armas! Carregar arma! Joelhos ao chão! Em pé! Joelhos ao chão! Carregar arma! Apontar! Apontar à direita, ao vagão do alto-comando! Distância: duzentos passos! Disparar! Descansar armas! Apontar! Disparar! Apontar! Disparar! Descansar armas! Carregar armas! Descansar!

O sargento enrolou um cigarro.

Enquanto isso, Švejk examinou o número do fuzil e exclamou:

— 4268! É o número de uma locomotiva que estava em Pečky, na via 16. Tinham que levá-la ao armazém em Lysá nad Labem para que a consertassem, mas não foi assim tão fácil porque o condutor que devia levá-la tinha péssima memória para os números. Então o ferroviário chamou-o a seu escritório e lhe disse: "Na via 16 está a locomotiva 4268. Já sei que tem péssima memória para números e que se os escrever em um papel então perderá o papel. Mas vejamos até que ponto está fraco em números. Eu vou lhe mostrar que, na verdade, é muito fácil memorizá-los. Olhe: a locomotiva que deve levar ao armazém de Lysá do Elba tem o número 4268. Preste atenção. A primeira cifra é 4, a segunda é 2. De maneira que tem 42: dois por dois são quatro, se dividi-lo por dois, voltará a ter um 4 e um 2, um ao lado do outro. E agora não se assuste: quanto é 4 vezes 2? Oito, não é mesmo? Pois grave na memória que o 8 é a última cifra do número 4268, de maneira que já só tem de lembrar que o primeiro número é 4, o segundo, 2, o quarto, 8, e agora se concentre no 6, que vem antes do 8. É muito simples. O primeiro número é o 4, o segundo, o 2, e 2 mais 4 são 6. Assim, agora já pode ter certeza de que o penúltimo número é 6; isso nunca se apagará de sua memória. Guardou na cabeça o número 4268. Também pode chegar ao mesmo resultado de uma maneira mais simples..."

O sargento parou de fumar, arregalou os olhos e limitou-se a dizer:

— Tire o quepe!

Švejk continuou sua história em um tom muito sério:

— Então começou a lhe explicar a maneira mais simples de recordar o número da locomotiva, o 4268. Oito menos 2 são 6. Bem, agora já sabe o 68; 6 menos 2 são 4, assim agora já sabe o 4-68. Quando adiciona o 2, chega a 4268. Também é fácil fazer isso com a ajuda de multiplicações e divisões: é outra forma de chegar ao resultado desejado. "Repare bem", lhe disse o ferroviário, "42 vezes 2 são 84. Um ano tem 12 meses. Se subtrair 12 de 84, sobram 72, tira-se outra vez 12 e sobram 60, de maneira que já temos um 6; descartamos o 0. Assim, agora temos 42-6-84. Da mesma forma que esquecemos o zero esqueçamos também o 4 do final e pronto, chegamos ao 4268, o número da locomotiva destinada ao armazém de Lysá nad Labem. Como lhe digo, também é fácil dividir. Calculamos os coeficientes de acordo com as tarifas da aduana". O que está acontecendo, senhor sargento-mor? Está passando mal? Se quiser, posso começar com a descarga geral. Apontar! Disparar! Porra, o capitão não deveria ter nos mandado fazer manobras com este sol! Vou buscar uma liteira.

O médico constatou que o sargento-mor não estava sofrendo de nenhuma insolação, mas de uma meningite aguda.

Quando recuperou a consciência, Švejk estava ao seu lado.

— Bem, então acabarei de lhe contar aquela história. O senhor consegue imaginar, prezado sargento, que o ferroviário esqueceu aquele número? Equivocou-se e

multiplicou tudo por três depois de se recordar da Santíssima Trindade. Nunca encontrou a locomotiva. Ela continua até hoje na via 16.

O sargento-mor voltou a fechar os olhos.

Quando Švejk voltou ao seu vagão e lhe perguntaram onde estivera durante todo aquele tempo, respondeu:

— Às vezes quem ensina manobras a outro atira pedras em seu próprio telhado.

No fundo do vagão, Baloun tremia. Na ausência de Švejk, depois de ter preparado uma parte da galinha, comera metade da ração do bom soldado.

Antes da partida do trem, chegou outro comboio, que transportava diversos corpos do exército. Eram aqueles que haviam se atrasado, deixado o hospital, iam se incorporar a sua unidade e outros indivíduos suspeitos que voltavam de missões especiais ou da prisão.

Desta última composição também saiu o voluntário de um ano Marek, que fora acusado de insubordinação por ter se recusado a esfregar latrinas. Finalmente o tribunal da divisão o colocara em liberdade, a investigação fora suspensa e assim o voluntário Marek surgiu no vagão do alto-comando para se apresentar ao comandante do batalhão. Até aquele momento o voluntário não pertencia a nenhum lugar, porque não haviam parado de levá-lo de uma prisão a outra.

O capitão Ságner não ficou exatamente encantado ao vê-lo chegar com documentos que continham uma observação estritamente confidencial: "Politicamente suspeito! Atenção!" Por sorte, o capitão se lembrou do general das latrinas, que lhe recomendara completar o batalhão com um historiador.

— Você é muito negligente, voluntário — disse. — Na escola de voluntários de um ano era um verdadeiro terror. Em vez de tentar se destacar e alcançar o nível que lhe cabe de acordo com sua inteligência, foi passando de uma prisão a outra. O regimento se envergonha de você, voluntário. Mas ainda pode reparar suas falhas se começar a cumprir escrupulosamente seu dever e chegar assim a ocupar seu lugar entre os bons soldados. Dedique ao batalhão todas as suas forças e todo o seu amor. Vou lhe dar uma última oportunidade. Você é um jovem inteligente e certamente sabe redigir. Vou lhe dizer uma coisa. No campo de batalha cada batalhão precisa de um homem que faça uma crônica de todos os acontecimentos bélicos nos quais o batalhão intervém. É preciso descrever todas as campanhas vitoriosas, os momentos gloriosos dos quais o batalhão participa e nos quais tem um papel destacado e decisivo; assim, pouco a pouco, irá redigindo nossa contribuição à história do exército. Entendeu?

— Humildemente, senhor, sim. Trata-se dos episódios da vida de todas as unidades. O batalhão tem a sua história. Sobre a base de seus batalhões, o regimento compõe a sua. Os regimentos criam a história da brigada, a brigada a história da divisão e assim por diante. Vou me esforçar ao máximo, senhor.

O voluntário Marek colocou a mão no coração:

— Registrarei com verdadeiro amor os dias gloriosos do nosso batalhão, particularmente agora que a ofensiva está em plena marcha, quando a luta começa a ser dura e nosso batalhão cobrirá o campo de batalha com seus filhos heroicos. Escreverei

escrupulosamente a crônica de todos os acontecimentos que se produzirão para cobrir de louros as páginas da história do nosso batalhão.

— Você ficará com o alto-comando, voluntário. Anotará os nomes de todos os que foram ou forem indicados para receber condecorações; registrará, evidentemente de acordo com nossas observações, as marchas que deixam especialmente patente a notável combatividade e a disciplina de ferro do nosso regimento. Não é uma tarefa fácil, voluntário, mas espero que você tenha suficiente espírito de observação para que, seguindo minhas diretrizes, possa exaltar nosso batalhão acima das demais formações. Enviarei um telegrama ao regimento no qual comunicarei que o nomeei historiador do batalhão. Apresente-se ao intendente Vaněk da 11ª Companhia para que o acomode no vagão. Ali há mais lugar. E diga-lhe que venha me ver. Evidentemente, você será designado ao alto-comando por ordem do batalhão.

O cozinheiro ocultista cochilava. Baloun continuava tremendo porque acabara de abrir a lata de sardinhas do tenente Lukáš. O intendente Vaněk foi ver o capitão Ságner. O telegrafista Chodounský havia conseguido, quem sabe onde, uma garrafa de borovička, bebera-a em segredo, ficara sentimental e cantava:

Quando nos doces dias vagava,
o paraíso no mundo vislumbrava;
meu peito se enchia de confiança
e minha alma, de amor e de esperança.

Mas, ao ver que o mundo é insidioso,
comecei a chorar feito um garoto.
Desapareceram a esperança e o amor,
A existência perdeu seu sabor.

Ato contínuo, se levantou, foi à mesa do intendente Vaněk e escreveu com letras grandes em um pedaço de papel:

Com esta carta solicito, amavelmente,
que me promovam e me nomeiem corneteiro do batalhão.
Chodounský, telegrafista.

O capitão Ságner não dispunha de muito tempo para conversar com o intendente Vaněk; limitou-se a fazê-lo saber que o historiador do batalhão, o voluntário Marek, estava designado ao vagão em que estava Švejk.

— Só posso lhe dizer uma coisa: Marek é, para dizê-lo de alguma maneira, suspeito, *politisch verdächtig*. Meu Deus! Hoje em dia isso não é nada extraordinário.

Quem não é suspeito? São suposições, você me entende, não é mesmo? Só lhe sugiro que, se disser coisas... enfim, você sabe a que me refiro, corte-o imediatamente, faça-o se calar para não me causar confusões. Peça-lhe que pare de falar e pronto. Não é necessário que venha correndo me contar a cada vez. Resolva tudo com ele de uma maneira amistosa; uma conversa é sempre melhor do que uma denúncia. Para dizê-lo em poucas palavras: não quero saber nada a respeito porque... Você me entende. Esse tipo de coisa sempre repercute em todo o batalhão.

Quando Vaněk voltou, levou para um lado o voluntário Marek e lhe disse:

— Filho, você é suspeito, mas não importa. Sobretudo não fale além da conta diante do telegrafista Chodounský.

Mal acabara de falar, Chodounský se aproximou cambaleando, caiu nos braços do intendente e com voz de bêbado gemeu alguma coisa que talvez fosse uma canção:

No dia em que todos me abandonaram
com seus cabelos ergui um muro
e com a cabeça em seu coração puro
meus olhos amargamente marejaram.

De repente seu rosto ficou iluminado,
Seus lábios de deusa se aproximaram,
senti seu beijo em minha boca,
e aí me disse: *eu não a abandonarei nunca, nunca.*

— "Não a abandonarei nunca" — vociferava Chodounský. — Comunicarei a vocês imediatamente tudo o que souber através do telefone. Estou cagando para o juramento!

Em um canto, Baloun se persignou horrorizado e começou a rezar em voz alta:

— Mãe de Deus, não rechace minha súplica, ouça-me com sua graça, console-me com Sua vontade, me ajude, a mim, miserável pecador que lhe implora com fé viva e esperança sincera e amor ardente nesse vale de lágrimas. Oh, rainha dos céus, interceda por mim para que até o final de meus dias possa permanecer na graça de Deus e sob Sua proteção...

De fato, a Virgem Maria cheia de graça intercedeu por ele, porque ao cabo de um tempo o voluntário tirou de sua pobre mochila umas latas de sardinha e deu uma a cada um.

Baloun, com um gesto decidido, abriu a maleta do tenente Lukáš e enfiou nela a lata que caíra do céu.

Mais tarde, quando todos destamparam suas latas de sardinhas e começaram a saboreá-las, Baloun caiu em tentação, abriu a maleta e devorou as sardinhas do tenente com voracidade.

E então a cheia de graça e dulcíssima Virgem Maria o abandonou: no exato momento em que acabara de engolir a última gota de azeite da lata, surgiu diante do

vagão o ordenança do batalhão Matušič, que vociferou:

— Baloun, você tem de levar as sardinhas ao seu tenente.

— Haverá bofetadas — observou o intendente Vaněk.

— Não vá de mãos vazias — aconselhou-o Švejk —; pelo menos leve as cinco latas vazias.

— O que terá feito para que Deus o castigue assim? — disse o voluntário. — Deve ter cometido um grande pecado no passado. Terá feito algum roubo sacrílego, como comer o presunto que seu cura guardava na lareira? Terá bebido o vinho de missa que o padre guardava na adega? Quando criança, trepou no muro do capelão para colher peras?

Com uma expressão cheia de desesperança, Baloun afastou os olhos. Seu rosto angustiado parecia perguntar de uma forma que partia o coração: "Quando meu sofrimento terá fim?"

— O que acontece — declarou o voluntário, que ouvira as palavras do pobre Baloun — é que você, meu amigo, perdeu o contato com Deus. Não reza com suficiente intensidade para que Deus o leve deste mundo o quanto antes.

Švejk acrescentou:

— Baloun não se decide a encomendar à bondade do coração paternal de Deus Todo-Poderoso sua vida militar, suas ideias militares, suas palavras, suas ações e sua morte militar, como costumava dizer Katz, meu capelão militar, quando bebia além da conta e por engano trombava com algum soldado na rua.

Baloun gemia e afirmava que perdera a fé em Deus porque havia rezado muitas vezes para que ele reduzisse seu estômago, sem nenhum êxito.

— Minha gula não começou durante a guerra — choramingava. — É uma velha doença, uma coisa crônica. Minha mulher e meus filhos peregrinaram ao santuário de Klokoty, para rezar a fim de que me curasse.

— Conheço esse lugar — disse Švejk —, fica perto de Tábor. Tem uma rica Virgem Maria coberta de falsos brilhantes. Um sacristão de algum lugar da Eslováquia foi até lá para roubá-los. Se disse que o roubo lhe sairia melhor se antes confessasse todos os seus pecados, e então contou ao capelão, entre outras coisas, que tinha pensado em roubar no dia seguinte o vestido da Virgem Maria. Ainda não havia acabado de rezar os trezentos pais-nossos que o capelão lhe encomendara para impedir que fugisse quando os sacristãos o levaram diretamente à polícia.

O cozinheiro ocultista começou a discutir com o telegrafista Chodounský se isso era ou não uma traição do segredo de confissão que clamava ao céu e, se ao fim e ao cabo, aquilo tudo valera a pena, levando-se em conta que os brilhantes eram falsos. Por fim, o cozinheiro conseguiu demonstrar para o telegrafista que tudo aquilo era carma, ou seja, uma predestinação procedente de um passado distante e desconhecido no qual o desgraçado sacristão eslovaco possivelmente fora o antípoda de um planeta remoto. Talvez em um passado também distante, quando o capelão de Klokoty era uma equidna, uma espécie de mamífero marsupial extinto, ficara predestinado que um dia violaria o segredo da confissão. "De qualquer maneira, do ponto de vista jurídico, o direito canônico concede a absolvição quando se trata de bens do monastério", concluiu.

Švejk acrescentou uma simples observação a esses comentários:

— É claro, ninguém pode saber as burradas que ele mesmo cometerá ao longo de alguns milhões de anos; ninguém pode dizer desta água não beberei. Quando

ainda estávamos no Comando da Reserva de Karlín, o tenente Kvasnička sempre dizia quando nos dava aula: "Porcos, palermas, perdulários, não achem que vão se livrar da guerra neste mundo. Depois de morrer voltaremos a nos encontrar, e vocês verão que tipo de purgatório os farei passar, bando de estúpidos!"

Durante todo aquele tempo, Baloun permaneceu submerso em um estado de desespero total. Pensava que só falavam dele, que tudo o que diziam se referia a ele, e deu continuidade a sua confissão pública.

— Nem mesmo Klokoty pôde fazer nada com minha gula. Minha mulher voltou da peregrinação com as crianças e começou a contar as galinhas. Faltavam uma ou duas. Mas eu não podia fazer nada, embora soubesse que precisávamos delas para os ovos; quando saía de casa e as via, começava a sentir no estômago um grande vazio e depois de uma hora já estava me sentindo bem, com a galinha na barriga, devorada até o último pedaço. Um dia, quando minha família estava no santuário de Klokoty, onde rezava para que o pai não comesse tanto, dei uma volta no pátio e de repente vi um peru. Quase paguei esse dia com minha vida: seu fêmur ficou cravado na minha garganta, e se não fosse meu aprendiz, um rapaz jovenzinho que me arrancou aquele osso, hoje não estaria aqui entre vocês e não teria vivido para ver a Guerra Mundial. Sim, sim, aquele rapaz era muito esperto. Baixinho, roliço, gordinho...

Švejk se aproximou de Baloun.

— Mostre-me a língua!

Baloun esticou a língua e Švejk se dirigiu a todos os presentes:

— Tinha certeza, Baloun comeu até o aprendiz! Confesse que o engoliu! Quando sua família estava de novo em Klokoty, não é mesmo?

Baloun, desesperado, juntou as mãos e exclamou:

— Me deixem, amigos! Só me faltava isso, e ainda por cima por parte de meus companheiros!

— Nós não o condenamos por esse ato — disse o voluntário. — Ao contrário, dá pra ver que você virá a ser um bom soldado. Durante o assédio de Madri pelas tropas napoleônicas, o comandante espanhol da cidade, para não ter que entregar a fortaleza faminto, comeu seu escudeiro sem sal.

— Isso sim foi um sacrifício; um escudeiro com sal teria sido muito mais saboroso — opinou Švejk. — Falando de comer escudeiros: senhor intendente, como se chama o ordenança do nosso batalhão? Ziegler? Daquele caniço não seria possível cortar bifes que bastassem nem para uma única companhia.

— Olhem — disse o intendente Vaněk. — Baloun está com um rosário nas mãos.

E de fato, em sua dor, Baloun procurava a salvação naquelas pequenas contas de um rosário de madeira de buxo fabricado pela casa judia Moritz Löwenstein de Viena.

— Isso também é de Klokoty — explicou Baloun com tristeza. — Antes de o terem trazido pra mim, desapareceram dois gansinhos, mas não eram feitos de carne, mas de algum tipo de cartilagem; eram muito macios.

Depois de um momento, uma ordem circulou por todo o comboio: o trem partiria em quinze minutos. Como ninguém queria acreditar, apesar de toda a vigilância algumas pessoas se perderam. Quando o trem começou a andar, faltavam dezoito soldados, entre os quais o sargento-mor Nasáklo, da 12ª Companhia. Fazia um bom

tempo que o trem havia desaparecido atrás de Isatarcsa e Nasáklo ainda estava em um pequeno bosque de acácias mais além da estação, regateando o preço com uma prostituta que lhe pedia cinco coroas, enquanto ele lhe oferecia, como recompensa pelos serviços já realizados, uma coroa ou uma surra. Ao final, esta última recompensa lhe foi entregue com tanta veemência que, ao ouvir os gritos estridentes da mulher, um monte de gente da estação acudiu correndo.

69 Fodam-se Cristo e sua Mãe. (N. do T.)
70 Do alemão, "por pelotões, sob o comando dos comandantes de pelotão". (N. do T.)
71 Růžena Jesenská (1863-1940), poeta e escritora muito popular. (N. do T.)

3
De Hatvan à fronteira da Galícia

Durante toda a viagem do batalhão que teria de ir a pé de Laborec ao front, atravessando a Galícia oriental, para se cobrir de lauréis bélicos, no vagão em que viajavam Švejk e o voluntário de um ano foram entabuladas estranhas conversas de conteúdo subversivo. Em menor medida, mas sem exceção, o mesmo acontecia nos outros vagões; até no vagão do alto-comando reinava um certo desgosto porque a Füzesabony chegou uma ordem do dia segundo a qual a ração diária de vinho dos oficiais seria reduzida a um oitavo de litro. Naturalmente, não haviam se esquecido da tropa: reduziam dez gramas por pessoa da ração de sagu, medida enigmática, porque no exército ninguém nunca havia visto sagu.

No entanto, era preciso dar a notícia ao intendente Bautanzel. Este se sentiu terrivelmente ofendido, como se tivessem lhe roubado alguma coisa, e declarou que, nos tempos que corriam, por um quilo de sagu poderia receber no mínimo oito coroas.

Em Füzesabony se descobriu que uma companhia havia perdido a cozinha de campanha; finalmente haviam resolvido preparar gulache com batatas, ao qual o "general das latrinas" dera tanta importância. A investigação revelou que a desgraçada cozinha de campanha nunca deixara Most nad Litavou e ainda esperava, abandonada e fria, atrás da barraca 186.

Um dia antes da partida, o pessoal que trabalhava naquela cozinha havia sido aprisionado no quartel-general por ter armado uma confusão na cidade, e conseguiu se virar e continuar preso quando a companhia já estava a salvo, atravessando a Hungria.

A companhia sem cozinha foi, portanto, destinada a outra cozinha de campanha, coisa que, é necessário dizer, não aconteceu sem suscitar brigas. Os soldados designados para descascar batatas começaram a discutir; todos, sem exceção, afirmavam que não eram suficientemente tolos para trabalhar para os outros. Finalmente, se viu que a preparação do gulache com batatas não passava de uma manobra. Tratava-se de habituar os soldados a cozinhá-lo diante do inimigo e, ao receber a ordem de retirada, jogá-lo fora sem nem prová-lo.

De maneira que foi uma espécie de treinamento, não exatamente trágico, mas sim instrutivo. O que aconteceu foi o seguinte: quando tudo estava pronto para servir o gulache, chegou a ordem: "Aos vagões!", e o trem partiu para Miskolc. Ali tampouco foi distribuído, porque a via estava obstruída por um trem com vagões russos; por causa disso os soldados tiveram que ficar no comboio. A imaginação de todos começou a funcionar: imediatamente correram boatos segundo os quais o gulache só seria distribuído quando descessem do trem na Galícia, mas aí o declarariam estragado, incomível, e o jogariam fora.

Depois transportaram o gulache a Tiszalök, na província de Zombor, e, quando ninguém esperava mais que o repartissem, o trem parou em Nové Město, cidade também conhecida como Sátoraljaúhely, e ali voltaram a acender o fogo sob as panelas, os cozinheiros esquentaram a comida e, finalmente, a distribuíram.

A estação estava cheia de gente. Antes de mais nada deviam sair dois trens com munição e em seguida dois comboios da artilharia e um trem com plataformas flutuantes. É possível dizer que ali estavam reunidas unidades do exército de todo tipo.

Atrás da estação, alguns hussardos húngaros infernizavam a vida de dois judeus poloneses; haviam lhes roubado um cesto cheio de garrafas de aguardente e

depois, de bom humor, em vez de lhes pagar esmurravam suas mandíbulas. Certamente isso era permitido, pois seu capitão permanecia plantado ao lado, acompanhando a cena com um sorriso divertido. Enquanto isso, atrás dos armazéns, outros hussardos húngaros enfiavam as mãos embaixo das saias das filhas de olhos escuros dos judeus surrados.

Além disso, havia um comboio com um destacamento da aviação e, em outra via, vagões carregados com aviões e canhões, todos estropiados. Enquanto os novos objetos eram enviados ao front, aqueles restos de glória eram transportados à retaguarda, onde seriam consertados e reconstruídos.

O subtenente Dub dizia aos soldados que haviam ido espiar que tudo aquilo era um butim de guerra. De repente se deu conta de que, um pouco mais longe, Švejk contava alguma coisa a um grupo de soldados. Aproximou-se e ouviu a voz calma de Švejk.

— Seja como for, trata-se de um butim de guerra. À primeira vista pode parecer estranho, porque todos os objetos têm uma marca na qual se pode ler, como neste canhão aqui: "Divisão Imperial e Real de Artilharia." Mas o que deve ter acontecido é que nosso canhão caiu em mãos dos russos e nós tivemos que recuperá-lo. Isto é semelhante ao que aconteceu em Přzemyšl ou àquela história do soldado cujo inimigo arrancou de suas mãos o cantil em pleno combate. Isso aconteceu durante as guerras napoleônicas. Depois, à noite, o soldado foi ao acampamento inimigo buscar seu cantil e saiu ganhando, porque, antes de se deitar, o inimigo o enchera de aguardente.

O subtenente Dub limitou-se a dizer:

— Švejk, fora! Que não volte a vê-lo por aqui!

— Humildemente, senhor.

Švejk foi procurar outro grupo de vagões. Se o subtenente Dub tivesse ouvido o que acrescentara em voz baixa, certamente teria mudado de rumo, ou, dizendo melhor, o arrancado de seu uniforme, embora se tratasse de uma inocente frase bíblica: "Dentro de pouco me vereis, um pouco mais e já não me vereis."

Quando Švejk foi embora, o subtenente Dub cometeu o disparate de mostrar aos soldados um avião austríaco derrubado com a inscrição *Wiener Neustadt* no seu anel de metal.

— Este avião, nós derrubamos dos russos em Lvov — disse o subtenente Dub.

O tenente Lukáš, que passava por ali, se aproximou e disse em voz alta:

— E dois pilotos morreram calcinados.

Depois se afastou, pensando que o subtenente Dub era um grande idiota.

Lukáš encontrou Švejk atrás de outro vagão e tentou evitá-lo porque, no momento em que o bom soldado o viu, pôde ler em seu rosto que queria lhe fazer alguma confidência.

Švejk dirigiu-se diretamente a ele, misturando tcheco com alemão:

— Humildemente, o ordenança da companhia Švejk espera novas ordens. Estive procurando o senhor em seu vagão.

— Ouça, Švejk — disse o tenente Lukáš em um tom gelado e absolutamente hostil —, você sabe como se chama? Não se lembra mais de como eu o chamava?

— Humildemente, senhor, não esqueci uma coisa dessas. Eu não sou como o voluntário Železný. Isso aconteceu muito antes da guerra, quando estávamos no

quartel de Karlín e havia um coronel que se chamava Fliedler von Bumernag ou algo assim...

Esse "algo assim" levou o tenente Lukáš a sorrir sem querer. Švejk continuou:

— Humildemente, senhor. Aquele coronel tinha a metade da sua estatura e usava uma barba tão comprida como a do príncipe Lobkovic. Parecia um macaco. E quando se irritava dava um pulo tão alto como ele mesmo; por isso o chamávamos de velho saltimbanco. Aproximava-se o Primeiro de Maio, estávamos de guarda. Na noite anterior, no pátio, o velho saltimbanco soltara uma filípica: que no dia seguinte todos teríamos que ficar no quartel sem colocar o nariz para fora, para o caso de recebermos a ordem de disparar contra aquele grupo de socialistas, e por isso o soldado que tivesse licença naquele dia e não voltasse ao quartel no dia seguinte cometeria um ato de alta traição: bêbado, seria incapaz de acertar no alvo e não mataria ninguém; dispararia no ar. Depois, quando voltou ao quarto, Železný disse que o velho saltimbanco lhe dera uma boa ideia: como, de fato, no dia seguinte não deixariam ninguém entrar, era melhor não voltar. E assim o fez, meu tenente. Mas o coronel Fliedler, que Deus o tenha em sua glória, era um infeliz tão grande que no dia seguinte foi a Praga procurar aqueles que haviam se atrevido a sair do quartel, e teve a sorte de topar com Železný perto da Torre da Pólvora; começou imediatamente a colocar os pingos nos is em seu horrível tcheco: "Shélesny, Shélesny, você vai ver como vou esmagar suas orelhas!" Também disse outras coisas. Depois levou-o ao quartel e durante todo o caminho não parou de ameaçá-lo e a lhe dizer coisas desagradáveis. "Shélesny, Shélesny, vou depená-lo como se fosse um pato, vou enfiá-lo no xadrez, você se cansará de ficar trancado!" Para Železný dava na mesma. Quando passaram pela rua Na Poříčí, à altura da taverna U Rozvařil, Železný se meteu de um pulo em uma passagem e desta maneira privou o velho saltimbanco do prazer de mandá-lo prender. O coronel subia pelas paredes e no meio de sua ira esqueceu o nome de Železný e o confundiu com outros metais. Quando chegou ao quartel, o soldado que estava de guarda ficou incomodadíssimo ao ver o velho saltimbanco pulando até o teto e gritando em um tcheco arranhado: "Cobreado, ao xadrez; não, Cobreado não; Plúmbeo, ao xadrez. Não. Plúmbeo tampouco: Prateado, ao xadrez!" E assim se preocupou o dia inteiro sem parar de perguntar se já haviam encontrado o Cobreado, o Plúmbeo, o Prateado e então fez subir todo o regimento, mas Železný, a respeito de quem todos sabiam tudo, tinha sido levado à enfermaria, pois era dentista. Mas um dia um sujeito do nosso regimento conseguiu apunhalar um dragão que perseguia sua prometida; fez aquilo na taverna Buck. Naquela ocasião obrigaram todos, sem exceção, a se formar e também os da enfermaria, é claro, e se alguém estivesse muito enfermo dois o sustentavam no meio; assim que não havia nada a fazer. Železný também teve que sair. No pátio o coronel leu a ordem do regimento que dizia aproximadamente que os dragões também eram soldados, além de nossos "companheiros de armas", e que portanto era proibido apunhalá-los. Um voluntário o traduzia. Nosso coronel nos observava como se fosse um tigre. Primeiro passou diante da primeira fila, depois se dirigiu para trás, rodeando a formação, e de repente descobriu Železný, que era tão alto que parecia tocar o céu; assim, quando ele, que era um tampinha, o arrastou ao centro do quadro, nos mijamos de tanto rir. O voluntário parou de traduzir e nosso coronel começou a pular diante de Železný como quando um cachorro ataca um cavalo, esgoelando-se: "Você não me escapou, Férreo, Shélesny; agora

já sei que tu ser Férreo, antes dizia Cobreado, Plúmbeo e Prateado, mas a infeliz é Férreo, eu o varei em bedaços, zafado de Férreo!" E mandou que passasse quatro semanas na prisão; mas ao cabo de quinze dias teve dor de dente e lembrou que Železný era dentista. Mandou que o transferisse da prisão à infantaria e lhe pediu que arrancasse seu dente. Železný se dedicou a isso e demorou mais de meia hora; tiveram que molhar o velho três vezes com água fria porque desmaiou três vezes, e pelo visto isso o fez dar o braço a torcer e perdoou Železný pelas duas semanas que lhe restavam. O senhor está vendo, meu tenente, que coisas assim acontecem quando um superior esquece o nome de seu subalterno. No entanto, um subalterno não deve esquecer nunca o nome de seu superior; precisamente o coronel nos dizia que não esqueceríamos seu nome até que morrêssemos, e parece que assim será. Me alonguei muito, senhor tenente?

— Quer saber de uma coisa, Švejk? — respondeu o tenente Lukáš. — Quanto mais o ouço, mais me convenço de que você não tem o menor respeito pelos seus superiores. Um soldado tem que falar sempre bem de seus superiores, inclusive quando já tiverem passado vários anos.

No entanto, dava para perceber que o tenente Lukáš estava se divertindo.

— Humildemente, senhor — interrompeu-o Švejk com ar de quem quer se desculpar —, o coronel Fliedler já morreu há alguns anos. Bem, então: o coronel era um verdadeiro anjo com os soldados. Era tão bom como São Martinho, que distribuía gansos aos pobres e esfomeados no dia de São Martinho. O coronel compartilhava seu almoço com o primeiro soldado que encontrasse no jardim e quando estávamos cansados de comer knedlík mandava que a cozinha dos oficiais preparasse *grenadýrmarš*[72] com carne de porco. Quando chegávamos a uma fábrica de cerveja, convidava todo o regimento para beber tudo o que quiséssemos. O coronel era uma pessoa tão boa que...

O tenente Lukáš puxou suavemente a orelha de Švejk e disse em um tom amistoso:

— Seu safado, deixe o pobre homem em paz e saia daqui!

— Humildemente, senhor tenente!

Švejk partiu para seu vagão. Enquanto isso, na gare situada diante do trem do batalhão, no vagão onde estavam trancados todos os aparelhos telefônicos e fios, se desenvolvia a seguinte cena: como o capitão Ságner ordenara que tudo fosse feito como se estivessem no front, estavam em estado de alerta; nos dois lados do trem, de acordo com o valor do material transportado, as sentinelas recebiam as contrassenhas e as senhas do escritório do batalhão.

Naquele dia a primeira parte da contrassenha era a palavra *"Kappe"* e a segunda, *"Hatvan"*. A sentinela que vigiava os aparelhos telefônicos era da Polônia, de Kolomyje, e, por um estranho azar, fora parar no 91º Regimento.

Naturalmente, a palavra "*Kappe*" (cópia) não lhe dizia absolutamente nada, mas, mnemotecnicamente, recordava que a contrassenha começava com uma letra K. Por isso, quando o subtenente Dub, que estava fazendo a inspeção, se aproximou e perguntou pela contrassenha, o soldado respondeu orgulhosamente: "*Kaffee.*" O que seria mais natural para um polonês de Kolomyje que ainda recordava com emoção o café que era servido no acampamento de Most nad Litavou toda manhã e toda noite?

E quando voltou a gritar "*Kaffee*" enquanto o subtenente Dub se aproximava cada vez mais, o polonês, recordando seu juramento e o fato de que estava de guarda,

ordenou de maneira ameaçadora:

— Alto!

O subtenente Dub deu mais dois passos, sem parar de lhe pedir a contrassenha; então o polonês apontou o fuzil para Dub e, como dominava o alemão, usou uma estranha mistura de polonês e alemão para gritar:

— Eu vou *scheissen*, eu vou *scheissen*![73]

O subtenente Dub entendeu e recuou exclamando:

— Sargento de guarda, sargento de guarda!

Compareceu o sargento Jelínek, que levou o polonês ao posto de guarda e então foi ele quem lhe pediu a contrassenha. O desesperado "Kaffee!, kaffee!" do polonês ecoava em toda a estação. Os soldados de todos os trens começaram a pular na gare com xícaras na mão. Armou-se tal balbúrdia que aquilo acabou com o honesto soldado sendo preso, desarmado e levado ao vagão-prisão.

No entanto, o subtenente achava que tinha motivos para suspeitar de Švejk; o subtenente teria colocado a mão no fogo, jurado que o bom soldado fora o primeiro a aparecer na gare com uma xícara na mão enquanto exclamava:

— Desçam com as marmitas! Desçam com as marmitas!

À meia-noite o trem partiu para Ladovce e Trebišov, onde, de manhã, uma associação de veteranos lhe deu as boas-vindas, embora tivesse confundido o batalhão com o 14º Regimento húngaro, que passara por ali naquela noite. Os veteranos estavam completamente bêbados e despertaram todo o batalhão com seus gritos: "Deus proteja o rei." Os soldados mais conscientes responderam: "Vão tomar no cu! Viva!"

Então, os veteranos gritaram de tal maneira que as vidraças do edifício da estação tremeram: " Viva o 14º Regimento! Viva!"

Ao cabo de cinco minutos, o trem seguiu viagem para Humenné. Podiam ser vistos, claramente, os vestígios da batalha que acontecera quando os russos avançavam em direção ao vale do Tissa. Pelas encostas das montanhas se estendiam trincheiras primitivas; de vez em quando se via uma casa de fazenda queimada e, diante dela, uma cabana construída às pressas, indicando que os proprietários haviam voltado.

Ao meio-dia, quando chegaram à estação de Humenné, onde também havia sinais da batalha, começaram a preparar o almoço. Nesse meio-tempo, os soldados do comboio descobriram um segredo público: de que maneira, depois da partida dos russos, as autoridades tratavam a população local, cuja língua e religião eram aparentadas com as dos soldados russos.

Na gare, cercado por gendarmes húngaros, estava um grupo de rutenos da Hungria que haviam sido detidos. Eram sacerdotes da igreja ortodoxa, professores e camponeses dos arredores, alguns de muito longe. Todos tinham sido amarrados aos pares com as mãos nas costas. A maioria tinha o nariz quebrado e galos na cabeça porque, imediatamente depois de terem sido detidos, os policiais haviam lhes dado uma surra.

Um pouco mais longe, um soldado húngaro brincava com um pope ortodoxo. Segurava a ponta de uma corda que amarrara no pé esquerdo do sacerdote e, com a culatra do rifle, o obrigava a dançar czardas. De tempos em tempos, puxava a corda com violência; o pope caía de bruços e, como suas mãos estavam amarradas nas costas, não conseguia se levantar. Procurava, desesperadamente, se virar para tentar ficar

em pé. O gendarme morria de rir; lágrimas pulavam de seus olhos. A cada tentativa do ortodoxo, puxava a corda e o homem voltava a cair de bruços.

Até que, finalmente, um oficial da polícia acabou com a brincadeira: ordenou que os prisioneiros fossem levados a um espaço coberto atrás da estação para que as surras que recebiam não fossem testemunhadas por todo mundo.

No vagão do alto-comando comentava-se o episódio do pope, e é possível dizer que a maioria dos presentes o condenava.

O alferes Kraus dizia que se tratava de traidores inimigos. Deviam enforcá-los sem demora, sem submetê-los à tortura. O subtenente Dub, no entanto, estava inteiramente de acordo com tudo o que acabara de ver e aproveitou a oportunidade para relacionar aquela cena ao atentado de Sarajevo. Disse que os gendarmes da estação de Humenné estavam vingando a morte do arquiduque Franz Ferdinand e de sua esposa. Para dar peso as suas palavras, arguiu que, depois do atentado, na edição de julho de *O trevo de quatro folhas*, uma revista que assinava e era dirigida por Šimáček, comentou-se que aquele delito inigualável deixaria por muito tempo uma ferida incurável no coração de todos os homens, ferida a mais dolorosa, porque o delito não apenas custara a vida de um representante do poder executivo, mas também a de sua querida esposa, e que a destruição destes dois seres aniquilara uma vida familiar feliz e exemplar e deixara órfãos seus filhos, por todos amados.

O tenente Lukáš limitou-se a resmungar que certamente os gendarmes de Humenné eram assinantes de *O trevo de quatro folhas* e haviam lido aquele artigo tão comovente. De repente, sentiu nojo de tudo e a necessidade de se embriagar para afastar a tristeza. Então desceu do vagão e foi procurar Švejk.

— Ouça, Švejk — lhe disse —, você poderia me conseguir uma garrafa de conhaque? Não estou me sentindo muito bem.

— Humildemente, senhor, deve ser por causa da mudança de ares. Talvez se estivesse no campo de batalha se sentisse ainda pior. Quanto mais a pessoa se afasta de sua base militar, mais mareado se sente. Um tal de Josef Kalenda, jardineiro em Strašnice, também se afastou um dia de sua casa. Foi ao bairro vizinho de Vinohrady e parou na taverna U Zastávce. Ali ainda se sentia bem, mas ao caminhar pela avenida Korunní em direção à igreja de Santa Ludmila, enquanto se deixava cair em todos os bares que encontrava no caminho, começou a sentir náuseas. Mas não se deixou abater por um mal-estar sem importância, pois na noite anterior, ainda em Strašnice, apostara com um condutor de bonde na taverna U Remízy que daria a volta ao mundo em três semanas. De maneira que chegou à cervejaria U Černýho da praça Carlos e dali se dirigiu, atravessando o Moldava, ao bairro da Malá Strana, à cervejaria São Tomás, e dali ao restaurante U Montágů. Depois, começou a subir para o Castelo, entrou na taverna U Krále Brabantskýho, depois na U Krásnou Vihlídku e, mais acima, lá no alto, na cervejaria do monastério de Strahov. Mas então a mudança de ares parou de lhe fazer bem. Chegou à praça Loretánský e, de repente, sentiu tantas saudades de casa que se atirou no chão e, agitando-se em cima da calçada, começou a gritar: "Não irei mais longe, amigos! Que a volta ao mundo vá", com perdão, senhor tenente, "tomar no cu!". De acordo, senhor, eu lhe arranjarei algum conhaque; só temo que o trem parta antes que eu volte.

O tenente Lukáš lhe assegurou que só partiriam dali a duas horas e que vendiam conhaque às escondidas logo atrás da estação; o capitão Ságner já havia enviado

Matušič e este lhe trouxera uma garrafa de conhaque passável por quinze coroas. Deu-lhe o dinheiro e recomendou enfaticamente que não dissesse a ninguém que era para o tenente Lukáš, porque, na verdade, estava fazendo uma coisa proibida.

— Fique tranquilo, senhor — disse Švejk —, tudo correrá às mil maravilhas. Gosto muito de fazer coisas proibidas. Estou acostumado a me ver em situações proibidas sem nem saber. Uma vez, no quartel de Karlín, fomos proibidos...

— Meia-volta! — interrompeu-o o tenente Lukáš.

Švejk saiu da estação, repetindo pelo caminho todas as condições de sua tarefa: o conhaque tinha que ser bom, por isso teria de prová-lo; comprá-lo era uma coisa proibida, por isso tinha que ir com cuidado.

No momento em que estava dobrando a esquina, deu de cara com o subtenente Dub.

— Que demônios está fazendo aqui? — lhe perguntou. — Você me conhece?

— Humildemente — disse Švejk, batendo continência. — Não é minha intenção conhecer seu lado ruim.

O subtenente Dub ficou petrificado. Švejk, plantado com a mão na viseira, continuou:

— Humildemente, senhor, só quero conhecer seu lado bom; não quero que me faça chorar, tal como me disse na última vez.

Diante de tamanha insolência, o subtenente Dub sentiu uma tontura e só teve ânimo para gritar:

— Fora daqui, infeliz! Ainda conversaremos!

Švejk seguiu em frente e o subtenente Dub, quando voltou a si, o seguiu. Atrás da estação, ao lado da estrada, havia uma fileira de balaios emborcados e, em cima deles, algumas bandejas de palha cheias de guloseimas que tinham um aspecto tão inocente que pareciam destinadas a escolares em excursão. Havia barquinhos de massa açucarada, bombons, caramelos de fruta, e, em um cesto, algumas fatias de pão preto com salame, certamente de cavalo. No interior dos cestos, no entanto, estavam escondidas garrafas das mais diversas bebidas alcoólicas: conhaque, rum, genebra, aguardente, licores.

Atrás da fossa que se estendia à margem da estrada, havia uma casinhola na qual negociavam as bebidas proibidas.

Os soldados faziam compras diante dos cestos; depois, um judeu com longas costeletas cacheadas e aparência inocente, tirava de debaixo dos balaios uma garrafa e a levava à casinha de madeira; ali os soldados a pegavam dissimuladamente e a escondiam dentro das calças ou debaixo da jaqueta.

Švejk, pois, se dirigiu para lá, enquanto o subtenente Dub, com seu complexo de detetive, o espreitava.

Švejk parou no primeiro cesto. Antes de mais nada, pegou alguns bombons, pagou e enfiou-os no bolso. Então, o senhor das costeletas cacheadas lhe disse em voz baixa, em alemão:

— Também tenho aguardente, distinto soldado.

O negócio foi fechado rapidamente. Švejk foi até a casinha e só pagou depois que o senhor das costeletas abriu a garrafa e o deixou provar o conhaque. Ficou satisfeito, enfiou a garrafa debaixo da jaqueta e voltou para a estação.

— Onde você estava, canalha? — lhe perguntou o subtenente Dub, atravessando seu caminho.

— Humildemente, senhor, fui comprar alguns bombons.

Švejk enfiou a mão no bolso e tirou uma porção de bombons sujos e empoeirados:

— Se não o enoja, senhor... Eu já os provei e não estão ruins. Têm um sabor agradável, curioso, como de geleia de ameixa.

Sob a jaqueta se desenhava claramente a forma redonda da garrafa.

O subtenente Dub deu umas batidas na jaqueta de Švejk.

— O que você tem aqui, safado? Mostre!

Švejk puxou a garrafa de conteúdo amarelado e com uma etiqueta muito clara: "Conhaque."

— Humildemente, senhor — respondeu Švejk, impassível —, fui encher a garrafa vazia de conhaque com água da fonte. Desde ontem, quando comemos gulache, sinto muitíssima sede. Mas a água da fonte é um pouco amarelada; deve ser ferruginosa. Este tipo de água é muito útil e saudável.

— Se você está com tanta sede, Švejk — disse o subtenente Dub sorrindo diabolicamente e desejando prolongar o máximo a cena em que aniquilaria Švejk para sempre —, beba, esvazie a garrafa de uma vez!

O subtenente Dub imaginava que Švejk beberia alguns goles e não aguentaria mais e que ele, o subtenente Dub, lhe diria triunfalmente: "Me dê a garrafa, eu também estou com sede." Queria ver como o sem-vergonha olharia para ele naquele momento terrível, e depois os informes e assim por diante.

Švejk destampou a garrafa, colocou-a na boca e deu um gole atrás do outro. O subtenente ficou petrificado. Švejk acabara de beber, diante de seus olhos, a garrafa inteira sem piscar; depois a atirou, vazia, no lago que havia mais além da estrada, cuspiu e disse, como se tivesse bebido um copo de água mineral:

— Humildemente, senhor, esta água tem um registro ferruginoso de verdade. Em Kamyk nad Vltavou um taverneiro conseguiu água ferruginosa para os veteranos jogando no poço velhas ferraduras.

— Eu vou lhe dar um tapa com suas velhas ferraduras! Venha me mostrar a fonte de onde tirou a água!

— Fica aqui perto, meu subtenente, aqui mesmo, atrás da casinha de madeira.

— Vá na frente, desalmado, para que eu veja se está caminhando reto!

"Que estranho", pensou o subtenente Dub. "Não se percebe nada neste safado."

Švejk avançou, entregue à vontade de Deus. Mas alguma coisa lhe dizia que tinha de haver uma fonte e não o surpreendeu nem um pouco quando, de fato, encontrou uma. Também havia uma bomba e, quando se aproximaram, Švejk bombeou e brotou dela uma água amarelada, de maneira que Švejk pôde declarar solenemente:

— Eis a água ferruginosa, senhor.

O homem de costeletas cacheadas, assustado, se aproximou, e Švejk lhe disse em alemão que trouxesse um copo porque o subtenente queria beber um pouco.

Àquela altura o subtenente estava tão apalermado que bebeu um copo de água inteiro; então se espalhou por sua boca um gosto de urina de cavalo e esterco.

Totalmente desconcertado pela experiência, deu ao judeu das costeletas uma moeda de cinco coroas pelo copo de água e, dirigindo-se a Švejk, disse:

— O que está olhando? Vá embora!

Depois de cinco minutos, Švejk descobriu o tenente Lukáš no vagão do alto-comando e com um gesto misterioso o fez descer. Uma vez na gare, Švejk lhe disse:

— Humildemente, senhor. Dentro de cinco ou, no máximo, dez minutos, estarei completamente bêbado, mas irei me deitar no meu vagão. Eu lhe peço, senhor tenente, que durante três horas não me chame e não me dê nenhuma ordem, até que tenha me livrado da bebedeira. Está tudo bem, mas o subtenente Dub me flagrou e eu lhe disse que o que levava era água e ele me fez beber toda a garrafa de conhaque para provar que era verdade. Pode ficar tranquilo, não revelei nada, como o senhor queria, e vim embora com cuidado, mas agora, senhor tenente, meus pés estão ficando dormentes. Naturalmente, meu tenente, estou habituado a encher a cara, pois quando eu estava com o capelão Katz...

— Ora, animal! — exclamou o tenente Lukáš, mas em sua voz não havia o menor sinal de raiva. No entanto, sua antipatia pelo subtenente Dub aumentara em cinquenta por cento.

Švejk entrou com cuidado no vagão e, deitando-se em cima de sua capa e da mochila, disse ao intendente e aos demais:

— Uma vez um homem se embebedou e pediu que não o acordassem...

E, depois de dizer isso, se virou para o outro lado e começou a roncar.

Em um estalo, os gases que emitia ao arrotar encheram todo o vagão, de modo que o cozinheiro ocultista Jurajda, farejando o ar, declarou:

— Caramba, que cheiro de conhaque!

O voluntário Marek que, por fim, depois de tantos suplícios, fora promovido a historiador do batalhão, estava sentado diante da mesa dobrável.

Recompilava ações heroicas do batalhão para ter algumas de reserva; via-se que a perspectiva de futuras operações o deixava muito feliz.

O intendente Vaněk observava com interesse o voluntário, que se fartava de rir enquanto escrevia. Por isso se levantou e se inclinou sobre ele. Marek começou a lhe contar:

— Escrever a história do batalhão com antecedência é muito divertido. O mais importante de tudo é escrever sistematicamente. Deve haver um sistema em tudo.

— Um sistema sistemático — observou o intendente, com um sorriso matreiro.

— Sim — disse o voluntário, com displicência. — Um sistema sistematizado e sistemático para redigir a história do batalhão. Não podemos apresentar uma história de grandes vitórias de repente. Tudo tem que ir surgindo aos poucos, seguindo um projeto. Nosso batalhão não pode ganhar a Guerra Mundial assim, sem mais nem menos. *Nihil nisi bene*. O mais importante para um historiador consciente como eu é planejar primeiro nossas vitórias. Agora, por exemplo, estou descrevendo como nosso batalhão (é o que acontecerá mais ou menos dentro de um par de meses) atravessa a fronteira russa, fortemente defendida pelo inimigo, digamos que pelo regimento dos cossacos do Don, enquanto algumas divisões inimigas cercam nossas posições. À primeira vista, temos a impressão de que nosso batalhão está perdido e que seremos moídos. Então o capitão Ságner dá uma ordem: "Deus não quer que morramos

aqui, retiremo-nos!" De maneira que nosso batalhão empreende a fuga, mas a divisão inimiga que está nas nossas costas se dá conta de que, de fato, a estamos empurrando, começa a se retirar e cai em cheio nas mãos de nossas forças de reserva. Na realidade, assim se inicia a história do nosso batalhão: a partir de um acontecimento sem importância, para falar profeticamente, senhor Vaněk, se desenvolvem ações incalculáveis. Para redigir, usarei o estilo de *O informante militar ilustrado*, editado por Vilímek durante a guerra russo-japonesa. Nosso batalhão ataca um acampamento inimigo. Cada um de nossos soldados escolhe um soldado inimigo e trespassa com toda a força seu peito com uma baioneta. A baioneta está perfeitamente afiada e penetra no peito inimigo como se fosse manteiga. Só de vez em quando se ouve uma costela quebrando. Os inimigos adormecidos sacodem o corpo espasmodicamente, durante uns instantes olham fixamente, não veem mais nada, sentem o estertor da agonia: depois ficam imóveis. Em seus lábios surge saliva misturada com sangue. Assim acaba esse assunto e nosso batalhão anota outra vitória. Ainda melhor será o que acontecerá dentro de três meses: nosso batalhão aprisionará o czar da Rússia. Mas disso falaremos um pouco mais tarde, senhor Vaněk. Enquanto isso, preciso preparar pequenos episódios que mostrem exemplos de heroísmo incomparável. Terei de inventar novas expressões bélicas. Já pensei em uma: falarei do espírito de sacrifício de nossos soldados feridos pelas granadas. Em consequência da explosão de uma mina inimiga, um de nossos chefes de seção, por exemplo um da 12ª ou da 13ª Companhia, perderá a cabeça.

"A propósito", disse o voluntário, batendo na testa, "quase me esquecia, senhor intendente, ou digo, humanamente, senhor Vaněk, o senhor precisa me fornecer a lista de todos os oficiais. Me dê o nome de algum sargento da 12ª Companhia. Houska? De acordo, será Houska, então, quem perderá a cabeça por causa de uma mina; a cabeça cai no chão; no entanto, o corpo dá alguns passos para a frente, aponta e derruba um avião inimigo. Fica subentendido que mais adiante essas vitórias serão comemoradas no palácio imperial de Schönbrunn, em família. A Áustria tem muitos batalhões, mas o único que se destacará será o nosso, será o único a ser homenageado com uma pequena festa íntima na casa imperial. De acordo com minhas anotações, a comemoração se desenvolverá da seguinte maneira: a família da arquiduquesa Marie Valérie se trasladará por este motivo de Wallsee para Schönbrunn. A festa é absolutamente íntima e tem lugar na sala contígua ao dormitório do monarca, que está iluminado com círios brancos, porque, como todo mundo sabe, a corte não gosta de lâmpadas elétricas já que podem provocar curtos-circuitos, contra os quais o velho monarca tem preconceitos. A festa em homenagem ao nosso batalhão começa às seis da tarde. Os netos de Sua Majestade entram no salão que na realidade pertence aos aposentos da falecida imperatriz. Agora a questão é definir quem, além da família real, deve participar dessa comemoração. O ordenança geral do nosso monarca, o conde Paar, tem que estar e estará. Como nas festas familiares e íntimas há sempre alguém que se sente mal (e com isso não quero dizer de nenhuma maneira que o conde Paar irá vomitar), é imprescindível a presença do médico particular, o doutor Kerzel, conselheiro da corte. Levando em conta a ordem, porque os laicos não se permitem de nenhuma forma intimidades com as damas que participam do banquete, estará ali o barão Lederer, o grande mestre de cerimônias, o conde de Bellegarde, o grande camerlengo, e a primeira-dama de honra, condessa de Bombeller, que entre as damas de honra tem o mesmo papel que a madame do bordel Casa Šuha.

Uma vez reunida a assembleia, se notifica ao imperador. Este comparece acompanhado por seus netos. Sentam-se à mesa e brindam ao nosso batalhão. Depois disso toma a palavra a arquiduquesa Marie Valérie, que dedica uma recordação particularmente elogiosa ao senhor, senhor intendente. Naturalmente, conforme minhas anotações, nosso batalhão sofrerá grandes e sensíveis perdas, porque um batalhão sem mortos não é nada. Terei de redigir um artigo sobre nossos mortos. A história de um batalhão não pode se limitar à enumeração das vitórias; já anotei antecipadamente quarenta e duas. O senhor, por exemplo, senhor Vaněk, morrerá às margens de um pequeno riacho, enquanto Baloun, com seu olhar de coruja, não morrerá atravessado por uma bala, um projétil ou uma granada, mas estrangulado por uma corda lançada por um avião inimigo no exato momento em que o estúpido estiver comendo a comida do seu tenente Lukáš."

Baloun recuou, fez um gesto desesperado com as mãos e disse com expressão aflita:

— Eu não posso fazer nada com meu temperamento. Quando fazia o serviço militar, algumas vezes chegava a voltar três vezes à cozinha para procurar comida, até que me enfiaram no calabouço. Um dia comi três rações de costela no almoço e elas me custaram três meses de prisão. Que seja feita a vontade de Deus!

— Não tenha medo, Baloun — consolou-o o voluntário —, na história do batalhão não constará que você morreu se empanturrando no caminho que leva da cozinha dos oficiais às trincheiras. Seu nome constará ao lado do dos demais homens do regimento tombados pela glória do nosso império, como o senhor intendente Vaněk.

— Que morte me destinou, Marek?

— Paciência, senhor intendente, não é preciso ir tão depressa.

O voluntário ficou pensativo:

— O senhor é de Kralupy, não é mesmo? Escreva então a sua casa que desaparecerá sem deixar rastro, mas conte tudo com prudência. Ou talvez queira ser ferido gravemente e ficar sob os alambrados? Poderia ficar ali tombado, com uma perna quebrada, durante todo o santo dia. À noite o inimigo ilumina nossa posição com um holofote e o vê, acha que é um espião e começa a bombardeá-lo com granadas e projéteis. O senhor prestou um enorme serviço ao nosso exército, porque em sua pessoa o inimigo gastou uma quantidade de munição suficiente para um batalhão inteiro. Depois de tudo isso, seus membros flutuam livremente no ar e, atravessando-o com sua rotação, cantam a grande vitória. Ao final, todo mundo morre e todos os do nosso batalhão são distinguidos, de maneira que as páginas de nossa gloriosa história se enchem de vitória. Este tipo de plenitude, a mim, pessoalmente, não consegue convencer, mas o que posso fazer! Tudo deve ser feito com rigor, para que fique alguma recordação da gente antes que, digamos em setembro, de nosso batalhão não restem mais que essas gloriosas páginas da história que contarão ao coração de todos os austríacos que todos aqueles que não voltaram nunca mais a ver sua pátria lutaram com coragem e ardor. Já redigi o final, senhor Vaněk, a nota necrológica. Honra à recordação de nossos tombados! Seu amor pela monarquia é o amor mais sagrado porque culmina com a morte. Que seus nomes sejam pronunciados com respeito, como o de Vaněk. Os que foram golpeados mais dolorosamente pela perda dos pais de família, que enxuguem as lágrimas, porque os tombados eram heróis do nosso batalhão.

O telefonista Chodounský e o cozinheiro Jurajda escutavam com grande interesse o voluntário expor seu projeto da história do batalhão.

— Aproximem-se, senhores — disse o voluntário, folheando suas anotações. — "Página 15: O telefonista Chodounský morreu em 3 de setembro junto com Jurajda, o cozinheiro do batalhão." Ouçam a continuação das minhas anotações: "Heroísmo exemplar. O primeiro, que passou três dias ao telefone sem ser substituído, sacrifica sua vida para salvar um fio telefônico. O segundo, ao sentir a iminência do perigo, se atira no inimigo com uma panela de sopa fervendo, semeando horror e queimaduras entre os soldados inimigos. Os dois mereceram uma bela morte. O primeiro, destroçado por uma mina, e o segundo, sufocado pelos gases tóxicos que colocaram diante de seu nariz quando já não tinha como se defender. Os dois morreram exclamando 'Viva o nosso batalhão!'" O alto-comando só pôde nos agradecer todos os dias em forma de ordens, para que outras formações do exército conhecessem o valor do nosso batalhão e o tomassem como exemplo. Agora vou ler um fragmento da ordem do dia que será lida em todas as formações do exército. É muito parecida com a que leu o arquiduque Karl em 1805, quando estava com seu exército diante de Pádua. No dia seguinte lhe deram uma boa surra. Ouçam o que será lido em todo o exército sobre nosso batalhão heroico e exemplar: "... Espero que todos sigam o exemplo do anteriormente mencionado batalhão e, sobretudo, que imitem seu heroísmo exemplar, virtude pela qual se distingue o batalhão em questão e os que o dirigem para levar a cabo atos admiráveis pelo bem e pela vitória de nosso império. Avante todos, seguindo seu exemplo!"

Ouviu-se um bocejo no lugar onde dormia Švejk. O bom soldado falava sonhando.

— Tem razão, senhora Müllerová, as pessoas se parecem. Em Kralupy havia um aguadeiro que era tão parecido com o relojoeiro Lejhanz de Pardubice que era possível dizer que se tratava de uma cópia. Este se parecia com um tal de Piskora de Jičín, e os quatro se pareciam com um suicida desconhecido que encontraram enforcado e completamente apodrecido em um tanque perto de Jindřichův Hradec, debaixo dos próprios trilhos sob os quais deve ter se atirado quando o trem passava.

Ouviu-se outro bocejo e a continuação da história:

— Depois fizeram todos pagar uma multa, e amanhã me prepare aletria, senhora Müllerová.

Švejk se virou e continuou roncando. Enquanto isso, o cozinheiro ocultista e o voluntário entabularam uma conversa sobre temas do futuro.

O ocultista Jurajda opinava que, se bem à primeira vista parecesse uma bobagem que uma pessoa escrevesse de brincadeira sobre o que aconteceria no futuro, era verdade que amiúde este tipo de passatempo continha fatos proféticos quando o olhar espiritual do homem penetrava no futuro desconhecido, influenciado por forças misteriosas. A partir daquele momento, Jurajda só falou de véus. O véu do porvir aparecia em uma de cada duas frases, até o momento em que começou a falar da regeneração, ou seja, da renovação do corpo humano; preenchia os ocos de seu discurso com a faculdade dos infusórios e terminou sua exposição declarando que, quando alguém corta o rabo de uma lagartixa, o rabo volta a crescer.

O telefonista Chodounský comentou que os homens viveriam muito bem se acontecesse com eles a mesma coisa que acontecia com o rabo das lagartixas. Por

exemplo, na guerra, quando uma granada arrancasse a cabeça ou outra parte do corpo de alguém, a administração militar ficaria encantada porque não haveria mutilados. Um soldado austríaco a quem crescessem pernas, braços e cabeças, valeria muito mais que toda uma brigada.

O voluntário afirmou que hoje em dia, graças à avançada tecnologia bélica, era possível dividir o inimigo em três partes diagonais. Existe uma lei sobre a renovação do corpo dos estertores da família dos infusórios: todas as partes se renovam, adquirem novos órgãos e se convertem em um estertor independente. Por analogia, depois de cada batalha, as tropas austríacas se triplicariam ou se multiplicariam por dez, porque de cada perna decepada se desenvolveria um novo soldado de infantaria.

— Švejk precisaria ouvi-los — observou o intendente Vaněk. — Certamente teria algum exemplo a respeito.

Švejk ouviu seu nome e reagiu murmurando: "Presente!" Depois de ter dado mais uma prova de disciplina militar, continuou roncando.

Na porta entreaberta surgiu a cabeça do subtenente Dub.

— Švejk está? — perguntou.

— Humildemente, senhor, está dormindo — respondeu o voluntário.

— Se estou perguntando por ele, voluntário, sua obrigação é se levantar e ir avisá-lo imediatamente.

— Não é possível, senhor subtenente, está dormindo.

— Pois desperte-o! Acho estranho que isso não tenha lhe ocorrido imediatamente, voluntário. Deveria exibir uma melhor disposição em relação a seus superiores. Você ainda não me conhece, mas quando me conhecer...

O voluntário começou a acordar Švejk.

— Švejk, acorde, está havendo um incêndio!

— Quando os moinhos de Odkolek pegaram fogo — resmungou Švejk, virando-se para o outro lado — até os bombeiros de Vysočany foram chamados...

— O senhor está vendo — disse o voluntário, amavelmente, ao subtenente Dub. — Tentei despertá-lo, mas não foi possível.

O subtenente Dub se irritou:

— Como se chama, voluntário? Marek? Ah, você deve ser o voluntário Marek que volta e meia é preso, não é mesmo?

— Sim, senhor subtenente. Fiz o curso de voluntários no cárcere, para dizê-lo de alguma maneira, e quando o tribunal da divisão me deixou em liberdade depois de comprovar minha inocência, me devolveram o grau de voluntário e agora me nomearam historiador do batalhão.

— Não o será por muito tempo — vociferou o subtenente Dub, vermelho como um tomate; tinha-se a impressão de que suas bochechas haviam inchado depois de ter recebido algumas bofetadas —, eu mesmo me encarregarei disso!

— Meu subtenente, peço que me levem a um conselho de guerra — disse o voluntário seriamente.

— Não brinque comigo! — disse o subtenente Dub. — Eu já lhe mostrarei o que é um conselho de guerra. Voltaremos a nos ver, e você terá tempo de se arrepender de sua conduta quando me conhecer, porque ainda não me conhece!

O subtenente Dub se afastou do vagão. Em sua cólera, se esqueceu de Švejk, embora momentos antes tivesse a intenção de chamá-lo e dizer: "Deixe-me cheirar seu

hálito!", como último recurso para provar seu alcoolismo ilegal. Quando voltou, depois de meia hora, já era muito tarde porque nesse meio-tempo haviam servido café com rum à tropa. Švejk já tinha acordado e, ao ouvir o grito do subtenente Dub, pulou para fora do vagão como se fosse uma corça.

— Deixe-me cheirar seu hálito! — gritou como um condenado o subtenente Dub.

Švejk expirou todo o conteúdo de seus pulmões, lembrando um vento quente que espalha pelos campos o odor de uma destilaria.

— A que você está cheirando, pilantra?

— Humildemente, senhor, cheiro a rum.

— Finalmente peguei você, fedelho — exclamou o subtenente Dub, em tom triunfal.

— Sim, senhor — disse Švejk sem mostrar o mínimo sinal de aturdimento. — Acabamos de receber rum e café, e eu bebi o rum antes. Mas se há uma nova determinação que diz que se deve beber o café antes e o rum depois, então peço desculpas. Não voltará a acontecer.

— E por que estava roncando quando vim aqui faz meia hora? Nem conseguiram acordá-lo!

— Humildemente, senhor, não consegui dormir a noite inteira porque estava recordando os dias de manobras em Veszprém. Naquela época, os supostos corpos do exército, o primeiro e o segundo, atravessaram a Estíria e a Hungria ocidental e assediaram nosso quarto corpo, que havia acampado em Viena e arredores, onde tínhamos que montar fortificações. Mas nos assediaram e chegaram à ponte que os sapadores estavam construindo na ribeira esquerda do Danúbio. Nós devíamos levar a termo a ofensiva e deviam vir nos ajudar tropas procedentes do norte e depois também do sul de Osijek. Leram uma ordem do dia que dizia que o terceiro corpo do exército estava marchando para nos ajudar para que não nos reduzissem a picadinho entre o lago Blatenským e Prešpurkem quando avançássemos contra o segundo corpo do exército. Mas não serviu para nada: quando estávamos prestes a vencer, a corneta assinalou o fim da contenda e derrotamos as braçadeiras brancas.[74]

O subtenente Dub não deu nem um pio e se dirigiu, perplexo, ao vagão do alto-comando. Mas voltou imediatamente para dizer a Švejk:

— Lembrem-se, você e todos, que chegará um dia em que os farei chorar!

Não lhe ocorreu mais nada e se dirigiu outra vez ao vagão do alto-comando. Naquele momento, o capitão Ságner estava interrogando um infeliz da 12ª Companhia que fora trazido pelo sargento Strnad; é que o soldado já começara a se preocupar com sua segurança nas trincheiras e conseguira em algum lugar da estação a porta de um chiqueiro reforçada com latão. O soldado estava plantado no vagão, com os olhos fora de órbita e se desculpando por querer levar a porta às trincheiras para se proteger dos projéteis.

O subtenente Dub aproveitou a oportunidade para fazer outro sermão sobre o comportamento de um soldado e suas obrigações para com a pátria e o monarca, o chefe militar supremo. Disse que se no batalhão havia elementos como aquele era necessário extirpá-los, castigá-los e prendê-los. Sua conversa fiada era de tão mau gosto que o capitão Ságner palmeou os ombros do culpado e lhe disse:

— Você de fato tinha boas intenções. Não volte a fazer uma coisa dessas; carregar uma porta é uma besteira. Devolva-a ao lugar de onde a tirou e vá para o inferno!

O subtenente Dub mordeu os lábios e disse a si mesmo que a salvação da disciplina do batalhão, que estava se dissolvendo, dependia exclusivamente dele. Por isso voltou a fazer uma ronda em toda a estação. Ao lado de um armazém no qual havia um cartaz em alemão e em húngaro que dizia que era proibido fumar, encontrou um soldado lendo um jornal que o tapava a tal ponto que não se viam seus galões. Dub gritou: "Sentido!"; tratava-se de um soldadinho pertencente a um regimento húngaro de reserva que estava em Humenné.

O subtenente Dub sacudiu-o, o soldado húngaro se levantou e nem sequer se deu ao trabalho de saudá-lo; enfiou o jornal no bolso e se dirigiu à estrada. O subtenente Dub seguiu-o maquinalmente, mas o húngaro acelerou o passo; depois se virou e, com um gesto de desdém, levantou as mãos para que o subtenente Dub não duvidasse nem um momento de que havia achado que pertencia a um regimento tcheco. Então, o soldado húngaro começou a correr e desapareceu no meio das casas do outro lado da estrada.

Para demonstrar que não tinha nada a ver com aquela cena, o subtenente Dub entrou majestosamente em uma pequena loja à beira da estrada e, em sua confusão, apontou um grande carretel de linha preta. Enfiou-o no bolso, pagou e voltou ao vagão do alto-comando. Uma vez ali, mandou chamar seu ordenança, Kunert, e disse, lhe entregando o carretel:

— Sempre tenho que ser eu quem deve se ocupar de tudo. Tenho certeza de que você se esqueceu de trazer linhas.

— Humildemente, senhor, temos uma dúzia de carretéis.

— Mostre-me imediatamente, então. Ou acha que acredito em você?

Quando Kunert voltou com uma caixa cheia de carretéis de linha branca e preta, o subtenente Dub disse:

— Veja, rapaz, olhe bem como são diferentes as linhas que acaba de trazer e as deste meu grande carretel! Suas linhas são finas e se partem imediatamente; as minhas, no entanto, não se partem! No campo de batalha, não queremos nenhum tipo de porcaria, tudo tem que ser de qualidade. Bem, leve todas essas linhas, espere minhas ordens e na próxima vez se lembre de que não deve comprar nada por sua conta, me consulte antes! Não queira me conhecer, ainda não viu meu lado mau!

Quando Kunert saiu, o subtenente Dub se dirigiu ao tenente Lukáš:

— Meu ordenança é uma pessoa muito inteligente. De vez em quando se equivoca, mas em geral entende tudo imediatamente. Tem a grande virtude de ser honrado. Em Most nad Litavou recebi um pacote do meu sogro, que vive no campo, com vários gansos assados, e imagine que nem os tocou; como não pude comer todos imediatamente, deixou que estragassem. Isso é resultado da disciplina. Os oficiais devem educar os soldados.

Para dar a entender que não estava ouvindo o palavrório daquele idiota, o tenente Lukáš foi até a janela e disse:

— Sim, hoje é quarta-feira.

Então, sentindo uma imensa vontade de dizer alguma coisa, o subtenente Dub se dirigiu ao capitão Ságner em um tom confidencial e amistoso:

— Ouça, capitão Ságner, o que acha…

— Me desculpe por um momento — disse o capitão e foi embora.

Enquanto isso, Švejk estava jogando conversa fora com Kunert; o assunto era o superior do último.

— Onde você esteve metido durante todo esse tempo? — perguntou Švejk. — Não foi visto em nenhum lugar.

— Ora, você sabe, meu velho louco me mantém atarefado. A três por dois me chama e me interroga sobre coisas que não me importam. Também me perguntou se sou seu amigo e eu lhe disse que nos vemos muito pouco.

— É muito amável da parte dele perguntar por mim. Eu gosto muito do seu subtenente. É uma pessoa muito boa e comporta-se com os soldados como um verdadeiro pai — disse Švejk com expressão séria.

— Isso é o que você acha — discordou Kunert. — É um infeliz, um grande imbecil. Estou com ele até o pescoço; sua única função é me chatear.

— É mesmo? — estranhou Švejk. — E eu achando que é uma ótima pessoa! Não sei por que você fala assim do seu subtenente, mas suponho que deve ser uma coisa típica dos ordenanças. Preste atenção no ordenança do major Wezl: ele não se refere a seu superior de outra maneira que não "safado de merda!"; e o do coronel Schröder sempre o chama de "porco asqueroso" e "canalha podre". Na verdade, os ordenanças aprendem a insultar com seus chefes. Se os chefes não blasfemassem, seus ordenanças não repetiriam seus palavrões. Em Budějovice havia um subtenente, o Procházka, que não blasfemava muito; a única coisa que dizia ao seu ordenança era "pedaço de asno". O ordenança, um tal de Hibman, jamais ouviu outra imprecação. Pois este Hibman acostumou-se tanto com essa expressão que quando voltou para casa chamava seu pai, sua mãe e sua irmã de "pedaço de asno". Dirigiu-se assim inclusive a sua noiva; ela rompeu com ele e o acusou de ofender sua honra, porque ele dissera aquilo a ela, a sua mãe e a seu pai em um baile. Não o perdoou e declarou no tribunal que se lhe tivesse dito "pedaço de burro" em um lugar afastado talvez o tivesse desculpado, mas tal como havia feito era uma vergonha com repercussão europeia. Aqui entre nós, Kunert, nunca teria acreditado que seu subtenente fosse tal como você o pintou. Já à primeira vista gostei tanto dele como de uma salsicha que acabaram de fritar, e quando o vi pela segunda vez me deu a impressão de ser um homem culto, um intelectual. E você, de onde é? Da própria Budějovice? Acho muito bom que as pessoas sejam exatamente de um lugar. E onde fica sua casa? Debaixo das arcadas? Ora, então no verão você pode estar ao fresco. Tem família? Uma mulher e três filhos? Que bom, amigo! Pelo menos alguém chorará por você, como costumava dizer o capelão militar Katz em seus sermões. E, de fato, é verdade; uma vez, em Most nad Litavou, ouvi o discurso de um coronel dirigido aos soldados da reserva que iam para a Sérvia e o coronel disse que o soldado que deixava em casa uma família e tombava no campo de batalha quebrava todos os laços familiares. Na verdade, dizia assim: "Quando um é cadáfer, cadáfer de família, quebra a laço do família, pelo Vaterland, o pátria." Vive no quarto andar? No térreo, disse? Tem razão, agora que estou pensando me lembro de que não há nenhum edifício de quatro andares na praça principal de Budějovice. Já está

indo? Ah, seu subtenente está plantado diante do vagão do alto-comando olhando para cá. Se lhe perguntar se falei dele, diga-lhe que sim, e não se esqueça de contar como o elogiei e que disse que nunca encontrei um oficial que se comportasse de maneira tão amistosa e paternal como ele. Não deixe de lhe dizer que tive a impressão de que é um homem culto, um intelectual, e que aconselhei você a se comportar bem e a fazer tudo o que ler em seus olhos. Vai se lembrar?

Švejk subiu no vagão e Kunert voltou ao seu buraco.

Ao cabo de um quarto de hora partiram para Nové Čabiny e atravessaram duas aldeias calcinadas, Brestov e Veliký Radvaň. Via-se claramente que a coisa começava a ficar séria.

As ladeiras e encostas dos Cárpatos estavam sulcadas pelas trincheiras, que se estendiam de um vale a outro ao longo dos novos dormentes da via. Em ambos os lados havia buracos abertos pelas granadas. Aqui e ali, ao lado dos riachos que corriam para o Laborec, cujo curso seguia os trilhos do trem, viam-se pontes novas e trechos calcinados de velhas pontes.

Todo o vale de Medzilaborce estava sulcado e revolvido, como se exércitos inteiros de toupeiras gigantes tivessem trabalhado ali. A estrada do outro lado do rio parecia destroçada, cheia de sulcos e, em sua borda, os terrenos por onde os exércitos haviam passado estavam devastados.

As tormentas e os aguaceiros haviam deixado a descoberto pedaços de uniformes austríacos na margem das fossas abertas pelas granadas.

Depois de Nové Čabiny, no meio dos galhos de um velho pinheiro, pendia a bota de um soldado de infantaria austríaco com um pedaço de perna dentro.

A fúria dos disparos da artilharia deixara os bosques de pinheiro sem folhas e sem agulhas, árvores sem copas e casas destruídas.

O trem avançava lentamente pelos aterros recém-construídos, de maneira que todo o batalhão podia contemplar e saborear com prazer as alegrias da guerra, observar os cemitérios militares que brilhavam com suas cruzes no meio das planícies e das encostas devastadas, começar a se preparar mentalmente para o campo de glória que terminava com um quepe austríaco cheio de lama se balançando sobre uma cruz branca.

Os alemães de Kašperské Hory, que ocupavam os vagões do fundo e que, quando ainda estavam entrando na estação de Milovice, haviam cantado aos gritos sua canção de sempre, "*Quando eu voltar, quando eu voltar...*", depois de Humenné emudeceram, pois compreenderam que muitos daqueles cujos quepes viam sobre as tumbas haviam cantado aquela mesma canção que falava de como seria bonito poder voltar para casa e encontrar a mulher amada.

A estação de Medzilaborce estava destroçada e queimada, e de suas paredes manchadas de fumaça sobressaíam travessões torcidos.

O novo barracão de madeira, construído de maneira atropelada para substituir a estação queimada, estava coberto de cartazes em todas as línguas: "Subscrevam os donativos de guerra austríaco."

Em outro barracão alongado, ficava o posto da Cruz Vermelha. Dali saíram duas enfermeiras com um médico de guerra gordinho que, para se divertir, imitava a voz de alguns animais e naquele momento tentava, sem muito sucesso, grunhir como um porco.

Um pouco mais além dos trilhos da ferrovia, em uma depressão do curso d'água, havia uma cozinha de campanha despedaçada. Apontando-a, Švejk disse a Baloun:

— Olhe, Baloun, é isso o que nos espera em um futuro imediato. No momento em que iam começar a distribuir a comida, uma granada chegou voando e a deixou assim.

— Isso é terrível! — suspirou Baloun. — Jamais teria imaginado que me esperaria coisa parecida. Mas a culpa de tudo isso é o meu orgulho; miserável de mim, no inverno passado comprei, em České Budějovice, umas luvas de couro. Já estava cansado de enfiar minhas mãos camponesas nas velhas luvas de lã do meu falecido pai e fiquei louco por umas luvas de couro, como a gente da cidade. Meu pai comia ervilhas refogadas, coisa que me dava nojo; eu só queria aves. Tampouco aceitava um porco assado comum; minha mulher tinha que prepará-lo, Deus me perdoe, na cerveja.

Totalmente desesperado, Baloun começou a confessar em público:

— Blasfemei contra todos os santos e contra todas as santas; em uma taverna do Malše e também na aldeia de Dolní Zahájí dei uma surra num capelão. Não nego que acreditava em Deus, mas tive minhas dúvidas no que diz respeito a São José. Em casa suportei as imagens de todos os santos, mas me desfiz da imagem de São José. Agora Deus me castigou por todos meus pecados e minha imoralidade. Quantas malditas imoralidades cometi no moinho! Quantas vezes insultei meu pai e lhe amarguei a velhice, e quantas vezes aborreci minha mulher!

Švejk ficou pensando: "Você é moleiro, não é mesmo? Pois devia saber que os moinhos de Deus moem lentamente mas com certeza foi por sua culpa que explodiu a Guerra Mundial."

O voluntário interveio na conversa:

— Blasfemar e não reconhecer todos os santos não lhe serviu de nada, Baloun; pelo contrário, pois deve saber que nosso exército austríaco é, há muitos anos, um exército puramente católico. O exemplo mais brilhante disso é o nosso comandante supremo. Como pode ousar ir à guerra envenenado pelo ódio em relação a alguns santos e mártires quando o Ministério da Guerra introduziu exércitos de jesuítas no comando das guarnições e temos testemunhado a glória do renascimento militar? Entende bem o que estou lhe dizendo, Baloun? Compreende que, na realidade, está cometendo um crime contra o glorioso espírito do nosso não menos glorioso exército? Como, por exemplo, com essa história de São José, cujo quadro você disse que não suportava ver pendurado na sua sala de estar. Devia saber, Baloun, que ele é o padroeiro de todos os que querem escapar da guerra! Era carpinteiro e você conhece o ditado tcheco: "Precisamos saber onde o carpinteiro deixou o buraco!", ou seja, onde está a porta que nos permitirá fugir. Quantas pessoas foram aprisionadas por causa desse ditado quando, assediadas por todos os lados, tentavam se salvar, não por egoísmo, mas para, como membros das forças armadas, poderem dizer a Sua Majestade o Imperador, ao voltar do cativeiro: "Estamos aqui e esperamos suas ordens!" Está me entendendo, Baloun?

— Não, não estou — suspirou Baloun —, tenho a cabeça dura. Tudo tem que se repetido dez vezes.

— Você não pode deixar por menos? — perguntou Švejk. — Tentarei explicar mais uma vez. Acabou de ouvir que tem de agir de acordo com o espírito que

reina no exército, que precisa acreditar em São José e, quando estiver assediado pelos inimigos, deve procurar onde o carpinteiro fez o buraco para que você se preservasse para o imperador nas guerras que faltam. Agora talvez entenda, e seria bom que fizesse uma confissão mais completa e nos contasse que tipo de imoralidades fazia no moinho. Mas não quero que conte alguma história parecida com a anedota da garota que foi se confessar e, depois de ter confessado vários pecados, começou a sentir vergonha e disse ao capelão que toda noite cometia imoralidades. Claro, quando o capelão ouviu aquilo ficou com água na boca e disse: "Não se envergonhe, minha filha, você sabe que eu sou o representante de Deus na Terra; conte-me, pois, suas imoralidades detalhadamente." A garota se desfez em lágrimas dizendo que tinha vergonha, que sua imoralidade era terrível, e ele repetiu que era seu pai espiritual. Finalmente, depois de se fazer de sonsa durante um bom tempo, a menina confessou que toda noite se enfiava na cama pelada. O capelão não conseguiu lhe arrancar nem mais uma palavra e a garota começou a chorar muito mais do que antes. E ele, ora, que não tinha motivos para sentir vergonha, que o homem é um ser pecador por natureza, que a misericórdia de Deus é infinita. Então ela se decidiu e, ainda chorando, lhe disse: "Bem, um dia, quando estava pelada na cama, comecei a tirar a sujeira do meio dos meus dedos do pé e dei uma cheirada." E essa era toda sua imoralidade. Espero, Baloun, que você não tenha feito isso no moinho e que nos conte algo mais saboroso, alguma imoralidade como Deus manda.

Era óbvio, levando-se em conta sua confissão anterior, que Baloun fizera imoralidades com camponesas no moinho. Então se descobriu que as imoralidades consistiam em fraudar a farinha que lhes vendia. Sua alma simples chamava aquilo de imoralidade. Quem ficou mais decepcionado foi o telegrafista Chodounský, que lhe perguntou se no moinho não havia feito nada com as camponesas em cima dos sacos de farinha e Baloun respondeu, agitando os braços:

— Eu sou muito estúpido para isso.

Os soldados foram informados de que a comida seria distribuída depois de Palota, no desfiladeiro de Lupków, e o intendente do batalhão, os cozinheiros das companhias e o subtenente Cajthaml, encarregado da alimentação, se dirigiram à aldeia de Medzilaborce acompanhados por quatro homens designados para protegê-los.

Em menos de meia hora voltaram com três porcos amarrados pelas patas traseiras, acompanhados pela família encolerizada de um ruteno da Hungria de quem os haviam confiscado e um médico gordo da barraca da Cruz Vermelha, que passou a relatar com veemência alguma coisa ao indiferente subtenente Cajthaml.

A discussão atingiu o clímax diante do vagão do alto-comando, quando o médico militar afirmou ao capitão Ságner que aqueles porcos eram destinados ao hospital da Cruz Vermelha. O camponês não queria saber de nada e exigia que lhes devolvessem seus porcos, a única coisa que lhe restara; não queria entregá-los em hipótese alguma, e menos ainda pelo preço que haviam pago por eles.

Enquanto dizia isso, tentava entregar ao capitão Ságner o montão de cédulas que recebera pelos porcos; sua mulher segurava a mão do capitão e a beijava com a submissão típica dos habitantes daquela região.

O capitão Ságner estava atordoado e teve muita dificuldade para afastar a camponesa. Mas não lhe serviu de nada, porque chegaram novos reforços, mais jovens, que ocuparam o lugar da camponesa e começaram a devorar suas mãos com beijos.

O subtenente Cajthaml anunciou, em um tom estritamente comercial:

— Este homem tem uns doze porcos e lhe pagamos corretamente, conforme a última ordem do comandante da divisão, número 12.420, seção de abastecimento. Segundo o parágrafo 16 desta ordem, os porcos devem ser comprados em lugares afastados da zona de guerra, por um preço de não mais de 2 coroas e 16 cêntimos por quilo de peso vivo; nos lugares afetados pela guerra, se acrescentará um suplemento de 36 cêntimos por quilo de peso vivo; de maneira que, por um quilo, serão pagas 2 coroas e 52 cêntimos. A isso é preciso acrescentar a seguinte observação: se nos lugares afetados pela guerra forem detectados casos em que a economia ficou intacta com um rebanho completo de muitos porcos que pode ser usado para alimentar as tropas que passarem pelos lugares em questão, pela carne de porco se pagará, como nas regiões não afetadas pela guerra, um suplemento especial de 12 cêntimos por quilo de peso vivo. Se a situação não estiver de todo clara, será constituída imediatamente uma comissão formada pelos interessados, o comandante da unidade militar em trânsito e o oficial ou intendente (quando se tratar de uma unidade não muito numerosa) encarregados do abastecimento.

O subtenente Cajthaml leu todo o texto da ordem da divisão do qual não se afastava nunca; por isso sabia quase de memória que um quilo de cenouras na zona de guerra valia 15,30 cêntimos, enquanto um quilo de couve-flor destinado à cozinha dos oficiais da linha de frente chegava a 1 coroa e 75 cêntimos por quilo.

Aqueles que haviam elaborado essa lei em Viena imaginavam que a zona de guerra era uma região onde abundavam cenouras e couves-flores.

O subtenente Cajthaml leu o texto em alemão ao camponês aturdido e depois lhe perguntou se o entendera. Como o camponês balançou a cabeça, o tenente exclamou:

— Então está querendo uma comissão?

O camponês entendeu a palavra comissão e assentiu com a cabeça. Já fazia um bom tempo que haviam arrastado os porcos para as cozinhas de campanha para serem executados e os soldados da patrulha do confisco, com baionetas nos fuzis, o haviam cercado. A comissão se dirigiu a sua granja para avaliar se deviam pagar 2 coroas e 52 cêntimos por quilo ou apenas 2 coroas e 28 cêntimos.

Ainda não haviam chegado ao caminho que levava à aldeia quando, da cozinha, ouviram-se os grunhidos de agonia dos três porcos.

O camponês entendeu que não havia mais nada a fazer e exclamou com desespero:

— Me deem 2 florins de ouro por cada porco!

Os quatro soldados se aproximaram mais ainda. A família do camponês ajoelhou-se na poeira e obstruiu o caminho do capitão Ságner e do subtenente Cajthaml.

A mãe e as filhas abraçaram seus joelhos e chamaram os dois militares de benfeitores. Por fim, o camponês mandou que se calassem, ordenou, no dialeto ucraniano dos rutenos húngaros, que se levantassem e gritou para os soldados:

— Devorem os porcos e se arrebentem!

E assim terminou a história da comissão. Mas como, de repente, o camponês se revoltou e começou a ameaçar todo mundo com os punhos, um soldado lhe deu um golpe com a culatra. Então toda a família se persignou e, encabeçada pelo pai, fugiu.

Dez minutos depois, o intendente do batalhão e o ordenança Matušič saboreavam em seu vagão os miolos do porco. No meio daquele banquete, entre uma mordida e outra, o intendente dizia, maliciosamente, aos escreventes:

— Bem que vocês gostariam de participar da comilança, não é mesmo? Nem pensar, bonitinhos, é só para os oficiais. Os rins e fígado para os cozinheiros, os miolos e os pés para os senhores intendentes e, para os escreventes, apenas a ração dupla da carne destinada aos soldados.

O capitão Ságner acabara de dar uma ordem à cozinha dos oficiais.

— Porco assado ao cominho. Escolher a melhor carne, nada de excesso de gordura!

E foi assim que, quando no desfiladeiro de Lupków o rancho foi distribuído à tropa, cada soldado encontrou em sua ração de sopa pequenos pedaços de carne, e os que haviam nascido em um planeta ainda pior, apenas um pedacinho de pele.

Na cozinha reinava o nepotismo militar habitual, de maneira que a camarilha dirigente e seus asseclas eram os primeiros a se alimentar. Os ordenanças chegaram ao desfiladeiro de Lupków com a boca engordurada. A barriga de todos estava dura como uma pedra. Era de se gritar aos céus.

O voluntário Marek armou um grande escândalo na cozinha porque queria ser justo. Quando o cozinheiro colocou um bom pedaço de pernil em sua sopa dizendo: "Isto é para o historiador do nosso batalhão!", ele declarou que no exército todos os homens eram iguais. Tal afirmação provocou um assentimento geral e os soldados começaram a insultar os cozinheiros.

Para deixar claro que não admitia qualquer protecionismo, o voluntário atirou o pedaço de carne no caldeirão. Mas os cozinheiros não entenderam o gesto e acharam que o historiador do batalhão não estava satisfeito. O cozinheiro-chefe lhe disse ao ouvido que aparecesse mais tarde, quando tivesse repartido o rancho, e que lhe daria um pedaço da perna.

Os lábios dos escreventes também brilhavam, os enfermeiros resfolegavam de satisfação; no entanto, ao redor daquela festa se viam os rastros dos últimos combates. Por toda parte estavam espalhadas cápsulas de cartuchos, latas vazias, farrapos de uniformes russos, austríacos e alemães, pedaços de carros quebrados e longas tiras de gaze e algodão ensanguentadas.

Ao lado da velha estação em ruínas, sob um velho pinheiro, ficara uma granada que não explodira. Por toda parte se viam as marcas das explosões e, ali perto, estavam enterrados cadáveres de soldados, porque se percebia uma pestilência de putrefação.

E nas imediações dos lugares onde os exércitos haviam acampado se viam pequenas pilhas de excrementos de origem internacional, de todos os povos da Áustria, da Alemanha e da Rússia. Os excrementos dos soldados de todas as nacionalidades e confissões religiosas estavam espalhados ou empilhados sem o menor conflito.

Uma cisterna de água meio destruída, a cabana de madeira de um guarda ferroviário e tudo o que tinha alguma parede estava cheio de buracos de bala de fuzil, parecendo uma peneira.

Para que não falte nada a esta imagem de alegrias bélicas, por detrás de uma montanha subiam em direção ao céu colunas de fumaça, como se estivesse ardendo uma aldeia inteira e ali se concentrassem as operações militares. Eram as barracas da cólera e da disenteria, incendiadas para grande alegria dos senhores que haviam construído aquele hospital sob o patrocínio da arquiduquesa Marie, e que haviam enchido os bolsos apresentando contas de inexistentes barracas da cólera e da disenteria.

Agora, um grupinho de barracas servia de bode expiatório e todo o dinheiro sujo do patrimônio arquiducal se elevava aos céus com o fedor típico de colchões de palha queimados.

Em cima das rochas, atrás da estação, os alemães haviam se apressado em erigir um monumento aos brandemburgueses tombados, com uma inscrição que dizia: "Aos heróis do desfiladeiro de Lupków" e uma grande águia imperial esculpida em bronze. No pedestal se informava que aquele emblema fora construído com canhões russos conquistados pelos regimentos do Reich alemão durante a libertação dos Cárpatos.

Depois da refeição, o batalhão descansava nos vagões no meio daquela atmosfera curiosa e desconhecida, enquanto o capitão Ságner e o ordenança do batalhão se esforçavam para decifrar os telegramas cifrados da base de operações da brigada que explicavam o itinerário a ser seguido pelo batalhão. As determinações eram tão confusas que tinha-se a impressão de que, de fato, não deviam ter se dirigido ao desfiladeiro de Lupków, mas que, a partir de Nové Mesto, ou Sátorajaújhely, deveriam ter tomado outra direção, porque o telegrama mencionava cidades como Csap-Ungvár, Kis-Berezna-Uzsok.

Em dez minutos ficou demonstrado que o oficial da base de operações da brigada era um imbecil: chegou um telegrama cifrado perguntando se se tratava do 8º Batalhão do 75º Regimento (código militar G3). O estúpido da base de operações ficou espantado com a resposta, que dizia que se tratava do 7º Batalhão do 91º Regimento, perguntava quem havia dado a ordem de ir a Mukačevo pela via militar do vale do Stryj se o itinerário indicava que deviam ir a Sanok, na Galícia, passando pelo desfiladeiro de Lupków. O imbecil ficou surpreso de ter recebido um telegrama do desfiladeiro de Lupków e enviou uma mensagem cifrada: "Itinerário sem alterações, do desfiladeiro de Lupków a Sanok, esperar ali novas determinações."

Quando o capitão Ságner voltou, no vagão do alto-comando começaram a discutir se alguém havia perdido a cabeça e alguns afirmaram que, se não fosse pelos alemães do Reich, a Unidade Leste do Exército teria perdido completamente a cabeça.

O subtenente Dub tentou justificar a idiotice do estado-maior austríaco dizendo que aquela região fora muito devastada por causa das recentes batalhas e que ainda não fora possível reparar totalmente as vias férreas.

Todos os oficiais o olhavam com pena, como se quisessem dizer: "Não é sua culpa ter nascido idiota." Como não encontrava quem o contradissesse, o subtenente Dub falava pelos cotovelos da extraordinária impressão que lhe causava aquela região arrasada e que nosso exército, segundo testemunhava, tinha um punho de ferro. Outra vez, nenhuma resposta, de maneira que Dub repetiu: "Sim, certamente, claro, os russos fugiram tomados pelo pânico."

O capitão Ságner decidiu que, na primeira oportunidade que tivesse, quando a situação nas trincheiras fosse verdadeiramente perigosa, enviaria o subtenente Dub para explorar as posições inimigas no outro lado dos alambrados. Foi à janela com o tenente Lukáš e disse ao seu ouvido: "Estes malditos civis são uma praga infernal. Quanto mais inteligentes, mais burros."

Parecia que o tenente Dub não ia parar de falar nunca. Agora contava a todos os oficiais o que lera nos jornais sobre as batalhas dos Cárpatos e sobre os combates que

haviam sido travados para reconquistar os desfiladeiros durante a ofensiva conjunta da Áustria e da Alemanha no San.

Não apenas narrava aquilo como se tivesse participado daquelas batalhas, mas como se ele próprio tivesse comandado todas as operações. Especialmente desagradáveis eram frases como:

— Depois avançamos até Bukovsko para garantir a linha Bukovsko-Dynov, sempre mantendo contato com o grupo de Bardějov perto de Velká Polanka, onde aniquilamos a divisão inimiga de Samara.

O tenente Lukáš não conseguiu suportar mais aquilo e observou:

— E, naturalmente, antes da guerra você conversou bastante com o prefeito do distrito.

O subtenente Dub dirigiu um olhar hostil ao tenente Lukáš e saiu do vagão.

Sob o aterro no qual estava o trem militar era possível ver vários objetos que os soldados russos haviam jogado fora durante a retirada: chaleiras oxidadas, panelas, cartucheiras. Também haviam espalhado pelo vale rolos de arame, tiras de gaze e chumaços de algodão cheios de sangue. Um grupo de soldados se inclinara no alto da escarpa e o subtenente Dub notou que Švejk estava entre eles e dizia alguma coisa.

Dirigiu-se para lá e, plantando-se diretamente diante de Švejk, alfinetou-o em tom severo:

— O que está acontecendo aqui?

— Humildemente, senhor — respondeu Švejk por todos —, estamos olhando.

— E o que estão olhando? — perguntou o subtenente Dub.

— Humildemente, senhor, estamos olhando a escarpa.

— E quem lhes deu permissão para fazê-lo?

— Humildemente, senhor, este é o desejo de nosso coronel, Schröder, de Most nad Litavou. Ao se despedir da gente antes de partirmos para o campo de batalha, nos disse que quando passássemos por um cenário bélico abandonado o contemplássemos atentamente para compreender como se lutara ali, pois isso nos poderia ser muito útil. E agora, senhor, olhando essa escarpa nos damos conta de quantas coisas um soldado tem de jogar fora quando está fugindo. Aqui vemos, humildemente, senhor, que não vale a pena um soldado carregar todo tipo de coisas inúteis. É inútil andar tão carregado. É inútil se cansar dessa maneira; com tanto peso, não é possível lutar com facilidade.

Uma esperança brilhou de repente na mente do subtenente Dub; talvez tivesse, finalmente, uma oportunidade de enviar Švejk a uma corte marcial por propaganda antimilitarista e alta traição; por isso lhe perguntou, rapidamente:

— Então você acha que um soldado deve jogar fora os cartuchos como esses que estão abandonados aqui na vala, ou as baionetas, como aquelas ali?

— Oh, não! De maneira nenhuma, senhor — respondeu Švejk com um sorriso afável. — Faça o favor de olhar aquele penico de lata.

E, de fato, sob a encosta, no meio de pedaços de panelas, estava atirado, provocativamente, um penico oxidado e com o esmalte descascado: todos aqueles objetos que não serviam mais para nada deviam ter sido deixados ali para o chefe da estação, certamente para que se transformassem em material de discussão de arqueólogos nos séculos futuros. A descoberta daquele povoado os deixaria boquiabertos, e os escolares

estudariam a antiguidade dos penicos esmaltados. O subtenente observou aquele objeto muito atentamente, mas a única coisa que conseguiu descobrir foi que não se tratava de um daqueles artefatos inúteis que haviam passado os dias de sua juventude debaixo de uma cama.

Todos ficaram impressionados e, ao ver que o subtenente Dub não dizia nada, Švejk afirmou:

— Humildemente, senhor, uma vez aconteceu uma coisa muito divertida com um penico como esse no balneário de Poděbrady. A história foi contada por alguém em uma taverna do meu bairro. Em Poděbrady acabara de ser publicada uma revista chamada *Nezávislost*, sim, independência. Seu diretor era o farmacêutico da cidade e para exercer a função de redator contrataram um tal de Ladislav Hájek, de Domažlice. O farmacêutico era um personagem muito extravagante: colecionava panelas antigas, potes velhos e outras quinquilharias e quase chegou a montar um museu. O tal Hájek de Domažlice convidou uma vez um amigo que também escrevia em um jornal a visitá-lo em Poděbrady. Como fazia mais de uma semana que não se viam, tomaram um porre e o amigo lhe prometeu que em troca do convite escreveria um artigo para a *Nezávislosti*, a tal da revista independente em que trabalhava. De maneira que o companheiro escreveu sobre um colecionador que encontrara na margem do Elba, na areia, um velho penico de lata; achou que era o elmo de São Venceslau e armou tal alvoroço que até o bispo Brynych de Hradec Králové foi vê-lo com uma procissão de estandartes. O farmacêutico de Poděbrady achou que o artigo era uma alusão a sua pessoa e aí ele e o senhor Hájek brigaram.

O subtenente Dub estava morrendo de vontade de atirar Švejk na escarpa, mas se controlou e gritou para todo mundo:

— Parem de ficar perdendo seu tempo olhando essas besteiras e saiam daí! Vocês ainda não me conhecem, mas quando me conhecerem verão! Você fica aqui, Švejk — acrescentou com uma voz terrível quando Švejk ameaçou ir com os outros para seu vagão.

Ficaram plantados cara a cara. O subtenente Dub pensava no que poderia dizer que soasse arrepiante, mas Švejk se adiantou:

— Humildemente, senhor, tomara que continue fazendo este tempo. De dia não faz muito calor e as noites são agradáveis, de modo que agora é o momento mais adequado para se ir à guerra.

O subtenente Dub puxou o revólver e perguntou a Švejk:

— Você sabe o que é isto?

— Humildemente, senhor, sei sim. O tenente Lukáš tem um igual.

— Então se lembre dele, infeliz! — disse o tenente Dub com seriedade e dignamente, voltando a guardar o revólver. — Para que não lhe aconteça algo desagradável se continuar a fazer propaganda subversiva.

O subtenente Dub se afastou murmurando:

— Agora disse-o bem: propaganda subversiva. Perfeito!

Antes de voltar ao seu vagão, Švejk passeou um tempo enquanto se dizia em voz baixa: "Em que categoria deveria colocar este caso?" E, quanto mais pensava nisso, mais claramente via que poderia ser classificado como semipeido.

Desde tempos imemoriais, a palavra "peido" desfrutava de grande popularidade no exército. Este título honorífico estava reservado particularmente aos coronéis, aos majores e aos capitães, e era, de alguma maneira, o superlativo da expressão corrente "vovô safado". Sem o adjetivo, a palavra "vovô" era um epíteto amável para designar um velho coronel ou major que gritava muito, mas que, mesmo assim, apreciava seus soldados e os protegia de outros regimentos, sobretudo quando se tratava de patrulhas que iam às tavernas recolher aqueles que não estavam de licença por algumas horas. Um "vovô" cuidava dos soldados, se preocupava com sua alimentação, que a comida fosse passável, mas sempre tinha alguma mania, algum tique, e por isso o chamavam de "vovô".

Mas quando o velho importunava a tropa e os oficiais sem nenhum objetivo, inventando exercícios noturnos e coisas semelhantes, se transformava em "vovô canalha".

O grau superior a "vovô safado", levando-se em conta sua capacidade de ser impertinente, desagradável e estúpido, era "peido", uma palavra que queria dizer tudo. Mas, aqui, convém chamar a atenção para o abismo que separa o "peido" do mundo civil do "peido" da vida militar.

O primeiro, o civil, é também um superior, e seus empregados e subalternos o chamam geralmente assim. É um burocrata exageradamente exigente que, por exemplo, o censura por seu texto não ter sido bem enxuto com o mata-borrão. Na sociedade humana, simbolizam o cúmulo da estupidez; são aqueles pretenciosos que acreditam que sabem mais do que ninguém, são capazes de explicar qualquer coisa e se ofendem à toa.

Quem esteve no exército sabe qual é a diferença entre eles e o "peido" de uniforme. Aqui o termo designa um canalha, um canalha de verdade, que investe contra tudo sem piedade mas que se detém diante do menor obstáculo; não gosta dos soldados e luta, inutilmente, contra eles, pois é incapaz de conquistar a autoridade desfrutada pelo "vovô" e até pelo "vovô safado".

Em algumas guarnições, como a de Trento, em vez de "peido" diziam "nosso velho filho da puta". Em todos os casos se tratava de uma pessoa mais velha, e se Švejk qualificara o subtenente Dub de "semipeido" era porque compreendera que, para ser um peido completo, faltavam a Dub cinquenta por cento de idade, de categoria e de tudo.

Švejk voltava ao seu vagão submerso nessas reflexões quando topou com o ordenança de Dub, Kunert. Seu rosto estava inchado e resmungava, de uma maneira quase incompreensível, que acabara de encontrar seu superior, que, ao constatar que tinha tratos com Švejk, lhe dera uma boa surra.

— Nesse caso — disse Švejk tranquilamente —, iremos denunciá-lo. Um soldado austríaco só pode se deixar esbofetear em certos casos. Mas seu chefe ultrapassou todos os limites; como dizia o velho príncipe Eugène de Savoy: "Até aqui e nem um passo a mais." Agora você terá que ir sozinho fazer uma denúncia formal e, se não for, eu mesmo lhe darei uns safanões que nem sua mãe o reconhecerá para que saiba que no exército tem de haver disciplina. No quartel de Karlín havia um subtenente que se chamava Hausner; ele também tinha um ordenança, e também lhe dava socos e pontapés. Um dia o subtenente lhe deu uma surra tal que o ordenança ficou tonto; apresentou uma denúncia formal, declarando que o subtenente acabara de lhe dar umas patadas; mas estava tão nervoso que confundiu tudo. O chefe provou que mentia, que naquele dia não havia lhe dado patadas mas apenas bofetadas, de maneira que o rapaz foi condenado a três semanas de prisão por falso testemunho.

"Mas isso não muda nada", continuou Švejk. "É exatamente como o que contou Hubička, um médico que é obrigado, no instituto de medicina legal, a dissecar tanto um enforcado como um envenenado. No exército, um par de bofetadas pode ser muito importante."

Kunert ficou inteiramente atordoado e deixou que Švejk o levasse ao vagão do alto-comando.

Inclinando-se na janela, o subtenente Dub gritou:

— O que estão fazendo aqui, bastardos?

— Comporte-se com dignidade — aconselhou Švejk a Kunert, empurrando-o para o vagão.

No corredor apareceu o tenente Lukáš e, atrás dele, o capitão Ságner.

O tenente Lukáš já tivera experiências suficientes com Švejk e por isso ficou surpreso quando viu que o bom soldado não exibia sua costumeira expressão séria e bonachona; seu rosto pressagiava novas dores de cabeça.

— Humildemente, senhor — disse Švejk —, queremos apresentar uma denúncia formal.

— Não volte a dizer besteiras, Švejk, já estou farto!

— Desculpe — respondeu Švejk —, sou ordenança de sua companhia; o senhor é o comandante da 11ª Companhia. Já sei que tudo isso pode lhe parecer estranho, mas sei também que o subtenente Dub é seu subordinado.

— Švejk, você está completamente louco — interrompeu-o o tenente Lukáš. — Deve estar bêbado; seria melhor que saísse daqui! Entendeu, estúpido, idiota?

— Humildemente, senhor — disse Švejk, empurrando Kunert —, tudo isso me lembra uma experiência que se fez em Praga com uma grade protetora para evitar que as pessoas fossem atropeladas pelos bondes. O próprio inventor se sacrificou para levar a termo a experiência e depois a prefeitura se viu obrigada a pagar uma indenização à viúva.

O capitão Ságner não sabia o que dizer, de maneira que balançou a cabeça afirmativamente. O tenente Lukáš, por sua vez, parecia desesperado.

— Humildemente, senhor, tudo deve constar do informe — continuou Švejk inexoravelmente. — Em Most nad Litavou o senhor me disse que, como ordenança da companhia, também tenho outras obrigações, além de cumprir ordens. Que tenho que estar a par de todas as coisas que acontecem na companhia. Levando em conta essa determinação, me permito lhe anunciar, senhor, que sem motivo algum o subtenente Dub tem curtido seu ordenança a bofetadas. Se fosse por mim, eu não diria nada, mas quando lembrei que o subtenente Dub está sob seu comando, resolvi que era preciso denunciá-lo.

— Que assunto mais estranho! — disse o capitão Ságner. — Por que trouxe Kunert até aqui, Švejk?

— Humildemente, senhor comandante de batalhão, devo colocar tudo no informe. Este rapaz é um tolo. O subtenente Dub lhe deu uma surra e ele não se decidiria nunca por conta própria a formalizar uma queixa. Humildemente, senhor, faça o favor de ver como os joelhos de Kunert estão tremendo. Está mais morto do que vivo por ter de apresentar uma denúncia. Não fosse por mim, nunca teria ousado fazê-lo, como um tal de Koudela de Bytouchov, que, quando estava fazendo o serviço militar, vivia se queixando até que o transferiram para a marinha. Foi corneteiro, fugiu para uma ilha do Pacífico e o declararam desertor. Depois se casou e quando um dia conversava com o

explorador Havlasa, este o tomou por um indígena. É preciso dizer que é triste apresentar uma queixa por quatro bofetadas. Mas ele não queria vir, dizia que não pensava em fazê-lo de maneira alguma. O rapaz recebeu tantas bofetadas que até perdeu a conta. Se fosse por ele, não estaria aqui, teria se deixado esbofetear sem dar um pio. Humildemente, senhor comandante; está totalmente cagado de medo! Deveria ter vindo imediatamente se queixar por ter levado uma surra, mas não se atreveu, pensou que era melhor, como disse o poeta, ser modesto como uma violeta. É necessário dizer que serve ao subtenente Dub.

E, empurrando Kunert para a frente, Švejk acrescentou:

— Pare de tremer como uma folha de carvalho!

O capitão Ságner perguntou a Kunert o que acontecera de fato.

Mas Kunert, com o corpo todo trêmulo, disse que podiam perguntar ao senhor Dub, que o subtenente nunca o esbofeteara.

Sem parar de tremer, Kunert acabou dizendo que Švejk inventara toda a história.

O próprio subtenente Dub colocou um ponto final naquela lamentável cena. Apareceu de repente e, ao ver Kunert, soltou um grito:

— O que você quer? Que lhe dê *outro* par de tabefes?

Tudo ficou absolutamente claro, pois, e o capitão Ságner limitou-se a dizer a Dub:

— A partir de agora, Kunert está transferido à cozinha do batalhão. No que diz respeito ao novo ordenança, dirija-se ao intendente sargento-mor Vaněk.

O subtenente Dub bateu continência e antes de sair se contentou a dizer a Švejk:

— Aposto que um dia você ainda vai ser pendurado.

Quando foi embora, Švejk se dirigiu ao tenente Lukáš em tom suave e amistoso:

— Em Mnichovo Hradište um senhor um dia disse essas mesmas palavras. E o outro lhe respondeu: "Voltaremos a nos encontrar no patíbulo."

— Švejk — disse o tenente Lukáš —, você é mesmo um imbecil! E não se atreva a me dizer, como de costume: "Humildemente, senhor, sou imbecil."

— Surpreendente! — disse o capitão Ságner, inclinando-se na janela.

Naquele momento teria preferido recuar, mas não havia mais tempo. A desgraça já estava ali: o subtenente Dub aparecera embaixo da janela.

Começou dizendo que lamentava muito que o capitão tivesse partido sem ouvir o desenvolvimento de suas ideias acerca da ofensiva no front oriental.

— Para compreender essa enorme ofensiva — gritou o subtenente Dub aproximando a cabeça da janela — deve-se ter presente a evolução das operações do final de abril. Tivemos que romper o front russo e nos demos conta de que o lugar mais favorável para tal irrupção era o front entre os Cárpatos e o Vístula.

— Não estou discutindo com você — respondeu o capitão Ságner secamente, e se afastou da janela.

Quando, depois de meia hora, o trem continuou seu caminho para Sanok, o capitão Ságner desabou no assento e fingiu que estava dormindo para não ter de suportar as banais deduções do subtenente Dub sobre a ofensiva.

No vagão de Švejk faltava Baloun. Acabara de obter uma permissão para limpar com pão o caldeirão de gulache. Naquele momento, estava no vagão das cozinhas de campanha em uma postura pra lá de incômoda. É que, quando o trem começou a andar, Baloun caiu de cabeça no caldeirão e ficou agitando os pés no ar. Mas, por fim, acabou se adaptando àquela posição, e do fundo do caldeirão ouviam-se chupadas e barulho de mordidas, como quando um ouriço caça escaravelhos. Depois de um tempo ouviu-se sua voz suplicante:

— Ouçam-me, rapazes, por favor, tragam-me outro pedaço de pão, ainda sobrou muito molho.

Este idílio durou até a estação seguinte, onde a 11ª Companhia chegou com o caldeirão brilhando, o estanho reluzindo como se fosse novo.

— Deus lhes pague, companheiros — disse Baloun, transbordando de agradecimentos. — Hoje a sorte me sorriu pela primeira vez desde que estou no exército.

E era a mais pura verdade. No desfiladeiro de Lupków, Baloun recebeu rações de gulache e, além disso, o tenente Lukáš, feliz de ver que seu ordenança lhe levara, intacta, a comida da cozinha dos oficiais, lhe deixou aproximadamente a metade. Baloun estava contente, balançava as pernas esticadas para fora do vagão e, de repente, toda aquela guerra lhe pareceu uma coisa cálida, familiar.

O cozinheiro da companhia pegava no seu pé dizendo que quando chegassem a Sanok teriam que preparar o outro jantar e o outro almoço que lhes cabiam por toda a viagem, durante a qual não haviam lhes dado nada. Baloun se limitou a fazer um gesto de aprovação com a cabeça e disse em voz baixa:

— Vocês logo verão, amigos, que Deus não nos abandonará.

Todos começaram a rir às gargalhadas, e o cozinheiro, sentado no fogão de campanha, cantou:

Trá-lá-lá, trá-lá-lá
Deus não nos abandonará.
À lama nos enviará,
Da lama nos livrará.
Ao bosque nos enviará,
Depois do bosque nos tirará.
Trá-lá-lá, trá-lá-lá,
Deus não nos abandonará.

Passada a estação de Szczwne, voltaram a surgir nos vales novos cemitérios militares. Do trem se via uma cruz de pedra com um Cristo decapitado; os tiros haviam cortado sua cabeça.

Dirigindo-se a Sanok através do vale, o trem acelerou a marcha; os horizontes se alargavam e grupos inteiros de povoados destruídos se tornavam cada vez mais numerosos.

Perto de Kulaszna, em um riacho, viram um trem da Cruz Vermelha descarrilhado e feito em pedaços.

Baloun arregalou os olhos. Os pedaços da locomotiva espalhados pelo chão o deixaram gelado. A chaminé estava incrustada na ribanceira e sobressaía como um

canhão.

Este espetáculo tampouco passou despercebido no vagão de Švejk. O cozinheiro Jurajda parecia o mais indignado de todos.

— Mas é permitido disparar contra vagões da Cruz Vermelha?

— Não é permitido, mas se faz — respondeu Švejk. — De qualquer maneira, foi um belo tiro. As pessoas pedem desculpas dizendo que era de noite e que não se via a cruz vermelha. No mundo há muitas coisas que não são permitidas, mas são feitas. Cada um deve tentar sua sorte; quem não arrisca não petisca. Durante as manobras imperiais em Písek, recebemos uma ordem que dizia que durante a marcha era proibido amarrar soldados. Mas nosso capitão chegou à conclusão de que podia se fazer, sim, e que uma ordem daquelas era ridícula: salta à vista que um soldado amarrado não pode participar de uma marcha. De maneira que não desobedeceu a ordem por completo; simplesmente ordenou que atirassem os soldados amarrados nos vagões de carga do trem e seguissem em frente. Há também outro caso; aconteceu na minha rua, há cinco ou seis anos. Havia um tal de senhor Karlík que vivia em um primeiro andar. Um piso acima vivia o senhor Mikeš, estudante do conservatório, uma ótima pessoa. Gostava muito de mulheres e começou a seduzir, entre outras, a filha do senhor Karlík, que tinha uma agência de viagem e uma confeitaria e, em não sei que lugar da Morávia, umas lojas de encadernação sob outro nome. Quando o senhor Karlík soube que aquele estudante do conservatório cortejava sua filha, foi vê-lo em sua casa e lhe disse: "Você não se casará com minha filha, seu joão-ninguém. Eu não permitirei!" "Entendido", disse o senhor Mikeš, "o que quer que eu faça, já que não posso me casar? Devo me atirar da janela?" Dois meses depois, o senhor Karlík, acompanhado por sua mulher, voltou a subir à casa de Mikeš, e o casal lhe disse: "Você levou nossa filha ao mau caminho, canalha!" "É verdade", respondeu o senhor Mikeš, "me permiti transformá-la em uma puta, distinta senhora". O senhor Karlík começou a gritar inutilmente com o rapaz, dizendo que o avisara de que não se casaria com ela, que jamais permitiria. O outro lhe respondeu, muito acertadamente, que era evidente que não queria se casar com ela, que dessa vez haviam decidido que nem falariam disso e que ela, nesse sentido, não lhe interessava; que não se tratava disso, que ele era uma pessoa de palavra e que podiam ficar tranquilos porque ele não a amava, que era um homem direito, honesto, que o que dizia era sagrado. Tinha a consciência tranquila e até sua falecida mãe o fizera jurar que não mentiria nunca, e um juramento desse tipo era válido para sempre. Em sua família ninguém jamais mentira, e na escola sempre havia tirado a melhor nota em comportamento. Bem, vocês estão vendo que há muitas coisas que não são permitidas mas que são feitas, ou seja, que "nossos caminhos podem ser diferentes, mas nossas vontades são iguais".

— Queridos amigos — disse o voluntário, que fazia anotações com grande entusiasmo —, todas as coisas más também têm seu lado bom. Graças à explosão do trem da Cruz Vermelha poderemos enriquecer a história do nosso batalhão e acrescentar um novo ato de heroísmo futuro. Imagino que em 16 de setembro, segundo tenho anotado, diversos soldados rasos de várias companhias do nosso batalhão irão como voluntários, guiados por um cabo, lançar pelos ares um trem blindado do inimigo que dispara contra a gente e nos impede de atravessar o rio. Disfarçados de camponeses, cumprirão sua missão com honra. O que estou vendo?! — exclamou o voluntário, olhando suas anotações. — O que nosso senhor Vaněk está fazendo aqui? Ouça, senhor

intendente — se dirigiu a Vaněk —, que artigo mais bonito será publicado depois de sua morte! Creio que já falei do senhor, mas desta maneira será melhor e mais eficaz.

O voluntário leu em voz alta:

HEROICA MORTE DO INTENDENTE VANĚK

O intendente Vaněk foi um dos que se apresentaram como voluntário para levar a cabo a audaciosa operação que consistia em lançar pelos ares o trem blindado inimigo. Assim como seus companheiros, estava vestido de camponês. Em consequência da explosão, perdeu a consciência, e, ao voltar a si, se viu cercado de inimigos que o levavam ao estado-maior de sua divisão, onde, enfrentando a morte, se negou a dar qualquer tipo de explicação sobre a situação e a força de nosso exército. Como estava disfarçado, foi condenado à forca como espião, pena que, levando em conta seu nível, mais tarde foi comutada pela de fuzilamento. A execução foi levada a termo no ato, perto do muro do cemitério, e o valente intendente Vaněk pediu que não lhe tapassem os olhos. À pergunta se precisava de alguma coisa, respondeu: "Enviem minha última saudação a meu batalhão mediante um parlamentar e digam aos meus companheiros que morro com a convicção de que darão prosseguimento a seu caminho de vitórias. Além disso, façam saber ao capitão Ságner que, segundo a última ordem da brigada, a ração diária de conservas deve ser aumentada em duas latas e meia por pessoa." Assim morreu nosso pobre intendente Vaněk. Sua última frase semeou pânico entre o inimigo, que havia acreditado que, impedindo que atravessássemos o rio, nos afastava dos pontos de abastecimento, com o que conseguiria que morrêssemos de fome e que nossas fileiras ficariam desmoralizadas. Da calma com a qual o intendente enfrentou a morte dá testemunho o fato de que antes de ser executado tivesse jogado cartas com os oficiais inimigos. "Entreguem à Cruz Vermelha o dinheiro que ganhei", disse quando já estava diante da boca dos fuzis. Esta nobre magnanimidade comoveu até as lágrimas os oficiais presentes.

— Perdoe-me, senhor Vaněk — prosseguiu o voluntário —, que tenha me permitido dispor assim do dinheiro que o senhor ganhou. Me perguntei se não devia entregá-lo à Cruz Vermelha austríaca mas, ao fim e ao cabo, do ponto de vista da humanidade, dá no mesmo; trata-se, sobretudo, de entregar o dinheiro a uma instituição humanitária.

— Nosso querido defunto — interveio Švejk — poderia doar o dinheiro ao Instituto da Sopa Beneficente da cidade de Praga, mas é melhor que não seja assim, porque nesse caso o alcaide será capaz de embolsar o dinheiro para ir comer uma salsicha no almoço.

— Claro, rouba-se em todos os lugares — disse o telefonista Chodounský.

— Roubam sobretudo na Cruz Vermelha — disse o cozinheiro Jurajda, com raiva. — Em Most nad Litavou eu tinha um conhecido, o cozinheiro que fazia refogados para as enfermeiras do barracão. Esse rapaz me contou que a diretora e as enfermeiras enviavam todo dia caixas inteiras de vinho moscatel e de chocolate para suas casas. A oportunidade faz o ladrão; é a autodeterminação do homem. Em nossa vida sem

fim cada um de nós passa por inumeráveis metamorfoses e em determinados períodos somos ladrões. Eu mesmo passei por essa fase.

O cozinheiro ocultista Jurajda tirou uma garrafa de conhaque de sua mochila.

— Aqui vocês podem ver — disse, destampado a garrafa — uma prova inequívoca de minha afirmação. Peguei-a da cozinha dos oficiais antes da nossa partida. É um conhaque da melhor marca, e o tinham para preparar tortas de Linz. Mas estava escrito que eu o roubasse, da mesma maneira que estava escrito que me transformasse em ladrão.

— E não seria mau — disse Švejk — que estivesse escrito que todos nós fomos seus cúmplices. Tenho uma espécie de pressentimento.

E, efetivamente, aquela predestinação se cumpriu apesar dos protestos do intendente Vaněk, que sustentava que o conhaque devia ser bebido de uma xícara e repartido justamente. Eram cinco pessoas, e, segundo ele, com um número ímpar, podia acontecer de um deles beber um trago a mais.

— Isso é verdade — observou Švejk —; se o senhor Vaněk quer um número par, que se retire da companhia para que não haja brigas nem disputas.

Vaněk revogou sua proposta e fez outra, mais generosa: sugeriu que Jurajda, o doador, pudesse beber duas vezes. Esta sugestão provocou uma avalanche de protestos, porque, ao destampar a garrafa, Vaněk já havia tomado um trago para provar o conhaque.

Por fim, foi aceita uma proposta do voluntário, que consistia em beber segundo a ordem alfabética; justificou sua sugestão alegando que os nomes tinham um valor augural.

O último trago foi dado por Chodounský, o primeiro por ordem alfabética, que dirigiu um olhar ameaçador a Vaněk. Este acreditava que, como era o último, poderia lhe tocar um trago a mais. Cometeu um grave erro matemático porque havia vinte e uma doses.

Depois jogaram o *kaufzwick* simples de três cartas; o voluntário, cada vez que matava uma carta, exclamava:

— Oh, Senhor, deixe-me receber este valete também neste verão; lavrarei a terra ao seu redor e a adubarei para que me dê frutos.

Quando o censuraram por ter tido a audácia de ter comprado um oito, disse em voz alta:

— Que mulher que, tendo dez centavos, quando perde um não acende uma vela e faz uma varredura na casa, procurando, diligentemente, até encontrá-lo? E quando o encontra, chama as vizinhas e as amigas e lhes diz: "Desfrutem comigo; comprei um oito e também recebi um rei e um ás!" Então passem as cartas para cá. Estão todos fodidos!

De fato, o voluntário Marek tinha muita sorte com as cartas. Enquanto os demais viviam precisando de um trunfo, ele sempre tirava as cartas mais altas, ganhava e dizia aos perdedores:

— E nestes lugares haverá um grande terremoto e os horrores da fome e da peste e o céu fará grandes milagres.

Por fim os outros se cansaram de jogar. Chodounský perdera o soldo dos seis meses seguintes. Ficou arrasado. O voluntário lhe pediu que assinasse um documento dizendo que, quando o intendente Vaněk fosse distribuir os soldos, lhe diria que seu dinheiro deveria ser entregue a ele.

— Não se preocupe, Chodounský — animou-o Švejk. — Com um pouco de sorte você tombará na primeira batalha e Marek ficará com a cara no chão. Assine tranquilamente.

Chodounský não gostou muito da alusão a sua morte e afirmou, com firmeza:

— Eu não posso tombar porque sou telefonista, e os telefonistas estão sempre blindados. Depois das batalhas, é necessário verificar as linhas e consertar o que foi avariado.

O voluntário disse que, muito pelo contrário, os telefonistas estavam expostos aos maiores riscos e que a artilharia inimiga lhes dava especial atenção. Nenhum telefonista, segundo ele, estava seguro nem em sua blindagem. Mesmo que se enfiasse dez metros debaixo da terra, a artilharia inimiga o encontraria. Telefonistas morriam como granizo nas chuvas de verão. A prova disso era que, exatamente quando ele estava saindo de Most nad Litavou, o vigésimo oitavo curso para telefonistas estava começando.

Chodounský ficou tão abatido que Švejk se viu obrigado a lhe dirigir algumas palavras amistosas e bem-intencionadas:

— Você não pode fazer nada. Está fodido.

Chodounský respondeu amavelmente:

— Cale-se, safado!

— Vou procurar as letras Ch em minha história do batalhão — disse o voluntário. — Chodounský... Chodounský... Ah, sim, aqui está: o telefonista Chodounský, abatido pela explosão de uma mina. Do fundo de sua tumba liga para o estado-maior: "Morro e felicito o batalhão por sua vitória."

— Isso deveria lhe bastar — disse Švejk. — Ou quer acrescentar alguma coisa? Está lembrado daquele telefonista do *Titanic* que, quando o navio estava afundando, continuou ligando para a cozinha para perguntar quando seria servido o almoço?

— Para mim tanto faz — disse o voluntário —; no que me diz respeito, podemos completar as últimas palavras de Chodounský fazendo-o exclamar: "Mando lembranças a nossa brigada de ferro!"

72 Batatas cozidas, macarrão amanteigado e cebolas douradas. (N. do T.)
73 *Scheissen* quer dizer "cagar" em alemão. O polonês queria dizer *schiessen*, "disparar". (N. do T.)
74 Nos exercícios do exército austro-húngaro, os grupos inimigos usavam braçadeiras vermelhas ou brancas. (N. do T.)

4

Avante, marche!

Quando chegaram a Sanok, os soldados do vagão em que viajava a cozinha da 11ª Companhia e no qual Baloun, com o estômago cheio, soltava peidos de felicidade, descobriram que tinham razão. De fato, iam entregar às tropas uma janta e, além disso, uma ração extra de pão de campanha como recompensa por todos os dias em que o batalhão não recebera nada. Ao sair dos vagões, constataram também que em Sanok estava o estado-maior da "brigada de ferro", à qual, segundo a certidão de nascimento, pertencia ao 91º Regimento. Como a estrada de ferro que levava de Sanok a Lvov e inclusive ao norte, a Veliké Mosty, estava intacta, era um verdadeiro mistério o motivo pelo qual o comandante do setor enviara ao estado-maior da "brigada de ferro" uma ordem para que os batalhões fossem concentrados a 150 quilômetros do front, que naquele momento se estendia de Brody até as ribeiras do Bug e ao longo do rio até Sokal.

O interessante problema estratégico foi solucionado de uma maneira muito simples quando o capitão Ságner foi, em Sanok, ao estado-maior da brigada receber instruções relativas ao alojamento do batalhão.

O oficial de dia era o capitão adjunto de brigada Tayrle.

— Acho muito estranho, capitão Ságner — disse o capitão Tayrle —, que não tenham recebido nenhuma informação definitiva. O itinerário é o previsto. Naturalmente, deveríamos ter sido informados sobre o ritmo de seu avanço. Examinando as determinações do estado-maior, concluo que *chegaram dois dias antes do previsto.*

O capitão Ságner ficou um pouco vermelho, mas não lhe passou pela cabeça repetir todos aqueles telegramas cifrados que havia recebido durante toda a viagem.

— O senhor me surpreende — disse o capitão Tayrle.

— Eu acho — replicou o capitão Ságner —, que todos os oficiais devemos nos tratar de você.

— Entendido — disse o capitão Tayrle. — Me diga uma coisa, você é da ativa ou é civil? Da ativa? Isso é completamente diferente... Nunca se pode dizer... Você sabe... Por aqui já passaram tantos idiotas... Tenentes da reserva... Quando recuamos de Limanov e Krasnik, todos perderam a cabeça quando viram uma patrulha de cossacos. Nós, do alto-comando, não gostamos desses parasitas. Geralmente é um intelectual imbecil que acaba entrando para o serviço ativo ou passa nos exames e vira oficial, mas nem assim deixa de ser um civil de merda; e, quando acontece uma guerra, viram tenentes, mas tenentes de merda.

O capitão Tayrle cuspiu e passou a mão, afetuosamente, nas costas do capitão Ságner.

— Vocês ficarão aqui um par de dias. Eu lhes mostrarei tudo. Iremos dançar. As garotas daqui são ótimas. Temos aqui umas putas deliciosas. Também está aqui a filha de um general que foi lésbica. Todos nos fantasiamos de mulheres e ela faz coisas incríveis! É uma porca magra, uma espécie de espantalho, você não daria nada por ela. Mas vá ver o que ela sabe! Enfim, logo verá.

"Perdão", se interrompeu. "Estou precisando vomitar; hoje já é a terceira vez."

Quando voltou, e para demonstrar ao capitão Ságner que se divertiam de verdade, lhe contou que estava sofrendo as consequências da farra que haviam feito na

noite anterior, da qual participara a unidade de sapadores.

O capitão Ságner não demorou muito para conhecer o comandante daquela unidade, que também tinha a patente de capitão. De repente, irrompeu no escritório um homem desengonçado em um uniforme com três estrelinhas de ouro; estava tão ensimesmado que não se deu conta da presença do capitão Ságner e se dirigiu a Tayrle em um tom mais do que familiar:

— O que está fazendo, seu porco? Não percebeu em que estado deixou nossa condessa ontem à noite!

Sentou-se em uma cadeira e bateu nas pernas com um bastão fino enquanto dava gargalhadas.

— Porra, quando me lembro de você vomitando no colo dela!

— Sim — disse Tayrle —, a noite de ontem foi muito alegre.

Só então apresentou o capitão Ságner ao oficial austríaco e os três atravessaram o escritório da administração da brigada para ir a uma cervejaria que fora transformada há pouco em um elegante café.

Quando estavam passando pela sala, o capitão Tayrle pegou o bastão do comandante da unidade de sapadores e bateu em uma mesa alongada. Os doze burocratas militares que estavam sentados ao seu redor se levantaram, como se estivessem obedecendo a uma ordem. Era evidente que aqueles homens eram adeptos do trabalho tranquilo e sem riscos da retaguarda. Todos exibiam barrigões satisfeitos e usavam uniformes de corte extraordinário.

Exibindo-se diante de Ságner e do outro capitão, Tayrle disse aos doze apóstolos da preguiça:

— Não pensem que estamos aqui para engordá-los! Comer menos, beber menos e correr mais!

Tayrle se dirigiu a seus acompanhantes:

— Agora vou lhes mostrar outro número de adestramento.

Deu um novo golpe de bastão na mesa e perguntou aos doze:

— Quando vocês vão explodir, seus porcos?

Os doze responderam em uníssono:

— Segundo as suas ordens, senhor capitão!

Rindo da própria estupidez, o capitão Tayrle saiu da sala.

Quando já estavam sentados no café, Tayrle ordenou que lhe trouxessem uma garrafa de aguardente de sorveira e perguntou se havia garotas livres. É que, na verdade, o café era uma casa de meninas de programa. Como nenhuma das garotas estava livre, o capitão Tayrle ficou muito irritado, insultou grosseiramente a dona e perguntou aos gritos pela senhorita Ella. Quando lhe disseram que estava ocupada com um subtenente, subiu pelas paredes.

O homem que estava com a senhorita Ella era o subtenente Dub. Depois de o batalhão de infantaria ter se instalado em uma escola secundária, reunira todos os homens de sua unidade e fizera um longo discurso, advertindo que, ao bater em retirada, os russos haviam aberto em todos os lugares bordéis e contratado pessoas com doenças sexualmente transmissíveis com o objetivo de ocasionar grandes perdas ao exército austríaco; por isso proibia os soldados de visitarem tais estabelecimentos. Acrescentou que iria em pessoa aos lupanários para verificar se todo mundo estava obedecendo suas

ordens, pois estavam em uma das regiões afetadas. Enviaria todos que fossem flagrados ao conselho de guerra.

O subtenente Dub queria verificar, pessoalmente, se suas ordens estavam sendo cumpridas, e, como posto de controle, escolhera o sofá do quarto de Ella, no primeiro andar do chamado café municipal, sofá onde se divertia muito.

***

Nesse meio-tempo, o capitão Ságner voltou ao seu batalhão. A companhia do capitão Tayrle se dispersara. Alguns de seus soldados haviam ido procurá-lo, pois já fazia mais de uma hora que o comandante exigira sua presença: haviam chegado novas ordens da divisão.

Era necessário estabelecer um itinerário definitivo para o 91º Regimento, que acabara de chegar, pois de acordo com as novas determinações era o 102º Batalhão que devia avançar na direção antes estabelecida.

Tudo era muito complicado. Os russos recuavam às pressas em direção ao noroeste da Galícia, de maneira que diversas unidades do exército austríaco se misturavam. Em alguns lugares, avançavam, em cunha, unidades do exército alemão. O caos chegou ao clímax com a chegada de novos batalhões e outros corpos do exército. O mesmo acontecia em setores do front, como em Sanok, onde apareceram de repente as reservas de uma divisão alemã de Hannover, sob as ordens de um coronel com um olhar tão feroz que o comandante da brigada ficou sem saber o que fazer. O coronel exibiu uma instrução de seu estado-maior segundo a qual seus soldados deviam ser alojados na escola secundária e exigiu que fosse evacuado, para hospedar seu estado-maior, o Banco de Cracóvia, onde estava precisamente o estado-maior da brigada.

O comandante da brigada ligou diretamente para a divisão e deu a notícia. Depois, o coronel de Hannover, com um olhar gélido, também falou com a divisão; como consequência desta conversa, a brigada recebeu a seguinte ordem: "A brigada abandonará a cidade às seis da tarde e cobrirá a linha Tyrawa Woloska-Lyskowate-Stara Sól-Sambor, onde receberá novas ordens. Ao mesmo tempo, o batalhão do 91º Regimento de Infantaria avançará na retaguarda. As instruções devem ser implementadas pela brigada de acordo com o seguinte esquema: a patrulha avançada sairá para Tyrawa às cinco e meia, mantendo uma distância de três quilômetros e meio entre o flanco sul e o flanco norte. A retaguarda partirá às seis e quinze."

Na escola secundária começou a se armar um grande alvoroço. A única pessoa que não estava presente à reunião dos oficiais era o subtenente Dub. Encarregaram Švejk de ir procurá-lo.

— Espero — lhe disse o tenente Lukáš — que o encontre sem nenhuma dificuldade; quando vocês dois se encontram, sempre acontecem coisas estranhas.

— Humildemente, senhor, lhe peço que me dê uma ordem por escrito da companhia, exatamente porque sempre que nos encontramos acontecem coisas estranhas.

Enquanto o tenente Lukáš escrevia em sua caderneta a ordem para que o subtenente Dub se apresentasse, imediatamente, na escola secundária para participar da

reunião dos oficiais, Švejk continuou:

— Humildemente, senhor, pode ficar tranquilo, como sempre. Eu o encontrarei: uma vez que proibiu os soldados de visitarem os bordéis, certamente deve ter ido a um deles para ver se consegue enviar alguém de sua seção ao conselho de guerra, como sempre faz. Ele mesmo declarou diante de sua seção que faria uma ronda por todas as casas de garotas de programa e, se encontrasse alguém, o faria chorar, revelando seu lado mau. Na verdade, já sei onde irei procurá-lo: no café ali da frente; toda a tropa ficou olhando para saber aonde iria primeiro.

O Ponto de Encontro e Café Municipal, estabelecimento que Švejk acabara de mencionar, era dividido em duas partes. Quem não queria passar pelo café podia entrar pela porta de trás, diante da qual uma velha senhora tomava banho de sol repetindo em alemão, húngaro e polonês:

— Entre, soldadinho, temos aqui garotas de primeira!

Quando o soldadinho entrava, a mulher o conduzia por um corredor até um saguão que funcionava como uma espécie de recepção; chamava uma garota e esta se aproximava imediatamente, de camisola. A primeira coisa que fazia era pedir dinheiro; depois o escorregava para a cafetina. Enquanto isso, o soldado já se livrara de sua baioneta.

Os oficiais entravam pelo café e enfrentavam algumas complicações. Para chegar aos fundos, era necessário passar pelas salas onde ficavam as garotas destinadas aos graduados. Ali as mulheres vestiam calcinhas e sutiãs de renda, bebiam-se licores e vinhos e a dona não permitia nada: tudo era feito nos quartos de cima. Em um desses paraísos cheio de percevejos, o subtenente Dub se agitava, só de cueca. A senhorita Ella lhe contava, como costuma acontecer nesses casos, uma história inventada sobre sua vida trágica: seu pai fora dono de uma fábrica em Budapeste e ela acabara exercendo aquele ofício por culpa de um amor desgraçado.

Em cima de uma pequena mesinha, atrás do subtenente Dub, ao alcance da mão, havia uma garrafa de aguardente de sorveira e dois copinhos. A garrafa estava pela metade e tanto Ella como o subtenente Dub não sabiam mais o que diziam. Essa era a prova de que o subtenente Dub era fraco para o álcool. Confundia tudo, inclusive Ella com Kunert, seu ordenança, e, como sempre fazia, não parava de ameaçá-lo.

— Kunert, Kunert, sua besta desgraçada, espere até conhecer meu lado mau!

Švejk foi obrigado a passar pelo mesmo ritual a que eram submetidos os soldados que entravam por trás. No entanto, conseguiu se livrar com delicadeza de uma garota seminua que começou a gritar. A dona, que era polonesa, apareceu correndo e depois negou descaradamente que ali estivesse qualquer subtenente.

— Faça o favor de não gritar comigo, distinta senhora — disse Švejk, amavelmente e sorrindo com doçura —, ou lhe darei um safanão. Em Praga, onde eu vivia, uma vez, na rua Platnéřská, estapearam tanto uma madame que ela até se esqueceu de quem era. Um filho fora procurar o pai, um tal de Vondráček, dono de uma loja de pneus. A madame se chamava Křovánová e, quando conseguiram que recuperasse a consciência e lhe perguntaram como se chamava, disse algo que começava com "Ch". Qual é seu respeitável nome?

A digna matrona começou a soltar gritos arrepiantes enquanto, depois de ter dito aquelas palavras, Švejk a afastava e subia pela escada, muito sério, ao primeiro andar.

O dono da casa, um nobre polonês arruinado, apareceu no térreo e correu pela escada atrás de Švejk. Segurou-o pela camisa e vociferou em alemão que soldados não podiam subir, que tinham de ficar embaixo, porque o primeiro andar era destinado aos oficiais.

Švejk lhe disse que estava ali por interesse de todo o exército e que procurava um subtenente sem o qual o exército não poderia partir para o campo de batalha. Como o comportamento do dono ia ficando cada vez mais agressivo, Švejk se viu obrigado a atirá-lo no chão com um soco; depois continuou a inspecionar os quartos. Constatou que todos estavam vazios e só no final do corredor, depois de ter batido na porta e abri-la um pouco, ouviu-se a voz estridente de Ella:

— Ocupado!

E, ato contínuo, o subtenente Dub, achando que estava em seu quarto do alojamento, disse com voz profunda:

— Avante!

Švejk entrou, aproximou-se do sofá, arrancou uma folha do seu bloco de notas e a entregou ao subtenente Dub. Olhando com dissímulo as peças do uniforme estendidas em um canto da cama, anunciou:

— Humildemente, senhor. Deve se vestir e se apresentar em nosso quartel do colégio secundário; está tendo lugar ali um grande conselho militar!

O subtenente Dub abriu os olhos, as pupilas pequenas, mas em seguida lhe disse que não estava tão bêbado a ponto de não reconhecê-lo. Passou por sua cabeça que Švejk fora enviado para castigá-lo e gritou:

— Você vai ver agora... o que farei com você... Švejk. Você vai ver... como vai acabar... Kunert — se dirigiu a Ella. —... me sirva... outra... taça!

Bebeu e, rasgando a ordem escrita, disse:

— Esta... é... sua... carta... de desculpa? Comigo não funciona... nenhuma desculpa... Aqui... estamos no exército... e não... em uma... escola... Então... o descobriram... em... um bordel? Venha... cá, Švejk... eu lhe darei... uma surra... Em que ano... Felipe Macedônio... derrotou... os romanos...? Você não sabe... animal!?

— Humildemente, senhor — continuou Švejk, implacável —, por ordem superior do comando da brigada os oficiais devem se vestir e acudir ao conselho militar. Partiremos em seguida; será necessário definir qual companhia ficará na vanguarda e qual na retaguarda. A decisão deve ser tomada agora mesmo e me parece, prezado subtenente, que o senhor também tem algo a dizer a respeito.

O discurso diplomático reanimou um pouco o subtenente Dub. Começava a ter cada vez mais certeza de que não estava no quartel, mas, por prudência, perguntou:

— Onde estou?

— O senhor tem a honra de estar em um bordel. Infinitos são os caminhos do Senhor.

O subtenente Dub suspirou profundamente, levantou-se e começou a procurar as peças do uniforme. Quando, finalmente, acabou de se vestir, os dois saíram, mas Švejk voltou depois de um instante e, sem prestar atenção em Ella, que entendera seu regresso a sua maneira e imediatamente se enfiara na cama para se curar de seus amores desgraçados, engoliu o resto da aguardente que restava na garrafa e foi para o corredor.

Na rua, o calor fez com que o álcool voltasse a subir à cabeça do subtenente. Começou a contar a Švejk as burradas mais absurdas: que tinha em casa um selo de

Helgoland e que quando terminara o secundário fora jogar bilhar e que não cumprimentara o professor encarregado da classe. Depois de cada frase acrescentava:

— Me explico?

— Claro que se explica, e muito bem, senhor — respondeu Švejk. — Sua maneira de falar me recorda a do encanador Pokorný de Budějovice. Quando a gente lhe perguntava: "Já tomou banho este ano no Malše", ele respondia: "Não tomei banho ali, no entanto este ano haverá uma boa colheita de ameixas." Ou quando lhe perguntavam: "Comeu cogumelos este ano?", ele dizia: "Não, mas o novo sultão do Marrocos parece uma ótima pessoa."

O subtenente Dub parou e, com um grande esforço, conseguiu articular:

— O sultão do Marrocos? Esse já não conta.

Depois enxugou o suor da testa e, dirigindo a Švejk um olhar turvo, resmungou:

— Nem no inverno suei tanto como agora. Você concorda? Me explico?

— Se explica, meu subtenente. À taverna do U Kalicha, no meu bairro, costumava ir um velho, um conselheiro da assembleia aposentado, que também dizia isso. Achava estranho que houvesse tanta diferença entre a temperatura de verão e a de inverno, e se perguntava como era possível que ninguém ainda tivesse descoberto isso.

Švejk deixou o subtenente Dub na porta da escola secundária. Dub subiu a escada cambaleando e chegou à sala de reuniões onde estava acontecendo o conselho militar. Quando entrou, anunciou ao capitão Ságner que estava completamente bêbado. Durante toda a reunião, permaneceu sentado com a cabeça baixa e só de vez em quando se levantava para repetir:

— Sua opinião é correta, senhores, mas eu estou completamente bêbado.

Uma vez elaboradas todas as disposições, a companhia do tenente Lukáš foi destinada a avançar na vanguarda. O subtenente Dub se sobressaltou, se levantou e disse:

— Senhores, recordo nosso professor do sexto ano. Viva, viva, viva!

O tenente Lukáš achou que naquele momento a melhor coisa a fazer seria mandar Kunert colocar o subtenente Dub para dormir no gabinete de ciências naturais, em cuja porta havia um guardião para evitar que roubassem o pouco que restara da coleção de minérios guardada atrás de vitrines. O comando da brigada vivia advertindo a respeito as tropas que passavam por ali.

A medida datava da época em que um batalhão húngaro que se hospedara no colégio secundário se dedicara a saquear o gabinete. Os soldados húngaros ficaram apaixonados pela coleção de minérios, cristais e, principalmente, pela colorida pirita, com a qual haviam enchido suas mochilas.

Em uma das cruzes brancas do cemitério militar há uma inscrição: "László Gargany." Ali descansava eternamente um hussardo que, ao saquear as coleções da escola secundária, bebeu todo o álcool desnaturado de um pote em que eram conservados répteis.

A Guerra Mundial, pois, exterminava o gênero humano através do álcool procedente da coleção de serpentes.

Quando todos partiram, o tenente Lukáš chamou Kunert e lhe ordenou que levasse o subtenente Dub e o deixasse em um sofá.

Dub parecia um menino pequeno: segurou a mão de Kunert, examinou a palma e disse que adivinharia o nome de sua futura esposa.

— Como você se chama? Pegue um lápis e uma caderneta no bolso da minha jaqueta. Então você se chama Kunert? Bem. Volte dentro de quinze minutos e lhe darei uma folha com o nome de sua futura esposa.

Quando terminou a frase, começou a roncar; ato contínuo, acordou e começou a escrever alguma coisa na caderneta. Depois arrancou a folha, jogou-a no chão e, com o dedo colocado misteriosamente nos lábios, balbuciou:

— Ainda não, dentro de quinze minutos. O melhor será ir procurar o papel com os olhos tapados.

Kunert era um idiota tão bem-intencionado que voltou de fato em quinze minutos e, depois de ter recolhido o papel, leu os hieróglifos do subtenente Dub: "O nome de sua futura esposa será o seguinte: senhora Kunertová."

Um pouco mais tarde, Kunert mostrou o papel a Švejk e este lhe disse que guardasse bem o bilhete, pois era necessário conservar adequadamente os documentos dos vultos militares. Acrescentou que no serviço militar não era nada frequente que um oficial mantivesse correspondência com seu ordenança e o chamasse de senhor.

Uma vez concluídos os preparativos para partir, o comandante da brigada, a quem o coronel de Hannover também havia espertamente desalojado, ordenou que o batalhão se formasse e fez um discurso. Aquele homem adorava falar. Disse todo tipo de asneiras e, quando não tinha mais nada a dizer, recordou o correio militar.

— Soldados! — trovejou. — Estamos nos aproximando do inimigo, do qual nos separam apenas alguns dias de marcha. Até agora vocês não tiveram a oportunidade de comunicar seu endereço aos seres queridos que deixaram para trás para que possam lhes escrever, dar-lhes uma alegria...

O comandante não sabia como terminar aquilo e repetia infinitas vezes: "Seus seres queridos, seus parentes, seus seres distantes...", até que, finalmente, saiu do círculo vicioso vociferando:

— É por isso que existe o correio militar do front!

O resto de seu discurso parecia querer dizer que todas as pessoas que vestiam uniformes cinza deviam se deixar matar com alegria só porque no front existia o correio militar e, portanto, se uma granada arrancasse a perna de um soldado, sua morte devia ser embelezada pela recordação de que sua caixa postal tinha o número 72, e que possivelmente ali o esperava uma carta de seus distantes seres queridos, junto com um pacote com um pedaço de carne, toucinho e biscoitos caseiros.

Depois desse discurso, a banda da brigada tocou o hino ao imperador, cantaram-se glórias ao imperador, e os vários grupos do rebanho humano destinados a serem sacrificados em algum lugar na outra margem do Bug se puseram em marcha segundo as instruções estabelecidas.

Às cinco e meia, a 11ª Companhia partiu em direção a Tyrawa Woloska. Švejk ia atrás, com o alto-comando da companhia e o serviço sanitário. O tenente Lukáš cavalgava ao redor da coluna, e amiúde ficava para trás, em parte para vigiar o estado do subtenente Dub, que estava sendo carregado em um carrinho coberto com lona para novos atos heroicos em um futuro desconhecido, em parte para se distrair um pouco conversando com Švejk. O bom soldado carregava pacientemente sua mochila e a

baioneta e conversava com o intendente Vaněk sobre as marchas, muito agradáveis, de há muitos anos, durante as manobras perto de Velké Meziříčí.

— A paisagem era exatamente como esta; a única diferença é que não estávamos tão equipados: então não sabíamos ainda nem o que eram as "conservas de reserva". Por isso, quando distribuíam as latas, nós as devorávamos no primeiro lugar de pernoite e as substituíamos enfiando um tijolo na mochila. Em uma aldeia nos revistaram e tiraram todos os tijolos; eram tantos que um homem construiu com eles uma casa para sua família.

Um pouco mais tarde, Švejk marchava com passo marcial ao lado do cavalo do tenente Lukáš e contava uma anedota sobre o correio militar.

— Que discurso mais bonito o de agora há pouco! Todo mundo gosta de receber uma carta de casa. Quando eu estava fazendo o serviço militar em Budějovice, há muitos anos, só recebi uma carta e ainda a tenho guardada.

Švejk tirou da carteira suja uma carta coberta de manchas de gordura e começou a lê-la, caminhando no mesmo ritmo do cavalo do tenente Lukáš, que trotava com moderação:

Pilantra, podre, assassino e canalha! O cabo Kříž veio a Praga de licença. Dancei com ele na taverna U Kocanů e ele me contou que em České Budějovice você tem dançado no Zelený Žab com uma vadia idiota e que não quer mais saber de mim. Para sua informação, saiba que estou escrevendo esta carta numa tábua do banheiro, ao lado do buraco. Está tudo acabado entre a gente.

Aquela que foi sua Božena.

Acrescento, antes que me esqueça, que o cabo está sabendo de tudo e não o deixará em paz, como lhe pedi. E outra coisa antes que me esqueça: quando vier de licença, não vai me encontrar entre os vivos.

— É claro que quando voltei de licença — continuou Švejk, trotando moderadamente — a encontrei entre os vivos. E entre que vivos! Estava no U Kocanů, onde a cortejavam dois soldados de outro regimento, e um deles estava tão vivo que enfiava publicamente a mão embaixo de seu corpete, como se quisesse, humildemente, senhor, recolher a flor de sua inocência, como escreveu Věnceslava Lužická[75] ou também como disse uma garota de dezesseis anos a um estudante enquanto dançavam, em voz alta e chorando, porque ele havia lhe dado um beliscão no ombro: "O senhor recolheu a flor da minha virgindade!" Todo mundo se mijou de rir, é claro, e a mãe da menina, que a acompanhava, levou-a ao corredor e propinou alguns coices na bunda da tola da filha. Cheguei à conclusão, meu tenente, de que as garotas da aldeia são mais sinceras do que as melindrosas da cidade que frequentam aulas de dança. Há alguns anos, quando estávamos acampados em Mníšek, eu costumava ir dançar em uma taverna de Starý Knín; ali conheci uma tal de Karla Veklová, mas ela não gostou muito de mim. Na noite de um domingo acompanhei-a ao lago, nos sentamos na margem e depois do pôr do sol lhe perguntei se ela também me amava. Humildemente, senhor tenente, o ar estava quente,

todos os pássaros cantavam e ela me respondeu com um riso aterrorizante: "Amo tanto você como amo um pedaço de palha espetada na minha bunda, seu idiota!" E a verdade é que eu era idiota, um completo idiota; imagine, senhor, humildemente, que eu costumava passear com ela pelos campos de trigo crescido e, naquela paisagem, onde não havia nem uma alma, nunca a convidei para se sentar; eu só caminhava e mostrava aquela maravilha de paisagem e, irresponsável como sou, ia contando para aquela camponesa que aquilo era trigo, aquilo cevada e aquilo aveia.

"E, como para confirmar que efetivamente se tratava de aveia, em algum lugar mais adiante se ouviram as vozes dos soldados da companhia, que cantavam a canção que já havia acompanhado os regimentos tchecos quando vertiam sangue no Solferino pela Áustria:

À meia-noite, na areia,
Em cima de um saco de aveia,
Trá-lá-lá, trá-lá-lá,
Vou deixar uma garota sem ar.

"Depois os outros acrescentaram:

Ela se deixará beijar,
E depois dois beijos me dará,
Trá-lá-lá, trá-lá-lá,
Nenhuma garota me escapará.

"Depois disso os alemães começaram a cantar a mesma canção em alemão.

"Era uma velha canção militar que, certamente, a soldadesca cantara em todos os idiomas durante as guerras napoleônicas. Agora ecoava na estrada empoeirada que levava a Tyrawa Woloska, na planície da Galícia. Nos dois lados do caminho, até as verdes colinas ao sul, os campos haviam sido esmagados pelos cascos dos cavalos e por milhares e milhares de pesadas botas militares.

"Quando fizemos manobras em Písek", disse Švejk, "deixamos o campo igual a este. Estava conosco um arquiduque. Era um homem tão justo que, quando, por motivos estratégicos, cavalgava com o alto-comando pelos campos de trigo, atrás dele ia seu ajudante avaliando os estragos causados. Um camponês que se chamava Pícha não achou a menor graça na visita e não aceitou as dezoito coroas de indenização que lhe ofereciam pelo hectare de campo esmagado; quis abrir um processo e imagine, senhor tenente, que acabou pegando dezoito meses de prisão.

"Eu acredito, senhor, que poderia ter ficado satisfeito com o fato de ter recebido a visita de alguém da casa imperial. Um camponês mais consciente teria arrumado suas filhas com vestidos brancos como os da primeira comunhão, teria dado um ramo de flores a cada uma e as teria colocado estrategicamente para dar as boas-vindas ao grande senhor, como fazem na Índia; li que lá os súditos de um governante permitiram que seu elefante os pisoteasse."

— A que se refere, Švejk? — perguntou o tenente Lukáš do cavalo.

— Humildemente, senhor, refiro-me ao elefante que levava no lombo o governante sobre o qual li.

— Você sempre tem uma explicação para tudo, Švejk? — disse o tenente Lukáš, e seguiu em frente. Ali, a coluna começava a se romper. Depois da pausa para descansar no trem, os soldados haviam perdido o hábito de marchar carregando equipamentos. Todos começavam a sentir dores nas costas e mitigavam o desconforto como podiam. Uns mudavam o fuzil de lado, e a maioria não o levava pendurado na correia, mas apoiado no ombro, como se fosse um ancinho ou um tridente. Alguns achavam que ficariam menos cansados se caminhassem pelas valas ou pelo acostamento, onde a terra parecia mais macia do que na estrada empoeirada.

A maioria dos soldados avançava com a cabeça baixa e todos sentiam uma sede terrível, porque, embora o sol já tivesse se posto, fazia mais calor e estava mais abafado do que ao meio-dia e não restava nem uma gota de água no cantil de ninguém. Era o primeiro dia de marcha, e aquela situação incomum, que parecia ser o prólogo de sofrimentos que seriam cada vez maiores, debilitou-os e os deixou esgotados. Pararam de cantar. Calculavam quanto ainda faltava para chegar a Tyrawa Woloska, onde supunham que iriam passar a noite. Alguns descansavam um tempo sentados na vala e, para dissimular, amarravam os sapatos; davam a impressão de que eram pessoas que haviam calçado mal as meias e agora as ajeitavam para que não as machucassem durante a marcha. Outros alongavam ou encurtavam a correia do fuzil, abriam a mochila e reorganizavam objetos, convencendo a si mesmos de que faziam aquilo para distribuir melhor o peso ou para que as correias da mochila não machucassem mais um ombro do que outro. Quando o tenente Lukáš se aproximava, se levantavam e pediam desculpas alegando que alguma coisa os incomodava ou que estavam com alguma doença, a não ser quando os cadetes e sargentos percebiam a égua do tenente se aproximando ao longe, pois então os obrigavam a seguir em frente.

Passando ao seu lado, o tenente Lukáš os incentivava amistosamente a se levantar e dizia que só faltavam três quilômetros para chegar a Tyrawa Woloska, onde poderiam descansar.

Enquanto isso, por causa das constantes sacudidas do carrinho ambulância de duas rodas, o subtenente Dub começava a voltar a si. Ainda não estava totalmente refeito, mas conseguiu se erguer, se inclinar e chamar os soldados do estado-maior, que caminhavam tranquilamente a seu lado: todos, começando por Baloun e terminando por Chodounský, haviam deixado suas mochilas no carrinho. Apenas Švejk avançava impertérrito, carregando a mochila e com o fuzil pendurado à maneira dos dragões, com a correia atravessada no peito; fumava cachimbo e cantava ao ritmo da marcha.

Quando fomos para Jaroměř
Acreditem ou não,
Só chegamos à noite,
Quando já reinava a escuridão

Na estrada, mais de quinhentos passos à frente do subtenente Dub, se levantavam redemoinhos de poeira dos quais emergiam os soldados. O subtenente Dub,

que nesse meio-tempo recuperara seu entusiasmo, colocou a cabeça para fora do carro e gritou no meio da poeira:

— Soldados, vosso nobre labor é muito difícil! Esperam-nos duas marchas, todo tipo de privações e sofrimentos. Mas tenho fé em vossa resistência e em vossa determinação firme e leal.

— Animal! — exclamou Švejk, completando a rima.

O subtenente Dub continuou:

— Para vocês, soldados, não há nenhum contratempo insuperável. Eu lhes repito, soldados, não os levo a uma vitória fácil. A missão será dura, mas seguirão em frente. A história os beatificará!

— E quem o ouvir vomitará — acrescentou Švejk, explorando de novo sua veia poética.

Como se o tivesse ouvido, o subtenente começou a vomitar na poeira da estrada. Quando terminou, continuou arengando para a tropa:

— Soldados, avante!

Depois desabou em cima da mochila do telegrafista Chodounský e dormiu até Tyrawa Woloska, onde o tiraram do carro e o obrigaram a ficar em posição de sentido por ordem do tenente Lukáš, que manteve com ele uma longa e desagradável conversa. Por fim, Dub recuperou suficientemente a consciência e declarou:

— Raciocinando logicamente, fiz uma besteira me embebedando, mas vou consertá-la diante do inimigo.

Na verdade, ainda não se recuperara de todo, pois antes de se dirigir a sua seção disse ao tenente Lukáš:

— O senhor ainda não me conhece, mas espere até me conhecer!

— Se quiser saber o que fez, peça informações a Švejk — respondeu Lukáš.

De maneira que, antes de se dirigir a sua seção, o subtenente Dub foi ver Švejk; encontrou-o em companhia de Baloun e do intendente Vaněk.

Baloun estava dizendo que em sua casa, no moinho, sempre enfiava uma garrafa de cerveja no poço. Quando a tirava, estava tão gelada que os dentes ficavam insensíveis. Em outros moinhos, costumavam, à noite, beber cervejas daquelas para acompanhar a *rozhuda*,[76] mas ele, como era muito guloso, razão pela qual estava sendo castigado por Deus, depois também sempre comia um bom pedaço de carne. Agora a justiça divina o punia com a água morna e fedorenta dos poços de Tyrawa Woloska, à qual, devido à cólera, todos eram obrigados a acrescentar ácido cítrico que, aliás, tinham acabado de distribuir há poucos momentos, quando todas as companhias haviam recebido água. Baloun deu sua opinião: certamente distribuíam aquele ácido cítrico porque as pessoas estavam famintas. Era verdade que comera um pouco melhor em Sanok, que o tenente Lukáš lhe dera meia porção inteira da vitela que haviam lhe trazido da brigada, e que imaginava que quando chegassem ao lugar onde passariam a noite cozinhariam de novo. Estava convencido disso, pois não à toa vira os cozinheiros colocarem água nos caldeirões. Havia ido perguntar na cozinha, onde lhe disseram que tinham recebido uma ordem de buscar água e nada além disso e que a qualquer momento podia muito bem chegar uma nova ordem obrigando-os a jogá-la fora.

Nesse momento o subtenente Dub se aproximou e, como se sentia inseguro, sondou o terreno fazendo perguntas como esta:

— Estão se divertindo?

— Claro que estamos nos divertindo, senhor — respondeu Švejk por todos —, nós sempre nos divertimos muito. A melhor coisa do mundo é se divertir. Neste exato momento estávamos nos divertindo falando do ácido cítrico. Nenhum soldado pode viver sem diversão; ao se divertir, esquece as dores.

O subtenente Dub pediu que o acompanhasse; alguma coisa dava voltas em sua cabeça e queria esclarecê-la. Quando se afastaram do grupo, perguntou a Švejk, com voz insegura:

— Estavam falando de mim?

— De maneira nenhuma, senhor, nunca! Só falávamos do ácido cítrico e da carne defumada.

— O tenente Lukáš me disse que fiz algumas coisas... Que fui inconveniente... E que você está a par de tudo, Švejk.

O bom soldado replicou em tom grave e enfático:

— Só esteve em uma casa de meretrício, senhor. E, com certeza, por equívoco. É como acontecia quando procuravam Pipr, um funileiro da praça Kozího; sempre ia comprar estanho na cidade e, por fim, acabavam o encontrando em um bordel, no U Šuhů ou no U Dvořáků, parecido um pouco com aquele onde o encontrei hoje. Embaixo havia um café e na parte de cima, mulheres. O senhor certamente não sabia direito onde estava: fazia calor e quando a pessoa não está habituada a beber e o tempo está quente, fica bêbada depressa, até mesmo com rum vulgar, e ainda mais quando bebe aguardente de sorveira, senhor. Bem, me mandaram lhe levar a convocatória para uma reunião e eu o encontrei com uma senhorita. Por culpa do calor e da sorveira, o senhor não me reconheceu e continuou deitado no sofá completamente nu. Não fez nenhuma cena e nem disse "Você ainda não me conhece". Mas uma coisa dessas pode acontecer com qualquer um quando está fazendo calor. Muita gente adora fazer isso regularmente, enquanto outras o fazem por puro acidente.

"Precisava ter conhecido o velho Vejvoda, um mestre de obras do bairro de Vršovice, senhor, que resolveu que não ia beber nunca nada que pudesse embebedá-lo. Um dia tomou um último copinho antes de sair de casa e foi procurar bebidas sem álcool. Primeiro parou na taverna Na Zastávce, tomou um quarto de litro de vermute e perguntou ao taverneiro o que os abstêmios bebiam, pois achava que a água pura era uma bebida péssima até mesmo para os abstêmios. O taverneiro lhe disse que os abstêmios bebiam refrigerantes, limonada, leite, vinho sem álcool, sopa fria e coisas assim; dessas, só agradou ao velho Vejvoda o vinho sem álcool. Perguntou se também existiam aguardentes sem álcool, tomou outro vermute e disse ao taverneiro que se embebedar com frequência era pecado. O taverneiro lhe respondeu que admitia qualquer coisa no mundo, menos que um sujeito bêbado tomasse um porre em outro bar, entrasse em sua taverna para se acalmar, pedisse uma garrafa de água mineral com gás e no final armasse um escândalo. 'Embebede-se na minha taverna', disse o taverneiro, 'e aí nos tornaremos amigos; caso contrário, nem quero conhecê-lo'. De maneira que o velho Vejvoda esvaziou o copo e seguiu seu caminho até que chegou à praça Carlos e entrou em um bar que frequentava às vezes, e perguntou se tinham vinho sem álcool. 'Isso nós não temos, senhor Vejvoda', lhe disseram, 'mas podemos lhe servir vermute ou xerez'. O velho Vejvoda ficou com vergonha de não pedir nada e por isso bebeu um cálice de vinho e outro de xerez, e, como tinha tempo de sobra, conheceu outro abstêmio. Fizeram um acordo e cada um pediu mais um cálice e, depois, o outro sujeito se lembrou de que

conhecia um lugar onde serviam vinho sem álcool. 'É uma taverna da rua Bolzanová; desce-se uma escada e tem toca-discos.' Para lhe agradecer pela boa notícia, o velho Vejvoda pediu uma garrafa inteira de vermute e só depois de ambos a terem bebido se dirigiram à rua Bolzanová, à taverna na qual se tinha que descer uma escada e onde havia um toca-discos. E era verdade: só serviam vinhos de diferentes frutas e sem álcool. Para começar, cada um pediu meio litro de vinho de groselha, depois mais meio litro, e então o vermute e o xerez de antes lhes subiram à cabeça e começaram a pedir aos gritos um certificado que lhes garantisse que estavam bebendo vinho sem álcool e a dizer que eram abstêmios, e ameaçaram quebrar tudo, inclusive o toca-discos, se não lhes dessem o certificado. Mais tarde a polícia teve que puxá-los por aquela escada até a rua Bolzanová, enfiá-los em uma radiopatrulha e jogá-los em uma solitária. Acabaram condenados como abstêmios bêbados."

— Por que está me contando tudo isso? — exclamou o subtenente Dub, que depois de ouvir aquela história recuperara completamente a lucidez.

— Humildemente, senhor, é verdade que não tem nada a ver com o que dizíamos antes, mas, como estamos conversando...

O subtenente Dub se sentiu ofendido e, como já estava totalmente consciente, começou a gritar:

— Você ainda vai me conhecer! O que está fazendo nesta posição?

— Humildemente, senhor, estou numa péssima posição. Esqueci de juntar os calcanhares. Vou juntá-los agora mesmo.

E Švejk adotou uma impecável posição de sentido.

O subtenente se perguntou o que mais podia dizer a Švejk, mas, finalmente, só lhe ocorreu:

— Tenha cuidado para que eu não tenha de lhe dizer pela última vez! — e acrescentou, a título de complemento, seu velho refrão: — Você ainda não me conhece, mas eu o conheço!

O subtenente Dub se afastou de Švejk pensando, ainda de ressaca: "Talvez tivesse surtido mais efeito se tivesse lhe dito: 'Conheço seu lado mau há muito tempo, idiota.'"

Depois mandou chamar Kunert e lhe ordenou que fosse buscar uma jarra d'água.

É preciso dizer a favor de Kunert que ficou muito tempo procurando tanto a jarra como a água. Finalmente, conseguiu roubar a jarra do capelão e a encheu de água em um poço coberto com tábuas que foi obrigado a arrancar. O poço estava tampado porque suspeitava-se que a água tinha sido contaminada com bactérias de tifo.

No entanto, o subtenente esvaziou o jarro d'água e não houve nenhum tipo de consequências, confirmando o velho provérbio: "Vaso ruim não quebra."

Se acreditavam que iam passar a noite em Tyrawa Woloska, estavam redondamente enganados.

O tenente Lukáš mandou chamar Chodounský, Vaněk, Švejk e Baloun. As ordens foram simples e claras: todos deviam deixar a bagagem na ambulância e atravessar

imediatamente os campos até Malý Pólanec, de onde se dirigiriam ao sudeste, pela margem do riacho, até chegar a Liskowate.

Švejk, Vaněk e Chodounský deveriam providenciar hospedagem, encontrar um lugar onde a companhia pudesse passar a noite. Ela chegaria em uma hora, no máximo uma hora e meia depois. Enquanto isso, Baloun tinha de assar um ganso para o tenente Lukáš e os outros três deveriam vigiá-lo para que não comesse a metade. Vaněk e Švejk comprariam um porco para a companhia e à noite seria preparado um gulache. O alojamento para a companhia devia ser adequado: era necessário evitar cabanas cheias de piolhos para que os soldados pudessem descansar direito: às seis e meia da manhã deveriam partir de Liskowate para Kroscienko e Stara Sól.

O batalhão já não passava penúrias. Em função da matança iminente, a intendência da brigada de Sanok providenciara um adiantamento. No caixa da companhia havia mais de cem mil coroas e o sargento Vaněk recebera a ordem para, quando chegassem a algum lugar, ou seja, às trincheiras, fazer antes de morrer as contas e pagar aos soldados as quantias que lhes cabiam pelo pão e o rancho que, na confusão, não haviam recebido.

Quando os quatro estavam se preparando para partir, o capelão da aldeia apresentou-se à companhia e distribuiu aos soldados um papel com a "Ave-Maria de Lourdes" na língua correspondente à nacionalidade de cada um. Tinha uma pilha daqueles papéis. Haviam sido deixados por um alto dignitário eclesiástico que percorria de carro e acompanhado por algumas prostitutas a Galícia devastada.

Ali onde o rio corre sob a montanha,
A angelical campana agora o acompanha.
Ave, ave, ave-maria! Ave, ave, ave-maria!

Enquanto Bernarda caminha pelos verdes prados,
O espírito da bondade se manifesta. Ave!

Bernarda vê a luz de uma estrela no céu,
O resplendor de um rosto santo coberto com véu. Ave!

Adorna-a um belo vestido cor de lírio,
O rosto santo ilumina o círio. Ave!

E na mão leva um rosário,
Da misericordiosa Senhora cheia de graça. Ave!

O rosto da menina é iluminado por um raio de luz,
Os fechos celestiais o envolvem suavemente. Ave!

A Rainha do céu sorri para sua criatura,
A Senhora se manifesta nas divinas alturas. Ave!

Sem pecado, filha, fui concebida,
A todos os mortais quero dar acolhida. Ave!

Aqui o povo anda em procissões,
Rende-me homenagem nas canções. Ave!

Que erijam um templo de mármore,
Que se diga aos fiéis que aqui nasci. Ave!

Que esta fonte todas as dores cure,
E que a gratidão dos corações de todos me assegure. Ave!

Oh, glória a ti, belo vale celestial,
Refúgio da mão que cura todos os males. Ave!

Na rocha está tua caverna milagrosa,
O paraíso nos dais, Rainha misericordiosa. Ave!

Multidões de fiéis vêm em procissão,
E lhe dedicam suas orações. Ave!

Oh, estrela da salvação, me mostre o caminho
E me guie, Senhora, até teu trono divino. Ave!

Oh, Virgem santa, conceda-me tua misericórdia,
Com a eterna graça cheia de amor. Ave!

Em Tyrawa Woloska havia muitas latrinas e todas estavam entupidas de papéis com a "Ave-Maria de Lourdes".

O cabo Nachtigal, que era de algum lugar perto de Kašperských Hory, comprou, de um judeu atemorizado, uma garrafa de aguardente, reuniu alguns companheiros e começaram a cantar a versão em alemão da "Ave-Maria de Lourdes", sem o refrão "Ave" e com a melodia da canção *Príncipe Eugène*.

A estrada para Liskowate ficava muito desagradável depois do escurecer. Os quatro que haviam sido encarregados de procurar alojamento para a 11ª Companhia

tinham acabado de chegar à floresta e estavam na margem de um riacho que supostamente os levaria a Liskowate.

Pela primeira vez em sua vida, Baloun era obrigado a ir a um lugar desconhecido. Tudo aquilo, a escuridão, o fato de sair na frente para procurar alojamento, lhe parecia misterioso, e de repente começou a suspeitar de que estava acontecendo alguma coisa estranha.

— Companheiros — disse em voz baixa, tropeçando nos obstáculos espalhados pelo caminho perto do riacho —, fomos sacrificados.

— O que você quer dizer? — disparou Švejk, com voz embargada.

— Companheiros, não façam barulho — pediu Baloun em voz baixa —, estou sentindo nos ossos que nos ouvirão e seremos mortos a tiros. Já sei o que está acontecendo. Fomos enviados na frente para descobrir se os inimigos estão ou não aqui. Quando ouvirem tiros, saberão imediatamente que não é possível seguir em frente. Nós somos a patrulha de vanguarda, companheiros, segundo me ensinou o cabo Terna.

— Se é assim, vá você na frente — disse Švejk. — Nós o seguiremos. Dessa maneira seremos protegidos pelo seu corpo gigantesco. E quando atirarem em você, nos avise para que possamos nos atirar na terra. Que maldito soldado é você! Tem medo de levar um tiro! É isso, exatamente, o que todo soldado deve desejar: que disparem contra ele, porque qualquer soldado que se preze sabe que quanto mais amiúde o inimigo disparar contra ele, mais ficará sem munição. A cada tiro que o inimigo dispara, sua força bélica diminui. Ele, por sua vez, se alegra de poder disparar contra você; assim pelo menos não tem que carregar cartuchos e pode correr com mais facilidade.

Baloun deixou escapar um suspiro profundo:

— Mas eu tenho uma fazenda em casa!

— Mande a fazenda à merda — aconselhou-o Švejk —; é melhor tombar por Sua Majestade o Imperador. Não lhe ensinaram isso no exército?

— Sim, mas por alto — disse o néscio do Baloun. — Nos levaram ao pátio de armas. Depois não ouvi mais nada a respeito porque me nomearam ordenança. Se pelo menos o imperador nos alimentasse melhor...

— Você é um porco insaciável. Antes da batalha não deveriam dar muita comida aos soldados; há alguns anos, o capitão Untergriez nos explicou isso durante o serviço militar. Ele disse: "Canalhas infelizes, se algum dia houver uma guerra, que não passe por suas cabeças se fartarem de comer antes de ir à batalha. Se dispararem em suas barrigas quando estiverem com o estômago cheio, baterão as botas: toda a sopa e o pão saem das tripas, pega-se uma infecção e não há mais nada a fazer. No entanto, se o estômago estiver vazio, um tiro na barriga não faz nada, é como uma picada de vespa."

— Eu digiro muito depressa — disse Baloun —; nada permanece por muito tempo no meu estômago. Sou capaz de engolir uma travessa inteira de knedlík com porco assado e repolho e depois de meia hora cago tudo, mas não mais de três colheres de sopa; o resto se dilui dentro de mim. Há pessoas que quando comem cogumelos os cagam tal e qual, seria possível lavá-los e colocá-los de volta na frigideira. Comigo acontece o contrário: me farto de cogumelos com gula e ato contínuo, quando vou ao banheiro, expulso um pouco de pasta amarelada, como se fosse uma criança; o resto desaparece dentro de mim.

"Até as espinhas de peixe e os caroços das ameixas se dissolvem dentro de mim, rapaz", acrescentou Baloun em tom confidencial, dirigindo-se a Švejk. "Uma vez eu

os contei. Havia comido setenta knedlíky de frutas, cada um com uma ameixa inteira, e quando chegou a hora de cagar, me escondi atrás do celeiro, removi tudo com um palito, afastei os caroços e os contei. A metade dos setenta caroços se dissolvera lá dentro."

Da boca de Baloun escapou um suspiro longo e nostálgico.

— Minha mulher fazia knedlík de ameixa com massa de batata e acrescentava um pouco de ricota para que ficassem mais substanciosos. Ela preferia sempre salpicá-los com grãos de papoula, mas eu prefiro só ricota; uma vez lhe dei um par de bofetadas por isso... Não fui capaz de apreciar minha felicidade familiar.

Baloun se deteve, lambeu os lábios, passou a língua no céu da boca e disse com suavidade e tristeza:

— Quer saber de uma coisa, amigo? Agora que tudo isso foi à merda, tenho a sensação de que minha mulher tinha razão, que os knedlíky de frutas ficam mais saborosos com grãos de papoula. Antes sempre me queixava que a papoula se enfiava entre os dentes e agora penso que gostaria que se enfiassem entre eles... Minha mulher teve muitos desgostos comigo. Quantas vezes chorou quando eu queria que colocasse mais manjerona nas linguiças e a moía de pancada! Uma vez lhe dei tamanha surra, pobrezinha, que ficou dois dias sem conseguir se levantar da cama, e tudo porque não queria matar um peru e prepará-lo para o jantar; dizia que um frango era suficiente.

"Ai, filho", Baloun começou a chorar, "quem me dera ter agora frangos e salsichas sem manjerona. Você gosta de molho de endro? Sempre que minha mulher o preparava, nós brigávamos; no entanto, agora o beberia como se fosse café."

Pouco a pouco Baloun foi esquecendo o fantasma de um suposto perigo e, na calma da noite, inclusive quando estavam descendo para Liskowate, relacionou para Švejk, com grande emoção, tudo de que não gostava e que agora comeria com grande prazer.

Atrás deles caminhavam o telefonista Chodounský e o intendente Vaněk.

Chodounský dizia a Vaněk que, na sua opinião, a Guerra Mundial era um grande disparate. O pior era que, caso os fios telefônicos partissem, seria necessário repará-los à noite; mas ainda muito pior era o fato de que agora, com os holofotes, o inimigo podia encontrar imediatamente aqueles que consertavam os malditos cabos e dirigir toda a artilharia contra eles.

Lá embaixo, na aldeia onde tinham que procurar alojamento para a companhia e na qual reinava uma escuridão absoluta, todos os cachorros começaram a latir. Isso obrigou a expedição a parar e a pensar em uma maneira de enfrentar aquelas bestas.

— E se voltássemos? — cochichou Baloun.

— Baloun, Baloun, se contarmos o que você acaba de dizer será fuzilado por covardia — respondeu Švejk.

Os cachorros latiam cada vez mais; tanto que contagiaram até os cães da aldeia de Kroscenko e de outros povoados mais além do rio Ropa. Švejk gritava na calma noturna: "Calem-se! Calem-se de uma vez! Vão se calar ou não?", da mesma maneira que chamava seus cachorros quando tinha o negócio de cães.

Os cachorros latiam a plenos pulmões e por isso o intendente Vaněk disse a Švejk:

— Não grite com eles, Švejk, ou toda a Galícia começará a latir!

— Quando fazíamos manobras na região de Tábor aconteceu algo parecido com a gente — disse Švejk. — Chegamos a uma aldeia à noite e os cachorros começaram a fazer uma bagunça inimaginável. Aquela região é muito povoada e por isso os latidos iam de uma aldeia a outra, e, quando os cachorros da nossa aldeia se calavam, ouvíamos os latidos dos cães de algum lugar distante, como, por exemplo, da região de Pelhřimov, e então os nossos recomeçavam. Depois de um momento, estavam latindo as regiões de Tábor, de Pelhřimov, de Budějovice, de Humpolec, de Třeboň e de Jihlava. Nosso capitão era um velho neurótico que não conseguiu suportar os latidos. Não pregou o olho durante toda a noite; caminhava para cima e para baixo e não parava de perguntar à patrulha: "Qual é a aldeia que está latindo agora?" Os soldados respondiam que, humildemente, eram os cachorros que estavam latindo. O velho se irritou e, quando voltamos das manobras, todos os que haviam estado de patrulha naquela noite foram presos. A partir daquele dia o velho sempre escolhia alguns para serem "a patrulha dos cachorros" e os mandava ir às aldeias antes que nós chegássemos. Tal patrulha tinha a obrigação de dizer aos habitantes da aldeia na qual devíamos nos hospedar que nenhum cachorro podia latir durante a noite, senão, seria morto. Eu também fiz parte de uma daquelas patrulhas e quando chegamos a uma aldeia do distrito de Milevsko me equivoquei e disse ao alcaide que todos os donos de cachorros que latissem à noite seriam executados por motivos estratégicos. O alcaide se assustou; fez engatar os cavalos a toda pressa e foi ao alto-comando pedir clemência para sua aldeia. Não o deixaram entrar, as sentinelas quase o fuzilaram, de modo que voltou para casa; antes que os nossos chegassem à aldeia, seguindo seu conselho todo mundo amarrou a boca do seu cachorro com um pano. Três deles enlouqueceram.

Švejk explicou aos seus companheiros que à noite os cachorros tinham medo da brasa dos cigarros e, em seguida, o grupo começou a descer para a aldeia. Desgraçadamente, nenhum deles fumava, de maneira que o conselho de Švejk não adiantou de nada. No entanto, os cachorros começaram a latir com alegria, porque recordaram com carinho os exércitos que haviam passado por ali, deixando sempre alguma comida.

Ouviram se aproximarem, ao longe, as criaturas que sempre lhes deixavam ossos e carcaças de cavalos. De repente, como se tivessem caído do céu, quatro cachorros cercaram Švejk e avançaram amistosamente, com os rabos levantados.

Švejk os acariciou, deu batidinhas e, na escuridão, falou com eles como se fossem crianças:

— Já estamos aqui, reizinhos, viemos dormir com os anjinhos, vamos fazer nhém-nhém e depois rom-rom, lhes daremos ossinhos e migalhinhas, bonitinhos, e de manhã iremos matar o inimigo.

As luzes das cabanas da aldeia começaram a se acender. Quando o grupo bateu na porta da primeira para perguntar onde vivia o alcaide, lá dentro se ouviu uma voz estridente de mulher que disse, em uma mistura de polonês e ucraniano, que seu marido fora para a guerra, que seus filhos estavam com varíola, que os malditos russos haviam lhe roubado tudo e que seu marido, antes de ir para a guerra, lhe ordenara que não abrisse a porta para ninguém à noite. Só quando bateram com mais força e afirmaram que faziam parte do grupo de alojamento do exército uma mão abriu a porta. Uma vez lá dentro, descobriram que, na verdade, quem vivia ali era o alcaide; este se esforçou em vão para convencer Švejk de que não imitara a voz estridente de uma mulher.

Desculpou-se dizendo que ele dormia no feno e que sua mulher não sabia o que dizia quando acordava à noite. No que se referia a alojar toda a companhia, segundo ele a aldeia era tão pequena que não cabia nem um soldado. Não havia lugar onde dormir. Tampouco havia, segundo ele, nada para comprar, porque os malditos porcos russos haviam confiscado tudo. Se os gentis senhores estivessem de acordo, os levaria a Kroscienky, uma aldeia que ficava a apenas quarenta e cinco minutos, onde havia fazendas enormes. Ali havia espaço suficiente para todo mundo, cada soldado poderia se cobrir com uma manta de pele de ovelha e, além disso, eram tantas as vacas que cada soldado receberia uma xícara de leite. A água era boa e os oficiais poderiam dormir em um palacete. Mas em Liskowate? Miséria, sarna e piolhos. Ele mesmo tinha cinco vacas, mas os estúpidos dos russos haviam levado todas, de maneira que, quando precisava de leite para seus filhos doentes, tinha que ir buscá-lo em Kroscienky.

Como se estivessem respondendo a esta afirmação, no estábulo ao lado mugiram algumas vacas. Uma voz de mulher pediu aos gritos que a cólera matasse os desgraçados animais. Mas o alcaide não se alterou e, calçando suas botas altas, continuou:

— A única vaca da aldeia é a do vizinho Vojciech; agora mesmo puderam ouvi-la mugir, gentis senhores. É uma vaca nostálgica, doente. Os canalhas dos russos levaram seu bezerro. Desde então não dá leite, mas seu dono tem pena de sacrificá-la. Acredita que a Virgem Maria de Czestochowa a curará.

Enquanto dizia isso, vestiu um colete de pele de ovelha.

— Vamos para Kroscienky, gentis senhores, não levaremos nem quarenta e cinco minutos. Ora, que pecado, eu disse quarenta e cinco minutos! Não levaremos nem meia hora. Conheço um atalho que atravessa o riacho e depois passa por um pequeno bosque de bétulas... É uma aldeia grande, fazem uma vodca bem forte... Vamos, gentis senhores. Para que esperar mais? Os soldados de seu glorioso regimento devem ser alojados em um lugar bom, confortável. Todos os soldados imperiais e reais que lutam contra os animais russos precisam, decisivamente, de um alojamento limpo, de um alojamento confortável... No entanto, aqui? Piolhos, sarna, varíola e cólera. Ontem, nesta aldeia maldita, três homens morreram de cólera, completamente negros... Deus misericordioso maldisse Liskowate...

Neste momento Švejk fez um sinal majestoso com a mão.

— Gentis senhores benfeitores — disse imitando a voz do alcaide —, uma vez li em um livro que durante as guerras com os suecos, quando os soldados recebiam a ordem de se instalar em uma aldeia e seu alcaide apresentava desculpas e não queria lhes dar um lugar, estes o penduravam na primeira árvore que tinham à mão. Além disso, um cabo polonês me disse hoje em Sanok que, quando chega o grupo de alojamento, o alcaide deve convocar todos os conselheiros da aldeia, acompanhá-los às cabanas e lhes dizer pura e simplesmente: "Aqui cabem três, aqui quatro; os senhores oficiais dormirão na paróquia. É preciso preparar tudo em meia hora."

"Gentil senhor", continuou Švejk, dirigindo-se ao alcaide com toda seriedade, "onde fica a árvore mais próxima?"

O alcaide não sabia o que significava "árvore" e Švejk se viu obrigado a lhe explicar que podia ser uma bétula, uma pereira, uma macieira, enfim, qualquer coisa que tivesse galhos fortes. O alcaide não conseguia entender mas, quando o ouviu nomear as

árvores frutíferas, se assustou, porque as cerejas estavam quase maduras, de maneira que disse que não entendia nada, mas que diante da casa crescia uma azinheira.

— De acordo — disse Švejk, fazendo com a mão o sinal internacional da forca —, vamos pendurá-lo aqui, na frente da sua casa, para que saiba que estamos em guerra e que recebemos ordens para dormir aqui e não em Kroscienky nem na puta que pariu. Você não vai mudar nossos planos estratégicos, espertinho, e, se tentar, acabará pendurado em um galho, tal como se dizia naquele livro sobre as guerras com os suecos... Durante as manobras em Velké Mezičíří aconteceu um caso, companheiros...

Vaněk interrompeu Švejk:

— Você nos conta isso mais tarde, Švejk — e, dirigindo-se ao alcaide, acrescentou: — Venha, precisamos dar o alarme e procurar alojamento!

O alcaide começou a tremer e a balbuciar que fizera tudo com a melhor das intenções, mas que, se não houvesse outro remédio, encontraria alguma casa na aldeia para os gentis senhores, que tentaria fazer com que ficassem satisfeitos e que esperassem um momento enquanto ele ia procurar uma lanterna.

Quando saíram do aposento, mal iluminado por um candeeiro colocado debaixo da imagem de um santo que se contorcia como o mais necessitado dos inválidos, Chodounský exclamou de repente:

— Onde se meteu o nosso Baloun?

Mas antes que pudessem começar a procurá-lo, abriu-se silenciosamente uma porta atrás da estufa e Baloun entrou no aposento. Passeou os olhos ao redor e, ao constatar que o alcaide não estava, disse com voz fanhosa, como se estivesse muito resfriado:

— Estive na despensa, enfiei a mão em alguma coisa, coloquei-a na boca e agora meu paladar está todo pegajoso. Não é doce nem salgado, é massa de pão.

O intendente Vaněk iluminou-o com uma lanterna e todos constataram que nunca na vida haviam visto um soldado austríaco tão sujo. Também se assustaram ao ver que Baloun tinha a jaqueta tão avultada que parecia uma mulher grávida pouco antes de dar à luz.

— O que aconteceu com você, Baloun? — perguntou Švejk com compaixão, batendo em sua barriga inchada.

— Estou levando pepinos — balbuciou Baloun, entalado pela massa, que não descia nem subia. — Cuidado, são pepinos salgados. Comi três no caminho e trouxe o resto para vocês.

Baloun começou a tirar um pepino atrás do outro e os distribuiu.

Enquanto esta cena acontecia, o alcaide já voltara com a lanterna e, do umbral, vendo aquilo, persignou-se e uivou:

— Os russos nos saquearam e agora os nossos fazem a mesma coisa!

Dirigiram-se todos à aldeia, acompanhados por um grupo de cachorros que se amontoavam particularmente ao redor de Baloun. Atiravam-se sobre os bolsos de suas calças, onde escondera um pedaço de toucinho roubado da despensa para que seus companheiros não o descobrissem.

— Por que os cachorros perseguem você assim? — perguntou Švejk a Baloun.

Depois de ficar pensando por um bom tempo, Baloun respondeu:

— É que intuem que sou uma boa pessoa.

Não disse, no entanto, que a mão enfiada no bolso segurava um pedaço de toucinho e que um dos cachorros a estava mordendo.

Ao fazer a ronda na aldeia procurando alojamento, os membros da expedição constataram que Liskowate era um povoado grande, bastante castigado pelos tormentos bélicos, mas que não havia sofrido incêndios: parecia um milagre que nenhuma das partes litigantes o tivesse incluído em seu raio de ação; no entanto, tinham se refugiado ali os habitantes das aldeias vizinhas — Chyrów, Grabów e Holubla —, que haviam sido destruídas.

Em algumas das casas viviam até oito famílias em estado de absoluta miséria. Era seu último refúgio depois de todas as perdas que haviam sofrido naquela guerra predatória, uma época que passara por cima delas como as correntezas devastadoras de uma inundação.

O grupo de alojamento se viu obrigado a instalar a companhia em uma pequena destilaria no outro extremo da aldeia, onde só cabia a metade dos homens. A outra metade teria que se espalhar por diversas fazendas, cujos donos, ricos terratenentes de origem aristocrática, não haviam aberto as portas para a gente humilde que ficara sem ter onde morar e se via obrigada a mendigar.

O alto-comando da companhia, com todos os oficiais, o intendente Vaněk, os ordenanças, o telefonista, os médicos, os cozinheiros e Švejk se alojaram na casa paroquial: como tampouco havia acolhido nenhuma das famílias arruinadas, o pároco tinha espaço de sobra.

Era um velho alto e delgado que usava uma sotaina desbotada e engordurada; era tão avaro que quase não comia. Seu pai alimentara nele um grande ódio pelos russos, mas este desapareceu bruscamente quando os russos se retiraram e chegaram os austríacos, que devoraram todos os gansos e galinhas que os russos nem haviam tocado, embora em sua casa tivessem se alojado vários cossacos hirsutos da região do lago Baikal.

Sua mágoa em relação ao exército austro-húngaro aumentou quando chegaram os húngaros e levaram todo o mel das colmeias. Por isso olhava seus visitantes com grande antipatia; enquanto caminhava para cima e para baixo, encolhia os ombros e repetia:

— Não tenho nadica de nada. Estou feito um esmoleiro. Em minha casa não encontrarão nem mesmo uma fatia de pão, senhores.

O mais triste de todos, naturalmente, era Baloun, que quase começou a chorar diante de tanta miséria. Havia penetrado em sua cabeça a ideia de um porco assado cuja pele, cor de cobre, estava crocante e cheirava muito bem. Baloun cochilava, sentado na cozinha do pároco; de vez em quando, um jovem magro que trabalhava como criado e cozinheiro e que recebera uma ordem rigorosa de ficar atento para que não roubassem nada, dava uma olhada.

Na cozinha, Baloun só encontrou, em cima de um saleiro, um pouco de cominho envolto em papel. Enfiou-o na boca e, ao sentir aquele aroma, por associação de ideias sua vontade de comer um porco temperado com cominho se tornou ainda mais irresistível.

No pátio da destilaria, atrás da paróquia, se via fogo sob os caldeirões da cozinha de campanha; a água estava fervendo, mas na água não fervia nada.

O intendente e o cozinheiro percorreram em vão toda aldeia procurando um porco. Em todos os lugares lhes davam a mesma resposta: os malditos russos haviam confiscado ou comido tudo.

Despertaram até o judeu da taverna. Este começou a puxar suas longas costeletas e disse que lamentava muito não poder servir os soldados; por fim, forçou-os a comprar uma vaca centenária, raquítica e cadavérica, que só tinha pele e ossos. Pediu por ela uma quantia exorbitante enquanto cofiava a barba, jurando que não encontrariam uma vaca semelhante em toda a Galícia nem em todo o império austro-húngaro, nem na Alemanha, nem em toda a Europa, nem em todo o mundo. Dizia isso uivando, chorando, e afirmava que aquela vaca era a mais gorda da história da humanidade desde os tempos de Jeová. Jurou por todos os patriarcas que vinha ver aquela vaca até gente de Woloczyszka, que em todo o distrito era conhecida como um milagre, que olhando bem não era uma vaca e, sim, um búfalo, e dos mais suculentos. Finalmente, se ajoelhou diante deles e, abraçando seus joelhos, exclamou:

— Matem, se quiserem, o pobre e velho judeu, mas não partam sem a vaca!

Seus lamentos confundiram todos os presentes e eles acabaram enfiando em sua cozinha aquela carniça que teria enojado qualquer esfolador. Depois, quando o judeu já estava com o dinheiro no bolso, chorou e se queixou de que o haviam arruinado e aniquilado, que ele mesmo havia atirado pedras sobre seu telhado ao vender-lhes uma vaca tão maravilhosa por tão pouco dinheiro. Pediu-lhes que o enforcassem por ter cometido, velho como era, uma besteira tão grande que faria seus antepassados se revirarem na tumba.

Depois de se contorcer na poeira diante deles, de repente sacudiu toda a dor, voltou para casa e quando entrou no quarto disse a sua mulher:

— Minha Elsa, os soldados são estúpidos, mas seu Nathan é muito astuto.

A vaca deu muito trabalho. No começo, parecia que não havia maneira de desossá-la: a pele se quebrava e debaixo dela apareciam músculos tão retorcidos como o cordame de um barco.

Nesse meio-tempo, haviam conseguido um saco de batatas. Começaram a cozinhar aquelas cordas e ossos enquanto o cozinheiro, desesperado, preparava em um pequeno fogão o rancho dos oficiais com uma parte do esqueleto.

Todos os presentes recordaram para sempre a maldita vaca, se é que aquele estranho fenômeno podia ser chamado de vaca, e é provável que, se antes da batalha de Sokal os comandantes tivessem recordado à 11ª Companhia a vaca de Liskowate, os soldados teriam se lançado com suas baionetas sobre o inimigo com arrepiantes gritos de raiva.

Não havia maneira de preparar uma sopa com aquela vaca sem-vergonha. Quanto mais a ferviam, mais a carne aderia aos ossos, até se transformar em uma massa compacta, tesa como um burocrata cuja vida é uma rotina permanente que se alimenta apenas de atas.

Por fim, Švejk, que, como ordenança, mantinha uma conexão constante entre o alto-comando e a cozinha e tinha a incumbência de avisar quando o jantar ficasse pronto, disse ao tenente Lukáš:

— Senhor tenente, a vaca virou porcelana. Sua carne é tão dura que até seria possível cortar vidro com ela. Ao experimentá-la, o cozinheiro Pavlíček quebrou um dente e Baloun, outro.

Baloun se aproximou do tenente Lukáš, entregou-lhe seu dente embrulhado na "Ave-Maria de Lourdes" e balbuciou:

— Humildemente, senhor, fiz o que pude. Meu dente caiu na cozinha dos oficiais, enquanto averiguava se era mesmo absolutamente impossível fazer um bife com aquela carne.

Enquanto dizia isso, na poltrona ao lado da janela se levantou uma triste figura. Era o subtenente Dub, a quem haviam transportado totalmente sonolento em um carro.

— Peço-lhes silêncio, por favor — disse com voz desesperada —, estou me sentindo muito mal!

Voltou a se sentar na velha poltrona, em cujas fendas havia milhares de ovos de percevejos.

— Estou cansado — continuou, com voz melodramática —, doente, indisposto, e por isso lhes peço que não falem de dentes quebrados diante de mim. Meu endereço é: Praga-Smíchov, rua Královská, 18. Se não chegar até amanhã, lhes peço que informem a minha família com tato. E não se esqueçam de mencionar em meu túmulo que antes da guerra eu era professor de um instituto imperial e real.

Começou a roncar suavemente, e não ouviu Švejk, que começava a entoar um canto pelos mortos:

Oh! Tu, que salvaste a alma da Virgem
E salvou o bom ladrão,
Salve também minha alma!

Enquanto isso, o intendente Vaněk constatou que a vaca-milagre precisava ser cozida por mais duas horas, que de um bife não se podia nem falar e que seria preparado um ensopado.

Decidiram que os soldados iriam dormir antes que tocassem o rancho, porque a comida só ficaria pronta de madrugada.

O intendente Vaněk arrastou de algum lugar um monte de feno; deitou-se no refeitório da paróquia, torceu nervosamente o bigode e disse em voz baixa ao tenente Lukáš, que descansava ao seu lado em um sofá:

— Acredite, senhor; durante toda a guerra não comi uma vaca igual a esta...

Na cozinha, diante de um resto de vela de igreja, estava sentado o telefonista Chodounský, que escrevia cartas para casa para mantê-las de reserva e assim não ter que se cansar quando tivesse o número do correio militar. Escreveu:

Esposa minha, queridíssima Boženka:

É de noite e não paro de pensar em você, meu tesouro, e suponho que você também pensa em mim quando olha o espaço vazio ao seu lado na cama. Deve me perdoar que às vezes me ocorram coisas estranhas. Você sabe que, desde o começo da guerra, estou no campo de batalha e que ouvi todo tipo de coisas de meus companheiros feridos; lhes deram licença, e quando chegaram em casa, preferiam estar mortos a ver que algum canalha

cortejava sua mulher. Dói-me ter que lhe escrever tudo isto, querida Boženka. Não o faria, mas você sabe que você mesma me confessou que eu não havia sido o primeiro a ter relações contigo, que antes de mim estivera com o senhor Kraus da praça de São Nicolau. Quando agora, à noite, penso que esse sem-vergonha poderia reclamar algum direito sobre você durante minha ausência..., me parece, querida Boženka, que eu o estrangularia sem dar nenhum pio. Estive sufocando estes sentimentos durante muito tempo, mas agora, quando penso que aquele magrelo poderia cortejá-la, meu coração se encolhe e lhe aviso uma coisa: não suportaria ao meu lado uma rameira que se enfiasse na cama com o primeiro que chegasse e que desonrasse meu nome. Perdoe estas palavras um pouco duras, querida Boženka, mas tenha cuidado e que eu não fique sabendo de nenhuma coisa má de você. Nesse caso, me veria obrigado a matar a punhaladas os dois, porque estou decidido a qualquer coisa, mesmo que fosse me custar a vida. Lembranças para o pai e a mãe. Mil beijos.

Seu Tonouš.

P.S.: Não se esqueça de que você usa meu sobrenome.

E continuou redigindo mais cartas:

Queridíssima Boženka:

Quando você receber estas linhas, saberá que acabamos de travar uma grande batalha na qual a sorte da guerra se inclinou para nós. Entre outras coisas, derrubamos aproximadamente dez aviões inimigos e um general com uma imensa verruga no nariz. Em plena batalha, quando os projéteis explodiam ao nosso redor, fiquei pensando em você, querida Boženka, no que deve estar fazendo, se está bem ou o que há de novo em casa. Sempre recordo com ternura o dia em que fomos juntos à taverna Tomás, como você teve que me arrastar até em casa e como no dia seguinte sua mão doía pelo esforço do dia anterior. Agora voltaremos a avançar, de maneira que já não terei tempo para escrever. Espero que me seja fiel, porque você sabe que a esse respeito não suportaria nenhuma brincadeira. Mas chegou a hora de partir. Envio mil beijos, querida Boženka, e espero que tudo acabe bem.

Seu sincero Tonouš.

O telefonista Chodounský começou a cabecear e adormeceu em cima da mesa.

O pároco, que não dormia e caminhava para cima e para baixo, abriu a porta da cozinha e, para economizar, apagou com um sopro a chama da vela que estava ao lado de Chodounský.

No refeitório não havia mais ninguém, salvo o subtenente Dub. O intendente Vaněk estudava a fundo o novo orçamento de provisões que haviam lhe enviado de Sanok

e constatou que quanto mais se aproximavam do front mais a ração dos soldados diminuía. Teve até que sorrir ao ler um parágrafo do comunicado que dizia que estava proibido usar açafrão e gengibre na preparação de sopas. O mesmo documento incluía também uma ordem para que as cozinhas de campanha recolhessem os ossos e os enviassem ao armazém da divisão da retaguarda. Este trecho era meio confuso; não se entendia muito bem se se tratava de ossos humanos ou de outros animais destinados ao matadouro.

— Ouça, Švejk — disse o tenente Lukáš, bocejando de tédio —, por que você não me conta alguma história enquanto esperamos que nos deem de comer?

— Ah, sim! — respondeu Švejk —, antes que nos deem a comida poderei lhe contar toda a história da nação tcheca. Por ora lhe contarei uma história breve sobre uma senhora, esposa de um administrador dos Correios em Sedlčany, a quem deram o cargo depois da morte de seu marido. Quando ouvi falar do correio militar pensei nisso, embora não tenha nada a ver.

— Švejk — disse o tenente Lukáš, deitado no sofá —, me parece que você vai contar alguma barbaridade.

— Humildemente, senhor, é claro que se trata de uma barbaridade. Não sei como pôde me ocorrer contar uma história que certamente o desagradará. Deve ser porque sou idiota de nascença, ou então pode ser que se trate de uma recordação da infância. No mundo há diferentes tipos de caráter; o cozinheiro Jurajda tinha razão, senhor, quando na vez em que se embebedou em Most nad Litavou e caiu em uma fossa da qual não conseguia sair, gritou: "O homem tem o destino e a vocação de conhecer a verdade para reinar com sua inteligência na harmonia da eternidade, e de se desenvolver e se instruir constantemente para poder entrar nas altas esferas de um mundo mais inteligente e cheio de amor." Quando quisemos tirá-lo dali resistiu; nos arranhava e mordia porque achava que estava em sua casa e só quando o puxamos outra vez começou a implorar que o tirássemos dali.

— Mas o que aconteceu com a administradora dos Correios? — exclamou o tenente Lukáš com desespero.

— Era uma mulher muito boa, senhor, mas um pouco bruxa. Cumpria com todas as suas obrigações nos Correios, mas tinha uma fraqueza: achava que todo mundo a perseguia e queria prejudicá-la e por isso, depois do trabalho diário, se dedicava a denunciar às autoridades as pessoas com quem havia lidado. Uma manhã foi ao bosque procurar cogumelos e, quando estava passando diante da escola, percebeu que o professor se levantava, a cumprimentava e lhe perguntava aonde ia tão cedo. Ela respondeu que ia procurar cogumelos, ele lhe disse que a acompanharia e se encontrou com ela depois de um tempo no bosque. Disso a mulher deduziu que o professor tinha más intenções com ela, uma velha, e quando mais tarde o viu sair do mato se assustou e não demorou a denunciá-lo ao conselho da escola local, dizendo que pretendera violentá-la. Abriram um processo disciplinar contra o professor e para que o assunto não se transformasse em um escândalo público um inspetor foi investigar tudo pessoalmente. O inspetor se dirigiu ao chefe da polícia para que lhe desse sua opinião sobre se o professor era capaz de um comportamento daqueles. O chefe da polícia olhou as atas e disse que não era possível; em outra ocasião, o pároco havia acusado o professor de ter seduzido sua sobrinha, com quem ele mesmo se deitava, e o médico do distrito enviou um atestado no qual constava que desde os seis anos de idade o professor era impotente

porque havia caído com as pernas abertas sobre a lança de um carro. Então aquela harpia apresentou uma denúncia contra o chefe da polícia, contra o médico do distrito e contra o inspetor da escola, aduzindo que o professor os subornara. Todos juntos apresentaram uma queixa contra ela, mas ela apelou alegando que era desequilibrada mental. Por isso os médicos do tribunal a examinaram e lhe entregaram um atestado que dizia que era idiota, mas com capacidade para ocupar qualquer cargo público.

— Meu Deus! — exclamou o tenente Lukáš antes de acrescentar: — Eu lhe diria uma coisa, Švejk, mas não quero estragar o jantar.

Švejk replicou:

— Eu lhe disse, senhor, que não ia gostar nem um pouco do que iria contar.

O tenente Lukáš fez um gesto desconsolado com a mão e disse:

— Como alguém pudesse esperar que de você viesse algo aceitável!

— Nem todo mundo pode ser inteligente, senhor tenente — disse Švejk com convicção. — Os idiotas têm que ser uma exceção, porque, se todo mundo fosse inteligente, haveria tanto juízo neste mundo que de cada duas pessoas uma seria idiota. Se, por exemplo, senhor, humildemente, todo mundo conhecesse as leis da natureza e pudesse calcular as distâncias celestiais, com isso não conseguiria mais do que irritar os que os cercam, como um tal de senhor Čapek que ia à taverna U Kalicha e à noite saía por um tempo da taverna para observar o céu estrelado e, quando voltava, ia de uma pessoa a outra dizendo: "Hoje se vê perfeitamente Júpiter, mas você nem sequer sabe o que está em cima de sua cabeça, estúpido! Que distâncias! Se o disparassem de um canhão, infeliz, para chegar ali à velocidade de uma bala levaria milhões e milhões de anos!" E era tão grosseiro ao contar essas coisas que volta e meia o atiravam da taverna à velocidade de um bonde, digamos, senhor, a dez quilômetros por hora. Ou se considerarmos, por exemplo, senhor, as formigas...

O tenente se afundou no sofá e juntou as mãos.

— Admiro minha paciência, Švejk. Como é possível que ainda converse com você, se o conheço há tanto tempo...

Švejk afirmou com a cabeça:

— É o hábito, senhor tenente, isso acontece exatamente porque faz muito tempo que nos conhecemos e vivemos tantas coisas juntos. Sofremos muito e absolutamente para nada. Humildemente, senhor, é o destino. O que Sua Majestade o Imperador faz está bem-feito. Ele nos reuniu e eu não desejo nada além de lhe ser útil. Não está com fome, senhor?

O tenente Lukáš, que voltara a se deitar no velho sofá, disse que a pergunta de Švejk era a melhor maneira de acabar com aquela conversa deplorável e lhe ordenou que fosse ver o que estava acontecendo com o rancho. Achava que seria muito melhor que Švejk saísse e o deixasse sozinho, porque as burradas que lhe contava o cansavam mais do que toda marcha desde Sanok. Gostaria de dormir um pouco, mas não conseguia.

— É por culpa dos percevejos, senhor. Há uma velha superstição segundo a qual os vigários dão à luz percevejos. Em nenhum lugar se encontrará tantos percevejos como nas paróquias. Na paróquia de Horní Stodůlky, o padre Zamastil dedicou todo um livro ao tema dos percevejos, que passeavam em cima dele até quando pregava.

— O que eu lhe disse, Švejk? Faça-me o favor de ir à cozinha.

Švejk partiu e atrás dele, como se fosse sua sombra saindo de um canto, escorregou, nas pontas dos pés, Baloun...

De manhã, quando abandonaram Liskowate em direção a Stara Sol, em Sambor, levaram na cozinha de campanha a desgraçada vaca, que ainda não acabara de cozinhar. Haviam decidido continuar fervendo-a pelo caminho e comê-la durante o descanso, a meio caminho entre Liskowate e Stara Sol.

Antes da partida, foi distribuído café preto aos soldados.

O subtenente foi arrastado outra vez à ambulância, pois se sentia ainda pior do que no dia anterior. Quem mais sofria com esse assunto era seu ordenança, que tinha de correr durante todo o tempo ao lado do carro enquanto o subtenente não parava de censurá-lo, assegurando que no dia anterior não cuidara o bastante dele e que quando chegasse o faria pagar por tudo. A cada momento pedia água, e quando bebia, vomitava.

— De quem, de que estão rindo? Vou lhes dar uma lição. Não brinquem com fogo, vocês ainda vão me conhecer!

Lukáš ia a cavalo, e Švejk, que lhe fazia companhia, marchava com passo marcial como se não conseguisse esperar mais pelo momento de enfrentar o inimigo. Pelo caminho conversava com o tenente.

— O senhor percebeu que alguns soldados parecem moscas? O peso que carregam não chega a trinta quilos e nem isso conseguem aguentar. Deveriam lhes fazer discursos como os do tenente Buchánek, que descanse em paz, que se suicidou por culpa de um adiantamento que devia pagar a seu futuro sogro e que havia torrado com outras garotas. Depois conseguiu um novo adiantamento de outro futuro sogro e desta vez o administrou melhor: foi perdendo-o nas cartas, mas pelo menos não ia mais ver as garotas. Como tampouco essa noiva durou muito tempo, teve que recorrer a um novo futuro sogro, e com o terceiro adiantamento comprou um cavalo, um garanhão árabe, não um puro-sangue...

O tenente Lukáš pulou do cavalo:

— Švejk — disse em tom ameaçador —, se mencionar um quarto adiantamento, eu o atirarei na vala!

Voltou a montar no cavalo e Švejk afirmou, sério:

— Humildemente, senhor, não posso falar do quarto adiantamento porque depois da terceira noiva Buchánek se suicidou com um tiro.

— Finalmente — disse o tenente Lukáš.

— Bem, mas, para não abandonar o assunto — prosseguiu Švejk —, em minha modesta opinião deveriam ser pronunciados discursos a toda a tropa, como fazia o tenente Buchánek quando os soldados caíam na terra durante as marchas. Durante os descansos, mandava que todos nos reuníssemos como pintinhos ao redor da galinha e dizia: "Pilantras, vocês não sabem apreciar o fato de estarem caminhando sobre a Terra porque são uma quadrilha de bestas que provocam ânsias de vômito. Deveriam fazê-los marchar sobre o Sol, onde uma pessoa que em nosso planeta pesa sessenta quilos pesa mais de mil e setecentos. Vocês veriam como se bate as botas, porcos! E o que fariam se suas mochilas pesassem mais de duzentos e oitenta quilos, quase três quintais métricos,77 e os fuzis dois quintais e meio! Resfolegariam e caminhariam com um palmo de língua de fora, como uns cães arrebentados." Havia entre a gente um pobre professor que se atreveu a tomar a palavra: "Com sua permissão, senhor tenente, em cima da Lua uma pessoa de sessenta quilos pesa apenas treze. Ali faríamos umas marchas magníficas,

porque a mochila só pesaria quatro quilos. Na Lua não caminharíamos, voaríamos." "Isto é horroroso", disse o falecido tenente Buchánek, "você está me pedindo que lhe dê uma bofetada, safado infeliz. Pode se alegrar de que vá lhe dar apenas uma porrada terrestre, porque, se lhe desse uma lunar, sendo tão leve voaria até os Alpes e ficaria grudado neles. Se lhe desse uma das pesadas, das solares, seu uniforme viraria uma sopa e sua cabeça iria parar na África!". E assim lhe deu um soco comum, terrestre; o mequetrefe começou a chorar e continuamos andando. Durante toda a marcha chorou e falou, senhor, sobre coisas como a dignidade humana, e dizia que estava sendo tratado como cachorro. Então o tenente o enviou ao conselho de guerra e foi condenado a passar duas semanas no calabouço. Ao sair, ainda lhe restavam seis semanas de serviço, mas não as completou porque tinha uma hérnia e, como no quartel o obrigavam a fazer exercícios nas barras horizontais, não aguentou e morreu no hospital como um farsante.

— É curioso, de verdade, Švejk — disse o tenente Lukáš —, seu hábito de menosprezar de uma maneira tão particular o corpo de oficiais. Já lhe disse isso muitas vezes.

— Não tenho esse hábito — respondeu Švejk em um tom profundamente sincero. — A única coisa que queria era lhe contar como quem fazia o serviço militar se atirava na desgraça. Esse professor se achava mais culto do que o tenente, quis humilhá-lo com a história da Lua e, em troca, recebeu as bofetadas terrestres, todos suspiraram aliviados e ninguém se lamentou; ao contrário, todos se alegraram de que o tenente tivesse feito uma piada tão divertida com aquela bofetada terrestre. O nome disso é salvar a situação. Estas coisas devem ocorrer à pessoa no ato, e então tudo corre bem. Na rua Karmelitská, em Praga, há alguns anos, um tal de senhor Jenom tinha uma loja com coelhos e outras aves, senhor. Este homem seduziu a filha do encadernador Bílek. Bílek não gostava daquela relação e por isso um dia anunciou na taverna que se o senhor Jenom tivesse a cara de pau de lhe pedir a mão de sua filha ele, o senhor Bílek, o atiraria escada abaixo com um soco no focinho, de uma forma que ainda não havia sido vista no mundo. Apesar disso, o senhor Jenom bebeu uma taça para se animar e foi ver o senhor Bílek. Este o recebeu com um longo facão que usava para recortar capas e que parece de açougueiro. Perguntou-lhe aos gritos o que estava fazendo, e naquele momento o pobre senhor Jenom soltou um peido tão ruidoso que até o relógio da parede parou. O senhor Bílek começou a rir, lhe deu a mão e disse: "Faça o favor de entrar, senhor Jenom... Sente-se, por favor... Espero que tenha cagado na cueca; eu não sou uma má pessoa, é verdade que queria expulsá-lo, mas agora vejo que o senhor é muito agradável e um personagem muito original. Eu sou encadernador, li muitos romances e contos, mas em nenhum livro li uma história como esta, que um noivo se apresente desta maneira." Enquanto falava se mijava de rir e repetia que tinha a impressão de que se conheciam desde que haviam nascido, como se fossem irmãos; lhe ofereceu um cigarro, mandou servir cerveja e salsichas, chamou sua mulher para apresentá-la e contou com todos os detalhes a história do peido. A mulher cuspiu de nojo e foi embora. Depois chamou a filha e lhe disse: "Este senhor veio pedir sua mão em tais e tais circunstâncias." A filha começou a chorar e declarou que não o conhecia e que não queria nem vê-lo, de maneira que não lhes restou mais nada a fazer do que beber a cerveja e comer a salsicha sozinhos, e, finalmente, se despedir. A cara do senhor Jenom desabava de vergonha quando depois, na taverna que frequentava e mais tarde em todo o bairro, o chamavam de Jenom, o

Cagão, e descobriu que todo mundo conhecia a história de como quisera "salvar a situação".

"Humildemente, senhor, a existência humana é tão complicada que, comparada com ela, a vida de uma única pessoa não passa de um trapo. Antes da guerra, um sargento de polícia, um tal de Hubička, e um jornalista que procurava pernas quebradas, pessoas atropeladas e suicidas para exibi-los em seu jornal, costumavam frequentar a taverna U Kalicha, na rua Na Bojíšti. O último era um sujeito tão alegre que passava mais tempo na delegacia de polícia do que na redação. Um dia embebedou Hubička, levou-o à cozinha e ali trocaram de roupa, de maneira que o sargento de polícia se fantasiou de civil e o jornalista, de policial. Este ocultou o número do revólver e saiu para patrulhar as ruas de Praga. Na rua Resslova, atrás da velha prisão de São Venceslau, encontrou, no meio do silêncio noturno, um ancião com uma cartola na cabeça e um casaco de couro de braços dados com uma velha senhora que também usava casaco de couro. Tinham pressa de chegar em casa e estavam em silêncio. Então o jornalista se atirou sobre eles e vociferou na orelha do homem: 'Não grite tanto ou vou levá-los!' Imagine, senhor tenente, o susto que o sujeito levou! Foi inútil explicarem que devia se tratar de um equívoco porque estavam voltando de um banquete na casa do governador, que a carruagem os deixara diante do Teatro Nacional porque queriam andar um pouco para tomar ar e que viviam ali perto, na rua Na Moráni, e que era o conselheiro supremo do governo civil e a mulher, sua esposa. 'Não me venha com histórias', continuou gritando o jornalista disfarçado, 'deveria ter vergonha se é o que diz, um conselheiro do governo civil, pois está se comportando como um canalha. Faz tempo que o estou seguindo e vi muito bem que ficou dando bengaladas nas vitrines de todas as lojas que encontrou pelo caminho, e como a sua, segundo o senhor, esposa, o ajudava'. 'Mas eu não tenho nenhuma bengala. Deve ter sido alguém que passou por aqui antes da gente.' 'Como poderia estar com ela', disse o jornalista disfarçado de policial, 'se a quebrou ali na esquina batendo na cabeça da velha que vende batata assada e castanha nos bares!'. A senhora já não conseguia nem chorar e o conselheiro supremo do governo civil ficou tão irritado que chamou o jornalista de 'rude insolente'; então foi preso. O jornalista levou os dois à radiopatrulha mais próxima, que pertencia ao distrito da rua Salmova. Entregou o casal dizendo que deveria ser levado à delegacia de polícia, que ele era da delegacia da Svatý Jindřich e estava indo a serviço ao bairro de Vinohrady, que os flagrara em uma briga noturna perturbando a calma da noite e, que além disso, haviam cometido o delito de ofender toda a polícia. Ele resolveria o assunto que tinha pendente e em uma hora estaria na delegacia da Salmova. Então a radiopatrulha levou os dois ao distrito policial, onde ficaram até de manhã esperando o sargento de polícia, que deu uma volta e retornou à taverna U Kalicha, na rua Na Bojíšti. Acordou o policial Hubička e lhe contou, delicadamente, o que havia acontecido e o advertiu que se não mantivesse a boca fechada aquilo poderia resultar em uma investigação."

O tenente Lukáš parecia estar cansado de ouvir aquele discurso, mas, antes de colocar o cavalo para trotar e ultrapassar a vanguarda, disse a Švejk:

— Mesmo que continue falando até de noite, suas histórias serão cada vez mais estúpidas.

— Senhor — exclamou Švejk pelas costas do tenente Lukáš, que se afastava —, não quer saber como tudo terminou?

O tenente Lukáš esporeou o cavalo.

O estado do subtenente Dub melhorara a ponto de conseguir descer da ambulância. Reuniu toda a companhia para lhe dar uma lição. Quase sem se dar conta, pronunciou um discurso interminável que pareceu, aos soldados, mais pesado do que a munição e o fuzil.

Tratava-se de uma mistura de parábolas.

— O amor dos soldados pelos oficiais — começou — permite sacrifícios incríveis; mas isso não é o mais importante. Ao contrário, se os soldados não sentem esse amor como uma coisa inata, é preciso despertá-lo à força. Na vida civil, o amor forçado de um em relação ao outro, como o dos bedéis pelo corpo de professores, se mantém enquanto dura o poder externo que o torna obrigatório. No entanto, na guerra acontece exatamente o contrário, porque um oficial não pode permitir que mingue o amor que une os soldados a seu superior. Este amor não é um amor comum; é, na verdade, respeito, medo e disciplina.

Durante todo o discurso, Švejk ficou caminhando à esquerda do subtenente Dub, voltado para ele com o "olhar à direita".

No começo, o subtenente não se deu conta e continuou falando:

— A disciplina e a obrigação de obedecer, ou seja, o amor compulsório do soldado pelo oficial é sincero porque as relações entre o soldado e o oficial são muito simples: um obedece e o outro manda. Há muito tempo os livros sobre a arte militar têm nos ensinado que o laconismo militar, a simplicidade militar, são exatamente as virtudes que deve adquirir cada soldado que, quer queira ou não, aprecia seu superior, que a seus olhos tem de representar a encarnação mais elevada, mais perfeita, mais cristalina de uma determinação forte e implacável.

Só naquele momento se deu conta de que estava sendo perseguido pelo "olhar à direita" de Švejk. Isto lhe causou uma sensação muito desagradável e de repente começou a ver que estavam fazendo uma confusão com seu discurso, que não podia sair de maneira alguma daquele vale de amor do soldado por seu superior e por isso gritou para Švejk:

— Por que você está me olhando com esses olhos de bezerro desmamado?

— Para seguir suas próprias ordens, senhor subtenente. Um dia teve a bondade de me dizer que, quando o senhor falasse, meus olhos deveriam acompanhar sua boca. Como todo soldado tem de obedecer às ordens de seu superior e recordá-las para sempre, me sinto obrigado a olhá-lo.

— Olhe para o outro lado, imbecil — gritou o subtenente Dub —, não olhe para mim, você sabe que não gosto disso, que não suporto vê-lo. Você vai ver como vou aquecer suas orelhas!

Švejk girou a cabeça para o outro lado e continuou caminhado ao lado do subtenente em atitude de sentido. O subtenente exclamou:

— Para onde olha quando falo com você?

— Humildemente, senhor, obedecendo à sua ordem, mantenho o "olhar à esquerda".

— Uf! — suspirou o subtenente Dub —, você é uma cruz. Olhe diretamente para a frente e pense: "Sou um irresponsável tão irremediável que se me matarem não será nenhuma perda." Você se lembrará disso?

Dirigindo a vista para a frente, Švejk respondeu:

— Humildemente, senhor, quer que responda?

— Que cara de pau! — latiu o subtenente Dub. — O que significa essa maneira de se dirigir a mim? O que quer dizer com isso?

— Humildemente, senhor, a única coisa que quero dizer com isso é que em uma estação de trem o senhor me deu uma bronca dizendo que quando termina uma frase eu não devo responder.

— Ah! Quer dizer que tem medo de mim! — disse o subtenente Dub com alegria. — Pois ainda não me conhece. Diante de mim têm tremido outros heróis, lembre-se. Quantos já coloquei na linha! Por isso cale-se e fique lá atrás, para que não o veja.

De forma que Švejk foi para trás e viajou confortavelmente na ambulância. E assim chegou ao lugar onde tinham que descansar; ali, finalmente, distribuíram sopa e a carne da infeliz vaca.

— Esta vaca deveria ter sido deixada pelo menos duas semanas em molho de vinagre; e, mais que a vaca, a pessoa que a comprou — disse Švejk.

Da brigada chegou a cavalo o mensageiro com novas ordens para a 11ª Companhia. O itinerário seria desviado para Felsztyn; era necessário evitar Woralycze e Sambor, porque naquelas localidades seria impossível acomodar a companhia pois estavam ali dois regimentos de Poznań.

O tenente Lukáš transmitiu imediatamente as novas determinações. O intendente Vaněk e Švejk deveriam procurar alojamento para a companhia em Felsztyn.

— Não vá me fazer uma das suas, Švejk — advertiu-o o tenente Lukáš. — E, sobretudo, comporte-se respeitosamente com os moradores da vila.

— Humildemente, senhor, vou me esforçar, embora tenha tido um pesadelo essa madrugada enquanto sonhava. Sonhei com um tanque de lavar roupa do qual a água escorria durante toda a noite pelo corredor da casa em que eu vivia até que o tanque ficou vazio e a água molhou todo o teto do dono da casa; e por essa razão de manhã ele me expulsou. Isso, senhor, aconteceu de verdade em Praga, ali atrás do viaduto, em Karlín...

— Me deixe em paz com suas besteiras, Švejk. É melhor você e Vaněk olharem o mapa para saber por onde ir. Bem, então aqui estão os povoados. Deste daqui se dirigirão à direita, até o riacho, seguirão seu curso até a aldeia mais próxima e dali, no lugar onde desemboca a primeira corrente que encontrarão a sua direita, irão por um caminho no meio de campos para cima, diretamente ao norte; dali só podem chegar a Felsztyn, é impossível se perder. Vão se lembrar?

Švejk e o intendente Vaněk saíram e seguiram o itinerário.

Era a primeira hora da tarde. A natureza respirava pesadamente no calor abafado e, das fossas mal cobertas, subia o cheiro putrefato dos soldados enterrados ali. Chegaram à região onde tiveram lugar as batalhas de Přemyšl, onde as metralhadoras haviam ceifado a vida de batalhões inteiros. A artilharia deixara seu rastro nos pequenos bosques à beira do rio. Em alguns pontos das enormes planícies e encostas, em lugar de árvores despontavam da terra troncos mutilados. Todo aquele deserto estava atravessado pelas trincheiras.

— Isso não se parece nem um pouco com os arredores de Praga — observou Švejk para quebrar o silêncio.

— Na minha terra já se fez a colheita — disse o intendente Vaněk. — A região de Kralupy é a primeira a colher.

— Aqui, depois da guerra, haverá uma boa colheita — disse Švejk depois de um tempo. — Não precisarão comprar ossos moídos. Para os camponeses, é ótimo que todo um regimento morra em seus campos; trata-se de um excelente adubo. Só me preocupa que depois os camponeses levem a sério algum imbecil e vendam esses ossos às fábricas de açúcar para que façam carvão animal. No quartel de Karlín havia um tenente, se chamava Holub. Era tão sabichão que todo mundo na companhia o tomava por idiota; era tão e tão sábio que não aprendera a insultar os soldados e via tudo do ponto de vista científico. Uma vez, os soldados se queixaram de que o pão de campanha que tinham acabado de receber era incomível. Outro oficial teria subido pelas paredes diante de tamanha insolência, mas ele não, ficou tranquilo, não disse nem porco nem infeliz nem deu porrada em ninguém. Limitou-se a reunir os soldados e dizer: "Antes de mais nada, devem se dar conta, soldados, de que o quartel não é uma rotisseria na qual possam escolher enguias ao escabeche, salmão defumado e canapés variados. Um soldado tem que ser suficientemente inteligente para comer, sem se queixar, tudo o que recebe, e deve ter disciplina suficiente para não dar atenção à qualidade do que está comendo. Imaginem que estamos em guerra. Ao campo em que serão enterrados depois da batalha será indiferente a qualidade do pão que tiverem comido antes de morrer. Serão carcomidos pela Mãe Terra, que os engolirá com as botas militares e tudo. Do mundo nada se perde; de seus corpos, soldados, crescerá o trigo que será usado para fazer pão de campanha para outros soldados que, como vocês, se queixarão e toparão com alguém que os encarcerará até a aleluia, porque tem direito a isso. Agora já lhes disse tudo, soldados, e acho que não vou ter de voltar a lhes lembrar que aquele que vier se queixar na próxima vez passará muito tempo sem ver a luz do dia." "Se pelo menos nos xingasse", comentavam os soldados, que não gostavam das maneiras educadas do tenente. Então fui escolhido para que fosse vê-lo e lhe dissesse que todo mundo gostava dele, mas que, sem insultos, o serviço militar não era o que devia ser. Assim fui a sua casa e lhe pedi que parasse de ser tímido, disse que o serviço militar tinha que ser duro, que os soldados estavam acostumados que lhes recordassem todos os dias que eram um bando de porcos e cachorros, que caso contrário perderiam o respeito pelos seus superiores. O tenente primeiro não quis saber de nada; falou da inteligência e disse que atualmente já não é preciso fazer o serviço militar levando bengaladas, mas acabei convencendo-o: me deu quatro bofetadas e me expulsou para me ensinar que era alguém. Quando contei o resultado das minhas negociações aos meus companheiros, todos ficaram muito felizes, mas no dia seguinte o tenente estragou tudo. Me procurou e me disse: "Švejk, ontem eu me precipitei. Aqui você tem um florim, vá tomar uma taça à minha saúde. É preciso tratar bem os soldados."

Švejk observava a paisagem.

— Parece-me que erramos o caminho — disse. — O tenente nos explicou tudo muito bem. Teríamos que ter ido para cima, depois à esquerda e à direita, depois outra vez à direita e depois à esquerda, mas nós fomos sempre em frente. Ou já fizemos tudo isto enquanto conversávamos? Aqui estou vendo dois caminhos. Para ir a Felsztyn recomendaria pegar o da esquerda.

Como costuma acontecer quando duas pessoas estão em um cruzamento, o intendente sustentava que deviam seguir pela direita.

— Meu caminho é mais confortável do que o seu — disse Švejk. — Eu seguirei o riacho e passearei entre margaridas enquanto o senhor se arrastará por um

deserto. Só estou levando em conta as palavras do tenente, que nos disse que não podemos nos perder de nenhuma maneira; então, para que subir uma montanha? Passearei por um prado, colocarei uma flor silvestre no meu quepe e colherei um ramo para o tenente. De qualquer maneira, poderemos verificar quem tem razão. Podemos nos separar como bons amigos. Todos os caminhos desta região devem levar a Felsztyn.

— Não faça loucuras, Švejk — disse Vaněk —, estou lhe dizendo que, segundo o mapa, temos que ir para a direita.

— Mas o mapa pode estar equivocado — respondeu Švejk, descendo para o vale do riacho. — Uma vez o vendedor de carne de porco Křenek, de Vinohrady, seguiu o guia de Praga para voltar à noite da taverna Montág, da Malá Strana, para casa, em Vinohrady, e sabe aonde chegou? Ao povoado de Rozdělov, ao lado de Kladno, a vinte quilômetros de Praga. Encontraram-no ali, quase congelado, em um campo de trigo onde caiu meio morto de cansaço. Bem, caro intendente, se o senhor se fechar em copas e fincar o pé, então teremos que nos separar e nos encontraremos de novo no lugar de destino, em Felsztyn. Mas não se esqueça de olhar seu relógio para saber quem chega primeiro. E, se houver algum perigo, dispare para o ar para que eu saiba onde está.

À tarde, Švejk chegou a um pequeno lago onde encontrou um prisioneiro russo foragido tomando banho. Quando viu Švejk, nu como estava, começou a correr de maneira atropelada.

Švejk teve curiosidade de ver como ficaria em seu corpo o uniforme russo que estava atirado sob salgueiros chorões. Tirou o seu e se enfiou no uniforme do pobre prisioneiro pelado que havia escapado de um carro de polícia estacionado no outro lado do bosque. Švejk queria ver sua imagem refletida na água, e por isso caminhou durante muito tempo pela borda do lago até que, finalmente, foi encontrado pela patrulha da polícia que estava procurando o fugitivo russo. Eram húngaros. Apesar dos protestos de Švejk, o levaram a Chyrów, onde o enfiaram em um carro cheio de prisioneiros russos que iriam trabalhar na reparação da ferrovia que levava a Přemyšl.

Tudo aconteceu tão depressa que Švejk só foi se dar conta da situação no dia seguinte. Então pegou um pedaço de madeira carbonizada e escreveu o seguinte na parede branca da sala de aula da escola onde estava alojada uma parte dos prisioneiros:

> *Aqui dormiu Josef Švejk de Praga, ordenança da 11ª Companhia do 91º Regimento, que, como membro do grupo de alojamento, foi levado por equívoco a um cativeiro austríaco perto de Felsztyn.*

75 Autora de romances para moças. (N. do T.)
76 Receita tradicional da "antiga culinária tcheca": pasta feita de uma espécie de ricota, creme de leite e cebolinha picada. (N. do T.)
77 Quintal, antiga medida de peso, equivalente a quatro arrobas ou 58,75 quilos. (N. do T.)

Quarta Parte – Continuação da surra gloriosa

1
Švejk como prisioneiro russo

Por causa do uniforme que usava, Švejk foi confundido com um prisioneiro russo que fugira de uma aldeia próxima a Felsztyn e ninguém reparou no grito de desespero que havia escrito na parede. E quando, em Chyrów, quis explicar tudo a um oficial que passava ao seu lado enquanto repartiam rações de pão de milho, um dos soldados húngaros que vigiava o transporte dos prisioneiros de guerra lhe deu um golpe no ombro com a culatra e lhe disse em húngaro:

— *Baszom as élet*! Volte para a fila, porco russo!

Isso tudo se enquadrava na maneira como os húngaros tratavam os prisioneiros russos, cuja língua não entendiam. Assim, pois, Švejk voltou para a fila e se dirigiu ao prisioneiro que estava ao seu lado:

— Esse homem está cumprindo seu dever, mas está se arriscando. O que aconteceria se, por acaso, o fuzil estivesse carregado e sem a trava acionada? Poderia acontecer que, ao dar um golpe em alguém com o cano voltado para ele mesmo, a carga disparasse no seu rosto e morresse cumprindo seu dever. Uma vez, em uma pedreira das montanhas de Šumava, no sul da Boêmia, os trabalhadores roubaram bananas de dinamite para guardá-las para o inverno, quando explodiriam troncos de árvores. O vigilante da pedreira tinha ordens de revistar os bolsos dos operários à saída do trabalho, de modo que segurou o primeiro e revistou seus bolsos batendo neles com tanto ardor que a dinamite explodiu e voaram todos juntos, o homem e o guarda; parecia que no último momento tinham se abraçado em torno do pescoço.

O prisioneiro a quem Švejk estava contando a história o olhava com uma expressão de compreensão, mas estava claro que não entendera uma única palavra de todo o discurso.

— Não compreender, eu tártaro de Crimeia, *Allah akbar*.

O tártaro se sentou no chão com as pernas cruzadas e começou a rezar:

— *Allah achper, Allah achper, bezmila, arachman, arachim, malinkin mustafir.*[78]

— Quer dizer que você é tártaro — disse Švejk com compaixão. — Que engraçado! Então como você quer que nos entendamos? Ouça, você conhece Jaroslav de Šternberk?[79] Este nome não lhe diz nada, não é mesmo? Ele lhes deu uma boa surra perto de Hostýn, na Morávia. Naquele dia vocês, tártaros, saíram arrastando o traseiro. Talvez não lhes ensinem isso nas aulas de história, como fazem com a gente. Você já ouviu falar da Virgem de Hostýn? Claro que não; pois bem, ela também estava lá. Bem, homem, fique tranquilo, agora que foram feitos prisioneiros serão batizados.

Švejk se dirigiu a outro prisioneiro:

— Você também é tártaro?

O homem entendeu a palavra tártaro e negou com a cabeça:

— Não tártaro, eu nascer circassiano, cortar cabeças.

Švejk fora parar em um eclético grupo de diferentes povos orientais. Ali havia tártaros, georgianos, caucasianos, circassianos, moldavos e calmucos.

De maneira que o pobre Švejk não podia se comunicar com ninguém. Arrastaram-no com o resto a Dobromil, onde estava sendo consertada a ferrovia que levava, passando por Přemyšl, a Nizankowice.

No escritório de Dobromil começaram a anotar os nomes dos prisioneiros, tarefa muito difícil, pois nenhum dos trezentos homens que haviam sido levados a Dobromil entendia o russo do sargento que ocupava a sala. Este declarara havia algum tempo que sabia russo, e fora usado como intérprete na Galícia oriental. Fazia mais de três semanas que pedira um dicionário alemão-russo e um manual de conversação, mas os livros ainda não haviam chegado. Em lugar de russo arranhava o eslovaco, que aprendera, muito mal, é verdade, durante sua carreira como representante de uma empresa vienense que vendia imagens de Santo Estêvão, pias de água benta e rosários na Eslováquia.

O sargento ficou absolutamente atônito diante daqueles personagens excêntricos com os quais não conseguia se comunicar de maneira alguma.

Saiu da sala e gritou para os prisioneiros:

— Quem sabe falar alemão?

Com o rosto radiante, Švejk se afastou do grupo e correu até o sargento. Este lhe disse que o acompanhasse ao escritório.

O sargento se sentou no meio de seus papéis, uma pilha de formulários onde devia anotar o nome, a origem e a profissão de cada um dos prisioneiros. Então começou uma divertida conversa em alemão:

— Você é judeu, não é mesmo? — perguntou o sargento, dirigindo-se a Švejk.

Švejk negou com a cabeça.

— Não vale a pena negar — disse o sargento com firme convicção. — Até agora todos os prisioneiros que sabiam alemão eram judeus. Como você se chama? Švejk? Então por que nega, se seu nome é judeu? Aqui você não precisa ter medo de reconhecer que é judeu. No império austro-húngaro os judeus não são perseguidos. De onde você é? Ah, de Praga. Eu a conheço, fica perto de Varsóvia. Na semana passada estiveram aqui dois judeus de Praga. Qual é o número do seu regimento? O 91?

O sargento pegou a lista de funcionários e folheou-a.

— O 91º Regimento é de Erevan, no Cáucaso. Tem um quadro em Tiflis. Você ficou petrificado ao ver quanta informação temos, não é mesmo?

E, de fato, Švejk ficou atônito ao ver como se enredava em sua história. O sargento, dando uma baforada em seu cigarro, que estava pela metade, continuou:

— Isto sim que é tabaco e não a sua *machorka*. Aqui eu sou o chefe supremo. Quando falo, todo mundo tem que tremer e se enfiar no buraco. Em nosso exército há uma disciplina muito diferente da de vocês. Seu czar é uma porcaria, mas o nosso é um homem muito firme. Agora lhe mostrarei algo para que veja a disciplina que reina aqui.

Abriu a porta e gritou:

— Hans Löfler!

— Presente! — se ouviu.

Entrou na sala o soldado que havia sido chamado, um rapaz da Estíria com expressão de deficiente mental. Na estação fazia o papel de criado, uma espécie de faz-tudo.

— Hans Löfler — ordenou o sargento —, pegue meu cachimbo e o coloque na boca como fazem os cães quando carregam alguma coisa; você correrá de quatro em

volta da mesa até que o mande parar. Também tem que latir, mas sem derrubar o cachimbo, caso contrário mandarei amarrá-lo.

O estiriano começou a se arrastar de quatro e a latir.

O sargento dirigiu a Švejk um olhar vitorioso.

— E então, não lhe disse que temos uma disciplina de ferro, judeu?

O sargento observou com alegria o rosto mudo do soldado, que provinha de alguma cabana de montanheiros alpinos.

Por fim, disse:

— Alto! Agora sente-se nas patas traseiras e implore com as dianteiras, como se fosse um cão. E agora me traga o cachimbo, nas quatro patas. Muito bem, e agora cante uma canção tirolesa.

Os gritos de *Holarió, holarió* tomaram conta da sala.

Terminado o espetáculo, o sargento tirou quatro cigarros de sua gaveta e, com ar generoso, entregou-os ao estiriano. Então Švejk, em seu precário alemão, disse ao sargento que em um regimento havia um oficial que tinha um ordenança tão obediente que fazia tudo o que seu superior mandava; certa vez, quando lhe perguntaram se comeria uma colher cheia de excrementos de seu chefe, disse: "Se ele me pedisse, comeria, seguindo suas ordens, mas precisaria não encontrar nem um pelo, porque isso sim faria com que me sentisse muito mal."

O sargento riu:

— Vocês judeus contam piadas muito engraçadas, mas eu colocaria minha mão no fogo, juraria que sua disciplina não é como a nossa. E, para ir ao ponto, vou encarregá-lo do transporte dos prisioneiros. Ao anoitecer me apresentará uma lista dos outros prisioneiros. Irá buscar o rancho para todos e, sobretudo, ficará vigiando para que ninguém fuja. Se alguém escapar, será fuzilado.

— Eu gostaria de trocar algumas palavras com o senhor, prezado sargento — disse Švejk.

— Não é momento para conversas — respondeu o sargento. — Não me peça nada se não quiser que o mande para o campo de concentração. Parece que você está se aclimatando depressa aqui no império austro-húngaro. Trocar algumas palavras comigo! Quanto melhor um prisioneiro se comporta, melhor! Vamos, pegue papel e lápis e vá fazer a lista. O que está esperando?

— Humildemente, senhor...

O rosto do sargento adotou a expressão de uma pessoa com muitíssimo trabalho.

— Trate de desaparecer! Não está vendo que tenho muito trabalho?!

Švejk bateu continência e foi para o lugar onde estavam os prisioneiros, enquanto pensava que a paciência era a mãe da ciência, sobretudo quando se tratava do bem do imperador.

Fazer a lista não era uma tarefa fácil. Os prisioneiros demoraram muito a compreender que tinham que dizer seu nome. Embora Švejk tivesse passado por muitas experiências na vida, não conseguia entender como funcionavam aqueles nomes tártaros, georgianos e moldavos. "Ninguém jamais acreditará que possa haver nomes como os destes tártaros: Muhlahei Abdrajmanov, Beimurat Allahali, Dzeredeze Cheredze, Davlatbei Nurdagaliev e coisas assim. Nós temos nomes melhores, como o daquele reitor de Živohost, que se chamava Vobejda."

Continuou caminhando no meio das filas de prisioneiros que, um a um, gritavam seu nome e sobrenome: Dzindralei Hanamalei, Babamulei Mirzahali etc.

— Não vá morder a língua — lhes dizia Švejk com um sorriso bondoso. — Seria melhor que tivessem nomes como os do meu país: Bohuslav Štěpánek, Jaroslav Matoušek ou Růžena Svobodová.[80]

Quando, por fim, depois de sofrer horrores, Švejk anotara todos os Babula Haleis e Judzi Mudzis, decidiu que tentaria explicar de novo ao sargento/intérprete que fora vítima de um erro. Não obstante, sua apelação à justiça foi tão inútil como tantas vezes pelo caminho, quando o haviam levado no meio dos demais prisioneiros.

O sargento/intérprete, se antes não estava de todo sóbrio, perdera nesse meio-tempo o juízo. Diante dele estava aberta a página de anúncios classificados de um jornal alemão e dedicava-se a cantá-los com a melodia da marcha de Radetzky: "Troco um toca-discos por um carrinho de bebê. Compro pedaços de cristal branco e verde. A contabilidade e o balanço ao alcance de todos graças ao curso de contabilidade por correspondência..."

Alguns anúncios não combinavam com a marcha militar, mas o sargento queria superar essa dificuldade a todo custo e marcava o ritmo batendo com os punhos na mesa e os pés no chão. As duas pontas de seu bigode, grudados com aguardente, levantavam-se nos dois lados de seu rosto, como se tivesse colado em cada lado um pincel com goma-arábica seca. Seus olhos inchados viram Švejk, mas a descoberta não foi acompanhada por nenhuma reação. O sargento limitou-se a parar de dar socos e pontapés e, recorrendo à melodia da popular canção *Lorelei*, entoou outro anúncio: "Carolina Dreger, parteira, se oferece a senhoras distintas para qualquer eventualidade."

Cantava com voz cada vez mais débil e acabou emudecendo. Fixou o olhar na grande superfície dos anúncios dando oportunidade a Švejk de começar, com grande esforço e em seu precário alemão, a explicar seu infortúnio.

Começou dizendo que devia ter se dirigido a Felsztyn, seguindo o riacho, e que não era culpa sua que um desconhecido soldado russo fugitivo tivesse ido tomar banho no lago ao lado do qual ele, Švejk, tinha que passar quando ia pelo caminho mais curto para Felsztyn na qualidade de membro do grupo de alojamento. Quando o viu, o russo fugiu e abandonou seu uniforme no matagal. Ele, Švejk, ouvira dizer que no front usavam uniformes de inimigos tombados para fazer serviços de espionagem, e por isso experimentara o uniforme estrangeiro.

Depois de expor dessa maneira seu equívoco, Švejk se deu conta de que suas palavras haviam entrado por um ouvido do sargento e saído por outro: já fazia um bom tempo que o homem dormia. De fato, adormecera antes de Švejk ter chegado ao lago.

Švejk se aproximou dele com toda a familiaridade do mundo e tocou seu ombro; isto foi suficiente para que o sargento caísse da cadeira no chão, onde continuou dormindo como se nada tivesse acontecido.

— Desculpe, senhor sargento-mor — disse Švejk, bateu continência e saiu da sala.

À primeira hora da manhã o comando militar de engenharia mudou de ideia e ordenou que o grupo no qual estava Švejk se dirigisse diretamente a Přemyšl para consertar as vias do tramo Přemyšl-Lubaczów.

De maneira que tudo ficou na mesma e Švejk continuou vivendo sua odisseia no meio dos prisioneiros russos. As sentinelas húngaras faziam tudo o que era possível

para que os preparativos fossem feitos rapidamente.

Na praça da aldeia em que tinham que descansar se encontraram com um destacamento de um trem de carga. Diante dos vagões, um oficial observava, fumando, os detentos com atenção. Švejk saiu da fila, plantou-se diante do oficial e exclamou:

— Humildemente, senhor subtenente...

Não conseguiu dizer mais nada porque os soldados húngaros o devolveram à fila dando pancadas em suas costas.

O oficial atirou por cima de sua cabeça a guimba do cigarro, recolhida por outro prisioneiro, que acabou de fumá-la. Então o oficial disse ao sargento que estava ao seu lado que na Rússia havia colonos que também deviam ir à guerra.

Durante todo o caminho para Přemyšl, Švejk não teve outra oportunidade de dizer a alguém que pertencia, de fato, à 11ª Companhia do 91º Regimento. Ao entardecer, já em Přemyšl, foram levados a uma fortaleza meio em ruínas da qual ainda restavam os estábulos para os cavalos da artilharia.

O chão estava coberto por pilhas de palha infestada por piolhos que transportavam suas hastes e, mais do que piolhos, pareciam formigas carregando matéria-prima para a construção de formigueiros.

Distribuíram um pouco de água suja, dizendo que era pura chicória, e um pedaço de pão de milho duro.

Depois interveio o major Wolf, que naquela época comandava os prisioneiros que faziam obras de restauração na fortaleza de Přemyšl e seus arredores. Tratava-se de um homem rigoroso. Dispunha de todo um grupo de intérpretes que selecionavam prisioneiros especializados em construção de acordo com sua capacidade e experiência prévia.

O major Wolf estava obcecado pela ideia de que os prisioneiros russos mentiam sobre seus verdadeiros conhecimentos. Isso acontecia porque quando sua pergunta — "Você sabe construir estradas de ferro?" — era traduzida, todos os prisioneiros costumavam responder da mesma maneira: "Não sei nada a respeito, nunca ouvi falar de nada parecido; sempre levei uma vida respeitável e honrada."

Quando os prisioneiros estavam formados em filas diante do major Wolf e de seu estado-maior, o comandante começou a interrogá-los perguntado se algum deles falava alemão.

Švejk saiu da fila energicamente e se plantou diante do comandante, bateu continência e afirmou que falava alemão.

O major Wolf, visivelmente feliz, lhe perguntou então se era engenheiro.

— Humildemente, senhor — respondeu Švejk —, não sou engenheiro, mas ordenança da 11ª Companhia do 91º Regimento. Os nossos me prenderam. O que aconteceu foi o seguinte, senhor...

O major Wolf vociferou:

— Como?

— Humildemente, senhor major, senhor comandante, as coisas aconteceram da seguinte maneira...

— Você é tcheco! — continuou gritando o major. — Vestiu um uniforme russo!

— Humildemente, senhor, foi exatamente o que aconteceu. Estou muito feliz de que tenha conseguido se colocar em meu lugar. Talvez os nossos estejam lutando em outra parte e não gostaria de chegar atrasado. Agora vou explicar ao senhor, com detalhes, o que aconteceu comigo.

— Basta! — disse o major Wolf.

Então chamou dois soldados e ordenou que levassem aquele homem ao posto de guarda, e seguiu, pessoalmente, Švejk a certa distância. Caminhava com outro oficial e enquanto falava agitava os braços de maneira exagerada. Em cada frase dizia alguma coisa sobre os cães tchecos. O outro oficial concluiu das palavras do comandante que estava muito feliz de ter tido a sorte de descobrir um daqueles sem-vergonha sobre cuja atividade traiçoeira estavam sendo enviadas circulares secretas aos comandantes dos corpos do exército há alguns meses. Segundo as circulares, alguns desertores dos regimentos tchecos, esquecendo seu juramento de fidelidade à monarquia, haviam se integrado às fileiras do exército russo e serviam ao inimigo, ao qual eram particularmente úteis como espiões.

Existiria alguma organização bélica formada pelos desertores? No que se referia a esta pergunta, o Ministério do Interior da Áustria ainda estava às cegas. Não fora possível obter nenhuma informação bem fundamentada sobre a existência de organizações revolucionárias no estrangeiro. Os comandantes do batalhão da linha Sokal-Milijatin-Bubnovo só haviam recebido em agosto uma circular que informava que o ex-professor austríaco Masaryk havia fugido para a fronteira, onde se dedicava a fazer propaganda antiaustríaca. Na divisão, algum estúpido acrescentou à circular reservada a seguinte ordem: "Se for detido, deve ser levado imediatamente ao estado-maior da divisão."

Tenho a honra de trazer essa informação ao conhecimento do presidente Masaryk para que ele saiba das armadilhas que foram armadas para ele entre Sokal, Milijatin e Bubnou[81]

Naquela época, o major Wolf ainda não tinha a menor ideia do que os desertores estavam armando contra a Áustria. Mais tarde, quando algum daqueles desertores encontrava outro em Kiev ou em qualquer lugar e perguntava: "O que você está fazendo aqui", o outro lhe respondia: "Traindo Sua Majestade o Imperador."

O comandante só sabia da existência de espiões desertores pelas circulares, e fizera um deles, aquele que estavam levando ao posto de guarda, morder o anzol com muita facilidade. O major Wolf era um homem um pouco vaidoso; imaginava os elogios que receberia dos altos escalões, os parabéns e a recompensa por sua prudência, vigilância e talento.

Antes de chegar ao posto de guarda, já estava convencido de que fizera a pergunta "Quem sabe alemão?" de propósito, porque ao primeiro olhar suspeitara daquele preso.

O oficial que o acompanhava fez um gesto afirmativo com a cabeça e disse que teriam de comunicar a detenção ao comandante da guarnição para que fossem levados a cabo todos os procedimentos legais e o acusado fosse conduzido ao conselho de guerra, uma vez que não era possível interrogá-lo e enforcá-lo imediatamente, como pretendia o major. Seria enforcado, mas seguindo os procedimentos legais, de acordo com as determinações do conselho de guerra, para que fossem estabelecidas, mediante

um interrogatório detalhado, as relações do acusado com outros criminosos semelhantes. Sabe-se lá que informações poderiam obter dessa maneira?

O major Wolf teve um repentino ataque de teimosia. Manifestando uma estupidez até então insuspeita, declarou que assim que acabasse o interrogatório mandaria enforcar o espião fugitivo e que ele próprio assumiria os riscos. Além disso, disse, podia se permitir aquilo porque tinha contatos importantes, e que por isso não tinha que observar nenhum procedimento. Segundo ele, em Přemyšl as coisas eram feitas da mesma maneira que no front. Se tivessem capturado aquele homem no campo de batalha, teriam se limitado a interrogá-lo e o teriam enforcado imediatamente, sem prolongar as coisas em vão. Por outro lado, o capitão certamente sabia que na zona de guerra um comandante, qualquer comandante de patente superior a capitão, tinha o direito de mandar enforcar qualquer indivíduo suspeito.

Evidentemente, o major Wolf se confundira um pouco no que dizia respeito ao poder dos oficiais de mandar enforcar alguém.

Na Galícia oriental, quanto mais perto do front se estava, mais se estendia este poder aos escalões inferiores; havia casos como o de um cabo que estava comandando uma patrulha e mandou enforcar um menino de doze anos que lhe pareceu suspeito porque estava cozinhando pele de batata em uma cabana destruída de uma aldeia saqueada e abandonada.

A discussão entre o comandante e o capitão foi ficando cada vez mais feroz.

— O senhor não tem o direito! — gritava o capitão com indignação. — Será enforcado de acordo com a sentença judicial do conselho de guerra.

— Será enforcado sem nenhum julgamento — refutou o comandante com voz roufenha.

Švejk caminhava diante dos oficiais; ouviu aquela conversa apaixonada e se limitou a dizer a seus acompanhantes:

— Tudo isso são histórias. Como aquela vez na taverna Na Zavadilce, no bairro de Libeň, em Praga, onde brigamos porque não sabíamos o que fazer com Vašak, o chapeleiro; era um baderneiro que sempre estragava nossa festa. Não estávamos conseguindo chegar a um acordo sobre o que fazer: se o expulsávamos a pontapés assim que aparecesse na porta, ou depois que bebesse uma cerveja e a pagasse ou só depois da primeira dança. O taverneiro sugeriu que o expulsássemos quando já tivesse bebido bastante para que a conta fosse alta. E vocês sabem o que fez o canalha? Não apareceu. O que vocês acham?

Os dois soldados, que eram de algum lugar do Tirol, responderam em uníssono em alemão:

— Não entendemos tcheco.

— Entendem alemão? — perguntou Švejk tranquilamente.

— É claro! — responderam os dois.

Então Švejk fez a seguinte observação:

— Muito bem, pelo menos não se perderão entre os seus.

E, conversando dessa maneira amistosa, chegaram ao posto de guarda, onde o major Wolf continuou a discutir com o capitão sobre o destino de Švejk. Entretanto, este se sentou modestamente em um banco ao fundo da sala.

Por fim o major Wolf aderiu à opinião do capitão de que só seria possível enforcar aquele homem depois de longos procedimentos jurídicos que eram chamados,

não sem certa ironia, de "a via legal".

Se tivessem perguntado a Švejk o que achava de tudo aquilo, teria dito:

— Sinto dizê-lo, senhor major, porque o senhor tem mais galões do que o senhor capitão, mas o senhor capitão tem razão. Precipitar-se é sempre ruim. Uma vez, em Praga, um juiz do tribunal distrital ficou louco. Durante muito tempo ninguém percebeu nada até que um dia, no julgamento de um caso de ultraje, sua loucura explodiu. O capelão Hortík dera uma surra no filho de um tal de senhor Znamenáček na aula de religião e este, um dia em que o encontrou na rua, gritou: "Sem-vergonha de merda, animal vestido de preto, hipócrita, panaca, charlatão, porco, sacana, profanador da doutrina de Cristo!" O juiz louco era uma pessoa muito religiosa. Tinha três irmãs e todas eram cozinheiras paroquiais e ele era o padrinho de todos os seus filhos. Irritou-se tanto que de repente perdeu o juízo e gritou para o acusado: "Em nome de Sua Majestade, o Imperador e Rei, condeno-o a morrer enforcado. Não é possível apelar desta sentença." Chamou o guarda: "Senhor Horáček, pegue este senhor e o enforque, já sabe, ali onde sacodem os tapetes, e depois volte para cá; lhe darei um troco para a cerveja." Naturalmente, tanto o senhor Znamenáček como o guarda ficaram pasmos, mas o juiz deu uma patada no chão e gritou: "Vai me obedecer ou não?" O guarda ficou tão assustado que pegou o senhor Znamenáček e começou a levá-lo para baixo, e se não fosse por um defensor público, que interveio e chamou uma ambulância, não sei o que teria acontecido. Mesmo quando estavam enfiando o juiz na ambulância, ele continuava gritando: "E se não encontrar uma corda, enforque-o com um lençol; lhe pagaremos assim que fizermos as contas semestrais..."

Quando o major Wolf assinou a ata, levaram Švejk escoltado ao posto de comando da guarnição. A ata dizia que Švejk, soldado do exército austro-húngaro, conscientemente e sem nenhum tipo de pressão, havia vestido um uniforme russo e fora detido pelos gendarmes quando os russos se retiravam.

Tudo isso era a mais sacrossanta verdade e uma pessoa honrada como Švejk não podia protestar. Quando estavam redigindo o protocolo, cada vez que tentava acrescentar alguma coisa que pudesse esclarecer a situação, a ordem do comandante não se fazia por esperar:

— Feche a boca, não lhe perguntei nada. O assunto está absolutamente esclarecido.

Ao ouvir isto, Švejk batia continência e afirmava:

— Humildemente, estou fechando a boca. O assunto está absolutamente esclarecido.

Do posto de comando da guarnição o levaram a uma espécie de calabouço que antes fora um armazém de arroz e ao mesmo tempo uma pensão para ratos. Ainda havia arroz espalhado pelo chão e os ratos, que não tinham o menor medo de Švejk, corriam por ali recolhendo grãos. Švejk encontrou um colchão de palha e, quando se habituou à escuridão, constatou que uma família inteira de ratos se instalara nele. Sem dúvida queria estabelecer seu novo ninho nas ruínas da glória, em um apodrecido colchão austro-húngaro. Švejk começou a bater na porta fechada com chave e, quando um cabo polonês apareceu, lhe pediu para mudar de quarto: naquele lugar era possível que acabasse esmagando aqueles animais em seu colchão danificando assim uma propriedade da coroa, porque tudo o que está nos armazéns militares pertence à coroa.

O polonês só entendeu parte do que dizia, ameaçou Švejk com o punho diante da porta fechada, fez alguma alusão aos "culhões de merda" e se afastou resmungando com raiva alguma coisa sobre a cólera, como se, só Deus sabe como, o bom soldado o tivesse ofendido.

Švejk passou uma noite tranquila. Os ratos não lhe pediram grandes coisas. Tinham, obviamente, outro programa noturno, uma festa no armazém vizinho, repleto de capotes e quepes militares que roeram à vontade, sem nenhum tipo de receio. Só um ano mais tarde a intendência se lembrou de levar ao armazém militar gatos que pertenciam ao erário (embora não tivessem pensão) e estavam registrados sob a rubrica: "Imperiais e reais gatos dos armazéns militares." Na verdade, ao dar uma patente militar aos gatos, retomavam uma velha instituição que fora abolida depois da guerra de 1866.

É que, sob o reinado de Maria Theresa, quando, em tempos de guerra, os senhores da intendência jogavam nos infelizes ratos a culpa dos roubos e do estado lamentável de seus uniformes, se decidira introduzir gatos nos armazéns militares.

Mas, muitas vezes, os gatos imperiais e reais falhavam no cumprimento de seu dever e por isso uma vez, durante o reinado do imperador Leopold, seis gatos designados ao armazém militar de Pohořelec foram enforcados depois de terem sido sentenciados por um tribunal de guerra. Posso imaginar que naquele dia todos aqueles que tinham alguma relação com o armazém militar morreram de rir debaixo de seus bigodes...

Com o café da manhã enfiaram no buraco de Švejk um homem com capote militar e quepe russos.

O sujeito falava tcheco com sotaque polonês. Era um daqueles inúteis que trabalhavam na contraespionagem do corpo do exército cujo quartel-general ficava em Přemyšl. Pertencia ao serviço secreto e não teve muitos problemas nem recorreu a nenhum artifício mais refinado para começar a inquirir Švejk. Simplesmente começou:

— Em que maldita pocilga me meti por culpa da minha imprudência! Estava no 28º Regimento, mas logo desertei para os russos e deixei que me pegassem da maneira mais estúpida: me apresentei para trabalhar como voluntário em uma patrulha russa de reconhecimento. Eu fazia parte da 6ª Divisão de Kiev. Em que regimento russo você estava, companheiro? Me parece que nos vimos na Rússia. Conheci ali muitos tchecos que foram ao front conosco depois de aderir ao exército russo, mas agora não me recordo de como se chamavam nem de onde eram. Talvez você se recorde de alguém com quem teve relações; gostaria de saber quem, do nosso 28º Regimento, está por aqui.

Ao invés de responder, Švejk, preocupado, passou uma mão em sua testa e tomou seu pulso. Depois levou-o a uma pequena janela e pediu que mostrasse a língua. O malandro não protestou porque achou que se tratava de uma contrassenha dos conspiradores. Então Švejk bateu na porta e quando a sentinela se apresentou e lhe perguntou por que estava fazendo tanto barulho, pediu em tcheco e alemão que chamasse um médico porque o homem que tinham acabado de enfiar ali estava delirando.

Mas o estratagema não surtiu efeito: não apareceu nenhum médico. Ao contrário, o homem continuou dizendo, tranquilamente, disparates sobre Kiev e chegou

a afirmar que vira Švejk marchando ao lado de soldados russos.

— Você deve ter bebido água de pântano — disse Švejk —, como o jovem Týnecký do meu bairro. Era uma pessoa muito ajuizada, mas de repente ficou com vontade de viajar e foi até a Itália. Depois só falava daquele país; dizia que ali toda a água era pantanosa e, afora isso, nada que valesse a pena lembrar. E por causa daquela água pantanosa teve febres, que o assaltavam quatro vezes por ano. Por Todos os Santos, por São José, por Pedro e Paulo e pela assunção da Virgem Maria. Quando a febre subia, achava que reconhecia todo mundo, inclusive aqueles que nem conhecia, assim como está acontecendo com você. Por exemplo, no bonde se dirigia a qualquer um e dizia que o conhecia, que o havia visto na estação de Viena. As pessoas que parava na rua, ou bem as tinha conhecido na estação de Milão ou tinham bebido juntos uma taça no bar do castelo de Štýr. Quando tinha aquelas febres e ia a uma taverna, reconhecia os clientes: havia visto todos em um vapor durante sua estadia em Veneza. O único remédio para seu mal foi o mesmo que um novo enfermeiro havia usado no manicômio da rua Santa Kateřina. Mandaram que fosse cuidar de um doente mental que passava o dia inteiro sentando em um canto contando: "Um, dois, três, quatro, cinco, seis", e de novo: "Um, dois, três, quatro, cinco, seis." Era professor. Quando via que não conseguia passar do seis, o enfermeiro perdia as estribeiras. Primeiro tentou, gentilmente, fazê-lo dizer "sete, oito, nove, dez". Mas nada. O professor não lhe dava a mínima. Sentava-se em um canto e contava: "Um, dois, três, quatro, cinco, seis." Então o enfermeiro perdeu a paciência, atirou-se no doente e quando este disse "seis" lhe deu uma bofetada. "E aqui está o sete, aqui o oito, aqui o nove e aqui o dez." Uma bofetada por cada número. O outro levou as mãos à cabeça e perguntou onde estava. Quando o enfermeiro lhe disse que estava num manicômio, se lembrou de tudo: fora levado ao manicômio por culpa de um cometa. Havia calculado que apareceria em 18 de junho às seis da manhã e lhe demonstraram que seu cometa se queimara há milhões de anos. Eu conheci aquele enfermeiro. Quando o professor se recuperou de todo e o deixaram sair, contratou o enfermeiro para servi-lo. A única coisa que este tinha que fazer, toda manhã, era dar quatro bofetadas no senhor professor, uma coisa que fazia com exatidão e conscienciosamente.

— Conheço todos seus conhecidos de Kiev — insistia o incansável agente da contraespionagem. — Não havia um que era muito gordo e outro que era muito esguio? Agora não lembro nem de como se chamavam nem de que regimento eram...

— Não se preocupe — consolou-o Švejk —, essa coisa de não se lembrar de como se chamam todas as pessoas gordas e todas as esguias pode acontecer com qualquer um. É mais difícil se lembrar dos esguios, porque quase todo mundo o é. Estes, como se diz, são maioria.

— Camarada — gemeu o inútil imperial e real —, você deve confiar em mim! Nos espera o mesmo destino!

— É para isso que somos soldados — disse Švejk, com displicência. — Nossas mães nos deram à luz para que fôssemos destroçados com uniforme e tudo. E gostamos da ideia porque sabemos que nossos ossos não apodrecerão inutilmente. Tombaremos pelo imperador e sua dinastia, pela qual conquistamos a Herzegovina. Usarão nossos ossos para fazer carvão para as usinas de açúcar. Foi o que nos disse o subtenente Zimmermann há uns quantos anos. "Porcos", dizia, "bestas incultas, safados, vadios, vocês se mexem como se lhes fraquejassem as pernas. Quando tombarem um dia na guerra, de cada um de seus membros farão meio quilo de carvão, ou seja, mais de

dois quilos por cabeça, e nas refinarias filtrarão seu próprio açúcar, idiotas. Vocês não têm nem ideia de como serão úteis para seus descendentes depois de mortos. Seus filhos tomarão café adoçado com o açúcar que têm no corpo, animais". Eu comecei a refletir e ele me perguntou em que estava pensando. "Humildemente", eu disse, "imagino que o carvão dos senhores oficiais deve ser muito mais caro do que o dos soldados rasos." Só por isso peguei três dias de xilindró.

O companheiro de Švejk bateu na porta e trocou algumas palavras com a sentinela, que depois se dirigiu ao escritório.

Ao cabo de um tempo apareceu um sargento, levou o companheiro de Švejk e o bom soldado voltou a ficar sozinho.

Antes de sair, o monstro apontou Švejk e disse ao sargento:

— Este é um velho camarada meu de Kiev.

Švejk voltou a ficar sozinho durante longas vinte e quatro horas, afora os momentos em que lhe levavam comida.

À noite chegou à conclusão de que o capote russo era mais quente e maior do que o austríaco e quando, à noite, um rato ficou cheirando sua orelha, não achou aquilo nem um pouco desagradável. Švejk se sentiu ninado pelo terno sussurro, interrompido ao amanhecer quando foram buscá-lo.

Nem mesmo hoje Švejk saberia dizer que tipo de tribunal era aquele diante do qual o levaram naquela triste manhã. Tratava-se de um tribunal militar, sem sombra de dúvida. Havia inclusive um general, além de um coronel, um comandante, um tenente, um subtenente, um sargento e um soldado de infantaria, que não fazia nada além de acender os cigarros dos outros.

Não fizeram muitas perguntas a Švejk.

O major parecia ser o mais interessado e falou com Švejk em tcheco.

— Você traiu Sua Majestade o Imperador! — latiu para Švejk.

— Virgem Santa! Quando? — exclamou Švejk.

— Chega de idiotices! — disse o comandante.

— Humildemente, senhor, trair Sua Majestade o Imperador não é nenhuma idiotice. Nós, soldados, juramos fidelidade a Sua Majestade o Imperador e, como cantaram em um teatro,[82] "lealmente minha promessa cumpri".

— Ali estão — disse o major — as provas de sua culpa e toda a verdade.

Apontou uma imensa pilha de papéis.

As principais provas incriminando Švejk haviam sido fornecidas pelo homem que ficara preso com ele.

— Então não quer confessar? — perguntou o major. — De qualquer maneira já reconheceu que você, um soldado do exército austro-húngaro, vestiu um uniforme russo sem ser obrigado a isso. Vou lhe perguntar pela última vez: alguém o forçou?

— Eu vesti o uniforme sem que ninguém me obrigasse.

— Voluntariamente?

— Voluntariamente.

— Sem nenhum tipo de pressão?

— Sem nenhum tipo de pressão.

— Sabe que está perdido?

— Sim, me perdi, e tenho certeza de que o pessoal do meu regimento, o 91º, já está me procurando, mas se me permitir, senhor, gostaria de lhe contar a história de uma pessoa que também se disfarçou com a roupa de outra. Em um dia de julho do ano de 1908, o encadernador Božetěch da rua Příčná de Praga estava se banhando em Zbraslav, no velho canal do Berounka. Deixou a roupa embaixo de um salgueiro e ficou muito contente quando atrás dele mergulhou outro senhor. Palavra vai, palavra vem, os dois começaram a conversar, depois brincaram juntos, se salpicaram com água e ficaram ali até o entardecer. Então o desconhecido saiu do rio dizendo que precisava se apressar para o jantar. O senhor Božetěch ficou mais um tempo sentado na água e depois foi até o salgueiro buscar sua roupa, mas em lugar da sua encontrou uns farrapos de vagabundo e um bilhete:

> Já que nos divertimos tanto juntos, levei um tempo para decidir: faço ou não faço? Por isso peguei uma margarida e a última pétala me disse: faça. Então troquei minha roupa pela sua. Não tenha medo de vesti-la: há uma semana foi desinfetada em Dobříš. Na próxima vez tenha cuidado com quem toma banho. Dentro da água todo mundo parece um deputado, mas pode ser um assassino. Você também não sabe com quem tomou banho. O mergulho valeu a pena. Agora, ao entardecer, a temperatura da água está ainda melhor. Volte a mergulhar para se recuperar do golpe.

O senhor Božetěch não teve outro remédio além de esperar que anoitecesse, depois vestiu os farrapos do vagabundo e se dirigiu a Praga. Para evitar a estrada principal, pegou os caminhos que atravessam os prados, mas encontrou uma patrulha da polícia de Chuchle que prendeu o vagabundo e no dia seguinte pela manhã o levou ao tribunal do distrito de Zbraslav, porque qualquer um poderia dizer que é Josef Božetěch, encadernador da rua Příčná, número 16.

O escrevente, que mal entendia tcheco, achou que o acusado estava dando o endereço de um cúmplice e por isso lhe perguntou em alemão:

— Está correto, Josef Božetěch, rua Příčná, Praga, número 16?

— Não sei se ainda vive ali — respondeu Švejk —, mas em 1908 vivia. Era um excelente encadernador, mas sempre demorava muito, pois primeiro lia o livro e depois o encadernava de acordo com o conteúdo. Quando colocava capas pretas, não era necessário lê-lo: imediatamente se sabia que a história acabava mal. Quer que lhe dê outra informação, antes que me esqueça? Todo dia ia à cervejaria U Fleků e revelava do que tratavam todos os livros que estava encadernando naquele momento.

O major se aproximou do escrevente, disse alguma coisa em seu ouvido e então este riscou o nome e o endereço de Božetěch, o suposto novo cúmplice de Švejk.

Depois disso, aquele estranho julgamento sumário ao estilo dos conselhos de guerra teve continuidade sob a presidência do general Fink von Finkenstein.

Da mesma maneira que alguém tem mania de colecionar caixas de fósforos, a mania do general era promover julgamentos sumaríssimos e, na maior parte dos casos, não seguia os regulamentos penais militares. Costumava dizer que não precisava de nenhum auditor, que ele mesmo se encarregaria de nomear o tribunal e que, no máximo

em três horas, todo bastardo deveria estar enforcado. Quando estava no front, os conselhos de guerra não rareavam nunca.

Assim como há gente que não pode passar nem um dia sem jogar uma partida de xadrez, de bilhar ou de *mariáš*, o general promovia todos os dias julgamentos sumaríssimos, os presidia e anunciava solenemente e com grande alegria que estava dando um xeque-mate no acusado.

Se quiséssemos nos tornar sentimentais, diríamos que aquele homem tinha dúzias de vidas humanas pesando em sua consciência, sobretudo ali no Leste, onde, como gostava de dizer, travava uma luta contra a agitação russa entre os ucranianos da Galícia. Mas, do seu ponto de vista, dizer que tinha alguém pesando em sua consciência seria uma afirmação que não correspondia à realidade.

O general não tinha consciência. Depois de mandar enforcar um professor, uma professora, um pope da igreja ortodoxa ou toda uma família, em consequência do veredito de seu julgamento sumaríssimo, voltava com a maior tranquilidade para seu alojamento, do mesmo modo que um apaixonado jogador de *mariáš* regressa feliz da taverna pensando em como todos arremeteram contra ele mas acabara ganhando. Considerava a forca uma coisa simples e natural, como uma espécie de pão de cada dia. Ao anunciar o veredito, frequentemente se esquecia de Sua Majestade o Imperador e já nem se dava ao trabalho de dizer: "Em nome de Sua Majestade o Imperador o condeno a morrer na forca"; dizia, simplesmente: "Eu o condeno..."

Às vezes até enxergava na pena capital aspectos cômicos, a ponto de ter escrito a seguinte carta a sua mulher, que vivia em Viena:

> *... por exemplo, minha querida, você não pode imaginar como ri há alguns dias ao condenar um professor por espionagem. Tenho um homem que leva a cabo as execuções na forca; é uma pessoa experiente, com muita prática nesse trabalho, embora não seja um profissional: é um sargento-mor e faz isso por esporte. Bem, naquele dia, depois do julgamento, eu estava na minha tenda quando o sargento-mor veio me procurar para me perguntar onde devia colocar aquele professor. Eu lhe disse que na árvore mais próxima. E agora imagine que situação mais divertida. Estávamos no meio da estepe, onde não se via nada além de mato e mais mato, não havia nem rastro de uma árvore em vários quilômetros ao redor. Mas uma ordem é uma ordem e por isso o sargento-mor, com o professor e uma escolta, saiu para procurar uma. Só voltou muito tarde, ainda com o professor. O sargento-mor voltou a me perguntar: "Onde penduro o desgraçado?" Dei-lhe uma bronca e lhe disse que minha ordem havia sido clara: na árvore mais próxima. Respondeu que voltaria a tentar pela manhã. De madrugada se apresentou completamente pálido e disse que durante a noite o professor havia fugido. Achei tudo tão divertido que perdoei aqueles que deviam vigiá-lo e ainda gastei uma piada dizendo que o professor devia ter ido embora para procurar a árvore por sua conta. Você está vendo, pois, querida, que não nos entedíamos. Diga ao pequeno Vilous que seu pai lhe envia beijos e que lhe mandará um russo vivo, no qual poderá montar a cavalo. Agora recordo outro caso que também a fará rir, querida. Outro dia tínhamos que enforcar um judeu por*

espionagem. Encontramos esse homem em um caminho onde não tinha que estar, fingindo vender cigarros. Este sim penduramos, mas só durante alguns segundos: a corda se rompeu e ele caiu no chão. Imediatamente se recuperou e gritou: "Senhor general, vou para casa; já me penduraram e, de acordo com a lei, não podem me pendurar duas vezes pelo mesmo delito." Comecei a rir e deixei o judeu ir embora. Aqui nos divertimos à larga, querida...

Depois que foi nomeado comandante da guarnição da fortaleza de Přemyšl, o general deixou de ter muitas oportunidades de organizar espetáculos circenses desse calibre. Por isso abraçou com muita alegria o caso Švejk.

E assim o bom soldado se viu diante daquele tigre que, na cabeceira de uma longa mesa, fumava um cigarro atrás do outro, mandava traduzir as declarações de Švejk e balançava a cabeça afirmativamente.

O major sugeriu que telegrafassem à brigada para perguntar onde estava, naquele momento, a 11ª Companhia do 91º Regimento, a qual, segundo suas próprias declarações, o acusado pertencia.

O general se opôs, declarou que aquilo significaria retardar o julgamento sumaríssimo e ir contra todo o sentido daquela instituição. Segundo ele, já dispunham da confissão do acusado, que reconhecia ter vestido o uniforme russo, e também de uma importante testemunha que afirmava que Švejk estivera em Kiev. Sugeriu que o tribunal se retirasse para deliberar a fim de que a sentença pudesse ser anunciada e executada no ato.

Não obstante, o major insistiu: era necessário verificar a identidade do acusado, pois o assunto tinha uma importância política extraordinária. Comprovando sua identidade, seria possível descobrir qual eram as relações do acusado com seus antigos companheiros de unidade.

O major era um sonhador, um romântico. Acrescentou que era necessário procurar os fios soltos, que não era suficiente condenar um homem, que a sentença devia ser resultado de uma investigação baseada em fios que... Não houve maneira de fazê-lo abandonar os fios, mas todos entenderam e afirmaram com um gesto de cabeça, inclusive o general, que gostou tanto daquilo que imaginou que dos fios do comandante pendiam novos julgamentos sumaríssimos. Por isso parou de protestar diante da sugestão de que se verificasse na brigada se de fato Švejk pertencia ao 91º Regimento e na ocasião de que operações da 11ª Companhia bandeara para os russos.

Durante toda a discussão, Švejk ficou no corredor, vigiado por duas baionetas. Depois voltaram a levá-lo perante o tribunal e lhe perguntaram de novo a que regimento pertencia. Então o levaram ao cárcere da guarnição.

Ao voltar para casa depois daquele malogrado julgamento sumaríssimo, o general Fink desabou no sofá e ficou refletindo sobre como poderia acelerar os procedimentos.

Estava firmemente convencido de que a resposta não se faria esperar, mas ainda assim não chegaria com a maravilhosa rapidez que caracterizavam seus julgamentos; além do mais, ainda faltava dar a extrema-unção ao condenado, o que retardaria inutilmente a execução em mais de duas horas.

"Não importa", pensou o general Fink, "poderemos lhe dar a extrema-unção antes do veredito e até mesmo antes que cheguem os informes da brigada. De qualquer

maneira, será enforcado".

O general Fink chamou o capelão militar Martinec.

Tratava-se de um infeliz catequizador e vigário de algum lugar da Morávia que, por ter tido como superior um pároco muito grosseiro, preferira se alistar no exército. Era um homem verdadeiramente religioso que recordava com profunda preocupação seu pároco, que pouco a pouco ia caindo na corrupção. Recordava que bebia aguardente como uma esponja e que uma noite tentou enfiar em sua cama uma cigana vagabunda que encontrara na entrada da aldeia, quando estava voltando, cambaleando, de uma adega.

O capelão militar Martinec imaginava que, como ministrador de extremas-unções aos feridos e tombados no campo de batalha, também redimia os pecados do pároco libertino. Quantas vezes o safado, ao voltar para casa à noite, o despertara para lhe dizer:

— Jan, Jan, meu querido amigo! Uma boa moça cheia de carnes é a alegria da minha vida!

Mas suas esperanças de levar uma vida santa não se cumpriram. Foi transferido de uma guarnição a outra, onde a única coisa que podia fazer era pronunciar sermões para os soldados a cada duas semanas antes da missa e resistir à tentação que vinha do cassino dos oficiais, onde se mantinham umas conversas em comparação com as quais as boas moças cheias de carne eram orações inocentes dirigidas ao anjo da guarda.

O general Fink costumava convocá-lo em tempos de grandes operações bélicas para celebrar alguma vitória do exército austro-húngaro. Naquelas ocasiões, o general organizava missas solenes com o mesmo entusiasmo com o qual improvisava os julgamentos sumaríssimos.

O canalha do Fink era um grande patriota austríaco que não rezava nem sequer pela vitória do exército alemão ou turco. Quando os alemães ganhavam alguma batalha contra a França ou a Inglaterra, o general Fink deixava passar aquele acontecimento em silêncio absoluto diante do altar.

No entanto, a menor escaramuça vitoriosa de um destacamento de exploradores austríacos contra uma patrulha russa, que o estado-maior inflava como se fosse uma enorme bolha de sabão, quase como se se tratasse de uma derrota de todo o exército russo, dava ao general Fink a oportunidade de celebrar missas solenes. O pobre capelão militar Martinec tinha a impressão de que o general Fink era, também, o chefe da Igreja católica de Přemyšl.

O general Fink decidia também o programa das celebrações litúrgicas; sua preferida era a missa de Corpus Christi com a oitava.

Também tinha o hábito de, depois da missa, subir a cavalo no altar e gritar três vezes: Hurra, hurra, hurra!

O capelão Martinec, alma piedosa e justa, não estava gostando nem um pouco de ter que se apresentar ao general Fink.

Depois de lhe dar instruções, o comandante da guarnição ordenava sempre que servissem alguma bebida forte e começava a lhe contar as últimas piadas publicadas pelo jornal de humor alemão *Lustige Blätter*, que tinha como público-alvo os soldados.

Tinha toda uma biblioteca de livrinhos do tipo, com títulos tão estúpidos como: *Humor na mochila para os olhos e o ouvido*; *Anedotas de Hindemburg*; *Hindemburg no espelho do humor*; *A segunda mochila de humor, carregada por Félix*

Schlemper; *De nosso canhão de gulache*; *Suculentas granadas tiradas das trincheiras* ou besteiras como: *Um escândalo da imperial e real cozinha de campanha requentada por Arthur Lobesch*. Às vezes, o general entoava diante do capelão uma das alegres canções militares da coleção "Temos que vencer!"; enquanto isso, não parava de servir aguardente e de obrigar o capelão a beber e a cantar aos gritos como ele. Depois vinham discursos obscenos que faziam o capelão pensar com tristeza em seu pároco, que, no que dizia respeito a palavras grosseiras, não tinha nenhum motivo para sentir inveja do general Fink.

O padre Martinec observava com horror que, quanto mais frequentava o general Fink, mais decaía do ponto de vista moral. O infeliz religioso estava começando a apreciar os licores que bebia na casa do general, e pouco a pouco também ia achando divertidos os assuntos licenciosos. Devido ao conhaque, à genebra e às teias de aranha instaladas nas garrafas de vinho antigo que o general lhe servia, esquecia-se de Deus, e, no meio das linhas do breviário, via dançar as garotas das anedotas do general. Sua aversão às visitas de seu superior ia se atenuando.

Quanto ao general, ficou amigo daquele capelão que na primeira vez se apresentara como uma espécie de Santo Inácio de Loyola, mas pouco a pouco fora se adaptando ao comportamento do superior.

Uma vez o general convidou para irem a sua casa duas enfermeiras do hospital de campanha, que, na verdade, não estavam inscritas para trabalhar, mas apenas recebiam o soldo, o qual aumentavam exercendo a prostituição, como era comum naqueles tempos difíceis. Naquela ocasião, o general chamou o capelão militar Martinec. Este caíra tão profundamente nas garras do diabo que depois de meia hora de conversa se entreteve com as duas senhoritas, uma depois da outra, com tanto ardor que babou nas almofadas do sofá. Depois ficou arrependido durante um tempo, recriminou o próprio comportamento licencioso e não conseguiu se livrar de suas culpas nem mesmo quando se ajoelhou por engano naquela noite, ao voltar da casa do general, diante da estátua do construtor e alcaide da cidade, o mecenas senhor Grabowski, que nos anos oitenta fizera grandes coisas por Přemyšl.

O ruído das botas de uma patrulha militar foi o único a se misturar com suas piedosas orações.

"Não julgue Teu servidor, porque diante de nenhum homem poderias encontrar a graça se não perdoasse todos seus pecados. Rogo-lhe que Teu veredito não seja muito severo. Peço-lhe ajuda e deixo minha alma em Tuas mãos, oh Senhor."

Desde então, sempre que o chamavam para ver o general Fink, tentava renunciar a todos os prazeres terrestres e se desculpava dizendo que estava doente do estômago. Considerava necessária esta mentira, pois queria evitar os infernais martírios da alma. Não obstante, também achava que a disciplina militar exigia que, quando o general lhe dizia: "Beba, companheiro", o fizesse por respeito a seu superior.

Às vezes não tinha outro remédio além de participar das farras, sobretudo quando, depois de uma das missas solenes, o general organizava uma comilança ainda mais solene às expensas do caixa da guarnição. Então o pessoal da contabilidade ajeitava tudo para que ninguém percebesse. Depois daqueles banquetes, o capelão tremia como uma folha e se sentia moralmente enterrado diante de Deus.

Mais tarde ficava vagando como uma alma penada. No entanto, no meio daquele caos, não havia perdido a fé em Deus e começou a se perguntar seriamente se

não deveria se açoitar todos os dias.

Foi com esse estado de espírito que se apresentou perante o general.

O general Fink recebeu o padre com uma expressão radiante.

— Você já soube?! — gritou em tom triunfal. — Foi informado a respeito do meu julgamento sumaríssimo? Vamos enforcar um compatriota seu.

Ao ouvir a palavra "compatriota" o capelão Martinec fitou o general com olhos torturados. Mais de uma vez se recusara a ser considerado tcheco e dissera em inúmeras ocasiões a quem quisesse ouvi-lo que a sua paróquia da Morávia pertenciam duas comunidades: a tcheca e a alemã. Amiúde tinha que predicar num domingo para os tchecos e no outro para os alemães. Como na comunidade tcheca não havia nenhuma escola tcheca, mas apenas uma alemã, ele ensinava às duas comunidades em alemão e por isso não se considerava de maneira nenhuma tcheco. Esta dedução lógica levou um dia o comandante a observar, quando estavam à mesa, que, olhando bem, o capelão da Morávia era uma loja com várias mercadorias.

— Perdoe — disse o general —, me equivoquei, não é seu compatriota. É um tcheco, um desertor, um traidor da nossa pátria comum; serviu aos russos e por isso será enforcado. Enquanto isso, para cumprir as formalidades, estamos investigando sua identidade; será enforcado assim que recebermos o telegrama com a resposta.

O general disse ao capelão que se sentasse ao seu lado e continuou, alegremente:

— Quando organizo um julgamento sumaríssimo, tudo deve acontecer em uma velocidade correspondente ao nome de tal julgamento, este é o meu princípio. No começo da guerra, quando estava servindo perto de Lvov, consegui enforcar um homem três minutos depois da sentença. Era judeu, claro, mas um ucraniano também foi enforcado cinco minutos depois de nossa deliberação.

O general sorriu bondosamente.

— Nenhum dos dois precisava da extrema-unção. O judeu era rabino e o ucraniano, ortodoxo. Mas agora é diferente, pois se trata de enforcar um católico. Tive uma ideia genial para evitar qualquer adiamento: receberá a extrema-unção antecipadamente; como já disse, para que o assunto não seja adiado.

O general chamou seu ordenança e lhe ordenou:

— Traga duas garrafas iguais àquelas que bebemos ontem.

E depois de um momento, enquanto enchia a taça do capelão militar, disse amavelmente:

— Console-se você um pouco antes da extrema-unção.

Naquele momento tão espantoso, atrás de uma janela gradeada, Švejk entoava uma canção:

Nós soldados somos grandes senhores,
As garotas nos fazem favores,
Nós distribuímos dinheiro,

Em todos os lugares onde haja brinquedo.
Trá-lá-lá, um, dois, três...

78 Grande Alá, Grande Alá, misericordioso, tenha pena, tenha misericórdia de um simples soldado. (N. do T.)
79 Diz a lenda que Jaroslav de Šternberk teve uma visão com a Virgem um pouco antes da batalha contra os tártaros aos pés da montanha de Hostýn, Morávia, em 1240. Os tártaros foram derrotados. (N. do T.)
80 Escritores tchecos contemporâneos de Jaroslav Hašek. (N. do T.)
81 Essa "mensagem pessoal" de Hašek para o presidente Masaryk foi omitida em edições mais recentes de *O bom soldado Švejk*. No entanto, foi recuperada por Cecil Parrott, o já mencionado tradutor deste livro para o inglês. (N. do T.)
82 Alusão a "Dalibor", ópera do compositor tcheco Bedřich Smetana. (N. do T.)

2

A extrema-unção

O capelão militar Martinec não foi exatamente ver Švejk; na verdade, entrou em sua cela flutuando como uma bailarina no palco. Naquele momento, as inspirações celestiais e a garrafa de um velho gumpoldskirchen haviam lhe propiciado a leveza de uma pluma. Achou que naquele instante grave e sagrado estava se aproximando de Deus, quando, na verdade, só se aproximava de Švejk.

A porta foi fechada e os dois ficaram a sós. Então o capelão se dirigiu com entusiasmo a Švejk, que estava sentado no catre.

— Querido filho, sou o capelão militar Martinec.

No caminho havia encontrado, conforme acreditara, a maneira mais adequada de se dirigir a ele, inclusive a mais paternal e comovedora.

Švejk se levantou da cama, apertou sua mão com força e disse:

— Muito prazer, sou Švejk, ordenança da 11ª Companhia do 91º Regimento. Recentemente transferiram nosso núcleo de comando a Most nad Litavou. Bem, padre, sente-se confortavelmente aqui ao meu lado e me conte por que foi preso. Por que o prenderam aqui se a patente de oficial lhe dá o direito de ir para a prisão dos oficiais da guarnição? Este não é um lugar para o senhor, a cama é cheia de piolhos. Mas é verdade que às vezes as pessoas não sabem aonde pertencem, porque na administração confundem tudo. Uma vez fiquei preso em České Budějovice, padre, no regimento, e me trouxeram um subcadete. É algo assim como um capelão militar, nem uma coisa nem outra, nem alho nem bugalho; gritava com os soldados como se fosse um oficial e quando aprontava alguma era preso com os soldados rasos. Os subcadetes são verdadeiros bastardos, padre, não eram aceitos na cozinha dos suboficiais nem tinham direito ao rancho dos soldados porque tinham uma patente mais alta, mas tampouco lhes cabia a cozinha dos oficiais. Estavam ali cinco deles e no começo só comiam queijo na cantina, porque ninguém queria lhes servir o rancho. Até que um belo dia o tenente Wurn proibiu aquilo, pois a cantina da tropa não estava à altura da dignidade dos subcadetes. Mas o que podiam fazer se não os deixavam ir nem à cantina? De maneira que ficaram sem saber o que fazer e em poucos dias os levaram pelo caminho da amargura, a ponto de um deles se atirar no Malše e outro sair do regimento e ao cabo de dois meses escrever ao quartel para informar que era ministro da Guerra do Marrocos. Restaram quatro, porque conseguiram tirar com vida aquele que se atirara no Malše; quando se atirou, tinha esquecido que sabia nadar, e até que havia passado pela prova de natação com uma nota excelente. De maneira que o levaram ao hospital; ali também ficaram desconcertados, pois não sabiam se o cobriam com uma manta para oficiais ou com uma normal para a tropa. De modo que para sair daquela situação não lhe deram nenhuma manta, mas o envolveram em um lençol molhado. Depois de meia hora o subcadete pediu que o deixassem voltar para o quartel e foi ele, exatamente, que enfiaram na minha cela, ainda completamente molhado. Ficou ali quatro dias e aproveitou-os muito bem porque pelo menos lhe davam o rancho, que era de prisioneiros, mas, afinal das contas, rancho, e assim tinha algo certo, como costumava dizer. No quinto dia vieram buscá-lo e ao cabo de meia hora voltou porque havia esquecido o quepe; chorava de alegria. Me disse: "Por fim tomaram uma decisão a nosso respeito. A partir de hoje, os subcadetes serão presos no quartel-general com os oficiais; se pagarmos um pouco mais,

nos darão comida da cozinha dos oficiais depois que estes terminarem, dormiremos com a tropa, e o café e o tabaco também serão os da tropa."

Só então o capelão militar se recuperou, a ponto de conseguir interromper Švejk com uma frase cujo conteúdo não tinha nada a ver com a conversa anterior:

— Sim, sim, querido filho. Há coisas entre o céu e a terra sobre as quais precisamos refletir com ardor no coração e com absoluta confiança na infinita misericórdia de Deus. Querido filho, quero lhe ministrar a extrema-unção.

Interrompeu-se porque não conseguia achar adequado o que dizia. Pelo caminho fizera um esboço de seu discurso, com o qual queria levar o desgraçado a refletir sobre sua vida e sobre o perdão que lhe concederiam lá em cima se cumprisse sua penitência e demonstrasse que estava verdadeiramente arrependido.

Naquele momento, o capelão pensava em como continuaria, mas Švejk se adiantou perguntando se tinha um cigarro.

O capelão Martinec ainda não aprendera a fumar; essa era a única coisa que conservara do estilo de vida que levava antes de chegar a Přemyšl. Um dia em que o general Fink já estava mais calmo, tentara fumar um charuto, mas acabara jogando-o fora com a impressão de que seu anjo da guarda fazia cócegas em sua garganta.

— Não fumo, filho querido — respondeu a Švejk com extraordinária dignidade.

— Agora sim o senhor me surpreendeu — disse Švejk. — Conheci vários capelães e todos fumavam como uma chaminé. Não posso imaginar de maneira alguma um capelão que não fume nem beba. Conheci apenas um que não inalava a fumaça até os pulmões porque preferia mascar o tabaco, e quando fazia um sermão deixava o púlpito coberto de cuspe. De onde o senhor é, padre?

— Dos arredores de Nový Jičín — respondeu com voz desconsolada o imperial e real reverendo Martinec.

— Suponho que deva conhecer uma tal de Růžena Gaudrsová; no ano passado, o anterior, trabalhava em uma taverna da rua Platnéřská de Praga e, imagine, quando teve gêmeos processou por paternidade dezoito homens de uma vez. Um dos gêmeos tinha um olho azul e o outro marrom, enquanto o outro tinha um cinza e o outro preto, de maneira que imaginou que estavam envolvidos no assunto quatro homens, cada um com a cor do olho correspondente, daqueles que iam à taverna e tinham relações com ela. Além disso, um dos gêmeos tinha o pé torto, enquanto o outro tinha seis dedos em um pé, como um deputado que aparecia ali todos os dias. E agora imagine, padre, que havia dezoito clientes que estavam em uma situação parecida e que os gêmeos tinham alguma coisa de cada um dos clientes que a mãe acompanhava a sua casa ou a algum hotel. No final, o tribunal decidiu que em um caso tão multitudinário o pai devia constar como desconhecido, de modo que a mãe pôs a culpa no dono da taverna em que trabalhava, mas ele provou que era impotente havia vinte anos, em consequência de uma operação depois de uma infecção nas pernas. Mais tarde a enviaram a sua cidade, padre, a Nový Jičín. Esta história nos mostra com clareza que quem muito abraça pouco aperta. A mãe devia ter declarado que um dos gêmeos era do senhor deputado e o outro do senhor conselheiro ou de alguém parecido. Pode-se calcular, facilmente, o nascimento de uma criança. No dia tal fui com tal e tal pessoa ao hotel, no dia tal e tal nasceu a criatura. Isso quando se trata de um parto normal, logicamente, padre. Naquelas casas de passagem sempre se encontra alguma testemunha, um criado ou uma camareira, que por

dez coroas juraria que efetivamente tal senhora havia ido acompanhada de tal e tal senhor e que, quando mais tarde desciam a escada, ela lhe dissera: "E se houver consequências?", e ele respondera: "Não se preocupe, minha pombinha, eu cuidarei da criatura."

O capelão ficou pensativo; sentiu que seria difícil ministrar a extrema-unção, apesar do esboço preparado antecipadamente. Agora não tinha clareza a respeito do que poderia dizer ao querido filho. Teria que ser alguma coisa sobre a infinita misericórdia, sobre o dia do Juízo Final no qual todos os soldados culpados de algum crime se levantariam dos túmulos com a corda no pescoço e seriam perdoados se tivessem se arrependido, como aquele pilantra do Novo Testamento.

O capelão preparara uma das mais belas extremas-unções jamais imaginadas, que devia ser dividida em três partes. Antes de qualquer coisa, queria deixar claro que morrer na forca é fácil quando o homem está totalmente reconciliado com Deus. A lei militar castigava os culpados de traição a Sua Majestade o Imperador, o pai dos soldados, de maneira que o menor delito contra ele era considerado um parricídio, uma humilhação ao pai. Depois queria desenvolver a seguinte teoria: Sua Majestade o Imperador reina pela graça de Deus, Deus o designou para dirigir os assuntos deste mundo, da mesma maneira que o papa é designado para dirigir os assuntos espirituais. Por isso, trair o imperador é trair o próprio Deus. E, portanto, um soldado culpado desse tipo de traição não é condenado apenas à forca, mas, além disso, é amaldiçoado por toda a eternidade. Não obstante, se, por causa da disciplina militar, a justiça terrena não pode suspender a pena e o delinquente deve ser enforcado, não está de todo perdido a respeito da segunda pena, a eterna. O homem pode se livrar dela se optar por uma boa manobra, o arrependimento.

O capelão militar imaginara aquela cena tão comovente, que o ajudaria pessoalmente para que lá em cima fossem apagadas todas as anotações sobre suas atividades na casa do general Fink de Přemyšl.

Começaria gritando para o homem condenado: "Arrependa-se, filho. Ajoelhemo-nos juntos! Repita depois de mim, filho!"

Em seguida uma oração ressoaria naquele calabouço pestilento e cheio de piolhos: "Oh Deus, sempre misericordioso, eu lhe imploro humildemente pela alma deste soldado, ao qual ordenaste que abandone este mundo como consequência de um conselho de guerra que teve lugar em Přemyšl. Faça com que este soldado de infantaria não chegue a conhecer os tormentos do inferno, mas que aceda aos gozos eternos."

— Desculpe, padre, faz cinco minutos que está sentado aqui mais morto do que vivo, como se não tivesse vontade de falar. Vê-se claramente que é a primeira vez que está preso.

— Eu vim — respondeu o capelão, muito seriamente — por um assunto de extrema-unção.

— Não entendo por que insiste tanto nessa história de extrema-unção. Eu não me sinto forte o bastante para lhe dar a extrema-unção. O senhor não é o primeiro nem o último capelão militar que foi dar com os ossos no quartel. Para dizer a verdade, eu não tenho o dom da palavra, não tenho a eloquência necessária para dar a extrema-unção a alguém que esteja em uma situação difícil. Até tentei uma vez, mas sem bons resultados. Sente-se aqui ao meu lado e lhe contarei tudo. Quando ainda vivia na rua Opatovická, tinha um amigo, um tal de Faustýn, que era porteiro de um hotel. Era uma ótima pessoa, nobre e trabalhador. Conhecia todas as mulheres de rua, de modo que se

podia ir a qualquer hora da noite ao hotel e lhe dizer: "Senhor Faustýn, preciso de uma senhorita", já que ele se dedicava ao trabalho com tal consciência que imediatamente perguntava à pessoa se preferia loura ou morena, baixa ou alta, magra ou gorda, alemã, tcheca ou judia, solteira, divorciada ou casada, inteligente ou sem inteligência.

Švejk se aproximou com intimidade do capelão e, abraçando-o pela cintura, continuou:

— Bem, imagine que o senhor lhe dissesse: "Preciso de uma loura de pernas longas, viúva, não muito inteligente"; ao cabo de dez minutos a teria em sua cama, com atestado de batismo e tudo.

O capelão militar começou a se sentir sufocado, mas Švejk continuou, apertando o capelão contra ele de forma maternal:

— Não é possível imaginar, padre, o tamanho do senso de moralidade e honradez do senhor Faustýn. Não aceitava nem uma moeda das mulheres que propiciava e mandava para os quartos, e se, alguma vez, uma delas quisesse lhe dar discretamente alguma coisa, precisava ver como ficava indignado e começava a gritar: "Porca asquerosa, não pense que estes cêntimos a ajudarão se vende seu corpo. Eu não sou nenhum alcaguete, puta desavergonhada. Eu faço isso porque tenho pena de você, para que, já que caiu tão baixo, não tenha que exibir suas vergonhas aos transeuntes, para que o carro de polícia não a leve durante a noite e não tenha que esfregar o chão da delegacia durante três dias. Desta maneira pelo menos não passa frio e ninguém vê como decaiu tanto." Aquilo que não queria aceitar das garotas recebia dos clientes. Tinha estabelecido suas tarifas: olhos azuis valiam dez cêntimos, pretos, quinze; anotava todos os detalhes em um pedaço de papel e os somava como se se tratasse de uma fatura. O preço da mediação era muito acessível. Por uma mulher não inteligente cobrava vinte cêntimos extras, pois era da opinião de que a pessoa se diverte muito mais com uma mulher vulgar do que com uma senhora culta. Em um entardecer, o senhor Faustýn veio me ver em minha casa da rua Opatovická; estava indignado e fora de si, como se o tivessem expulsado do bonde pela janela e ainda por cima tivessem roubado seu relógio. A princípio não dizia nada; tirou do bolso uma garrafa de rum, deu um gole, passou-a para mim e disse: "Beba!" E conversamos até que terminamos a garrafa. Depois me disse de repente: "Amigo, seja amável e me faça um favor. Abra a janela que dá para a rua, eu me inclinarei, você me pegará pelas pernas e me atirará do terceiro andar. Não quero mais nada da vida, meu último consolo é ter um amigo que me mande para outro bairro. Não consigo mais viver, fui acusado, eu, um homem honrado, de alcaguete, como se fosse um rufião qualquer do bairro judeu. Nosso hotel é de primeira classe, tanto as três camareiras como minha mulher têm os documentos em ordem e não devem nem um cêntimo ao médico. Se você gosta um pouco de mim, me atire do terceiro andar, me dê este último consolo." E então eu lhe disse que subisse na janela e o atirei na rua... Não se assuste, padre!

Švejk subiu no catre arrastando o capelão:

— Olhe, padre, segurei-o assim e o atirei lá embaixo.

Švejk levantou o capelão e deu-lhe um empurrão. Enquanto o capelão, completamente assustado, se levantava do chão, Švejk continuou falando:

— O senhor está vendo, padre, que não lhe aconteceu nada, e com Faustýn tampouco. O caso é que o senhor Faustýn estava completamente bêbado e havia se esquecido de que meu apartamento da rua Opatovická ficava no térreo e não no terceiro

andar, como no ano anterior, quando vivia na rua Křemencova, onde ia me visitar com frequência.

O capelão, ainda no chão, olhava com terror para Švejk, que estava em pé sobre o catre e gesticulava vivamente. Ocorreu-lhe que fora dar com um louco e por isso balbuciou:

— Sim, querido filho, três vezes mais alto.

Enquanto dizia isso, se arrastou, recuando, para a porta. Quando a teve ao alcance da mão, começou a bater com tanta força e a gritar de forma tão estridente que a abriram imediatamente.

Através da janela gradeada, o bom soldado viu o capelão atravessar o pátio depressa, acompanhado pelas sentinelas e gesticulando com veemência.

"Com toda certeza o estão levando ao setor dos loucos", disse a si mesmo Švejk. Desceu do catre e começou a caminhar pela cela com passo marcial enquanto cantava:

O anel que você me deu
eu nunca mais usarei.
Irei para a guerra,
e no fuzil o carregarei.

Alguns minutos mais tarde, o capelão foi anunciado na casa do general Fink.

O general estava de novo em uma grande "sessão" na qual se destacavam duas senhoritas encantadoras, vinho e licores.

Todos os membros do júri da manhã, exceto o soldado de infantaria que acendia os cigarros, estavam ali reunidos.

O capelão apareceu no banquete como um ser fantasmagórico. Estava pálido, tremia e exibia a dignidade de um homem que acabara de ser esbofeteado injustamente.

O general Fink, que ultimamente tratava o capelão com algo mais que familiaridade, arrastou-o ao sofá, sentou-o ao seu lado e, com voz de bêbado, lhe perguntou:

— Como está a história da extrema-unção?

Uma das senhoritas presentes lançou um cigarro para o capelão.

— Beba à extrema-unção — acrescentou o general Fink servindo vinho ao capelão em uma grande taça verde.

Como este não a pegou imediatamente, o próprio general começou a lhe dar de beber, e, se o capelão não a tivesse sorvido em grandes goles, teria derramado tudo em cima.

Só depois começou a lhe fazer perguntas sobre o comportamento do condenado durante a administração da extrema-unção.

O capelão se levantou e disse com voz trágica:

— Ficou louco.

— Deve ter sido uma extrema-unção magnífica — riu o general.

Os demais explodiram em gargalhadas e as senhoritas voltaram a bombardear o capelão com cigarros.

Um oficial que bebera além da conta cochilava na outra ponta da mesa. Naquele momento despertou de sua apatia, serviu uma boa dose de licor em duas taças de vinho, abriu caminho entre as cadeiras, aproximou-se do sacerdote e obrigou o servidor de Deus, que estava completamente atordoado, a beber de um gole as taças em homenagem à fraternidade. Depois voltou a se aninhar em seu assento e continuou dando cabeçadas.

Com aquele brinde à fraternidade, o capelão caiu nos tentáculos do demônio. O diabo estendia seus braços para ele de todas as garrafas que estavam sobre a mesa, assim como do olhar e dos sorrisos das senhoritas alegres que haviam colocado as pernas em cima da mesa diante dele, de maneira que Lúcifer olhava para o capelão por entre a seda de sua roupa de baixo.

O capelão não tinha a menor dúvida de que sua alma estava em jogo e de que ele era um mártir.

Esta foi a ideia que expressou a dois ordenanças militares do general que o levaram a um quarto contíguo e o deitaram no sofá:

— O espetáculo que se apresenta aos seus olhos é triste e nobre ao mesmo tempo. Pensem, com o espírito puro e sem preconceitos, em tantos heróis célebres por seu sofrimento que se sacrificaram pela fé e são conhecidos como mártires. Vejam em mim um exemplo de como um homem pode se elevar sobre seus sofrimentos quando a verdade e a virtude, que o armam para triunfar gloriosamente sobre os mais terríveis sofrimentos, enchem seu coração.

Ao ouvir aquilo, os dois ordenanças o viraram até que ficou de cara contra a parede. O capelão adormeceu, inquieto, e sonhou que durante o dia cumpria sua função de capelão militar e à noite trabalhava como porteiro em um hotel em lugar do senhor Faustýn, que Švejk atirara de um terceiro andar.

Ao general chegavam de todos os lados queixas contra ele: a um cliente havia levado uma morena em lugar de uma loura, a outro propiciara uma viúva nada inteligente em lugar de uma divorciada esperta. De manhã acordou empapado de suor, com o estômago revolto e a sensação de que, comparado com ele, seu pároco da Morávia era um anjo.

3
Švejk volta a sua companhia de infantaria

O major que no dia anterior desempenhara o papel de auditor no julgamento de Švejk era o mesmo sujeito que na festa do general bebera com o capelão militar pela fraternidade e depois adormecera.

Uma coisa era certa: ninguém sabia nem quando e nem como o major saíra da festa do general. Nenhum dos presentes estava em condições de perceber sua ausência. O general até confundia aqueles com quem conversava. Já fazia duas horas que o major havia ido embora, mas, cofiando o bigode, o general exclamava com frequência, rindo estupidamente:

— Muito bem dito, senhor major!

De manhã não houve jeito de encontrar o major. Sua capa estava pendurada no vestíbulo e o sabre, no cabide; a única coisa que faltava era seu quepe de oficial. Todo mundo suspeitou que tivesse adormecido em algum banheiro do edifício; procuraram-no em todos os da casa, mas não estava em nenhum deles. Em seu lugar encontraram no do segundo andar um tenente da companhia do general que dormia ajoelhado com a boca no buraco, pois o sono o havia vencido quando vomitava.

Parecia que a terra engolira o major. Mas se alguém tivesse olhado pela janela gradeada do calabouço onde Švejk estava trancado teria visto duas pessoas dormindo cobertos com a capa militar russa do bom soldado; dois pares de botas apareciam por debaixo da capa; as com esporas pertenciam ao major, e as outras, a Švejk.

Estavam deitados um ao lado do outro como se fossem dois gatinhos. Švejk havia colocado a mão debaixo da cabeça do major, e este abraçava Švejk pela cintura, apertando-se contra ele como um cachorro contra uma cadela.

Não havia nenhum mistério em tudo aquilo. Simplesmente, o major estava cumprindo com seu dever.

É provável que, alguma vez, o leitor tenha passado toda a noite bebendo com um amigo até que de repente o amigo levou as mãos à cabeça, se levantou de um pulo e exclamou: "Meu Deus, às oito tinha que estar no trabalho!" Isso é o que se chama de crise de consciência, uma espécie de subproduto dos arrependimentos. Uma pessoa que sofre esse tipo de ataque é levada a desistir de sua sagrada convicção de que precisa recuperar o tempo perdido trabalhando. Daí esses espectros sem chapéu que os porteiros recolhem no corredor e deixam em seu quarto, em cima de um sofá, para que descansem.

O major tivera um ataque parecido. Quando acordou em uma poltrona na casa do general, de repente lhe ocorreu que tinha que interrogar Švejk imediatamente. Esta crise de consciência do dever administrativo surgiu tão repentinamente e o impulso foi levado a cabo de uma maneira tão rápida e decidida que ninguém se deu conta do seu desaparecimento.

No entanto, sua presença foi percebida, sim, no posto de guarda, onde irrompeu como uma bomba.

O sargento de serviço dormia debruçado sobre a mesa, e o mesmo fazia a tropa, ao seu redor e nas mais diversas posições.

O major, com o quepe torto, lançou uma série de maldições tão variadas que todos os presentes pararam de bocejar. Os rostos dos soldados esboçaram diversas

caretas, de maneira que já não pareciam um grupo de militares mas, sim, uns macacos, que olhavam para o comandante com caras grotescamente assustadas.

O major deu um soco na mesa e gritou para o sargento:

— Preguiçoso! Eu já lhe disse mil vezes que seus homens são uma vara de porcos!

Dirigindo-se aos soldados assustados, continuou vociferando:

— Sem-vergonha! Quando estão dormindo são a personificação da estupidez e quando estão acordados parece que cada um de vocês engoliu um vagão de dinamite!

Depois soltou um longo sermão sobre as obrigações de um soldado no posto de guarda. Por fim, ordenou que abrissem a cela de Švejk, pois tinha que submeter o delinquente a outro interrogatório.

Foi assim que naquela noite o major foi parar na cela de Švejk.

Chegou em um estado que demonstrava até que ponto considerava que a garrafa era uma excelente conselheira. Sua última explosão aconteceu quando ordenou ao sargento que lhe entregasse as chaves da prisão.

O sargento, relembrando suas obrigações pela última vez e com desespero, se recusou. Este gesto impressionou profundamente o major.

— Bando de bastardos de merda — gritou no meio do pátio —, eu vou lhes dar uma lição se não me derem as chaves na mão!

— Humildemente — respondeu o sargento —, tenho a obrigação de deixá-lo trancado e, para sua própria segurança, colocar uma sentinela diante da porta da cela do detido. Quando quiser sair, senhor major, faça o favor de bater na porta.

— Imbecil! — exclamou o major. — Maldito, safado! Você acha por acaso que tenho medo de um preso? Acha que preciso de uma sentinela para que me proteja durante o interrogatório? Tranque-me e enfie a chave onde lhe caiba!

Na abertura acima da porta, em uma lanterna gradeada, havia um candeeiro a querosene com o pavio baixo que emitia uma luz tão fraca que o major demorou a encontrar Švejk. Despertado pelo alvoroço, o bom soldado ficou em pé em posição de sentido ao lado do catre, querendo saber os motivos daquela visita.

Pensou que o melhor a fazer seria informar o major, de maneira que anunciou em tom marcial:

— Humildemente, senhor, aqui há um detido. Afora isso, não aconteceu mais nada.

De repente o major não conseguia recordar por que havia ido parar naquele lugar e por isso disse:

— Descansar! Onde está o detido?

— Humildemente, senhor major, sou eu mesmo — respondeu Švejk com orgulho.

Mas o major não levou a sério a resposta, pois o vinho e os licores do general haviam começado a lhe provocar uma reação alcoólica. Bocejou com a boca tão aberta que, se fosse um civil, sua mandíbula teria se desencaixado. No entanto, no caso do major o bocejo empurrou seus pensamentos para aquelas circunvalações cerebrais nas quais os humanos preservam o dom do canto. Com uma extraordinária desenvoltura, se deixou cair sobre o catre de Švejk e começou a guinchar como um leitãozinho prestes a ser sacrificado:

Oh Tannenbaum, oh Tannenbaum,
Wie schön sind deine Blätter![83]

Repetiu os versos algumas vezes, misturando-os com gritos desarticulados.

Então se estirou de boca para cima como um ursinho, se enroscou como um gusano e começou a roncar.

— Major — tentou despertá-lo Švejk. — Humildemente, ficará infestado de percevejos.

Mas não serviu para nada. O major dormia como uma pedra.

Švejk olhou-o com ternura e disse:

— Bem, durma, bêbado.

E cobriu-o com a capa. Depois se deitou ao seu lado e desta maneira, apertados um contra o outro, foram encontrados de manhã.

Às nove, quando a procura pelo major chegava ao seu ponto máximo, Švejk pulou da cama e achou oportuno despertar seu visitante noturno. Para isso o sacudiu com força. Por fim o major se sentou no catre e, dirigindo a Švejk um olhar vazio, procurou uma resposta para o seguinte enigma: o que acontecera?

— Humildemente, senhor — disse Švejk —, o pessoal do posto de guarda veio mais de uma vez ver se ainda estava vivo. Me permiti despertá-lo porque não sabia a que horas costuma se levantar e não queria que dormisse além da conta. Na fábrica de cerveja de Uhřineves havia um tanoeiro que sempre dormia até as seis da manhã, mas se dormisse ainda que fosse apenas quinze minutos a mais, até as seis e quinze, então só despertava ao meio-dia; e assim fazia até que o demitiram do trabalho e então se irritou tanto que cometeu o delito de ofender a Igreja e um membro da nossa casa real.

— Tu ser tonto, verdade? — disse o major em seu tcheco lamentável e não sem um certo matiz de exasperação.

Depois da noite anterior, sua cabeça girava como uma roda-gigante e de nenhuma maneira conseguia articular respostas às perguntas que se acumulavam: o que fazia no calabouço, por que os sujeitos do posto de guarda haviam ido buscá-lo e por que o homem que estava diante dele disparava aquelas asneiras que estavam a ponto de enlouquecê-lo? Achava tudo muito estranho. Recordava vagamente que chegara durante a noite, mas para quê?

— Eu estar já aqui noite? — perguntou com insegurança.

— Humildemente, senhor major — respondeu Švejk —, conforme entendi pelo que dizia, o senhor vinha me interrogar.

Então o major se deu conta de alguma coisa, olhou-se e depois dirigiu um olhar inquisitivo para trás, como se estivesse procurando alguma coisa.

— Não se preocupe, senhor — disse Švejk. — Acordou tal como apareceu aqui, sem capa, sem sabre, com o quepe. O quepe está ali; me vi obrigado a tirá-lo da sua mão porque queria colocá-lo debaixo da cabeça. Um quepe oficial de parada militar é como uma cartola. Dormir sobre uma cartola: a única pessoa que fez isso foi um tal de Karderaz de Loděnice. Em uma taverna, se deitou em um banco e colocou o chapéu debaixo da cabeça; cantava nos enterros e tinha que comparecer usando a cartola. De maneira que colocou o chapéu debaixo da cabeça, convenceu a si mesmo de que não iria deformá-lo e passou toda a noite como se estivesse flutuando, como se o peso de seu

corpo tivesse se reduzido, de maneira que não aconteceu nada com a cartola; muito pelo contrário, como aquele homem se virava de um lado a outro, ia escovando e alisando o chapéu.

O major, que acabara de se dar conta de onde estava e do que acontecia, não conseguia parar de olhar para Švejk com uma expressão vazia, e não fazia nada além de repetir:

— Tu ser tonto, verdade? Eu estar aqui, eu marchar de aqui.

Levantou-se, foi até a porta e bateu nela. Antes que fosse aberta, disse a Švejk:

— Se não chegar telegrama quem tu ser, tu enforcar!

— Eu lhe agradeço de todo coração — disse Švejk. — Eu sei, prezado major, que o senhor se preocupa muito comigo. Mas se, por acaso, pegou um percevejo aqui no catre, quero que saiba que, se se tratar de um pequeno inseto com o traseiro vermelho, então é um macho. Se estiver sozinho, se não houver outro cinza com listas cinzas avermelhadas no ventre, então não acontecerá nada. Se fosse um casal, começariam a se multiplicar, e nisso estes animais são piores do que os coelhos.

— Pare de dizer besteiras — disse o major em alemão, completamente abatido, quando abriram a porta.

Desta vez o major não armou nenhuma cena no posto de guarda. Em um tom distante, ordenou que fossem buscar uma carruagem. Uma vez sentado e enquanto quicava sobre o calçamento em péssimo estado de Přemyšl, pensou que, embora fosse um idiota como poucos, o detido parecia uma boa pessoa. A respeito de si mesmo, o major pensou que não tinha outro remédio a não ser dar um tiro na própria cabeça assim que chegasse em casa, ou então mandar buscar a capa e o sabre na casa do general, tomar um banho nas termas municipais, parar na pensão de Vollgruber para comer alguma coisa saborosa e então reservar por telefone uma entrada para a função noturna do teatro municipal.

Antes de chegar em casa optou pela última alternativa.

Mas em seu apartamento o esperava uma pequena surpresa. Havia chegado no momento certo...

No corredor, o general Fink segurava o pescoço de seu ordenança e gritava:

— Onde está seu chefe, sua besta? Fale, miserável!

Mas o miserável não conseguia falar porque o general o estrangulava e começava a ficar roxo.

Depois de entrar, o major notou que o pobre ordenança tinha debaixo do braço sua capa e seu sabre, que, obviamente, devia ter recolhido no vestíbulo do general.

O major começou a achar aquela cena divertida e por isso ficou na porta entreaberta contemplando o martírio do seu fiel ordenança. Fazia tempo que cismava com ele por culpa de mais de um roubo.

O general soltou-o por um momento para tirar do bolso um telegrama com o qual começou a lhe dar bofetadas enquanto gritava:

— Onde está seu major, seu porco? Onde está seu major auditor, sem-vergonha? Tenho que lhe entregar um telegrama oficial!

— Estou aqui — disse da porta o major Derwota, a quem a combinação das palavras major e telegrama oficial recordou seu dever.

— Ah! — exclamou o general Fink. — Está voltando agora?

Em sua voz podia-se perceber tal sarcasmo que o major não respondeu e ficou indeciso.

O general lhe pediu que entrasse em casa. Uma vez à mesa, atirou-lhe o telegrama com o qual esbofeteara o ordenança e ordenou-lhe com voz trágica:

— Leia, esta obra é sua!

Enquanto o major lia o telegrama, o general se levantou da cadeira, começou a andar de um lado a outro virando cadeiras e tamboretes e gritou:

— Mesmo assim o enforcarei!

O telegrama dizia:

O soldado de infantaria Josef Švejk, ordenança da 11ª Companhia, se perdeu no dia 16 do presente mês durante a marcha de Chyrów a Felsztyn, em missão oficial como hospedeiro. Enviar imediatamente o soldado de infantaria Švejk ao posto de comando da brigada em Wojalycze.

O major abriu uma gaveta, tirou um mapa e ficou pensativo. De acordo com o mapa, Felsztyn ficava a quarenta quilômetros ao sudeste de Přemyšl, de maneira que se apresentava um grande enigma: de onde o soldado de infantaria Švejk havia tirado o uniforme russo a mais de cento e cinquenta quilômetros do front, levando-se em conta de que este se estendia pela linha Sokal-Turze-Kozlów?

Quando o major compartilhou o mistério com o general e lhe mostrou no mapa o lugar onde, segundo o telegrama, Švejk havia desaparecido, o general rugiu como um leão ao se dar conta de que suas esperanças em torno de um julgamento sumaríssimo acabavam de se desvanecer. Foi telefonar ao posto de guarda e ordenou que enviassem imediatamente o detido Švejk à casa do major.

Antes que pudessem cumprir a ordem, o general disparou uma série de maldições por não ter enforcado Švejk antes de qualquer investigação, assumindo ele próprio toda a responsabilidade pelo fato.

O major se opôs alegando algo acerca de que o direito e a justiça andavam de mãos dadas e fez um sermão cheio de frases feitas sobre julgamentos justos e assassinatos judiciais; falava sem parar, porque, depois da bebedeira do dia anterior, estava com uma ressaca incrível e precisava desabafar.

Quando Švejk se apresentou, o major lhe pediu uma explicação sobre o que acontecera em Felsztyn, sobretudo no que se referia ao uniforme russo.

Švejk explicou tudo com riqueza de detalhes, ilustrando a ação com exemplos de sua própria crônica de contratempos humanos. Depois, quando o major lhe perguntou por que não contara tudo aquilo durante o interrogatório no tribunal, Švejk respondeu que ninguém lhe perguntara de que maneira conseguira o uniforme russo; não pararam de inquirir: "Confessa que vestiu o uniforme do inimigo por vontade própria e sem nenhum tipo de pressão?" Como isso era verdade, não podia responder nada além de: "De fato foi assim; sim, por suposto, naturalmente." Por esse motivo, com indignação, havia rechaçado a acusação de ter traído Sua Majestade o Imperador.

— Este homem é um perfeito idiota — disse o general ao major. — Vestir ao lado de um lago um uniforme russo abandonado por Deus sabe quem e permitir que

o enfiassem em um veículo com prisioneiros russos... Só um idiota pode fazer uma coisa dessas.

— Humildemente — disse Švejk —, eu também observei que sou um pouco curto das ideias, sobretudo ao entardecer...

— Cale-se, estúpido! — disse o major a Švejk, depois se virou para o general e perguntou o que deviam fazer com Švejk.

— Que o enforquem em sua brigada — decidiu o general.

Uma hora depois, uma escolta levou Švejk à estação para acompanhá-lo ao estado-maior da divisão de Wojalycze.

Švejk deixara uma pequena lembrança na prisão: com um pedaço de madeira havia gravado na parede uma lista de três colunas de todas as sopas, molhos e acompanhamentos que comera quando era civil. Essa foi a maneira de protestar contra o fato de que não tinham lhe dado de comer ao longo de vinte e quatro horas.

Švejk ia acompanhado do seguinte documento destinado à brigada:

Conforme o telegrama de número 469, entrega-se ao estado-maior da brigada o soldado de infantaria Josef Švejk, desertor da 11ª Companhia, para os subsequentes atos oficiais.

A própria escolta, formada por quatro homens, era uma mistura de nacionalidades. Havia um polonês, um húngaro, um austríaco e um tcheco. Este último era o comandante da escolta e tinha a patente de cabo. Fazia-se de importante diante de seu compatriota tcheco, para que entendesse o grande poder que tinha sobre sua pessoa. De fato, na estação, quando Švejk manifestou seu desejo de urinar, o cabo lhe disse bruscamente que urinasse quando chegasse à brigada.

— De acordo — disse Švejk —, mas deveria me dizer isso por escrito para que se saiba quem é o culpado quando minha bexiga explodir. Há uma lei para isso, cabo.

O cabo, que era um simples cuidador de gado, se espantou ao ouvir falar de bexiga, de modo que toda a escolta acompanhou solenemente Švejk ao mictório.

Durante toda a viagem, o cabo não parou de se dar ares de grandeza, como se no dia seguinte fossem lhe outorgar no mínimo o grau de comandante do corpo do exército.

Sentados no trem que ia de Přemyšl a Chyrów, Švejk virou-se para ele e observou:

— Senhor cabo, quanto mais o observo, mais me recordo de um cabo que se chamava Bozba e servia em Trento. A partir do momento em que o promoveram a cabo, começou a engordar: suas bochechas incharam e a barriga cresceu tanto que um dia as calças do exército ficaram pequenas para ele. E o pior foi que suas orelhas cresceram, se alongaram. Por isso foi enviado ao hospital militar e o médico disse que aquele era um fenômeno comum a todos os cabos; primeiro engordavam e depois alguns se saravam e voltavam ao seu estado anterior; mas o caso daquele cabo era muito grave, pois estava tão inchado que poderia explodir a qualquer momento. Como seu inchaço provinha dos galões, tiveram que cortá-los para salvar sua vida; depois voltou a desinchar.

A partir daquele momento, Švejk tentou inutilmente manter uma conversa com o cabo e lhe explicar de alguma maneira porque costuma-se dizer que o cabo é a desgraça da companhia.

O cabo respondeu com algumas ameaças obscuras e disse que quem ri por último ri melhor. Enfim, o compatriota não estava à sua altura; quando Švejk lhe perguntou de onde era, respondeu que isso não lhe dizia respeito.

Švejk tentou conversar com ele de todas as maneiras possíveis. Contou que aquela não era a primeira vez que era escoltado, mas que em todas as ocasiões se divertira muito com todos os que o acompanhavam.

Como o cabo continuava calado, Švejk continuou:

— Cabo, eu diria que o senhor sofreu alguma grande desgraça na vida e por isso perdeu a fala. Conheci muitos cabos tristes, mas nunca, me perdoe, um tão infeliz como o senhor. Confie em mim, diga-me o que o está torturando, talvez possa lhe dar um bom conselho: um soldado escoltado sempre sabe mais do que aqueles que o vigiam. E quer saber de uma coisa, cabo? Conte-me alguma coisa para que a viagem passe mais depressa; como é a paisagem ali onde vive, se há lagos ou ruínas de algum castelo; poderia, inclusive, relatar alguma lenda relacionada com o lugar.

— Basta! — exclamou o cabo.

— Que homem mais afortunado! — disse Švejk. — Existem aqueles para os quais nada é suficiente.

Antes de se encerrar em um mutismo absoluto, o cabo disse suas últimas palavras:

— Quando chegarmos à brigada, será colocado na linha. Eu não penso em me sujar com você. Mais vale calar do que com bestas falar.

Assim como o cabo, o resto da escolta tampouco sabia se divertir. O húngaro mantinha uma conversa muito estranha com o austríaco, pois só sabia duas expressões em alemão: "sim" e "o quê". Quando o austríaco lhe contava alguma coisa, o húngaro sacudia a cabeça e dizia "sim"; quando o austríaco ficava calado, o húngaro perguntava "o quê?", de maneira que aquele começava a falar de novo. O polonês da escolta se comportava de um modo muito aristocrático: não se preocupava com ninguém e se divertia sozinho assoando o nariz e atirando a meleca no chão, usando o polegar direito com uma habilidade excepcional. Depois espalhava a meleca pelo chão com a culatra do fuzil e enxugava a culatra molhada nas calças enquanto murmurava sem parar: "Virgem santa!"

— Você não faz isso muito bem — lhe disse Švejk. — Na rua Na Bojišti, em um porão, vivia o varredor Macháček, que assoava o nariz na janela e espalhava a meleca tão bem que conseguia desenhar a imagem de Libuše profetizando a glória de Praga. Por cada quadro desse tipo, sua mulher lhe dava tamanha bofetada que Macháček tinha o focinho inchado como um saco de batatas, mas não desistia e continuava se aperfeiçoando. Também para ele essa era sua única diversão.

O polonês não respondeu. Por fim, toda a escolta continuou a viagem mergulhada em um profundo silêncio, como se se dirigisse a um enterro e estivesse pensando piedosamente no defunto.

E assim foram se aproximando do estado-maior da brigada de Wojalycze.

Enquanto isso, no estado-maior da brigada haviam acontecido mudanças importantes.

O posto de comando fora confiado ao coronel Gerbich. Tratava-se de um homem dotado de notáveis aptidões militares que foram frustradas por culpa de sua gota. Mas, graças a amigos influentes do ministério, não foi obrigado a se aposentar. Rondava por diversos estados-maiores de importantes formações militares e recebia um soldo elevado, além de vários suplementos de guerra. Ficava em um lugar até que, em um ataque de gota, cometia algum disparate. Então o transferiam, coisa que em geral pressupunha uma promoção. Nas refeições não costumava conversar com os oficiais a não ser a respeito de seu inchado cata-piolho do pé, que às vezes adquiria dimensões espantosas, de maneira que o coronel tinha de usar um sapato especialmente largo.

Sua distração preferida durante as refeições era explicar a todos como o cata-piolho exsudava e transpirava sem parar, até o ponto de ter de mantê-lo envolto em algodão, e que aquelas exsudações cheiravam a sopa de vitela passada.

É compreensível que toda vez que partia para outro lugar todos os oficiais se despedissem dele com sincero prazer. Por outro lado, era um homem jovial e amável com seus subordinados, a quem contava todas as delícias que havia comido e bebido antes de ser atacado pela gota.

Ao chegar à brigada, e seguindo a ordem do oficial de dia, apresentaram Švejk ao coronel Gerbich, juntamente com o informe correspondente; naquele momento, o subtenente Dub estava na sala do coronel. O subtenente Dub vivera outra aventura depois da marcha Sanok-Sambor. Ao sair de Felsztyn, a 11ª Companhia havia encontrado um transporte de cavalos destinado ao regimento de dragões de Sadowa Wisznia.

Nem sequer o subtenente Dub sabia como aquilo acontecera; em seu afã de demonstrar ao tenente Lukáš sua habilidade como ginete, montou de um salto em um cavalo, que desapareceu com ele em um vale com um riacho no qual não demoraram a encontrá-lo, tão enfiado em um pequeno lago que nem o melhor jardineiro o teria plantado tão bem. Quando o tiraram dali com laços corrediços, o subtenente Dub não se queixou de nada; limitou-se a emitir ligeiros gemidos, como se estivesse agonizando. Quando passaram pelo lugar onde ficava a sede do estado-maior da brigada, deixaram-no em um pequeno hospital militar.

Ao cabo de alguns dias se recuperou; o médico decidiu que ainda untariam suas costas e o ventre com tintura de iodo duas ou três vezes e depois poderia voltar risonho a sua unidade.

Naquele momento, pois, o subtenente Dub estava sentado na sala do coronel Gerbich e os dois conversavam sobre as mais diversas enfermidades.

Ao ver Švejk deu um grito, pois estava a par de seu misterioso desaparecimento perto de Felsztyn:

— Ora, você está aqui de novo! Muitos partem como animais e voltam como feras. Você também é um deles.

Para explicar o comportamento do subtenente Dub, é necessário dizer que sofreu uma ligeira comoção cerebral. Por isso não devemos achar estranho nem seu grito anterior nem o que veio em seguida, quando o subtenente Dub pediu em versos a Deus que lutasse contra Švejk.

— Pai, eu o invoco enquanto me cobre a fumaça dos canhões que retumbam e as balas sibilantes ameaçam minha cabeça. Senhor das batalhas, Pai-Nosso, eu o invoco

para que me ajude na luta contra esse canalha... Onde você esteve durante todo este tempo, sem-vergonha? O que significa esse uniforme?

É necessário acrescentar que sempre que o coronel Gerbich não sentia dores, a democracia reinava em sua sala. Desfilavam por ali oficiais de todas as patentes, que ficavam ouvindo seus comentários sobre seu cata-piolho inchado com cheiro de sopa de vitela passada.

Quando o coronel Gerbich não sofria ataques, sua sala costumava ficar repleta das mais diversas patentes; não em vão era uma pessoa alegre, gostava de conversar e se sentia bem quando estava cercado de público, quanto mais numeroso, melhor. Gostava muito de contar piadas cabeludas, tão velhas que certamente já eram contadas na época do general Laudon,[84] e os outros se viam obrigados a rir.

Naqueles tempos, servir sob as ordens do coronel Gerbich era muito fácil: cada um fazia o que queria. Quando o coronel Gerbich chegava ao comando de qualquer grupamento, todo mundo sabia que se podia roubar e fazer todo tipo de diabruras à vontade.

Também naquela ocasião vários soldados entraram atrás de Švejk na sala para ver o que aconteceria enquanto o coronel lia o informe redigido pelo comandante de Přemyšl.

O subtenente Dub continuou conversando com Švejk em seu tom amável de sempre:

— Você ainda não me conhece, mas quando me conhecer vai se cagar de medo.

O coronel não conseguiu entender o que o informe dizia, pois o major o ditara sob o efeito de uma ligeira intoxicação etílica.

Mesmo assim, o coronel Gerbich estava de bom humor porque desde o dia anterior não sentia nenhuma dor e seu cata-piolho estava manso como um cordeirinho.

— Bem, o que você fez? — perguntou a Švejk em um tom tão amável que o subtenente Dub sentiu uma pontada no coração que o impeliu a responder no lugar de Švejk:

— Senhor coronel — ele disse, indicando Švejk —, ele se faz passar por idiota para encobrir suas canalhices. Desconheço o conteúdo do expediente que veio com ele, mas suponho, sim, que o malandro deve ter feito alguma coisa terrível. Se me permitisse me familiarizar com o conteúdo do informe, senhor coronel, certamente poderia lhe dar algumas diretrizes eventuais no que se refere ao procedimento a ser adotado posteriormente com este homem — e, virando-se para Švejk, acrescentou em tcheco: — Você está chupando meu sangue, não é mesmo?

— Naturalmente — respondeu Švejk com dignidade.

— O senhor não pode imaginar, senhor coronel — continuou o subtenente Dub em alemão. — É impossível lhe perguntar alguma coisa, não é possível conversar com ele de nenhuma maneira. Um dia deveria puxar suas orelhas e castigá-lo de maneira exemplar. Permita-me, senhor...

O subtenente mergulhou no informe redigido pelo comandante de Přemyšl; quando acabou de lê-lo, disse a Švejk solenemente:

— Agora sim você está perdido. Onde enfiou o uniforme que pertence à Coroa?

— Deixei-o perto do lago enquanto experimentava estes farrapos para saber como se sentem neles os soldados russos — respondeu Švejk. — Na verdade, trata-se apenas de um pequeno mal-entendido.

Švejk começou a explicar ao tenente Dub o que tivera de sofrer por culpa daquele mal-entendido; quando terminou, o subtenente gritou:

— Agora você vai saber quem eu sou. Sabe o que significa perder uma propriedade da Coroa, perder o uniforme em tempo de guerra?

— Humildemente, senhor — respondeu Švejk —, quando um soldado perde um uniforme deve receber outro.

— Pelas chagas de Cristo! — exclamou o subtenente Dub. — Besta imunda, agora está brincando comigo, mas quando a guerra acabar ainda terá de servir cem anos no exército para reparar todas as suas barbaridades.

No rosto do coronel Gerbich, que até então permanecera sentado calma e tranquilamente, se desenhou de repente uma careta espantosa: um ataque de gota havia transformado seu cata-piolho, até então tranquilo e manso como um cordeirinho, em um tigre feroz, em uma corrente elétrica de seiscentos volts, em um membro atingido lentamente por um martelo. O coronel mandou todos embora com um gesto de mão e gritou com a voz terrível de um homem que está sendo assado em um forno:

— Saiam todos! Deem-me um revólver!

Todo mundo já conhecia aquela canção e por isso se precipitaram para fora, inclusive Švejk, que se viu arrastado pelas sentinelas. A única pessoa que ficou na sala foi o subtenente Dub, que aproveitou a oportunidade para se queixar de Švejk:

— Me permito chamar sua atenção, senhor coronel, para o fato de que este homem...

O coronel uivou e atirou o tinteiro na cabeça do subtenente. Este, assustado, bateu continência e disse, enquanto fugia:

— Naturalmente, senhor.

Em seguida, se ouviram durante um bom tempo gritos e gemidos, vindos da sala do coronel. Mas os alaridos cessaram quando o cata-piolhos virou novamente um manso cordeirinho: o ataque de gota havia passado. O coronel tocou a campainha e ordenou que trouxessem Švejk de volta.

— Bem, o que está acontecendo com você?

Qualquer incômodo parecia ter terminado; o coronel estava tão bem que parecia que estava deitado na areia à beira do mar.

Švejk sorriu amistosamente para o coronel, contou sua odisseia e acrescentou que era ordenança da 11ª Companhia do 91º Regimento e que não sabia o que fariam sem ele.

Quando Švejk terminou sua história, o coronel, também sorrindo, deu as seguintes ordens: conseguir para Švejk um bilhete militar via Lvov até Zóltance, onde sua companhia deveria chegar no dia seguinte, e lhe conseguir no armazém um novo uniforme às custas do erário e seis coroas e oitenta e dois cêntimos para a alimentação durante a viagem.

Um pouco mais tarde, enfronhado em seu novo uniforme austríaco, o bom soldado abandonava o estado-maior em direção à estação. O subtenente Dub, que rondava pelas salas, ficou petrificado quando Švejk se apresentou diante dele com porte

rigorosamente militar, exibiu seus documentos e lhe perguntou com solicitude se queria mandar algum recado ao tenente Lukáš.

O subtenente se viu incapaz de dizer algo além de:

— Retire-se!

E, enquanto olhava Švejk se distanciar, murmurou para si mesmo:

— Você vai me conhecer. Juro por Deus que ainda vai me conhecer...

***

Na estação de Zóltance estava reunido todo o batalhão do capitão Ságner. Só faltava a retaguarda da 14ª Companhia, que havia se perdido ao passar por Lvov.

Na entrada da pequena cidade, Švejk encontrou um ambiente totalmente novo para ele; a julgar pelo bulício geral, o front e suas batalhas não estavam muito longe. Por toda parte se viam elementos de artilharia e obstáculos e de todas as casas saíam soldados de diferentes regimentos. Entre eles passeavam altivamente os do Reich alemão, que, com ar presunçoso, distribuíam aos austríacos os cigarros que lhes sobravam. Nas cozinhas alemãs havia inclusive barris de cerveja com a qual enchiam as jarras dos soldados na hora do almoço e do jantar. Os pobres soldados austríacos, com as barrigas inchadas pela repugnante chicória adocicada, rondavam ao redor dos barris como gatos gulosos.

Grupelhos de judeus com costeletas cacheadas e longas sobrecasacas apontavam as nuvens de fumaça no oeste e gesticulavam. Todos gritavam que estavam queimando as aldeias do rio Bug: Ucziszków, Busk e Deriwiany.

O estrondo dos canhões era ouvido com toda clareza. Um pouco mais tarde correu o boato de que, de Grabowa, os russos estavam bombardeando Kamionka Strumilowa; lutava-se ao longo de todo o rio Bug e os soldados detinham os fugitivos que tentavam voltar para suas casas no outro lado do rio.

O caos reinava em todos os lugares e ninguém podia afirmar nada com segurança. Só se supunha que os russos tinham voltado à ofensiva e que haviam deixado de recuar ao longo do front.

A cada momento as sentinelas da polícia levavam ao comando superior da cidade judeus assustados, acusando-os de divulgar notícias tergiversadas e falsas. Depois os espancavam até que sangrassem e os deixavam ir para casa com as nádegas destroçadas.

Švejk chegou no meio de toda aquela confusão e foi imediatamente procurar sua companhia. Na estação, faltou pouco para que se metesse em uma confusão com o comando do transporte. Quando se aproximou da mesa onde davam informações aos soldados que haviam perdido sua companhia, um cabo o recebeu aos gritos, perguntando se queria que fosse procurá-la pessoalmente. Švejk respondeu que a única coisa que pretendia era saber se na cidade estava alojada a 11ª Companhia do 91º Regimento de tal e tal batalhão.

— É muito importante para mim — assentou Švejk —, preciso que averigue onde está a 11ª Companhia: sou seu ordenança.

Como se não fosse suficiente tudo o que havia passado, na mesa ao lado estava um sargento do alto-comando que pulou como um tigre, rugindo:

— Maldito animal, você é ordenança e não sabe onde está sua companhia?

Antes que Švejk pudesse responder, o sargento desapareceu na sala e depois de um momento voltou a aparecer acompanhado por um tenente gordo que tinha a majestosa aparência do dono de um importante frigorífico.

Os postos de comando das estações também eram armadilhas para os soldados errantes, meio selvagens, que haviam passado a guerra procurando suas unidades, andando ao léu de uma estação a outra e esperando nas filas diante das mesas com a inscrição "Dinheiro para o abastecimento".

Quando o tenente gordo apareceu, o sargento gritou:

— Sentido!

Então o tenente perguntou a Švejk:

— Onde estão seus documentos?

Depois que Švejk os apresentou e o tenente se convenceu de que havia seguido o itinerário prescrito pelo estado-maior da brigada até Zóltance para se reunir com sua companhia, devolveu-lhe os documentos dizendo com benevolência ao cabo que estava na mesa:

— Dê-lhe a informação.

Assim que a porta da sala se fechou atrás dele, o sargento segurou Švejk pelo ombro e lhe deu a seguinte informação, arrastando-o para a porta:

— Saia daqui ou será um homem morto!

De maneira que Švejk voltou a se ver mergulhado na confusão e continuou procurando algum conhecido do batalhão. Caminhou muito tempo pelas ruas até que resolveu apostar tudo em uma carta: parou um coronel e, em seu precário alemão, lhe perguntou se sabia onde estava seu batalhão e sua companhia.

— Você pode falar em seu idioma comigo — respondeu o coronel —, eu também sou tcheco. Seu batalhão está aqui ao lado, perto da aldeia de Klimontow, no outro lado dos trilhos; mas não é possível passar pela aldeia porque, assim que chegaram, os homens do seu batalhão brigaram na praça com alguns bávaros.

Então Švejk partiu para Klimontow.

Antes o coronel o chamou, enfiou a mão no bolso e deu a Švejk cinco coroas para que comprasse cigarros. Depois de se despedir de novo do bom soldado, afastou-se pensando: "Que soldadinho simpático!"

Švejk se dirigiu à aldeia e, refletindo sobre o coronel, chegou à conclusão de que possivelmente acontecia com ele algo parecido com a história do coronel Habermaier. Há doze anos, em Trento, aquele coronel também se comportava de uma maneira muito amável com os soldados e ao final se descobriu que era homossexual; em um balneário perto de Adige tentou violentar um aspirante a cadete, chantageando-o com o "regulamento de serviço".

Mergulhado naqueles pensamentos tétricos, pouco a pouco Švejk foi se aproximando da aldeia, que não ficava muito longe. Não foi difícil encontrar o alto-comando do batalhão, pois, embora a aldeia fosse alongada, havia apenas um edifício digno deste nome: a escola primária. A administração territorial da Galícia a construíra naquela região totalmente ucraniana com o objetivo de polonizar a aldeia.

Durante a guerra, a escola passara por diferentes fases. Haviam se alojado nela os altos-comandos russos e depois os austríacos. Certa vez, durante as grandes batalhas que decidiram o destino de Lvov, o ginásio foi usado como sala de cirurgias. Ali se cortavam braços e pernas e eram feitas trepanações de crânios.

Atrás da escola, no quintal, a explosão de uma granada de grande calibre havia dado origem a um grande buraco em forma de funil. Em um canto do jardim havia uma grande pereira de cujos galhos pendia um pedaço de corda cortada com a qual pouco antes haviam enforcado o capelão grego ortodoxo da aldeia, executado em consequência de uma denúncia do diretor da escola, que era polonês. Este declarara que o capelão era membro de um grupo dos "velhos russos" e que durante a ocupação russa havia rezado uma missa na igreja pela vitória do exército do czar russo ortodoxo. A acusação não tinha fundamento, porque naquela época o acusado não estava na aldeia e sim em um pequeno balneário que não havia sido afetado pela guerra, Bochnie Zamurowane, tratando de suas pedras biliares.

Vários fatores contribuíram para a execução do capelão grego ortodoxo: a nacionalidade, a questão religiosa e uma galinha. Um pouco antes da guerra, o infeliz matara em seu jardim uma galinha do professor que estava bicando as sementes de melancia que acabara de plantar.

Depois de sua morte, o prédio paroquial foi esvaziado e é possível dizer que ninguém se absteve de levar uma recordação do senhor pároco.

Um camponês polonês levou para casa até um piano velho e usou sua tampa para consertar a porta de uma pocilga. Os soldados, como de hábito, serraram parte dos móveis para fazer lenha; por sorte um grande fogão com um magnífico forno ficou intacto. O capelão grego ortodoxo não se diferenciava em nada de seus confrades católicos apostólicos romanos: adorava a boa comida, e por isso tinha uma grande quantidade de panelas e frigideiras em cima do fogão e dentro do forno.

Dessa maneira se estabelecera uma tradição: todas as unidades militares que passavam por ali usavam o edifício paroquial como cozinha dos oficiais. Na sala de cima, com mesas e cadeiras trazidas das casas das aldeias, foi instalado uma espécie de cassino de oficiais.

Exatamente naquele dia os oficiais do batalhão estavam promovendo um jantar de gala. Reuniram certa quantia de dinheiro e compraram um porco. O cozinheiro Jurajda foi encarregado de preparar um banquete para os oficiais. Os ordenanças dos oficiais e outros parasitas se apinhavam ao seu redor; entre eles se distinguia o intendente, que explicava a Jurajda como tinha que cortar a cabeça do porco para que sobrasse um bom pedaço de focinho.

O insaciável Baloun arregalava os olhos.

Canibais certamente observavam da mesma maneira, com avidez e a boca cheia d'água, a gordura de um missionário jorrar quando o estavam assando e ele exalava um delicioso cheiro de torresmo. Baloun se sentia como um cachorro que arrasta um carro de leite e passa ao lado de um aprendiz de açougueiro que carrega na cabeça um cesto cheio de salsichas recém-preparadas. Uma tira pende por trás do cesto; o cachorro só precisa dar um pulo para alcançá-la, mas não consegue, devido à maldita focinheira e às odiosas correias com as quais o amarraram.

Havia também salsichas de fígado na primeira fase de sua gênese: um enorme embrião de recheio sobre a tábua de cortar carne, que cheirava a pimenta, gordura e

fígado.

Com a camisa arregaçada, Jurajda trabalhava com tanta seriedade que poderia servir de modelo para um quadro que representasse Deus quando criou o globo terrestre a partir do caos.

Baloun não conseguiu aguentar mais e começou a chorar. Seus soluços foram crescendo progressivamente até que viraram um pranto desconsolado.

— Por que está mugindo como um touro? — perguntou o cozinheiro Jurajda.

— Me lembrei da minha casa — respondeu Baloun, choramingando. — Sempre ajudava quando faziam embutidos e não oferecia nada ao melhor dos meus vizinhos porque queria comer tudo sozinho! Uma vez me empanturrei tanto com salsichas, chouriços e carne que todos acharam que iria explodir; me perseguiram pelo pátio com uma chibata, como se fosse uma vaca que tivesse se enchido de trevos. Senhor Jurajda, me deixe pegar um pouco de embutido e me amarre depois, caso contrário não sobreviverei a este sofrimento.

Baloun se levantou do banco, cambaleou como um bêbado, aproximou-se da mesa e estendeu a mão para a montanha de carne.

Começou uma briga espantosa. Os presentes tiveram muita dificuldade de impedir que atacasse a carne. Não obstante, não conseguiram evitar que, ao expulsá-lo da cozinha, pegasse as tripas preparadas com o recheio, que estavam de molho em uma bacia.

O cozinheiro Jurajda estava tão indignado que lhe atirou um punhado de palitos enquanto gritava:

— Farte-se de palitos, animal!

Nesse momento, os oficiais do batalhão já estavam reunidos na sala de cima e, enquanto esperavam solenemente o que ia sair da cozinha, à falta de outra bebida tomavam aguardente vulgar de milho, tingida de amarelo graças a um xarope de casca de cebola. O comerciante judeu que o havia vendido afirmava que era o melhor e mais puro conhaque francês, que o herdara de seu pai, que, por sua vez, o herdara de seu avô.

— Ouça-me, patife — lhe disse então o capitão Ságner —, se ainda se atrever a me dizer que seu bisavô o comprou dos franceses quando estavam fugindo de Moscou, mandarei levá-lo ao cárcere, onde você ficará até que a pessoa mais jovem de sua família tenha virado a mais velha.

Enquanto os oficiais maldiziam a cada trago o judeu que lhes vendera gato por lebre, Švejk estava no escritório do batalhão, onde não havia ninguém além do voluntário Marek, que, no papel de historiador do batalhão, aproveitara a parada em Zóltance para descrever algumas batalhas vitoriosas que, sem dúvida, aconteceriam em tempos futuros.

No momento esboçava esquemas, e quando Švejk entrou acabara de escrever a seguinte frase:

> *Se diante de nosso olhar interior se apresentassem todos os heróis que participaram da batalha travada ao lado do povoado de N., e na qual ao lado de nosso batalhão lutou também o batalhão do regimento N. e outro batalhão do regimento N., comprovaríamos que o batalhão N. demonstrou*

brilhantíssimas qualidades estratégicas e que, sem dúvida, contribuiu para a vitória da divisão N., que tinha o objetivo de consolidar definitivamente nossas posições no setor N.

— Você está vendo — disse Švejk —, estou aqui de novo.

— Permita-me cheirá-lo — respondeu Marek. — Hum... De fato, está cheirando a prisão.

— Como de hábito — disse Švejk. — Houve um pequeno mal-entendido. E você, o que está fazendo?

— Você está vendo... — respondeu Marek. — Estou colocando no papel as façanhas dos heroicos salvadores da Áustria, mas, de alguma maneira, as coisas não se conectam, está tudo meio confuso... Enfim, um N. Enfatizo este N, letra de uma perfeição extraordinária tanto no que se refere ao presente como ao futuro. O capitão Ságner descobriu que tenho um grande talento matemático, afora as minhas aptidões já conhecidas. Tenho que controlar a contabilidade do batalhão e só consegui chegar à conclusão de que o batalhão está completamente no vermelho; não faz nada além de esperar a hora de acertar as contas com seus credores russos, pois quando mais se rouba é depois de uma derrota e depois de uma vitória. Na verdade, tanto faz. Mesmo que liquidem até o último dos nossos homens, aqui temos os documentos a respeito de nossa vitória, e, como historiador do batalhão, tenho a honra de poder escrever: "De novo vamos enfrentar o inimigo, que já acreditava que a vitória era sua. Em um momento se produz o assalto de nossos soldados e um ataque a baionetas. O inimigo foge desesperado e se lança a suas próprias trincheiras, onde nós o atacamos sem piedade, de maneira que tenta escapar no meio de um caos total, deixando a nossa mercê prisioneiros feridos e sãos. Este foi um dos mais gloriosos momentos que vivemos." Quem consegue sobreviver escreve um bilhete para casa e o envia pelo correio militar: "Querida esposa: levamos na bunda! Estou a salvo. Você ainda está amamentando o pequeno? Sobretudo não lhe ensine a chamar outros homens de 'papai'; isso seria muito duro para mim." Então a censura riscará o "levamos na bunda": a expressão não é bastante clara e poderia se interpretada de várias maneiras.

— A coisa mais importante é falar com clareza — observou Švejk. — No ano de 1912, quando os missionários foram a Praga para predicar a doutrina de Santo Inácio, um deles disse no púlpito que provavelmente não encontraria ninguém outra vez no céu. Um ferreiro chamado Kulíšek foi à missa da tarde e ao sair da igreja disse, na taverna, que aquele missionário certamente devia ter feito coisas muito graves para confessar em público que não encontraria ninguém outra vez no céu. Kulíšek se perguntou porque enviavam esse tipo de gente ao púlpito. Eu digo que sempre é necessário falar com clareza e sem rodeios.

"Há alguns anos", continuou Švejk, "quando estava de mau humor, o dono da taverna U Brejšků, depois que saía do trabalho, tinha o hábito de parar em um bar e brindar os clientes estrangeiros dizendo: 'Vá tomar sabe onde!' Uma vez, um homem honrado de Jihlava lhe deu uma bofetada tão forte que de manhã, quando estavam varrendo, no meio da porcaria encontraram os dentes que havia perdido; o dono do bar chamou sua filha pequena, que frequentava a escola primária, e lhe perguntou quantos dentes tinha uma pessoa adulta. Como não sabia, arrancou dois dentes da menina. No

terceiro dia recebeu uma carta do dono da taverna na qual este se desculpava por todos os incômodos que lhe causara e confessava que não pretendera dizer nada grosseiro, mas que, simplesmente, tinha sido mal interpretado; que, na realidade, queria dizer: 'Vá tomar outra taça.'

"Quem quer brincar com duplos sentidos", continuou Švejk, "antes tem que pensar bem. Um homem sincero raramente recebe bofetadas. E se isso acontece alguma vez, começa a ter mais cuidado com o que diz e, quando está em companhia de outros, prefere manter a boca fechada. É verdade que então todo mundo fica achando que é bobo, e às vezes também o agridem, mas já sabe que isso acontece em consequência de ser tão ajuizado; um homem com tal domínio de si mesmo deve ter presente que está sozinho e contra ele há muitas pessoas que se ofendem, e, se começar a provocá-las, receberá o dobro de uma pessoa normal. Um homem com essas características precisa ser modesto e paciente. Em Nusle havia um sujeito chamado Hauber que recebeu uma punhalada, por equívoco, em um domingo na estrada de Kundratice, quando voltava de uma excursão ao moinho de Bartůnek. Voltou para casa com o punhal enfiado nas costas e sua mulher o arrancou ao tirar sua jaqueta; no dia seguinte ela já estava cortando carne para fazer gulache com aquela mesma faca. É que gostou muito dela: era de aço de Solingen e estava bem afiada, enquanto as outras facas que tinha em casa quase não cortavam. Então quis ter um jogo completo delas e por isso todo domingo enviava seu marido em uma excursão a Kundratice. Mas ele era tão modesto que não ia mais além da taverna U Banzetů, em Nusle. Ali se instalava na cozinha e tinha certeza de que o velho Banzet o expulsaria antes que alguém conseguisse colocar as mãos em cima dele".

— Você não mudou nada — disse o voluntário.

— Tem razão — respondeu —, não tive tempo. Quiseram até me fuzilar, mas isso não é o pior. Desde o dia doze não vi nem uma coroa do soldo.

— Aqui tampouco lhe pagarão: temos que ir a Sokal e só nos darão dinheiro depois da batalha. Temos que economizar. Suponho que a batalha começará dentro de catorze dias, de maneira que economizarão por cada soldado tombado, bônus incluídos, 24 coroas e 72 cêntimos.

— E, afora isso, o que há de novo?

— Primeiro, perdemos a retaguarda. Segundo, na casa paroquial estão dando uma comilança com um porco que mataram. Terceiro, os soldados rondam pela aldeia e fazem todo tipo de indecências com a população feminina local. Hoje de manhã amarraram um soldado da sua companhia por ter ido atrás de uma velha de setenta anos quando ela estava subindo para o sótão. Mas o rapaz é inocente: a ordem do dia não especificava até que idade é permitido fazer uma coisa dessas.

— É claro que é inocente — disse Švejk. — Quando uma velha está subindo uma escada não dá para ver sua cara. Durante as manobras de Tabor, aconteceu algo parecido. Um de nossos pelotões estava alojado em uma taverna; na entrada, uma mulher esfregava o chão e um tal de Chramosta se aproximou e lhe deu um tapinha... como diria... na saia. A saia da mulher era muito desenvolvida. O rapaz bateu uma vez, e nada; outra, e nada; ao ver que na terceira vez tampouco houve alguma reação por parte da mulher, o sujeito resolveu passar à ação, mas ela continuou esfregando o chão despreocupadamente. Só depois se virou para o soldado e disse: "O que está acontecendo? Você caiu do burro, espertinho?" A velha devia ter no mínimo setenta anos

e depois saiu espalhando a história por toda a aldeia. Agora gostaria de lhe perguntar se durante minha ausência você também foi encarcerado.

— Não ouve oportunidade — se desculpou Marek. — No entanto, no que lhe diz respeito, devo dizer que o batalhão deu uma ordem para que seja preso.

— Não importa — observou Švejk. — Tinham que fazê-lo. Era sua obrigação emitir uma ordem de prisão, pois durante muito tempo ficaram sem saber nada a meu respeito. Não acho em absoluto precipitado por parte do batalhão. Então você está dizendo que os oficiais estão na casa paroquial atracando-se como ladrões com um porco assado? Terei de ir me apresentar e lhes comunicar que já estou aqui de novo; certamente o tenente Lukáš está preocupado comigo.

Švejk se dirigiu à casa paroquial com passo enérgico e marcial, cantando:

Olhe-me bem, menina,
Olhe para seu amante,
Veja como se transformou
Em um senhor importante.

Švejk subiu a escada da casa paroquial e se dirigiu ao lugar de onde vinham as vozes dos oficiais.

Conversavam sobre isso e aquilo, e naquele momento estavam criticando a brigada e a desordem do estado-maior. O próprio ajudante da brigada jogou lenha na fogueira ao observar:

— Além disso, enviamos um telegrama por causa da história do Švejk, e Švejk...

— Presente! — gritou Švejk atrás da porta entreaberta. Quando entrou na sala repetiu: — Presente! Humildemente, soldado de infantaria Švejk, ordenança da 11ª Companhia.

Ao ver o rosto atônito do comandante Ságner e os olhos cheios de uma espécie de desespero mudo do tenente Lukáš, Švejk não esperou que lhe perguntassem para explicar:

— Humildemente, senhor tenente, quiseram me fuzilar por ter traído Sua Majestade o Imperador.

— Pelo amor de Deus! O que você está dizendo, Švejk! — proferiu o tenente Lukáš, que de repente ficara mortalmente pálido.

— Humildemente, foi isso o que aconteceu, senhor...

E Švejk começou a contar com todos os detalhes o que havia acontecido.

Todos os oficiais o olhavam com os olhos fora de órbita enquanto ele contava sua história com toda riqueza de detalhes, sem omitir que perto do pântano onde acontecera a desgraça floresciam margaridas. Depois, quando começou a recitar os nomes de todos os tártaros que havia conhecido durante sua peregrinação, como, por exemplo, Halimulabalibei, aos quais acrescentou um montão de nomes inventados por ele, como Oliolaolobei, o tenente Lukáš não conseguiu se conter e exclamou:

— Vou lhe dar uma porrada, seu canalha! Seja breve, mas coerente!

Švejk continuou, com a coerência que lhe era própria. Quando chegou ao julgamento sumaríssimo, mencionou que o major tinha olhos azuis e que o general era estrábico do olho esquerdo.

— E eu me fazia de lerdo — acrescentou, improvisando uma rima.

O comandante da 12ª Companhia, Zimmermann, atirou em Švejk uma taça cheia da fortíssima aguardente judia.

Imperturbável, o bom soldado continuou contando o que acontecera com ele na extrema-unção e que o major havia dormido em seus braços. Depois defendeu brilhantemente a brigada de onde o haviam enviado quando o batalhão o reclamou. Em seguida abriu seus documentos diante do capitão Ságner para demonstrar que a brigada, aquela alta instância, o considerara livre de qualquer suspeita, e acrescentou:

— Permito-me comunicar que o subtenente Dub está na brigada com uma comoção cerebral e envia lembranças a todos. Por favor, gostaria de dispor do meu soldo e do suplemento de tabaco.

O capitão Ságner e o tenente Lukáš trocaram olhares significativos. Mas, naquele momento, a porta foi aberta e deixaram na mesa uma espécie de travessa cheia de sopa de porco.

Aquele era o começo dos prazeres que todos esperavam com impaciência. A proximidade daquelas delícias deixou o capitão Ságner de bom humor.

— Cabeça oca — disse a Švejk —, você foi salvo pela festa da matança do porco.

— Švejk — acrescentou o tenente Lukáš —, se voltar a acontecer alguma coisa, você acabará mal.

— Humildemente, senhor tenente — disse Švejk, batendo continência —, forçosamente acabarei mal; de outra maneira, não me daria conta de que estou no exército...

— Suma! — gritou o capitão Ságner.

Švejk sumiu em direção à cozinha. Ali encontrou Baloun, que voltara completamente abatido e exigia o direito de servir seu chefe durante o banquete.

Švejk chegou exatamente no meio do sermão que o cozinheiro Jurajda descarregava sobre Baloun, temperando seu discurso com expressões incompreensíveis.

— Você é um glutão empedernido, se encheria de porcos até suar salsichas. Se o deixasse servir a carne lá em cima, a faria desaparecer nas escadas.

A cozinha tinha outra aparência. Os intendentes sargentos-mores dos batalhões e das companhias mordiscavam de acordo com sua patente e seguindo um plano elaborado cuidadosamente por Jurajda. Os escreventes dos batalhões, os telefonistas das companhias e alguns mais graduados, espalhados em torno de uma bacia oxidada, comiam avidamente uma sopa a qual fora acrescentada água quente para que desse para todos.

— *Nazdar*! — o intendente Vaněk saudou Švejk, roendo um pé de porco. — Há um tempo o voluntário Marek veio nos dizer que havia voltado e que estava usando um uniforme novo. Você me meteu em uma boa confusão. Segundo Marek, é possível que apresentem a conta do uniforme à brigada. Seu velho uniforme foi encontrado perto do lago, coisa que já foi comunicada pelo escritório do batalhão à brigada. Você já estava sendo considerado, oficialmente, como "afogado durante um banho". Não precisava ter voltado para nos causar problemas com dois uniformes. Não

pode nem imaginar a confusão que armou com sua brincadeira. Cada peça do seu uniforme está registrada nos nossos livros. Este aí está registrado como um extra na lista de uniformes que eu tenho para a companhia. A companhia tem um uniforme completo a mais. Redigi um informe para o batalhão. E por isso agora a brigada me anunciará que lhe deram um novo. Entretanto, o batalhão terá que comunicar que em seu rol de roupas há um uniforme a mais... Já conheço tudo isso: é suficiente para uma inspeção. São capazes de enviar alguém da intendência por uma bobagem como essa. No entanto, quando se perdem dois mil pares de botas ninguém dá a menor importância...

"Nos metemos em um bom problema por culpa de seu uniforme", continuou Vaněk em tom trágico, sorvendo a medula do osso que tinha na mão e saboreando o resto com uma escova que usava como palito de dente. "Embora seja ridículo, tenho certeza de que farão uma inspeção. Quando estava nos Cárpatos, fizeram uma inspeção porque não havíamos cumprido a ordem de tirar as botas dos soldados congelados sem estropeá-las. Nós as tirávamos, mas em duas ocasiões se rasgaram e em uma terceira o soldado as tinha danificado antes de morrer. E por isso desabou em cima da gente uma inspeção. Veio o coronel da intendência, e se não fosse por uma bala disparada pelos russos que o fez tombar assim que chegou, não sei o que teria acontecido".

— Também lhe tiraram as botas? — perguntou Švejk com interesse.

— Tiraram — respondeu Vaněk, pensativo —, mas ninguém sabia quem o havia feito, e por isso não pudemos anotar no registro.

O cozinheiro Jurajda voltou do andar de cima e seu primeiro olhar caiu sobre Baloun, que, sentado em um banco ao lado da cozinha, observava com desespero seu estômago desinchado".

— Você devia pertencer à seita dos Hesychasts — lhe disse o sabe-tudo do cozinheiro com lástima —; eles também passavam dias inteiros olhando para o próprio umbigo até que lhes aparecia uma auréola. Então acreditavam ter atingido o terceiro grau da perfeição.

Jurajda enfiou a mão no forno e tirou uma morcela.

— Coma, Baloun — disse amavelmente. — Farte-se até arrebentar, comilão.

Os olhos de Baloun ficaram cheios de lágrimas.

— Lá em casa, quando matávamos um porco — disse choramingando, enquanto devorava a morcela —, para começar comia um bom pedaço da cabeça, depois todo o focinho, o coração, uma orelha, um pedaço de fígado, os rins, o baço, algumas costelas, a língua e só depois... — abaixou a voz, como se estivesse contando um conto de fadas —, depois vinham os chouriços, seis, dez, bem recheados com arroz e cebola; não sabia por onde começar. Tudo se fundia na língua, tudo desprendia um cheiro delicioso, e você podia comer e comer sem parar até se fartar.

"Tenho a impressão", continuou Baloun com seus lamentos, "de que as balas me pouparão, mas que o que acabará comigo será a fome e o fato de que não voltarei nunca mais a ver uma frigideira cheia de carne picada para encher salsichas, como lá em casa... Não gostava de gelatina porque treme e não enche; no entanto, minha mulher teria se deixado matar pela gelatina e eu não permitia que colocasse nela nem um pedaço de orelha porque queria comer tudo sozinho. Não apreciava o suficiente minha felicidade, meu bem-estar. Um dia neguei um porco a meu sogro aposentado, que havia nos

deixado a granja. Matei o porco e comi-o sozinho; não enviei ao velho nem sequer um pedaço para que provasse... E ele profetizou que de fome eu morreria".

— E agora chegou o dia — disse Švejk, a quem ultimamente tudo saía em rima.

O repentino ataque de compaixão de Jurajda por Baloun passou quando o glutão se aproximou rapidamente do forno, tirou uma grande fatia de pão do bolso e tentou untá-la com o molho que abraçava amorosamente a montanha de carne assada em uma grande bandeja.

Jurajda lhe deu um tapa na mão, de modo que a fatia de pão caiu no molho como um nadador que pula de uma ponte no rio.

Sem lhe dar a oportunidade de tirar a delícia da bandeja, Jurajda agarrou o comilão insaciável e o pôs para fora.

Baloun, completamente abatido, ficou observando pela janela o cozinheiro tirar com um garfo a fatia de pão marrom, tão bem untada que o molho escorria, e oferecê-la a Švejk, acrescentando um pouco de carne cortada da parte de cima do assado, com estas palavras:

— Coma, meu humilde amigo.

— Virgem Maria! — gemeu Baloun atrás da janela. — Perdi meu pão!

Agitando seus longos braços, dirigiu-se à aldeia à procura de alguma coisa para comer.

Švejk, devorando o gentil presente de Jurajda, disse com a boca cheia:

— Estou muito feliz de estar reencontrando meu pessoal. Lamentaria muito se não pudesse mais prestar serviços a minha companhia.

Limpando com a manga a gordura que lhe escorria pelo queixo, acrescentou:

— Pensando bem, não sei o que os outros teriam feito sem mim se tivessem ficado comigo e a guerra ainda durasse alguns anos.

O intendente Vaněk perguntou com interesse:

— O que você acha, Švejk? Quando tempo ainda durará a guerra?

— Quinze anos — respondeu Švejk. — É lógico, porque já houve uma guerra de trinta anos e temos a metade da inteligência daqueles de então; trinta dividido por dois é igual a quinze.

— O ordenança do capitão — interveio o cozinheiro Jurajda — ouviu dizer que quando ocuparmos a fronteira da Galícia a guerra acabará. Então os russos começarão a negociar a paz.

— Mas nesse caso não vale a pena nem começar a guerrear — disse Švejk enfaticamente. — Se tem que haver uma guerra, que seja de verdade. E, de qualquer maneira, não falarei de paz antes que estejamos em Moscou ou em São Petersburgo. Se há uma Guerra Mundial, não queremos nos limitar a passear nossas bundas pela fronteira. Pensem, por exemplo, nos suecos durante a Guerra dos Trinta Anos. De onde vieram e chegaram a Německý Brod e Lipnice, onde moeram a pauladas todo mundo de tal maneira que ainda hoje, depois da meia-noite, nas tavernas as pessoas falam sueco, e assim não há Deus que as entenda. Ou olhem os prussianos; eles tampouco vieram da aldeia ao lado e mesmo assim deixarão um montão de prussianos em Lipnice. Chegaram a Jedouchov e à América e voltaram.

— Na verdade, todos os homens descendem das carpas — observou Jurajda, que, devido ao banquete, já não sabia o que dizia. — Se vocês prestarem atenção na teoria da evolução de Darwin, rapazes...

A chegada do voluntário Marek interrompeu suas reflexões:

— Salve-se quem puder! — exclamou Marek. — Há pouco o subtenente Dub chegou de carro e trouxe o covarde do cadete Biegler. Já podemos ir nos preparando — continuou informando. — Assim que saiu do carro, assaltou o escritório. Vocês sabem que quando saí daqui tinha a intenção de dar uma cochilada, de modo que me estirei em um banco e, quando começava a sonhar com os anjinhos, Dub se atirou em cima de mim. O cadete Biegler veio e gritou: "Sentido!", o subtenente Dub me colocou em pé e gritou: "Surpreendi-o no escritório não cumprindo com seu dever. Só se pode dormir depois de ir à latrina!" E o cadete Biegler acrescentou: "Seção 16, parágrafo 9 do regulamento do quartel." Então o subtenente Dub deu um pequeno soco na mesa e gritou: "Os do batalhão quiseram se desfazer de mim, não é verdade? Pois não, não tenho nenhuma comoção cerebral, tenho a moleira bem dura!" Entretanto, o cadete Biegler remexeu todos os papéis que havia sobre a mesa, pegou um documento e começou a ler em voz alta para si mesmo: "Ordem de divisão número 280." O subtenente Dub pensou que Biegler ria dele por ter a moleira dura, e recriminou seu comportamento indigno e impertinente ante seus superiores; agora o estava levando ao capitão para se queixar dele.

Alguns minutos mais tarde, os dois homens chegaram à cozinha, por onde era necessário passar para subir ao primeiro andar. Ali estava reunido todo o corpo de oficiais; depois de ter comido o porco assado, o gordo alferes Malý cantava uma área de *La traviata*, enquanto arrotava devido à grande quantidade de repolho e gordura que havia ingerido no almoço.

Quando o subtenente Dub entrou, Švejk exclamou:

— Sentido! Todo mundo em pé!

O subtenente Dub se aproximou de Švejk e gritou na sua cara:

— Você vai ver como agora acabarei com você! Mandarei dissecá-lo para que reste uma recordação do 91º Regimento.

— Humildemente, senhor — disse Švejk, batendo continência —, uma vez houve uma grande batalha na qual tombou o rei da Suécia com seu fiel cavalo. Depois enviaram os dois cadáveres à Suécia e agora estão expostos no museu de Estocolmo, dissecados.

— Quem encheu sua moleira com estas besteiras, imbecil?

— Humildemente, senhor, um de meus irmãos, o que é professor.

O subtenente Dub se virou, cuspiu, deu um empurrão em Biegler e subiu a escada. Não obstante, não pôde evitar de se virar para Švejk. Com a implacável severidade de um imperador romano que decide o destino de um gladiador ferido, fez um gesto com o polegar da mão direita e gritou para Švejk:

— Polegar para baixo!

— Humildemente — gritou Švejk atrás dele —, já estou colocando-os para baixo.

O cadete Biegler estava fraco como uma mosca. Durante aquele tempo, passara por algumas enfermarias de cólera e depois de todas as manipulações a que fora submetido como suspeito de sofrer da moléstia havia se acostumado a sujar, inconscientemente, as calças. Por fim caiu nas mãos de um especialista que não encontrou em seus excrementos nenhum bacilo de cólera, fortaleceu seus intestinos com tanino, da mesma maneira que um sapateiro conserta sapatos rotos com um fio engraxado, e o enviou ao chefe de transporte mais próximo declarando-o "apto para o serviço no front". Biegler estava tão adoentado que parecia vapor sobre uma panela.

Quando o cadete lhe disse que se sentia muito fraco, aquele homem extremamente simpático lhe disse com um amplo sorriso:

— Você é suficientemente forte para carregar a medalha de ouro por bravura. Afinal, se alistou no exército como voluntário.

E assim o cadete Biegler saiu para conquistar a medalha de ouro.

Seus intestinos fortalecidos já não deixavam escapar fluidos líquidos em suas calças, mas não parava de sentir necessidade, de maneira que o percurso da última estação de trânsito ao estado-maior da brigada, onde encontrou o subtenente Dub, foi, na verdade, uma excursão em busca de todas as privadas possíveis. Muitas vezes chegou a se esquecer de trocar de trem porque estava sentado na privada de outro trem.

Mas, apesar de todos os banheiros que havia em seu caminho, o cadete Biegler conseguiu se aproximar pouco a pouco da brigada.

O subtenente Dub tinha que ficar ainda alguns dias sob tratamento na enfermaria da brigada, mas, no dia em que Švejk partiu para o batalhão, o médico mudou de ideia a respeito do seu estado de saúde: soubera que à tarde sairia uma ambulância em direção ao batalhão do 91º Regimento e ficou feliz de poder se livrar do subtenente Dub, que não perdia nenhuma oportunidade de sublinhar suas afirmações com as seguintes palavras: "Já conversei a respeito disso com o senhor prefeito do distrito."

"Não me importa xongas seu senhor prefeito do distrito", pensou o médico do estado-maior, agradecendo ao feliz acaso que estava levando as ambulâncias a Kamionka Strumilowa via Zóltance.

Švejk não havia visto Biegler na brigada porque fazia mais de duas horas que o cadete estava sentado em uma das privadas dos oficiais daquela unidade. No entanto, pode-se afirmar sem medo que o cadete Biegler nunca perdia tempo em tais lugares: ficava recordando as famosas batalhas do glorioso exército austro-húngaro, começando pela de Nördlingen, de 6 de setembro de 1634, até a de Sarajevo, de 19 de agosto de 1888.

Puxava inúmeras vezes a corrente. Cada vez que a água escorria com estrépito pela privada, o cadete Biegler fechava os olhos e imaginava o grande alvoroço da batalha, o ataque da cavalaria e o trovejar da artilharia.

O encontro do subtenente Dub com o cadete Biegler não foi exatamente agradável, e certamente marcou suas tormentosas relações posteriores, tanto no serviço como fora dele.

As coisas aconteceram da seguinte maneira: quando o subtenente tentou entrar pela quarta vez no banheiro, exclamou irritado:

— Quem está aí?

— Cadete Biegler, 11ª Companhia, batalhão N, 91º Regimento — foi a resposta cheia de orgulho.

— Sou o subtenente Dub, da mesma companhia.

— Já estou terminando, senhor!

— Estou esperando!

O subtenente Dub olhou o relógio com impaciência. Ninguém acreditaria quanta energia e perseverança são necessárias para esperar naquela situação do outro lado de uma porta durante quinze minutos, depois mais cinco, então mais cinco, e começar a dar socos e pontapés e ouvir sempre a mesma resposta:

— Já estou terminando, senhor.

O subtenente ficou com febre, que aumentou quando, depois de um ruído de papel que o enchera de esperanças, se passaram mais sete minutos sem que a porta se abrisse. Além disso, o cadete Biegler era tão cuidadoso que ainda não puxara a descarga.

Com os décimos de febre que tinha, o subtenente Dub se perguntou se não devia se queixar ao comandante da brigada, que poderia dar uma ordem para que derrubassem a porta e tirassem o cadete lá de dentro. Também passou por sua cabeça que um comportamento como aquele poderia ser considerado um ato de insubordinação.

Depois de outros cinco minutos, o subtenente Dub se deu conta de que havia perdido a vontade de ir ao banheiro. Não obstante, ficou ali por princípio e continuou chutando a porta, atrás da qual sempre ouvia as mesmas palavras:

— *In einer Minute fertig, Herr Leutnant.*

Finalmente ouviu o cadete Biegler puxar a descarga e então os homens ficaram frente a frente.

— Cadete Biegler — trovejou o subtenente Dub —, não pense que eu vim pelo mesmo motivo que você. Vim porque você não me comunicou que havia chegado ao estado-maior da brigada. Não conhece o regulamento? Não sabe quem é a autoridade?

Durante um momento o cadete Biegler repassou sua memória. Havia feito alguma coisa que não estivesse de acordo com as disposições a respeito do tratamento entre oficiais inferiores e superiores?

Em seus conhecimentos sobre este tema havia uma grande lacuna. Na escola de cadetes ninguém lhe ensinara como um subordinado tinha de se comportar com seu superior em uma situação como aquela. Devia parar de defecar e sair voando pela porta do banheiro segurando as calças com uma mão e batendo continência com a outra?

— Bem, o que me responde, cadete Biegler? — exclamou o subtenente de maneira agressiva.

Então ocorreu ao cadete Biegler uma resposta muito simples que achou que ajeitaria tudo:

— Subtenente, quando cheguei ao estado-maior não sabia que o senhor estava aqui. Depois de resolver meus assuntos no escritório, me dirigi imediatamente à privada, onde fiquei até que o senhor chegou — e acrescentou com voz solene: — O cadete Biegler se apresenta ao subtenente Dub.

— Você cometeu uma falta grave — declarou o subtenente com amargura. — Na minha opinião, cadete Biegler, assim que chegou era sua obrigação perguntar se por acaso havia aqui algum oficial do seu batalhão. Quando estivermos no batalhão julgaremos seu comportamento. Vou de carro e você me acompanhará... E nada de porém.

De fato, o cadete Biegler tentava objetar que lhe haviam dado um itinerário ferroviário, meio de transporte que lhe parecia mais adequado do que o carro, sobretudo levando em conta os tremores de seu reto. Até as crianças pequenas sabem que os carros não estão preparados para essas coisas. Se é preciso percorrer 180 quilômetros, as possibilidades de sujar as calças são muitas.

Só Deus sabe por que, no princípio da viagem, as sacudidas não tiveram nenhum efeito sobre o cadete Biegler. O subtenente Dub já começava a se desesperar por não poder levar a cabo a vingança que havia planejado.

Assim que partiram, o subtenente disse a si mesmo: "Espere até sentir vontade outra vez, cadete Biegler; você acha que irei parar o carro?"

Por isso, enquanto a velocidade com a qual devoravam os quilômetros permitiu, o subtenente Dub manteve uma conversa bastante amigável com Biegler, e lhe explicou que os veículos militares que seguem um itinerário fixo não têm direito de parar em nenhum lugar para não gastar mais gasolina da cota.

O cadete Biegler replicou, e com razão, que quando um carro está esperando não gasta gasolina, pois o chofer desliga o motor.

— Se alguém quer chegar a algum lugar em uma determinada hora — continuou o infatigável subtenente —, não deve parar em nenhum lugar.

O cadete Biegler não respondeu.

Fazia mais de quinze minutos que o carro havia iniciado seu percurso. De repente o subtenente sentiu que seu ventre se inflava de maneira suspeita. Pensou que o melhor seria parar o carro, descer, ir à vala e abaixar as calças para se aliviar.

Aguentou com heroísmo até o quilômetro 126. Então puxou energicamente a manga do chofer e gritou no seu ouvido:

— Pare!

O subtenente Dub desceu rapidamente e, enquanto corria até a vala, disse ao cadete Biegler, como se estivesse lhe fazendo um favor:

— Cadete Biegler, aproveite a oportunidade.

— Obrigado — respondeu este —, não quero retardar o carro inutilmente.

E o cadete, que àquela altura também sentia muita vontade, pensou que preferia sujar as calças do que perder a fabulosa oportunidade de deixar o subtenente em uma situação ridícula.

Antes de chegar a Zóltance, o subtenente Dub ainda mandou o carro parar mais duas vezes. Depois da última parada disse, irritado, ao cadete Biegler:

— Comi gulache à polonesa no almoço. Quando chegar ao batalhão, enviarei um telegrama apresentando uma queixa. Repolho podre, carne de porco estragada. A impertinência dos cozinheiros ultrapassou todos os limites. Aqueles que não me conhecem ficarão me conhecendo.

— O marechal de campo Nostitz-Rhieneck, da elite da cavalaria da reserva — replicou o cadete Biegler —, publicou um texto intitulado *Coisas que prejudicam o estômago em tempo de guerra*, no qual recomenda que uma pessoa fatigada pelos excessos bélicos não deve comer carne de porco. Durante a marcha, qualquer excesso é nocivo.

O subtenente Dub não respondeu; limitou-se a pensar: "Já vou arrancar a erudição do seu crânio, seu nojento!" Mas depois voltou a pensar e se dirigiu de novo ao cadete Biegler com uma pergunta francamente idiota:

— De maneira que você opina que um oficial ao qual, levando em conta sua patente, está subordinado, come excessivamente? Está insinuando, cadete Biegler, que comi além da conta? Obrigado por sua grosseria. Pode ter certeza de que acertarei as contas com você. Você ainda não me conhece, mas quando me conhecer se lembrará do subtenente Dub!

Ao pronunciar as últimas palavras, faltou pouco para que mordesse a língua, pois nesse momento passavam justamente por cima de um buraco da estrada.

De novo, o cadete Biegler se absteve de responder. Enfadado, o subtenente Dub provocou-o em um tom brusco:

— Ouça, cadete, você não sabe que tem de responder as perguntas de seu superior?

— De fato — respondeu o cadete Biegler —, há um parágrafo que diz isso. Mas antes de mais nada é preciso definir nossas relações mútuas. Até onde sei, ainda não me destinaram a nenhum lugar, de maneira que não se pode falar de minha subordinação imediata em relação ao senhor, subtenente. Mas o essencial é que, entre os oficiais, é obrigatório dar uma resposta apenas quando se trata de assuntos relacionados ao serviço. Tal como aqui estamos, sentados no carro, não formamos nenhum tipo de unidade militar que participe de operações bélicas. Entre nós não há nenhuma relação de serviço. Ambos nos dirigimos a nossas unidades. Em relação a sua pergunta, se eu insinuei ou não que o senhor comeu além da conta... Isso não seria um tema relacionado ao serviço, subtenente.

— Acabou de falar? — gritou o subtenente Dub —, pedaço de...

— Sim — afirmou o cadete Biegler com voz firme. — Não se esqueça, subtenente, que o que aconteceu entre nós certamente será levado ao tribunal de honra dos oficiais.

O subtenente Dub subia pelas paredes. Tinha uma característica peculiar: quando se irritava, dizia besteiras ainda maiores do que quando estava tranquilo.

Por isso murmurou:

— Seu destino será decidido por um conselho de guerra.

Aproveitando aquela oportunidade para dar o golpe de misericórdia no subtenente Dub, o cadete Biegler lhe disse no tom mais amistoso do mundo:

— O senhor está brincando, meu amigo.

O subtenente gritou para o chofer que parasse o carro.

— Um de nós terá de ir a pé — balbuciou.

— Eu vou de carro — disse tranquilamente o cadete Biegler —, e o senhor faça o que quiser.

— Continue — berrou o subtenente com uma voz que parecia tomada pelo delírio.

Depois se afundou em um silêncio cheio de dignidade, como Júlio César quando os conjurados se aproximavam para apunhalá-lo.

Assim chegaram a Zóltance, onde encontraram seu batalhão.

Enquanto o subtenente Dub discutia na escada com Biegler sobre a questão de se o cadete, que ainda não havia se incorporado, tinha direito aos embutidos distribuídos aos

oficiais de cada companhia, os da cozinha já haviam comido até se fartar e haviam se deitado nos bancos. Falavam das coisas mais diversas, com os cachimbos acesos fumegando a todo vapor.

O cozinheiro Jurajda declarou:

— Hoje fizemos uma descoberta fantástica. Creio que será uma revolução na arte culinária. Vaněk, você sabe que não consegui encontrar nesta maldita aldeia manjerona para preparar os chouriços?

— *Herbana majoranae* — disse o intendente Vaněk, recordando sua profissão de farmacêutico.

Jurajda continuou:

— É um mistério como o espírito humano, quando está em uma situação de necessidade, encontra os recursos mais variados, como aparecem novos horizontes, como começa a descobrir novas coisas que a humanidade até então não havia imaginado nem em sonhos... Enfim, estava procurando manjerona como um louco em todas as casas, explicando às pessoas para que precisava dela, que aspecto tinha...

— Deveria ter descrito o cheiro — interveio Švejk de seu banco —, deveria ter dito que a manjerona é como quando você cheira um tinteiro em uma álea de acácias em flor. Na montanha de Bohdalec, perto de Praga...

— Švejk — interrompeu-o o voluntário Marek com voz suplicante —, deixe que ele termine sua história.

Jurajda continuou:

— Em uma chácara encontrei um velho soldado veterano da época da ocupação da Bósnia-Herzegovina que havia feito o serviço militar em Pardubice com os ucranianos e que ainda não esqueceu o tcheco. Começou a discutir comigo dizendo que na Boêmia não se coloca manjerona nos chouriços e, sim, camomila. Na verdade eu não sabia mais o que fazer. Qualquer pessoa com dois dedos de testa considera a manjerona a rainha das especiarias. Precisava encontrar rapidamente um sucedâneo que tivesse aquele sabor tão característico. Finalmente vi em uma casa uma coroa de murta, pendurada sob um quadro que representava um santo; era a coroa de um casamento. Pertencia a uns recém-casados e por isso as folhas da murta ainda estavam um pouco frescas. De maneira que usei murta nos chouriços. Por suposto que tive que colocá-lo três vezes de molho em água fervente para que as folhas ficassem macias e perdessem cheiro e o gosto picante. Vocês podem imaginar que quando peguei a coroa para colocá-las nos chouriços os noivos choraram desesperadamente. Despediram-se de mim me assegurando que por tal sacrilégio (a coroa tinha sido benzida) a primeira bala me mataria. Vocês que comeram meu refogado não se deram conta de que cheirava a murta e não a manjerona.

— Na cidade de Jindřichův Hradec — disse Švejk —, havia um charcuteiro chamado Josef Linek que tinha duas caixas na estante. Em uma delas havia uma mistura de especiarias que usava nos chouriços de arroz; na outra, inseticida, pois o charcuteiro estava a par de que mais de uma vez seus clientes haviam mordido um percevejo ou uma barata em uma salsicha. Sobre os percevejos, sempre dizia que tinham o mesmo gosto das amêndoas que são usadas nas tortas; no entanto, as baratas das salsichas fediam como se fossem velhas bíblias umedecidas. Por isso mantinha seu açougue limpo, espalhando inseticida por todos os lugares. Um dia em que estava resfriado começou a fazer chouriços de arroz. Pegou a caixa com inseticida e esvaziou-a sobre a carne dos chouriços. A partir daquele dia, toda Jindřichův Hradec só comprava chouriço de arroz

na loja de Linek. As pessoas se amontoavam em sua loja. E ele, muito malandro, se deu conta de que aquilo era devido ao inseticida e desde então passou a pedir grandes caixas contra reembolso, embora tivesse avisado à companhia de que escrevessem nelas: "Especiarias da Índia." Esse era seu segredo, que levou para o túmulo, e o mais curioso é que todos os percevejos e todas as baratas desapareceram das casas das famílias que compravam seus chouriços de arroz. Desde então Jindřichův Hradec é uma das cidades mais limpas da Boêmia.

— Você terminou? — perguntou o voluntário Marek, que parecia estar com vontade de intervir na conversa.

— Essa história sim — respondeu Švejk. — Conheço um caso parecido que aconteceu nas montanhas de Beskydy, mas esse lhes contarei quando estivermos no campo de batalha.

O voluntário de um ano Marek tomou a palavra:

— Onde melhor se reconhece a arte culinária é na guerra e, sobretudo, no front. Vou me permitir fazer uma pequena comparação. Em tempo de paz, lemos e ouvimos falar de sopas geladas, quer dizer, sopas às quais se acrescenta gelo e que são muito apreciadas no norte da Alemanha, na Dinamarca e na Suécia. E vocês estão vendo, agora, durante a guerra, que os soldados dispunham de tanta sopa gelada nos Cárpatos que já nem a queriam, embora se trate de uma especialidade.

— O que de fato dá pra comer é gulache gelado — objetou o intendente Vaněk —, mas não durante muito tempo, uma semana no máximo. Por este motivo nossa 9ª Companhia abandonou o front.

— Em tempos de paz — voltou a intervir Švejk —, todo o serviço girava em torno da cozinha e dos pratos mais diversos. Em České Budějovice tínhamos um tenente, um tal de Zákrejs, que passava a vida na cozinha dos oficiais, e sempre que algum soldado organizava alguma farra o tenente o obrigava a ficar em posição de sentido e gritava: "Sem-vergonha, se isto se repetir farei de sua cara carne picada, pisarei em você até que pareça purê de batata e depois o forçarei a comê-lo. Vai suar tanto que parecerá um cozido com grão-de-bico, farei lebre recheada com você. Está vendo que tem de melhorar se não quiser que a gente pense que o usei para fazer almôndegas com repolho."

A exposição a respeito do uso dos menus na educação dos soldados foi interrompida por um grande alvoroço proveniente do andar de cima, onde o banquete estava terminando.

No meio da caótica gritaria se distinguia a voz do cadete Biegler, que gritava:

— Em tempos de paz, um soldado tem que conhecer as exigências da guerra; e, durante a guerra, não deve esquecer o que aprendeu no campo de exercícios.

Depois se ouviu a voz rouca do subtenente Dub:

— Peço que conste que já me insultou três vezes!

Lá em cima aconteciam coisas muito sérias.

Ao entrar, o subtenente Dub, que, como sabemos, tinha intenções pérfidas em relação ao cadete Biegler, foi saudado com grande clamor por parte dos oficiais. A aguardente judia havia surtido um magnífico efeito em todos.

De maneira que, fazendo alusão ao talento equestre do subtenente Dub, gritaram um atrás do outro:

— Nem um passo sem cavalariço!

— O mustang desbocado!

— Quanto tempo passou no Oeste com os cowboys, amigo?

— O artista equestre!

O capitão Ságner se precipitou até ele para obrigá-lo a engolir um copo daquela péssima aguardente, e o ofendido subtenente Dub sentou-se à mesa. Colocou uma velha cadeira quebrada ao lado do tenente Lukáš, que o recebeu com estas palavras cheias de amizade:

— Já comemos tudo, amigo.

A triste figura do cadete Biegler passou despercebida, embora este, seguindo o regulamento ao pé da letra, tivesse dado uma volta na mesa para se apresentar ao capitão Ságner e aos demais oficiais. Todo mundo o havia reconhecido, mas ele repetia de maneira infatigável:

— O cadete Biegler volta a se incorporar ao alto-comando do batalhão.

Em seguida, pegou um copo cheio de aguardente e se sentou modestamente ao lado da janela, esperando o momento oportuno para exibir seus conhecimentos extraídos dos manuais.

A aguardente subira à cabeça do subtenente Dub, que deu um soco na mesa e de repente se dirigiu ao capitão Ságner:

— O prefeito do distrito e eu costumamos afirmar: "O patriotismo, a fidelidade ao dever, a abnegação: estas são as verdadeiras armas de guerra!" Lembrei-me disso precisamente hoje, quando se aproxima o dia em que nossas tropas cruzarão a fronteira.

Até aqui ditou Jaroslav Hašek. Falecido no dia 3 de janeiro de 1923, não pôde concluir a obra.

83 Primeiros versos de uma famosa canção alemã: "Oh árvore de natal, como são encantadores os seus ramos." (N. do T.)

84 Famoso general austríaco que, no século XVIII, derrotou Frederick, o Grande, e foi tema de muitas canções militares. (N. do T.)